LUA NOVA

(NEW MOON)

STEPHENIE MEYER

Segundo livro da série 'Crepúsculo'.

PREFÁCIO

Eu me sentia como se estivesse presa em um daqueles terríveis pesadelos, um onde você precisa correr, correr até seus pulmões estourarem, mas você não pode fazer seu corpo se mover rápido o suficiente. Minhas pernas se moviam devagar e mais devagar enquanto eu me esforçava para abrir caminho pela indiferente multidão, mas os ponteiros na enorme torre do relógio não reduziram a velocidade. Com implacável, insensível força, eles decididamente iam em direção ao fim – o fim de tudo.

Mas isso não era sonho, e, ao contrário do pesadelo, eu não estava correndo pela *minha* vida; Eu estava correndo para salvar algo infinitamente mais precioso. Minha própria vida já não importava tanto.

Alice tinha dito que havia uma boa chance de morrermos aqui. Talvez o resultado fosse diferente se ela não fosse apanhada pela ofuscante luz do sol, só eu podia correr por essa iluminada, aglomerada praça.

E eu não podia correr rápido o suficiente.

Então não me importava que nós estivéssemos cercados de nossos inimigos extraordinariamente poderosos. Assim que o relógio começou a soar a hora, vibrando abaixo das solas de meus lentos pés, eu soube que estava muito atrasada – e eu me alegrei que alguma coisa sanguinária estivesse me esperando pelos arredores. Se isto desse errado, eu perderia qualquer vontade de viver.

O relógio soou de novo, e o sol se pôs bem no meio do céu.

CAPÍTULO 1 – FESTA

Eu estava 99% certa de que estava sonhando.

As razões para eu estar tão certa disso eram que, em primeiro lugar, eu estava em pé em um brilhante raio de luz solar – o tipo de sol intenso e ofuscante que nunca brilhava em minha atual chuvosa cidade natal em Forks, Washington – e segundo, eu estava olhando para minha avó Marie. Vovó tinha morrido seis anos atrás, então essa foi minha evidência concreta que comprovou a teoria do sonho.

Vovó não tinha mudado muito, seu rosto parecia o mesmo que eu lembrava. A pele era macia e tinha um aspecto murcho, se dobrava em mil rugas finas debaixo das quais se agarrava suavemente o osso. Como um pêssego seco, mas aureolada por um espesso bolo de cabelos brancos de fisionomia similar a uma nuvem.

Nossos lábios – os dela franzidos em uma grande quantidade de rugas – estendidos num mesmo meio sorriso de surpresa ao mesmo tempo. Aparentemente, ela não esperava me ver também.

Eu estava a ponto de fazer uma pergunta; Eu tinha tantas – O que ela estava fazendo aqui em meu sonho? Aonde ela esteve nos últimos seis anos? Vovô estava bem? Eles haviam se encontrado onde quer que eles estivessem? – mas ela abriu a boca no mesmo tempo que eu, então eu parei para deixá-la falar primeiro. Ela parou também, e então ambas sorrimos um pouco sem jeito.

- Bella?

Não foi ela quem havia dito meu nome, por isso nós duas nos viramos para ver quem havia se juntado a nossa pequena reunião. Na verdade, eu não precisava olhar para saber. Era uma voz que eu teria reconhecido em qualquer lugar, e à qual eu também havia respondido, para saber se estava dormindo ou acordada...ou até mesmo morta, eu tinha quase certeza. A voz que atravessava o fogo – ou, com menos dramatismo, andava na lama diariamente pelo frio e a incessante chuva.

Edward.

Embora eu sempre fosse louca para vê-lo – consciente ou não – e estava *quase* certa de que se tratava de um sonho, entrei em pânico à medida que Edward se aproximava de nós, caminhando abaixo da deslumbrante luz do sol.

Me apavorei porque vovó não sabia que eu estava apaixonada por um vampiro – ninguém sabia – e de que forma eu iria explicar os brilhantes raios de sol quebrando-se sobre sua pele em milhares de pedacinhos de arco-íris, como se ele fosse feito de cristal ou diamante?

Bem, vovó, só para o caso de você ter notado que meu namorado brilha. É só algo que ele faz quando está no sol. Mas não se preocupe com isso...

O que ele estava fazendo? A única razão para que viva em Forks, é que é o lugar mais chuvoso do mundo, ele podia sair à luz do dia sem expor o segredo de sua família. Mesmo assim, ele estava vindo na minha direção com seu andar bem gracioso e despreocupado - com o mais bonito sorriso em seu rosto angelical – como se eu estivesse sozinha.

Nesse momento, desejei não ser a exceção de seu misterioso dom. Em geral, agradeceria ser a única cujos pensamentos ele não podia ouvir com a mesma clareza como se eles fossem falados em voz alta. Mas agora eu desejei que ele pudesse me ouvir também, então assim ele poderia escutar o aviso que eu estava gritando em minha cabeça.

Lancei um olhar apavorado para vovó, e percebi que já era muito tarde.
Nesse instante, ela apenas se virou para me olhar de volta e seus olhos tão alarmados quanto os meus.

Edward – ainda sorrindo daquela forma tão arrebatadora que fazia com que meu coração acelerasse e parecesse a ponto de estourar no meu peito – passou seu braço em volta de meu ombro e virou seu rosto para minha avó.

A expressão de vovó me surpreendeu. Em vez de horrorizada, ela me olhava timidamente, como se esperando por uma repreensão. E ela estava parada numa posição bem estranha – um braço se separou desajeitadamente do corpo, ela o esticou e o enrolou em volta do ar. Como se estivesse abraçando alguém que eu não podia ver, alguém invisível...

Só então, quando olhei com mais atenção, notei a enorme armação dourada que rodeava a figura da minha avó. Sem entender nada, ergui a mão que não estava em volta da cintura de Edward e a aproximei para tocar minha avó. Ela repetiu exatamente o mesmo movimento, como em um espelho. Mas onde nossos dedos deveriam ter se encontrado, não existia nada além do vidro frio...

Com uma vertiginosa sacudida, o sonho abruptamente se transformou em um pesadelo.

Não havia nenhuma avó.

Aquela era *eu.* Era minha imagem refletida em um espelho. Era eu, velha, enrugada e acabada.

Edward continuava ao meu lado sem se refletir no espelho, insuportavelmente encantador em seus eternos dezessete anos.

Ele apertou seus lábios frios e perfeitos contra minha decrépita bochecha.

- Feliz aniversário. - ele sussurrou.

Acordei assustada – meus olhos a ponto de ficarem fora de órbita – e ofegante. Uma escura luz cinza, a familiar luz de uma manhã nublada, tomou o lugar do ofuscante sol de meu sonho.

Só um sonho, eu disse a mim mesma. *Foi só um sonho.* Tomei ar e saltei da cama assim que me recuperei do susto. O pequeno calendário no canto do relógio me informou que hoje era treze de Setembro.

Só um sonho, mas profético, sem dúvida, ao menos em um sentido. Era o dia de meu aniversário. Acabava de fazer dezoito anos oficialmente.

Eu temi esse dia durante meses.

Durante o perfeito verão – o verão mas feliz que já tive, o mais feliz que *ninguém em lugar nenhum* poderia ter, e o verão mais chuvoso da história da Península Olympic – este infeliz dia se espreitava de tocaia, preparado para pular.

E agora que por fim havia chegado era até pior do que eu temia que seria. Eu podia sentir: estava mais velha. Cada dia eu envelhecia um pouco mais, porém isso era diferente e notavelmente pior. Eu tinha dezoito anos.

E Edward nunca teria.

Quando fui escovar os dentes, quase me surpreendeu que o rosto do espelho não tivesse mudado. Olhei para mim mesma à procura de algum sinal iminente de rugas na minha pele. Contudo, não havia outras rugas além das em minha testa, e soube que seu relaxasse,

elas desapareceriam. Eu não podia. Minhas sobrancelhas haviam se franzido formando uma linha de preocupação acima dos meus ansiosos olhos castanhos.

Foi só um sonho, lembrei a mim mais uma vez. Só um sonho, e também o meu pior pesadelo.

Eu dispensei o café da manhã, querendo sair de casa o mais rápido possível. Não me encontrava com ânimo de enfrentar meu pai e ter que passar uns minutos fingindo estar feliz. Eu honestamente tentava ficar entusiasmada com os presentes que pedi para ele não me *dar,* mas sentia que estava a ponto de chorar a cada vez que deveria sorrir.

Fiz um esforço para me distrair enquanto dirigia para a escola. A visão de vovó – eu *não* deveria pensar nela como se fosse eu –era difícil de tirar da cabeça. Eu não podia sentir nada além de desespero quando entrei no familiar estacionamento que se estendia por detrás do colégio secundário de Forks e encontrei Edward imóvel, recostado em seu lustrado Volvo prateado como um monumento de mármore dedicado a algum esquecido deus pagão da beleza. O sonho não fazia sentido. E ele estava esperando por *mim,* igual a qualquer outro dia.

O desespero desapareceu momentaneamente e a maravilha tomou seu lugar. Mesmo depois de ter passado quase a metade do ano com ele, não podia crer que merecia tanta sorte.

Sua irmã Alice estava ao seu lado, me esperando também.

É claro que Edward e Alice não eram parentes de verdade (Em Forks, a história que ocorria era que todos os irmãos Cullen haviam sido adotados pelo doutor Carlisle e sua esposa Esme, já que ambos tinham uma aparência claramente bem jovem para terem filhos adolescentes), mas suas peles tinham o mesmo tom de palidez, seus olhos na mesma estranha tonalidade de dourado, com as mesmas olheiras arroxeadas, ressaltadas abaixo deles. O rosto de Alice, igual ao de Edward, era surpreendentemente bonito. Aos olhos de alguém – alguém como eu – estas semelhanças revelavam o que eles eram.

A visão de Alice me esperando ali – seus olhos de cor amarelo escuro brilhavam de excitação, e uma pequena caixa quadrada embrulhada em papel prateado em suas mãos – me fez franzir as sobrancelhas. Eu havia lhe dito que não queria nada, *nada,* nem presentes e nem nenhum outro tipo de atenção para o meu aniversário. Evidentemente, meus pedidos foram ignorados.

Bati a porta de minha caminhonete Chevrolet 53 – uma chuva de respingos de ferrugem voaram até a parte externa do pneu preto.

Depois caminhei lentamente para onde eles me aguardavam. Alice veio ao meu encontro; seu rosto travesso resplandecia abaixo do pontiagudo cabelo negro.

- Feliz aniversário, Bella!

- Shhh! – eu sibilei enquanto olhava ao redor para ter certeza de que ninguém tivesse ouvido. A última coisa que eu queria era qualquer tipo de comemoração do triste evento.

Ela me ignorou.

- Quando quer abrir seu presente? Agora ou mais tarde? – ela me perguntou entusiasmada enquanto caminhávamos para onde Edward nos esperava.

- Sem presentes. – protestei em um murmúrio.

Ela finalmente pareceu ser dar contar de qual era meu estado de ânimo.

- Certo...mais tarde, então. Gostou do álbum de fotografias que sua mãe lhe mandou? E a câmera fotográfica de Charlie?

Eu suspirei. É claro que ela saberia quais seriam os meus presentes. Edward não era o único membro da sua família com habilidades fora do comum. Alice "veria" o que meus pais tivessem planejado assim que eles tivessem decidido.
"É. Eles são ótimos".
"*Eu* acho que essa é uma boa idéia. Só se vive o último ano escolar uma vez. Seria bom documentar a experiência".
"Quantas vezes *você* cursou o último ano?"
"Isso é diferente".
Nós nos aproximamos de Edward nessa hora, e ele levantou sua mão pra mim. Eu a segurei ansiosamente, esquecendo, por um momento, meu mal-humor. A pele dele estava, como sempre, macia, dura, e muito fria. Ele apertou meus dedos gentilmente. Eu olhei nos seus olhos de topázio liquido, e meu coração se apertou de forma não tão gentil. Escutando as batidas do meu coração, ele sorriu de novo.
Ele levantou sua mão livre e traçou a ponta de um dedo gelado nos meus lábios enquanto falava. "Então, como foi discutido, eu não estou autorizado a te desejar feliz aniversário, está correto?"
"Sim. Está correto." Eu não podia imitar a fluência da sua articulação perfeita e formal.
Era uma coisa que só podia ter saído do início do século.
"Só checando". Ele passou a mão pelo seu cabelo bagunçado cor de bronze. "Você *podia* ter mudado de idéia. A maioria das pessoas costuma gostar de coisas como aniversários e presentes".

Alice sorriu, o som era todo prateado, como um carrilhão passando no vento.
"É claro que você vai gostar. Todo mundo deve ser legal com você e fazer tudo do seu jeito, Bella. O que poderia dar tão errado?"
A pergunta era retórica.
"Ficar mais velha". Eu respondi do mesmo jeito, e minha voz não era tão uniforme quanto eu havia planejado.
Ao meu lado, o sorriso de Edward se transformou numa linha dura.
"Dezoito não é muito velha." Alice disse. "As mulheres não costumam esperar até os trinta e nove até ficarem tristes com os aniversários?"
"É mais que Edward".
Ele suspirou.
"Tecnicamente", ela disse, mantendo o tom suave. "Porém, é só um aninho".
E eu acho... que se eu tivesse *certeza* do futuro que eu queria, certeza que eu passaria a eternidade com Edward, e Alice, e com o resto dos Cullen (preferivelmente não sendo uma velhinha enrugada)... Então um ano ou dois não faria muita diferença pra mim. Mas Edward era mortalmente contra qualquer futuro em que eu fosse transformada. Qualquer futuro que me fizesse como ele - que me deixasse imortal também.
Um impasse, era assim que ele chamava.
Pra ser honesta, eu não entendia o ponto de vista de Edward.
O que é tão maravilhoso na mortalidade? Ser vampira não parecia uma coisa tão horrível - não do jeito como os Cullen diziam, de qualquer forma.
"A que hora você vai estar lá em casa?", Alice continuou, mudando de assunto. Pela expressão dela, ela estava planejando fazer exatamente o tipo de coisa que eu estava tentando evitar.
"Eu não sabia que tinha planos para ir lá".
"Oh, seja boazinha, Bella", ela reclamou. "Você não vai estragar toda a nossa diversão desse jeito, vai?"
"Eu achei que o meu aniversário era sobre o que *eu* quisesse".
"Eu pegar ela com Charlie logo depois da escola", Edward disse me ignorando completamente.
"Eu tenho que trabalhar", eu protestei.
"Na verdade, não", Alice me disse presumidamente. "Eu já falei com a Sra. Newton sobre isso, ela vai trocar o seu horário. Ela me pediu pra dizer 'Feliz aniversário'".
"Eu- eu não posso aparecer", eu gaguejei, me atrapalhando pra encontrar uma desculpa. "Eu, bem, eu ainda não assisti Romeu e Julieta para a aula de Inglês".
Alice bufou. "Você tem Romeu e Julieta decorado".
"Mas o Sr. Berty disse que temos que ver a atuação pra realmente apreciarmos - foi assim que Shakespeare tencionava apresentá-lo".
Edward rolou os olhos.
"Você já assistiu o filme", Alice acusou.
"Mas não na versa dos anos sessenta. O Sr. Berty disse que é a

melhor".
Finalmente Alice perdeu o sorriso presumido e me encarou.
"Isso pode ser fácil, ou pode ser difícil, Bella, mas de um jeito ou de outro - "
Edward interrompeu a ameaça dela. "Relaxe, Alice. Se Bella quer assistir o filme, então ela pode. É o aniversário dela".
"Isso aí", eu acrescentei.
"Eu vou levar ela por volta de sete", ele continuou. "Isso vai dar mais tempo pra você arrumar tudo".
A risada de Alice reapareceu. "Parece bom. Te vejo de noite, Bella. Vai ser divertido, você vai ver". Ela sorriu largamente - o grande sorriso exibiu todos os dentes brilhantes, perfeitos - então ela me deu um beijinho na bochecha e foi dançando até a sua primeira aula antes que eu pudesse responder alguma coisa.
"Edward, por favor -", eu comecei a implorar, mas ele pressionou um dedo frio nos meus lábios.
"Vamos discutir isso mais tarde. Nós vamos nos atrasar para a aula".
Ninguém se incomodou em olhar pra nós enquanto sentávamos nos nossos lugares de sempre no fundo da sala (nós tínhamos quase todas as aulas juntos agora - é incrível os favores que Edward pode conseguir com a administração feminina da escola). Edward e eu já estamos juntos a bastante tempo pra não sermos mais motivo de fofoca. Nem Mike Newton se incomoda em continuar me dando aqueles olhares mal-humorados que me faziam sentir um pouco culpada. Ele sorria agora, e eu estava feliz por ele finalmente parecer estar percebendo que nós só poderíamos ser amigos.
Mike havia mudado durante o verão - o rosto dele estava menos arredondado, fazendo as maçãs do seu rosto mais proeminentes, e ele estava usando o seu cabelo loiro de outro jeito; ao invés de arrepiado, ele estava mais longo e com gel pra causar um efeito casualmente bagunçado. Era fácil ver de onde a inspiração tinha saído - mas o estilo de Edward não era uma coisa que podia alcançada através de uma imitação.
Enquanto o dia progredia, eu considerei as possibilidades de escapar do que quer que os Cullen estivessem planejando na casa deles hoje á noite. Já era ruim o suficiente ter que celebrar com um humor tão ruim.
Mas, o pior, isso com certeza ia envolver atenção e presentes. Atenção nunca é uma coisa boa, qualquer outra pessoa propensa a acidentes concordaria comigo. Ninguém quer um canhão de luz na sua direção quando você está prestes a cair de cara.
Eu muito sugestivamente pedí - bem, na verdade eu ordenei - que ninguém me desse presentes esse ano. Parece que Renée e Charlie não foram os únicos que decidiram ignorar isso.
Eu nunca tive muito dinheiro, e isso nunca me incomodou. Renée me criou com o salário de uma professora de jardim de infância. Charlie também não estava ficando rico com o seu trabalho - ele era o chefe de policia dessa pequenina cidade de Forks. O meu próprio fundo

pessoal vinha dos três dias por semana que eu trabalhava numa lojinha de suplementos esportivos da cidade. Numa cidade tão pequena, eu tinha sorte por ainda ter um emprego. Cada centavo que eu ganhava ia direto para os meus microscópicos fundos pra faculdade. (A faculdade era só o plano B. Eu ainda tinha esperanças no plano A, mas Edward ainda era muito teimoso em relação a me deixar humana).
Edward tinha *muito* dinheiro - eu nem queria pensar no quanto. Dinheiro significava quase nada para Edward e o restante dos Cullen. Era só uma coisa que acabava se acumulando quando você tem tempo ilimitado nas mãos e uma irmã que tem uma misteriosa forma de prever as mudanças da bolsa de valores. Edward não parecia entender a minha objeção para que ele não gastasse tanto dinheiro comigo - porque eu não me sentia confortável quando ele me levava pra um restaurente caro em Seattle, ou porque ele não podia me comprar um carro que alcançasse uma velocidade acima de cinqueta e cinco milhas por hora, ou porque ele não podia pagar a minha faculdade (ele estava riculamente entusiasmado com o plano B). Edward achava que eu estava sendo desnecessáriamente difícil.
Mas como eu podia deixar que ele me desse tantas coisas quando eu não tinha nada em troca?
Ele, por alguma razão insondável, queria estar comigo.
Qualquer coisa que ele me desse além disso, só nos deixaria ainda menos balanceados.
Enquanto o dia passava, nem Edward nem Alice falou sobre o meu aniversário de novo, e eu comecei a relaxar um pouco.
Nós sentamos na nossa mesa de almoço de costume.
Um estranho tipo de trégua existia naquela mesa. Nós três - Edward, Alice e eu - nos sentavamos no cantinho no sul da mesa. Agora que os mais velhos e "assustadores" (no caso de Emmett certamente) irmãos Cullen terem se formado, Alice e Edward não pareciam tão intimidantes, e não nos sentávamos mais sozinhos.
Meus outros amigos, Mike e Jéssica (que estavam passando pela estranha fase pós-término de namoro na amizade), Angela e Ben (cujo relacionamento sobreviveu ao verão), Eric, Conner, Tyler e Lauren
(apesar dessa última não contar na categoria da amizade) todos nos sentávamos na mesma mesa, no outro lado da linha invisível.
Essa linha se dissolvia nos dias de sol, quando Edward e Alice sempre faltavam a escola, e aí a conversa se estendia sem muito esforço pra me incluir também.
Edward e Alice não achavam esse pequeno ostracismo estranho ou ferino, como eu teria achado. Eles praticamente nem reparavam.
As pessoas sempre se sentiam estranhamente doentes de tão á vontade que ficavam perto dos Cullen, quase com medo por alguma razão que ele não podiam explicar.
Eu era rara excessão a essa regra. Ás vezes Edward se incomodava por eu me sentir tão confortável ao lado dele. Ele achava que era um

risco á minha saúde - uma opinião que eu rejeitava veementemente toda vez que ele tocava nela.
A tarde passou rapidamente. A aula acabou e Edward me acompanhou até a minha caminhonete como sempre fazia. Mas dessa vez, ele segurou a porta do passageiro aberta pra mim. Alice deve ter levado o carro dele pra casa pra que eles pudessem me impedir de fugir.
Eu cruzei meus braços e não me movi pra sair da chuva. "É meu aniversário, eu não posso dirigir?"
"Eu estou fingindo que não é seu aniversário, assim como você deseja".
"Se não é meu aniversário, então eu não preciso ir á sua casa hoje á noite..."
"Tudo bem". Ele fechou a porta do passageiro e passou por mim para ir para o lado do motorista. "Feliz aniversário".
"Shh", eu calei ele sem muita vontade. Eu entrei pela porta aberta, esperando que ele tivesse aceitado o outro pedido.
Edward mexia no rádio enquanto eu dirigia, balançando a cabeça em desaprovação.
"Seu rádio tem uma recepção horrível".
Eu fiz uma careta. Eu odiava quando ele mexia com a minha caminhonete.
A caminhonete era ótima- tinha personalidade.
"Você quer um som legal? Dirija o seu prórpio carro". Eu já estava nervosa com os planos de Alice, com o meu humor negro ainda por cima, que as palavras saíram mais afiadas do que eu planejei. Eu mal conseguia ter um mal temperamento perto de Edward, e as minhas palavras fizeram ele apertar os lábios pra não sorrir.
Quando eu parei na frente da casa de Charlie, ele se inclinou pra pegar meu rosto com as duas mãos. Ele me segurou muito cuidadosamente, pressionando só a ponta dos dedos levemente nas minhas têmporas, nas maçãs do meu rosto, minha mandíbula. Como se eu estivesse especialmente quebrável. Que era exatamente o caso - comparado com ele, pelo menos.
"Você deveria estar de vom humor, hoje entre todos os outros dias", ele sussurrou. O doce hálito dele varreu o meu rosto.
"E se eu não quiser estar de bom humor?", eu perguntei, minha respiração desigual.
Seus olhos dourados queimaram. "Que pena".
Minha cabeça já estava girando quando ele chegou mais pra perto e pressionou seus lábios gelados nos meus.
Como ele pretendia, sem dúvida, eu esquecí das minhas preocupações, e me concentrei em lembrar de inalar e exalar.
A boca dele permaneceu na minha, fria e suave e gentil, até que eu joguei meus braços no pescoço dele e me joguei no beijo com um pouco de entusiasmo demais. Eu podia sentir os seus lábios se curvando pra cima enquanto ele soltava meu rosto e se inclinava pra trás pra se livrar do meu abraço.

Edward havia desenhado muitas linhas cuidadosas para o nosso relacionamento físico, com a intenção de me manter viva.
Apesar de eu respeitar a necessidade de manter uma distância segura entre minha pele e seus dentes afiados como navalha e cheios de veneno, eu sempre me esquecia de coisas sem importância como essas quando ele me beijava.
"Seja boazinha, por favor", ele respirou na minha bochecha.
Ele pressionou seus lábios gentilmente nos meus mais uma vez e então se afastou, cruzando meus braços no meu estômago.
Meu pulso estava estrondando nos meus ouvidos. Eu coloquei uma mão no meu coração. Ele batia hiperativamente na minha palma.
"Você acha que um dia eu vou melhorar nisso?", eu imaginei, mais pra mim mesma. "Será que um dia meu coração vai parar de querer sair do meu peito toda vez que você me toca?"
"Eu realmente espero que não", ele disse, um pouco presumido.
Eu rolei meus olhos. "Vamos assistir os Capuleto e os Montague acabando uns com os outros, certo?"
"Seu pedido, minha ordem".
Edward se espalhou no sofá enquanto eu começava o filme, avançando nos créditos iniciais.
Quando eu me sentei no canto do sofá na frente dele, ele passou os braços pela minha cintura e me puxou pro peito dele. Não era exatamente confortável como um sofá, já que o peito dele era frio e duro - e perfeito - como uma escultura de gelo, mas era definitivamente preferível. Ele puxou a velha manta do encosto do sofá e jogou por cima de mim pra que eu não congelasse ao lado do corpo dele.
"Sabe, eu nunca tive muita paciência com Romeu", ele comentou enquanto o filme começava.
"Qual é o problema com Romeu?", eu perguntei, um pouco ofendida. Romeu era um dos meus personagens de ficção favoritos. Antes de conhecer Edward eu meio que tinha uma quedinha por ele.
"Bem, pra começar, ele está apaixonado por essa tal de Rosaline- você não acha que isso o torna um pouco inconstante? E depois, alguns minutos depois do casamento, ele mata o primo de Julieta. Isso não é muito inteligente. Erro depois de erro.
Será que ele poderia ter acabado com a sua felicidade mais completamente?"
Eu suspirei. "Você quer que eu assista isso sozinha?"
"Não, na maior parte do tempo eu vou estar olhando você, de qualquer jeito". Os dedos dele traçaram linhas no meus braço, me deixando arrepiada. "Você vai chorar?"
"Provavelmente", eu admití. "Se eu estiver prestando atenção".
"Então eu não vou te distrair". Mas eu sentí os lábios dele no meu cabelo, muito distrativo.
O filme finalmente capturou meu interesse, em grande parte isso se deveu ao fato de Edward estar citando as falas de Romeu no meu ouvido - a sua voz irresistível e aveludada fez a voz do ator parecer

fraca e rouca em comparação. E eu chorei, pra diversão dele, quando Julieta acordou e viu seu novo marido morto.
"Eu admito, eu meio que invejo ele nessa parte". Edward disse, enxugando as minhas lágrimas com uma mecha de cabelo.
"Ela é muito bonita".
Ele fez um som de nojo. "Não é *garota* dele que eu invejo - é só a facilidade do suicídio", ele esclareceu num tom de zombaria.
"Vocês humanos morrem tão fácil! Tudo o que vocês têm que fazer é só engolir um extrato de planta..."
"Como é?", eu ofeguei.
"Foi uma coisa na qual eu tive que pensar uma vez, e eu sabia pela experiência de Carlisle que não seria fácil. Eu nem tenho certeza de quantas vezes Carlisle tentou se matar no início... depois que ele viu no que tinha se transformado...". A voz dele que havia ficado séria, ficou suave de novo. "E ele claramente ainda está em perfeita saúde".
Eu me virei pra poder ler o rosto dele. "Do que é que você pensa que está falando?", eu quis saber. "O que é que você quer dizer com, isso é uma coisa na qual eu tive que pensar uma vez?"
"Primavera passada, quando você foi... quase morta..." Ele parou pra respirar fundo, lutando pra voltar ao seu tom de zombaria. "É claro que eu estava focado em te encontrar viva, mas parte da minha mente estava fazendo planos contingentes. Como eu disse, não é tão fácil pra mim quanto é pra um humano".
Por um segundo, a memória da minha viagem á Phoenix passou pela minha cabeça e me deixou tonta. Eu podia ver tudo tão claramente - o sol que me deixava cega, as ondas de calor que saiam do concreto enquanto eu corria enlouquecidamente pra encontra o vampiro sádico que queria me torturar até a morte. James na sala dos espelhos com a minha mãe como refem - ou pelo menos eu pensava. Eu não sabia que era tudo uma armação. Assim como James não sabia que Edward estava correndo pra me salvar; Edward chegou a tempo, mas foi por bem pouco. Sem pensar, eu passei o dedo na grande cicatriz na minha mão que estava sempre um pouco mais fria que o resto da minha pele.
Eu balancei minha cabeça- como se isso pudesse levar pra longe todas as memórias ruins - e tentei entender o que Edward estava dizendo. Meu estômago revirou desconfortávelmente. "Planos contingentes?", eu repetí.
"Bem, eu não ia continuar vivendo sem você". Ele rolou os olhos como se o fato fosse infantilmente óbvio. "Mas eu não tinha certeza de como poderia fazer *isso* - eu sabia que Emmett e Jasper nunca iam me ajudar... então eu pensei que poderia ir para a Itália e fazer alguma coisa pra provocar os Volturi".
Eu não queria acreditar que ele estava falando sério, mas seus olhos dourados estavam distantes, focados em algum lugar longínguo como se ele estivesse contemplando o fim da sua vida. De repente eu estava furiosa.

"O que é *Volturi*?", eu quis saber.
"Os Volturi são uma família", ele explicou, seus olhos ainda distantes. "Uma família muito velha e muito poderosa, da nossa espécie. Eles são a coisa mais próxima no nosso mundo da família real, eu acho. Carlisle viveu brevemente com eles nos seus anos mais jovens, na Itália, antes de se ascentar na América- você lembra da história?"
"É claro que eu lembro".
Eu jamais esqueceria a primeira vez que fui a casa dele, a enorme mansão branca no meio da floresta ao lado do rio, ou da sala onde Carlisle - Pai de Edward em muitas formas reais - mantinha uma parede com pinturas que ilustravam a sua história pessoal. A tela mais vívida, com as cores mais vivas de lá, a maior, era dos tempos de Carlisle na Itália. É claro que eu me lembreva do calmo quarteto de homens, cada um com seu estranho rosto de serafim, pintados no balcão mais alto tirando a atenção do restante das cores.
Apesar da pintura ser antiga, Carlisle - o anjo loiro - permanecia igual. E eu me lembreva dos outros, as antigas companhias de Carlisle. Edward nunca usou o nome *Volturi* para o lindo trio, dois de cabelos pretos e um branco-neve. Ele os havia chamado de Aro, Caius e Marcus, os patronos noturnos das artes.
"De qualquer forma, você não deve irritar os Volturi", Edward continuou, interrompendo meu revival. "Não a não ser que você queira morrer - ou o que quer que seja o que nós fazemos". A voz dele estava tão calma, que ele quase parecia entediado com o pensamento.
Minha raiva se transformou em horror. Eu peguei seu rosto de mármore entre minhas mãos e segurei com muita força.
"Você não deve mais pensar nisso nunca, nunca, nunca mais!" eu disse. "Não importa o que possa acontecer comigo, você não tem *permissão* pra se machucar!"
"Eu nunca vou te colocar em risco de novo, então isso é inútil"
"Me colocar em risco! Eu pensei que já tínhamos estabelecido que a má sorte é minha culpa!", eu estava ficando com mais raiva.
"Como é que você ousa pensar em uma coisa dessas?" a idéia de Edward deixando de existir, mesmo eu estando morta, era impossivelmente dolorosa.
"O que você faria se a situação fosse contrária?", ele perguntou.
"Não é a mesma coisa".
Ele não pareceu ver a diferença. Ele gargalhou.
"E se alguma coisa acontecesse com você?" eu embranquecí com o pensamento. "Você ia querer que eu me *matasse*?"
Um traço de dor tocou seu rosto perfeito.
"Eu acho que entendo seu ponto de vista... um pouco", ele admitiu.
"Mas o que é que eu faria sem você?"
"O que quer que você fazia antes de eu aparecer e complicar a sua existância".
Ele suspirou. "Você faz parecer tão fácil".
"Devia ser. Eu não sou assim tão interessante".

Ele estava quase discutindo, mas então eu soltei o rosto dele. "Isso é inútil", ele me lembrou. De repente ele se sentou ficando numa postura mais formal, me colocando de lado até que não estávamos mais nos tocando.
"Charlie?", eu adivinhei.
Edward sorriu. Depois de um momento, eu ouví o som da viatura policial entrando na garagem. Eu me inclinei e segurei a mão dele firmemente. Meu pai podia aguentar isso.
Charlie entrou com uma caixa de pizza nas mãos.
"Oi, crianças", ele sorriu pra mim. "Eu achei que você gostaria de uma folga da cozinha e dos pratos e pelo seu aniversário. Com fome?"
"Claro. Obrigada, Pai".
Charlie não comentou a aparente falta de apetite de Edward. Ele já estava acostumado em ver Edward pulando o jantar.
"Você se incomoda se eu pegar Bella emprestada hoje á noite?", Edward perguntou quando Charlie e eu havíamos terminado.
Eu olhei pra Charlie esperançosamente. Talvez ele tivesse algum conceito sobre aniversários em casa, coisas de família- esse era o meu primeiro aniversário com ele, meu primeiro aniversário desde que minha mãe, Renée, casou de novo e foi pra Flórida, por isso eu não sabia o que esperar.
"Tudo bem - os Mariners vão jogar com os Sox hoje". Charlie explicou e minha esperança desapareceu. "Então eu não vou ser uma boa companhia... Aqui". Ele levantou a câmera que me deu por sugestão de Renée (porque eu precisaria de fotos pra encher meu livro de recordações), e jogou pra mim.
Ele já devia saber- eu sempre tive problemas de coordenação. A câmera escorregou da ponta dos meus dedos, e foi caindo no chão. Edward a agarrou antes que ela se espatifasse na madeira.
"Bela pegada", Charlie reparou. "Se eles vão fazer alguma coisa divertida essa noite na casa dos Cullen, Bella, você devia fotografar. Você sabe como sua mãe fica - ela vai querer ver as fotos antes que você possa tirá-las".
"Boa idéia, Charlie", Edward disse, me passando a câmera.
Eu virei a câmera pra Edward, e tirei a primeira foto. "Funciona".
"Que bom. Ei, diga olá pra Alice por mim. Já faz algum tempo que ela não vem aqui" A boca de Charlie caiu de um dos lados.
"São só três dias, pai", eu lembrei ele. Charlie estava louco por Alice. Ele se apegou na primavera passada quando ela me ajudou na minha estranha convalescência; Charlie seria sempre grato a ela por salvá-lo do horror de uma filha quase adulta precisando tomar banho.
"Eu digo a ela".
"OK. Divirtam-se crianças". Obviamente estávamos sendo dispensados.
Charlie já estava indo em direção á sala e á TV.
Edward sorriu, triumfante, e pegou minha mão, me puxando pra fora da cozinha.

Quando chegamos na caminhonete, ele abriu a porta do passageiro pra mim de novo, e dessa vez eu não discutí. Ainda era difícil encontrar o estranho retorno para a casa dele no escuro.
Edward dirigiu por Forks indo para o Norte, visivelmente vigiando o limite de velocidade imposto pela minha Chevrolet pré-histórica.
O motor roncou ainda mais alto quando ele tentou andar a mais de cinquenta milhas.
"Vai com calma", eu avisei ele.
"Sabe o que você adoraria? Um pequeno Audi coupé. Bem quieto, muita força..."
"Não há nada de errado com a minha caminhonete. E falando de coisas caras e sem importância, se você sabe o que é bom pra você, você não gastou dinheiro com presentes de aniversário".
"Nem um centavo", ele disse virtuosamente.
"Bom".
"Você pode me fazer um favor?"
"Depende do que é".
Ele suspirou. Seu adorável rosto estava sério. "Bella, o último aniversário de verdade que um de nós teve foi Emmett em 1935. Poupe-nos um pouco, e não seja tão difícil essa noite. Eles estão todos muito excitados".
Sempre me surpreendia quando ele falava dessas coisas. "Tá certo, eu vou me comportar".
"Eu provavelmente devo te avisar..."
"Por favor avise".
"Quando eu digo que estão todos excitados... eu quero dizer *todos* eles".
"Todo mundo?", eu asfixiei. "Eu pensei que Emmett e Rosalie estivessem na Africa". O resto de Forks achava que os Cullen mais velhos haviam ido para a faculdade, em Dartmouth, mas eu sabia a verdade.
"Emmett queria estar aqui".
"Mas... Rosalie?"
"Eu sei, Bella. Mas não se preocupe, ela vai se comportar bem".
Eu não respondi. Como se eu *não* fosse me preocupar, assim tão fácil. Diferente de Alice, a outra irmã "adotiva" de Edward, a loira e notável Rosalie, não gostava muito de mim. Na verdade, o sentimento era um pouco mais forte que isso. Quando se tratava de Rosalie, eu era uma intrusa que sabia o segredo da família.
Eu me sentia horrivelmente culpada pela presente situação, achando que a ausência de Emmet e Rosalie fosse por minha culpa, mesmo não gostando muito de ver ela, de Emmett, o irmão urso de Edward, eu *sentia* falta. Ele era de muitas formas, o irmão mais velho que eu sempre quis ter... só que era muito, muito mais aterrorizante.
Edward decidiu mudar de assunto. "Então, se você não quer me deixar te comprar um Audi, tem alguma coisa que você queira de aniversário?"
As palavras saíram num sopro. "Eu sei o que eu quero".

Uma profunda carranca fez linhas na testa dele. Ele obviamente preferia ter ficado no assunto de Rosalie.
Eu sentia que havíamos tido muito essa discussão hoje.
"Hoje não, Bella, por favor".
"Bem, talvez Alice me dê o que eu quero".
Edward rosnou - um som profundo de ameaça. "Esse não vai ser o seu último aniversário, Bella", ele prometeu.
"Isso não é justo!"
Eu achei ter ouvido seus dentes se cerrando.
Nós estávamos parando na frente da casa dele agora. Luzes claras brilhavam de todas as janelas nos dois primeiros andares. Uma longa fila de lanternas Japonesas estava pendurada nos arcos do portal da entrada, refletindo um leve brilho que vinha das enormes árvores que cercavam a casa. Grandes vasos de flores - rosas cor de rosa - enchiam a larga escadaria que levava até a porta.
Eu gemí.
Edward respirou fundo algumas vezes pra se acalmar também.
"Isso é uma festa", ele me lembrou. "Tente se divertir".
"Claro", eu murmurei.
Ele deu a volta para abrir minha porta, e me ofereceu sua mão.
"Eu tenho uma pergunta".
Ele esperou cautelosamente.
"Se eu revelar esse filme", eu disse, brincando com a câmera nas mãos, "Você vai aparecer nas fotos?"
Edward começou a rir. Ele me ajudou a sair do carro, me levou pelas escadas, e ainda estava rindo quando abriu a porta pra mim.
Eles estavam todos esperando na enorme sala de estar branca; quando eu entrei pela porta eles me receberam com um enorme coro de "Feliz aniversário, Bella!", enquanto eu corava e olhava pra baixo.
Alice, eu acho, tinha cobrido todas as superfícies planas com velas cor de rosa e dezenas de vasos de cristal com centenas de rosas.
Havia uma mesa coberta com uma toalha branca ao lado do grande piano de Edward, haviam um grande bolo cor de rosa sobre ela, mais rosas, uma pilha de pratos de vidro, e uma pequena pilha de presentes cobertos com papel prateado.
Era cem vezes pior do que eu havia imaginado.
Edward, sentindo meu estresse, passou uma braço encorajador pela minha cintura e deu um beijo no topo da minha cabeça.
Os pais de Edward, Carlisle e Esme - impossívelmente jovens e amáveis como sempre - eram os mais próximos da porta. Esme me abraçou cuidadosamente, seu cabelo macio, cor de caramelo alisando minha bochecha quando ela deu um beijo na minha testa, e então Carlisle colocou seu braço ao redor dos meus ombros.
"Desculpe por isso, Bella", ele meio que sussurrou. "Nós não pudemos deter Alice".
Rosalie e Emmett estavam atrás deles. Rosalie não sorriu, mas pelo menos não me encarou. O rosto de Emmett estava envolvido num enorme sorriso. Já faziam meses que eu não os via; eu tinha

esquecido do quanto Rosalie era bonita - quase doía olhar pra ela. E Emmett sempre foi tão... grande?
"Você não mudou nada" Emmett disse com falso desapontamento. "Eu esperava ver uma diferença notável, mas aqui está você, com o rosto vermelho como sempre".
"Muito obrigada, Emmett", eu disse, ficando mais vermelha ainda.
Ele sorriu. "Eu tenho que sair rapidinho" - ele piscou eminentemente pra Alice- "Não faça nada engraçado até eu voltar".
"Eu vou tentar".
Alice soltou a mão de Jasper e se aproximou.. todos os seus dentes brilhando na luz clara. Jasper sorria também, mas continuou distante. Ele se encostou, alto e loiro, no pilar no início da escadas.
Durante os dias que havíamos passado juntos em Phoenix, eu achava que ele havia lidado com a sua aversão á mim. Mas ele voltou a ser como sempre - me evitando o máximo possível - no exato momento que se livrou da obrigação temporária de me proteger.
Eu sabia que não era pessoal, só precaução, e eu tentei não ser sensível demais em relação á isso. Jasper que tinha mais problemas na convivência com os Cullen por causa da dieta do que do que os outros; o cheiro do sangue humano era muito mais difícil pra ele resistir do que pros outros - ele não estava tentando a tanto tempo.
"Hora de abrir os presentes", Alice declarou. Ela colocou sua mão gelada no meu cotovelo e me guiou até a mesa com o bolo e os pacotes brilhantes.
Eu fiz minha melhor cara de mártir. "Alice, eu sei que te disse que não queria nada-"
"Mas eu não te ouví", ela me interrompeu, presumida. "Abra". Ela pegou a câmera das minhas mãos e a trocou por uma caixa enorme e prateada.
A caixa estava tão leve que parecia vazia. A etiqueta em cima dizia que era de Emmett, Rosalie e Jasper. Envergonhada, eu rasguei o papel e olhei pra ver o que a caixa escondia.
Era algo elétrico, com um monte de números no nome. Eu abrí a caixa, esperando por uma iluminação maior. Mas a caixa *estava* vazia.
"Um... Obrigada".
Rosalie realmente sorriu. Jasper gargalhou. "É um som para a sua caminhonete", ele explicou. "Emmett está instalando agora mesmo pra que você não possa devolver".
Alice como sempre estava um passo á minha frente.
"Obrigada, Jasper, Rosalie", eu disse sorrindo, enquanto lembrava das reclamações de Edward sobre o meu rádio esta tarde - tudo armação, aparentemente. "Obrigada, Emmett!", eu disse mais alto.
Eu ouví a risada expansíva dele na minha caminhonete, e não pude evitar de rir também.
"Agora abra o meu e o de Edward", Alice disse, ela estava tão excitada que sua voz era só um ruído alto de alegria. Ela segurou um quadrado achatado nas mãos.

Eu me virei pra encarar Edward. "Você prometeu".
Antes que ele pudesse responder, Emmett entrou por adentro. "Bem na hora!" ele disse alegremente. Ele se empurrou atrás de Jasper, que também tinha chegado mais perto que de costume pra dar uma boa olhada.
"Eu não gastei um centavo", Edward me assegurou. Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto, deixando minha pele com cócegas pelo seu toque.
Eu inalei profundamente e olhei pra Alice. "Dê pra mim". Eu suspirei. Emmett gargalhou deliciado.
Eu peguei o pequeno pacote, rolando meus olhos pra Edward enquanto colocava meu dedo na boda do papel e o puxava por baixo da fita.
"Droga", eu murmurei quando o papel cortou meu dedo; eu o puxei pra examinar o estrago. Uma pequena gota de sangue saia do pequeno corte.
Depois disso tudo aconteceu muito rápido.
"Não!", Edward rugiu.
Ele se jogou por cima de mim, me jogando por cima da mesa. Ela caiu, assim como eu, derrubando o bolo, os presentes, as flores e os pratos. Tudo caiu numa bagunça de cristais quebrados.
Jasper se chocou contra Edward, e o som pareceu com o de um deslizamento de pedras.
Houve outro barulho, um terrível rosnado que parecia ter saído de dentro do peito de Jasper.
Jasper tentou passar por Edward, mostrando seus dentes a apenas alguns centímetros do rosto de Edward.
Emmett pegou Jasper por trás no outro segundo, prendendo ele no seu volumoso aperto de aço, mas Jasper lutou com ele, seus olhos, selvagens, vazios, só se focavam em mim.
Depois do choque só ficou a dor. Eu caí no chão ao lado do piano, com meus braços jogados pra trás instintivamente pra aparar a minha queda, jogando-os nos cacos de vidro quebrado.
Só agora eu sentia a dor queimando, pulsante, que corria desde o meu pulso até a dobra do meu cotovelo.
Confusa e desorientada, eu olhei pra cima por causa do sangue pulsante que saía do meu braço - e olhei para os olhos de seis vampiros repentinamente vorazes.

2. Pontos

Celisle foi o único que permaneceu calmo. Séculos de experiência nas salas de emrgência ficavam evidentes na sua voz calma, autoritária.
"Emmett, Rose, tirem Jasper daqui".
Sem sorrir pela primeira vez, Emmett balançou a cabeça. "Vamos lá, Jasper".
Jasper lutou contra o aperto inquebrável de Emmett, se remexendo, avançando na direção do irmão com os dentes á amostra, os olhos ainda estavam sem razão.
O rosto de Edward estava mais branco que papel quando ele se arrastou pra se curvar sobre mim, numa postura claramente defensiva.
Um rugido baixo de aviso escapou por entre seus dentes trincados.
Eu podia perceber que ele não estava respirando.
Rosalie, se divino rosto estranhamente presumido, ficou na frente de Jasper- mantendo uma cuidadosa distância dos seus dentes - e ajudou Emmett a levar ele pra fora pela porta de vidro que Esme segurou aberta, com uma mão tapando a boca e o nariz.
O rosto com formato de coração de Esme estava envergonhado. "Eu sinto muito, Bella", ela lamentou enquanto seguia os outros até o jardim.
"Me deixe passar, Edward", Carlisle murmurou.
Um segundo se passou, e então Edward balançou a cabeça lentamente e relaxou de sua posição.
Carlisle se ajoelhou á meu lado, se inclinando mais pra perto pra examinar meu braço. Eu podia sentir o choque congelado no meu rosto e tentei me recompor.
"Aqui, Carlisle", Alice disse o entregando uma toalha.
Ele balançou a cabeça. "Tem muito vidro na ferida". Ele se aproximou e arrancou uma tira longa e fina da toalha que cobria a mesa. Ele torceu a tira no meu braço logo acima do cotovelo como um torniquete. O cheiro do sangue estava me deixando tonta. Meus ouvidos zumbiam.
"Bella", Carlisle disse levemente. "Você quer que eu te leve até o hospital, ou você prefere que eu cuide disso aqui".
"Aqui, por favor", eu sussurrei. Se ele me levasse pra o hospital, não ia ter jeito de esconder de Charlie.
"Eu vou pegar sua maleta", Alice disse.
"Vamos levá-la para a mesa da cozinha", Carlisle disse pra Edward.
Edward me levantou sem esforço enquanto, Carlisle mantinha a pressão firme no meu braço.
"Como você está, Bella?", Carlisle me perguntou.
"Eu estou bem", minha voz estava razoavelmente firme, o que me deixou contente.
O rosto de Edward parecia pedra.

Alice estava lá. A maleta de Carlisle já estava sobre a mesa, uma mesa pequena mas brilhante com uma luz plugada na parede.
Edward me sentou gentilmente na cadeira, e Carlisle puxou outra. Ele começou a trabalhar imediatamente.
Edward ficou ao meu lado, ainda me protegendo, ainda sem respirar.
"Vai, Edward", eu suspirei.
"Eu aguento", ele insistiu. Mas a mandíbula dele estava rígida; seus olhos queimavam com a intencidade da sede que ele sentia que ele lutava, que era muito pior pra ele que para os outros.
"Você não precisa ser um herói", eu disse. "Carlisle pode cuidar de mim sem sua ajuda. Vá tomar um ar fresco".
Eu gemí quando Carlisle fez alguma coisa no meu braço que doeu como uma picada.
"Eu fico", ele disse.
"Porque você é tão masoquista?" eu murmurei.
Carlisle decidiu interceder. "Edward, você deve encontrar Jasper antes que ele vá longe demais, e eu duvido que ele vá ouvir alguém que não seja você agora".
"Sim", eu disse ansiosamente. "Vá encontrar Jasper".
"Você deve fazer alguma coisa útil", Alice acrescentou.
Os olhos de Edward se estreitaram enquanto nós o atacávamos em grupo, mas, finalmente, ele balançou a cabeça uma vez e saiu suavemente pela porta de trás da cozinha. Eu tinha certeza de que ele não havia respirado desde o momento que eu cortei o dedo.
Uma sensação entorpecida, morta, estava se espalhando pelo meu braço.
Apesar disso acabar com a dor, me lembrou do corte, e eu observei cuidadosamente o rosto de Carlisle pra me distrair do que ele estava fazendo no meu braço. O seu cabelo irradiava dourado na luz brilhante enquanto ele se inclinava sobre o meu braço. Eu podia sentir as leves sensações de incomodo, mas eu estava determinada a não deixar as minhas fraquezas tomarem conte de mim.
Não havia dor agora, só uns puxõezinhos, que eu estava tentando ignorar. Não era motivo pra ficar enjoada como um bebê.
Se ela não estivesse na minha linha de visão, eu nem teria visto Alice desistir e sair da cozinha. Com um pequeno sorriso que pedia desculpas nos lábios, ela desapareceu pela porta da cozinha.
"Bom, já foram todos", eu suspirei. "Eu posso limpar uma sala, pelo menos".
"Não é culpa sua" Carlisle me confortou com uma risada. "Poderia acontecer com qualquer um".
"*Poderia*", eu repetí. "Mas geralmente só acontece comigo".
Ele riu de novo.
Sua calma relaxada era ainda mais incrível em contraste com a reação dos outros. Eu não conseguí achar nem um traço de ansiedade nos olhos dele. Ele trabalhava com movimentos rápidos, certeiros.
O único som além das nossas respirações calmas era o som do *plink,*

plink enquanto os pequenos fragmentos de vidro caíam um a um na mesa.
"Como é que você consegue fazer isso?", eu quis saber. "Até Alice e Esme..." eu parei, balançando minha cabeça em dúvida. Apesar do resto da família também ter desistido da tradicional dieta dos vampiros tão absolutamente quanto Carlisle, ele era o único que podia sentir o cheiro de sangue sem sofrer com a intensa tentação. Claramente, isso era muito mais difícil do que ele queria fazer parecer.
"Anos e anos de prática", ele me disse. "Eu quase não sinto mais o cheiro".
"Você acha que seria mais difícil se você tirasse umas longas férias do hospital, e não houvesse nenhum sangue por perto?"
"Talvez", ele levantou os ombros, mas suas mãos continuaram firmes.
"Eu nunca sentí necessidade de longas férias". Ele mostrou um grande sorriso brilhante na minha direção. "Eu gosto muito do meu trabalho".
Plink, plink, plink.. Eu estava surpresa de ver quanto vidro parecia ter no meu braço. Eu estava tentada em olhar para a pilha crescendo, só pra checar o tamanho, mas eu sabia que a idéia não seria de grande ajuda para a minha estratégia de não vomitar.
"Do que é que você gosta?" eu imaginei.
Pra mim não fazia sentido - os anos de luta e negação que ele deve ter passado até alcansar o ponto que ele conseguria lidar com isso tão facilmente. Além do mais, eu queria manter ele falando; a conversa mantinha minha cabeça longe da sensação de enjôo do meu estômago.
Seus olhos escuros estavam calmos e pensativos enquanto ele falava. "Hmm. O que eu gosto mais é quando minhas... habilidades adquiridas me deixam salvar uma pessoa que poderia estar perdida. É bom saber que, graças ao que eu faço, a vida de algumas pessoas é melhoer porque eu existo. Até o cheiro do sangue é uma ferramenta que me ajuda as vezes". Um dos lados da boca dele se levantou num meio sorriso.
Eu pensei nisso enquanto ele me cutucava, pra ter certeza que todos os cacos do meu braço haviam saído. Então ele procurou na sua maleta por outras ferramentas, e eu tentei não reparar na agulha e na linha.
"Você dá muito duro pra tentar se redimir de uma coisa que nunca foi culpa sua", eu sugerí enquanto outro tipo de picada começou a puxar os cantos da minha pele. "O que eu quero dizer é, você não pediu por isso. Você não escolheu esse tipo de vida, e mesmo assim você tem que trabalhar tão *duro* pra ser bom".
"Eu não acho que esteja me redimindo por nada", ele discordou suavemente. "Como tudo na vida, eu só tive que escolher o que fazer com o que me foi dado".
"Isso faz tudo parecer fácil".

Ele examinou meu braço de novo. "Aí", ele disse, cortando a linha. "Tudo pronto". Ele pegou uma gaze grande, molhando-a com uma espécie de xarope colorido, e a colocou ao redor da saturação.
O cheiro era estranho; fez minha cabeça rodar. O xarope queimou minha pele.
"No começo, porém" eu pressionei enquanto ele amarrava outro pedaço de gaze seguramente no lugar, lacrando ela no meu braço. "Porque é que você sequer pensou em viver de outra maneira que nãpo da maneira mais óbvia?"
Seus lábios se ergueram num sorriso privado. "Edward já não te contou essa história?"
"Sim. Mas eu estou tentando entender o que você estava pensando..."
Seu rosto estava repentinamente sério de novo, e eu me perguntei se os pensamentos dele teriam ido para o mesmo lugar que os meus. Imaginando em que eu estaria pensando quando - eu me recusava a pensar em um *se* - fosse eu.
"Você sabe que meu api era um clérigo". ele meditou enquanto limpava cuidadosamente a mesa, esfregando tudo com uma gaze molhada, e depois fazendo tudo de novo. O cheiro de alcool queimou no meu nariz. "Ele tinha uma visão muito dura do mundo, que eu já estava começando a questionar quando eu fui mudado". Carlisle pôs a gaze suja e os pedaços de vidro dentro de um vaso de cristal vazio. Eu não entendí o que ele estava fazendo, mesmo quando ele acendou o fósforo. Então ele o jogou nas fibras encharcadas de álcool, e a explosão me fez pular.
"Desculpe", ele se desculpou. "Isso vai dar conta... Então eu não concordava com o ponto de visto do meu pai sobre fé particularmente. Mas nunca, nesses quase quatrocentos anos desde que eu nascí , eu ví alguma coisa que me fizesse duvidar da existência de Deus, de uma forma ou de outra. Nem mesmo a reflexão do espelho".
Eu fingí examinar o curativo no meu braço pra esconder a minha surpresa com o curso que a nossa conversa havia tomado. Religião era a única coisa que eu não esperava, de todas as coisas que eu considerei. Minha própria vida era muito destituída de crenças. Charlie se considerava um Luterano, porque os seus pais haviam sido, mas durante os Domingos ele só rezava se fosse na beira do rio com uma vara de pesca na mão. Renée havia tentad a igreja de ver em quando, mas, assim como os seus casos com o Tênis, as aulas de cerâmica, Ioga e de Francês, ela resolvia desistir quando ficava sabendo de outra novidade.
"Eu sei que tudo isso parece bizarro, especialmente vindo de um vampiro". Ele sorria, sabendo que o uso da palavra sempre acabava me chocando. "Mas eu espero que haja um sentido nessa vida, mesmo pra nós. É um longo período, eu admito," ele continuou num tom desinteressado. "De todas as formas, estamos decididamente amaldiçoados.

Mas eu espero, talvez inutilmente, que nós ganhemos alguma espécie de crédito por tentar".
"Eu não acho que isso é inútil", eu murmurei. Eu não conseguia imaginar, todo mundo incluído, alguém que não ficasse impressionado com Carlisle. Além do mais, o único tipo de paraíso que *eu* iria apreciar tinha que incluir Edward. "Eu não acho que as outras pessoas achariam também".
"Na verdade, você é a primeira a concordar comigo".
"Os outros não acham o mesmo?", eu perguntei, surpresa, pensando em uma pessoa em particular.
Carlisle adivinhou a direção dos meus pensamentos de novo.
"Edward concorda comigo me um ponto. Deus e o paraíso existem... e o inferno também. Mas ele não acredita em uma outra vida pra o nosso tipo". Carlisle falava com uma voz muito suave; ele olhava pela grande janela em cima da pia, olhando para a escuridão. "Entenda, ele acha que somos almas perdidas".
Imediatamente eu pensei nas palavras de Edward nessa tarde: *a não ser que você queira morrer - ou o que quer que seja que nós fazemos.* Uma pequena lâmpada estalou na minha cabeça.
"Esse é o problema real, não é?" eu adivinhei. "É por isso que ele está sendo tão difícil em relação a mim".
Carlisle falou vagarosamente. "Eu olho para o meu... *filho*.
Sua força, sua bondade, seu brilho que esplandece por fora dele - e isso só enche aquela esperança, aquela fé, mais do que nunca. Como poderia não haver algo mais para alguém como Edward?"
Eu afirmei com a cabeça, concordando fervorosamente.
"Mas se eu acreditasse no que ele acredita...", ele olhou pra baixo pra mim com olhos insondáveis. "Se você acreditasse no que ele acredita. Você poderia tirar a alma *dele*?"
O jeito como ele colocou a frase obstruíu minha resposta.
Se ele tivesse me perguntado se eu arriscaria minha alma por Edward, a resposta seria óbvia. Mas será que eu poderia arriscar a alma de Edward? Eu torcí meus lábios infeliz. Isso não era muito justo.
"Você vê o problema".
Eu balancei minha cabeça, consciente da posição teimosa do meu queixo.
Carlisle suspirou.
"É minha escolha", eu insistí.
"E dele também". Ele levantou a mão quando viu que eu estava disposta a discutir. "Ele será responsável por fazer isso com você".
"Ele não é o único que pode fazer isso", eu olhei pra Carlisle sugestivamente.
Ele riu, abruptamente suavizando o humor. "Oh, não! Você vai ter que acertar isso com *ele*" Mas então ele suspirou. "É dessa parte que eu nunca tenho certeza. Eu *acho*, na maioria das maneiras, que eu fiz o melhor com o que eu tinha. Mas será que foi certo impor os outros a esse tipo de vida? Eu não consigo decidir".

Eu naõ respondí. Eu iamginei como minha vida seria se Carlisle tivesse resistido a tentação de viver um vida menos solitária... e tremí.
"Foi a mãe de Edward que fez minha cabeça".
A voz de Carlisle era quase um suspiro. Ele olhou pelas janelas escuras sem ver nada.
"A mãe dele?" Toda vez que eu tentava falar com Edward sobre os seus pais, ele só dizia que eles haviam morrido há muito tempo e que as lembranças dele eram vagas. Eu me dei conta de que as memórias de Carlisle, apesar da brevidade do contato deles, seriam perfeitamente claras.
"Sim. O nome dela era Elizabeth. Elizabeth Masen. O pai dele, Edward pai, nunca recobrou a consciência no hospital. Ele morreu no primeiro ataque da Gripe. Mas Elizabeth estava alerta até quase o final. Edward se parece muito com ela - o mesmo estranho tom de bronze do cabelo, e os olhos eram exatamente do mesmo tom de verde".
"Os olhos dele eram verdes?", eu murmurei, tentando imaginar.
"Sim..." Os olhos escuros de Carlisle estavam a cem anos de distância agora. "Elizabeth estava obscessivamente preocupada com o filho. Ela acabou com as próprias chances que tinha de viver por ter ficado como enfermeira dele no leito. Eu esperava que ele morresse primeiro, ele estava muito pior do que ela. Quando o fim chegou pra ela, foi muito rápido. Foi logo depois do pôr do sol, e eu cheguei pra aliviar os médicos que haviam trabalhado o dia inteiro.
Essa era uma péssima hora pra fingir- havia tanto trabalho pra ser feito, e eu não precisava de mais nada. Como eu odiava voltar pra minha casa, me esconder no escuro e fingir que estava dormindo quando haviam tantas pessoas pessoas morrendo.
"Eu fui checar Elizabeth e seu filho primeiro. Eu acabei me apegando- sempre uma coisa perigosa a se fazer levando em conta a natureza frágil dos humanos. Eu podia ver que ela havia piorado. A febre estava fora de controle, e o seu corpo estava fraco demais pra continuar lutando.
"Porém, ela não parecia fraca quando olhou pra mim na sua maca.
"'Salve ele!' ela me comandou com uma voz rouca que era tudo o que a garganta dela conseguia.
"'Eu farei tudo em meu poder', eu prometí, pegando a mão dela. A febre dela estava tão alta que eu acho que ela nem podia sentir o quanto a minha era sobrenaturalmente fria. Tudo era muito frio para a pele dela.
"Você precisa", ela insistiu, apertando minha mão com tanta força que eu até cheguei a imaginar se ela não superaria a crise no final. Os olhos dela estavam duros, como pedras, como esmeraldas. 'Você deve fazer qualquer coisa sobre o *seu*poder. O que os outros não podem fazer, é isso que você deve fazer pelo meu Edward".
"Isso me assustou. Ela me olhou com aqueles olhos penetrantes, e, por um instante, eu tive certeza de que ela sabia o meu segredo. E então a febre tomou conta dela, e ela nunca mais recobrou a

consciência. Ela morreu uma hora depois de fazer o seu pedido.
"Eu havia passado décadas consciderando a idéia de criar alguma companhia pra mim. Só uma outra criatura que me conhecesse de verdade, pra que eu não precisasse fingir ser o que não era. Mas eu não podia justificar isso pra mim mesmo- fazer com alguém o que havia sido feito comigo.
"Lá estava Edward, morrendo. Era claro que ele só tinha mais algumas horas. Ao lado dele, a mão dele, seu rosto de certa forma ainda não estava em paz, nem na morte".
Carlisle via tudo de novo, sua memória enterrada no século que intervia.
Eu podia ver claramente também, enquanto ele falava- o desespero no hospital, a atmosfera dominante de morte. Edward queimando de febre, sua vida se esvaíndo a cada tique do relógio... eu tremí de novo, e forcei a idéia a sair da minha mente.
"As palavras de Elizabeth ecoavam na minha mente. Como ela podia ter adivinhado o que eu fazia? Será que alguém realmente poderia querer isso pra um filho?
"Eu olhei pra Edward. Doente como estava, ele ainda era lindo. Havia algo puro e bom em seu rosto. O tipo de rosto que eu queria que meu filho tivesse.
"Depois de todos aqueles anos de indecisão, eu simplesmente agí num impulso. Eu levei a sua mãe para o necrotério antes, e depois voltei para pegá-lo. Ninguém percebeu que ele ainda estava respirando. Não haviam mãos suficientes, olhos suficientes, pra dar conta de metade do que os paciêntes precisavam. O necrotério estava vazio- de vivos, pelo menos. Eu robei ele pela porta traseira, e o carreguei pelos telhados até a minha casa.
"Eu não tinha certeza do que precisava ser feito. Eu me preparei pra recriar as mesmas feridas que eu mesmo havia recebido, tantos séculos atrás em Londres. Eu me sentí mal por isso depois. Foi mas doloroso e mais demorado do que precisava ter sido.
"Eu não estava arrependido, todavia. Eu nunca lementei ter salvado Edward". Ele balançou a cabeça, voltando ao presente. Ele sorriu pra mim. "Eu acho que devia te levar pra casa agora".
"Eu faço isso", Edward disse. Ele veio pela sla de jantar escura, caminhando muito devagar pra ele. O rosto dele estava suave, ilegível, mas havia algo errado com os olhos dele- algo que ele estava dando muito duro pra esconder. Eu sentí um espasmo de incômodo no estômago.
"Carlisle pode me levar", eu disse. Eu olhei pra baixo pra minha camiseta; o algodão azul estava encharcado e manchada com meu sangue. Meu ombro direito estava coberto com uma cor rosada que estava grudada.
"Eu estou bem", a voz de Edward não passava emoção. "Você vai precisar se trocar, de qualquer jeito.
Você vai fazer Charlie ter um ataque do coração desse jeito. Eu vou pedir pra Alice te dar alguma coisa". Ele saiu pela porta da cozinha de

novo.
Ei olhei pra Carlisle ansiosamente. "Ele está muito chateado".
"Sim", Carlisle concordou. "Essa noite era exatamente o tipo de coisa que ele mais temia. Você ser colocada em risco, por causa do que é".
"Isso não é culpa dele".
"E nem sua".
Eu olhei pra longe de seus olhos lindos, sábios. Eu não podia concordar com isso.
Carlisle me ofereceu a mão e me ajudou a descer da mesa. Eu o acompanhei até a sala principal. Esme havia voltado; Ela estava limpando o chão onde eu havia caído- com desinfetante puro, pelo cheiro.
"Esme, me deixe fazer isso". Eu podia sentir que meu rosto estava de um vermelho brilhante de novo.
"Eu já terminei". Ela sorriu pra mim. "Como você se sente?"
"Eu estou bem", eu assegurei. "Carlisle costura mais rápido do que qualquer outro médico que eu já conhecí".
Os dois gargalharam.
Alice e Edward entraram pela porta traseira. Alice correu para o meu lado, mas Edward ficou pra trás, seu rosto indecifrável.
"Vamos", Alice disse. "Eu vou arranjar algo menos macabro pra você usar".
Ela encontrou uma blusa de Esme que era de uma cor parecida com a minha. Charlie não ia reparar, eu tinha certeza. O grande curativo no meu braço já não parecia mais ser tão sério agora que não estava mais coberto de sangue. Charlie nunca ficava surpreso ao me ver com um curativo.
"Alice", eu sussurrei enquanto ela voltava para a porta.
"Sim?", ela manteve a voz baixa também, e olhou pra mim curiosamente, com a cabeça caída para o lado.
"É muito ruim?", eu não sabia se os meus sussurros eram um sacrifício inútil. Mesmo estando aqui em cima, com a porta fechada, talvez ele pudesse me ouvir.
O rosto dela ficou tenso. "Eu ainda não tenho certeza".
"Como está Jasper?"
Ela suspirou. "Ele está muito descontente consigo mesmo. Ainda é um grande desafio pra ele, e ele odeia se sentir fraco".
"Não é culpa dele. Você vai dizer que eu não estou com raiva dele, nem um pouco, não vai?"
"É claro".
Edward estava me esperando na porta da frente. Quando eu cheguei no pé das escadas ele a segurou aberta sem nenhuma palavra.
"Pegue as suas coisas!", Alice pediu enquanto eu andava cautelosamente na direção de Edward. Ela segurou os dois pacotes, um meio aberto, e minha câmera que estava em baixo do piano, e colocou tudo no meu braço bom. "Você me agradece depois quando os tiver aberto".
Esme e Carlisle deram um boa noite baixinho. Eu podia vê-los dando

olhadas furtivas para o seu filho impassível, assim como eu.
Eu fiquei aliviada em estar do lado de fora; eu me apressei pra passar pelas lanternas e pelas rosas, elas não eram boas memórias.
Edward acompanhou meu passo silenciosamente. Ele abriu a porta do passageiro pra mim, e eu entrei sem reclamar.
No painél havia um grande laço de fita, preso ao som novo. Eu o arranquei, jogando no chão. Enquanto Edward entrava pelo outro lado, eu chutei o laço pra debaixo do banco.
Ele não olhou pra mim ou para o som. Nenhum de nós o ligou, e de alguma forma o silêncio se intensificou com o estrondo do motor. Ele dirigiu rápido demais pela escura estrada em formato de serpente.
O silêncio estava me deixando louca.
"Diga alguma coisa", eu finalmente implorei enquanto ele entrava na auto estrada.
"O que você quer que eu diga?", ele me perguntou com uma voz desinteressada.
Eu bajulei a imparcialidade dele. "Diga que me perdoa".
Isso trouxe uma pontada de vida para o rosto dele- uma pontada de raiva. "Perdoar *você?* Pelo que?"
"Se eu tivesse sido mais cuidadosa, nada disso teria acontecido".
"Bella, você se cortou com papel- eu duvido que isso mereça uma pena de morte".
"Ainda assim é minha culpa".
Minhas palavras abriram a comporta.
"Sua culpa? Se você tivesse se cortado na casa de Mike Newton, com Jéssica e Angela e os seus outros amigos normais, o que poderia ter acontecido de tão horrível? Talvez eles não tivessem encontrado um curativo? Se você tivesse tropeçado e esbarrado numa pilha de pratos de vidro - sem que alguém tivesse te jogado em cima deles - mesmo assim, o que seria tão ruim? Você derramar sangue no banco do carro enquanto eles te levavam pra o pronto socorro? Mike Newton poderia ter segurado a sua mão enquanto eles te davam os pontos- e ele não precisaria lutar contra a ânsia de te matar enquanto estivesse lá dentro. Não tente jogar isso pra cima de você, Bella. Isso só vai me deixar ainda mais enojado comigo mesmo".
"Como diabos Mike Newton veio parar nessa conversa?", eu quis saber.
"Mike Newton veio parar nessa conversa porque seria muito mais saudável pra você estar com Mike Newton", ele rosnou.
"Eu prefiria morrer do que ficar com Mike Newton", eu protestei.
"Eu prefiro morrer do que ficar com uma pessoa que não seja você".
"Não seja melodramática, por favor".
"Tudo bem então, não seja ridículo".
Ele não respondeu. Seus olhos olhavam pelo para brisa, sua expressão estava obscura.
Eu fucei no meu cérebro pra encontrar uma forma de salvar a noite. Quando ele parou na frente da minha casa, eu ainda não tinha pensado em nada.

Ele desligou o motor, mas suas mãos continuaram fechadas no volante.
"Você vai ficar essa noite?", eu perguntei.
"Eu devia ir pra casa".
A última coisa que eu queria era que ele fosse embora sentindo remorso.
"Pelo meu aniversário", eu pressionei.
"Você não pode ter as duas coisas - ou você quer que as pessoas ignorem seu aniversário ou não. Um ou outro".
A voz dele estava dura, mas não tão séria quanto antes. Eu dei um leve suspiro de alívio.
"Tudo bem, eu decidí que não quero que você ignore meu aniversário. Te vejo lá em cima".
Eu saí, e me inclinei pra dentro de novo pra pegar meus presentes. Ele fez uma careta.
"Você não tem que pegar isso".
"Eu quero eles", eu respondí automaticamente, e depois imaginei se ele estaria usando psicologia reversa.
"Não quer não. Carlisle e Esme gastaram dinheiro com você."
"Eu vou sobreviver". Eu enfiei os presentes de forma estranha embaixo do meu braço bom e batí a porta atrás de mim. Ele estava fora da caminhonete e atrás de mim em menos de um segundo.
"Me deixe carregá-los, pelo menos", ele disse enquanto os tirava de mim. "Eu estarei no seu quarto".
Eu sorrí. "Obrigada".
"Feliz aniversário", ele disse, e se inclinou pra tocar seus lábios nos meus.
Eu me inclinei na pontas dos pés pra fazer o beijo durar mais quando ele se afastou. Ele deu meu sorriso torto favorito, e então desapareceu na escuridão.
O jogo ainda estava sendo transmitido; assim que eu entrei eu pude ouvir os anúncios das jogadas em meio aos gritos da torcida.
"Bell?", Charlie chamou.
"Oi, pai", eu disse enquanto aparecia no corredor. Eu segurei meu braço bem do meu lado. A leve pressão queimou e eu torcí meu nariz. Aparentemente o anestésico estava perdendo o efeito.
"Como foi?" Charlie se espreguiçou no sofá com seus pés descalsos num dos braços. O que ainda sobrava do seu cabelo marrom cacheado estava grudado em um dos lados.
"Alice enlouqueceu. Flores, bolo, velas, presentes - A coisa toda".
"O que eles te deram?"
"Um som para o meu carro". E vários não conhecidos.
"Uau".
"É", eu concordei. "Bem, por hoje chega".
"Te vejo amanhã de manhã".
Eu acenei. "A gente se vê".
"O que aconteceu com seu braço?"
Eu corei e xinguei baixinho. "Eu caí. Não é nada".

"Bella", ele suspirou, balançando a cabeça.
"Boa noite, pai".
Eu subí correndo pra o banheiro, onde eu mantinha o meu pijama para noites como essa. Eu entrei na camiseta combinando com a calça de algodão que eu comprei pra repor as antigas que eu usava na cama, gemendo com o movimento que puxou os pontos.
Eu lavei meu rosto com uma mão, escovei os dentes, e estão me mandei pro meu quarto.
Ele estava sentado no centro da minha cama, brincando á toa com uma das caixas prateadas.
"Oi", ele disse. Ele disse. Sua voz estava triste. Ele estava se remexendo.
Eu fui para a cama, puxei os presentes das mãos dele, e me arrastei para o colo dele.
"Oi", eu ronronei no seu peito de pedra. "Posso abrir meus presentes agora?"
"De onde foi que veio todo esse entusiasmo?", ele se perguntou.
"Você me deixou curiosa".
Eu peguei o grande retângulo achatado que devia ser o presente de Carlisle e Esme.
"Me permita", ele sugeriu. Ele pegou o pacote da minha mão e arrancou o papel prateado com um único movimento fluido. Ele devolveu a cxaixa retangular branca pra mim.
"Você tem certeza que eu vou conseguir levantar a tampa?", eu murmurei, mas ele me ignorou.
Dentro da cixa havia um longo papel grosso com um monte de palavras impressas. Me levou um minuto pra entender as informações que elas passavam.
"Nós vamos pra Jacksonville?", e eu estava excitada, a despeito de mim mesma. Era um comprovante de passagens de avião, pra mim e pra Edward.
"Essa é a idéia".
"Eu não posso acreditar. Renée vai enlouquecer! Contudo, você não se importa, não é? Lá faz sol, você terá que ficar em casa o dia inteiro".
"Eu acho que posso aguentar", ele disse, e então fez uma careta.
"Se eu soubesse que você responderia tão apropriadamente ao presente, eu teria feito você abrir na frente de Esme e Carlisle. Eu pensei que você fosse reclamar".
"Bem, é claro que isso é demais. Mas eu vou levar você comigo!"
Ele gargalhou. "Agora eu queria ter gasto mais dinheiro no seu presente. Eu não sabia que você era capaz de ser razoável".
Eu coloquei as passagens de lado e me inclinei pra pegar o presente dele, minha curiosidade redobrou. Ele o tomou de mim e arrancou o papel que nem o primeiro.
Ele me devolveu uma caixa de Cd transparente, com só um Cd prateado dentro.
"O que é?", eu perguntei, perplexa.

Ele não disse nada; ele pegou o CD e se curvou por trás de mim pra colocá-lo no Cd player na mesa do lado da minha cama. Ele apertou Play, e nós esperamos em silêncio. E então a música começou.
Eu escutei, sem palavras, com os olhos esbugalhados. Eu sabia que ele estava esperando pela minha reação, mas eu não conseguí falar nada.
As lágrimas começaram a aparecer, e eu tentei limpá-las antes que elas começassem a rolar.
"Seu braço está doendo?", ele perguntou ansiosamente.
"Não, não é o meu braço. É lindo, Edward. Você não poderia ter me dado uma coisa que eu amasse mais. Eu não consigo acreditar". Eu calei a boca pra poder ouvir.
Era a música dele, suas composições. A primeira faixa do Cd era a minha canção de ninar.
"Eu não achei que você me deixaria comprar um piano pra tocar pra você aqui", ele explicou.
"Você está certo".
"Como está o seu braço".
"Está ótimo". Na verdade, ele estava começando a queimar em baixo do curativo. Eu queria gelo. Eu teria colocado a mão dele, mas isso teria me entregado.
"Eu vou pegar um Tylenol pra você".
"Eu não preciso de nada", eu protestei, mas ele me tirou do colo dele e começou a andar na direção da porta.
"Charlie", eu assobiei. Charlie não estava necessariamente consciente de que Edward ficava aqui com certa frequencia. Na verdade, ele teria um enfarto se isso chegasse aos ouvidos dele. Mas eu não me sentia muito culpada por estar enganado ele. Não era como se eu estivesse fazendo algo que ele não gostaria que eu fizesse. Edward e suas regras...
"Ele não vai me pegar", Edward prometeu enquanto desaparecia silenciosamente pela porta... e voltava, segurando a porta antes que ela se fechasse. Ele estava segurando um copo e a caixa de remédio em uma das mãos.
Eu peguei os remédios que ele me ofereceu sem reclamar- eu sabia que sairia perdendo da discussão, e meu braço realmente estava começando a me incomodar.
Minha canção de ninar continuou, num adorável fundo musical.
"Está tarde", Edward notou. Ele me levantou da cama com um braço, e colocou o lençol de volta com a outra. Ele me colocou com a cabeça no travesseiro e jogou a colcha por cima de mim. Ele se deitou perto de mim- em cima das cobertas pra que eu não ficasse com frio- e colocou o braço por cima de mim.
Eu encostei minha cabeça no ombro dele e suspirei alegremente.
"Obrigada de novo", eu sussurrei.
"De nada".
Eu fiquei quieta por algum tempo enquanto esperava minha canção de ninar acabar. Outra música começou. Eu reconhecí a favorita de

Esme.
"No que você está pensando?", eu imaginei num sussurro.
Ele hesitou por um longo segundo antes de me dizer. "Na verdade, eu estava pensando no certo e errado".
Eu sentí um arrepio percorrer minha espinha.
"Lembra de quando eu decidi que queria que você *não* ignorasse meu aniversário?", eu perguntei rapidamente, esperando que não ficasse claro demais que eu que eu estava tentando distraí-lo.
"Sim", ele concordou, cautelosamente.
"Bem, eu estava pensando, que já que é meu aniversário, você poderia me beijar de novo".
"Você está muito gananciosa hoje".
"Sim, eu estou- mas por favor, não faça nada que você não quiser fazer".
Ele sorriu e então suspirou. "Que os céus não permitam que eu tenha que fazer algo que não quero fazer", ele disse num tom estranhamente desesperado enquanto colocava a mão dele embaixo do meu queixo e puxava o meu rosto pra o dele.
O beijo começou como sempre- Edward estava tão cuisadoso como sempre, e meu coração começou e responder como sempre. E então alguma coisa pareceu mudar. De repente seu lábios ficaram muito mais urgentes, as mãos dele foram para o meu cabelo e ele segou meu rosto seguramente no seu.
E, apesar de minhas mãos estarem no cabelo dele também, e apesar de eu estar claramente começando a cruzar as linhas de segurança, pela primeira vez ele não me parou. O corpo dele stava frio através da colcha, mas eu me apaertei contra ele ansiosamente.
Quando ele parou foi abrupto; ele me afastou com mãos gentís, firmes.
Eu caí no meu travesseiro, ofegando, minha cabeça rodando. Alguma coisa estalou na minha memória, evasivamente, só nas beiradas.
"Desculpe", ele disse, sem fôlego também. "Isso passou dos limites".
"*Eu* não me importo", eu garantí.
Ele fez uma careta pra mim no escuro. "Tente dormir, Bella".
"Não, eu quero que você me beije de novo".
"Você está superestimando meu auto-controle".
"O que é mais tentador pra você, meu sangue ou meu corpo?", eu desafiei.
"É apertado" Ele deu um breve sorriso, a despeito de sí mesmo.
"Agora, porque é que você não para de testar sua sorte e vai dormir?"
"Tá", eu concordei, chegando mais pra perto dele. Eu realmente me sentia exausta. Foi um dia longo de várias maneiras, e mesmo assim eu não me sentia aliviada por ele estar acabando. Eu quase sentia que algo pior estava vindo amanhã. Era uma premonição boba- o que podia ser pior do que hoje? Só o choque tomando conta de mim, sem dúvida.
Tentando ser singela, eu enconstei meu braço ferido no ombro dele,

para que o seu bralo gelado o fizesse parar de queimar. Eu me sentí melhor na hora.
Eu já estava meio caminho do sono, talvez mais, quando eu me dei conta do que aquele beijo me lembrava: primavera passada, quando ele teve que se separar de mim pra tirar James da minha cola, Edward me deu um beijo de despedida, sem saber quando- ou se- nós nos veríamos de novo. Esse beijo tinha quase a mesma pontada de dor por alguma razão que eu não conseguia imaginar. Eu tremí já inconsciente, como se estivesse tendo um pesadelo.

3. O Fim

Eu me sentia absolutamente péssima de manhã. Eu não tinha dormido bem, meu braço queimava, e minha cabeça doía. Não ajudou muito ver que o rosto de Edward estava suave e remoto enquanto ele beijava a minha testa rapidamente e saía pela minha janela. Eu estava com medo do tempo que fiquei inconsciente, com medo de que ele estivesse pensando sobre o certo e o errado de novo enquanto me via dormindo. A ansiosidade pareceu aumentar ainda mais a intensidade da dor na minha cabeça.
Edward estava esperando por mim na escola, como sempre, mas ainda havia algo errado no seu rosto. Ainda havia alguma coisa enterrado nos seus olhos da qual eu não tinha certeza - e isso me assustava.
Eu não quis falar no assunto na noite passada, mas eu não tinha certeza se evitar falar no assunto seria pior.
Ele abriu minha porta pra mim.
"Como você se sente?"
"Perfeita", eu mentí, sentindo dor quando o som da porta batendo ecoou na minha cabeça.
Nós andamos em silêncio, ele diminuiu seu passo pra alcançar a velocidade do meu.
Haviam tantes perguntas que eu queria fazer, mas maioria das perguntas teria que esperar, porque elas eram pra Alice: Como estava Jasper essa manhã? O que eles disseram quando eu fui embora?
O que Rosalie disse?
E o mais importante, O que ela podia ver acontecendo nas suas estranhas e imperfeitas visões do futuro? Ela poderia adivinhar o que Edward estava pensando, porque ele estava tão estranho?
Qual era a razão dessa sensação tenaz, instintiva de medo que eu sentia, e que aparentemente não conseguia esquecer?
A manhã se passou devagar. Eu estava impaciente pra ver Alice, apesar de não poder realmente falar com ela se Edward estivesse lá.
Edward permaneceu indiferente.
Ocasionalmente ele me perguntava sobre o meu braço, e eu mentia.
Alice geralmente nos encontrava no almoço; ela não andava feito um bicho-preguiça como eu. Mas ela não estava na mesa, esperando com uma bandeja de comida que ela não ia comer.
Edward não disse nada sobre a ausência dela.
Eu perguntei a mim mesma se a aula dela teria acabado mais tarde- até que eu ví Conner e Ben, que tinham aula de Francês no quarto horário com ela.
"Onde está Alice?", eu perguntei ansiosamente pra Edward.
Ele olhou para a barra de granola que estava lentamente pulverizando entre os dedos enquanto respondia. "Ela está com

Jasper".
"Ele está bem?"
"Ele vai ficar fora por algum tempo".
"O que? Onde?"
Edward levantou os ombros. "Nenhum lugar em particular".
"E Alice também". Eu disse baixinho, desesperada. É claro que, se Jasper precisava, ela iria com ele.
"Sim. Ela vai ficar fora por algum tempo. Ela está convencendo ele a ir á Denali".
Denali era onde o outro bando de vampiros únicos - bons como os Cullen - vivia. Tanya e sua família. Eu ouvia falar neles de vez em quando. Edward foi ficar com eles no inverno passado quando a minha chegada deixou Forks difícil pra ele. Laurent, o membro mais civilizado do bando de James, preferiu ficar lá do que ajudar James a lutar contra os Cullen. Tinha sentido Alice encorajar Jasper a ir pra lá.
Eu engoli, tentando fazer o súbito nó na minha garganta desaparecer. A culpa fez minha cabeça se curvar e meus ombros caírem. Eu fiz eles fugirem de casa, assim como Rosalie e Emmett. Eu era uma praga.
"Seu braço está te incomodando?", ele perguntou solicitamente.
"Quem liga pro meu braço estúpido?", meu murmurei em desgosto.
Ele não respondeu e eu coloquei a minha cabeça na mesa.
No fim do dia, o silêncio já estava ficando ridículo. Eu não queria ser a pessoa a quebrá-lo, mas aparentemente essa era a minha única escolha se eu queria que ele falasse comigo de novo.
"Você vai aparecer hoje á noite?" Eu perguntei enquanto ele me acompanhava- silenciosamente- até a minha caminhonete. Ele sempre aparecia á noite.
"Mais tarde?"
Me agradou que ele tenha parecido surpreso. "Eu tenho que trabalhar. Eu troquei meu horário com a Sra Newton por ter faltado ontem".
"Oh", ele murmurou.
"Mas você vai vir mais tarde quando eu estiver em casa, certo?"
Eu odiava de repente não ter mais tanta certeza disso.
"Se você quer que eu vá".
"Eu sempre quero", eu lembrei ele, com talvez um pouco mais de intensidade do que a conversa requeria.
Eu esperei que ele fosse rir, ou sorrir, ou reagir de alguma forma ás minhas palavras.
"Tudo bem, então", ele disse indiferente.
Ele beijou minha testa de novo antes de fechar a porta pra mim. Então ele me deu as costas e foi andando graciosamente até o seu carro.
Eu conseguí sair do estacionamento antes do pânico realmente bater, mas eu já estava hiperventilando quando cheguei nos Newton.
Ele só precisava de tempo, eu disse pra mim mesma. Ele ia lidar com isso. Mas talvez ele estivesse tão triste porque a família dele estava

desaparecendo. Mas Alice e Jasper voltariam logo, e Rosalie e Emmett também. Se isso ajudasse, eu ficaria longe da grande casa branca perto do rio - eu nunca pisaria lá de novo. Não me importava. Eu ainda iria ver Alice na escola. E ela ia pra minha casa o tempo todo de novo. Ela não ia querer machucar os sentimentos de Charlie ficando longe.
Sem dúvida eu sempre iria esbarrar com Carlisle também - no pronto socorro.
Afinal, o que aconteceu ontem não foi nada.
Nada *aconteceu*. Então eu me sentí mal - era a história da minha vida. Comparado com o que aconteceu primavera passada, isso parecia especialmente sem importância. James me deixou quebrada e praticamente morta por perda de sangue - e ainda assim, Edward aguentou comigo as interminaveis semanas de hospital *muito* melhor que isso.
Será que era porque dessa vez não era de um inimigo que ele precisava me proteger? Porque era o irmão dele?
Talvez fosse melhor se ele me levasse embora, ao invés da família dele se separar. Eu fui ficando um pouco menos deprimida enquanto considerava tudo isso sem interrupções durante algum tempo.
Se ele fosse capaz de esperar até o término do ano escolar, Charlie não seria capaz de se opor. Nós iriamos embora para a faculdade, ou fingir que era isso que estávamos fazendo, como Rosalie e Emmett. Edward certamente podia esperar um ano. O que era um ano para um imortal? Isso não parecia muito nem pra mim.
Eu consegui me compor o suficiente pra sair da caminhonete e andar até a loja.
Eu ia substituir Mike Newton hoje, ele sorriu e acenou pra mim quando eu entrei. Eu peguei meu uniforme, balançando a cabeça vagamente na direção dele. Eu ainda estava imaginando os cenários prazerosos que consistiam em fugir com Edward para localidades exóticas.
Mike interrompeu minha fantasia. "Como foi seu aniversário?"
"Ugh", eu rosnei. "Eu estou feliz que acabou".
Mike olhou pra mim pelo canto dos olhos como se eu estivesse louca.
O trabalho foi uma droga. Eu queria ver Edward de novo, rezando pra que ele tivesse superado o pior, o que quer que isso fosse, até a hora que eu o encontraase.
Não é nada, eu disse pra mim mesma de novo e de novo. Tudo vai voltar ao normal.
O alivio que eu sentí quando virei na minha rua e ví o carro prateado de Edward enconstado na frente da minha casa, foi uma coisa dominante, precipitada. E me encomodou muito que eu tivesse que me sentir dessa forma.
Eu corri pra dentro, gritando antes que estivesse completamente dentro de casa.
"Pai? Edward?"
Enquanto eu falava, eu podia ouvir o distinto tema musical do ESPN

SportCenter vindo da sala de estar.
"Aqui", Charlie chamou.
Eu pendurei meu casaco no prendedor e corrí pelo corredor.
Edward estava na cadeira, meu pai no sofá. Ambos estavam com os olhos grudados na televisão. O foco era normal para o meu pai. Não muito pra Edward.
"Oi", eu disse fracamente.
"Oi, Bella", meu pai respondeu, seus olhos nem se mexeram. "Nós acabamos de comer pizza fria. Eu acho que ainda está na mesa".
"Ok".
Eu esperei na porta. Finalmente, Edward olhou pra mim com um sorriso educado. "Eu vou logo depois de você", ele prometeu. Seus olhos voltaram para a televisão.
Eu esperei por outro minuto, chocada. Nenhum dos dois pareceu reparar. Eu podia sentir alguma coisa, pânico talvez, crescendo no meu peito.
Eu escapei para a cozinha.
A pizza não me deixou nem um pouco interessada. Eu sentei na minha cadeira, levantei meus joelhos, e passei meus braços ao redor deles.
Alguma coisa estava muito errada, talvez mais do que eu pensava.
As vozes de papo e de brincadeira de homens continuavam vindo da televisão.
Eu tentei me controlar, ser razoável.
Qual é a pior coisa que pode acontecer?. Eu vacilei. Essa era definitivamente a pergunta errada pra fazer. Eu estava tendo dificuldade pra respirar direito.
Ok eu pensei de novo, Qual é pior coisa que eu posso viver? Eu também não gostei muito dessa pergunta.
Mas eu pensei nas possibilidades que havia considerado hoje.
Ficar longe da família de Edward. É claro, ele não esperaria que Alice se envolvesse nisso. Mas é claro, se Jasper estava fora dos limites, isso iria diminuir o tempo que eu teria com ela. Eu afirmei com a cabeça pra mim mesma- eu podia viver com isso.
Ou ir embora. Talvez ele não quisesse esperar até eu acabar o ano escolar, talvez tivesse que ser agora.
Na minha frente, os presentes que eu tinha ganhado de Charlie e Renée estavam onde eu os havia deixado, A camera que eu não tive a oportunidade de usar na casa dos Cullen estava ao lado do album.
Eu toquei na capa bonita do livro de recordações que minha mãe tinha me dado, e suspirei, pensando em Renée. De alguma forma, morar longe dela durante tanto tempo quanto eu morei, ainda não fazia a idéia de separação permanente ser mais fácil. E Charlie ficaria sozinho aqui, abandonado.
Ambos ficariam tão magoados.
Mas nós iriamos voltar, certo? Nós iriamos visitá-los, é claro, não iriamos?
Eu não podia ter certeza dessa resposta.

Eu encostei minha bochecha no meu joelho, olhando para as provas físicas do amor dos meus pais. Eu sabia que esse caminho que eu escolhí seria difícil. E, afinal, eu estava pensando na cena do pior que poderia acontecer- a pior coisa que eu poderia viver.
Eu toquei o livro de recordações de novo, abrindo a capa.
Pequenas placas de metal já estavam no lugar pra segurar a primeira foto. Não era uma idéia completamente ruim, colocar algumas recordações da minha vida aqui. De repente eu sentí uma estranha necessidade de começar. Talvez eu não tivesse mais muito tempo em Forks.
Eu brinquei com a correia de segurança da câmera, pensando na primeira foto que havia no filme. Seria possível que ela ficasse um pouco parecida com o original? Eu duvidava. Mas ele não pareceu ficar preocupado com a foto ficar manchada. Eu sorri comigo mesma, pensando na cargalhada livre que ele deu na noite passada. Meu sorriso morreu. Tantas coisas haviam mudado, e tão rapidamente. Isso me deixou um pouco tonta, Como se eu estivesse numa corda bamba, em algum precipício alto demais.
Eu não queria mais pensar nisso. Eu peguei minha câmera e subí as escadas.
Meu quarto não havia mudado muito desde os dezessete anos em que minha mãe esteve aqui. As paredes ainda eram azul claras, as mesmas cortinas amarelas com lacinhos balançavam na janela. Havia uma cama no lugar de um berço, mas ela reconheceria a colcha amassada em cima dela - ela tinha sido um presente da minha avó. Sem prestar atenção, eu batí uma foto do meu quarto. Não havia muito mais que eu pudesse fazer essa noite - estava escuro demais lá fora - e o sentimento estava ficando mais forte, era quase uma compulsão agora. Eu documentaria tudo em Forks antes de ter que ir embora.
A mudança estava se aproximando. Eu podia sentí-la. E não era uma coisa muito boa, não quando a vida estava perfeita do jeito como estava.
Eu usei algum tempo descendo as escadas, a câmera na mão, tentando ignorar as borboletas no meu estômago como se elas fossem a estranha distância que eu não queria ver nos olhos de Edward. Ele ia superar isso. Provavelmente ele estava com medo de que eu ficasse chateada quando ele me pedisse pra ir embora. Eu deixaria ele pensar nisso sem atrapalhá-lo. E eu estaria preparada quando ele me pedisse.
Eu já estava com a câmera preparada quando virei quando virei no canto da parede, tentando pregar um susto. Eu tinha certeza de que não tinha chance de pegar Edward de surpresa, mas ele não olhou pra cima. Eu senti um breve arrepio frio como gelo fazer meu estômago revirar; eu ignorei isso e tirei a foto.
Os dois olharam pra mim nessa hora. Charlie fez uma careta. O rosto de Edward estava vazio, sem expressão.
"O que você está fazendo, Bella?", Charlie reclamou.

"Oh, vamos lá", eu fingí sorrir enquanto me sentava no chão na frente do sofá onde Charlie estava. "Você sabe que a mamãe vai ligar em breve pra saber se eu estou usando os presentes. Eu tenho que começar a trabalhar antes que ela fique magoada comigo".
"Mas porque você está tirando fotos de mim?", ele reclamou.
"Porque você é muito lindo", eu respondí, continuando calma. "E porque, já que você me comprou a câmera, você tem a obrigação de estar no filme".
Ele murmurou alguma coisa que eu não entendí.
"Ei, Edward", eu disse com uma indiferença admirável. "Tire uma de mim e do meu pai juntos".
Eu joguei a câmera na direção dele, cautelosamente evitando seus olhos, e me ajoelhei ao lado do braço do sofá, onde a cabeça de Charlie estava. Charlie suspirou.
"Você precisa sorri, Bella", Edward murmurou.
Eu fiz o meu melhor, e o flash disparou.
"Me deixe tirar uma de vocês crianças", Charlie sugeriu. Eu sabia que ele só estava tentando sair da mira da câmera.
Edward se levantou e suavemente o passou a câmera.
Eu fui ficar ao lado de Edward, e a posição pareceu formal e estranho pra mim. Ele colocou uma mão levemente no meu ombro, e eu coloquei meu braço seguramente ao redor da cintura dele. Eu queria olhar para o rosto dele, mas estava com medo.
"Sorria, Bella", Charlie me lembrou de novo.
Eu respirei fundo e sorri. O flash me cegou.
"Chega de fotos por hoje", Charlie declarou, jogando a câmera embaixo de uma das almofadas do sofá e se deitando sobre ela. "Você não tem que usar o filme inteiro agora".
A mão de Edward caiu do meu ombro e passou casualmente pelo meu braço. Ele se sentou de novo na cadeira.
Eu hesitei, e então fui me sentar na frente do sofá de novo. De repente eu estava tão assustada que minhas mãos estavam tremendo. Eu as pressionei no meu estômago pra escondê-las, coloquei meu queixo nos joelhos e olhei para a tela de TV na minha frente, sem ver nada.
Quando o programa acabou, eu ainda não tinha me movido nem um centímetro. Pelo canto dos meus olhos, eu ví Edward se levantar.
"É melhor eu ir pra casa", ele disse.
Charlie nem desgrudou os olhos do comercial. "A gente se vê".
Eu me levantei de um jeito estranho - eu estava rígida por ter me sentado ereta - e seguí Edward até a porta da frente. Ele foi direto pra o carro.
"Você vai ficar?", eu perguntei, sem esperança na voz.
Eu esperei sua resposta, assim não doeu tanto.
"Não essa noite".
Eu não perguntei a razão.
Ele entrou no seu carro e foi embora enquanto eu ficava lá em pé, sem me mexer. Eu mal reparei que estava chovendo. Eu esperei, sem

saber o que estava esperando, até que a porta se abriu atrás de mim.
"Bella, o que você está fazendo?", Charlie perguntou, surpreso por me ver lá sozinha e pingando.
"Nada", eu me virei e caminhei pra dentro de casa.
Foi uma longa noite, sem muitas esperanças de descanso.
Eu me levantei assim que ví uma luzinha fraca pela minha janela. Eu me vestí para a escola mecanicamente, esperando as nuvens se clarearem. Quando eu terminei de comer uma tigela de cereal, eu decidí que já havia luz suficiente pra tirar umas fotos. Eu tirei uma da minha caminhonete, e então uma da frente da casa. Eu fiz a volta e tirei algumas da floresta perto da casa de Charlie. Engraçado que ela não era mais tão sinistra quanto costumava ser.
Eu me dei conta de que realmente sentiria falta de tudo isso- o verde, o tempo que parecia estar parado, o mistério dos bosques. Tudo.
Eu coloquei a câmera na minha mochila da escola antes de ir embora.
Eu tentei me concetrar mais no meu novo projeto do que no fato de que Edward parecia ainda não ter superado os seus problemas durante a noite.
Além do medo, eu comecei a sentir impaciêcia. Quanto tempo isso ia durar?
Só durou a manhã. Ele caminhou silenciosamente ao meu lado, nunca parecendo realmente olhar pra mim. Eu tentei me concentrar nas minhas aulas, mas nem mesmo a aula de Inglês conseguiu captar minha atenção. O Sr. Berty teve que repetir sua pergunta sobre a Sra. Capuleto duas vezes antes que eu me desse conta de que ele estava falando comigo. Edward sussurrou a resposta certa pra mim por baixo do fôlego, e então voltou a ignorar minha presença.
No almoço, o silêncio continuou. Eu sentia que ia começar a gritar a qualquer momento, então, pra me destrair, eu me inclinei por cima da linha invisível da mesa e falei com Jéssica.
"Ei, Jess?"
"Que foi, Bella?"
"Você pode me fazer um favor?", eu perguntei, pegando minha mochila.
"Minha mãe quer que eu tire umas fotos dos meus amigos pra o meu livro de recordações. Então, tire algumas fotos de todo mundo, tá certo?"
Eu passei a câmera pra ela.
"Claro", ela disse dando um sorriso largo, e se virou pra tirar uma foto de Mike no flagra com a boca cheia.
Uma foto previsível já havia sido tirada. Eu observei eles passando a câmera pela mesa, sorrindo e paquerando, e reclamando por estarem no filme. Isso me pareceu estranhamente infantil. Talvez eu não estivesse com o humor de uma humana normal hoje.
"Uh-oh", Jessica disse como se estivesse se desculpando enquanto me devolvia a câmera. "Eu acho que usamos o filme inteiro".
"Tudo bem. Eu acho que já tirei fotos de tudo que precisava".
Depois das aulas, Edward andou comigo até o estacionamento em

silêncio. Eu tinha que trabalhar de novo, e pela primeira vez, eu estava feliz.
Passar o tempo comigo obviamente não estava ajudando as coisas. Talvez passar algum tempo sozinho fosse melhor.
Eu deixei o filme na Thriftway á caminho dos Newton, e então peguei as fotos já reveladas depois do trabalho.
Em casa, eu dei um breve oi pra Charlie, peguei uma barra de granola na cozinha, e subí correndo pro meu quarto com o envelope de fotos embaixo do braço.
Eu sentei no meio da minha cama e abri o envelope com cautelosa curiosidade. Ridiculamente, eu ainda esperava que as fotos saíssem manchadas.
Quando eu puxei a foto, eu suspirei alto. Edward estava tão lindo quanto era na vida real, olhando pra mim na foto com os olhos cálidos dos quais eu sentí tanta falta nos dias que se passaram. Era quase um mistério que ele fosse tao... tão... acima de qualquer discrição.
Nem um milhão de palavras poderia se igualar a aquela foto.
Eu fui passando a pilhas de fotos rapidamente uma vez, e então separei três delas em cima da minha cama lado a lado.
A primeira era a foto de Edward na cozinha, seus olhos cálidos tocados por um breve ar divertido. A segunda era Edward e Charlie assistindo ESPN. A diferença na expressão de Edward era severa. Aqui seus olhos estavam cautelosos, reservados. Ainda lindo de tirar o fôlego, mas seu rosto estava mais frio, mais como uma escultura, menos vivo.
A última foto era a de Edward e eu estranhamente lado a lado. O rosto de Edward estava como na última, frio e como o de uma estátua.
Mas essa não era a parte mais perturbadora dessa fotografia.
O contraste entre nós dois era quase doloroso. Ele parecia um deus. Eu parecia muito comum, mesmo para uma humana, quase embaraçosamente normal. Eu coloquei a foto virada pra baixo, sentindo desgosto.
Ao invés de fazer meu dever de casa, eu fiquei colocando minhas fotos no meu album. Com uma caneta eu fiz legendas embaixo das fotos, os nomes e as datas. E peguei a foto de Edward e eu, e, sem olhar muito pra ela, eu a dobrei no meio e a enfiei no aparador de metal, com o lado de Edward pra cima.
Quando eu tinha terminado, eu peguei o restante das fotos, coloquei num envelope novo e as mandei para Renée com uma grande carta de agradecimento.
Edward ainda não tinha aparecido. Eu não queria admitir que ele era minha razão pra ir dormir tão tarde, mas é claro que era.
Eu tentei me lembrar da última vez que ficamos longe assim, sem uma desculpa, um telefonema... Ele nunca havia feito isso.
De novo, eu não dormí bem.
Na escola se seguiu o mesmo padrão silencioso, frustrante e

aterrorizante dos outros dois dias. Eu me sentia aliviada quando via Edward esperando por mim no estacionamento, mas o alívio ia embora rapidamente. Ele não estava diferente, A não ser talvez, um pouco mais remoto.
Era difícil até lembrar o motivo de toda essa bagunça. Meu aniversário já parecia um passado tão distante. Se ao menos Alice voltasse. Logo. Antes que isso saísse ainda mais de controle.
Mas eu não podia contar com isso. Eu decidí que se eu não pudesse falar com ele hoje, falar de verdade, então eu ia ver Carlisle amanhã. Eu tinha que fazer alguma coisa.
Depois da escola, eu ia falar sobre isso, eu prometí pra mim mesma. Eu não ia eceitar desculpas.
Ele me acompanhou até a caminhonete e eu me virei pra fazer minhas perguntas.
"Você se importa se eu aparecer hoje á noite?", ele perguntou antes de chagarmos na caminhonete, me deixando sem fôlego.
"É claro que não".
"Agora?", ele perguntou de novo, abrindo a porta pra mim.
"Claro", eu mantive minha voz uniforme, apesar de não gostar do tom de urgência na voz dele. "Eu só ia deixar uma carta no correio pra Renée no caminho. Eu te encontro lá".
Ele olhou para o envelope gordo no meu banco do passageiro. De repente, ele se inclinou por cima de mim pra pegá-lo.
"Eu vou fazer isso", ele disse baixinho. "E ainda vou chegar lá mais rápido que você". Ele sorriu o meu sorriso favorito, mas ele estava errado. Ele não tocou seus olhos.
"Ok", eu concordei, incapaz de sorrir. Ele fechou a porta, e caminhou até seu carro.
Ele chegou em casa antes de mim. Ele estava estacionado na vaga de Charlie quando eu parei na frente de casa. Isso era um mal sinal. Ele não pretendia ficar, então.
Eu balancei minha cabeça e respirei fundo, tentando acumular um pouco de coragem.
Ele saiu do carro quando eu saí da caminhonete, e veio me encontrar. Ele se inclinou pra pegar meu livro e minha mochila de mim. Isso era normal. Mas ele jogou tudo de volta no banco. Isso não era normal.
"Venha caminhar comigo", ele sugeriu numa voz sem emoção, pegando minha mão.
Eu não respondí. Eu não pude pensar em uma forma de protestar, mas eu instantaneamente sabia que era isso que eu queria. Eu não gostava disso.
Isso é ruim, isso é muito ruim, a voz na minha cabeça repetia de novo e de novo.
Mas ele não esperou uma resposta. Ele me levou pelo lado oeste do quintal, onde a floresta começava. Eu seguí sem querer, tentando apensar apesar do pânico. Era isso que eu queria, eu lembrei pra mim mesma. A chance de falar sobre isso. Então porque o pânico estava tomando conta de mim?

Nós havíamos apenas entrado alguns passos dentro das árvores quando ele parou. Nós mal haviamos chegado na trilha- eu ainda conseguia ver a casa.
Que caminhada.
Edward se inclinou em uma das árvores, olhando pra mim, sua expressão estava ilegível.
"Tudo bem, vamos conversar", eu disse. Isso soou mais corajoso do que eu me sentia.
Ele respirou fundo.
"Bella, nós estamos indo embora".
Eu respirei fundo também. Essa era uma opção aceitável. Eu pensei que estivesse preparada. Mas eu ainda tinha que perguntar.
"Porque agora? Outro ano-"
"Bella, está na hora. Quanto tempo mais poderíamos ficar em Forks, afinal? Carlisle mal pode fingir que tem trinta anos, a agora ele já está dizendo que tem trinta e três. Nós vamos ter que recomeçar tudo de novo em breve de qualquer jeito".
A resposta dele me confundiu. Eu pensei que o ponto de ir embora era deixar a família dele em paz. Porque nós tínhamos que ir se eles estavam indo embora? Eu encarei ele, tentando entender o que ele estava dizendo.
Ele encarou de volta friamente.
Com uma onde de náusea, eu percebí que não havia compreendido.
"Quando você diz *nós*-", eu sussurrei.
"Eu estou falando de minha família e de mim mesmo" Cada palavra era seperada e distinta.
Eu balancei minha cabeça pra frente e pra trás mecanicamente, tentando clareá-la. Ele esperou sem nenhum sinal de impaciêcia. Levaram alguns minutos até que eu conseguisse responder.
"Tudo bem", eu disse. "Eu vou com vocês".
"Você não pode, Bella. O lugar pra onde estamos indo... não é o lugar certo pra você".
"Onde você estiver é o lugar certo pra mim".
"Eu não sou bom pra você, Bella".
"Não seja ridículo", eu queria parecer com raiva, mas só pareceu que eu estava implorando. "Você é a melhor parte da minha vida".
"Meu mundo não é pra você", ele disse severamente.
"O que aconteceu com Jasper - aquilo não foi nada, Edward! Nada!"
"Você está certa", ele concordou. "Foi exatamente como o esperado".
"Você prometeu! Em Phoenix, você prometeu que ia ficar-"
"Enquanto isso fosse o melhor pra você", ele interrompeu pra me corrigir.
"*Não!* Isso é por causa da minha alma, não é?", eu gritei, furiosa, as palavras explodindo em mim - de alguma forma, isso pareceu uma súplica. "Carlisle me falou sobre isso, e eu não ligo, Edward. Eu não ligo! Você pode ficar com minha alma. Eu não quero ela sem você - ela já é sua!"
Ele respirou fundo e encarou, sem ver nada, o chão por um

momento. A boca dele se contorceu só um pouquinho. Quando ele finalmente olhou pra cima, seus olhos estavam diferentes, mais duros - como se o ouro líquido tivesse virado sólido.
"Bella, eu não quero que você venha comigo". Ele falou as palavras lentamente e precisamente, seus olhos frios no meu rosto, observando enquanto eu absorvia o que ele realmente queria dizer.
Houve uma pausa enquanto eu repetia as palavras na minha cabeça algumas vezes, analisando elas pra saber seu verdadeiro significado.
"Você... não... me quer?" Eu tentei as palavras, confusa pela forma como elas soavam, colocadas em ordem.
"Não".
Eu olhei, sem compreender, dentro dos olhos dele. Ele encarou de volta sem se arrepender.
Seus olhos eram como topázio - duros e claros e muito profundos. Eu sentí como se pudesse ver por dentro deles por milhas e milhas, e mesmo assim, ainda não conseguia alcançar o lugar onde encontraria a contradição de suas palavras.
"Bem, as coisas mudam". Eu fiquei surpresa por como a minha voz soava calma e razoável. Devia ser porque eu estava tão entorpecida. Eu não conseguia me dar conta do que ele estava me dizendo. Ainda não fazia nenhum sentido.
Ele olhou para longe para as árvores enquanto falou de novo.
"É claro que eu sempre amarei você... de certa forma. Mas o que aconteceu na noite passada me fez perceber que estava na hora de uma mudança. Porque eu estou... *cansado* de fingir ser uma pessoa que eu não sou, Bella. Eu não sou humano". Ele olhou de volta, e as formas geladas do seu rosto perfeito eram muito *não* humanas. "Eu deixei isso ir longe demais, eu lamento por isso".
"Não lamente", minha voz era só um sussurro agora; a consciencia estava começando a correr com ácido pelas minhas veias. "Não faça isso".
Ele só olhou pra mim, e pude ver pelos seus olhos que minhas palavras estavam atrasadas demais. Ele já tinha feito.
"Você não é boa pra mim, Bella", ele contornou sua palavras anteriores, então eu não tinha como argumentar. Eu sabia muito bem que não era boa pra ele.
Eu abri minha boca pra dizer alguma coisa, e então a fechei de novo. Ele esperou pacientemente, seu rosto totalmente limpo de emoção. Eu tentei de novo.
"Se... isso é o que você quer".
Ele acenou com a cabeça uma vez.
Meu corpo inteiro ficou entorpecido. Eu não conseguia sentir nada abaixo do pescoço.
"Eu gostaria de te pedir um favor, porém, se não for pedir demais", ele disse.
Eu imagino o que ele viu no meu rosto, porque alguma coisa passou pelo rosto dele em resposta. Mas antes que eu conseguisse identificar o que era, ele recompôs o rosto na mesma máscara serena de antes.

"Qualquer coisa", eu prometí, minha voz estava levemente mais forte.
Enquanto eu observava, seus olhos congelados se derreteram.
O dourado ficou líquido de novo, derretido, queimando os meus com uma intensidade dominante.
"Não faça nada perigoso ou estúpido", ele ordenou, não mais imparcial. "Você entendeu o que eu disse?"
Eu balancei a cabeça sem saída.
Seus olhos se esfriaram, a distância retornou. "Eu estou pensando em Charlie, é claro. Ele precisa de você. Tome conta de sí mesma - por ele".
Eu afirmei com a cabeça de novo. "Eu vou", eu sussurrei.
Ele pareceu relaxar só um pouco.
"E eu te farei uma promessa em retorno", ele disse. "Eu prometo que essa será a última vez que você vai me ver. Eu não vou voltar. Eu não vou te envolver em nada assim novamente. Você pode seguir a sua vida sem mais nenhuma interferência da minha parte. Será como se eu nem existisse".
Meus joelhos devem ter começado a tremer, porque de repente as árvores estavam crescendo. Eu podia ouvir o sangue pulsando mais rápido que o normal atrás das minhas orelhas. A voz dele soou muito distante.
Ele sorriu gentilmente. "Não se preocupe. Você é humana - sua memória é como uma peneira. O tempo curas as feridas para as pessoas da sua espécie".
"E as suas memórias?", eu perguntei. Parecia que havia algo enfiado na minha garganta, como se eu estivesse sufocando.
"Bem" - ele hesitou por um breve segundo - "Eu não vou esquecer. Mas a *minha* espécie... nós nos distraímos muito facilmente".
Ele sorriu; o sorriso era tranquilo e não tocou seus olhos.
Ele deu um passo se distanciando de mim. "Isso é tudo, eu suponho. Nós não vamos te incomodar de novo".
O plural me chamou a atenção. Isso me surpreendeu; eu pensei que era incapaz de me dar conta de alguma coisa.
"Alice não vai voltar", eu me dei conta. Eu não sei como ele me ouvir - as palavras não fizeram nenhum som - mas ele pareceu entender.
Ele balançou a cabeça lentamente, sempre olhando pro meu rosto.
"Não. Eles já foram todos embora. Eu fiquei pra trás pra te dizer adeus".
"Alice foi embora?" Minha voz estava vazia de descrença.
"Ela queria dizer adeus, mas eu convencí ela de que uma despedida limpa seria o melhor pra você".
Eu estava tonta; era difícil me concentrar. As palavras dele giravam na minha cabeça, e eu podia opuvir o médico que me atendeu em Phoenix, na primavera passada, enquanto ele me mostrava os exames de Raio-X *Você pode ver aqui que é uma fratura clara* os dedos deles percorriam a figura do meu osso fraturado.
Isso é bom. Significa que vai sarar mais facilmente, mais

rapidamente.
Eu tentei respirar normalmente. Eu tentei me concentrar, pra encontrar uma forma de sair desse pesadelo.
"Adeus, Bella", ele disse na mesma voz calma, pacífica.
"Espere", eu sufoquei depois das palavras, me inclinando pra ele, esperando que minhas pernas mortas pudessem me levar em frente.
Eu pensei que ele estava se inclinando pra mim também. Mas as mãos geladas dele agarraram minha cintura e se colaram nos meus lados. Ele se abaixou, e colou seus lábios muito rapidamente na minha testa pelo mais breve segundo.
Meus olhos se fecharam.
"Cuide-se", ele respirou, frio contra a minha pele.
Houve uma leve brisa sobrenatural. Meus olhos se abriram. As folhas das árvores menores tremiam com o vento gentil da sua passagem.
Ele havia ido embora.
Com as pernas tremendo, ignorando o fato de que minhas ações era inúteis, eu o seguí pela floresta. As evidências dos seus passos desapareceram instantaneamente.
Não haviam pegadas, as folhas estavam paradas de novo, mas eu seguí em frente sem pensar. Eu não conseguia pensar em mais nada. Se eu parasse de procurar por ele, estaria acabado.
Amor, vida, sentido... acabados.
Eu caminhei e caminhei. O tempo não fazia sentido enquanto eu me empurrava pelo solo grosso. Eram horas passando, mas também só segundos. Talvez parecesse que o tempo havia parado porque não importava o quanto eu continuasse seguindo em frente a floresta sempre parecia igual. Eu comecei a me preocupar em estar viajando em círculos, um círculo bem pequeno na verdade,mas eu continuava em frente.
Eu tropeçava muito, e, enquanto ia ficando mais e mais escuro, eu comecei a cair frequentemente também.
Finalmente, eu tropecei me alguma coisa - estava escuro agora, eu não tinha idéia do que segurou meu pé - e eu fiquei no chão. Eu rolei de lado, pra poder respirar, e me curvei no solo molhado.
Enquanto eu ficava lá, eu tinha aimpressão de que havia se passado mais tempo do que eu podia imaginar. Eu nem podia lembrar a quanto tempo a noite havia caído. Era sempre assim tão escuro aqui durante a noite? Certamente, como era a regra, alguns raios de lua atravessavam as nuvens, através das rachaduras nas copas das árvores, e vinha encontrar o chão.
Essa noite não. O céu estava completamente escuro. Talvez não houvesse luz da lau hoje - um eclipse lunar, uma lua nova.
Uma lua nova. Eu tremí, apesar de não estar frio.
Estava escuro durante muito tempo antes de eu os ouvir me chamando.
Alguém estava gritando meu nome. Eu estava muda, afundada no chão molhado ao meu redor, mas era definitivamente o meu nome. Eu não reconhecia a voz. Eu pensei em responder, mas eu estava

confusa, e eu levei um longo tempo até chegar a conclusão de que eu *devia* responder. Até aí, os gritos já haviam parado.
Algum tempo depois, a chuva me acordou. Eu não acho que realmente tenha caído no sono; eu só estava perdida num torpor sem pensar, me agarrando com todas as minhas forças na minha torpência que me mantinha sem ver aquilo que eu não queria saber.
A chuva me incomodou um pouco. Estava frio. Eu soltei meus braços das minhas pernas e os coloquei na frente do meu rosto.
Foi aí que eu ouví os chamados de novo. Estava mais longe dessa vez, e as vezes parecia que várias vozes estavam me chamando de uma só vez. Eu tentei respirar fundo. Eu me lembrei que tinha que responder, mas eu não achava que eles seriam capazes de me ouvir. Será que eu seria capaz de gritar alto o suficiente?
De repente houve outro som, surpreendentemente perto. Um tipo de rosnado, um som animal. Parecia grande. Eu me perguntei se deveria estar com medo.
Eu não estava com medo - só entorpecida. Eu não me importava. O rosnado foi embora.
A chuva continuou, e eu podia sentir a água se acumulando contra a minha bochecha. Eu estava tentando reunir as minhas forças pra mover a minha cabeça, quando ví a luz.
Primeiro era só um brilho fraco se refletindo nos arbustos á distância. Foi ficando mais e mais brilhante, iluminando um grande espaço, diferente de uma lanterna normal ou de um ponto de luz. A luz apareceu pelos arbustos mais próximos, e eu pude ver que era uma lanterna propana, mas isso foi tudo que eu conseguí ver- a claridade me cegou por um momento.
"Bella"
A voz era profunda e não era familiar, mas cheia de reconhecimento. Ele não estava me perguntando se era eu, ele estava testando o fato de que havia me encontrado.
Eu olhei pra cima - me pareceu impossivelmente alto - para o rosto escuro que agora eu podia ver em cima de mim. Eu estava vagamente cosciente de que o estranho só parecia ser tão alto porque minha cabeça ainda estava no chão.
"Você está ferida?"
Eu sabia que as palavras queriam dizer alguma coisa, mas eu só encarei, desnorteada. Como é que um significado poderia ter alguma importância agora?
"Bella, meu nome é Sam Uley".
O nome não me parecia familiar.
"Charlie me mandou pra procurar por você".
Charlie? Uma corda se partiu, e eu tentei prestar mais atenção ao que ele estava dizendo. Charlie me importava, já que nada mais importava.
Ele me estendeu uma mão. Eu olhei pra ela, sem ter muita certeza do que deveria fazer.
Seus olhos pretos me analisaram por um segundo, e então ele

levantou os ombros. Num movimento rápido e flexível, ele me levantou do chão e me colocou nos braços.
Eu fiquei lá, flácida, enquanto ele se movia rapidamente pela floresta molhada. Alguma parte de mim sabia que isso devia me aborrecer - ser carregada por um estranho. Mas não havia mais um motivo pra eu me aborrecer.
Não pareceu que muito tempo havia passado antes das luzes e da profundidade das vozes masculinas me chamando.
Sam Uley foi parando enquanto se aproximava da comoção.
"Eu estou com ela!", ele falou numa voz estrondosa.
Os ruídos pararam, e então recomeçaram com ainda mais intensidade. Um confuso redemoinho de rostos se movia sobre mim. A voz de Sam era a única que fazia sentido no meio do caos, talvez porque meu ouvido estava no peito dele.
"Não, eu não acho que ela esteja machucada", ele disse pra alguém. "Ela fica repetindo 'Ele foi embora'".
Eu estava dizendo isso alto? Eu mordí meu lábio.
"Bella, querida, você está bem?"
Essa era um voz que eu reconheceria em qualquer lugar - mesmo desnorteada, como eu estava agora, de preocupação.
"Charlie?", minha voz soou estranha e pequena.
"Eu estou aqui, meu bem".
Houve uma pequena passagem em baixo de mim, seguida pelo cheiro da jaqueta de couro de policial do meu pai. Charlie cambaleou com meu peso.
"Talvez eu devesse segurar ela", Sam Uley sugeriu.
"Eu aguento ela", Charlie disse, um pouco sem fôlego.
Ele caminhou devagar, lutando. Eu queria poder dizê-lo pra me colocar no chão e me deixar caminhar,mas eu não conseguia encontrar minha voz.
Haviam lanternas em todos os lugares, seguradas pela multidão ao nosso redor. Parecia que eu estava num desfile. Ou uma processão de funeral. Eu fechei meus olhos.
"Já estamos quase em casa agora, querida", Charlie murmurava de vez em quando.
Eu abrí meus olhos de novo quando ouví a porta sendo destrancada. Nós estávamos na varanda da casa, e o homem alto e escuro chamado Sam estava segurando a porta pra Charlie, um dos braços estendido em nossa direção, como se ele estivesse preparado pra me pegar quando os braços de Charlie falhassem.
Mas Charlie conseguiu me passar pela porta e me colocar no sofá da sala de estar.
"Pai, eu tô toda molhada", eu reclamei febriamente.
"Isso não importa" a voz dele estava áspera. E então ele começou a falar com outra pessoa. "Os lençóis estão no armário no topo das escadas".
"Bella?", uma nova voz chamou.

Eu olhei para o homem de cabelo cinza, e o reconhecimento só veio depois de alguns segundos.
"Dr. Gerandy?", eu murmurei.
"É isso mesmo, querida", ele disse. "Você está machucada, Bella?"
Eu levei algum tempo pra pensar nisso. Eu estava confusa pela memória da pergunta parecida que Sam Uley havia me feito na floresta. Só que Sam Uley perguntou outra coisa: *Você foi ferida?* ele havia dito. A diferença parecia mais significante agora.
O Dr. Gerandy estava esperando. Uma sobrancelha grisalha erguida, e as pregas da testa dele ficaram mais profundas.
"Eu não estou machucada", eu mentí. As palavras eram verdadeiras o suficiente para o que ele havia perguntado.
A mão quentinha dele tocou minha testa, e os dedos dele pressionaram a parte de dentro do meu pulso. Eu observei os lábios dele enquanto ele contava pra sí mesmo, os olhos no relógio.
"O que aconteceu com você?", ele perguntou casualmente.
Eu congelei embaixo da mão dele, sentindo o gosto do pânico no fundo da minha garganta.
"Você se perdeu na floresta?", ele tentou. Eu estava consciente de que várias pessoas estavam ouvindo. Três homens altos com rostos escuros - de La Push, da reserva indígena de Quileute que fica na costa, eu imaginei - Sam Uley entre eles, estavam muito próximos uns dos outros e olhando pra mim. O Sr. Newton estava lá com Mike e o Sr. Weber, o pai de Angela; eles estavam todos me olhando com mais suspeitas do que os estranhos. Outras estranhas vozes profundas vinham da cozinha e do lado de fora da porta. A metade da cidade devia estar lá olhando pra mim.
Charlie era o que estava mais próximo. Ele se inclinou pra ouvir minha resposta.
"Sim", eu sussurrei. "Eu me perdí".
O médico afirmou com a cabeça, pensativo, seus dedos apertando gentilmente as glândulas embaixo da minha mandíbula. O rosto de Charlie endureceu.
"Você se sente cansada?" Dr. Gerandy perguntou.
Eu afirmei com a cabeça e fechei meus olhos obedientemente.
"Eu não acho que haja nada errado com ela", eu ouví o doutor dizer pra Charlie depois de um momento.
"Só exaustão. Deixe ela dormir, e eu vou vir checar ela amanhã". ele pausou. Ele deve ter olhado para o relógio, porque depois ele acrescentou, "Bem, mais tarde, hoje, na verdade".
Houve um som de que alguma coisa estava se quebrando enquanto os dois se levantavam do lado do sofá e ficavam de pé.
"É verdade?", Charlie murmurou. As vozes deles estavam longe agora. Eu me esforcei para ouvir. "Eles foram embora?"
"O Dr. Cullen nos pediu pra não dizer nada", Dr. Gerandy respondeu. "A oferta foi muito repentina; eles tiveram que escolher imediatamente. Carlisle não queria que sua partida se transformasse numa grande produção".

"Um pequeno aviso teria sido bom", Charlie grunhiu.
O Dr. Gerandy pareceu desconfortável quando respondeu. "Sim, bem , nessa situação algum aviso podia ter sido de serventia".
Eu não queria mais ouvir. Eu agarrei a borda de uma colcha que alguém havia jogado por cima de mim e a coloquei por cima do meu ouvido.
Eu me joguei na correnteza e saí de alerta. Eu ouví Charlie sussurrar um obrigado para os volutários enquanto, um por um, eles iam embora.
Eu sentí os dedos dele na minha testa, e então, o peso de outro lençol. O telefone tocou algumas vezes, e ele corria pra atendê-lo antes que ele me acordasse. Ele murmurava palavras tranquilizadoras numa voz baixa pra os que ligavam.
"É, nós a encontramos. Ela está bem. Ela se perdeu. Ela está bem agora", ele dizia de novo e de novo.
Eu ouvia o barulho da cadeira quando ele se sentava nela pra passar a noite.
Alguns minutos depois, o telefone tocou de novo.
Charlie gemeu enquanto lutava pra ficar de pé, e então correu, tropeçando, até a cozinha. Eu coloquei minha cabeça ainda mais fundo nas cobertas, sem querer ouvir a mesma conversa de novo.
"Sim", Charlie disse e bocejou.
A voz dele mudou, ela estava muito mais alerta quando ele falou de novo. "Onde?" Houve uma pausa. "Você tem certeza que foi fora da reserva?" Outra breve pausa. "Mas o que poderia estar queimando *lá*?" Ele parecia tanto preocupado quanto confuso.
"Olha, eu vou ligar pra lá e vou checar isso".
Eu ouví com mais interesse enquanto ele discava o número.
"Ei, Billy, é Charlie - me desculpe por estar ligando tão cedo... não, ela está bem. Ela está dormindo... obrigado, mas não foi por isso que eu liguei. Eu acabei de receber uma ligação da Sra. Stanley, e ela disse que da janela do segundo andar ela vê fogo perto dos penhascos na praia, mas eu não... Oh" De repente havia uma ponta na sua voz- irritação... ou raiva. "E porque eles estão fazendo isso? Uh huh. Mesmo?" Ele disse sarcasticamente.
"Bem, não se desculpe *comigo*. É, é. Só se certifique de que as chamas não se espalhem... Eu sei, eu sei, eu estou surpreso que eles tenham conseguido acendê-las com esse clima".
Charlie hesitou, e então acrescentou rancoroso.
"Obrigado por ter mandado Sam e os outros rapazes. Você estava certo - eles conheciam a floresta melhor que nós. Foi Sam que a encontrou, então eu te devo uma... É, eu vou falar com você depois", ele concordou, ainda azedo, antes de desligar.
Charlie murmurou alguma coisa incompreensível enquanto voltava para a sala.
"O que há de errado?", eu perguntei.
Ele correu pro meu lado.
"Me desculpe se eu te acordei, querida".

"Tem alguma coisa queimando?"
"Não é nada", ele me assegurou. "Só algumas fogueiras nos penhascos".
"Fogueiras?" eu perguntei. Minha voz não soou curiosa. Ela parecia morta.
Charlie fez uma careta. "Algumas crianças da reserva fazendo desordem", ele explicou.
"Porque?"
Dava pra notar que ele não queria responder. Ele olhou pra o chão embaixo dos joelhos dele. "Eles estão celebrando as novidades". O tom dele estava amargo.
Só havia uma novidade na qual eu podia pensar, mesmo tentando não o fazer. E as peças se encaixaram. "Porque os Cullen foram embora", eu sussurrei. "Eles não gostam dos Cullen em La Push - eu tinha esquecido disso".
Os Quileute tinham suas superstições sobre "Os frios", os bebedores de sangue que eram inimigos da tribo deles, assim como eles tinham as lendas do grande dilúvio e a dos homens-lobos.
A maioria delas eram só histórias, folclore. E então haviam os poucos que acreditavam. O bom amigo de Charlie, Billy Black acreditava nelas, apesar de até Jacob, seu único filho, achar que ele era cheio de superstições bobas. Billy havia me avisado pra ficar longe dos Cullen...
O nome causava alguma coisa dentro de mim, alguma coisa que começou a cavar seu caminho de volta para a superfície, alguma coisa que eu sabia que não queria encarar.
"Isso é ridículo", Charlie falou.
Nós sentamos em silêncio por algum tempo. O céu já não estava mais escuro lá fora. Em algum lugar por trás da chuva, o sol estava começando a nascer.
"Bella?", Charlie perguntou.
Eu olhei pra ele intranquila.
"Ele te deixou sozinha na floresta?" Charlie adivinhou.
Eu ignorei a pergunta dele. "Como você sabia onde me encontrar?" minha mente criou um escudo contra a inevitável consciência que já estava se aproximando, vindo rápida agora.
"O seu bilhete", Charlie respondeu, surpreso. Ele procurou no bolso de trás de sua calça e puxou um papel muito amassado. Ele estava sujo e úmido, com múltiplas dobras por ter sido aberto e redobrado muitas vezes. Ele o desdobrou de novo, e o segurou como prova. A escrita bagunçada era incrivelmente parecida com a minha.

*Saíndo numa caminhada com Edward, lá na trilha,*ele dizia.
Volto logo, B.

"Quando você não voltou, eu liguei para os Cullen, e ninguém atendeu", Charlie disse numa voz baixa. "Então eu liguei para o hospital, e o Dr. Gerandy me disse que Carlisle havia ido embora".

"Pra onde eles foram?", eu murmurei.
Ele me encarou. "Edward não te disse?"
Eu balancei minha cabeça, recuando. O som do nome dele libertou a coisa que estava me rasgando por dentro - uma dor que me deixou sem fôlego, me deixando aturdida com a sua força.
Charlie me olhou duvidosamente enquanto respondia.
"Carlisle aceitou um emprego num grande hospital em Los Angeles. Eu acho que eles o ofereceram um monte de dinheiro".
A ensolarada Los Angeles. O último lugar pra onde eles realmente iriam.
Eu me lembrei do pesadelo com o espelho... o brilho do sol cintilando na pele dele -
A agonia se apertou a mim junto ás memórias do rosto dele.
"Eu quero saber se Edward te deixou lá sozinha no meio da floresta". Charlie insistiu.
O nome dele mandou outra onda de tortura pelo meu corpo. Eu balancei minha cabeça, freneticamente, desesperada pra escapar da dor. "Foi culpa minha. Ele me deixou bem aqui na trilha, na frente de casa... mas eu tentei seguir ele".
Charlie começou a dizer alguma coisa; infantilmente, eu cobri meus ouvidos. "Eu não quero mais falar nisso, pai. Eu quero ir pro meu quarto."
Antes que ele pudesse responder, eu me levantei desajeitadamente do sofá e me lancei escada acima.
Alguém havia estado em casa pra deixar o bilhete pra Charlie, um bilhete que o ajudaria a me encontrar. No momento que eu me dei conta disso, uma terrível suspeita começou a crescer na minha cabeça. Eu corrí para o meu quarto, batendo e trancando a porta atrás de mim antes de correr para o Cd Player ao lado da minha cama.
Tudo parecia exatamente igual ao que eu havia deixado. Eu pressionei o topo do Cd Player. O trinco se desprendeu, e a tampa foi se abrindo lentamente.
Estava vazio.
O album que Renée havia me dado estava no chão ao lado da cama, exatamente onde eu o havia colocado da última vez. Eu levantei a capa com uma mão tremendo.
Eu não tive que ir além da primeira página. O pequeno gancho de metal ja não prendia mais nenhuma foto. A página estava vazia, a não ser pela minha própria escrita rabiscada embaixo:*Edward Cullen, Cozinha de Charlie, 13 de Setembro.*

Eu parei aí. Eu tinha certeza de que ele havia sido bastante competente.
Será como se eu nunca tivesse existido.
Eu sentí o chão de madeira suave embaixo dos meus joelhos, e então as palmas das minhas mãos, e então ele estava pressionado na pele

da minha bochecha. Eu esperava estar desmaiando, mas, pro meu desapontamento, eu não perdí a consciência.
As ondas de dor que até agora só haviam tocado em mim agora ficavam mais altas e passavam pela minha cabeça, me afogando.

Eu não emergí.

Outubro

_____
_____

Novembro

_____
_____

Dezembro

_____
_____

Janeiro

_____
_____

4. Acordando

O tempo passa. Mesmo quando isso parece impossível. Mesmo quando cada tique do relógio faz sua cabeça doer como se fosse um fluxo de sangue passando por uma ferida.
Ele passa desigual, em estranhos solavancos e levando a calmaria embora, mas ele passa. Mesmo pra mim.
O pulso de Charlie bateu na mesa.
"É isso, Bella! Eu vou te mandar pra casa".
Eu olhei pra cima desviando meus olhos do cereal, que eu estava mais cutucando do que comendo, e olhei pra Charlie chocada.
Eu não estava acompanhando a conversa - na verdade eu nem tinha reparado que eestávamos tendo uma conversa - e eu não tinha certeza do que ele queria dizer.
"Eu *estou* em casa", eu murmurei, confusa.
"Eu vou te mandar pra Renée, pra Jacksonville", ele esclareceu.
Charlie observou exasperado enquanto eu lentamente me dava conta do sentido das suas palavras.
"O que foi que eu fiz?", eu sentí meu rosto se amassar. Isso era tão injusto. Meu comportamento esteve acima de qualquer reprimenda nesses últimos quatro meses. Depois daquela primeira semana, que nenhum de nós mencionou, eu não perdí nem um dia de aula ou de trabalho. Minhas notas estavam perfeitas. Eu nunca desrespeitei o toque de recolher - eu nunca ia pra lugar nenhum pra quebrar o toque de recolher em primeiro lugar. Eu muito raramente servia sobras.
Charlie fez uma carranca.
"Você não *fez* nada. Esse é o problema. Você nunca faz nada".
"Você quer que eu me envolva em problemas?" Eu me perguntei, minhas sobrancelhas ficando juntas de mistificação. Eu fiz um esforço pra prestar atenção. Não era fácil. Eu estava tão acostumada a desligar as coisas, meus ouvidos estavam desacostumados.
"Problema seria melhor do que isso... essa amorfinação o tempo inteiro!"
Isso me deixou com um pouco de remorso. Eu fui tão cuidadosa pra evitar de todas as formas parecer sombria, morfinação incluído.
"Eu não estou amorfinada".
"Palavra errada", ele concedeu mal humorado. "Amorfinação seria melhor - isso seria fazer *alguma coisa*. Você só está... sem vida, Bella".
"Eu acho que essa é a palavra que eu quero".
Essa acusação fez a ficha cair. Eu suspirei e tentei colocar alguma animação na minha resposta.
"Me desculpe, pai" Minhas desculpas pareceram um pouco vazias, até pra mim. Eu pensei que estivesse enganando ele. Manter Charlie longe do sofrimento era o único motivo pra todo esse esforço. Que

deprimente pensar que todo o esforço foi em vão.
"Eu não quero que você se desculpe".
Eu suspirei. "Então me diga o que você quer que eu faça".
"Bella", ele hesitou, observando a minha reação ás suas próximas palavras. "Querida, você não é a primeira pessoa que passa por esse tipo de coisa, sabe".
"Eu sei disso" A careta que se seguiu as minhas palavras foi flácida e sem impressão.
"Escute, querida. Eu acho que - talvez você precise de ajuda"
"Ajuda?"
Ele pausou, procurando pelas palavras de novo. "Quando sua mãe foi embora", ele começou, fazendo uma careta, "e levou você com ela". Ele inalou profundamente, "Bem, foi um momento muito ruim pra mim".
"Eu sei, pai", eu murmurei.
"Mas eu lidei com isso", ele apontou. "Querida, você não está lidando com isso. Eu esperei, eu tinha esperanças de que você fosse melhorar". Ele olhou pra mim e eu olhei pra baixo rapidamente. "Eu acho que nós dois sabemos que isso não está melhorando".
"Eu estou bem".
Ele me ignorou. "Talvez, bem, se você falasse com alguém sobre isso. Um profissional".
"Você quer que eu veja um terapeuta?" Minha voz ficou mais afiada enquanto eu me dava conta de onde ele estava querendo chegar.
"Talvez isso ajudasse".
"E talvez isso não ajudasse nem um pouquinho."
Eu não sabia muito sobre psicoanálises, mas eu sabia que não iria funcionar a menos que o assunto fosse relativamente honesto. Claro, eu podia contar a verdade- se quisesse passar o resto da minha vida numa cela acolchoada.
Ele examinou minha expressão obstinada, e mudou para outra linha de ataque.
"Isso está além de mim, Bella. Talvez sua mãe -"
"Olha", eu disse com uma voz plana. "Eu vou sair essa noite, se você quer. Eu ligo pra Jess ou pra Angela".
"Não é isso que eu quero", ele discutiu, frustrado. "Eu não acho que conseguirei vendo você tentar ainda *mais*. Doi só de olhar".
Eu fingí ser densa, olhando pra baixo pra mesa.
"Eu não entendo, pai. Primeiro você fica bravo porque eu não estou fazendo nada, e então você diz que não quer que eu saia".
"Eu só quero que você seja feliz - não, nem isso tudo. Eu só não quero que você esteja triste. Eu acho que você terá uma chance melhor se sair de Forks".
Meus olhos se lançaram pra cima com uma pequena centelha de sentimento que eu não teria muito tempo pra pensar.
"Eu não vou embora", eu disse.
"Porque não?", ele quis saber.
"Eu estou no último semestre da escola - isso ia estragar tudo".

"Você é uma boa aluna - você dá um jeito".
"Eu não quero aglomerar mamãe e Phil"
"Sua mãe está morrendo pra você voltar".
"A Flórida é quente demais".
O punho dele bateu na mesa de novo. "Nós dois sabemos o que está acontecendo aqui, Bella, e isso não é bom pra você". Ele respirou fundo. "Já se passaram meses. Nada de ligações, nada de cartas, nenhum contato. Você não pode continuar esperando por ele".
Eu olhei pra ele. O calor quase, mas não completamente, alcançou meu rosto. Já fazia muito tempo que eu não corava com nenhuma emoção.
Esse assunto todo era completamente proibido, e ele sabia muito bem.
"Eu não estou esperando nada. Eu não espero nada". Eu disse num tom baixo e uniforme.
"Bella -", Charlie começou, com a voz grossa.
"Eu tenho que ir para a escola", eu interrompí, me levantando e puxando o meu café da manhã intocado da mesa. Eu joguei minha tigela na pia sem parar pra lavá-la. Eu não podia mais lidar com essa conversa.
"Eu farei planos com Jéssica", eu falei por cima do ombro enquanto pegava minha mochila da escola, sem olhar pros olhos dele. "Talvez eu não volte pra casa pra o jantar. Nós iremos pra Port Angeles e assistiremos um filme".
Eu já tinha saído pela porta da frente antes que ele pudesse reagir. Na minha pressa de fugir de Charlie, eu acabei sendo uma das primeirar a chegar na escola. O lado bom disso é que eu encontrei uma vaga muito boa no estacionamento. O lado ruim era que eu tinha muito tempo livre nas mãos, e eu tentava evitar ter tempo livre a qualquer custo.
Rapidamente, antes que eu pudesse pensar nas acusações de Charlie, eu puxei meu livro de Calculo. Eu o abrí na seção que deveríamos estar começando hoje, e tentei entender alguma coisa. Ler matemática era ainda pior do que ouvir, mas eu estava ficando melhor nisso. Nós últimos meses, eu gastei dez vezes mais tempo com Cálculo do que eu já havia gastado com Matemática em toda a minha vida. Como resultado, eu estava conseguindo manter um alto 10. Eu sabia que o Sr. Varner sentia que a minha melhora provinha dos seus métodos superiores de ensino. E se isso fazia ele se sentir feliz, eu não ia estourar a bola dele.
Eu continuei entretida nisso até que o estacionamento já estava lotado, e eu acabei tendo que me apressar para a aula de Inglês. Nós estávamos trabalhando com *Animais de fazenda*, um assunto muito fácil. Eu não me importava com o comunismo; e foi uma mudança bem vinda de todos aqueles romances exautivos que ficavam bem no currículo. Eu sentei no meu lugar, feliz pela distração do Sr. Berty em sua dissertação.
O tempo se movia facilmente quando eu estava na escola. O sino

sempre tocava cedo demais. Eu comecei a arrumar minha bolsa.
"Bella?", eu reconhecí a voz de Mike, e já sabia quais seriam as suas palavras antes que ele as disesse.
"Você vai trabalhar amanhã?"
Eu olhei pra cima. Ele estava se inclinando na fila de cadeiras com uma expressão ansiosa. Toda sexta feira ele me fazia a mesma pergunta. Não importava que eu nunca tivesse tirado um dia de folga. Bem, com uma excessão, há meses atrás. Mas ele não tinha nenhum motivo pra olhar pra mim com tanta preocupação. Eu era uma empregada modelo.
"Amanhã é Sábado, não é?", eu disse.
Tendo acabado de ser apontada por Charlie por causa disso, eu me dei conta do quanto a minha voz realmente parecia sem vida.
"É, é sim", ele concordou. "Te vejo na aula de Espanhol". Ele acenou uma vez antes de virar as costas. Ele não se incomodava mais em me acompanhar ás aulas.
Eu agarrei o livro de Cálculo com uma expressão severa. Essa era a aula em que eu me sentava perto de Jéssica.
Já faziam semanas, talvez meses, desde que Jéssica seguer me cumprimentou no corredor. Eu sabia que havia a ofendido com o meu comportamento antisocial, e ela estava amuada. Não ia ser fácil falar com ela agora - especialmente pedir pra ela me fazer um favor.
Eu pesei minhas opções cuidadosamente enquanto eu vadiava saindo da sala, me demorando.
Eu não ia enfrentar Charlie de novo sem algum tipo de relatório interativo da minha vida social. Eu sabia que não podia mentir, apesar do pensamento de ir e voltar de Port Angeles dirigindo sozinha - só pra ter certeza que o hodômetro refletia a minha milhagem no caso de ele checar - era muito tentador. A mãe de Jéssica era a maior fofoqueira da cidade, e Charlie era capaz de correr até a Sra. Stanley mais cedo ou mais tarde. Mentir não era uma opção.
Com um suspiro, eu abrí a porta.
O Sr. Varner me deu um olhar negro - ele já havia começado a aula. Eu corrí pro meu lugar. Jéssica não olhou pra cima quando eu sentei ao lado dela. Eu estava feliz por ter cinquenta minutos pra me preparar mentalmente.
Essa aula voou ainda mais rápido que Inglês. Uma pequena parte dessa velocidade se devia a minha ótima preparação essa manhã na caminhonete - mas a maior parte se devia ao fato de que o tempo sempre corria mais rápido pra mim quando ia acontecer alguma coisa ruim.
Eu fiz uma careta quando o Sr. Varner dispensou a classe cinco minutos antes. Ele sorriu como se estivesse sendo bonzinho.
"Jess?", meu nariz se torceu enquanto eu bajulava, esperando que ela se virasse pra mim.
Ela se virou na cadeira pra me encarar, me olhando incrédulamente.
"Você está falando *comigo*, Bella?"

"É claro", eu abri meus olhos pra sugerir inocência.
"O que? Você precisa de ajuda com Cálculo?" O tom dela era um pouco ácido.
"Não", eu balancei minha cabeça. "Na verdade, eu queria saber se você... poderia vir ao cinema comigo hoje á noite? Eu preciso muito de uma noite só pra garotas". As palavras pareceram rígidas, como frases mal feitas, ela pareceu suspeitar.
"Porque você está pedindo pra *mim*?" Ela perguntou, ainda não amigável.
"Você é a primeira pessoa em quem eu penso quando eu quero um momento de garotas". Eu sorrí. Eu esperava que o sorriso parecesse genuíno. Isso provavelmente era verdade. Pelo menos ela foi a primeira pessoa em quem eu pensei quando quis evitar Charlie. Isso era a mesma coisa.
Ela pareceu amolecer. "Bem, eu não sei".
"Você tem planos?"
"Não... eu acho que posso ir com você. O que você quer assistir?"
"Eu não tenho certeza do que está passando", eu cerquei. Essa era a pegadinha. Eu procurei no meu cérebro por uma idéia - eu não tinha ouvido alguém falar de um filme recentemente? Visto um cartaz?
"Que tal aquele da presidenta?"
Ela me olhou estranha. "Bella, esse já saiu do cinema há um *tempão*"
"Oh", eu fiz uma carranca. "Tem alguma coisa que você gostaria de ver?"
A tagarelice natural de Jéssica começou a vazar a despeito de sí mesma enquanto ela falava em voz alta.
"Bem, tem essa nova comédia romântica que está recebendo ótimas críticas. Eu quero ver esse. E o meu pai viu *Dead End* e gostou muito".
Eu fiquei sem fôlego pelo título promissor. "Sobre o que esse fala?"
"Zumbís ou alguma coisa assim". Eu prefería lidar com zumbís de verdade a ter que assistir um romance.
"Ok", ela pareceu surpresa pela minha resposta. Eu tentei me lembrar se gostava de filmes de terror, mas eu não tinha certeza.
"Você quer que eu vá te pegar depois da escola?", ela se ofereceu.
"Claro".
Jéssica sorriu pra mim tentadoramente amigável antes de ir embora. Meu sorriso de resposta foi um pouco atrasado, mas eu acho que ela viu.
O resto do dia passou rapidamente, meus pensamentos estavam focados nos planos pra hoje á noite. Eu sabia por experiência que assim que eu conseguisse fazer Jéssica começar a falar, eu seria capaz de escapar com umas respostas murmuradas nos momentos apropriados. Somente a mínima reação seria requerida.
A grossa neblina que tomava conta dos meus dias agora me deixava confusa ás vezes. Eu me surpreendí ao me ver em meu quarto, sem me lembrar claramente da viagem pra casa da escola ou de abrir a porta da frente. Mas isso não importava. Perder a noção do tempo

era o máximo que eu podia pedir da vida.
Eu não lutei contra a neblina quando me virei pra o meu armário. O entorpecimento era mais ecenssial em uns lugares do que em outros. Eu mal registrava o que estava procurando enquanto eu deslizei a porta para o lado para revelar a pilha de lixo do outro lado do meu armário, embaixo das roupas que eu nunca usava.
Meus olhos não se aproximaram do saco de lixo preto onde eu guardava os meus presentes do último aniversário, não viram o formato do som onde ele ficava ao lado da sacola preta; eu não quis pensar na bagunça que minhas unhas haviam ficado quando eu terminei de arrancá-lo do painél do carro.
Eu arranquei a bolsa que eu raramente usava do cabide onde ela ficava pendurada, e fechei a porta.
Nessa hora eu ouví a buzina. Eu rapidamente troquei a carteira da bolsa da escola para a bolsa. Eu estava com pressa, como se a pressa fosse de alguma forma fazer a noite passar mais rápido.
Eu olhei pra mim mesma no espelho do corredor antes de abrir a porta, arranjando meu rosto cuidadosamente com um sorriso e tentando segurar ele lá.
"Obrigada por vir comigo essa noite", eu disse á Jees quando escorreguei no banco do passageiro, tentando infundir meu tom de gratidão. Já fazia algum tempo que eu não pensava no que dizer a alguem que não fosse Charlie. Jess era mais difícil. Eu não tinha certeza de quais emoções fingir.
"Claro. Então, o que causou isso?", Jess quis saber enquanto dirigia na minha rua.
"Causou o que?"
"O que de repente fez você decidir... sair?" Parecia que ela tinha mudado a pergunta bem no meio.
Eu levantei os ombros. "Eu só precisava de uma mudança".
Eu reconhecí a música no rádio, e rápidamente alcancei o botão pra mudá-la. "Você se importa?", eu perguntei.
"Não, vá em frente".
Eu procurei pelas estações até encontrar uma que não oferecia perigo. Eu dei uma espiada na expressão de Jess enquanto a música enchia o carro.
Os olhos dela se esbugalharam. "Desde quando você escuta rap?"
"Eu não sei", eu disse. "Tem um tempo".
"Você gosta disso?", ela perguntou duvidosamente.
"Claro".
Ia ser muito mais difícil interagir com Jéssica se eu tivesse que trabalhar com os tons das músicas também. Eu balancei a cabeça, esperando que estivesse de acordo com o ritmo da música.
"Ok...", ela olhou pelo parabrisa com olhos esbugalhados.
"Então o que é que tá acontecendo entre você e Mike esses dias?" eu perguntei rapidamente.
"Você vê ele mais do que eu".
Essa pergunta não a fez começar a falar como eu esperava.

"É difícil conversar no trabalho" eu murmurei, e então tentei de novo. "Você tem saído com alguém ultimamente?"
"Na verdade não. Eu saio com Conner de vez em quando. Eu saí com Eric a duas semanas atrás", ela revirou os olhos, e eu pressentí uma longa história. Eu me agarrei á oportunidade.
"Eric *Yorkie?*"
"Quem convidou quem?"
Ela gemeu, ficando mais animada. "Foi ele, é claro! Eu não pensei numa maneira gentil de dizer não".
"Onde ele te levou?" eu quis saber, sabendo que ela ia interpretar a minha ansiosidade como interesse. "Me conte tudo"
Ela se lançou na história, e eu me arrumei no meu banco, mais confortável agora. Eu prestei muita atenção, murmurando com simpatia e ofegando de horror quando a situação pedia. Quando ela acabou com a história de Eric, ela continuou fazendo uma comparação de com Conner sem nenhum pudor.
O filme havia começado mais cedo, então Jess achou que sairíamos perto do crepúsculo e podíamos comer depois.
Eu estava feliz de me juntar a qualquer coisa que ela quisesse; afinal, eu estava conseguindo tudo o que eu queria - tirar Charlie da minha cola.
Eu mantive Jess falando nos trailers, assim eu pude ignorar eles mais facilmente. Mas eu fiquei nervosa quando o filme começou. Um jovem casal estava andando na praia, balançando as mãos e discutindo sua afeção mutual numa falsidade boba. Eu resistí a vontade de cobrir meus ouvidos e começar a cantarolar. Eu não tinha pedido romance.
"Eu achei que tínhamos ecolhido o filme de zumbí", eu assobiei pra Jéssica.
"Esse *é* o filme de zumbí".
"Então porque é que ninguém está sendo comido?", eu perguntei desesperadamente.
Ela olhou pra mim com olhos arregalados que eram quase alarmados. "Eu tenho certeza de que essa parte vai chegar", ela sussurrou.
"Eu vou comprar pi8poca. Você quer?"
"Não, obrigada".
Alguém pediu silêncio atrás de nós.
Eu usei meu tempo esperando no balcão, observando o relógio e debatendo qual a porcentagem dos noventa minutos do filme podia ser de partes românticas. Eu decidí que dez minutos era mais que o suficiente, mas eu parei bem na porta da entrada, só pra ter certeza. Eu podia ouvir gritos horrorizados ressoando dos autofalantes, então eu soube que tinha esperado tempo suficiente.
"Você perdeu tudo", Jess murmurou quando eu escorreguei de volta no meu lugar. "Quase todo mundo já é zumbí agora".
"Fila grande". Eu oferecí a pipoca pra ela. Ela pegou uma mão cheia
O resto do filme incluía horriveis ataques zumbís, e gritos ianacabaveis das pessoa que eram deixadas vivas, o número delas

diminuia rapidamente. Eu teria pensado que não havia nada pra me incomodar. Mas eu me sentí incomodada, e a princípio não sabia porque.
Não foi até quase o final, enquanto eu observava o zumbí camabaleando atrás do último sobrevivente, que eu me dei conta de qual era o problema. A cena ficava sendo cortada entre o rosto horrorizado da heroína, e o do rosto morto, sem expressão do perseguidor dela, e pra frente e pra trás enquanto a distância diminuia.
E aí eu me dei conta de qual dos dois me assemelhava mais.
Eu fiquei de pé.
"Onde você tá indo? Ainda faltam, tipo, dois minutos", Jess assobiou.
"Eu preciso de uma bebida", eu murmurei enquanto corria para a saída.
Eu me sentei no banco no lado de fora do cinema e tentei muito não pensar na ironia. Mas era irônico, considerando tudo, que, no final, eu tinha me tornado um *zumbí*. Eu não tinha pensado nisso.
Não que eu já não tenha sonhado em me tornar uma criatura mística - só nunca uma grotesca, um cadáver animado. Eu balancei minha cabeça pra tirar minha cabeça daquela trilha de pensamento, me sentindo um pouco em pânico. Eu não podia me dar ao luxo de pensar no que eu havia sonhado um dia.
Era deprimente pensar que eu não era mais a heroína, que minha história havia acabado.
Jéssica saiu pela porta do cinema e hesitou, provavelmente se perguntando onde seria o melhor lugar pra procurar por mim. Quando ela me viu, ela pareceu aliviada, mas só por um momento. Depois ela pareceu irritada.
"O filme era assustador demais pra você?" Ela se perguntou.
"É", eu concordei. "Eu acho que sou só uma covarde".
"Isso é engraçado", ela fez uma carranca. "Eu não pensei que você *estivesse* assustada - eu estava gritando o tempo inteiro, mas não ouví você gritar nenhuma vez. Então eu não sei porque você saiu".
Eu levantei os ombros. "Só medo".
Ela relaxou um pouco. "Eu acho que esse foi o filme mais assustador que eu já assistí. Eu aposto que nós teremos pesadelos hoje á noite".
"Sem dúvidas quanto a isso" eu disse, tentando manter minha voz normal. Era inevitável que eu tivesse pesadelos, mas eles não seriam sobre zumbís. Os olhos dela olharam pro meu rosto e se desviaram. Talvez eu não tivesse tido sucesso com a minha voz normal.
"Onde você quer comer?", Jess perguntou.
"Eu não ligo".
"Ok".
Jess começou a falar sobre o ator principal do filme enquanto andávamos. Eu acenava com a cabeça enquanto ela tagarelava sobre a gostosura dele, incapaz de me lembrar de algum homem que não fosse zumbí.

Eu não ví pra onde Jéssica estava me levando. Eu apenas estava vagamente consciente de que estava mais escuro e mais quieto agora. Eu demorei mais do que devia pra perceber porque estava quieto. Jéssica tinha parado de tagarelar. Eu olhei pra ela lamentosamente, esperando não ter magoado seus sentimentos. Jéssica não estava olhando pra mim. O rosto dela estava tenso; ela olhava diretamente pra frente e andava mais rápido. Enquanto eu observava, os olhos dela se dirigiram rapidamente pra direita, através da rua, e voltaram de novo.
Eu mesma olhei ao redor pela primeira vez.
Nós estávamos numa curta extensão da calçada sem iluminação. As pequenas lojas alinhadas na rua estavam todas fechadas para a noite, as janelas estavam negras. Meio quarteirão á frente, as luzes da rua começavam de novo, e eu podia ver, mais á frente, os brilhantes arcos dourados do McDonald's pra onde ela estava seguindo.
Do outro lado da rua havia um lugar aberto. As janelas estavam cobertas pelo lado de dentro e haviam letreiros de néon, propagandas para diferentes tipos de cerveja, brilhando na frente deles. O maior letreiro, num verde brilhante, era o nome do bar - Pete de Um Olho. Eu me perguntei se havia alguma espécie de tema pirata que não era visível pelo lado de fora. As portas de metal estavam abertas; estava fracamente iluminado lá dentro, e o baixo murmúrio de muitas vozes e o som de gelo batendo em copos de vidro flutuava através da rua. Se inclinando na parede do lado da porta haviam quatro homens.
Eu olhei de volta pra Jéssica. Os olhos dela estavam fixos no caminho em frente e ela se movia bruscamente. Ela não parecia assustada - só cautelosa, tentando não atrair a atenção pra sí mesma.
Eu parei sem pensar, olhando de volta pra os quatro homens com um forte senso de déjá vu. Essa era uma rua diferente, uma noite diferente, mas a cena era muito parecida. Um deles era até baixinho e meio escuro. Enquanto eu parava e me virava na direção deles, esse ai olhou pra mim interessado.
"Bella?" Jess sussurrou.
"O que é que você tá fazendo?"
Eu balancei a cabeça, sem ter certeza. "Eu acho que eu conheço eles...", eu murmurei.
O que era que eu estava fazendo? Eu devia estar correndo dessa memória o mais rápido que podia, bloqueando a imagens daqueles quatro homens na minha mente, me protegendo com a entorpecência sem a qual eu não podia mais viver. Porque eu estava pisando, confusa, na rua?
Me pareceu conhecidência demais que eu estivesse em Port Angeles com Jéssica, e até mesmo numa rua escura. Meus olhos estavam focados no baixinho, tentando juntar as imagens com as minhas memórias do homem que havia me ameaçado naquela noite a quase um ano atrás. Eu imaginei se havia algum jeito de reconhecer aquele homem, se aquele era realmente ele. Aquela parte em particular

daquela noite em particular era só um borrão. Meu corpo se lembrava daquilo melhor que minha mente; a tensão nas minhas pernas enquanto eu decidia se era melhor correr ou ficar no lugar, a minha garganta seca enquanto eu tentava construir um grito decente, a pele repuxada dos meus dedos quando eu fechei minhas mãos nos pulsos, os arrepios no péscoço quando o homem de cabelo escuro me chamou de "docinho"...
Havia um tipo de ameaça indefinito, insinuante nesses homens que não tinha nada a ver com aquela noite. Ela crescia pelo fato deles serem estranhos, e estava escuro aqui, e eles estavam num número maior que nós - nada mais específico que isso.
Mas isso foi o suficiente para a voz de Jéssica demonstrar pânico quando ela me chamou.
"Bella, vamos *logo*!"
Eu ignorei ela, andando vagarosamente em frente sem nem sequer tomar uma decisão consciente de mexer meus pés. Eu não entendia porque, mas a ameaça nebulosa que aqueles homens representavam me arrastava pra eles. Era um impulso sem sentido, mas eu não havia sentido *nenhum* tipo de impulso por tanto tempo... que eu resolvi segui-lo.
Alguma coisa familiar pulsou nas minhas veias.
Adranalina, eu me dei conta, que há muito estava ausente do meu sistema, fazendo o meu pulso bater mais rápido, e lutando contra a falta de sensações. Isso era estranho - porque a adrenalina quando não havia nenhum medo por perto? Era quase como um eco da última vez que eu estive assim, numa rua escura em Port Angeles com estranhos.
Eu não via motivos pra ter medo. Eu não podia imaginar mais nada no mundo de que eu pudesse ter medo, nada físico, pelo menos. Uma das poucas vantagens de perder tudo.
Eu já estava no meio da rua quando Jess me alcançou e agarrou meu braço.
"Bella, você pode entrar num bar!", ela assobiou.
"Eu não vou entrar", eu disse ausentemente, tirando a mão dela de mim. "Eu só quero ver uma coisa..."
"Você está louca?" ela sussurrou. "Você é uma suicida?"
Essa pergunta me chamou a atenção, e meus olhos se focaram nela.
"Não, eu não sou", minha voz pareceu defensiva, mas tudo era verdade. Eu não era uma suicida. Nem no começo, quando inquestionavelmente a morte seria um alívio, eu considerei isso. Eu devia muito á Charlie. Eu me sentia responsável por Renée. Eu tinha que pensar neles.
E eu havia feito uma promessa de não fazer nada estúpido ou sem pensar. Por todas essas razões, eu ainda estava respirando.
Me lembrando dessa promessa, eu sentí uma pontada de culpa.
Mas isso que eu estava fazendo agora não contava de verdade. Não era como se eu estivesse passando uma navalha nos pulsos.
Os olhos de Jess olharam em volta, a boca dela ficou escancarada. A

pergunta dela sobre suicídio era retórica, eu percebi tarde demais.
"Vá comer", eu a encorajei, acenando na direção do fast food. Eu não gostei do jeito que ela olhou pra mim. "Eu vou atrás em um minuto".
Eu me virei de costas pra ela, de volta pra os homens que estavam olhando pra nós com olhos divertidos, curiosos.
"Bella, pare com isso agora!"
Meus musculos se travaram, me congelando onde eu estava. Porque não era a voz de Jéssica que me repreendia agora.
Era uma voz furiosa, uma voz familiar, uma voz linda - macia como veludo mesmos estando irritada.
Era a voz *dele* - eu era exepcionalmente cuidadosa pra não pensar no nome dele - e eu estava surpresa de ver que o som dela não fez meus joelhos fraquejarem, me derrubando no pavimento com a tortura da perda.
Mas não havia dor, nenhum pouco.
No instante que eu ouví a voz dele, tudo ficou muito claro. Como se minha cabeça tivesse emergido de alguma piscina escura. Eu estava mais consciente de tudo - a visão, os sons, a sensação do vento frio que eu não havia percebido que estava soprando no meu rosto, os cheiros vindos da porta aberta do bar.
Eu olhei ao redor chocada.
"Volte pra Jéssica", a amável voz ordenou, ainda com raiva. "Você prometeu- nada estúpido".
Eu estava sozinha. Jéssica estava á alguns metros de distância de mim me olhando com olhos assustados. Contra a parede, os estranhos observavam, confusos, imaginando o que eu estava fazendo, ficando em pé sem me mexer no meio da rua.
Eu balancei minha cabeça, tentando entender. Eu sabia que ele não estava lá, e mesmo assim, eu o sentia improvavelmente perto, perto pela primeira vez desde... desde o fim. A raiva na voz dele era de preocupação, a mesma raiva que uma vez já me foi muito famíliar - uma coisa que eu já não ouvia pelo que pareceu ser uma vida inteira.
"Mantenha sua promessa". A voz estava desaparecendo, como se eu estivesse baixando o volume de um rádio.
Eu comecei a suspeitar que estava tendo algum tipo de alucinação. desencadeada, sem dúvida, pela memória - o deja vu, a estranha familiaridade da situação.
Eu corrí as possibilidades rapidamente na minha cabeça.
Opção um: eu estava louca. Esse era um termo apropriado pra pessoas que costumam ouvir vozes em sua cabeças.
Possível.
Opção dois: minha mente subconsciente estava me dando o que ela achava que queria. Esse era o desejo de cumprimento - um alívio momentâneo da dor que abraçava a idéia incorreta de que *ele* se importava se eu estava viva ou morta.
Eu estava projetando o que ele diria se A) ele estivesse aqui, e B) se ele estivesse de alguma forma se incomodando com o que pudesse acontecer comigo.

Provável.
Eu não podia ver uma terceira opção, então eu esperava que fosse a segunda opção e que isso fosse só o meu subconsciente ficando furioso, do que alguam coisa que acabasse me levando pro hospital.
A minha reação não foi muito sã, contudo - eu fiquei *agradecida*. O som da voz dele era uma coisa que eu temia estar perdendo, então, mais do que qualquer coisa, eu senti uma gratidão dominante porque o meu subconsciente havia guardado esse som melhor do que a minha mente consciente.
Eu não tinha permissão pra pensar nele. Isso era uma coisa com a qual eu tentava ser bem restrita. É claro que as vezes eu escorregava; eu sou só humana. Mas eu estava melhorando, e então agora a dor era uma coisa da qual eu podia me afastar por dias.
O custo era uma entorpecência que não acabava nunca. Entre a dor e o nada, eu escolhi o nada.
Eu esperei pela dor agora. Eu não estava entorpecida - meus sentidos estavam estranhamente intensos depois de tanto tempo na neblina - mas a dor normal não apareceu. A única dor foi o desapontamento porque a voz estava desaparecendo.
Havia uma segunda escolha.
A coisa inteligente a fazer seria correr desses pensamentos potencialmente - e certamente mentalmente instáveis - destrutivos. Seria burrice encorajar essas alucinações.
Mas a voz estava desaparecendo.
Eu dei outro passo em frente, testando.
"Bella, vire-se", ele rosnou.
Eu suspirei aliviada. A raiva era o que eu queria ouvir - uma evidência falsa, fabricada, de que ele se importava, um presente duvidoso do meu subconsciente.
Muitos poucos segundos se passaram enquanto eu resolvia tudo isso. Minha pequena platéia assistia, curiosa. Talvez parecesse que eu estava me decidindo se eu ia ou não me aproximar deles. Como é que eles podiam adivinhar que eu estava em pá aproveitando um inesperado momento de insanidade?
"Oi", um dos homens chamou, seu tom era confiante e um pouco sarcástico. Ele era gordinho e cabeludo, e tinha uma postura que quem se achava realmente muito bonito. Eu não podia dizer se ele era ou não. Eu estava lesada.
A voz na minha cabeça respondeu com um rosnado notável. Eu sorrí, e o homem confiante achou que eu o estava encorajando.
"Eu posso te ajudar com alguma coisa? Você parece perdida". Ele sorriu e piscou.
Eu pisei cuidadosamente na sarjeta, a água corrente era preta na escuridão.
"Não. Eu não estou perdida".
Agora que eu estava mais próxima - e meus olhos se focaram estranhamente - eu analisei o homem baixinho, escuro. Ele não era familiar de jeito nenhum. Eu sofrí uma curiosa sensação de decepção

porque aquele não era o terrível homem que tentou me machucar quase um ano atrás.
A voz na minha cabeça estava quieta agora.
O homem baixinho reparou no meu olhar. "Eu posso te comprar uma bebida?", ele ofereceu, nervoso, parecendo lisonjeado por eu ter escolhido olhar pra ele.
"Eu sou jovem demais", eu respondí automaticamente.
Ele estava confuso - imaginando porque eu tinha me aproximado deles.
Eu me sentí compelída a explicar.
"Do outro lado da rua, você me pareceu alguém que eu conhecia. Desculpe, erro meu".
A ameaça que havia me empurrado pela rua havia evaporado. Esses não eram os homens perigosos dos quais eu me lembrava. Eles provavelmente eram caras legais. Salva. Eu perdí o interesse.
"Tudo bem", o loiro confiante disse. "Fique e se divirta conosco".
"Obrigada, mas eu não posso" Jéssica estava hesitando no meio da rua, seus olhos estavam arregalados de ultraje e traição.
"Oh, só alguns minutos".
Eu balancei minha cabeça, e me virei pra me juntar á Jéssica.
"Vamos comer", eu sugerí, mal olhando pra ela.
Apesar de eu parecer estar, no momento, livre da abstração zumbí, eu ainda estava distante. Minha mente estava preocupada. A entorpecência segura, morta, não voltou, e eu fui ficando mais ansiosa a cada minuto que se passava sem que ela voltasse.
"O que era que você estava pensando?" Jéssica disparou. "Você não conhecia eles - eles podiam ser psicopátas!"
Eu levantei os ombros, esperando que ela deixasse pra lá. "Eu só pensei que conhecia um dos caras".
"Você é tão estranha, Bella Swan. Eu sinto como se não soubesse quem você é".
"Desculpa", eu não pensei em mais nada pra dizer.
Nós caminhamos para o McDonald's em silêncio. Eu aposto que ela estava pensando que seria melhor termos vindo de carro do que andando na pequena distância do o cinema, assim ela poderia ter usado o drive-thru. Agora ela estava tão ansiosa pra essa noite acabar quanto eu tinha estado desde o início.
Eu tentei começar uma conversa algumas vezes enquanto comíamos, mas Jéssica não estava cooperando. Eu realmente devo ter ofendido ela.
Quando nós voltamos para o carro, ela colocou o rádio na estação favorita dela de novo e aumentou o volume demais pra ser possível conversar.
Eu não tive que lutar como sempre pra ignorar a música. Mesmo a minha mente não estando, pela primeira vez, cuidadosamente entorpecida e vazia, eu tinha coisas demais pra pensar pra ouvir as letras.
Eu esperei a entorpecência voltar, ou a dor. Porque a dor devia estar

vindo. Eu quebrei minhas próprias regras. Ao invés de me esconder das memórias, eu andei em frente e as cumprimentei. Eu tinha ouvido a voz dele, tão claramente, na minha cabeça. Isso ia me custar caro, eu tinha certeza. Especialmente se eu não podia convocar a neblina pra me proteger. Eu me sentí muito alerta, e isso me assustou.
Mas o alívio ainda era a sensação mais forte no meu corpo - alívio que aquilo tenha vindo do íntimo do meu ser.
Mesmo eu lutando pra não pensar nele, eu não lutava pra *esquecê-lo*. Eu tive medo que - tarde da noite, quando a exautão pela falta de sono quebrasse minhas defesas - que eu *acabasse* me dando por vencida. Eu tive medo que minha mente fosse como uma peneira, e que algum dia eu não lembrasse mais a cor exata dos seus olhos, a sensação do toque da pele fria dele, ou da textura da voz dele.
Eu podia *não pensar* nisso, mas eu precisava me *lembrar* disso. Porque só havia uma coisa na qual eu precisava acreditar pra ser capaz de viver - eu precisava saber que ele existia. Isso era tudo. Tudo mais podia ser suportado. Contanto que ele existisse.
Era por isso que eu estava mais amarrada á Forks do que nunca, por isso eu lutei com Charlie quando ele sugeriu uma mudança. Honestamente, isso não devia importar; nenhum deles ia voltar pra cá.
Mas se eu fosse pra Jacksonville, ou qualquer outro lugar claro e familiar, como é que eu podia ter certeza de que ele era real? Num lugar onde eu jamais poderia imaginá-lo, a convicção ia acabar desaparecendo... e isso eu não poderia suportar.
Proibida de pensar, morrendo de medo de esquecer; era uma linha difícil de seguir.
Eu fiquei surpresa quando Jéssica parou o carro na frente da minha casa. A viagem não foi longa, mas, mesmo curta do jeito que pareceu, eu não pensei que Jéssica pudesse ficar tanto tempo sem falar nada.
"Obrigada por ter saído comigo, Jess", eu disse enquanto abria a porta. "Foi... divertido". Eu esperava que *divertido* fosse uma palavra apropriada.
"Claro", ela murmurou.
"Eu lamento por... depois do filme".
"Tanto faz, Bella" Ela olhou pelo parabrisa ao invés de olhar pra mim. Ela parecia mais estar ficando com raiva do que esquecendo.
"Te vejo Segunda?"
"É. Tchau".
Eu desistí e fechei a porta. Ela foi embora, ainda sem falar comigo. Eu esquecí ela assim que cheguei em casa.
Charlie estava esperando por mim no meio do corredor, os braços cruzados com força no peito com as mãos apertadas nos punhos.
"Oi, pai", eu disse ausentemente me desviando de Charlie, pra chegar nas escadas. Eu estive pensando *nele* por tempo demais e eu queria estar lá em cima antes que a ficha caísse.

"Onde você esteve?" Charlie quis saber.
Eu olhei pro meu pai, surpresa. "Eu fui no cinema em Port Angeles com Jéssica. Como eu te disse essa manhã".
"Humph", ele grunhiu.
"Está tudo bem?"
Ele estudou meu rosto, os olhos se arregalados como se ele tivesse visto alguma coisa inesperada. "É, tá tudo bem. Você se divertiu?"
"Claro", eu disse. "Nós assistimos um filme de zumbís que comiam pessoas. Foi ótimo".
Seus olhos se estreitaram.
"Boa noite, pai"
Ele me deixou passar. Eu corrí pro meu quarto.
Eu me deitei na minha cama alguns minutos depois, resignada como se a dor finalmente tivesse aparecido.
Era uma coisa assustadora, essa sensação de que um buraco havia sido construído no meu peito, fazendo meus órgãos vitais pararem de funcionar e deixando- os em trapos, com cortes não curados nas beiradas que continuavam doendo e sangrando mesmo com a passagem do tempo. Racionalmente, eu sabia que meus pulmões deviam estar intactos, mas mesmo assim eu lutava por ar e minha cabeça rodava como se os meus esforços não me levassem a nada. Meu coração devia estar batendo também, mas eu não conseguia ouvir o barulho da pulsação nos meus ouvidos; minhas mãos pareciam azuis de frio. Eu me curvei, abraçando minhas costelas pra me manter junta. Eu procurei pela minha torpência, minha negação, mas elas tinham me abandonado.
E mesmo assim, eu achava que podia sobreviver. Eu estava alerta, eu sentia a dor - a dor da perda que irradiava do meu peito, mandando ondas de dor pelos meus órgãos e minha cabeça - mas era suportável.
Eu podia sobreviver. Eu não sentí que a dor tinha diminuído com o tempo, mas eu tinha ficado forte o suficiente pra suportá-la.
O que quer que tenha acontecido essa noite - fossem os zumbís, a adrenalina, ou as alunações os responsáveis - isso me acordou.
Pela primeira vez em muito tempo, eu não sabia o que esperar pela manhã.

5. Traidor

"Bella, porque você não tira uma folga", Mike sugeriu, seus olhos focados pra o lado, sem olhar pra mim de verdade. Eu me perguntei a quanto tempo isso estava acontecendo sem que eu me desse conta. O movimento estava lento na Newton's. No momento só haviam dois clientes na loja, pelo tom da conversa eles eram mochileiros dedicados. Mike passou a última hora falando sobre os prós e os contras das mochilas mais leves com eles. Eles haviam tirado uma folga da sua séria conversa sobre preços pra tentar trocarem conversas sobre os últimos contos das trilhas. A distração deles deu a Mike uma chance de escapar.
"Eu não me importo de ficar", eu disse. Eu ainda não tinha conseguido voltar pra a minha concha protetora de entorpecência, e tudo parecia estranhamente perto e alto hoje, como se eu tivesse tirado algodão dos meus ouvidos. Eu tentei desligar a risada alta dos mochileiros sem sucesso.
"Eu estou te dizendo", disse o homem atarracado com a barba alaranjada que não combinava com o seu cabelo marrom. "Eu já ví ursos pardos bem de perto em Yellowstone, e eles não tinham nada a ver com essa criatura". O cabelo dele estava emaranhado, e as roupas dele pareciam estar sendo usadas há alguns dias. Fresca como as montanhas.
"Sem chance. Ursos pretos não ficam tão grandes. Os pardos que você viu devem ter sido filhotes". O segundo homem era alto e esguio, o rosto dele era bronzeado e ele tinha um impressionante chicote de couro.
"Sério, Bella, assim que esses dois desistirem, eu vou fechar o lugar", Mike murmurou.
"Se você quer que eu vá...", eu levantei os ombros.
"Um dos quatro era maior que você", o barbudo insistiu enquanto eu juntava as minhas coisas. "Grande como uma casa e preto como piche. Eu vou denunciar ao guarda florestal daqui. As pessoas têm que ser informadas- isso não era no alto da montanha, sabe - isso foi apenas há alguns metros de onde a trilha começava".
O outro cara riu e revirou os olhos.
"Me deixe adivinhar - você estava entrando? Não comeu comida que preste e dormiu no chão por mais de uma semana, certo?"
"Ei, uh, Mike, certo?", o barbudo chamou, olhando na nossa direção.
"Te vejo segunda", eu murmurei.
"Sim, senhor", Mike respondeu, se virando.
"Diga, houveram avisos recentes por aqui - sobre ursos negros?"
"Não, senhor. Mas é sempre melhor manter a distância e guardar a sua comida apropriadamente. Você já viu as novas latas á prova de ursos? Elas só pesam dois quilos..."
As portas se abriram pra me deixar sair na chuva. Eu estava

espremida por dentro do meu casaco enquanto corria pra o meu carro.
A chuva batendo no meu capuz parecia estranhamente alta também, mas o som do ronco do motor era mais alto que qualquer coisa.
Eu não queria voltar para a casa vazia de Charlie. A noite passada havia sido particularmente brutal, e eu não tinha nenhuma intenção de revistar a cena do sofrimento. Mesmo quando a dor diminuiu o suficiente pra me deixar dormir, ela não foi embora. Como eu disse a Jéssica depois do filme, eu não tinha dúvidas de que teria pesadelos.
Eu sempre tinha pesadelos agora, toda noite. Não pesadelos, na verdade, não no plural, porque era sempre o *mesmo* pesadelo.
Você acharia que eu tinha ficado entediado depois de todos esses meses, que havia ficado imune a isso. Mas meus sonhos nunca falhavam em me deixar assustada, e eles só acabavam quando eu me acordava gritando. Charlie já não vinha mais pra ver o que havia de errado, pra ter certeza de que não havia nenhum estranho me estrangulando ou algo assim - agora ele já estava acostumado.
Meu pesadelo provavelmente nem assustaria outra pessoa. Nada pulava e gritava "Boo!". Não haviam zumbís, ou fantasmas, ou psicopatas. Não havia nada, na verdade. Só o nada. Só o labirinto sem fim de árvores cobertas de musgos, tão quietas que o silêncio batia quase insuportavelmente nos meus ouvidos. Estava escuro, como neblina ou um dia nublado, com luz suficiente apenas pra que eu visse que não havia mais nada lá pra ver.
Eu me apressava na escuridão sem um caminho, sempre procurando, procurando, procurando, ficando mais frenética enquanto o tempo passava, tentando me mover mais rápido, apesar da velocidade me deixar mais desajeitada... Então chegava aquele ponto no sonho - e eu podia sentí-lo chegando agora, mas eu não parecia ser capaz de me acordar antes dele chegar - quando eu não conseguia me lembrar o que eu estava procurando.
Então eu me dava conta de que não havia *nada* pra procurar, e nada pra encontrar. Eu me dava conta de que nunca houve nada além dessa floresta vazia, melancólica, e nunca houve nada além disso pra mim... nada além de nada...
Essa era geralmente a hora que eu me acordava gritando.
Eu não estava prestando atenção de pra onde estava dirigindo - só vagando pelas estradas vazias, molhadas enquanto evitava o caminho que me levaria pra casa - porque eu não tinha mais pra onde ir.
Eu desejei poder estar entorpecida de novo, mas eu não conseguia me lembrar de como fazia isso antes.
O pesadelo estava cavalgando na minha cabeça e me fazendo pensar nas coisas que me causavam dor. Eu não queria me lembrar da floresta. Mesmo quando eu me afastava das imagens, eu sentia meus olhos se enchendo de lágrimas, e a dor começava a passar perto do buraco no meu peito. Eu tirei uma mão do volante e usei-a pra agarrar meu tórax e segurá-lo em um só pedaço.

Será como se eu nunca tivesse existido. As palavras corriam pela minha cabeça, mas faltava nelas a perfeita claridade das alucinações que eu tive ontem á noite. Eles eram só palavras, sem som, como uma imagem numa página. Só palavras, mas elas abriram o buraco no meu peito, e eu pisei bruscamente no freio, sabendo que não devia dirigir estando incapacitada desse jeito.

Eu me curvei, pressionando meu rosto no volante e tentando respirar sem os pulmões.

Eu me perguntei quanto tempo isso podia durar. Talvez algum dia, anos mais tarde - se a dor diminuisse de forma que eu pudesse aguentar - eu poderia olhar de volta para aqueles meses que foram os melhores da minha vida. E, se fosse possível que a dor diminuísse aponto de me permitir fazer isso, eu tinha certeza que me sentiria agradecida pelo tempo que ele me deu. Mais do que eu pedí, mais do que eu merecia. Talvez algum dia eu fosse capaz de ver as coisas desse jeito.

Mas e se o buraco nunca ficasse melhor? E se as beiras em carne viva nunca sarassem? E se o dano fosse permanente e irreversível?

Eu me segurei com força. *Como se ele nunca tivesse existido*, eu pensei desesperada.

Que promessa estúpida e impossível pra se fazer! Ele podia roubar minhas fotos e pegar seus presentes de volta, mas isso não fazia as coisas voltarem a ser como eram antes de eu conhecê-lo. A evidência física era a parte mais insigificante de equação. *Eu* estava mudada, por dentro eu estava mudada ao ponto de ser difícil me reconhecer. Mesmo por fora eu parecia diferente - meu rosto pálido, exceto com os círculos que os pesadelos haviam deixado embaixo dos meus olhos. Meus olhos estavam escuros o sufíciente na minha pele pálida que - se eu fosse linda, vista á distância - eu podia me passar por uma vampira agora. Mas eu não era linda, e provavelmente estava mais próxima de um zumbí.

Como se ele nunca tivesse existido? Isso era loucura. Era uma promessa que ele nunca poderia manter, uma promessa que já estava quebrada quando ele a fez.

Eu batí minha cabeça no volante, tentando me distrair da dor mais aguda.

Isso fez eu me sentir boba por estar lutando pra manter a *minha* promessa. Havia lógica em tentar manter uma acordo que já havia sido quebrado por um dos lados? Quem se importava se eu fosse estúpida e pouco cuidadosa? Não haviam motivos pra evitar a falta de cuidado, não haviam motivos pra eu não ser estúpida.

Eu rí sem humor pra mim mesma, ainda sufocando por ar.

Sem cuidado em Forks - não havia uma proposta mais sem esperança.

O humor negro me distraiu, e a distração aliviou a dor. Minha respiração ficou mais fácil, e eu fui capaz de me inclinar no banco. Apesar de estar frio hoje, minha testa estava molhada de suor.

Eu me concentrei na proposta sem esperança pra evitar escorregar

de volta para as memórias dolorosas. Não não ser cuidadosa em Forks você precisaria ter muita criatividade - talvez mais do que eu tinha. Mas eu desejei poder encontrar algum jeito... Eu podia me sentir melhor se não estivesse segurando apertado, completamente sozinha, um pacto quebrado. Se eu fosse uma quebradora de pactos também. Mas como eu ia trair o meu lado do acordo, aqui nessa cidade tranquila? É claro, Forks não foi *sempre* assim tão tranquila, mas agora era exatamente o que ela aparentava ser. Era chata, era segura.

Eu olhei pra fora pelo parabrisa por um longo momento, meus pensamentos se movendo lentamente - eu não parecia ser capaz de fazer esse pensamentos irem pra lugar nenhum. Eu desliguei o motor, que estava roncando de um jeito piedoso depois de ficar parado por tanto tempo, e saí nos chuviscos.

A chuva fria pingava nos meus cabelos e então fazia cócegas pelas minhas bochechas como lágrimas de água fresca. Isso ajudou a limpar minha cabeça. Eu pisquei pra tirar a água dos meus olhos, olhando pra o nada na estrada.

Depois de alguns minutos olhando, eu reconhecí onde eu estava. Eu estacionei no meio da Avenida Russel ao norte. Eu estava de pé na frente da casa dos Cheney - minha caminhonete estava bloqueando a entrada para a garagem deles - e do outro lado da rua moravam os Markeses. Eu sabia que precisava tirar a minha caminhonete, e que eu precisava voltar pra casa. Era errado ficar perambulando do jeito que eu estava, distraída e prejudicada, uma ameaça nas avenidas de Forks. Além do mais, alguém ia reparar em mim em breve, e me denunciar pra Charlie.

Enquanto eu respirava fundo me preparando pra me mover, uma placa no quintal dos Markeses chamou minha atenção - era só um pedaço grande de cartolina encostado na caixa de correio deles, com letras pretas rabiscadas.

As vezes, o inesperado acontece.

Conhecidência? Ou será que era pra ser? Eu não sabia, mas parecia meio bobo pensar que de alguma forma isso estava escrito, que a placa *Á VENDA, COMO SÃO* escrito á mão para as delapidades motocicletas no quintal dos Markeses estava lá por algum propósito maior, bem alí onde eu precisava que elas estivessem.

Então talvez isso não fosse o inesperado. Talvez houvessem outras maneiras de não ser cuidadosa, e eu apenas não tivesse aberto os olhos pra elas.

Despreocupada e estúpida. Aquelas eram as palavras favoritas de Charlie ao se referir á motocicletas.

O trabalho de Charlie não oferecia muita ação considerado aos tiras de cidades maiores, mas ele era chamado em acidentes de trânsito. Com as longas e molhadas extensões da pista virando e contornando ao redor da floresta, ponto cego depois de ponto cego, não haviam poucos tipos de ação como *essa*. Mas mesmo com os enormes barrís colocados nas curvas, a maioria das pessoas saia da pista.

As excessões pra essa regra eram geralmente os motociclistas, e Charlie havia visto muitas vítimas, quase sempre crianças, jogadas na pista.
Ele me fez prometer antes que eu tivesse dez anos que eu nunca aceitaria uma carona numa moto.
Mesmo com essa idade, eu não precisei pensar duas vezes antes de prometer. Quem ia querer andar de moto *aqui*? Seria como uma banho a sessenta quilômetros por hora.
Tantas promessas que eu cumpri...
Tudo se juntou pra mim nessa hora. Eu queria ser estúpida e irresponsável, e eu queria quebrar promessas. Porque fazer um só?
Foi só até aí que eu pensei. Eu caminhei na rua até a porta da frente dos Markeses e toquei a campainha.
Um dos garotos Marks veio abrir a porta, o mais novo, o novato. Eu não conseguia lembrar o nome dele.
O cabelo cor de areia dele só alcançava o meu ombro.
Ele não teve problemas pra lembrar meu nome: "Bella Swan?", ele perguntou surpreso.
"Quanto você quer pela moto?" eu perguntei, apontando a palca de venda com o meu polegar por cima do ombro.
"Você tá falando sério?", ele quis saber.
"É claro que estou".
"Elas não funcionam".
Eu suspirei impacientemente- isso eu já tinha deduzido pela placa.
"Quanto?"
"Se você realmente quer uma, pode pegar. Minha mãe fez o meu pai colocá-las lá pra que elas fossem recolhidas com o lixo".
Eu olhei para as motos de novo e ví que elas estavam numa pilha de sacos no quintal junto com uma pilha de galhos. "Você tem certeza disso?"
"Claro, você quer perguntar pra ela?"
Provavelmente fosse melhor não envolver adultos que podiam acabar comentando isso com Charlie.
"Não, eu acredito em você".
"Você quer que eu te ajude?", ele se ofereceu. "Elas não são leves".
"Tudo bem, obrigada. Mas eu só preciso de uma".
"Pode levar as duas", o garoto disse. "Talvez você consiga reutilizar algumas partes".
Ele me seguiu no aguaceiro e me ajudou a carregar as duas motos pesadas e colocá-las na traseira da minha caminhonete.
Ele parecia estar ansioso pra se livra delas, então eu não discutí.
"O que você vai fazer com elas, afinal?" ele perguntou. "Elas não funcionam a anos".
"Eu meio que adivinhei isso", eu disse, levantando os ombros. O meu momento de inspiração não tinha vindo com um plano intacto.
"Talvez eu as leve ao Dowling's".
Ele bufou. "Dowling vai cobras pra concertá-las mais do que elas valem".

Eu não discutí com isso. Jonh Dowling havia ganhado uma reputação por seus preços; ninguém ia até ele a não ser que fosse uma emergência. A maioria das pessoas preferia dirigir até Port Angeles, se o carro fosse capaz disso. Eu tive sorte nesse aspecto -eu me preocupei quando Charlie me deu minha caminhonete ansiã que eu não tivesse como pagar pra mantê-la rodando. Mas eu nunca tive um problema sequer, a não ser o barulho do motor e o limite de cinqüenta e cinco por hora.
Jacob Black a manteve em ótima forma quando ela pertenceu a seu pai, Billy...
A inspiração bateu como um trovão - o que não deixava de ser razoável, levando em consideração a tempestade. "Quer saber? Está tudo bem. Eu conheço alguém que constrói carros".
"Oh. Isso é bom". Ele disse aliviado.
Ele acenou enquanto ia embora, ainda sorrindo. Garoto amigável.
Eu dirigí rápido, e agora com um propósito, na pressa de chegar em casa antes que Charlie tivesse a chance de aparecer, mesmo num evento altamente improvável de que ele saísse mais cedo. Eu corrí em casa até o telefone, as chaves ainda na mão.
"Chefe Swan, por favor", eu disse quando o encarregado atendeu. "Aqui é Bella".
"Oh, oi, Bella", o encarregado Steve disse amavelmente. "Eu vou chamá-lo".
Eu esperei.
"Qual é o problema, Bella?", Charlie quis saber assim que atendeu o telefone.
"Eu não posso ligar sem que haja uma emergência?"
Ele ficou quieto por um minuto. "Você nunca fez isso antes. Há alguma emergência?"
"Não. Eu só queria saber a direção da casa dos Black - eu não tenho certeza se lembro o caminho. Eu quero visitar Jacob. Já fazem meses que eu não o vejo".
Quando Charlie falou de novo, sua voz estava muito mais feliz. "Essa é uma ótima idéia, Bells. Você tem uma caneta?"
As direções que ele me deu eram bem simples. Eu o assegurei que estaria de volta para o jantar, apesar de ele me dizer pra que eu não me apressasse. Ele queria se juntar comigo em La Push, e eu não ia cair nessa.
Então foi com uma prazo que eu corrí rapido demais pelas ruas escurecídas pela tempestade. Eu esperava encontra Jacob sozinho. Billy provavelmente ia me dedurar se ele soubesse o que eu estava planejando.
Enquanto eu dirigia, eu me preocupei um pouco com a reação de Billy ao me ver. Ele ficaria contente *demais*. Na cabeça de Billy, sem dúvida, isso tinha funcionado muito melhor do que ele teria ousado esperar. Seu prazer e alívio só serviriam pra me lembrar de uma das coisas que eu não suportaria ser lembrada.

Hoje de novo não, eu implorei silenciosamente. Eu já estava desgastada.
A casa dos Black era vagamente familiar, uma pequena casa de madeira com janelas apertadas, a pintura fraca desgastada a deixava parecida com um celeiro. A cabeça de Jacob apareceu na janela antes mesmo que eu pudesse sair da caminhonete. Sem dúvida o barulho familiar do motor o havia avisado da minha chegada. Jacob ficou muito agradecido por Charlie ter comprado a caminhonete de Billy, evitando que Jacob tivesse que dirigí-la quando tivesse idade pra isso.
Eu gostava muito da minha caminhonete, mas Jacob parecia considerar os limites de velocidade um empencílho.
Ele me encontrou a meio caminho da casa.
"Bella!", seu sorriso grande e excitado cresceu no seu rosto, seus dentes brilhantes formavam um vívido contraste com a cor ruiva escura da sua pele. Eu nunca tinha visto o cabelo dele fora do rabo de cavalo antes. Parecia que uma cortina de cetim estava cobrindo os dois lados do rosto largo dele.
Jacob havia alcançado um pouco do seu potencial nesses últimos oito meses. Ele já havia passado daquela fase em que os músculos suaves da infância ficam sólidos, naquela estrutura magra dos adolescentes; seus tendões e veias haviam ficado proeminentes embaixo da pele dos seus braços e mãos. O rosto dele ainda era doce como eu me lembrava, apesar dele ter endurecido também- as maçãs do rosto estavam mais altas, sua mandíbula ficou quadrada, todos os traços de infância desapareceram.
"Oi, Jacob!", eu sentí uma urgência de entusiasmo que não era famíliar por causa do sorriso dele. Eu me dei conta de que estava feliz por vê-lo. Isso me surpreendeu.
Eu sorrí de volta, e alguma coisa voltou pro lugar silenciosamente, como duas peças de quebra-cabeça que se correspondiam. Eu esquecí do quanto gostava de Jacob.
Ele parou a alguns metros de mim, e eu encarei ele surpresa, inclinando minha cabeça pra trás apesar da chuva estar molhando meu rosto.
"Você cresceu de novo!", eu acusei assombrada.
Ele sorriu, o sorriso cresceu impossívelmente. "Um e oitenta e sete", ele anunciou satisfeito. A voz dele estava mais profunda, mas ainda tinha o tom rouco que eu me lembrava.
"Será que isso vai parar?" eu balancei minha cabaça sem acreditar. "Você está enorme".
"Mas ainda sou um varapau". Ele fez uma careta. "Entra! Você está ficando toda molhada".
Ele guiou o caminho, enrolando o cabelo nas mãos enquanto andava. Ele puxou um elástico do bolso e o colocou no coque.
"Ei, pai" ele chamou enquanto se curvava pra passar pela porta da frente. "Olha que veio parar aqui".
Billy estava na pequena sala quadrada, um livro nas mãos. Ele

colocou o livro no colo e se empurrou pra frente quando me viu.
"Bem, mas quem diria! É bom te ver, Bella".
Nós balançamos as mãos. A minha ficou perdida na mão grande dele.
"O que te trás aqui? Está tudo bem com Charlie?"
"Sim, absolutamente. Eu só queria ver Jacob- faz uma eternidade que eu não o via".
Os olhos de Jacob brilharam com as minhas palavras. O sorriso dele era tão grande que parecia estar machucando as bochechas dele.
"Você pode ficar pro jantar?", Billy estava ansioso também.
"Não, eu tenho que alimentar Charlie, sabe".
"Eu ligo pra ele agora", Billy sugeriu. "Ele sempre é bem vindo".
Eu rí pra esconder meu desconforto. "Não é como se você nunca mais fosse me ver. Eu prometo que voltarei em breve - tanto que você vai se cansar de mim". Afinal, se Jacob fosse concertar as motos, alguém ia ter que me ensinar a guiá-las.
Billy gargalhou em resposta. "Ok, talvez da próxima vez".
"Então, Bella, o que você quer fazer?", Jacob perguntou.
"Qualquer coisa. O que era que você estava fazendo antes da minha interrupção?", eu estava estranhamente confortável aqui. Era familiar, mas só distantemente. Aqui não haviam lembranças dolorosas de um passado recente.
Jacob hesitou. "Eu ia começar a trabalhar no meu carro, mas nós podemos fazer outra coisa..."
"Não, isso é perfeito!", eu interrompí. "Eu adoraria ver o seu carro".
"Ok", ele disse não convencido. "Está lá atrás, na garagem".
Melhor ainda, eu pensei comigo mesma. Eu acenei pra Billy.
"A gente se vê mais tarde".
Um monte de árvores grossas e moitas escondiam a sua garagem. A garagem não era mais do que dois abrigos pré-formados que foram colocados no seu interior com as paredes viradas pra fora.
Embaixo desse abrigo, em cima de blocos, estava o que pareciam com um carro completo. Eu reconhecí o símbolo na grade, pelo menos.
"Que tipo de Volkswagen é esse?", eu perguntei.
"É um velho Rabbit - 1986, um classico".
"Como está indo?"
"Quase terminado", ele disse alegremente. E então sua voz caiu num tom mais baixo. "Meu pai cumpriu sua promessa na primavera passada".
"Ah", eu disse.
Ele pareceu entender minha relutância em falar sobre o assunto. Eu tentei não me lembrar de Maio passado, no baile. Jacob foi comprado pelo dinheiro do pai e partes do carro pra ir lá e me entregar uma mensagem. Billy queria que eu mantivesse uma distância segura da pessoa mais importante da minha vida. Acabou que a preocupação dele foi, no fim, desnecessária. Eu estava muito segura agora.
Mas eu ia ver o que podia fazer pra mudar isso.
"Jacob, o que você sabe sobre motos?", eu perguntei.

Ele levantou os ombros. "Um pouco. Meu amigo Embry tem uma moto suja. Nós trabalhamos nela juntos ás vezes. Porque?"
"Bem...", eu torcí os lábios enquanto considerava. Eu não tinha certeza de que ele conseguiria manter a boca fechada, mas eu não tinha muitas outras opções. "Eu recentemente adquirí duas motos, e elas não estão em ótimas condições. Eu estava imaginando se você podia fazê-las andar".
"Legal". Ele pareceu realmente feliz com o desafio.
O rosto dele brilhou. "Eu vou tentar".
Eu levantei um dedo num aviso. "O problema é", eu expliquei. "Charlie não aprova motos. Honestamente, uma veia na testa dele provavelmente estouraria se ele soubesse disso. Então você não pode contar pra Billy".
"Claro, claro". Jacob sorriu. "Eu entendo".
"Eu vou te pagar", eu continuei.
Isso o ofendeu. "Não. Eu quero ajudar. Você não pode me pagar".
"Bem... que tal um acordo então?" eu estava pensando nisso enquanto falava, mas me pareceu razoável o suficiente. "Eu só preciso de uma moto - eu eu vou precisar de aulas também. Então, que tal isso? Eu vou te dar a outra moto, e então você pode me ensinar".
"Legaaaaal". Ele fez a palavra parecer maior.
"Espere um segundo- você já está legalizado? Quando é o seu aniversário?"
"Você perdeu", ele zombou, estreitando os olhos com falso ressentimento. "Eu já tenho dezesseis".
"Não que a sua idade tenha te impedido antes", eu murmurei. "Eu lamento pelo seu aniversário".
"Não se preocupe com isso. Eu perdí o seu. Quantos você tem, quarenta?"
Eu inalei. "Quase".
"Nós vamos fazer uma festa pra acertar as coisas".
"Parece um encontro".
Os olhos dele brilharam com a palavra.
Eu precisava controlar o entusiasmo antes de passar a idéia errada- é só que já havia muito tempo que eu não me sentia tão leve e animada. A raridade do sentimento o deixava ainda mais difícil de controlar.
"Talvez quando as motos estiverem prontas - nossos presentes pra nós mesmo", eu acrescentei.
"Fechado. Quando é que você vai trazê-las?"
Eu mordí meu lábio, envergonhada. "Elas estão na caminhonete agora", eu admití.
"Ótimo", ele pareceu ser sincero.
"Billy vai ver se as troxermos pra cá?"
Ele piscou pra mim. "Seremos rapidinhos".
Nós saímos pelo leste, nos escondendo entre as árvores quando estavamos na vista das janelas, fingindo não estarmos fazendo nada,

só na dúvida.
Jacob tirou as motos rapidamente do fundo da caminhonete, levando elas pra escondê-las onde eu estava entre os arbustos. Pareceu fácil demais pra ele - eu me lembrava das motos sendo muito, muito mais pesadas que isso.
"Elas não estão muito ruins", Jacob observou enquanto nós as empurrávamos nos esconderijos entre as árvores. "Essa daqui na verdade até vai valer alguma coisa quando estiver pronta - é uma velha Harley Sprint".
"Essa é sua então".
"Tem certeza?"
"Absoluta".
"Porém, elas vão gastar um pouco de dinheiro", ele disse, fazendo uma carranca olhando pra o metal preto. "Nós vamos ter que juntar dinheiro para as peças antes".
"*Nós* nada", eu discordei. "Se você vai fazer isso de graça, eu pago pelas peças".
"Eu não sei..." ele murmurou.
"Eu tenho algum dinheiro guardado. Fundo pra faculdade, sabe".
Faculdade, bobagem, eu pensei comigo mesma. Não era como se eu tivesse economizado o suficiente pra ir pra algum lugar especial- e além do mais, eu não tinha nenhuma vontade de deixar Forks, do mesmo jeito. Que diferença faria se eu mexesse um pouco no dinheiro.
Jacob só balançou a cabeça. Tudo isso fazia sentido perfeitamente pra ele.
Enquanto nós nos esgueirávamos de volta para a garagem, eu contemplei minha sorte. Só um garoto adolescente concordaria com isso: enganar nossos pais pra concertar veículos perigosos usando o dinheiro que vinha da minha faculdade. Ele não perecia ver nada de errado nisso.
Jacob era um presente dos deuses.

6. Amigos

As motos não precisaram ser arrastadas pra mais longe do que a garagem. A cadeira de rodas de Billy não podia passar pela terra desigual que a separava da casa.
Jacob começou a separar a primeira moto - a vermelha, que era destinada a mim - em pedaços imediatamente. Ele abriu o porta do passageiro do Rabbit pra que eu pudesse me sentar no banco ao invés de me sentar no chão. Enquanto ele trabalhava, Jacob conversava alegremente, precisando apenas do menor incentivo meu pra manter a conversa rolando. Ele me falou dos seus progressos no segundo ano da escola, falando das aulas e dos seus dois melhores amigos.
"Quil e Embry?", eu interrompi. "Esses são nomes incomuns".
Jacob gargalhou. "Quil é um apelido, e eu acho que Embry ganhou o nome por causa de uma ópera. Contudo, eu não posso falar nada. Eles jogam sujo se você falar dos nomes deles - eles começam a apelidar você".
"Bons amigos", eu erguí uma sobrancelha.
"Não, eles são. Só não mexa com os nomes deles".
Bem nessa hora um chamado ecoou na distância. "Jacob?", alguém gritou.
"É Billy?" eu perguntei.
"Não", Jacob abaixou a cabeça, e parecia que ele estava corando em baixo da pele marrom. "Fale no diabo", ele murmurou. "Que ele aparece".
"Jake? Você tá aí?" A voz que gritava estava mais próxima agora.
"É!", Jacob gritou de volta, e suspirou.
Nós esperamos no silêncio até que dois garotos altos, de peles escuras, viraram na esquina vindo pra garagem.
Um era mais esguio, e quase tão alto quanto Jacob. O cabelo preto dele ficava na altura do queixo e era partido no meio, um lado enfiado atrás da orelha esquerda enquanto o lado direito ficava livre. O garoto mais baixo era mais forte. A camiseta branca ficava estirada no seu peito bem estruturado, e ele parecia consciente desse fato. O cabelo dele era tão curto que era quase careca.
Os garotos pararam na hora quando me viram. O garoto magro olhou rapidamente pra frente e pra trás entre Jacob e eu, enquanto o garoto musculoso mantinha os olhos só em mim, um breve sorriso aparecendo no rosto dele.
"Ei, rapazes", Jacob os cumprimentou sem vontade.
"Ei, Jake", o mais baixo falou sem tirar os olhos de mim. Eu tive que sorrir em resposta, já que o sorriso dele era tão travesso. "Oi, gente".
"Quil, Embry - essa é minha amiga, Bella".
Quil e Embry, eu ainda não sabia qual era qual, trocaram um olhar significante.

“A filha de Charlie, certo?”, o garoto musculoso me perguntou, levantando a mão.
“Isso mesmo”, eu confirmei, balançando a mão com ele. O aperto dele era firme; parecia que ele estava flexionando os bíceps.
“Eu sou Quil Ateara”, ele anunciou largamente antes de soltar minha mão.
“Prazer em conhecê-lo, Quil”.
“Oi, Bella. Eu sou Embry, Embry Call - porém, você provavelmente já adivinhou isso”. Embry deu um sorriso tímido e acenou com uma mão, que depois ele enfiou no bolso.
Eu balancei a cabeça. “Prazer em te conhecer também”.
“Então o que vocês estão fazendo?” Quil perguntou, ainda olhando pra mim.
“Bella e eu vamos concertar essas motos”, Jacob explicou impacientemente. Mas motos pareciam ser uma palavra mágica. Os garotos foram examinar o projeto de Jacob, enchendo ele com perguntas educadas. Muitas das palavras não eram familiares pra mim, e eu entendi que precisaria ter um cromossomo Y pra realmente entender a excitação.
Eles ainda estavam envolvidos na conversa sobre as peças e partes quando eu decidi que estava na hora de ir pra casa antes que Charlie resolvesse aparecer por aqui. Com um suspiro, eu escorreguei pra fora do Rabbit.
Jacob olhou pra cima, se lamentando. “Nós estamos te aborrecendo, não estamos?”
“Não”, e não era mentira. Eu estava me divertindo - que estranho. “É só que eu tenho que cozinhar o jantar pra Charlie”.
“Oh... bem, eu vou terminar de montá-las hoje á noite e ver do que mais precisamos pra começar a reconstruí-las. Quando é que você quer trabalhar nelas de novo?”
“Eu posso voltar amanhã?” Domingos eram a ruína da minha existência. Nunca havia dever de casa suficiente pra me manter ocupada.
Quil cutucou o braço de Embry e eles trocaram sorrisos.
Jacob sorriu deliciado. “Isso seria ótimo!”
“Se você fizer uma lista, nós podemos ir comprar as partes”, eu sugeri.
O rosto de Jacob caiu um pouco. “Eu ainda não tenho certeza se devo deixar você pagar por tudo sozinha”.
Eu balancei a cabeça. “Sem essa. Eu vou bancar essa festa. Você só tem que entrar com o trabalho e com a habilidade”.
Embry revirou os olhos pra Quil.
“Isso não parece certo”, Jacob balançou a cabeça.
“Jake, se eu levasse elas a um mecânico, quanto ele me cobraria?”, eu apontei.
Ele sorriu. “Ok, você tem um trato”.
“Sem mencionar as aulas de direção”, eu acrescentei.
O sorriso de cresceu quando Embry falou alguma coisa que eu não

consegui entender. A mão de Jacob voou pra bater na parte de trás da cabeça de Quil. "É isso, se mandem", ele murmurou.
"Não, sério, eu tenho que ir", eu protestei indo pra porta. "A gente se vê amanhã, Jacob".
Assim que eu estava fora de vista, eu ouvi Quil e Embry em coro. "Wooooo!"
O som de uma breve briga se seguiu, interceptadas por um "ouch" e um "Ei!".
"Se algum de vocês pisar um dedo na minha terra amanhã...", eu ouvi Jacob ameaçar. A voz dele se perdeu quando eu entrei nas árvores.
Eu gargalhei baixinho. O som fez os meus olhos se esbugalharem de dúvida. Eu estava sorrindo, sorrindo mesmo, e não havia ninguém olhando.
Eu me senti tão leve que quase ri de novo, só pra fazer a sensação se prolongar.
Eu cheguei em casa antes de Charlie. Quando ele chegou eu estava acabando de tirar o frango frito da frigideira e colocando-o em uma pilha de papel-toalha.
"Oi, pai", eu sorri pra ele.
O choque flutuou pelo rosto dele antes que ele pudesse recompor sua expressão. "Oi, querida", ele disse com a voz incerta. "Você se divertiu com Jacob?"
Eu comecei a levar a comida para a mesa. "Sim , me diverti".
"Bem, isso é bom". Ele ainda estava cuidadoso. "O que vocês dois fizeram?"
Agora era a minha vez de ser cuidadosa. "Eu fiquei na garagem dele e olhei ele trabalhar. Você sabia que ele está reconstruindo um Volkswagen?"
"É, eu acho que Billy mencionou isso".
O interrogatório teve que parar quando Charlie começou a mastigar, mas ele continuou estudando meu rosto enquanto comia.
Depois do jantas, eu fiquei vadiando, limpando a cozinha duas vezes, e então fiz meu dever de casa na sala da frente enquanto Charlie assistia um jogo de hóquei. Eu esperei o máximo que pude, mas finalmente Charlie mencionou que estava tarde. Quando eu não respondi, ele se levantou, se espreguiçou, e depois foi embora, desligando a luz atrás dele. Relutantemente, eu o segui.
Enquanto eu subia as escadas, eu senti o último senso anormal de bem estar da tarde saindo do meu sistema, sendo substituído pelo medo bobo do pensamento do que eu teria que viver a partir de agora.
Eu não estava mais entorpecida. Hoje seria, sem dúvida, tão horrível quanto na noite passada. Eu deitei na cama e me curvei numa bola me preparando para a dor. Eu apertei meus olhos e... a próxima coisa que eu sabia, já era de manhã.
Eu olhei para a pálida luz prateada entrando pela minha janela, atordoada.

Pela primeira vez em mais de quatro meses, eu tinha dormido sem sonhar. Sonhar ou gritar. Eu não sabia dizer que emoção era mais forte - o alívio ou o choque.
Eu fiquei parada na minha cama por alguns minutos, esperando que as coisas voltassem. Porque alguma coisa devia estar vindo. Se não a dor, então a entorpecência. Eu esperei, mas nada aconteceu. Eu me sentia mais descansada do que já havia estado em muito tempo.
Eu não acreditava que isso fosse durar. Era só uma borda escorregadia, precária, na qual eu me equilibrava. Só olhar pra o meu quarto com esse olhos repentinamente claros - percebendo o quanto ele parecia estranho, arrumado demais, como se eu nem vivesse aqui - já era perigoso.
Eu empurrei esses pensamentos da minha mente, e me concentrei, enquanto me vestia, no fato de que ia ver Jacob de novo hoje. Esse pensamento fez eu me sentir quase... esperançosa. Talvez fosse como ontem. Talvez eu não tivesse que me lembrar de parecer interessada e de balançar a cabeça ou sorrir nos intervalos apropriados, do jeito que eu fazia com as outras pessoas. Talvez... mas eu não podia confiar que isso fosse durar, também. Eu não confiaria que seria o mesmo - tão fácil - quanto ontem. Eu não ia me dispor á decepção desse jeito.
No café da manhã, Charlie estava sendo cuidadoso também. Ele tentou esconder sua curiosidade, mantendo seus olhos nos ovos até quando ele achava que eu não estava olhando.
“O que você vai fazer hoje?” ele perguntou, olhando para um fio solto no punho da camisa dele, como se ele não estivesse prestando atenção na minha resposta.
“Eu vou ficar com Jacob de novo”.
Ele balançou a cabeça sem olhar pra cima. “Oh”, ele disse.
“Você se importa?”, eu fingi me importar. “Eu posso ficar...”
Ele olhou pra cima rapidamente, uma pontada de pânico nos olhos dele.
“Não, não! Vá em frente. Harry estava vindo pra assistir o jogo comigo mesmo”.
“Talvez Harry pudesse dar a Billy uma carona pra cá”, eu sugeri. Quanto menos testemunhas, melhor.
“Essa é uma ótima idéia”.
Eu não tinha certeza se o jogo era só uma desculpa pra expulsar, mas agora ele parecia ansioso o suficiente.
Ele foi até o telefone enquanto eu abotoava o meu casaco de chuva. Eu me senti intimidada com o talão de cheques enfiado no bolso da jaqueta. Era uma coisa que eu nunca usava.
Do lado de fora, a chuva corria como se fosse água jogada de um balde. Eu tive que dirigir mais devagar do que queria; eu mal podia ver o formato de um carro na frente da caminhonete. Mas eu finalmente consegui chegar nas terras lamacentas da casa de Jacob. Antes que eu desligasse o motor, a porta da frete se abriu e Jacob saiu correndo com um enorme guarda chuva preto.

Ele o segurou em cima da minha porta enquanto eu a abria.
“Charlie ligou - ele disse que você já estava vindo”, Jacob explicou com um sorriso.
Sem esforço, sem uma ordem consciente para os músculos dos meus lábios, o meu sorriso de resposta apareceu no meu rosto. Um estranho sentimento de calor borbulhou na minha garganta, apesar da chuva gelada que pingava nas minhas bochechas.
“Oi, Jacob”.
“Boa idéia de convidar Billy”, ele levantou a mão para nos cumprimentarmos.
Eu tive que me contorcer tão alto pra bater na mão dele que ele sorriu.
Harry apareceu pra pegar Billy alguns minutos depois. Jacob me levou num breve tour até seu pequeno quarto enquanto esperávamos pra não sermos supervisados.
“Então pra onde vamos, Sr. Bom mecânico?” eu perguntei assim que ele fechou a porta atrás de Billy.
Jacob puxou um papel dobrado que estava no bolso dele e o alisou.
“Nós vamos começar num ferro velho primeiro, pra ver se temos sorte. Isso pode ficar uma pouco caro”, ele me avisou. “Aquelas motos vão precisar de muita ajuda antes de poderem andar de novo”.
Meu rosto não pareceu preocupado o suficiente, então ele continuou.
“Eu estou falando talvez de mais de cem dólares aqui”.
Eu puxei meu talão de cheques, me abanei com ele, e revirei meus olhos pelas preocupações dele. “Nós estamos cobertos”.
Aquele foi um dia estranho. Eu me diverti. Mesmo no ferro velho, com a lama da chuva me prendendo até os calcanhares. Eu me perguntei se isso era só uma espécie de fase pós-entorpecência, mas eu não achava que essa era uma explicação boa o suficiente.
Eu estava começando a achar que era Jacob. Não era só porque ele sempre parecia tão feliz em me ver, ou que ele não ficava me vigiando pelo canto dos olhos, esperando que eu fizesse alguma coisa que me provasse louca ou deprimida. Não era absolutamente nada que me envolvia.
Era o próprio Jacob. Jacob era simplesmente uma pessoa perpetuamente feliz, e ele carregava aquela felicidade dele como uma aura, dividindo ela com quem quer que estivesse com ele.
Como o sol que abraçava a terra, quando quer que uma pessoa estava perto de sua órbita gravitacional, Jacob os acalentava.
Era natural, uma parte de quem ele era. Não era de estranhar que eu estava tão ansiosa pra vê-lo.
Mesmo quando ele comentou sobre o buraco vazio no meu painél, isso não pareceu me enviar a onda de pânico que devia.
“O som quebrou?”, ele perguntou.
“É”, eu menti.
Ele apalpou ao redor da cavidade. “Quem foi que o arrancou? Aqui tem um monte de estragos...”.
“Fui eu”, eu admiti.

Ele riu. “Talvez você não devesse mexer muito nas motos”.
“Sem problema”.
De acordo com Jacob, nós tivemos sorte no ferro velho.
Ele ficou muito excitado com algumas peças pretas com graxa feitas de metal retorcido que ele encontrou; eu só estava impressionada que ele sabia pra que elas serviam.
De lá, nós fomos para a Checker Auto Partes em Hoquiam. Na minha caminhonete, levamos mais de duas horas na estrada da sul, mas o tempo passava facilmente com Jacob. Ele tagarelava sobre seus amigos e sua escola, e eu me peguei fazendo perguntas, sem precisar fingir, realmente curiosa pra ouvir o que ele tinha a dizer.
“Eu estou falando sozinho”, ele reclamou depois de contar uma longa história sobre os problemas que Quil teve chamando uma garota mais velha pra sair. “Porque não mudamos isso? O que tá havendo em Forks? Tem que ser mais excitante do que em La Push”.
“Errado”, eu suspirei. “Não tem nada de verdade. Os seus amigos são muito mais interessantes que os meus. Eu gosto dos seus amigos. Quil é engraçado”.
Ele fez uma carranca. “Eu acho que ele gosta de você também”
Eu sorri. “Ele é um pouco novo demais pra mim”.
A carranca de Jacob se aprofundou mais ainda. “Ele não é assim tão mais novo do que você. É só um ano e alguns meses.”
Eu tinha uma sensação de que não estávamos mais falando de Quil. Eu mantive minha voz leve, zombeteira. “Claro, mas considerando a diferença de maturidade entre rapazes e garotas, n~so temos que contar como a idade dos cachorros? O que isso me torna, uns doze anos mais velha?”
Ele sorriu, revirando os olhos. “”Ok, mas se vamos começar a ser seletivos assim, você tem que contar o seu tamanho também. Você é tão pequena que teria que descontar uns dez anos do seu total”.
“Um metro e sessenta é perfeitamente normal”, eu funguei. “Não é culpa minha que você é anormal”.
Nós discutimos assim até chegarmos em Hoquiam, ainda falando sobre a fórmula perfeita pra determinar a idade - eu perdí mais dois anos porque não sabia trocar um pneu, mas ganhei um de volta porque eu era a encarregada de organizar os livros da minha casa - até que chegamos em Checker, e Jacob teve que se concentrar de novo. Nós encontramos tudo o que faltava na lista dele, e Jacob saiu muito confiante se que havíamos feito um grande progresso na nossa aventura.
Quando nós chegamos em La Push, eu estava com vinte e dois anos e ele estava com trinta - ele definitivamente estava colocando a balança a favor das habilidades dele.
Eu não havia esquecido a razão para o que eu estava fazendo. E mesmo assim, eu estava me divertindo mais do que havia julgado possível, não houve diminuição no meu real desejo.
Eu ainda queria trair o acordo. Era sem sentido, e eu não me importava.

Eu queria ser tão pouco cuidadosa quanto fosse possível ser em Forks. Eu não seria a única a manter um contrato vazio. Passar o tempo com Jacob me ajudou na recuperação muito mais do que imaginava.
Billy ainda não havia voltado, então não tivemos de ser cuidadosos quando descarregamos nossas compras do dia. Assim que nós depositamos tudo no chão de plástico perto da caixa de ferramentas de Jacob, ele foi direto ao trabalho, ainda falando e sorrindo enquanto seus dedos passavam sabiamente entre as peças de metal na frente dele.
A habilidade de Jacob com as mãos era impressionante. Elas pareciam grandes demais para tarefas delicadas nas quais trabalhavam com facilidade e precisão. Enquanto trabalhava, ele quase parecia gracioso. Diferente de quando ele estava de pé; alí, o peso e as mãos dele o faziam tão perigoso quanto eu era.
Quil e Embry não apareceram, então talvez a ameaça de ontem tenha sido levada a sério.
O dia passou rápido demais. Ficou escuro do lado de fora da garagem mais rápido do que eu esperava, e então eu ouvi Billy chamando por nós.
Eu me levantei pra ajudar Jacob a guardar as coisas dele, hesitando porque eu não sabia o que devia tocar.
"Deixa aí", ele disse. "Eu trabalhar nisso mais tarde".
"Não esqueça os seus trabalhos da escola ou alguma coisa assim", eu disse, me sentindo um pouco culpada. Eu não queria que ele tivesse problemas. Esse plano era só pra mim.
"Bella?"
Nossas duas cabeças se levantaram quando a voz familiar de Charlie soou por entre as árvores, parecendo mais próxima do que a casa.
"Droga", eu murmurei. "Já vou!", eu gritei na direção da casa.
"Vamos lá", Jacob sorriu, gostando de estar entre a cruz e a espada.
Ele desligou a luz, e por um momento eu fiquei cega. Jacob agarrou minha mão e me guiou pra fora da garagem e entre as árvores, seus pés encontrando o caminho familiar na trilha facilmente.
A mão dele era dura, e muito quente.
Apesar da trilha, nós dois estávamos tropeçando nos nossos pés na escuridão. Então nós dois estávamos rindo quando começamos a ver a casa. As risadas não eram muito profundas; eram leves e superficiais, mas ainda era legal. Eu não estava acostumada a sorrir, e isso pareceu certo e também muito errado ao mesmo tempo.
Charlie estava de pé na varanda de trás, e Billy estava sentado na entrada da porta atrás deles.
"Oi, pai", nós dois dissemos ao mesmo tempo, e isso fez nós dois começarmos a rir de novo.
Os olhos de Charlie se arregalaram e voaram pra ver a mão de Jacob segurando a minha.
"Billy nos convidou pra o jantar", ele disse com uma voz de quem estava com a mente ausente.

“Minha receita super secreta de spaghetti. Passada por gerações”. Billy disse com uma voz grave.
Jacob bufou. “Eu não acho que Ragu esteve por aqui por tanto tempo”.
A casa estava lotada. Harry Clearwater estava lá também, com sua família - sua esposa, Sue, da qual eu me lembrava vagamente da minha infância nos verões em Forks, e os dois filhos dele. Leah estava no último ano como eu, mas era um ano mais velha. Ela era linda de um jeito exótico - pele perfeita cor de cobre, cabelo preto brilhante, cílios que pareciam plumas - e preocupada.
Ela estava no telefone de Billy quando nós entramos, e ela nunca o soltou. Seth tinha quatorze; ele captava cada palavra de Jacob olhando pra ele como se fosse um ídolo.
Nós estávamos num número grande demais pra mesa da cozinha, então Charlie e Harry trouxeram cadeiras para o quintal, e nós comemos spaghetti em pratos que colocamos no colo, com a luz fraca que vinha da porta aberta da casa de Billy.
Os homens falavam sobre o jogo, e Harry e Charlie faziam planos pra ir pescar. Sue zombou com o marido sobre o colesterol dele e tentou, sem sucesso, fazê-lo se envergonhar e comer folhas verdes. Jacob falou em grande maioria comigo e Seth, que nos interrompia ansiosamente quando Jacob demonstrava algum sinal de que estava prestes a esquecê-lo. Charlie me espionava, tentando ser sutil, com olhos agradados, mas cautelosos.
ficava alto e as vezes conguso quando todo mundo tentava falar ao mesmo tempo com todo mundo, e as risadas de uma piada interrompiam outra. Eu não tinha que falar com frequência, mas eu sorrí muito, e só porque eu queria.
Eu não queria ir embora.
Porém, isso era Washington, e a inevitável chuva acabou encerrando nossa festa; a sala de estar de Billy era pequena demais pra ser uma opção para a nossa reunião.
Harry tinha trazido Charlie, então nós dois voltamos pra casa juntos na minha caminhonete. Ele me perguntou sobre o meu dia, e eu contei a verdade em grande parte - que eu havia ido comprar partes com Jacob e que havia ficado olhando ele trabalhar na sua garagem.
"Você acha que vai visitá-los em breve?", ele perguntou, tentando parecer casual.
"Amanhã depois da escola", eu admití. "Eu vou levar o dever de casa, não se preocupe".
"Faça isso", ele ordenou, tentando esconder sua satisfação.
Eu estava nervosa quando nós chegamos em casa. Eu não queria ir lá pra cima. A presença cálida de Jacob estava desaparecendo, e em sua ausência, a ansiedade ficava mais forte.
Eu não tinha certeza de que conseguiria ter duas noites de sono tranquilo seguidas.
Pra atrasar a hora de dormir, eu chequei meus E-mail; havia uma nova mensagem de Renée.

Ela escrevia sobre o dia dela, um novo clube dos livros que abusava nas horas de meditação e ela largou, a sua semana substituindo uma professora da segunda série e sentindo falta do jardim de infância. Ela escreveu que Phil estava gostando do seu novo trabalho de técnico, e que eles estavam planejando uma segunda lua de mel pra o Disney World.
E eu percebí que a coisa toda parecia mais um diário do que uma carta pra outra pessoa. O remorso passou por mim, me deixando uma pontada de desconforto. Que filha que eu era.
Eu escreví de volta pra ela rapidamente, comentando cada parte da carta dela, e volunatariando informações sobre mim mesma- o spaghetti na casa de Billy e como eu me sentia observando Jacob construir coisas úteis só usando pequenos pedaços de metal - impressionada e invejosa. Eu não fiz nenhuma referencia que mudassse essa carta das outras que eu havia mandado antes nos últimos meses.
Eu mal podia me lembrar o que havia escrito pra ela, mesmo nas semanas mais recentes como a da semana passada, mas eu tinha certeza de que elas não eram muito compreensívas.
Quanto mais eu pensava nisso, mais culpada eu me sentia; eu realmente devo tê-la deixado muito preocupada.
Eu fiquei acordada até muito mais tarde depois disso, terminando mais deveres de casa do que eram estritamente necessários. Mas nem com a falta de sono ou as horas que passava com Jacob - sendo quase feliz num jeito superfícial - eu conseguia sonhar em dormir bem duas noites seguidas.
Eu acordei tremendo, meus gritos abafados pelo travesseiro. Enquanto a fraca luz se filtrava pela fraca névoa do lada de fora da minha janela, eu ainda fiquei deitada na minha cama tentando esquecer o sonho. Houve uma pequena diferença na noite passada, e eu me concentrei nisso.
Na noite passada eu não estava sozinha na floresta. Sam Uley - o homem que me tirou da floresta naquela noite na qual eu não conseguia pensar quando estava consciente - estava lá. Foi uma alteração estranha, inesperada.
Os olhos escuros do homem foram estranhamente não amigáveis, cheios com algum segredo que ele não parecia a fim de compartilhar. Eu observei ele com a frequencia que a minha busca frenética me permitiu olhar; me deixou desconfortável, mesmo com o pânico de praxe, ter ele lá.
Talvez fosse por isso que, quando eu não olhava diretamente pra ele, a figura dele parecia tremer e mudar na minha visão periférica. Mesmo assim, ele não fazia nada a não ser ficar lá e observar. Diferente da vez em que nos encontramos de verdade, dessa vez ele não me ofereceu ajuda.
Charlie ficou me incarando durante o café da manhã, eu tentei ignorá-lo. Eu acho que eu merecia isso. Eu não podia esperar que ele não se preocupasse. Provavelmente se passaram semanas até que

ele parasse de esperar que o zumbí voltasse, e eu simplesmente ia ter que tentar não me aborrecer. Dois dias não seriam o suficiente pra me declarar curada.
Na escola foi o oposto. Agora que eu estava prestando atenção, era claro que ninguém estava prestando atenção em mim.
Eu me lembrei do primeiro dia em que cheguei á Forks High School - como eu esperei desesperadamente que eu pudesse ficar cinza, me esconder entre o concreto da calçada, como um camaleão tamanho familia. Parecia que eu estava conseguindo o que eu queria, um ano depois.
Era como se eu nem estivesse aqui. Mesmo os olhos dos meus professores passavam pela minha cadeira como se ela estivesse vazia.
Eu escutei a manhã inteira, ouvindo novamente as vozes das pessoas ao meu redor. Eu tentei entender o que estava acontecendo, mas as conversas eram tão bagunçadas que eu desistí.
Jéssica não olhou pra cima quando eu me sentei ao lado dela na aula de Cálculo.
"Ei, Jess", eu disse num tom educado. "Como foi o resto do seu fim de semana?"
Ela olhou pra mim com olhos suspeitos. Será possivel que ela ainda estivesse com raiva? Ou ela estva só impaciente por ter que lidar com uma pessoa louca?
"Super", ela disse, se virando de volta pro seu livro.
"Isso é bom", eu murmurei.
A figura de expressão *ombro frio* parecia ter um sentido literal. Eu podia sentir o ar quente vindo das tubulações, mas eu ainda estava com muito frio. Eu tirei o meu casaco de cima da cadeira e vestí de novo.
Minha quarta aula acabou atrasada, e a mesa do almoço onde eu sempre me sentava estava cheia na hora que eu cheguei.
Mike estava lá, Jéssica e Angela, Conner, Tyler, Eric e Lauren.
Katie Marshall, a ruiva novata que morava na esquina da minha casa, estava sentada com Eric, e Austin Marks - o irmão mais velho do garoto das motos - estava do lado dela. Eu me perguntei por quanto tempo eles estariam sentando lá, incapaz de me lembrar se essa era a primeira vez ou uma espécie de hábito regular.
Eu estava começando a ficar brava comigo mesma. Eu devo ter sido empacotada com os amendoins para exportação no semestre passado.
Ninguém olhou pra cima quando eu me sentei ao lado de Mike, mesmo a cadeira tendo rangido de forma estranha no chão quando eu a puxei.
Eu tentei me informar na conversa.
Mike e Conner estavam falando de esportes, então eu desistí deles na hora.
"Onde está Ben hoje?", Lauren estava perguntando a Angela. Eu comecei a ouvir, interessada. Eu me perguntei se isso significava que

Angela e Ben ainda estavam juntos.
Eu mal reconhecí Lauren. Ela cortou todo o seu cabelo louro cor de milho - agora ela usava o cabelo tão curto que o seu cabelo estava raspado atrás como o de um garoto. Que coisa estranha pra ela fazer.
Eu queria poder saber a razão por trás disso. Será que as pessoas com as quais ela era desagradável pegaram ela atrás do ginásio e a escalpelaram? Eu decidí que não era justo julgá-la agora pela minha opinião antiga. Pelo que eu sabia, ela podia ter se tornado uma pessoa legal.
"Ben está doente" Angela disse com a sua voz baixa, quieta. "Espera-se que seja só uma coisa que vinte e quatro horas. Ele estava muito mal ontem á noite".
Angela tinha mudado o cabelo também. Ela o estirou em camadas.
"O que vocês dois fizeram esse fim de semana?" Jéssica perguntou,mas não parecia que ela se importava com a resposta. Eu apostava que aquilo era só uma brecha pra que ela pudesse contar as suas próprias histórias. Eu me perguntei se ela ia contar sobre nós em Port Angeles comigo sentada a duas cadeiras de distância. Eu era tão invisível, que as pessoas falavam sobre mim mesmo eu estando aqui?
"Na verdade, nós íamos fazer um piquenique no Sábado, mas... mudamos de idéia", Angela disse. Havia um tom estranho na voz dela que me chamou a atençao.
Mas não muito a de Jess. "Que pena", ela disse, prestes a começar a sua história. Mas eu não era a única prestando atenção.
"O que aconteceu?", Lauren perguntou curiosamente.
"Bem", Angela disse, parecendo mais hesitante que de costume, apesar dela ser sempre reservada. "Nós fomos dirigindo pro norte - há um lugar legal lá só a um quilômetro da trilha. Mas quando estávamos a meio caminho de lá... nós vimos uma coisa."
"Viram alguma coisa? O que?" As sobrancelhas pálidas de Lauren estavam grudadas. Até Jess parecia estar prestando atenção agora.
"Eu não sei", Angela disse. "Nós *achamos* que era um urso.
De qualquer jeito, ele era preto, mas pareceu... grande demais".
Lauren bufou. "Oh, não você também!" Os olhos dela ficaram zombeteiros, e eu decidí que não precisava dar a ela o benefício da dúvida. Obviamente a personalidade dela não mudou tanto quanto o seu cabelo. "Tyler tentou me vender essa na semana passada".
"Você não vai ver ursos assim tão perto da reserva". Jéssica disse, apoiando Lauren.
"Sério", Angela disse com uma voz baixa, olhando para a mesa. "Nós vimos mesmo".
Lauren viu. Mike ainda estava conversando com Conner, sem prestar atenção ás garotas.
"Não, ela está certa", eu disse impaciente. "Nós vimos um mochileiro nesse Sábado que também viu um urso, Angela. Ele disse que era enorme e preto e que foi fora da cidade, não disse, Mike?"

Houve um momento de silêncio. Todos os pares de olhos da mesa olharam pra mim chocados. A garota nova, Katie, ficou com a boca aberta como se ela tivesse acabado de presenciar uma explosão. Ninguém se mexeu.
"Mike?", eu murmurei, mortificada. "Lembra do cara com a história do urso?"
"C- claro", Mike gaguejou depois de um segundo. Eu não sabia porque ele estava olhando pra mim de um jeito tão estranho. Eu falava com ele no trabalho, não falava? Falava? Eu achava que sim...
Mike se recuperou. "É, houve um cara que disse que viu um enorme urso preto bem perto da trilha - maior que um pardo". Ele confirmou.
"Hmph" Lauren se virou pra Jéssica, com os ombros rígidos, e mudou de assunto.
"Você teve resposta da USC?", ela perguntou.
Todos os outros desviaram os olhos também, exceto Mike e Angela. Angela sorriu pra mim tentadoramente, e eu me apressei pra devolver o sorriso.
"Então, o que você fez nesse fim de semana, Bella?" Mike perguntou, curioso, mas estranhamente cauteloso.
Todo mundo com excessão de Luren olhou de volta pra mim, esperando minha resposta.
"Sexta á noite eu e Jéssica fomos ao cinema em Port Angeles. E eu passei o sábado á tarde e grande parte do domingo em La Push".
Os olhos piscavam voando de Jéssica pra mim. Jess pareceu irritada. Eu me perguntei se ela não queria que as pessoas soubessem que ela tinha saído comigo, ou se foi só porque ela mesma queria contar a história.
"Que filme você assistiram?" Mike perguntou, começando a sorrir.
"*Dead End*- aquele que tem os zumbís." Eu sorrí encorajando.
Talvez um pouco dos estrago que eu causei durante os meus meses como zumbí estivesse reparado.
"Eu ouví que era assustador. Você achou?" Mike estava ansioso pra continuar a conversa.
"Bella teve que sair no final, de tão assutada." Jéssica interferiu com um sorriso falso.
Eu balancei a cabeça, tentando parecer envergonhada. "Era muito assustador".
Mike não parou de me fazer perguntas até que o almoço tinha acabado. Gradualmente, os outros na mesa foram capazes de recomeçar suas prórpias conversas de novo, apesar de que eles ainda olhavam muito pra mim.
Angela falou em maioria com Mike e comigo, e, quando eu me levantei pra jogar fora a minha bandeja, ela me seguiu.
"Obrigada", ela disse num voz baixinha quando estávamos longe da mesa.
"Pelo que?"
"Por falar, por me defender".
"Sem problema".

Ela olhou pra mim preocupada, mas não ofensiva, com aquele olhar de talvez ela esteja perdida. "Você está bem?"
Foi por isso que eu escolhí Jéssica ao inves de Angela - apesar de gostar mais de Angela - para aquela noite de garotas. Angela era perceptiva demais.
"Não completamente", eu admití. "Mas eu estou um pouco melhor".
"Eu fico feliz", ela disse. "Eu sentí sua falta".
Lauren e Jéssica se aproximaram de nós nessa hora, e eu ouví Lauren sussurrar alto. "Oh, *alegria* Bella está de volta".
Angela rolou os olhos pra elas, e sorriu pra mim me encorajando.
Eu suspirei. Era como se eu estivesse começando tudo de novo.
"Que data é hoje?", eu imaginei de repente.
"É dezenove de Janeiro".
"Hmm".
"O que é?" Angela perguntou.
"Faz um ano que eu cheguei aqui pela primeira vez", eu meditei.
"Nada mudou muito", Angela murmurou, olhando pra Lauren e Jéssica.
"Eu sei, eu concordo pois estava pensando exatamente na mesma coisa".

7. Repetição

Eu não tinha certeza do que diabos eu estava fazendo aqui. Será que eu estava tentando me jogar de volta naquele torpor de zumbí? Eu virei masoquista - desenvolví um gosto pela tortura? Eu divia ter ido direto pra La Push onde eu me sentia muito, muito mais saudável perto de Jacob. *Essa* não era uma coisa saudável a fazer.

Mas eu continuei a dirigir lentamente pela rua coberta de vegetação, virando entre as árvores que se contorciam por cima de mim como um túnel verde, vivo. Minhas mãos estavam tremendo, então eu apertei elas no volante.

Eu sabia que parte pra eu estar fazendo isso era o pesadelo, agora que eu estava realmente acordada, o nada do sonho roía meus nervos, como um cão roendo um osso.

Havia uma coisa pra procurar. Inacessível e impossível, sem se importar e distraído... mas *ele* estava lá, em algum lugar. Eu tinha que acreditar nisso.

A outra parte era a estranha sensação de repetição que eu sentí no meu dia na escola hoje, a conhecidência da data. O sentimento de que eu estava recomeçando - talvez do jeito como o meu dia primeiro teria sido se eu realmente fosse a pessoa mais incomum na cafeteria naquela tarde.

As palavras corriam na minha cabeça, sem som, como se eu estivesse lendo elas ao invés de ouví-las.

Será como se eu nunca tivesse existido.

Eu estava mentindo pra mim mesma quando dividí o meu motivo pra vir aqui em duas partes. Eu não queria admitir a minha motivação mais forte. Porque eu estava mentalmente deteriorada.

A verdade é que eu queria ouvir a voz dele de novo, como ouví na minha estranha ilusão na Sexta. Por um breve momento, quando a voz dele veio de outra parte consciente da minha memória, quando a voz dele era perfeita e suave como o mel e não pálida como as outras memórias que eu costumava reproduzir, eu fui capaz de lembrar sem sentir dor.

Não durou muito; a dor me encontrou, assim como eu tinha certeza que faria com esse meu passeio bobo. Mas aqueles momentos preciosos quando eu pude ouvir a voz dele de novo eram um chamariz irresistível.

Eu tinha que encontrar um meio de repetir a experiêcia... ou talvez a melhor palavra fosse *episódio*.

Eu estava esperando que deja vu fosse a chave. Então eu estava indo para a casa dele, um lugar onde eu não tinha ido desde a festa catastrófica do meu aniversário, há tantos meses atrás.

A grossa quase floresta crescia e passava pelas minhas janelas. A viagem continuou e continuou. Eu comecei a ir mais rápido, ficando nervosa. Por quanto tempo eu estive dirigindo? Eu já não devia ter

chegado na casa? A rua estava tão coberta de vegetação que quase não me parecia familiar.
E se eu não conseguisse achar? Eu tremí. E se não houvessem provas tangíveis?
Então, lá estava a entrada entre as árvores que eu estava procurando, só que ela já não se pronunciava tanto como antes.
A flora aqui não demorava muito pra reclamar qualquer terreno que estivesse sem cuidados. As altas samambaias haviam infestado a clareira que cercava a casa, se aglomerando nas árvores, mesmo na grande varanda.
Era como se a grama estivesse fluíndo - na altura da cintura - com ondas verdas, flutuantes.
E *havia* uma casa lá, mas ela não era a mesma.
Apesar de nada ter mudado do lado de fora, o vazio gritava pelas janelas brancas. Era arrepiante. Pela primeira vez desde que eu ví a linda casa, ela me pareceu um local apropriado para vampiros.
Eu pisei no freio, desviando o olhar. Eu estava com medo de ir mais em frente.
Mas nada aconteceu. Nenhuma voz na minha cabeça.
Então eu deixei o motor ligado e pulei pra fora no mar de grama.
Talvez, como na Sexta, se eu caminhasse em frente...
Eu me aproximei da entrada estéril, vaga, lentamente, minha caminhonete tremendo num barulho reconfortante atrás de mim. Eu parei quando cheguei nas escadas da entrada, porque não havia nada aqui. Nenhum senso demorado de presença... da presença dele.
A casa estava solidamente alí, mas isso significava pouco. Essa concreta realidade não ia afastar o vazio dos meus sonhos.
Eu não cheguei mais perto. Eu não queria olhar pela janela.
Eu não tinha certeza do que seria mais difícil de ver. Se os quartos estivessem vazios, ecoando o vazio do chão até o teto, isso certamente ia doer. Como no enterro da minha avó, quando minha mãe insistiu que eu ficasse do lado de fora durante a cerimônia. Ela disse que eu não precisava ver vovó daquele jeito, me lembrar dela daquele jeito, era melhor quando ela estava viva.
Mas será que não seria pior se não houvessem mudanças? Se os sofás estivessem lá como da última vez que eu os havia visto, as pinturas nas paredes - pior ainda, o piano na baixa plataforma? Era melhor ver a casa desaparecendo por inteiro, do que ver que não havia nenhuma posessão física que os ligava de qualquer forma. Que tudo havia permanecido, intocado e esquecido, pra trás deles.
Assim como eu.
Eu virei as costas para a brecha vazi, e me apressei para a minha caminhonete. Eu quase corri. Eu estava ansiosa pra ir embora, pra voltar para o meu mundo humano. Eu me sentia terrivelmente vazia, e eu queria ver Jacob. Talvez eu estivesse desenvolvendo uma outra espécie de doença, outro vício, como a entorpecência de antes.
Eu não me importava. Eu forcei minha caminhonete a ir o mais rápido que ela podia enquanto eu ia procurar a minha cura.

Jacob estava esperando por mim. Meu peito pareceu relaxar assim que eu ví ele, tornando mais fácil respirar.
"Ei, Bella", ele chamou.
Eu sorrí aliviada. "Oi, Jacob". Eu acenei pra Billy, que estava olhando pela janela.
"Vamos trabalhar", Jacob disse numa voz baixa mas ansiosa.
De alguma forma consegui sorrir. "Você realmente não enjoou de mim ainda?" eu me perguntei. Ele deve ter começado a se perguntar o quanto eu estava desesperada por companhia.
Jacob guiou o caminho da sua casa até a garagem.
"Não. Ainda não".
"Por favor, me avise quando eu começar a enlouquecer os seus nervos. Eu não quero ser um incômodo".
"Ok", ele sorriu, um som gutural. "Mas eu não seguraria o fôlego pra isso".
Quando nós entramos na garagem, eu fiquei chocada de ver a moto vermelha de pé, parecendo mais um moto do que um monte de metal retorcido.
"Jake, você é incrivel", eu asfixiei.
Ele sorriu de novo. "Eu fico obcecado quando tenho um projeto". Ele levantou os ombros. "Se eu tivesse cérebro, porém, eu ia arasar as coisas um pouco".
"Porque?"
Ele olhou pra baixo, pausando por tanto tempo que eu me perguntei se ele havia ouvido a minha pergunta. Finalmente, ele me perguntou.
"Bella, se eu te disesse que não sabia concertar essas motos, o que você diria?"
Eu também não respondí na hora, e ele olhou pra cima pra olhar a minha expressão.
"Eu diria... que pena, mas nós vamos arranjar alguma outra coisa pra fazer. Se nós estivessemos realmente desesperados, nós podíamos fazer o dever de casa".
Jacob sorriu e os ombros dele relaxaram. Ele sentou perto da moto e pegou um trapo. "Então você acha que ainda vai vir quando eu tiver acabado?"
"Foi isso que você quis dizer?" eu balancei minha cabeça. "Eu *acho* que eu estou me aproveitando das suas habialidades de mecânico gratuitas. Mas enquanto você quiser que eu venha, eu venho".
"Esperando ver Quil de novo?" ele zombou.
"Você me pegou".
Ele gargalhou. "Você realmente gosta de passar tempo comigo?" ele perguntou maravilhado.
"Muito, muito mesmo. E eu vou provar. Eu tenho que trabalhar amanhã, mas Quarta nós vamos fazer alguma coisa que não envolva mecânica".
"Tipo o que?"
"Eu não tenho idéia. Nós podemos ir pra minha casa pra que você não fique tentado pela sua obcessão. Você pode trazer o seu dever da

escola - você deve estar ficando pra trás, porque eu sei que estou".
"Dever de casa pode ser uma boa idéia", ele fez uma cara, e eu me perguntei quanta coisa ele estava deixando de fazer pra ficar comigo.
"Sim", eu concordei. "Nós vamos ter que começar a sermos responsáveis ocasionalmente, se não Billy e Charlie não vão facilitar pra nós". Eu fiz um gesto indicando nós dois como uma só entidade.
Ele gostou disso - ele se iluminou.
"Dever de casa uma vez por semana?", ele propôs
"Talvez seja melhor duas", eu sugerí, pensando na pilha que eu tinha que fazer pra hoje.
Ele suspirou um suspiro pesado. Então ele se inclinou para a caixa de ferramentas pra pegar uma sacola de papel de supermercado. Ele puxou duas latas de refrigerante, abrindo uma e passando ela pra mim. Ele abriu a outra, e a segurou cerimonialmente.
"Á responsabilidade", ele brindou. "Duas vezes por semana".
"E a negligência nos dias restantes", eu enfatizei.
Ele sorriu e tocou a lata dele na minha.
Eu cheguei em casa mais tarde do que esperava e descobri que Charlie preferiu pedir uma pizza do que me esperar. Ele não permitiu que eu me desculpasse.
"Eu não me importo", ele me garantiu. "De qualquer forma, você merecia uma folga da cozinha".
Eu sabia que ele só estava aliviado porque eu estava agindo como uma pessoa normal, e ele não queria afundar meu barco.
Eu chequei meu E-mail antes de começar a fazer o dever de casa, e havia um bem longo de Renée.
Ele tagarelava sobre cada detalhe do que eu tinha escrevido pra ela, então eu escreví de volta outra exaustiva descrição do meu dia.
Tudo menos as motos. Mesmo a cabeça de vento de Renée ficaria preocupada com isso.
A escola na terça teve seus altos e baixos. Angela e Mike realmente pareceram me receber de volta com os braços abertos - pra gentilmente esquecer sobre os meus meses de comportamento aberrante.
Jess estava mais resistente. Eu me perguntei se ela ia precisar de uma carta formal pedindo desculpas pelo episódio de Port Angeles.
Mike estava animado e falante no trabalho. Parecia que ele havia gruardado um semestre inteiro de conversas, e de repente estava soltando tudo. Eu descobri que era capaz de rir e sorrir com ele, apesar de que não era tão sem esforço quanto com Jacob. Mas me pareceu inofensivo o suficiente, até a hora de ir embora.
Mike colocou a placa de fechado na janela enquanto eu dobrava meu uniforme e o colocava embaixo do balcão.
"Hoje foi divertido" Mike disse feliz.
"É", eu concordei, apesar de que eu ia preferir ter passado essa tarde na garagem.
"É uma pena que você tenha que ter saído do filme mais cedo na semana passada".

Eu fiquei um pouco confusa com essa direção dos pensamentos. Eu levantei os ombros. "Eu só uma chorona, eu acho".
"O que eu quero dizer é, você devia ir assistir um filme melhor, algum que você gostasse", ele explicou.
"Oh", eu murmurei, ainda confusa.
"Tipo talvez essa Sexta. Comigo. Nós podemos ir assistir uma coisa que não seja assustadora".
Eu mordí meu lábio.
Eu não queria estragar as coisas com Mike, não quando ele era uma das únicas pessoas a me perdoar por ter sido louca. Mas isso, de novo, parecia familiar demais. Como se o ano passado nunca tivesse acontecido. Eu queria ter Jess como desculpa dessa vez.
"Tipo um encontro?" eu perguntei. Honestidade era provavelmente o melhor caminho nessa hora. Lidar com isso.
Ele processou o som da minha voz. "Se você quiser. Mas não tem que ser desse jeito".
"Eu não tenho encontros", eu disse lentamente, me dando conta do quanto isso era verdade. Esse mundo todo agora parecia impossivelmente distante.
"Só como amigos?", ele sugeriu. Seus claros olhos azuis não estavam mais ansiosos. De qualquer forma, eu realmente esperava que ele estivesse falando sério quando disse que podíamos ser amigos.
"Isso seria divertido. Mas na verdade eu já tenho planos pra essa Sexta, então talvez semana que vem?"
"O que você vai fazer?" ele perguntou, menos casualmente do que eu achava que ele queria fazer parecer.
"Dever de casa. Eu tenho uma... sessão de estudos planejada com um amigo".
"Oh. Ok. Talvez semana que vem".
Ele me acompanhou até o meu carro, menos exuberante que antes. Isso me lembrava tão claramente os meus primeiros meses em Forks. O círculo havia se fechado, e agora tudo parecia um eco - um eco vazio, destituído do interesse que ele costumava ter.
Na noite seguinte, Charlie não pareceu nem um pouco surpreso de ver Jacob e eu espalhados na sala de estar com nossos livros espalhados ao nosso redor, então eu acho que ele e Billy estiveram fofocando pelas nossas costas.
"Ei, crianças", ele disse, seus olhos se esticando para a cozinha.
O cheiro da lasanha que eu passei a tarde fazendo- enquanto Jacob oservava e ocasionalmente experimenteva - se espalhava pela sala; eu estava sendo boazinha, tentando me redimir de toda a pizza.
Jacob ficou para o jantar, e levou um prato pra casa pra Billy. Ele invejosamente adicionou um ano na minha idade negociável por eu ser boa cozinheira.
Sexta foi a garagem, e Sábado, depois do meu turno na Newton's, foi o dever de casa de novo. Charlie se sentia seguro o suficiente da minha sanidade pra ir pescar com Harry. Quando ele voltou, nós já havíamos terminado - e nos sentindo muito sensíveis e maduros por

isso também - e estávamos assistindo *Monster Garage* no Discovery Channel.
"Eu provavelmente devia ir", Jacob suspirou. "Está mais tarde do que eu esperava".
"Ok", tá legal" eu rosnei. "Eu vou te levar pra casa".
Ele sorriu com a minha expressão de má vontade - isso pareceu agradá-lo.
"Amanhã, de volta ao trabalho", eu disse assim que estavamos seguros na minha caminhonete. "A que horas você quer que eu apareça?"
Havia uma excitação inexplicada no sorriso de resposta dele. "Eu vou te ligar antes, tá legal?"
"Claro", eu fiz uma careta pra mim mesma, imaginando o que estava acontecendo. O sorriso dele cresceu.
Eu limpei a casa na manhã seguinte - esperando Jacob ligar e tentando esquecer o pesadelo. O cenário havia mudado. Na última noite eu vaguei num mar de grama que se intercalava com enormes árvores de cicuta. Não havia nada mais lá, e eu estava perdida, e eu vagava á toa e sozinha, procurando por nada. Eu queria poder me chutar por aquela estúpida viagem na semana passada. Eu expulsei o sonho da minha mente consciente, esperando que ele ficasse preso em algum lugar e não escapasse de novo.
Charlie estava do lado de fora lavando a viatura, então quando o telefone tocou, eu larguei a escova do banheiro e corrí lá pra baixo pra atender.
"Alô?", eu perguntei sem fôlego.
"Bella", Jacob disse com um estranho tom formal na voz.
"Oi, Jake"
"Eu acredito que... nós temos um *encontro*", ele disse, seu tom estava cheio de implicações.
Eu levei um segundo pra entender. "Elas estão prontas? Eu não acredito!" Que timing perfeito. Eu precisava de alguma coisa pra me distrair dos pesadelos e do vazio.
"É, elas estão correndo e tudo mais".
"Jacob, você é, sem dúvida, a pessoa mais talentosa e maravilhosa que eu conheço. Você ganhou dez anos por isso".
"Legal! Eu já sou de meia idade agora".
Eu sorrí. "Eu estou chegando lá".
Eu joguei os suplementos de limpeza embaixo da pia do banheiro e peguei meu casaco.
"Vai ver Jake", Charlie disse quando eu passei correndo por ele. Não era realmente uma pergunta.
"É", eu respondí enquanto pulava dentro da minha caminhonete.
"Eu vou estar na delegacia mais tarde" Charlie disse atrás de mim.
"Tá legal", eu gritei de volta, ligando a chave.
Charlie disse mais alguma coisa, mas eu não conseguí ouví-lo claramente por causa do ronco do motor. Pareceu com alguma coisa tipo. "Onde é o incêndio?"

Eu estacionei minha caminhonete do lado da casa dos Black, perto das árvores, pra facilitar quando tivessemos que escapar com as motos. Quando eu saí, um flash de cor apareceu na frente dos meus olhos - duas motos brilhantes, uma vermelha, uma preta, estavam escondidam embaixo de uma árvore, invisível da casa. Jacob estava preparado.
Havia um pedaço de fita azul amarrado como um laço ao redor do guidão. Eu estava rindo disso quando Jacob saiu correndo da casa.
"Pronta?", ele perguntou numa voz baixa, os olhos dele estavam brilhantes.
Eu olhei por cima do ombro dele, e não havia sinal de Billy.
"É", eu disse, mas eu não me sentia mais tão excitada quanto antes; eu estava tentando me imaginar realmente *em* uma moto.
Jacob colocou as motos na traseira da caminhonete com facilidade, colocando-as cuidadosamente de lado pra que elas não aparecessem.
"Vamos lá", ele disse, a voz dele mais alta que o normal com a excitação. "Eu conheço o lugar pefeito - ninguém vai nos pegar lá".
Nós dirigimos para o sul da cidade. A estrada de terra passava por dentro e por fora da floresta - as vezes não havia nada além de árvores, e então haviam vistas de tirar o fôlego do oceano pacífico, alcançando o horizonte, cinza escuro por baixo da nuvens.
Nós estávamos acima da costa, no topo dos penhascos que cercavam a praia aqui, e a vista parecia durar pra sempre.
Eu estava dirigindo devegar, pra que assim eu pudesse olhar com segurança de vez em quando para o oceano, enquanto a estrada se aproximava dos penhascos do mar. Jacob estava falando em terminar as motos, mas as descrições dele estavam ficando técnicas, então eu não estava prestando um pingo de atenção.
Foi aí que eu ví quatro figuras na encosta de pedra, muito perto de precipício. Eu não podia dizer pela distância a idade deles, mas eu presumia que fossem todos homens. Apesar do frio que estava fazendo hoje, eles pareciam estar usando apenas shorts.
Enquanto eu observava a pessoa mais alta se aproximou do abismo. Eu diminui automaticamente, meu pé hesitante no pedal do freio.
E então ele se atirou do precipício.
"Não!", eu gritei, pisando com tudo no freio.
"Qual é o problema?", Jacob gritou de volta, alarmado.
"O cara - ele *pulou* do *penhasco*! Porque eles não o pararam? Nós temos que chamar uma ambulância!" Eu abri minha porta e comecei a sair do carro, e isso não fazia o mínimo sentido.
O jeito mais rápido de encontrar um telefone seria voltar dirigindo para a casa de Billy. Mas eu não conseguia acreditar no que eu havia acabado de ver. Talvez, subconscientemente, eu esperava que eu visse alguma coisa diferente sem o parabrisa no meu caminho.
Jacob sorriu, e eu me virei pra ele selvagem. Como era que ele podia ser tão cruel, tão sangue frio?
"Eles só estão praticando mergulho no penhasco, Bella. Recreação. La Push não tem um shopping, sabe". Ele estava zombando, mas havia

uma estranha nota de irritação na voz dele.
"Mergulhando no penhasco?" eu repetí, confusa. Eu olhei sem acreditar enquanto uma segunda figura se aproximou da beira, pausou, e então muito graciosamente se atirou no espaço. Ele ficou caindo pelo que pareceu uma eternidade pra mim, finalmente caindo vagarosamente nas ondas cinza escuras abaixo.
"Uau. É tão alto." Eu voltei pra meu banco, ainda olhando com os olhos esbugalhados para os outros dois restantes. "Devem ser mais de cem metros".
"Bem, é, a maioria de nós pula do mais baixo, aquela outra pedra alí junto no meio", ele apontou pela sua janela. O lugar que ele apontou parecia ser muito mais razoável. "*Aqueles* caras são insanos. Eles provavelmente querem mostrar o quanto são durões. Quer dizer, fala sério, hoje está congelando. Aquela água não pode estar boa" Ele fez uma cara enfadada, como se aquela demonstração o ofendesse pessoalmente. Eu tinha pensado que Jacob era quase impossível de aborrecer.
"*Você* pula do penhasco?" eu prestei atenção no "nós".
"Claro, claro" Ele levantou os ombros e riu. "É divertido. Um pouco assutador, por causa da adrenalina".
Eu olhei de volta para os penhascos, onde a terceira figura estava se aproximando da beira. Eu nunca tinha presenciado uma coisa tão discuidada em toda a minha vida. Meus olhos se arregalaram e eu sorrí. "Jake, você tem que me levar pra mergulhar do penhasco".
Ele fez uma careta pra mim, seu rosto desaprovando. "Bella, você queria que eu chamasse uma ambulância pra Sam", ele me lembrou.
Eu fiquei surpresa que ele soubesse dizer quem era dessa distância.
"Eu posso tentar." eu insistí, começando a sair do carro de novo.
Jacob agarrou meu pulso. "Hoje não, tá legal? Será que podemos pelo menos esperar um dia mais quente?"
"Ok, tá certo", eu concordei. Com a porta aberta, a brisa glacial estava fazendo o meu braço se arrepiar. "Mas eu quero ir logo".
"Logo", Ele rolou os olhos. "As vezes você é um pouco estranha, Bella. Você sabia disso?"
Eu suspirei. "Sim"
"E nós não vamos pular do topo".
Eu observei, fascinada, enquanto o terceiro garoto fazia uma corrida de preparação e se atirava no ar num espaço ainda mais vazio que os outros dois. Ele se torcia e rodopiava no espaço enquanto caia, como se ele estivesse pulando para quedas.
Ele estava absolutamente livre - sem pensar e incrivelmente irresponsável.
"Tá legal", eu concordei. "Pelo menos, não da primeira vez".
Agora Jacob suspirou.
"Nós vamos testar as motos ou não?", ele quis saber.
"Tá bom, tá bom", eu disse, tirando meus olhos da última pessoa que se preparava pra pular no penhasco. Eu recoloquei meu cinto de segurança e fechei a porta. O motor ainda estava ligado, roncando

enquanto estava inativo. Nós continuamos na estrada de novo.
"Quem eram aqueles caras - os loucos?" eu imaginei.
Ele fez um som de novo no fundo da garganta. "A gangue de La Push".
"Vocês têm uma gangue?" eu perguntei. Eu me dei conta de que parecia impressionada.
Ele riu uma vez com a minha reação. "Não desse jeito. Eu juro, eles são como monitores de corredor que ficaram maus. Eles não começam brigas, eles mantêm a paz". Ele bufou. "Tem esse cara que vem de algum lugar em Makah rez, um cara grande também, com uma cara assustadora. Bem, as pessoas dizem que ele estava vendendo metanol para as crianças, e Sam Uley e seus *discípulos* o expulsaram daqui. Eles são cheios de *nossa terra* e orgulho da tribo... está ficando ridículo. A pior parte é que o concelho os leva a sério. Embry disse que na verdade, o concelho até se encontra com Sam",
Ele balançou a cabeça, o rosto cheio de ressentimento. "Embry também ouviu de Leah Clearwater que eles se chamam de 'protetores' ou alguma coisa assim".
As mãos de Jacob estavam curvados nos punhos, como se ele estivesse pronto pra bater em alguma coisa. Eu nunca tinha visto esse outro lado dele.
Eu fiquei surpresa ao ouvir o nome de Sam Uley.
Eu não queria que isso trouxesse de volta as imagens do meu pesadelo, então eu fiz uma rápida observação pra me distrair.
"Você não gosta muito deles".
"Dá pra notar?", ele perguntou sarcasticamente.
"Bom... não parece que eles estão fazendo nada de errado". Eu tentei amaciá-lo, pra deixá-lo alegre de novo. "Só um bando de chatos bonzinhos demais pra ser uma gangue".
"É. Chatos é uma boa palavra. Eles sempre estão se mostrando - como a coisa do penhasco. Eles agem como... como, eu não sei. Como caras durões. Eu estava numa loja com Embry e Quil uma vez, semestre passado e Sam veio até nós com os *seus seguidores*, Jared e Paul. Quil disse alguma coisa, você sabe que ele tem a boca grande, e isso tirou Paul do sério. Os olhos dele ficaram escuros, e ele meio que sorriu - não, ele mostrou os dentes, mas não sorriu - e era como se ele estivesse com tanta raiva que ele começou a tremer ou alguma coisa assim. Mas Sam colocou a mão no peito de Paul e balançou a cabeça. Paul olhou pra ele por um minuto e se acalmou. Honestamente, era como se Sam estivesse controlando ele - como se Paul fosse esquertejar a gente se Sam não o tivesse parado". Ele rugiu. "Como um faroeste ruim. Sabe, Sam é um cara bem grande, ele tem vinte. Mas Paul só tem dezesseis também, é mais baixo que eu e mais magro que Quil. Eu acho que qualquer um de nós podia ter lidado com ele".
"Caras durões" eu concordei. Eu podia ver na minha cabeça como ele descrevia, e isso me lembrou de uma coisa... um trio de homens altos, escuros empá muito rígidos e muito próximos uns dos outros

na sala de estar do meu pai. A imagem estava de lado, porque a minha cabeça estava deitada no sofá enquanto o Dr. Gerandy e Charlie se inclinavam sobre mim... Aquela seria a gangue de Sam?
Eu falei rapidamente de novo pra me distrair das memórias. "Sam não é um pouco velho demais pra esse tipo de coisa?"
"É. Ele tinha que ter ido para a faculdade, mas ele ficou. E ninguém implicou com ele também. O concelho inteiro criticou quando a minha irmã largou uma bolsa de parcial e se casou. Mas, oh não, Sam Uley não faz nada de errado".
O rosto dele possuia linhas não familiares de ultraje - ultraje eu outra coisa que eu não reconhecí no começo.
"Isso parece realmente incômodo e... estranho. Mas eu não entendo porque você está levando isso pro lado pessoal". Eu dei uma olhada pro rosto dele, esperando não o ter ofendido. De repente ele estava calmo, olhando pra fora pela janela.
"Você perdeu a curva", ele disse numa voz uniforme.
Eu fiz uma curva U apertada, quase batendo numa árvore quando o círculo meio que tirou a minha caminhonete da estrada.
"Obrigada pela direção", eu murmurei enquanto comecei a subir na estrada.
"Desculpe, eu não estava prestando atenção".
Ficou silencioso por um breve minuto.
"Você pode parar em qualquer lugar por aqui", ele disse suavemente.
Eu encostei e desliguei o motor. Meu ouvidos tinlitaram com o silêncio que se seguiu. Nós dois saímos, e Jacob foi pra trás para pegar as motos. Eu tentei ler a expressão dele. Algo o estava incomodando. Eu toquei um nervo.
Ele sorriu meio sem vontade enquanto empurrava a moto vermelha para o meu lado. "Feliz aniversário atrasado. Você está pronta pra isso?"
"Eu acho que sim". A moto de repente parecia intimidante, assustadora, enquanto eu me dava conta que em breve estaria guiando ela.
"Nós vamos devagar", ele prometeu. Eu cuidadosamente encostei a moto na lateral da caminhonete enquanto ele ia buscar a dele.
"Jake?", eu perguntei hesitante enquanto ele dava a volta pela caminhonete.
"Sim?"
"O que é que tá te incomodando? Sobre o negócio de Sam, eu quero dizer? Há algo mais?" Eu observei o rosto dele. Ele fez uma careta, mas ele não parecia com raiva. Ele olhava para a poeira e chutava o pneu da frente da sua moto de novo e de novo, como se ele estivesse poupando tempo.
Ele suspirou. "É só que... o jeito que eles me tratam. Isso me assusta".
As palavras começaram a sair apressadas agora.
"Sabe, o concelho deve ser feito por iguais, mas se houvesse um líder, ele seria meu pai. Eu nunca fui capaz de entender o jeito como

as pessoas o tratam. Porque a opinião dele é a que mais conta. Tem alguma coisa a ver com o pai dele e com o pai do pai dele. Meu bisavô, Ephraim Black, foi meio que o último chefe que tivemos, e eles ainda escutam o Billy, talvez por causa disso.
"Mas eu sou como qualquer outra pessoa. Ninguém *me* tratava de um jeito especial... até agora".
Isso me pegou fora de guarda. "Sam te trata de um jeito especial?"
"É", ele concordou, olhando pra mim com olhos confusos. "Ele olha pra mim como se estivesse esperando alguma coisa... como se algum dia eu fosse me juntar á estúpida gangue dele algum dia. Ele presta mais atenção em mim do que nos outros caras. Eu odeio isso".
"Você não tem que se juntar a nada", minha voz estava enraivada. Isso realmente estava aborrecendo Jacob, e isso me enfurecia. Quem esses "protetores" pensavam que eram?
"É", o pé dele mantinha o ritmo contra o pneu.
"O que?", eu podia notar que tinha algo mais.
Ele fez uma carranca, as sobrancelhas dele se juntando de um jeito que parecia mais triste e preocupado do que com raiva. "É Embry. Ele tem me evitado ultimamente".
Os pensamentos não pareciam estar conectados, mas eu me perguntava se a culpa era minha por ele estar tendo problemas com os amigos.
"Você está andando demais comigo", eu o lembrei, me sentindo egoísta. Eu estava monopolizando ele.
"Não, não é isso. Não sou só eu - é Quil também, e todo mundo. Embry perdeu uma semana de aula, mas ele nunca estava em casa quando nós tentávamos vê-lo. E quando ele voltou, ele parecia... ele parecia maluco. Aterrorizado. Tanto Quil quanto eu tentamos fazê-lo contar o que estava acontecendo, mas ele não fala com nenhum de nós".
Eu olhei pra Jacob, mordendo meu lábio ansiosamente - ele estava realmente assustado. Mas ele não olhou pra mim.
Ele observava seu prórpio pé chutando a borracha como se ele pertencesse a outra pessoa. O ritmo ficou mais rápido.
"Então essa semana, do nada, Embry começou a sair com Sam e o resto deles. Ele estava nos penhascos hoje". A voz dele estava baixa e tensa.
Ele finalmente olhou pra mim. "Bella, eles o chateavam muito mais do que a mim. Ele não queria nada com eles. E agora Embry está com eles como se tivesse se juntado a um culto.
"E era assim com Paul. Exatamente igual. Ele não era nem um pouco amigo de Sam. Então ele parou de ir para a escola por algumas semanas, e, quando voltou, Sam de repente era dono dele. Eu não sei o que isso significa. Eu não consigo entender, mas eu sinto que devo, porque Embry é meu amigo e... Sam está me olhando estranho... e..." Ele parou.
"Você já falou com Billy sobre isso?", eu perguntei. O horror dele estava passando pra mim. Eu sentia os arrepios passando na minha

nuca.
Agora havia raiva no rosto dele. "Sim", ele bufou. "Isso foi de grande ajuda".
"O que foi que ele disse?"
A expressão de Jacob era sarcástica, e quando ele falou, a voz dele imitava o tom profundo da voz do pai. "Não é nada com o que você precise se preocupar agora, Jacob. Em alguns anos, se você não... bem, eu vou explicar depois". E então a voz dele voltou ao normal.
"O que é que eu devia entender com isso? Ele está tentando dizer que isso é coisa da estúpida puberdade, da idade? Isso é outra coisa. Algo errado".
Ele estava mordendo o lábio de baixo e apertando as mãos. Parecia que ele estava prestes a chorar.
Eu joguei meus braços ao redor dele instintivamente, os envolvendo na cintura dele e colocando meu rosto no seu peito. Ele era tão grande, que eu me sentí como uma criança abraçando um adulto.
"Oh, Jake, vai ficar tudo bem!", eu prometí. "Se isso piorar você pode ir morar com Charlie e comigo. Não fique assustado, nós vamos pensar em alguma coisa!"
Ele ficou congelado por um segundo, e então ele envolveu seus longos braços hesitantemente ao meu redor. "Obrigado, Bella".
A voz dele estava mais rouca do que o normal.
Nós ficamos daquele jeito por um momento, e isso não me incomodou; na verdade, eu me sentia confortável com o contato. Isso não parecia nem um pouco com a última vez que eu havia sido abraçada por alguém. Isso era amizade. E Jacob era quentinho.
Era estranho pra mim, ficar perto assim - mais emocionalmente que fisicamente, apesar de o físico ser estranho pra mim também - de outro ser humano. Não era o meu estilo normal. Eu geralmente não me relacionava com as pessoas tão facilmente, num nível tão básico. Não com seres humanos.
"Se é assim que você vai reagir, eu vou enlouquecer mais vezes". A voz de Jacob estava leve, normal de novo, e o sorriso dele estrondou nos meus ouvidos. Os dedos dele tocaram meus cabelos, leves e tentadores.
Bem, era amizade pra mim.
Eu me separei rapidamente, rindo com ele, mas determinada a colocar as coisas de volta em perspectiva rapidinho.
"É difícil de acreditar que eu sou dois anos mais velha que você", eu disse enfatizando as palavras *mais velha*. "Você faz eu me sentir uma anã", ficando perto dele eu realmente tinha que inclinar a cabeça pra olhar para o seu rosto.
"Você está esquecendo que eu estou na casa dos querenta, é claro".
"Oh, é mesmo".
Ele deu um tapinha na minha cabeça. "Você é como uma bonequinha", ele zombou. "Uma boneca de porcelana".
Eu revirei os olhos, dando outro passo pra trás. "Não vamos coleçar com as piadas de Albinos".

"Sério, Bella, você tem certeza que não é uma?" Ele esticou seu braço cor de cobre perto do meu. A diferença não me favorecia.
"Eu nunca ví ninguém mais pálido que você... bem, exceto por -" Ele parou, eu desviei o rosto, tentando não entender o que ele esteve prestes a dizer.
"Então vamos andar ou não?"
"Vamos lá", eu concordei, mais entusiasmada do que estava a meio minuto atrás. A frase inacabada dele me lembrou porque eu estava aqui.

8. Adrenalina

"Ok, onde é a sua embreagem?"
Eu apontei para a alavanca no lado esquerdo do guidão. Soltar o apoio foi um erro. A moto pesada cambaleou embaixo de mim, ameaçando me jogar de lado. Eu agarrei o guidão de novo, tentando segurar direito.
"Jacob, eu não vou ficar de pé", eu reclamei.
"Você vai quando estiver se movendo", ele prometeu. "Agora, onde está seu freio?"
"Atrás do meu pé direito".
"Errado".
Ele agarrou minha mão direita e curvou meus dedos na alavanca em cima do regulador.
"Mas você disse-"
"Esse é o freio que você quer. Não use o freio de trás agora, isso é pra depois, quando você souber o que está fazendo".
"Isso não parece certo", eu disse suspeitosamente. "Os dois freios não são importantes?"
"Esqueça o freio de trás, tá legal? Aqui-" Ele agarrou sua mão na minha e me fez puxar a alavanca pra baixo. "*Esse* é o seu freio. Não esqueça". Ele apertou minha mão mais uma vez.
"Tá bom". Eu concordei.
"Regulador?"
Eu virei punho direito.
"Trocador de marcha?"
Eu batí com o meu calcanhar esquerdo.
"Muito bom. Eu acho que você aprendeu todas as partes. Agora você só tem que começar a se mover".
"Uh-huh", eu murmurei, com medo de dizer mais. Meu estômago estava se contorcendo de uma maneira estranha e eu achei que minha voz podia sair esganiçada. Eu estava morta de medo. Eu tentei pensar comigo mesma que o meu medo era sem motivos. Eu já havia sobrevivido á pior coisa possível. Em comparação com aquilo, porque alguma coisa devia me assustar agora? Eu devia ser capaz de olhar na cara da morte e sorrir.
Meu estômago não tava acreditando.
Eu olhei para a longa extensão da estrada de terra, incomodada pela grossa névoa verde que havia dos dois lados. A pista era arenosa e suja. Melhor que lama.
"Eu quero que você segure a embreagem", Jacob instruiu.
Eu agarrei meus dedos na embreagem.
"Agora isso é crucial, Bella", Jacob se estressou. "Não solte isso, Ok? Eu quero que você finja que está segurando uma granada armada. O pino saiu e você está segurando o trinco".
Eu apertei com mais força.

"Bom. Você acha que consegue dar a partida?"
"Se eu mover o meu pé, eu vou cair", eu disse pra ele através de dentes trincados, meus dedos segurando a granada armada com força.
"Ok, eu faço isso. Não solte a embreagem".
Ele deu um passo pra trás, e de repente bateu seu pé no pedal. Houve um breve som de alguma coisa rasgando, e a força do seu empurrão fez a moto balançar. Eu comecei a cair de lado, mas Jake agarrou a moto antes que ela me derrubasse.
"Firme aí", ele encorajou. "Você ainda está segurando a embreagem?"
"Sim", eu disse sem fôlego.
"Segure seus *pés* - eu vou tentar de novo". Mas ele colocou a mão na parte de trás do banco também, só pra ter certeza.
Foram mais quatro tentativas até que a ignição se ligasse. Eu podia sentir a roncando embaixo de mim como um animal raivoso. Eu agarrei a embreagem até que meus dedos doeram.
"Tente a alavanca", ele sugeriu. "Bem de leve. E não solte a embreagem".
Hesitantemente, eu girei a alavanca direita. Apesar de o movimento ter sido pequeno, a moto rosnou embaixo de mim. Ela parecia com raiva *e* faminta agora. Jacob sorriu com profunda satisfação.
"Você lembra de como colocar na primeira marcha?", ele perguntou.
"Sim"
"Bem, vá em frente e faça isso".
"Ok"
Ele esperou por alguns segundos.
"Pé esquerdo", ele lembrou.
"Eu *sei*", eu disse, respirando fundo.
"Você tem certeza de que quer fazer isso?", Jacob perguntou. "Você parece assustada"
"Eu estou bem", eu atirei. Eu chutei o trocador de marcha pra baixo.
"Muito bom", ele me parabenizou. "Agora, *bem* gentilmente, solte um pouco a embreagem".
Ele deu um passo pra trás se distanciando da moto.
"Você quer que eu solte a granada?" eu perguntei incrédula. Não era de estranhar que ele estivesse se afastando.
"É assim que você se move, Bella. Só faça isso pouco a pouco".
Enquanto eu começava a soltar o meu aperto, eu fiquei chocada por ser interrompida por uma voz que não era a do garoto ao meu lado.
"Isso é descuidado e infantil e idiota, Bella", a voz aveludada fumaçou.
"Oh!", eu fiquei sem fôlego e minha mão soltou a embreagem.
A moto pulou embaixo de mim, me jogando pra frente e depois caindo no chão meio em cima de mim. O motor rosnou e depois parou de funcionar.
"Bella?", Jacob tirou a moto de cima de mim com facilidade. "Você está ferida?"

Mas eu não estava escutando.
"Eu te avisei", a voz perfeita murmurou, clara feito cristal.
"Bella?", Jacob chacoalhou meu ombro.
"Eu estou bem", eu murmurei, confusa.
Mais que bem. A voz na minha cabeça estava de volta. Ela ainda estava ecoando nos meus ouvidos - ecos macios, de veludo.
Minha mente correu rapidamente pelas possibilidades. Não havia nenhuma familiaridade alí - numa estrada que nunca havia visto, fazendo uma coisa que eu nunca havia feito - não era deja vu.
Então as alucinações devem ser desencadeadas por outra coisa... eu sentia a adrenalina passando pelas minhas veias de novo, e aí eu pensei que tinha minha resposta.
Uma combinação de perigo e adrenalina, ou talvez só a estupidez.
Jacob estava me colocando de pé.
"Você bateu a cabeça?", ele perguntou.
"Eu acho que não", eu a balancei pra frente e pra trás, checando.
"Eu não estraguei a moto, estraguei?" Esse pensamento me preocupou.
Eu estava ansiosa pra tentar de novo, imediatamente.
Ser descuidada estava funcionando melhor do que eu esperava.
Esqueça a quebra de acordo. Talvez eu tivesse encontrado uma forma de gerar as alucinações - e isso era muito mais importante.
"Não. Você só protelou o motor". Jacob disse, interrompendo minhas rápidas especulações. "Você soltou a embreagem rápido demais".
Eu balancei a cabeça. "Vamos tentar de novo".
"Você tem certeza?", Jacob perguntou.
"Absoluta".
Dessa vez eu mesma tentei dar a partida. Foi complicado; eu tive que pular um pouco pra bater no pedal com força suficiente, e toda vez que eu fazia isso, a moto tentava me derrubar. As mãos de Jacob ficaram no guidão, prontas pra me segurar se eu caísse.
Foram várias tentativas boas, e muitas ruins, antes que o motor roncasse vindo á vida embaixo de mim.
Me lembrando de segurar a granada, eu virei a alavanca, experimentando.
Ela roncou com o menor toque. O meu sorriso imitou o de Jacob agora.
"Vá com calma na embreagem", ele me lembrou.
"Você *quer*se matar então? É esse o problema?" A outra voz falou de novo, com um tom severo.
Eu sorri com força - estava funcionando - e eu ignorei as perguntas.
Jacob não ia deixar nada sério acontecer comigo.
"Volte pra casa pra Charlie", a voz ordenou. A beleza transparente me deslumbrou. Eu não podia deixar minha memória deixá-la ir, não importava o preço.
"Solte devagarzinho", Jacob me encorajou.
"Eu vou", eu disse. Me incomodou um pouco quando eu percebí que estava respondendo pra eles dois.

A voz na minha cabeça rosnou contra o ronco da moto.
Tentando me concentrar desse vez, sem deixar a voz me ofuscar de novo, eu relaxei minha mão aos poucos.
De repente, a marcha funcionou e me impulsionou pra frente.
Eu estava voando.
Havia um vento que não estava lá antes, soprando a pele do meu crânio e fazendo o meu cabelo voar pra trás com força suficinte pra fazer parecer que alguém o estava puxando.
Eu deixei o meu estômago lá no lugar de onde eu havia saído; a adrenalina passou pelo meu corpo, fazendo cócegas nas minhas veias.
As árvores passavam correndo por mim, parecendo uma parede borrada de verde.
Essa era só a primeira marcha, meu pé se aproximou do trocador de marcha enquanto eu procurava por mais força.
"Não, Bella" a voz raivosa, doce como mel ordenou no meu ouvido. "Veja o que você está fazendo!"
Isso me distraiu o suficiente da velocidade pra que eu percebesse que a estrada estava começando numa leve curva para a esquerda, e eu ainda estava indo em frente. Jacob não havia me ensinado a virar.
"Freios, freios", eu murmurei pra mim mesma, e eu instintivamente batí o meu pé direito, como eu faria na minha caminhonete.
A moto ficou instavel de repente embaixo de mim, tremendo primeiro pra um lado e depois pro outro. Eu estava sendo arrastada para a parede verde, e eu estava indo rápida demais. Eu tentei virar o guidão para a outra direção, e a mudança repentina de peso empurrou a moto pro chão, ainda virando na direção das árvores.
A moto caiu por cima de mim, roncando alto, me jogando no chão molhado até que eu batí em alguma coisa que me fez parar. Eu não conseguia enxergar. Meu rosto estava misturado com os musgos. Eu tentei levantar minha cabeça, mas havia algo me atrapalhando.
Eu estava ofuscada e confusa. Parecia que haviam três coisas rosnando - a moto em cima de mim, a voz na minha cabeça, e alguma outra coisa...
"Bella", Jacob gritou, e eu ouví o motor da outra moto ser desligado.
A moto já não estava mais me prendendo no chão, e eu me virei pra respirar. Todos os rosnados ficaram silenciosos.
"Uau", eu murmurei. Eu estava vibrando de emoção. Tinha que ser isso, a receita para a alucinação - a dose extra de adrenalina mais estupidez. Ou algo mais ou menos assim, de qualquer forma.
"Bella", Jacob estava se abaixando perto de mim ansiosamente. "Bella, você está viva?"
"Eu estou ótima!", eu me entusiasmei. Eu flexionei meus braços e pernas. Tudo parecia estar funcionando corretamente. "Vamos fazer de novo".
"Eu acho que não", Jacob ainda parecia preocupado. "Eu acho melhor te levar á um hospital antes".
"Eu estou bem".

"Um, Bella? Você está com um corte enorme na sua testa, e ele está sangrando", ele me informou.
Eu coloquei minha mão na testa. Com certeza, ela estava molhada e grudenta. Eu não conseguia sentir o cheiro de nada além dos musgos molhados no meu rosto, e isso impediu a náusea.
"Oh, me desculpe, Jacob". Eu segurei com força no meu ferimento, como se eu pudesse empurrar o sangue de volta para a minha testa.
"Porque você está se desculpando por sangrar?" ele se perguntou enquanto colocava um braço pela minha cintura e me ajudava a ficar de pé. "Vamos. Eu dirijo".
Ele levantou a mão pedindo as chaves.
"E as motos?", eu perguntei, passando elas pra ele.
Ele pensou por um segundo. "Espere aqui. E tome isso". Ele tirou sua camisa, que já estava suja de sangue, e jogou ela pra mim. Eu a agarrei e apertei ela com força na minha testa. Eu estava começando a sentir o cheiro do sangue; eu respirei fundo pela minha boca e tentei me concentrar em pensar em outra coisa.
Jacob pulou na moto preta, fez ela começar a funcionar na primeira tentativa, e começou a correr pela estrada, jogando areia e pedrinhas pra trás dele. Ele parecia atlético e profissional enquanto ele se inclinava no guidão, com a cabeça baixa, o rosto pra frente, seu cabelo preto brilhante voando nas suas costas cor de cobre. Meus olhos se estreitaram com inveja. Eu tinha certeza que não ficava daquele jeito na moto.
Eu fiquei supresa de ver o quanto tinha ido longe. Eu mal podia ver Jacob á distancia quando ele finalmente parou perto da caminhonete. Ele jogou a moto na traseira e se enfiou no lado do motorista.
Eu realmente não me sentí nem um pouco mal quando ele forçou a minha caminhonete com um ronco desafiador na sua pressa de voltar até mim. A minha cabeça pulsava um pouco, e meu estômago estava inquieto, mas o corte não era sério. Os cortes na cabeça sangram mais do que os outros. A urgência dele não era necessária.
Jacob deixou a caminhonete funcionando enquanto corria de volta pra mim, passando o braço pela minha cintura de novo.
"Ok, vamos te colocar na caminhonete."
"Honestamente eu tô bem" eu assegurei ele enquanto ele me ajudava a entrar. "Não fique agitado. É só um pouco de sangue".
"Só um *monte* de sangue", eu ouví ele murmurar enquanto voltava pra pegar a minha moto.
"Agora, vamos pensar nisso por um segundo", eu comecei quando ele voltou. "Se você me levar pra um pronto socorro assim, Charlie com certeza vai descobrir". Eu olhei para a areia e para a sujeira grudadas na minha calça.
"Bella, eu acho que você precisa de pontos. Eu não vou deixar você sangrar até morrer".
"Eu não vou morrer", eu prometí. "Vamos só deixar as motos de volta antes, e depois vamos pra miha casa pra que eu possa me livrar das provas antes de irmos pra o hospital".

"E quanto á Charlie?"
"Ele disse que tinha que ir trabalhar hoje".
"Você tem certeza mesmo?"
"Confie em mim. Eu sangro fácil. Não é tão ruim quanto parece".
Jacob não estava feliz - a boca dele se curvou pra baixo numa careta pouco característica - mas ele não queria me envolver em problemas. Eu olhei pra fora pela janela, segurando a camisa arruinada dele na minha cabeça, enquanto ele me dirigia pra Forks.
Amoto estava melhor do que eu havia sonhado. Ela serviu ao meu propósito original. Eu havia traído - quebrado minha promessa. Eu fui desnecessáriamente descuidada. Eu me sentia um pouco menos patética agora que as promessas haviam sido feitas e quebradas de ambos os lados.
E eu ainda tinha descoberto a chave para as alucinações! Pelo menos, eu esperava que sim. Eu ia testar essa teoria o mais rápido possível. Talvez eles terminassem rápido comigo no pronto socorro, e eu pudesse tentar de novo essa noite.
Descer a estrada correndo daquele jeito tinha sido incrivel. A sensação do vento no meu rosto, a velocidade e a liberdade... isso me lembrou de uma vida passada, voando pela grossa floresta sem uma estrada, nas costas dele enquanto ele corria - eu parei de pensar aí, deixando as memórias me atingirem com uma súbita agonia. Eu vacilei.
"Você ainda está bem?" Jacob checou.
"É", eu tentei parecer tão convincente quanto antes.
"Aliás", ele acrescentou. "Eu vou desconectar o seu freio de pé hoje á noite".
Em casa, a primeira coisa que eu fiz foi me olhar num espelho; eu estava grotesca.
O sangue estava secando e deixando trilhas grossas nas minhas bochechas e no meu pescoço, se colando com o meu cabelo cheio de lama.
Eu me examinei clinicamente, fingindo que o sangue era tinta pra que ele não incomodasse meu estômago. Eu respirei pela minha boca e fiquei bem. Eu me lavei tão bem quanto pude. Então eu escondí minhas roupas sujas, ensanguentadas, no fundo do cesto de roupa suja, colocando outra calça jeans e uma camisa de abotoar (que eu não precisava passar pela minha cabeça) tão cuidadosamente quanto pude.
Eu consegui fazer isso tudo com uma só mão, e manter tudo livre de sangue.
"Se apresse", Jacob chamou.
"Tá bom, tá bom" eu gritei de volta. Depois de ter certeza de que nada mais me encriminava, eu descí as escadas.
"Como é que eu estou?", eu perguntei pra ele.
"Melhor", ele admitiu.
"Mas parece que eu tropecei na sua garagem e batí a cabeça num martelo?"

"Claro, eu acho que sim"
"Então vamos lá".
Jacob me apressou pela porta, e insistiu em dirigir de novo. Nós já estávamos a meio caminho do hospital quando eu me dei conta de que ele ainda estava sem camisa.
Eu fiz uma carranca me sentindo culpada. "Nós devíamos ter pego uma casaco pra você".
"Isso teria nos denunciado", ele zombou. "Além do mais, não está frio".
"Você está brincando?" eu tremi e me inclinei pra aumentar o aquecedor.
Eu observei Jacob pra ver se ele estava só brincando pra que eu não me preocupasse com ele, mas ele parecia confortável o suficiente. Ele estava com um braço em cima do encosto do meu banco, apesar de eu estar me abraçando pra me aquecer.
Jacob realmente parecia ter mais de dezesseis anos - não exatamente quarenta, mas talvez mais velho que eu. Quil não tinha muito mais que ele no departamento dos músculos, mas por isso Jacob dizia que era um esqueleto. Os musculos eram longos e poucos, mas eles definitivamente existiam embaixo da pele macia. A pele dele tinha uma cor tão bonita, que me deixou com inveja.
Jacob notou minha análise.
"O que foi?", ele perguntou de repente, envergonhado.
"Nada. É só que eu nunca tinha reparado antes. Você sabia, que é meio bonitão?"
Assim que as palavras saíram, eu me preocupei que ele desse ás palavras o significado errado.
Mas Jacob só rolou os olhos. "Você bateu a cabeça com bastante força, não foi?"
"Eu estou falando sério".
"Bem, então, obrigado. Mais ou menos."
Eu sorrí. "Mais ou menos de nada".
Eu precisei de sete pontos pra fechar o corte na minha testa. Depois de um pouco de anestesia local, não houve nem uma ponta de dor no procedimento. Jacob segurou minha mão enquanto o Dr. Snow estava costurando, e eu tentei não pensar no quanto isso era irônico.
Nós ficamos uma eternidade no hospital. Quando eu acabei, eu tive que deixar Jacob em casa, e voltar correndo pra cozinhar o jantar de Charlie. Charlie pareceu acreditar na minha história de ter caído na garagem de Jacob. Afinal, não era como se eu fosse capaz de ir para no pronto socorro com ajuda nenhuma além da dos meus próprios pés.
Aquela noite não foi tão ruim quanto a primeira noite que eu ouví aquela voz em Port Angeles. O buraco havia voltado, do jeito como sempre voltava quando eu estava longe de Jacob, mas ele não parecia tão em carne viva nas beiradas. Eu já estava planejando o futuro, ansiosa pelas próximas alucinações, e isso era uma distração. Também, eu sabia que me sentiria melhor amanhã quando estivesse

com Jacob de novo. Isso fez o buraco vazio e a dor familiar um pouco mais fáceis de suportar; o alívio estava á vista.
O pesadelo também havia perdido a sua potência. Eu estava aterrorizada pelo vazio, como sempre, mas eu também me sentia estranhamente impaciente enquanto esperava pelo momento de gritaria que me traria de volta á consciência. Eu sabia que o pesadelo tinha que acabar.
Na Quarta seguinte, antes que eu pudesse chegar em casa do pronto socorro, o Dr. Gerandy ligou pra avisar o meu pai de que eu podia ter concussões e pra avisá-lo pra me acordar a cada duas horas durante a noite pra ter certeza de que não era nada sério. Os olhos de Charlie se estreitaram suspeitosamente com a minha explicação fraca de ter caído de novo.
"Talvez você devesse ficar fora da garagem por um tempo, Bella", ele me sugeriu á noite durante o jantar.
Eu entrei em pânico, com medo de que Charlie de que Charlie pudesse editar alguma proibição á La Push, e consequentemente á minha moto.
E eu não ía desistir - eu tive a alucinação mais incrível hoje.
A alucinação da minha voz aveludada gritou comigo por quase cinco minutos antes que eu pisasse abruptamente no freio e me lançasse naquela árvore. Eu ia aguentar qualquer dor que fosse hoje e sem reclamar.
"Isso não aconteceu na garagem", eu protestei rapidamente. "Nós estávamos fazendo uma caminhada e eu tropecei numa pedra".
"Desde quando você fez caminhadas?" Charlie perguntou séticamente.
"Trabalhar nos Newton vale a pena de vez em quando", eu apontei. "Passar os dias trancada vendendo as coisas que se usa ao ar livre, eventualmente te deixa curioso".
Charlie me encarou, não convencido.
"Eu serei mais cuidadosa", eu prometi, surrupiamente cruzando meus dedos por debaixo da mesa.
"Eu não me importo que você faça caminhadas enquanto estiver em La Push, mas fique perto da cidade,está bem?"
"Porque?"
"Bem, nós temos recebido muitas denuncias de incêndios ultimamente. O departamento florestal está checando, mas enquanto isso..."
"Oh, o urso gigante", eu disse compreendendo subitamente. "É, alguns dos mochileiros que vão á Newton's também o viram. Você acha que ele é algum urso pardo que sofreu mutação ou alguma coisa assim?"
A testa dele se enrrugou. "Tem alguma coisa. Fique perto da cidade, está bem?"
"Claro, claro", eu disse rapidamente. Ele não pareceu completamente convencido.
"Charlie está ficando desconfiado", eu reclamei pra Jacob quando o

apanhei na escola na Sexta.
"Talvez devessemos tirar uma folga nas motos" Ele viu minha expressão de objeção e adicionou "Pelo menos por um semana ou algo assim. Você pode ficar fora do hospital por uma semana, certo?"
"O que nós vamos fazer?", eu pressionei.
Ele sorriu alegremente. "O que você quiser".
Eu pensei nisso por um minuto- o que eu queria.
Eu odiei perder os poucos minutos de memória mais próximas que não me machucavam- aquelas que vinham por sí próprias, sem que eu pensasse nelas conscientemente. Se eu não podia ter a moto, eu teria que encontrar outra forma de encontrar perigo e adrenalina, e isso requeria muito pensamento e criatividade. Não fazer nada no meio tempo não era apelativo. E se eu ficasse deprimida de novo, mesmo com Jake? Eu tinha que me manter ocupada.
Talvez houvesse outro jeito, outra receita... algum outro lugar.
A casa havia sido um erro, certamente. Mas a presença *dele* tinha que estar estampada em algum lugar, outro lugar além de dentro de mim. Tinham que haver lugares onde ele tinha que ser mais real entre os lugares familiares que estavam cheios de memórias humanas.
Eu podia pensar em um lugar que podia ser real. Um lugar que sempre pertenceu a *ele* e a mais ninguém. Um lugar mágico, cheio de luz. A linda clareira onde eu o havia visto apenas uma vez na vida, faiscando com o brilho do sol e o brilho da sua pele.
Essa idéia tinha um grande potencial para a contra partida - isso podia ser perigosamente doloroso.
O meu peito com o vazio só de pensar nisso. Era difícil de me segurar inteira, pra não me denunciar. Mas certamente, de todos os lugares, era lá que eu podia ouvir a voz dele. E eu já havia dito pra Charlie que estava caminhando...
"No que é que você está pensando tanto?", Jacob perguntou.
"Bem..." eu comecei lentamente. "Eu encontrei esse lugar na floresta uma vez - eu o encontrei quando estava, umm, caminhando. Uma pequena clareira, o lugar mais lindo. Eu não sei se conseguiria encontrá-lo sozinha de novo. E definitivamente ia requerer algumas tentativas..."
"Nós podiamos usar um compasso e um padrão de cruzamento", Jacob disse esperançoso pra ajudar. "Você sabe por onde começar?"
"Sim, bem abaixo do trilha no fim da um-dez. Eu fui mais na direção do sul, eu acho".
"Legal. Nós achamos". Como sempre, Jacob estava fazendo qualquer coisa que eu quisesse. Não importava o quanto fosse estranho.
Então, Sábado á tarde, eu coloquei as minhas novas botas de caminhada - adquiridas com o meu desconto de vinte porcento do funcionário pela primeira vez - peguei meu novo mapa topográfico da Península Olimpica, e dirigí pra La Push.
Nós não começamos imediatamente; primeiro, Jacob se inclinou na mesa da sala de estar- que tomava a sala inteira - e, por uns bons

vinte minutos, ele desenhou uma complicada teia numa seção do mapa enquanto eu me sentava numa cadeira da cozinha e conversava com Billy. Billy não parecia nem um pouco preocupado com a nossa caminhada.
Eu fiquei surpresa por Jacob ter dito pra onde estávamos indo, já que as pessoas andavam tão preocupadas com os ataques dos ursos. Eu queria pedir a Billy pra não contar nada pra Charlie, mas eu temí que o meu pedido causasse o efeito oposto.
"Talvez a gente veja o super urso", Jacob brincou, com os olhos no seu desenho.
Eu olhei pra Billy rapidamente, temendo que ele reagisse á moda de Charlie.
Mas Billy só sorriu pra filho. "Talvez vocês devessem levar um pote de mel, só na dúvida".
Jake gargalhou. "Eu espero que suas botas sejam rápidas, Bella. Um pequeno pote não vai manter o urso ocupado por muito tempo".
"Eu só tenho que ser mais rápida que você".
"Boa sorte com isso!" Jacob disse, revirando os olhos enquanto redobrava o mapa. "Vamos lá".
"Divirtam-se" Billy rosnou, se levando na cadeira de rodas até a geladeira.
Charlie não era uma pessoa difícil de se conviver, mas parecia que pra Jacob era ainda mais fácil.
Eu dirigí até o fim da estrada de poeira, parando perto da placa que indicava o início da trilha. Fazia muito tempo que eu não vinha aqui, e o meu estômago reagiu nervosamente. Isso devia ser uma coisa muito ruim. Mas tudo valeria a pena, se eu pudesse ouvir *ele*.
Eu saí e olhei para a densa parede verde.
"Eu fui por aqui" eu murmurei, apontando diretamente pra frente.
"Hmm", Jake murmurou.
"O que foi?"
Ele olhou para a direção que eu havia apontado, então para a trilha demarcada, e depois de volta.
"Eu devia ter te imaginado você como uma garota de trilhas"
"Eu não" eu sorri vazia. "Eu sou uma rebelde".
Ele sorriu, e então ele tirou o nosso mapa do bolso.
"Me dê um segundo". Ele segurou o compasso de uma forma habilidosa, girando o mapa até que ficasse no ângulo que ele queria.
"Ok - primeira linha no cruzamento. Vamos lá".
Eu podia reparar que estava atrapalhando Jacob, mas ele não reclamou. Eu tentei não pensar na minha última viagem por essa parte da floresta que eu fiz, com uma companhia muito diferente. Memórias normais ainda eram perigosas. Se eu me deixasse deslizar nelas, eu acabaria com os braços abraçando meu peito pra me segurar junta, lutando por ar, e como era que eu ia explicar isso pra Jacob?
Não foi tão difícil me manter focada no presente quanto eu pensei. A floresta se parecia muito com qualquer outra parte da floresta de

península, e Jacob a enchia com outro humor.
Ele assobiava alegremente, num tom desconhecido, balançando os braços e se movendo com facilidade no chão duro. As sombras não pareciam tão escuras como sempre. Não com o meu sol particular do meu lado.
Jacob conferia a cada minuto, nos mantendo numa linha reta com uma das linhas que radiavam no cruzamento. Ele parecia saber o que estava fazendo. Eu ia cumprimentá-lo, mas me segurei. Sem dúvida ele ia querer adicionar mais alguns anos á sua já inflada.
Minha mente vagava enquanto eu andava, e eu fiquei curiosa.
Eu não tinha esquecido a conversa que tínhamos tido nos penhascos -
eu estive esperando que ele falasse nisso de novo, mas não parecia que isso ia acontecer.
"Ei... Jake?", eu perguntei hesitante.
"Sim?"
"Como estão as coisas... com Embry? Ele já voltou ao normal?"
Jacob ficou em silêncio por um instante, ainda seguindo em frente com longos passos. Quando ele já estava uns dez passos á frente, ele parou pra esperar por mim.
"Não. Ele não está de volta ao normal". Jacob disse quando eu me aproximei dele, a boca dele esta com os cantos inclinados pra baixo. Ele não começou a andar de novo.
Eu imediatamente me arrependí por ter tocado no assunto.
"Ele ainda está com Sam".
"É".
Ele colocou o braço ao redor do meu ombro, e parecia tão preocupado que eu não tirei o braço de brincadeira, como teria feito em outra situação.
"Eles ainda estão te olhando engraçado?", eu meio suspirei.
Jacob olhou para as árvores. "Ás vezes".
"E Billy?"
"Ajudando tanto quanto sempre", ele disse com uma voz azeda, raivosa, que me perturbou.
"Nosso sofá está sempre vago", eu oferecí.
Ele sorriu, quebrando a neblina incomum. "Mas pense em que lado Charlie vai ficar, quando Billy ligar para a polícia pra denunciar o meu sequestro".
Eu sorrí também, feliz por Jacob ter voltado ao normal.
Nós paramos quando Jacob disse que havíamos andado seis milhas, andando para o oeste por um curto tempo, então nós seguimos por outro lado do seu cruzamento.
Tudo parecia ser exatamente igual, e eu comecei a sentir que o meu pedido havia sido muito bobo. Eu comecei a admitir isso quando começou a escurecer, e o dia pouco ensolarado começou a se transformar numa noite pouco estrelada, mas Jacob estava mais confiante.
"Contanto que você tenha certeza de que estamos indo para o lugar

certo...", ele olhou pra baixo pra mim.
"Sim, eu tenho certeza".
"Então nós vamos encontrar", ele prometeu, agarrando minha mão e me puxando entre as grossas samambaias. Do outro lado estava a caminhonete. Ele fez um gesto na direção dela. "Confie em mim".
"Você é bom", eu admití. "Mas da próxima vez nós vamos trazer lanternas".
"A partir de agora nós vamos deixar as caminhadas para os Domingos. Eu não sabia que você era tão lenta".
Eu puxei minha mão de volta e me empurrei para o lado do motorista enquanto ele gargalhava com a minha reação.
"Então você está disposta a dar outra tentativa amanha" ele perguntou escorregando para o banco do passageiro.
"Claro. A não ser que você queira vir sozinho pra que eu não te atrapalhe com a minha lentidão".
"Eu vou sobreviver", ele me assegurou. "Se nós vamos caminhar de novo, é melhor você vir com outros sapatos. Eu aposto que você está sentindo essas botas agora".

"Um pouco", eu confessei. Eu sentia que tinha mais dedos do que espaço pra comportá-los.

"E espero que possamos ver o urso amanhã. Eu tô meio desapontado com isso".

É, eu também", eu concordei sarcasticamente
. "Talvez a gente tenha sorte amanhã e alguma coisa coma a gente".

"Ursos não querem comer gente. O nosso gosto não é tão bom". Ele riu pra mim na cabine escura. "É claro que você *pode* ser uma exceção. Eu aposto que o seu gosto é bom".

"Muito obrigada", eu disse, desviando o olhar. Ele não era a primeira pessoa a me dizer isso".

9. Terceira Roda

O tempo estava passando muito mais rápido do que antes. Escola, trabalho e Jacob - não necessariamente nessa ordem - criaram um padrão que eu seguia ser esforço. E Charlie realizou seu desejo: eu não estava mais infeliz. É claro, eu não conseguia me enganar completamente. Quando eu parava de agir, o que eu tentava não fazer com muita frequencia, eu não conseguia ignorar minhas razões pra me comportar daquele jeito.
Eu era como uma lua perdida - meu planeta havia sido destruído em algum desastre cataclístico, um cenário de filme desolador - que continuava, ainda assim, girando ao redor da órbita apertada do buraco vazio deixado pra trás, ignorando as leis da gravidade.
Eu estava melhorando com a minha moto, isso significava menos curativos pra preocupar Charlie. Mas isso também significou que a voz na minha cabeça começou a desaparecer, até que eu não a ouvia mais. Silenciosamente, eu entrei em pânico. Eu me joguei na procura da clareira com uma intensidade levemente frenética. Eu torturei meu cérebro á procura de outras atividades producentes de adrenalina.
Eu não tinha noção dos dias que se passavam - não havia motivo, já que eu tentava viver no presente o máximo de tempo possível, sem que o passado desaparecesse, sem que o futuro impedisse.
Então eu me surpreendí com a data quando Jacob a comentou num dos nossos dias de dever de casa. Ele já estava me esperando quando eu parei na frente da casa dele.
"Feliz dia dos namorados", Jacob disse, sorrindo, mas baixando a cabeça enquanto me cumprimentava.
Ele segurou uma caixa pequena, cor de rosa, segurando ela na palma.
Ela tinha formato de coração.
"Bem, eu me sinto uma idiota", eu murmurei. "Hoje é dia dos namorados?"
Jacob balançou a cabeça com falsa tristeza. "Você viaja as vezes. Sim, é catorze de fevereiro. Então você vai ser minha namorada? Já que você não me comprou uma caixa de cinquenta centavos de doces pra mim, isso é o mínimo que você pode fazer".
Eu comecei a me sentir desconfortável.
As palavras eram de brincadeira, mas só na superfície.
"O que exatamente isso envolve?"
"O de sempre - escrava pra toda a vida, esse tipo de coisa"
"Oh, bem, se isso é tudo...", eu peguei os doces. Mas eu estava pensando num jeito de limpar as coisas. De novo. Elas pareciam ficar turvas com frequencia com Jacob.
"Então, o que vomos fazer amanhã? Caminhada ou pronto socorro?"
"Caminhada", eu decidi. "Você não é o único que pode ser obcessivo. Eu estou começando a pensar que imaginei aquele lugar". Eu fiz uma

carranca pra o espaço.
"Não vamos encontrar", ele me assegurou. "Motos na Sexta?", ele ofereceu.
Eu ví a chance e a agarrei antes de ter tempo pra pensar.
"Eu vou pro cinema na Sexta. Faz uma eternidade que eu estou prometendo pra os meus amigos da escola que nós vamos sair". Mike ia ficar feliz.
Mas o rosto de Jacob caiu. Eu captei a expressão dos olhos dele antes que ele os baixasse para olhar pro chão.
"Você vai vir também, né?", eu acrescentei rapidamente. "Eu será que vai ser chato demais ficar com um monte de veteranos enfadonhos?" Minha chance de colocar uma distância entre nós já era.
Eu não podia aguentar machucar Jacob; nós parecíamos estar conectados de uma forma estranha, e a dor dele dava pontadas na minha própria. Além do mais, ter a companhia de Jacob na minha provação - eu *tinha* prometido á Mike, mas realmente não me sentia muito entusiasmada a cumprir - era tentador demais.
"Você quer que eu vá, com os seus amigos lá?"
"Sim" eu admití honestamente, sabendo que enquanto eu dizia aquelas palavras eu estaria atirando no meu próprio pé. "Eu vou me divertir muito mais com você lá. Traga Quil, nós vamos fazer uma festa".
"Quil vai enlouquecer. Garotas veteranas". Ele gargalhou e fechou os olhos. Eu não mencionei Embry, e ele também não. Eu rí também.
"Eu vou tentar fazer uma boa seleção pra ele".
Eu falei sobre o assunto com Mike na aula de Inglês.
"Ei, Mike", eu disse quando a aula acabou. "Você está livre na Sexta á noite?"
Ele olhou pra cima, seus olhos azuis instantâneamente esperançosos.
"É, eu estou. Você quer sair?"
Eu dei minha resposta tomando cuidado com as palavras. "Eu estava pensando em formar um *grupo*" - eu enfatizei a palavra - "pra irmos ver *Crosshairs*", dessa vez eu fiz meu dever de casa - eu até lí as sinipses de alguns filmes pra ter certeza de que não seria pega fora de guarda. Esse filme era pra ser um banho de sangue do início até o fim. Eu não estava recuperada o suficiente pra encarar um romance.
"Parece divertido?"
"Claro", ele disse, visivelmente menos ansioso.
"Legal".
Depois de um segundo, ele voltou ao seu nível normal de excitação.
"Que tal chamármos Angela e Ben? Ou Eric e Katie?"
Ele estava determinado a transformar isso numa espécie de duplo encontro, aparentemente.
"Que tal todos?", eu sugerí. "E Jéssica, também, é claro. E Tyler e Conner, e talvez Lauren", eu disse com malevolência. Eu *tinha* prometido variedade pra Quil.
"Ok", Mike murmurou, derrotado.

"E", eu continuei. "Eu tenho dois amigos de La Push que eu estou convidando. Então parece que vamos precisar do seu carro se todos vierem".
Os olhos de Mike se estreitaram de suspeita.
"É com esses amigos que você passa todo o seu tempo estudando agora?"
"É, eles mesmos", eu respondí alegremente. "Apesar de você poder dizer que eu estou mais tutorando - eles são do segundo ano".
"Oh", Mike disse surpreso. Depois de um segundo pensando, ele sorriu.
No fim, porém, o carro de Mike não foi necessário.
Jéssica e Lauren disseram que estavam ocupadas assim que Mike disse que eu estava envolvida no plano. Eric e Katie já tinham planos - era o aniversário de três semanas deles, ou alguma coisa assim. Lauren falou com Tyler e Conner antes de Mike, então aqueles dois também estavam ocupados. Até Quil estava de fora - ele estava de castigo por ter brigado na escola. No fim, só Angela e Ben, e Jacob, é claro, foram capazes de ir.
O número diminuido não conseguiu apagar a animação de Mike, porém.
Isso era tudo sobre o que ele falava na sexta.
"Você tem certeza que não vai querer assistir *Tomorrow and Forever?*", ele perguntou no almoço, falando da nova comédia romântica que estava no auge. "Ele teve uma crítica melhor".
"Eu quero ver *Crosshairs*", eu insistí. "Eu estou a fim de ação. Podem trazer o sangue e os intestínos!"
"Ok", Mike se virou, mas não antes que eu pudesse ver a expressão dele de Talvez-ela-seja-louca-mesmo.
Quando eu cheguei em casa da escola, um carro muito familiar estava estacionado na porta da frente da minha casa. Jacob estava encostado no capô, com um sorriso enorme iluminando seu rosto.
"Sem essa!" Eu gritei enquanto pulava pra fora da caminhonete. "Você acabou! Eu não acredito! Você terminou o Rabbit!"
Ele brilhou. "Na noite passada. Essa é a viagem de inauguração".
"Incrível". Eu levantei a mão pra ele bater.
Ele bateu sua mão na minha, mas a deixou lá, cruzando seus dedos com os meus. "Então eu vou poder dirigir hoje?"
"Definitivamente", eu disse, e depois suspirei.
"Qual é o problema?"
"Eu desisto - eu não consigo superar isso. Então você vence. Você é o mais velho".
Ele levantou os ombros, sem se surpreender com a minha desistência.
"É claro que eu sou".
O Suburban de Mike virou na esquina. Eu tirei minha mão da de Jacob, e ele fez uma cara que não era pra eu ver.
"Eu me lembro desse cara", ele disse baxinho enquanto Mike estacionava do outro lado rua. "O que pensava que você era

namorada dele. Ele ainda está confuso?"
Eu erguí uma sobrancelha. "Algumas pessoas são defíceis de desencorajar".
"Ainda assim", Jacob disse pensativo. "As vezes a persistência trás lucros".
"No entanto, ás vezes é só muito irritante".
Mike saiu do seu carro e atravessou a rua.
"Oi, Bella", ele me cumprimentou, e então seus olhos se tornaram cautelosos quando ele olhou pra Jacob. Eu olhei brevemente pra Jacob também, tentando ser objetiva.
Ele realmente não parecia nem um pouco estar no segundo ano.
Ele era tão grande - a cabeça de Mike mal alcançava os ombros dele; eu nem queria pensar em como eu ficava ao lado dele - e então até o rosto dele parecia mais envelhecido do que estava há um mês atrás.
"Oi, Mike! Você se lembra de Jacob Black?"
"Na verdade não", Mike estendeu sua mão.
"Velho amigo da família", ele se apresentou, com um aperto de mãos.
Eles apertaram as mãos com mais força que o necessário. Quando o aperto acabou, Mike flexionou os dedos.
Eu ouví o telefone tocando na cozinha.
"É melhor eu ir atender - pode ser Charlie", eu disse pra eles, e corrí pra dentro.
Era Ben. Angela estava doente com um problema no estômago, ele não estava a fim de ir sem ela. Ele se desculpou por furar com a gente.
Eu caminhei de volta lentamente para os garotos esperando. Eu realmente esperava que Angela melhorasse logo, mas eu tinha que admitir que estava egoistamente aborrecida por isso. Só nós três, Mike e Jacob e eu, juntos durante a noite - isso ia ser brilhante, eu pensei com um sorriso de sarcasmo.
Nçao parecia que Jacob e Mike havia feito grandes progressos na amizade durante a minha ausência. Eles estavam alguns metros distântes, olhando pra longe um do outro enquanto esperavam; a expressão de Mike estava solene, mas a de Jacob estava tão alegre como sempre.
"Ang está doente", eu disse a eles mal humorada. "Ela e Ben não estão vindo".
"Eu acho que essa doença está se espalhando. Austin e Conner também estão de cama hoje. Talvez a gente devesse fazer isso outra hora", Mike sugeriu.
Antes que eu pudesse concordar, Jacob falou.
"Eu ainda estou a fim. Mas se você preferir ficar, Mike -"
"Não, eu vou", Mike interrompeu. "E só estava pensando em Angela e Ben. Vamos lá", ele começou a se dirigir para o Suburban dele.
"Ei, você se importa se Jacob dirigir?", eu perguntei. "Eu disse que ele podia - ele acabou de terminar seu carro. Ele o construiu inteiro, sozinho", eu alardiei como uma mãe orgulhosa cujo filho é o primeiro

da sala.
"Tá bom", Mike atirou.
"Ta bom então", Jacob disse, como se isso acertasse tudo. Ele parecia mais confortável que todo mundo.
Mike se sentou no banco de trás do Rabbit com uma expressão de nojo.
Jacob estava brilhante como sempre, tagarelando sem parar até que eu me esquecí de Mike amuado no banco de trás.
E então Mike mudou sua estratégia. Ele se inclinou pra frente, descansando o queixo no encosto de ombros do meu banco; a bochecha dele quase tocava a minha. Eu me afastei, ficando de costas para a janela.
"O som dessa coisa não funciona?" Mike perguntou com uma pontada de petulância, interrompendo Jacob no meio de uma frase.
"Sim", Jacob respondeu. "Mas Bella não gosta de música".
Eu encarei Jacob, surpresa. Eu nunca tinha dito isso pra ele.
"Bella?", Mike perguntou, aborrecido.
"Ele está certo", eu respondí, ainda olhando para o perfil sereno de Jacob.
"Como é que você pode não gostar de música?", Mike quis saber.
Eu levantei os ombros. "Eu não sei. Só me irrita".
"Hmph", Mike se afastou.
Quando nós chegamos no cinema, Jacob me deu uma nota de dez dólares.
"O que é isso?", eu perguntei.
"Eu não sou velho o suficiente pra ver esse", ele me lembrou.
Eu rí alto. "Já era com as idades relativas. Billy vai me matar se eu te arrastar lá pra dentro?"
"Não. Eu vou dizer que você estava tentando corromper minha inocência juvenil".
Eu rí silenciosamente, e Mike forçou o passo pra se aproximar de nós.
Eu quase desejei que Mike tivesse desistído de vir. Ele ainda estava solene- não era uma grande contribuição para a festa. Mas eu também não queria acabar sozinha num encontro com Jake. Isso não ia ajudar em nada.
O filme era exatamente o que eu esperava que fosse. Só nos créditos iniciais, quatro pessoas explodiram e uma foi decapitada. A garota na minha frente tapou os olhos com as mãos e escondeu o rosto no peito do namorado. Ele deu uns tapinhas no ombro dela, e ocasionalmente estremecia também. Mike não parecia estar assistindo.
O rosto dele estava rígido enquanto ele olhava para a cortina franzida em cima da tela.
Eu me fiz confortável pra aguentar as duas horas, preferindo ver as cores e os movimentos da tela do que ver as pessoas e os carros e as casas.
Mas então Jacob começou a rir silenciosamente.
"Que foi?", eu perguntei.

"Oh, fala sério!", ele sussurrou de volta. "O sangue daquele cara voou metros. Quão falso você pode ser?"
Ele gargalhou de novo, enquanto um mastro de uma bandeira espatifava outro homem numa parede de concreto.
Depois disse, eu realmente comecei a assistir o show, rindo com ele enquanto o desfecho se tornava mais e mais ridículo. Como era que eu ia lutar com as linhas distorcidas do nosso relacionamento quando eu gostava tanto de ficar com ele?
Tanto Jacob quanto Mike usaram os meus descansos de braço dos dois lados. As mãos dos dois descansava levemente, com a palma virada pra cima, numa posição que não parecia muito natural. Como armadilhas de metal pra ursos, abertas e prontas. Jacob tinha o hábito de agarrar a minha mão sempre que tinha a oportunidade, mas alí no escuro do cinema, com Mike olhando, isso teria um significado diferente - e eu tinha certeza que ele sabia disso. Eu não conseguia acreditar que Mike estava pensando a mesma coisa que Jacob, mas ele colocou a mão exatamente do mesmo jeito.
Eu cruzei meus braços com força no peito e esperei que as mãos deles ficassem dormentes.
Mike desistiu primeiro. Lá pro meio do filme, ele puxou seu braço, e se inclinou pra frente pra colocar a cabeça nas mãos. No começo eu pensei que ele estava reagindo á alguma coisa que tinha visto na tela, mas depois ele gemeu.
"Mike, você está bem?", eu sussurrei.
O casal na nossa frente se virou pra olhar pra ele quando ele gemeu de novo.
Eu podia ver um brilho de suor no rosto dele com a luz fraca da tela.
Mike gemeu de novo, e saiu correndo pela porta. Eu me levantei pra seguí-lo, e Jacob me copiou imediatamente.
"Não, fique", eu sussurrei. "Eu vou ver se ele está bem".
Jacob veio comigo do mesmo jeito.
"Você não tem que vir. Faça os seus oito dólares valerem a pena". Eu insistí enquanto caminhava pelo corredor.
"Tudo bem. Você pode ficar com eles, Bella. Esse filme não presta". A voz dele passou de um sussurro pra o seu tom normal enquanto saíamos da sala.
Não havia sinal de Mike no corredor, e eu fiquei feliz que Jacob tivesse vindo comigo - ele se enfiou no banheiro masculino pra procurá-lo por mim.
Jacob voltou depois de alguns segundos.
"Oh, ele está lá, com certeza", ele disse, revirando os olhos.
"Que molenga. Você devia ter chamado por alguém com um estômago mais forte. Alguém que rí daquilo que faz homens mais fracos vomitarem".
"Eu vou manter os olhos abertos pra alguém assim".
Nós estávamos sozinhos no corredor. As duas salas estavam com os filmes na metade, e ele estava deserto - quieto o suficiente pra nós ouvirmos a pipoca estourando no balcão de venda no saguão.

Jacob foi se sentar no banco coberto de veludo, dando uns tapinhas no espaço vazio ao lado dele.
"Parecia que ele ainda ia ficar lá dentro por algum tempo", ele disse, esticando as pernas na frente dele enquanto se preparava pra esperar.
Eu me juntei a ele com um suspiro. Ele parecia estar pensando em cruzar mais algumas linhas. Assim, assim que eu me sentei, ele se inclinou pra colocar o braço sobre os meus ombros.
"Jake", eu protestei, saindo de perto. Ele tioru o braço sem parecer nem um pouco aborrecido com a pequena rejeição. Ele avançou e pegou minha mão com firmeza, passando o outro braço na minha cintura quando eu tentei me afastar de novo. De onde foi que ele tirou essa confiança?
"Agora, só espere um momento, Bella", ele disse com uma voz calma. "Me diga uma coisa".
Eu fiz uma careta. Eu não queria fazer isso. Não só agora, mas nunca. Não havia mais nada nesse ponto da minha vida que fosse mais importante que Jacob Black. Mas ele parecia determinado a arruinar tudo.
"O que?", eu perguntei acidamente.
"Você gosta de mim, certo?"
"Você sabe que eu gosto".
"Mas do que daquele palhaço botando as tripas pra fora lá dentro?" Ele fez um gesto para a porta do banheiro.
"Sim", eu suspirei.
"Mais que os outros caras que você conhece?" Ele estava calmo, sereno - como se minha resposta não importasse, ou como se ele já soubesse qual ela seria.
"Mais do que as garotas também", eu apontei.
"Mas isso é tudo", ele disse, e isso não era uma pergunta.
Era difícil responder, dizer a palavra. Será que ele ficaria magoado e me evitaria? Como eu aguentaria isso?
"Sim", eu sussurrei.
Ele sorriu pra mim. "Está tudo bem, sabe. Contanto que você goste mais de mim. *E* você me ache bonito - mais ou menos. Eu estou preparado pra ser irritadoramente persistente".
"Eu não vou mudar", eu disse, a apesar de tentar fazer minha voz parecer normal, eu podia ouvir a tristeza nela.
O rosto dele estava pensativo, não estava mais zombeteiro. "Ainda é o outro, não é?"
Eu enrolei. Engraçado como ele parecia saber que não devia dizer o nome dele - exatamente como no carro em relação á musica.
Ele havia entendido tanta coisa sem que eu precisasse dizer.
"Você não tem que falar sobre isso", ele disse.
Eu balancei a cabeça, agradecida.
"Não fique brava comigo por estar por perto, tá legal?", Jacob deu uns tapinhos nas costas da minha mão. "Porque eu não vou desistir. Eu tenho bastante tempo".

Eu suspirei. "Você não devia perdê-lo", eu disse, apesar de querer que ele perdesse. Especialmente se ele estava disposto a me aceitar do jeito que eu era - bem danificada, desse jeito.
"É isso que eu quero fazer, enquanto você ainda gostar de ficar comigo".
"Eu não consigo imaginar como eu poderia *não* gostar de estar com você", eu disse honestamente.
Jacob brilhou. "Eu posso viver com isso".
"Só não espere mais", eu avisei, tentando puxar minha mão. Ele a segurou obstinadamente.
"Isso não te incomoda de verdade, incomoda?", ele quis saber, apertando os meus dedos.
"Não", eu suspirei. Realmente, era bom. A mão dele era muito mais quente do que a minha; eu estava sempre com frio demais ultimamente.
"E você não se importa com o que *ele* pensa", Jacob apontou o polegar para a porta do banheiro.
"Eu acho que não".
"Então qual é o problema?"
"O problema", eu disse "é que isso , pra mim, significa uma coisa diferente do que significa pra você".
"Bem", ele apertou sua mão na minha. "Isso é problema *meu* não é?"
"Tudo bem", eu rosnei "Contudo, não se esqueça disso".
"Eu não vou. Agora o pino da minha granada saiu, não foi?" Ele cutucou minhas costelas.
Eu revirei os olhos. Se ele estava com vontade de fazer piada com isso, ele podia fazer.
Ele gargalhou silenciosamente por um minuto enquanto seus dedos rosados traçavam desenhos no lado da minha mão.
"É uma cicatriz engraçada que você tem aqui" ele disse de repente, virando minha mão para examiná-la. "Como isso aconteceu?"
O dedo indicador da mão livre dele seguia a linha prateada que mal era visível na minha pele pálida.
Eu dei um olhar zangado. "Você realmente espera que eu me lembre de onde todas as minhas cicatrizes vieram?"
Eu esperei por um momento para que a memória o abrisse - o grande buraco vazio. Mas, como acontecia frequentemente, a presença de Jacob me manteve inteira.
"É fria" ele murmurou, pressionando levemente o lugar onde James havia me cortado com seus dentes.
E então Mike cambaleou do banheiro, seu rosto estava cinzento e coberto de suor. Ele parecia horrível.
"Oh, Mike", eu asfixiei.
"Você se importa se formos mais cedo?", ele sussurrou.
"Não, é claro que não". Eu livrei minha mão e fui ajudar Mike a caminhar. Ele parecia prestes a cair.
"O filme foi demais pra você?" Jacob perguntou sem se importar.
O olhar de Mike foi malevolente. "Na verdade eu nem o ví", ele

murmurou. "Eu já estava enjoado antes das luzes apagarem?"
"Porque você não disse nada?" eu repreendí enquanto nós íamos para a saída.
"Eu estava esperando que passasse", ele disse.
"Só um segundo", Jacob disse enquanto nós nos aproximamos da porta. Ele caminhou rapidamente para o balcão de vendas.
"Será que eu posso pegar um balde de pipocas vazio?", ele pediu para a vendedora. Ela olhou pra Mike uma vez, e então jogou um balde pra Jacob.
"Leve ele pra fora, por favor", ela implorou. Obviamente era ela que ia limpar o chão.
Eu guiei Mike para o ar frio, molhado. Ele inalou profundamente. Jacob estava bem atrás de nós. Ele me ajudou a colocar Mike no banco de trás do carro, e o passou o balde com uma cara séria.
"Por favor", foi tudo o que Jacob disse.
Ele abriu as janelas, deixando o ar gelado da noite entrar no carro, esperando que isso ajudasse Mike. Eu enrolei meus braços nas minhas pernas pra me manter aquecida.
"Com frio de novo?", Jacob perguntou colocando o braço ao redor do meu ombro antes que eu pudesse responder.
"Você não?"
Ele balançou a cabeça.
"Você deve estar com febre ou alguma coisa assim", eu rosnei. Estava congelando. Eu toquei meus dedos na testa dele e a cabeça dele *estava* quente.
"Nossa, Jake - você está fervendo!"
"Eu me sinto bem". Ele levantou os ombros. "Absolutamente normal". Eu fiz uma careta e toquei a testa dele de novo. A pele dele queimou embaixo dos meus dedos.
"Suas mãos são como gelo", ele reclamou.
"Talvez seja eu", eu admití.
Mike gemeu no banco de trás, e vomitou no balde. Eu fiz uma careta, esperando que o *meu* estômago conseguisse aguentar o som e o cheiro. Jacob olhou ansiosamente por cima do ombro pra ter certeza de que o seu carro estava intacto.
A estrada pareceu mais longa no caminho de volta.
Jacob estava quieto, pensativo. Ele deixou seu braço ao meu redor, e ele era tão quente que o ar frio parecia agradável.
Eu olhei pelo parabrisa, consumida de culpa.
Era muito errado encorajar Jacob. Puro egoísmo. Não importava que eu tivesse tentado me livrar da responsabilidade. Se ele achava que isso podia ser alguma coisa além de amizade, então eu não tinha sido clara o suficiente.
Como era que eu ia explicar de uma forma que ele entendesse? Eu era uma concha vazia.
Como uma casa abandonada - condenada - por meses eu estive completamente inabitável. Agora eu estava um pouco melhorada. A sala da frente havia sido um pouco concertada. Mas isso era tudo - só

um pequeno pedaço.
Ele merecia mais do que isso - mais que um pedaço, mal concertado. Nenhum investimento da parte dele podia me colocar em bom estado mais uma vez.
Mesmo assim, eu sabia que não poderia mandá-lo embora sem arrependimentos. Eu precisava muito dele, e eu era egoísta. Talvez eu pudesse deixar o meu lado mais claro, assim ele saberia que devia me deixar. O pensamento me fez tremer, e Jacob apertou o braço ao meu redor.
Eu dirigí Mike com o carro dele, enquanto Jacob nos seguia atrás pra me levar pra casa. Jacob estava quieto no caminho de volta pra minha casa, e eu me perguntei se ele estava pensando nas mesmas coisas que eu estava. Talvez ele estivesse mudando de idéia.
"Eu me convidaria pra entrar, já que voltamos cedo", ele disse enquanto estacionava ao lado da minha caminhonete. "Mas eu acho que você pode estar certa sobre a febre. Eu estou começando a me sentir um pouco... estranho".
"Ah não, não você também! Você quer que eu te leve até em casa?"
"Não", ele balançou a cabeça, as sobrancelhas se juntando. "Eu ainda não estou me sentindo mal. Só... errado. Se eu precisar, eu paro".
"Você me liga assim que chegar?", eu perguntei ansiosamente.
"Claro, claro", ele fez uma careta, olhando em frente para a escuridão e mordendo o lábio.
Eu abri minha porta pra sair, mas ele segurou meu punho levemente e me segurou lá. Eu reparei de novo como a pele quente dele ficava na minha.
"O que é, Jake?", eu perguntei.
"Há algo que eu quero te dizer, Bella... mas eu acho que vai parecer meio meloso".
Eu suspirei. Isso ia ser que nem no cinema. "Vá em frente".
"É só que, eu sei que você provavelmente está muito infeliz. Eu, talvez isso não ajude em nada, mas eu quero que você saiba que eu vou estar sempre aqui. Eu nunca vou te decepcionar - eu prometo que você pode sempre contar comigo. Uau, isso parece meloso. Mas você sabe disso, não sabe? Que eu nunca, jamais machucaria você?"
"É, Jake, eu sei disso. E eu já estou contando com você, provavelmente mais do que *você*sabe".
Um sorriso se abriu no rosto dele do jeito como um nascer do sol nasce entre as nuvens, e eu queria cortar minha língua. Nenhuma das palavras que eu disse era mentira, mas eu devia ter mentido. A verdade era errada, ia machucar ele. *Eu* ia decepcioná-lo.
Um olhar estranho apareceu no rosto dele. "Eu realmente acho melhor eu ir pra casa agora", ele disse.
Eu saí rapidamente.
"Me liga!" eu gritei enquanto ele ia embora.
Eu olhei ele ir, e ele pelo menos parecia ter o controle do carro. Eu olhei para a rua vazia depois que ele já tinha ido embora, me sentindo um pouco doente também, mas não era nada físico.

Como eu queria que Jacob tivesse nascido meu irmão, meu irmão de carne e sangue, pra que assim eu tivesse direitos sobre ele sem que tivesse que tivesse que me sentir culpada. Os céus sabem que eu nunca quis usar Jacob, mas eu não podia deixar de interpretar a culpa que eu sentia agora como um sinal de que eu havia feito isso. Mais ainda, eu não queria amá-lo. Uma coisa eu realmente sabia - sabia com a pontada do meu estômago, no centro dos meus ossos, sabia isso do topo da minha cabeça até as solas dos pés, sabia isso no meu peito vazio - o amor por uma pessoa pode ter o poder de te destruir.
Eu estava destruída e sem reparo.
Mas eu precisava de Jacob agora, precisava dele como uma droga. Eu o havia usado como bengala por tempo demais, e eu estava mais apegada do que havia planejado fazer com uma pessoa de novo. Agora eu não podia suportar que ele se ferisse, e eu não podia fazer nada pra poupá-lo, também.
Ele pensava que tempo e paciencia iam me mudar, e, apesar de saber que ele estava completamente errado, eu também havia o deixado tentar.
Ele era meu melhor amigo. Eu sempre ia amá-lo, e isso nunca, jamais seria suficiente.
Eu fui lá pra dentro me sentar perto do telefone e roer as unhas.
"O filme já acabou?" Charlie perguntou surpreso quando me viu entrar. Ele estava no chão, bem perto da TV. Provavelmente estava esperando um jogo.
"Mike ficou doente", eu expliquei. "O mesmo problema no estômago".
"Você está bem?"
"Eu me sinto bem agora", eu disse duvidosamente. Claramente, eu estive exposta.
Eu me inclinei no balcão da cozinha, minha mão a centímetros do telefone, e tentei esperar pacientemente. Eu pensei no jeito estranho do rosto de Jacob antes de ele ter ido embora, e meus dedos começaram a batucar na balcão da cozinha. Eu devia ter insistido pra levá-lo pra casa.
Eu olhei para o relógio enquanto os minutos se passagem rapidamente. Dez. Quinze. Mesmo quando era eu quem estava dirigindo, só levavam quinze minutos, e Jacob dirigia mais rápido que eu. Dezoito minutos. Eu peguei o telefone e disquei.
Tocou e tocou. Talvez Billy tivesse dormido. Talvez eu tivesse ligado errado. Eu tentei de novo.
No oitavo toque, bem quando eu estava prestes a desligar, Billy atendeu.
"Alo?", ele perguntou. A voz dele estava cautelosa, como se ele estivesse esperando notícias ruins.
"Billy, sou eu, Bella - Jacob já chegou em casa? Ele saiu daqui a mais ou menos uns vinte minutos".
"Ele está aqui", Billy disse sem tom.
"Era pra ele me ligar", eu estava um pouco irritada. "Ele estava

ficando doente quando foi embora, e eu fiquei preocupada".
"Ele estava... doente demais pra ligar. Ele não está se sentindo muito bem agora". Billy parecia distante. Eu me dei conta de que ele podia querer ir ficar com Jacob.
"Me avise se eu puder ajudar em alguma coisa", eu ofereci, "Eu posso ir até aí". Eu pensei em Billy preso em sua cadeira, e Jake tendo que se virar sozinho...
"Não, não", Billy disse rapidamente. "Nós estamos bem. Fique em sua casa".
O jeito que ele disse foi quase rude.
"Tudo bem", eu concordei
"Tchau, Bella".
A linha caiu.
"Tchau", eu murmurei.
Bem, pelo menos ele chegou em casa. Estranhamente, eu não me sentia menos preocupada. Eu subí as escadas, temendo. Talvez eu fosse até lá amanhã antes do trabalho pra ver como ele estava. Eu podia levar uma sopa - nós deviamos ter uma lata de sopa em algum lugar.
Eu me dei conta de que todos os meus planos foram cancelados quando eu me acordei mais cedo - meu relógio dizia quatro e meia - e cambaleei até o banheiro. Charlie me achou lá meia hora depois, deitada no chão, com minha bochecha encostada na beira fria da banheira.
Ele olhou pra mim por um longo momento.
"Doente do estômago", ele disse finalmente.
"Sim", eu gemí.
"Você precisa de alguma coisa?" ele perguntou.
"Ligue pra o Newton's pra mim, por favor", eu instruí com a voz rouca. "Diga pra eles que eu tenho o que Mike tem, e que eu não posso ir hoje. Diga a eles que eu lamento".
"Claro, sem problemas", Charlie me assegurou.
Eu passei o resto do dia no chão do banheiro, dormindo por algumas horas com a cabeça em cima de uma toalha. Charlie disse que ele tinha que ir trabalhar, mas eu suspeitei que ele só queria poder ter acesso a um banheiro. Ele deixou um copo de água ao meu lado no chão pra eu me manter hidratada.
Eu só acordei quando ele voltou pra casa. Eu podia ver que estava escuro no meu quarto - depois do cair da noite. Ele subiu as escadas pra vir me ver.
"Ainda viva?"
"Mais ou menos", eu disse.
"Você quer alguma coisa?"
"Não, obrigada".
Ele hesitou, claramente sem saber o que fazer. "Tudo bem, então", ele disse e então voltou para a cozinha.
Eu ouví o telefone tocar alguns minutos depois. Charlie falou com uma voz baixa por alguns instantes e depois desligou.

"Mike se sente melhor", ele me informou.
Bem, isso era encorajador. Ele só tinha ficado doente oito horas antes de mim. Mais oito horas.
o pensamento fez meu estômago revirar, e eu me levantei pra me inclinar na privada.
Eu peguei no sono na toalha de novo, mas quando eu me acordei eu estava na minha cama e já estava claro no lado de fora da minha janela; Charlie deve ter me carregado pro meu quarto - ele também havia colocado um copo de água na minha mesinha de cabaceira pra mim. Eu me sentia ressecada. Eu o bebí, apesar de ele estar com um gosto engraçado por ter permanecido intocado a noite inteira.
Eu me levantei lentamente, tentando não desencadear a náusea de novo. Eu estava fraca, e minha boca estava com um gosto horrível, mas o meu estômago estava bem. Eu olhei para o meu relógio.
As vinte e quatro horas haviam passado.
Eu não forcei, e não comí nada além de biscoitos salgados no café da manhã. Charlie pareceu aliviado por me ver recuperada.
Assim que eu tive a certeza de que não precisaria passar o dia inteiro no chão do banheiro de novo, eu liguei pra Jacob.
Foi Jacob que atendeu, mas quando eu ouví a saudação dele, eu sabia que ele ainda não estava bem.
"Alo?", a voz dele estava quebrada, rachada.
"Oh, Jake", eu disse simpatizada. "Você parece horrível".
"Eu me sinto horrível", ele sussurrou.
"Eu lamento por ter feito você sair comigo. Isso é péssimo".
"Eu estou feliz por ter ido", a voz dele ainda era só um sussurro.
"Não se culpe. Isso não é culpa sua".
"Você vai melhorar logo", eu prometí. "Eu já estava bem quando acordei essa manhã".
"Você estava doente?", ele perguntou abobalhado.
"Sim, eu peguei também. Mas agora eu já estou bem".
"Isso é bom", a voz dele estava morta.
"Então você provavelmente vai ficar melhor em algumas horas", eu encorajei.
Eu mal pude ouvir a resposta dele. "Eu não acho que estou com a mesma coisa que você teve".
"Você não está com a doença no estômago?" eu perguntei, confusa.
"Não, é outra coisa".
"O que há de errado com você?"
"Tudo", ele sussurrou. "Todas as partes de mim doem".
A dor na voz dele era quase tocável.
"O que eu posso fazer, Jake? O que eu posso levar pra você?"
"Nada. Você não pode vir aqui". Ele foi abrupto. Isso me fez lembrar de Billy na noite passada.
"Eu já fui exposta a o que quer que você tenha", eu apontei.
Ele me ignorou. "Eu te ligo quando puder. Eu te aviso quando você puder vir aqui".
"Jacob-"

"Eu tenho que ir", ele disse com uma urgencia repentina.
"Me ligue quando estiver se sentindo melhor".
"Certo", ele concordou, e a voz dele tinha uma pontada estranha, ácida.
Ele ficou em silêncio por um minuto. Eu estava esperando que ele disesse tchau, mas ele estava esperando também.
"Eu te vejo depois", eu finalmente disse.
"Espere que eu ligue", ele disse de novo.
"Ok... Tchau, Jacob".
"Bella", ele sussurrou meu nome, e então desligou o telefone.

10. A Clareira

Jacob não ligou.

Da primeira vez que eu liguei, Billy atendeu e disse que Jacob ainda estava na cama. Eu fiquei curiosa, checando pra ter certeza de que Billy havia levado ele ao médico. Billy disse que tinha, mas, por alguma razão eu não comprei isso, eu não acreditei nele. Eu liguei de novo, várias vezes por dia, pelos dois dias seguintes, mas nem tinha ninguém lá.

No sábado, eu decidi ir visitá-lo, que se danasse o convite. Mas a pequena casa vermelha estava vazia. Isso me assustou - será que Jacob estava tão doente que teve que ser internado no hospital? Eu parei no hospital no caminho de volta pra casa, mas a enfermeira na mesa da frente me disse que nenhum Jacob ou Billy esteve lá.

Eu fiz Charlie ligar pra Harry Clearwater assim que ele chegou em casa do trabalho. Eu esperei, ansiosa, enquanto Charlie tagarelava com o seu velho amigo; a conversa pareceu durar uma eternidade sem que Jacob fosse mencionado. Parecia que Harry havia estado no hospital... foi fazer algum tipo de teste no coração. A testa de Charlie ficou toda enrugada, mas Harry fez piada com ele, mudando de assunto, até que Charlie estava sorrindo de novo. Só aí Charlie perguntou sobre Jacob, e agora o lado dele da conversa não me dava muito a entender, só um monte de Hmmms e Éééé. Eu batuquei meus dedos no balcão ao lado dele até que ele colocou a mão dele em cima da minha pra me fazer parar.

Finalmente, Charlie desligou o telefone e se virou pra mim.

"Harry disse que houveram problemas com as linhas telefônicas, e que foi por isso que você não conseguiu falar com eles. Billy levou Jacob para o médico de lá, e parece que ele está com Mononucleose. Ele está muito cansado, e Billy está proibindo as visitas", ele informou.

"Nada de visitas?", eu perguntei sem acreditar.

Charlie ergueu uma sobrancelha. "Agora não comece a ser incômoda, Bells. Billy sabe o que é melhor pra Jake. Ele vai estar de pé em breve. Seja paciente".

Eu não quis forçar a barra. Charlie estava muito preocupado com Harry. Esse claramente era um problema mais sério - não era certo incomodá-lo com os meus probleminhas. Ao invés disso, eu fui lá pra cima e liguei o meu computador. Eu encontrei um site médico on line e digitei "mononucleose" na caixinha de buscas.

A única coisa que eu sabia sobre Mononucleose era que você podia pegar beijando, que claramente não era o caso de Jake. Eu li os sintomas rapidamente - a febre ele definitivamente tinha, mas e quanto ao resto?

Nenhum horrível inchaço na garganta, sem exaustão, sem dores de cabeça, pelo menos não até antes de ele chegar em casa depois do cinema; ele disse que se sentia "absolutamente normal". Será que isso tudo apareceu tão rápido? O artigo fazia parecer que os inchaços apareciam primeiro.

Eu olhei para a tela do computador e me perguntei porque, exatamente, eu estava fazendo isso. Porque eu me sentia tão... tão suspeita, como se eu não acreditasse na história de Billy? Porque Billy iria mentir pra Harry?
Eu estava sendo boba, provavelmente. Eu só estava preocupada, e, pra ser honesta, eu estava com medo por não estar sendo permitida de visitar Jacob - isso me deixou nervosa.
Eu deslizei pelo resto do artigo, procurando por mais informações. Eu parei quando cheguei na parte que dizia que a mono podia durar mais de um mês.
Um mês? Minha boca se abriu.
Billy não podia proibir as visitas por tanto tempo. É claro que não. Jake ficaria louco se ficasse numa cama esse tempo todo sem falar com ninguém.
Do que é que Billy estava com medo, afinal? O artigo dizia que a pessoa como Mono devia evitar atividades físicas, mas não dizia nada sobre visitas. A doença não era tão contagiosa.
Eu daria a Billy uma semana, eu decidí, antes de forçar a barra. Uma semana era uma generosidade.

Uma semana era muito tempo. Na quarta, eu já não tinha certeza se sobreviveria até o sábado.
Quando eu decidi que deixaria Billy e Jacob a sós por uma semana, eu não acreditava realmente que Jacob fosse seguir as regras de Billy. Todos os dias quando eu voltava pra casa da escola, eu corria pra o telefone pra checar as mensagens. Nunca havia nenhuma.
Eu traí três vezes tentando ligar pra ele, mas as linhas telefônicas ainda não estavam funcionando.
Eu ficava em casa por tempo demais, e sozinha demais. Sem Jacob, minha adrenalina e minhas distrações, e tudo mais que eu havia reprimido começaram a me deixar impaciente. Os sonhos ficaram piores de novo. Eu não conseguia mais ver o fim se aproximando. O horrível vazio - metade do tempo na floresta, metade no tempo no mar de grama onde a casa branca não existia mais. As vezes Sam Uley estava lá na floresta, me olhando de novo. Eu não prestava atenção nele - não havia nenhum conforto na presença dele; ela não fazia eu me sentir menos sozinha. Ela não me fez parar de gritar até acordar, noite após noite.
O buraco no meu peito estava pior que nunca. Eu achava que estava começando a controlá-lo, mas eu me pegava me curvando, dia após dia, agarrando os meus dois lados, e sufocando por ar.

Eu não estava lidando bem com isso sozinha.

Eu fiquei aliviada além das medidas, quando me acordei de manhã - gritando, é claro - e me lembrei de que era sábado. Hoje eu podia ligar pra Jacob.

E se as linhas telefônicas ainda não estivessem funcionando, então eu iria á La Push. De um jeito ou de outro, hoje seria melhor do que a minha última semana de solidão.
Eu disquei, e então esperei sem elevar as minhas expectativas.
Eu fui pega fora de guarda quando Billy atendeu no segundo toque.
"Alô?"
"Oh, ei, o telefone está funcionando de novo! Oi, Billy. É Bella. Eu só estou ligando pra saber como Jacob está. Ele já pode receber visitas? Eu estava pensando em passar por aí-"
"Eu lamento, Bella", Billy interrompeu, e eu me perguntei se ele estava assistindo TV; ele parecia distraído. "Ele não está aqui".
"Oh", isso me levou um segundo. "Ele stá se sentindo melhor, então?"
"É", Billy hesitou por um instante longo demais. "Acontece que no fim ele não estava com Mononucleose. Era só algum outro vírus".
"Oh. Então... onde ele está?"
"Ele está dando a alguns amigos uma carona até Port Angeles - eu acho que eles vão pegar uma sessão dupla ou alguma coisa assim. Ele vai ficar fora o dia inteiro".
"Bem, isso é um alívio. Eu estava tão preocupada. Eu me alegro que ele tenha se sentido bem o suficiente pra sair". A minha voz parecia horrivelmente falsa enquanto eu tagarelava.
Jacob estava melhor,mas não bem o suficiente pra me ligar. Ele havia saído com os amigos. Eu estava sozinha em casa, sentindo mais falta dele a cada hora. Eu estava sozinha, preocupada, enfadada... perfurada - e agora também estava desolada ao descobrir que uma semana de distância não teve o mesmo efeito nele.
"Tem algo em particular que você queira?" Billy perguntou educadamente.
"Não, na verdade não".
"Bem, eu digo pra ele que você ligou", Billy prometeu. "Tchau, Bella".
Eu fiquei parada um momento com o telefone ainda na minha mão. Jacob deve ter mudado de idéia, assim como eu temia. Ele ia seguir o meu conselho e ia parar de perder tempo com uma pessoa que não podia retornar os seus sentimentos. Eu senti o sangue fugindo do meu rosto.
"Há algo errado?" Charlie me perguntou enquanto descia as escadas.
"Não", eu menti desligando o telefone. "Billy disse que Jacob está se sentindo melhor. Não era mono. Isso é bom".
"Ele está vindo aqui, ou você está indo pra lá?" Charlie perguntou ausentemente enquanto começava a vasculhar na geladeira.
"Nenhum dos dois", eu admiti. "Ele saiu com uns amigos".
O tom da minha voz finalmente chamou a atenção de Charlie. Ele olhou pra mim com olhos alarmados de repente, as mãos dele congelaram num pacote de queijo fatiado.
"Não é um pouco cedo demais pra almoçar?", eu perguntei tão levemente quanto pude, tentando distraí-lo.
"Não, eu só vou empacotar alguma coisa pra levar para o rio..."

“Oh, vai pescar hoje?”
“Bem, Harry ligou... e não está chovendo” Ele estava criando uma pilha de comida no balcão enquanto falava. De repente ele olhou pra cima de novo, como se tivesse acabado de se dar conta de alguma coisa. “Diga, você quer que eu fique aqui com você, já que Jake saiu?”
“Está tudo bem, pai”, eu disse trabalhando pra soar diferente. “Os peixes são melhor fisgados quando o tempo está bom”.
Ele olhou pra mim, a indecisão estava clara no rosto dele. Eu sabia que ele estava se preocupando, com medo de me deixar sozinha, no caso de eu ficar um “palerma” de novo.
“Sério, pai. Eu acho que vou ligar pra Jéssica”, eu lorotei rapidamente. Eu preferia ficar sozinha do que com ele me vigiando o dia inteiro. “Nós temos um teste de Cálculo pra estudar. Eu podia usar a ajuda dela”. Essa parte era verdade. Mas eu teria que conseguir me virar sozinha.
“Essa é uma boa idéia. Você tem passado tanto tempo com Jacob, seus outros amigos devem estar pensando que você os esqueceu”.
Eu sorri e balancei a cabeça como se me importasse com o que os meus outros amigos pensavam.
Charlie começou a se virar, mas se virou de volta com uma expressão preocupada. “Ei, você vai estudar aqui ou na casa de Jess, certo?”
“Claro, onde mais?”
“Bem, é só que eu quero que você tome o cuidado de ficar fora da floresta, como eu já te disse antes”.
Eu levei um minuto pra entender, de tão distraída que estava. “Mais problemas com o urso?”
Charlie balançou a cabeça, fazendo uma careta. “Nós temos um mochileiro desaparecido - os patrulheiros encontraram o acampamento dele essa manhã, mas não havia sinal dele. Haviam algumas pegadas muito grandes de animal... é claro que eles apareceram mais cedo, sentindo o cheiro da comida... De qualquer forma, eles estão colocando armadilhas pra eles agora”.
“Oh”, eu disse vagamente. Eu não estava realmente ouvindo os avisos dele; eu estava muito mais aborrecida com a situação com Jacob do que com a possibilidade de ser comida por um urso.
Eu estava feliz que Charlie estava com pressa. Ele não esperou até que eu ligasse pra Jéssica, assim eu não tive que cumprir essa promessa.
Eu passei pelas ações de pegar meus livros e colocá-los na mochila; isso provavelmente foi demais, e se ele não estivesse com pressa de se mandar, isso poderia ter feito ele suspeitar.
Eu estava tão ocupada parecendo ocupada que o meu dia ferozmente vazio não realmente bateu em mim até que eu o vi indo embora. Eu só precisei olhar durante uns dois minutos para o telefone silencioso da cozinha pra decidir que não ia passar o dia em casa. Eu considerei minhas opções.

Eu não ia ligar pra Jéssica. Até onde eu podia dizer, Jéssica havia passado para o lado negro.
Eu podia dirigir até La Push e pegar a minha moto - uma opção muito tentadora, se não fosse por um pequeno problema: quem era que ia me levar para o pronto socorro se eu precisasse ir pra lá depois?
Ou... Eu já estava com o nosso mapa e com o compasso na minha caminhonete. Eu tinha certeza que havia entendido o processo o suficiente até agora pra não me perder. Talvez eu pudesse eliminar duas linhas hoje, nos colocando á frente na nossa agenda pra quando quer que Jacob resolvesse me honrar com a sua presença de novo.
Eu me recusei a pensar em quanto tempo isso poderia durar. Ou se não duraria pra sempre.
Eu senti uma leve pontada de culpa enquanto me dava conta de como Charlie se sentiria em relação a isso, mas eu a ignorei. Eu simplesmente não podia ficar em casa hoje de novo.
Alguns minutos depois eu estava na familiar estrada de poeira que não levava a nenhum lugar em particular. Eu deixei as janelas abertas e dirigi o mais rápido que pude para a saúde da minha caminhonete, tentando aproveitar o vento no meu rosto. Estava nublado, mas quase seco - um dia muito bom, pra Forks.
Começar me levou mais tempo do que levaria pra Jacob. Depois que eu estacionei no lugar de sempre, eu tive que passar uns bons quinze minutos estudando cuidadosamente a pequena agulha do compasso e as marcas do mapa agora bastante usado. Quando eu estava razoavelmente certa de que estava seguindo a linha certa na teia, eu me embrenhei na mata.
A floresta estava cheia de vida hoje, todas as pequenas criaturas estavam aproveitando a secura momentânea.
De alguma forma, porém, mesmo com os pássaros cantando e fazendo barulho, os insetos zumbindo alto na minha cabeça, e até a ocasional corrida de um rato do mato entre os arbustos, a floresta parecia mais assustadora hoje; me lembrava do meu pesadelo mais recente. Eu sabia que era só porque eu estava sozinha, sentindo falta do assobio livre de Jacob e do som de outro par de pés pisando no chão molhado.
A sensação de inquietude foi crescendo ficava mais forte quanto mais fundo eu me enfiava na floresta. Respirar começou a ficar mais difícil - não por causa da exaustão, mas sim porque eu estava tendo problemas com o estúpido buraco no meu peito de novo. Eu apertei meus braços com força ao redor do tórax e tentei banir a dor dos meus pensamentos. Eu quase dei a volta, mas eu odiava ter que jogar fora todo o esforço que já havia feito.
O ritmo dos meus passos começou a entorpecer a minha mente e a minha dor. A minha respiração ficava uniforme eventualmente, e eu estava feliz por não ter desistido. Eu estava ficando melhor nesse negócio de caminhar pelas matas; eu podia notar que estava mais rápida.

Eu não me dei conta de o quanto eu estava sendo eficiente. Eu achava que já havia andado milhas e ainda nem havia começado a contá-las. E então, com um rapidez que me desorientou, eu entrei por um arco que era feito com o tronco de duas árvores - passando pelas samambaias que chegavam á altura do peito - passando para a clareira.
Era o mesmo lugar, instantaneamente eu tinha certeza. Eu nunca havia visto outra clareira tão simétrica. Ela era perfeitamente redonda como se alguém tivesse intencionalmente criado o círculo sem falhas, arrancando as árvores mas sem deixar evidências dessa violência nas ondas de grama. Á leste, eu podia ouvir o rio borbulhando silenciosamente.
O lugar não era nem um pouco tão fascinante sem a luz do sol, mas ainda era muito bonito e sereno. Não era a época certa para as flores selvagens; o chão estava grosso com a grama alta que balançava com a brisa leve como se fossem ondas num lago.
Era o mesmo lugar... mas não parecia que eu encontraria lá o que eu estava procurando.
A decepção foi quase tão instantânea quanto o reconhecimento.
Eu afundei onde estava, me ajoelhando lá na beira da clareira, começando a asfixiar.
De que adiantava seguir em frente? Não havia nada lá. Nada além de memórias que eu queria ter trazido á tona quando eu quisesse, se um dia eu fosse capaz de lidar com a por que elas trariam - a dor que me pegou agora, me deixou fria. Não havia nada de especial nesse lugar sobre ele. Eu não tinha certeza absoluta do que esperava sentir aqui, mas a clareira estava vazia de atmosfera, vazia de tudo, exatamente como todas as coisas. Assim como os meus pesadelos.
Minha cabeça rodopiou confusa.
Pelo menos eu tinha vindo sozinha. Eu senti uma onda de agradecimento quando me dei conta disso. Se eu tivesse descoberto a clareira com Jacob... bem, não ia ter jeito de disfarçar o abismo no qual eu estava enclausurada agora. Como era que eu ia explicar o fato de estar me fazendo em pedacinhos, o jeito como eu me curvava numa bola pra evitar que o buraco vazio me partisse em duas? Era muito melhor que eu não tivesse uma platéia.
E eu também não teria que explicar pra ninguém porque estava com tanta pressa de ir embora. Jacob teria presumido, depois de tanto trabalho pra encontrar esse lugar estúpido, que eu ia querer passar mais alguns segundos lá. Mas eu já estava tentando encontrar forças pra ficar de pé de novo, me forçando a sair daquela bola pra poder escapar. Havia muita dor nesse lugar vazio pra eu suportar - eu ia me arrastando se precisasse.
Que sorte que eu estava sozinha!
Sozinha. Eu repeti a palavra com grande satisfação enquanto me esforçava pra ficar de pé apesar da dor. Precisamente nesse momento, uma figura saiu de dentro das árvores ao norte, á uns trinta passos de distância.

Uma fascinante desordem de emoções passou por mim em um segundo. A primeira foi surpresa; eu estava distante de qualquer trilha aqui, e não esperava companhia. Então, enquanto meus olhos se focavam na figura imóvel, vendo a incrível rigidez, a pele pálida, uma onda de esperança penetrante passou por mim. Eu a suprimi viciosamente, lutando contra a agonia igualmente afiada enquanto meus olhos continuavam pra olhar o rosto embaixo do cabelo preto, que não era o que eu estava esperando.
A próxima foi medo; esse não era o rosto pela qual eu vivia aflita, mas ele estava suficientemente perto de mim pra que eu soubesse que aquele homem não era nenhum mochileiro.
E finalmente, no fim, reconhecimento.
"Laurent!", eu falei com um surpreso prazer.
Era uma resposta irracional. Eu provavelmente devia ter parado no medo.
Laurent fazia parte do grupo de James quando eu o conheci. Ele não esteva envolvido na caçada que se seguiu - a caçada na qual eu era a presa - mas isso foi só porque ele estava com medo; eu era protegida por um grupo maior do que o dele. Teria sido diferente se esse não fosse o caso - ele não tinha nada contra, naquela época, a idéia de me fazer de refeição. É claro, ele devia ter mudado, porque ele foi para o Alaska pra viver com outro grupo civilizado lá, outra família que se recusava a beber sangue de humanos por razões éticas. Outra família como os... eu não conseguia me fazer pensar no nome.
Sim, sentir medo faria mais sentido, mas o que eu sentia era uma dominante satisfação. A clareira era um lugar mágico de novo. Uma magia mais negra do que a que eu estava esperando, com certeza, mas mágica do mesmo jeito. Aqui estava a conexão que eu buscava. A prova, mesmo que remota, de que - em algum lugar no mesmo mundo que eu - ele existia.
Era impossível o quanto Laurent parecia exatamente o mesmo. Eu acho que era muito bobo e humano esperar que as coisas mudassem tanto em um ano. Mas havia uma coisa... eu não conseguia identificar o que era direito.
"Bella?", ele perguntou, parecendo mais pasmo do que eu me sentia.
"Você lembra", eu sorrí. Era ridículo que eu estivesse tão feliz porque um vampiro lembrava meu nome.
Ele sorriu. "Eu não esperava te ver por aqui". Ele andou na minha direção, com a expressão divertida.
"Isso não é o contrário? Eu vivo aqui. Eu pensei que você tinha ido para o Alaska".
Ele parou a uns dez passos de distância, inclinando a cabeça para o lado.
O rosto dele era o rosto mais bonito que eu via pelo que pareceu ser uma eternidade. Eu estudei o rosto dele com um ganancioso senso estranho de alívio. Ele era uma pessoa para a qual eu não precisava fingir - uma pessoa que já sabia de tudo que eu podia dizer.

“Você está certa”, ele concordou. “Eu fui para o Alaska. Ainda assim, eu não esperava... Quando eu encontrei a casa dos Cullen vazia, eu pensei que eles haviam se mudado”.
“Oh”. Eu mordi meu lábio quando o nome fez as beiras em carne viva da minha ferida doerem. Eu levei um segundo pra me recompor. Laurent esperou com olhos curiosos.
“Eles se mudaram”, eu finalmente consegui dizê-lo.
“Hmm”, ele murmurou. “Eu estou surpreso que eles tenham te deixado pra trás. Você não era uma espécie de animal de estimação deles?” os olhos dele estavam inocentes como se não tivessem a intenção de ofender.
Eu dei um sorriso torto. “Alguma coisa assim”.
“Hmm”,ele disse, pensativo de novo.
Nesse exato momento, eu percebi o porque que ele parecia igual - igual demais. Depois que Carlisle nos disse que Laurent havia ficado com a família de Tânia, eu comecei a imaginá-lo, nas raras ocasiões em que pensava nele, com os mesmos olhos dourados que os... Cullen - eu forcei o nome a sair, estremecendo - tinham. Que os vampiros bons tinham.
Eu dei um passou involuntário pra trás, e os seus curiosos, olhos vermelho escuros seguiram o meu movimento.
“Eles te visitam frequentemente?”, ele perguntou, ainda casual, mas o peso dele se inclinou na minha direção.
“Minta”, a linda voz aveludada sussurrou ansiosamente na minha memória.
Eu me assustei com o som da voz dele, mas isso não devia ter me surpreendido. Eu não estava me submetendo ao maior perigo imaginável? A moto parecia um bando de gatos bonzinhos comparada a isso.
Eu fiz o que a voz me disse pra fazer.
“De vez em quando” eu tentei fazer minha voz ficar leve, relaxada. “O tempo parece mais longo pra mim, eu imagino. Você sabe como eles podem ser distraídos...” eu estava começando a tagarelar. Eu tive que me esforçar pra calar a boca.
“Hmm”, ele disse de novo. “A casa cheirava como se estivesse vazia já ha algum tempo...”
“Você precisa mentir melhor do que isso, Bella”, a voz disse com urgência.
Eu tentei. “Eu vou ter que dizer a Carlisle que você esteve aqui. Ele vai ficar triste por ter perdido a sua visita”. Eu fingi estar pensando por um segundo. “Mas eu provavelmente não devia mencionar isso pra... Edward, eu acho -“ eu mal consegui dizer o nome dele, e isso fez a minha expressão se contorcer, arruinando o meu blefe. “- Ele tem um temperamento forte... bem, eu tenho certeza de que você lembra. Ele ainda está nervoso com aquela coisa de James”. Eu revirei os olhos e abanei displicentemente com uma mão, como se isso fosse uma história antiga, mas havia uma pontada de histeria na minha voz. Eu me perguntei se ele poderia reconhecer o que isso era.

“Ele está mesmo?” Laurent perguntou prazerosamente... e ceticamente.
Eu mantive minha resposta curta, pra que assim minha voz não deletasse o meu pânico. “Mm-hmm”.
Laurent deu um passo casual para o lado, olhando ao seu redor na pequena clareira. Eu não deixei de reparar que o seu passou o trouxe pra mais perto de mim. Na minha cabeça, a voz respondeu com um rosnado baixo.
“Então como estão as coisas em Denali? Carlisle disse que você tinha ido ficar com Tânia?” minha voz estava alta demais.
A questão fez ele parar. “Eu gosto muito de Tânia”, ele meditou. “E da sua irmã Irina ainda mais... eu nunca havia ficado tanto tempo em um só lugar, e eu aproveitei as vantagens, as novidades de tudo. Mas as restrições eram difíceis... Eu estou surpreso que eles tenham conseguido agüentar por tanto tempo”, ele sorriu pra mim conspiradoramente. “As vezes eu trapaceio”.
Eu não consegui engolir. Os meus pés começaram a ir pra trás, mas eu fiquei congelada quando seus olhos vermelhos olharam pra baixo pra captar o movimento.
“Oh”, eu disse com uma voz fraca. “Jasper tem problemas com isso também”.
“Não se mova”, a voz sussurrou. Eu tentei fazer o que ele instruía. Era muito difícil; o instinto de me mandar era quase incontrolável.
“Mesmo?” Laurent pareceu interessado. “Foi por isso que eles foram embora?”
“Não” eu respondi honestamente. “Jasper é mais cuidadoso em casa”.
“Sim”, Laurent concordou. “Eu sou também”.
O passo á frente que ele deu agora foi de propósito.
“Victória encontrou você?” eu perguntei, sem fôlego, desesperada pra distraí-lo. Essa foi a primeira pergunta que me veio á mente, e eu me arrependi de ter dito as palavras assim que ela saíram. Victória - que havia me caçado com James, e depois desaparecido - não era alguém em quem eu queria pensar nesse momento em particular.
Mas a pergunta parou ele.
“Sim”, ele disse, hesitando no passo. “Na verdade eu vim aqui como um favor pra ela”. Ele fez uma cara. “Ela não vai ficar feliz com isso”.
“Com o que?”, eu disse ansiosamente, o convidando a continuar. Ele estava olhando para as árvores, pra longe de mim. Eu tomei vantagem na distração dele, dando um passo furtivo pra trás.
Ele olhou de volta pra mim e sorriu - a expressão fez ele parecer um anjo de cabelos pretos.
“Eu matar você”, ele respondeu com um ronronar sedutor.
Eu vacilei em outro passo pra trás. O rosnado frenético na minha cabeça tornava difícil escutar.
“Ela queria salvar essa parte pra si própria”, ele continuou, alegremente.
“Ela está meio... aborrecida com você, Bella?”
“Comigo?”, eu esguichei.

Ele balançou a cabeça e gargalhou. “Eu sei, aprece um pouco atrasado pra mim também. Mas James era o parceiro dela, e o seu Edward o matou”.
Mesmo aí, á beira da morte, o nome dele rasgou as paredes não cicatrizadas da minha ferida como se a estivesse serrando.
Laurent não estava consciente da minha reação. “Ela achou mais apropriado matar você do que Edward - um troco justo, parceiro por parceiro. Ela me pediu pra ficar de olho na terra deles, por assim dizer. Eu não podia imaginar que seria tão fácil te pegar. Então talvez o plano dela falhe - aparentemente não era a vingança que ela havia imaginado, já que você não deve ser tão importante pra ele já que ele te deixou aqui desprotegida”.
Outro golpe, outra lágrima no meu peito.
O peso de Laurent se moveu levemente, e eu dei outro passo pra trás.
Ele fez uma careta. “Eu acho que ela vai ficar zangada, do mesmo jeito”.
“Então porque não esperar por ela?”, eu gaguejei.
Um sorriso maquiavélico transformou o rosto dele. “Bem, você me pegou num mal momento, Bella. Eu não vim pra esse lugar por causa da missão de Victória - eu estava caçando. Eu estou com muita sede, e o seu cheiro é... simplesmente de dar água na boca”.
Laurent olhou para mim com aprovação, como se ele estivesse falando sério quando me cumprimentou.
“Ameace ele”, a linda voz da ilusão ordenou, a voz dele estava desorientada de medo.
“Ele vai saber que foi você”, eu sussurrei obedientemente. “Você não vai se safar dessa”.
“E porque não?” o sorriso de Laurent cresceu. Ele olhou ao redor para a pequena abertura das árvores. “O cheiro vai ser lavado na próxima chuva. Ninguém vai encontrar seu corpo - você simplesmente terá desaparecido, como tantos, tantos outros humanos. Não vão haver motivos pra Edward pensar em mim, se ele se importar o suficiente pra investigar. Não é nada pessoal, Bella, eu te asseguro. Só sede”.
“Implore”, minha alucinação me implorou.
“Por favor”, eu asfixiei.
Laurent balançou a cabeça, seu rosto estava gentil. “Veja dessa forma, Bella. Você tem muita sorte que fui eu quem te encontrou”.
“Eu tenho?”, eu murmurei, arriscando outro passo pra trás.
Laurent seguiu, leve e gracioso.
“Sim”, ele me assegurou. “Eu serei bem rápido. Você não vai sentir nada, eu prometo. Oh, eu vou mentir pra Victória sobre isso mais tarde, naturalmente, só pra aplacar ela. Mas se você soubesse o que ela tinha planejado pra você, Bella...” ele balançou a cabeça com um movimento lento, quase com desgosto. “Eu juro que você estaria me agradecendo”.
Eu olhei pra ele horrorizada.

Ele fungou a brisa que soprava o meu cabelo na direção dele. “De dar água na boca”, ele repetiu, inalando profundamente.
Eu fiquei tensa pra sair dali, meus olhos piscando enquanto eu tentava me afastar, e o som do rosnado enfurecido de Edward ecoava no fundo da minha cabeça. O nome dele escapou pelas paredes que eu havia construído pra pará-lo. Edward, Edward, Edward. Eu ia morrer. Não devia importar se eu pensasse nele agora. Edward, eu te amo.
Pelos meus olhos apertados, eu ví Laurent parar no meio do ato de inalar e virar a cabeça rapidamente para a esquerda. Eu estava com medo de tirar os olhos dele, de seguir a direção do seu olhar, apesar de que ele já não precisava mais de nenhum truque ou nenhum distração pra me pegar.
Eu estava muito surpresa pra me sentir aliviada quando ele começou a se afastar de mim.
“Eu não acredito nisso”, ele disse, a voz dele estava tão baixa que eu quase não a ouvia.
Então eu tive que olhar. Meus olhos vasculharam a clareira, procurando pela distração que havia estendido a minha vida em mais alguns segundos.
No início eu não ví nada, e o meu olhar voltou pra Laurent. Ele estava se afastando com mais velocidade agora, os olhos dele fixos na floresta.
Então eu vi; uma enorme figura preta saiu das árvores, quieta como uma sombra, e perseguiu de propósito na direção do vampiro. Era enorme - alto como uma casa, só que mais grosso, muito mais musculoso. O longo focinho fez uma careta, revelando uma longa fileira de dentes afiados como adagas. Um horrível rosnado saiu pelos seus dentes, rompendo pela clareira como o barulho de um trovão prolongado.
O urso. Só que aquilo não era um urso de jeito nenhum. Mesmo assim, aquele enorme monstro preta tinha que ser a criatura que andava causando o alarme. De longe, qualquer um presumiria se tratar de um urso. O que mais poderia ter uma estrutura tão vasta, tão poderosa?
Eu desejei ter sido sortuda o suficiente pra vê-lo de longe. Ao invés disso, ele caminhava silenciosamente na grama a menos de dez pés de onde eu estava.
“Não se mexa nenhum centímetro”, a voz de Edward sussurrou.
Eu olhei para a criatura monstruosa, minha mente borbulhando enquanto eu pensava num nome pra dar pra ela. Havia uma aparência canina bastante distinta no formato dele, no jeito como se mexia. Eu só podia pensar numa possibilidade, travada de horror como estava. Eu nunca tinha imaginado que um lobo podia ficar tão grande.
Outro rosnado saiu da sua garganta, e eu me encolhi com o som. Laurent estava tentando voltar para a beira onde ficavam as árvores, e, por baixo do terror que me congelava, a confusão passou por mim.

Porque Laurent estava fugindo? Com certeza,o lobo era de um tamanho monstruoso, mas era só um animal. Por que razão um vampiro teria medo de um animal? E Laurent estava com medo. Os olhos dele estavam esbugalhados de horror, como os meus.
Como se isso respondesse a minha pergunta, de repente o lobo do tamanho de um elefante não estava mais sozinho. Saindo dos dois lados da clareira, outras duas bestas gigantes se arrastaram pra dentro da clareira. Uma era de um cinza escuro, o outro marrom, mas nenhum era tão grande quanto o primeiro. O lobo cinza saiu das árvores a apenas alguns centímetros de mim, com os olhos grudados em Laurent.
Antes mesmo que eu pudesse reagir, mais dois outros lobos os seguiram, alinhados como um V, como gansos voando para o sul. Isso significava que o ultimo monstro marrom que entrou na clareira estava perto o suficiente pra eu tocá-lo.
Eu dei um suspiro involuntário e pulei pra trás - que foi a coisa mais estúpida que eu podia ter feito. Eu congelei de novo, esperando que os lobos se virassem pra mim, a presa muito mais fraca e vulnerável. Eu desejei brevemente que Laurent começasse a destruir o grupo de lobos - isso devia ser fácil pra ele. Eu achei que, entre as duas escolhas á minha frente, ser comida por lobos era certamente a pior opção.
O lobo mais próximo de mim, o marrom avermelhado, virou a cabeça levemente com o som do meu suspiro.
Os olhos do lobo eram escuros, quase pretos. Ele olhou pra mim uma fração de segundo, seus olhos profundos pareceram inteligentes demais pra um animal selvagem.
Ele me encarou, eu pensei em Jacob de repente- de novo, com gratidão. Pelo menos eu tinha vindo aqui sozinha, pra essa clareira encantada cheia de monstros negros. Pelo menos Jacob não ia morrem também. Pelo menos eu não carregaria a morte dele nas costas.
Então outro rosnado baixo do líder fez a cabeça do lobo se virar, na direção de Laurent.
Laurent estava olhando pra o monstruoso bando de lobos monstruosos com um inexplicável olhar de choque e medo. Primeiro eu não consegui entender. Mas eu fiquei atordoada quando, sem nenhum aviso, ele se virou e desapareceu entre as árvores.
Ele fugiu.
Os lobos foram atrás dele em um segundo, se espalhando pela grama com passadas poderosas, rosnando e fazer estalos tão altos que eu levantei minhas mãos instintivamente pra cobrir meus ouvidos. O som desapareceu com surpreendente velocidade assim que eles desapareceram na mata.
E então eu estava sozinha de novo.
Meus joelhos tremerem embaixo de mim, e eu caí em cima das minhas mãos, soluços se construindo na minha garganta.

Eu sabia que tinha que ir embora, e tinha que ir agora. Por quanto tempo os lobos iam caçar Laurent antes de voltarem por mim? Ou Laurent ia se virar contra eles? Seria ele quem voltaria me procurando?
Porém, primeiramente eu não conseguia me mexer; meus braços e pernas estavam tremendo, e eu não sabia como voltar a ficar de pá. Minha mente não conseguia superar o medo, o horror ou a confusão. Eu não entendia o que havia acabado de testemunhar.
Um vampiro não devia fugir de cachorros crescidos daquele jeito. Que mal os dentes dele poderiam fazer á sua pele de granito?
E os lobos devem ter dado á Laurent um longo espaço. Mesmo que o tamanho extraordinário deles os tenha ensinado a não temer nada, ainda não faziam nenhum sentido que eles o perseguissem. Eu duvidava que a pele de mármore gelado dele cheirasse como comida. Porque eles iam passar alguma coisa com sangue morno e fraca como eu pra perseguir Laurent?
Eu não conseguia entender o sentido disso.
Uma brisa fria passou pela clareira, balançando a grama como se alguma coisa estivesse em cima dela.
Eu fiquei de pé, me afastando mesmo que o vento estivesse passando por mim sem me causar danos. Tremendo de pânico, eu me virei e corri em linha reta entre as árvores.
As horas seguintes foram de agonia. Me levou um tempo três vezes maior pra escapar das árvores do que eu tinha levado pra chegar até a clareira.
No início eu não prestei atenção em pra onde estava indo, já que eu estava só focada na minha fuga. Na hora que eu recompus o suficiente pra me lembrar do compasso, eu já estava no meio da floresta não familiar e ameaçadora.
Minhas mãos estavam tremendo tão violentamente que eu tive que o colocar no chão lamacento pra poder usá-lo direito. A cada minuto eu parava pra colocar o compasso no chão e checar se eu ainda estava indo para o Nordeste, escutando - quando os sons não estavam sendo escondidos pelos meus passos frenéticos - os baixos sons de coisas que eu não via se movendo entre as folhas.
O chamado de uns pássaros me fizeram pular pra trás e cair num monte de jovens madeiras derrubadas, arranhando meus braços e sujando meu cabelo com seiva. A pressa repentina de um esquilo me fez tão alto que meus ouvidos chegaram a doer.
Finalmente eu encontrei uma abertura nas árvores á frente. Eu entrei na estrada e caminhei uma milha ou algo assim pra chegar onde eu havia deixado a minha caminhonete. Mesmo exausta como eu estava, eu ainda corrí até encontrá-la. Até a hora que eu me joguei dentro do carro, eu já estava soluçando de novo.
Eu rapidamente joguei as duas coisas que estava segurando no chão antes que cavar no meu bolso pra encontrar minhas chaves. O ronco do motor foi reconfortante e são. Ele me ajudou a afastar as lágrimas

enquanto eu corria o mais rápido que a minha caminhonete permitia na estrada principal.
Eu estava mais calma, mas ainda estava um desastre quando cheguei em casa. A viatura de Charlie estava na garagem - eu não tinha me dado conta do quanto era tarde. O céu já estava cinzento.
“Bella?” Charlie perguntou quando eu batí a porta atrás de mim e rapidamente tranquei com a chave.
“É, sou eu”. Minha voz não estava uniforme.
“Onde você estava?”, ele trovejou, aparecendo pela porta da cozinha com uma cara suspeita.
Eu hesitei. Ele provavelmente havia ligado para os Stanley. Era melhor eu contar a verdade.
“Eu fiz uma caminhada”, eu admiti.
Os olhos dele se apertaram. “O que aconteceu com a casa de Jéssica?”
“Eu não estava a fim de estudar Cálculo hoje”
Charlie cruzou os braços no peito. “Eu pensei que havia te pedido pra ficar fora da floresta”.
“É, eu sei. Não se preocupe, eu não vou fazer de novo”, eu tremi.
Charlie pareceu realmente olhar pra mim pelo primeira vez.
Eu me lembrei que havia passado algum tempo no chão da floresta hoje; eu devia estar uma bagunça.
“O que aconteceu?”, Charlie quis saber.
De novo, eu decidi que a verdade, ou pelo menos parte dela, era a melhor opção. Eu estava nervosa demais pra fingir que havia passado um dia comum com a fauna e a flora.
”eu vi o urso”. Eu tentei dizer isso calmamente, mas minha voz estava alta e tremendo. “No entanto, não é um urso - é alguma espécie de lobo. E haviam cinco deles. Um grande e preto, e um cinza, um marrom avermelhado...”
Os olhos de Charlie cresceram de horror. Ele veio rapidamente pra cima de mim e segurou a parte de cima dos meus braços.
“Você está bem?”
Minha cabeça balançou com um fraco aceno.
“Me conte o que aconteceu”.
“Eles não prestaram muita atenção em mim. Mas depois que eles foram embora, eu fugí e caí muito no chão”.
Ele soltou os meus ombros e passou os braços ao meu redor. Por um longo momento ele não disse nada.
“Lobos”, ele murmurou.
“O que?”
“Os patrulheiros disseram que eram pegadas diferentes das de ursos - mas lobos não ficam tão grandes...”
“Esses eram enormes”.
“Quantos você disse que viu?”
“Cinco”.
Charlie balançou a cabeça, fazendo uma careta de ansiedade. Ele finalmente falou num tom que não permitia nenhuma discussão.

“Chega de caminhadas”.
“Sem problemas”, eu prometí ferventemente.
Charlie ligou para a delegacia pra contar o que eu havia visto. Eu menti um pouco sobre o local exato onde tinha visto os lobos - dizendo que havia estado na trilha que levava ao norte. Eu não queria que o meu pai soubesse o quanto eu havia entrado na floresta sem que ele quisesse, e, mais importante, eu não queria ninguém mais andando por onde Laurent ainda podia estar procurando por mim. Esse pensamento me deixou enjoada.
“Você está com fome?”, ele perguntou quando desligou o telefone.
Eu balancei a cabeça, apesar de que eu devia estar faminta. Eu não tinha comido nada o dia inteiro.
“Só cansada”, eu disse pra ele. Eu me virei para as escadas.
“Ei”, Charlie disse numa voz repentinamente suspeita de novo. “Você não disse que Jacob tinha saído durante o dia inteiro?”
“Foi o que Billy disse”, eu falei, confusa pela pergunta dele.
Ele estudou a minha expressão por um minuto e pareceu satisfeito com o que encontrou lá.
“Huh”
“Porque?”, eu quis saber. Parecia que ele estava querendo dizer que eu estive mentindo pra ele essa manhã. Sobre algo mais do que estar estudando com Jéssica.
“Bem, é só que quando eu fiz buscar Harry, eu ví Jacob na frente de uma loja de lá com uns amigos. Eu acenei pra ele, mas ele... bem, acho que ele não me viu. Eu acho que ele estava discutindo com os amigos. Ele parecia estranho, como se alguma coisa estivesse aborrecendo ele. E... diferente. É como se você pudesse ver o garoto enquanto ele cresce! Ele está maior a cada vez que eu o vejo”.
“Billy disse que Jake e os amigos tinham ido ao cinema em Port Angeles. Eles provavelmente estavam esperando alguém encontrá-los lá”.
“Oh”, Charlie balançou a cabeça e voltou para a cozinha.
Eu fiquei no corredor, pensando em Jacob discutindo com os amigos. Eu me perguntei se ele havia confrontado Embry sobre o assunto com Sam. Talvez esse fosse o motivo pelo qual ele me ignorou hoje - se isso significava que ele teria a oportunidade de acertar as coisas com Embry, eu ficava feliz.
Eu parei pra ver se a casa estava trancada de novo antes de subir. Era uma coisa idiota de se fazer. Que diferença uma porta ia fazer para os monstros que eu vi hoje? Eu imaginei que a maçaneta só ia atrasar os lobos, já que eles não tinham polegares.
E se Laurent viesse...
Ou... Victoria.
Eu deitei na minha cama, mas eu estava tremendo demais pra pensar em dormir. Eu me curvei e virei uma bola embaixo da minha colcha, e encarei os horríveis fatos.

não havia nada que eu pudesse fazer. Não haviam precauções que eu pudesse tomar. Não havia lugar onde eu pudesse me esconder. Não havia ninguém que pudesse me ajudar.
Eu me dei conta, com uma sensação de náusea no meu estômago, que a situação ainda era pior que isso. Porque todos esses fatos se aplicavam a Charlie também. Meu pai, dormindo a um quarto de distância de mim, era só o centro do coração do alvo que estava centrado em mim. O meu cheiro os levariam até lá, eu estando lá ou não.
Os tremores me balançaram até que os meus dentes estavam se batendo.
Pra me acalmar, eu fantasiei o impossível: eu imaginei os grandes lobos pegando Laurent nas matas e massacrando o indestrutível imortal do jeito como eles fariam a uma pessoa normal. Apesar do absurdo da visão, a idéia me confortou.
Se os lobos pegassem ele, então ele não poderiam contar a Victoria que eu estava sozinha. Se ele não voltasse, talvez ela pensasse que os Cullen ainda estavam me protegendo. Se apenas os lobos pudessem derrotá-lo...
Meus vampiros bons não voltariam nunca mais; como era bom pensar que o outro tipo também poderia desaparecer.
Eu fechei meus olhos com força e esperei pra ficar inconsciente - quase ansiosa que o meu pesadelo começasse. Era melhor do que aquele lindo rosto pálido que sorria pra mim por tás das minhas pálpebras.
Na minha imaginação, os olhos de Victória eram pretos por causa da sede, brilhantes com a antecipação, e os lábios dela se curvavam pra trás mostrando os dentes dela com prazer. O cabelo vermelho dela era brilhante como fogo; ele se espalhava caóticamente ao redor do seu rosto selvagem.
As palavras de Laurent se repetiram na minha cabeça. Se você soubesse o que ela planejou pra você...
Eu pressionei meu punho na boca pra não gritar.

11. Culto

Toda vez que eu abria os olhos para a luz da manhã e me dava conta de que havia sobrevivido á outra noite eu me surpreendia. Depois que o efeito da surpresa passava, meu coração começava a correr e as minhas palmas ficavam suadas; eu não conseguia realmente respirar até que me levantava e me certificava de que Charlie havia sobrevivido também.
Eu podia dizer que ele estava preocupado - me vendo pular com qualquer som mais alto, ou observando o meu rosto ficar branco por algum motivo que ele não podia ver. Pelas perguntas que ele fazia de vez em quando, ele parecia culpar a longa ausência de Jake pela minha mudança.
O terror que geralmente nublava os meus pensamentos geralmente me distraía do fato de que outra semana havia passado, e Jacob ainda não havia me ligado.
Mas quando eu era capaz de me concentrar na minha vida normal - se é que minha vida era normal - isso me aborrecia.
Eu sentia falta dele horrivelmente.
Eu já estava mal o suficiente por estar sozinha antes de estar loucamente assustada.
Agora, mais do que nunca, eu sentia falta do seu sorriso livre e das suas risadas afetuoso. Eu precisava sentia a sanidade da sua garagem e das mãos quentes dele nos meus dedos frios.
Eu meio que esperei que ele me ligasse na segunda. Se tivesse havido algum progresso com Embry, ele não ia querer falar sobre isso comigo? Eu queria acreditar que era preocupação com o amigo que estava ocupando o seu tempo, e não que ele simplesmente havia desistido de mim.
Eu liguei pra ele na terça, mas ninguem atendeu. As linhas telefônicas estavam com problemas? Ou será que Billy havia instalado um identificador de chamadas?
Na quarta eu ligava a cada meia hora até as onze da noite, desesperada pra ouvir a voz cálida de Jacob.
Na quinta eu sentei na minha caminhonete na frente de casa - com as portas travadas - chaves na mão, por uma sólida hora. Eu estava discutindo comigo mesma, tentando justificar uma rápida viagem á La Push, mas eu não consegui fazer isso.
Eu sabia que Laurent já devia ter voltado pra Victoria agora.
Se eu fosse á La Push, eu estaria correndo o risco de levá-los até lá. E se eles me pegassem quando Jake estivesse por perto? Mesmo que isso me machucasse muito, eu sabia que era melhor pra Jacob que ele estivesse me evitando. Mais seguro pra ele.
Ja era ruim o suficiente que eu não conseguisse pensar numa forma de salvar Charlie. A noite era a hora mais provável pra que eles viessem procurar por mim, e o que era que eu diria pra manter

Charlie fora de casa? Se eu contasse a verdade pra ele, ele ia me trancar numa sala pra loucos em algum lugar. Eu teria suportado isso - até dado as boas vindas - se isso pudesse mantê-lo a salvo.
Mas Victória ainda viria á sua casa primeiro, procurando por mim. Talvez, se ela me encontrasse aqui, isso seria suficiente pra ela. Talvez ela simplesmente fosse embora quando tivesse acabado comigo.
Então eu não podia fugir. E mesmo se eu pudesse, pra onde eu iria? Para a casa de Renée? Eu tremí com a idéia de jogar minhas sombras letais sobre a segurança da casa da minha mãe, seu mundo ensolarado.
Eu nunca a colocaria num risco como esse.
A preocupação estava cavando um buraco no meu estômago. Em breve eu teria buracos que se combinavam.
Naquela noite, Charlie me fez outro favor e ligou pra Harry pra saber se os Black estavam fora da cidade.
Harry falou que Billy estava comparecendo ás reuniões do concelho nas quartas a noite, e que nunca havia mencionado nada sobre sair da cidade.
Charlie me avisou pra não ficar pensando em loucuras - Jacob me ligaria quando tivesse a oportunidade.
Sexta de tarde, enquanto eu dirigia pra casa da escola, uma coisa me bateu do nada.
Eu não estava prestando atenção na estrada familiar, deixando o som do motor paralisar meus medos e silenciar meus medos, quando o meu subcosciente me deu o veredito no qual ele já devia estar trabalhando a algum tempo sem o meu conhecimento.
Assim que eu pensei nisso, eu me sentí muito estúpida por não ter visto isso mais cedo.
Claro. Eu tinha muitas coisas na cabeça - vampiros obsecados por vingança, lobos mutantes gigantes, um buraco crescente no meu peito - mas quando eu conferi as evidências, era embaraçosamente óbvio.
Jacob me evitando. Charlie dizendo que ele parecia estranho, chateado... As respostas vagas, que não ofereciam ajuda de Billy.
Santa mãe, eu sabia exatamente o que havia de errado com Jacob. Era Sam Uley. Até os meus pesadelos estiveram tentando me dizer isso. Sam havia pego Jacob.
O que quer que estivesse acontecendo com os garotos da reserva havia saído e capturado o meu amigo. Ele foi puxado para o culto de Sam.
Ele não havia desistido de mim, eu me dei conta com uma onde de sentimentos.
Eu deixei minha caminhonete parada na frente da minha casa. O que eu devia fazer? Eu pesei os perigos um contra o outro.
Se eu fosse procurar por Jacob, eu arriscava a chance de que Victória ou Laurent me encontrassem com ele.

Se eu não fosse até ele, Sam o puxaria ainda mais pra dentro daquela luta, para aquela gangue compulsíva. Talvez fosse tarde demais se eu não agisse logo.
Já havia se passado uma semana, e nenhum vampiro havia vindo procurar por mim ainda. Uma semana era tempo mais que suficiente pra eles terem voltado, então talvez eu não fosse uma prioridade. Era mais provável, como eu já havia decidido antes, que eles viessem procurar por mim á noite. As chances de eles me seguirem até La Push eram muito mais baixas do que as minhas chances de perder Jacob pra Sam.
Valia a pena o perigo de me embranhar naquelas pistas cercadas de floresta. Essa não seria uma visita qualquer pra ver como estavam as coisas. Essa era uma missão de resgate. Eu ia falar com Jacob- sequestrar ele se fosse preciso.
Uma vez eu já ví um programa no canal PBS sobre como desprogramar as lavagens cerebrais. Tinha que haver algum tipo de cura.
Eu decidí que era melhor ligar pra Charlie antes. Talvez o que quer que estivesse acontecendo em La Push fosse uma coisa na qual a polícil devia estar envolvida.
Eu corrí pra dentro, na minha pressa de seguir o meu caminho. Charlie mesmo atendeu o telefone da delegacia.
"Chefe Swan"
"Pai, é Bella"
"O que há de errado?"
Eu não pude discutir com a suposição dele dessa vez. Minha voz estava tremendo.
"Eu estou preocupada com Jacob".
"Porque?", ele perguntou surpreso com o inesperado assunto.
"Eu acho... eu acho que tem alguma coisa errada acontecendo na reserva. Jacob me contou sobre uma coisa estranha que anda acontecendo com os garotos da idade dele. Agora ele está agindo da mesma forma, e eu estou preocupada".
"Que tipo de coisa?" Ele usou o seu tom profissional, policial. Isso era bom; ele estava me levando a sério.
"Primeiro ele estava assustado, e depois ele estava me evitando, e agora... eu estou com medo que ele esteja fazendo parte de uma gangue bizarra que há por lá, a gangue de Sam. A gangue de Sam Uley".
"Sam Uley?" Charlie repetiu, surpreso de novo.
"Sim".
A voz de Charlie estava mais relaxada quando ele respondeu. "Eu acho que você entendeu errado, Bells. Sam Uley é um ótimo garoto. Bem, ele é um ótimo homem agora. Um bom filho. Você devia ouvir Billy falando sobre ele. Ele realmente está fazendo maravilhas com a juventude de lá da reserva. Foi ele quem -" Charlie parou na metade da frase, e eu tive a sensação de que ele ia se referir á aquela noite que eu me perdí na floresta. Eu mudei de assunto rapidamente.

"Pai, não é bem assim. Jacob estava com medo dele".
"Você falou com Billy sobre isso?" Ele estava tentando me amaciar agora. Eu havia perdido ele no momento que mencionei Sam.
"Billy não está preocupado".
"Bem, Bella, então eu tenho certeza de que está tudo bem. Jacob é um garoto; provavelmente ele só está se divertindo. Eu tenho certeza de que ele está bem. Afinal de contas, ele não pode passar todos os minutos do dia conversando com você".
"Isso não é sobre mim", eu insistí, mas a batalha já estava perdida.
"Eu não acho que você precise se preocupar com isso. Deixe Billy tomar conta de Jacob".
"Charlie...", minha voz estava começando a soar patética.
"Bella, eu tenho muitas coisas pra fazer agora. Dois turistas desapareceram na trilha perto do lago", havia uma pontada de ansiosidade crescente. "O problema com esse lobo já está saindo do controle".
Eu fiquei momentâneamente distraída - abismada, na verdade - com a notícia dele. Havia jeito de aqueles lobos terem saído ganhando de uma batalha com Laurent...
"Você tem certeza de que foi isso que aconteceu com eles?", eu perguntei.
"Eu temo que sim, querida. Haviam -" Ele hesitou. "Haviam algumas marcas de novo, e... um pouco de sangue dessa vez".
"Oh!" Então não deve ter havido um confronto. Laurent deve ter simplesmente despistado os lobos, mas porque? O que eu havia visto na clareira só ficava mais e mais estranho - mais impossível de entender.
"Olha, eu realmente tenha que ir. Não se preocupe com Jake, Bella. Eu tenho certeza de que não é nada".
"Tá", eu disse curtamente, frustrada pelas palavras dele que me lembraram da crise mais urgente no momento. "Tchau", eu desliguei.
Eu olhei para o telefone por um momento. Que diabos, eu decidí.
Billy atendeu depois de dois toques.
"Alo?"
"Oi, Billy", eu quase rosnei. Eu tentei falar mais amigavelmente quando continuei. "Será que eu podsso falar com Jacob, por favor?"
"Jake não está aqui".
Que surpresa. "Você sabe onde ele está?"
"Ele saiu com os amigos", a voz de Billy era cuidadosa.
"Ah, é? Alguém que eu conheça? Quil?" eu podia dizer que as palavras não estavam saindo tão casualmente quanto eu havia planejado.
"Não", Billy disse devagar. "Eu não acho que ele esteja com Quil hoje".
Eu sabia que não devia mencionar o nome de Sam.
"Embry?" eu perguntei
Billy pareceu mais feliz ao responder essa. "É, ele está com Embry".
Isso era o suficiente pra mim. Embry era um deles.

"Bem, peça pra ele me ligar assim que ele chegar, está bem?"
"Claro, claro. Sem problema". Click
"A gente se vê em breve, Billy", eu murmurei para o telefone mudo.
Eu dirigi pra La Push determinada a esperar. Eu ia ficar sentada na frente da casa dele a noite inteira se precisasse. Eu faltaria a escola. O garoto ia ter que voltar alguma hora, e quando ele voltasse, ele ia ter que falar comigo.
Minha mente estava tão preocupada que a viagem que eu estava com tanto medo de fazer só durou alguns segundos.
Antes do que eu esperava, a floresta começou a diminuir, e eu sabia que em breve eu seria capaz de ver as primeiras pequenas casas da reserva.
Caminhando, no lado esquerdo da estrada, havia um garoto alto com um boné de baseball.
Minha respiração ficou presa por um momento na minha garganta, esperançosa que a sorte estivesse comigo pela primeira vez, e que eu tivesse cruzado o caminho de Jacob sem maiores dificuldades. Mas esse garoto era largo demais, e o cabelo era curto embaixo do boné. Mesmo estando atrás dele, eu tinha certeza de que era Quil, apesar de ele estar maior do que da última vez que eu o vi. O que era que esses garotos Quileute tinham? Será que eles estavam sendo alimentados com algum tipo de hormônio expermental de crescimento?
Eu atravessei para o lado errado da estrada pra me aproximar dele. Ele olhou pra cima quando o ronco da minha caminhonete se aproximou.
A expressão de Quil me assustou mais do que me surpreendeu. O rosto dele estava apático, pensativo, a testa dele estava enrrugada de preocupação.
"Oh, oi, Bella", ele me cumprimentou sem vontade.
"Oi, Quil... Você está bem?"
Ele me encarou sombrio. "Bem".
"Eu posso te dar um carona pra algum lugar?", eu oferecí.
"Claro, eu acho", ele murmurou. Ele se arrastou pela frente da caminhonete e abriu a porta do passageiro pra entrar.
"Pra onde?"
"Minha casa é para o lado norte, lá atrás das lojas", ele me disse.
"Você viu Jacob hoje?" A pergunta escapou quase antes que ele tivesse terminado de falar.
Eu olhei pra Quil ansiosamente, esperando pela sua resposta. Ele olhou pra fora pelo parabrisa por um instante antes de responder.
"De longe", ele disse finalmente.
"De longe?" eu repetí.
"Eu tentei seguir eles - ele estava com Embry". A voz dele estava baixa, difícil de ouvir com o barulho do motor. Eu me inclinei mais pra perto. "Eu sei que eles me viram. Mas eles se viraram e desapareceram no meio das árvores. Eu não acho que eles estavam sozinhos - eu acho que Sam e o bando dele deve ter estado com eles.

"Eu estive enfiado na floresta por mais de uma hora, gritando por eles. Eu tinha acabado de chegar na estrada quando você apareceu".
"Então Sam pegou ele". As palavras sairam um pouco distorcídas- meus dentes estavam trincados.
Quil me encarou. "Você sabe sobre isso?"
Eu balancei a cabeça. "Jacob contou pra mim... antes".
"Antes", Quil repetiu e suspirou.
"Jacob está tão mal quando os outros agora?"
"Nunca sai de perto de Sam" Quil virou a cabeça pra o lado e cuspiu pela janela aberta.
"E antes disso - ele já evitava as pessoas? Ele estava agindo estranho?"
A voz dele estava baixa e áspera. "Não por tanto tempo quanto os outros. Talvez um dia. E aí Sam pegou ele".
"O que você acha que é? Drogas ou alguma coisa assim?"
"Eu não consigo imaginar Jacob e Embry se envolvendo numa coisa assim... mas o que é que eu sei? O que mais pode ser? E porque as outras pessoas não estão preocupadas?" Ele balançou a cabeça, e o medo aparecia nos olhos dele agora.
"Jacob não queria fazer parte desse... culto. Eu não entendo o que poderia ter feito ele mudar". Ele me encarou, o rosto dele estava assustado. "Eu não quero ser o próximo"
Os meus olhos imitaram o medo dos dele. Essa era a segunda vez que eu ouvia aquilo ser descrevido como um culto. Eu tremi. "Os seus pais são de alguma ajuda?"
Ele fez uma careta. "Certo. Meu avô faz parte do concelho com o pai de Jacob. Até onde ele está informado, Sam Uley é a melhor coisa que já aconteceu pra esse lugar".
Nós olhamos um pro outro por um momento prolongado. Nós estávamos em La Push agora, e minha caminhonete mal andava na estrada vazia. Eu podia ver a única loja da vila não muito distante á frente.
"Eu vou sair agora", Quil disse. "Minha casa é bem alí". Ele fez um gesto para um pequeno retângulo de madeira atrás da loja. Eu parei perto da calçada e ele desceu.
"Eu vou esperar por Jacob", eu disse pra ele com uma voz dura.
"Boa sorte", ele bateu a porta e caminhou em frente na estrada, a cabeça caída pra frente, os ombros baixos.
O rosto de Quil me assombrou enquanto eu fazia uma curva em U e voltava para a casa dos Black. Ele estava morrendo de medo de ser o próximo. O que estava acontecendo aqui?
Eu parei na frente da casa de Jacob, desligando o motor e abrindo as janelas. Era um dia mormacento, sem brisa. Eu coloquei os meus pés no painel e me preparei pra esperar.
Um movimento me chamou a atençao pela minha visão periférica e eu vi Billy olhando pra mim pela janela com uma expressão confusa. Eu acenei uma vez e dei um sorriso duro, mas fiquei onde eu estava. Os olhos dele se estreitaram; ele deixou a cortina cobrir o vidro.

Eu estava preparada pra esperar o tempo que fosse, mas eu desejei ter alguma coisa pra fazer. Eu peguei uma caneta no fundo da minha mochila, e um velho teste. Eu comecei a fazer desenhos no fundo do papel.
Eu só tive tempo de desenhar uma fileira de diamantes quando houve uma batida aguda na janela da minha porta.
Eu pulei, olhando pra cima, esperando Billy.
"O que você está fazendo aqui, Bella?", Jacob rosnou.
Eu encarei ele pasma de surpresa.
Jacob tinha mudado radicalmente nas ultimas semanas em que eu não o vi. A primeira coisa na qual eu reparei foi o seu cabelo - o lindo cabelo dele tinha ido todo embora, foi cortado curto, cobrindo a cabeça dele com um cabelo acetinado de uma cor que parecia ser tinta preta.
As maçãs do rosto dele pareciam ter endurecido subitamente, se apertado... envelhecido. O pescoço e os ombros dele estava diferentes também, de alguma forma, estavam grossos demais.
As mãos dele, onde elas estavam agarradas na janela, pareciam enormes, com os tendões e as veias ainda mais proeminentes embaixo da pele cor de cobre.
Mas diferenças físicas eram insignificantes.
Foi a expressão do rosto dele que o tornou praticamente irreconhecível. O sorriso aberto, amigável, havia desaparecido como o cabelo, a calidez dos olhos dele havia sido substituído por um ressentimento que era instantaneamente pertubador. Havia uma obscuridade em Jacob agora.
Como se o meu Sol tivesse emplodido.
"Jacob?", eu sussurrei.
Ele me encarou, seus olhos tensos e raivosos.
Eu me dei conta de que não estávamos sozinhos. Atrás dele haviam quatro outros; todos altos e com peles cor de cobre, com cabelos pretos cortados como os de Jacob. Eles podiam ser irmãos - eu nem conseguia identificar Embry no grupo. A semelhança só se intesificava pelo mesmo olhar de hostilidade em todos os pares de olhos.
Todos os pares menos um. O mais velho por muitos anos, Sam estava bem atrás, com o rosto sereno e seguro. Eu tive que engolir o ódio que me subia a garganta. Eu queria acabar com ele. Não, eu queria fazer mais que isso. Mais do que qualquer coisa, eu queria ser cruel e mortal, uam pessoa com a qual ninguém ousaria se meter. Alguém que assustaria até o bobão do Sam Uley.
Eu queria ser uma vampira.
O desejo violento me pegou de surpresa e me deixou sem ar. Esse era o mais proibido de todos os desejos - mesmo quando eu só o queria pra propósitos maléficos como esse, pra ganhar vantagem sobre o inimigo - porque ele era o desejo mais doloroso. Esse era um futuro perdido pra sempre pra mim, ele nunca nem sequer esteve ao meu alcance. Eu lutei pra ganhar controle sobre mim mesma enquanto o buraco do meu peito doía.

"O que você quer?", Jacob quis saber, a expressão dele estava ficando mais ressentida enquanto observava as emoções passando pelo meu rosto.
"Eu quero falar com você", eu disse com uma voz fraca. Eu tentei me focar, mas eu ainda estava lutando contra oa tabus do meu sonho.
"Vá em frente", ele assobiou por entre os dentes. O olhar dele era violento. Eu nunca havia visto ele olhar pra ninguém daquele jeito, muito menos pra mim .
Isso me machucou com uma intensidade surpreendente - uma dor física, uma dor na minha cabeça.
"Sozinha!", eu assobiei e minha voz saiu mais forte.
Eu olhei pra trás dele, e eu sabia pra onde os olhos dele iriam. Todos se viraram pra ver a reação de Sam.
Sam balançou a cabeça uma vez, seu rosto despreocupado. Ele fez um breve comentário numa linguagem líquida, não familiar - eu só tinha certeza de que não era Francês nem Espanhol, mas eu imaginei que fosse a língua dos Quileute. Ele se virou e caminhou para a casa de Jacob. Os outros - Paul, Jared e Embry, eu presumí, seguiram ele.
"Ok", Jacob disse um pouco menos furioso quando os outros tinham ido embora. O rosto dele estava um pouco mais calmo, mas também mais desesperançado. A boca dele parecia permanentemente curvada pra baixo.
Eu respirei fundo. "Você sabe o que eu quero saber".
Ele não respondeu. Ele só olhou pra mim acidamente.
Eu encarei de volta e o silêncio se prolongou. A dor no rosto dele me deixou enervada. Eu sentí um caroço começando a aparecer na minha garganta.
"Nós podemos conversar?", eu perguntei enquanto ainda conseguia falar.
Ele não respondeu de nenhum jeito; o rosto dele não mudou.
Eu saí do carro, sentindo olhos que eu não podia ver nas janelas atrás de mim, e eu comecei a andar na direção das árvores ao norte. Meu pé fazia barulho na grama molhada e na lama ao lado da pista,e, como esse era o único som, no início eu achei que ele não estava me seguindo.Mas quando eu olhei ao meu redor, ele estava ao meu lado, os pés dele de alguma forma faziam muito menos barulho do que os meus.
Eu me sentí melhor no esconderijo das árvores, onde não era possível que Sam estivesse nos observando. Enquanto caminhávamos, eu lutei pra encontrar a coisa certa pra dizer, mas eu não pensei em nada. Eu só ficava cada vez mais e mais com raiva por Jacob ter sido puxado para aquilo... e por Billy ter permitido isso... e por Sam estar passando por aquilo tudo tão calmamente e seguro...
Jacob de repente aumentou o passo, ficando na minha frente com facilidade com suas pernas longas, e então ele se virou pra me encarar, se plantando na minha frente pra que eu tivesse que parar também.

Eu me distraí com a graciosidade do seu movimento. Jacob era quase tão desengonçado quanto eu por causa do seu crescimento sem fim. Quando foi que isso mudou?
Mas Jacob não me deu tempo de pensar nisso.
"Vamos acabar logo com isso", ele disse com uma voz dura, ríspida.
Eu esperei. Ele sabia o que eu queria.
"Não é o que você está pensando". A voz dele estava repentinamente cautelosa. "Não era o que eu pensava - eu estava totalmente errado".
"Então o que é?"
Ele estudou o meu rosto por um longo momento, especulando. A raiva nunca abandonou completamente os seus olhos. "Eu não posso te contar", ele disse.
Minha mandíbula se comprimiu, e eu falei por entre os dentes. "Eu pensei que fôssemos amigos".
"Nós éramos", houve uma pequena ênfase no tempo passado.
"Mas você não precisa mais de amigos", eu disse acidamente. "Você tem Sam. Isso é legal - você sempre gostou tanto dele".
"Eu não o entendia antes".
"E agora você vui a luz. Aleluia".
"Não é como eu pensava que era. Isso não é culpa de Sam. Ele está me ajudando como pode". A voz dele se tornou frágil e ele olhou por cima da minha cabeça, passando por mim, a raiva queimando nos olhos dele.
"Ele está te ajudando", eu repetí duvidosamente. "Naturalmente"
Mas Jacob não parecia estar escutando. Ele estava respirando profundamente, de propósito, tentando se acalmar. Ele estava com tanta raiva que as mãos dele estavam tremendo.
"Jacob, por favor", eu sussurrei. "Você não vai me contar o que aconteceu? Talvez eu possa ajudar".
"Ninguém pode me ajudar agora". As palavras eram um gemido baixo; a voz dele se partiu.
"O que ele fez com você?", eu quis saber, as lágrimas se aglomeraram nos meus olhos. Eu tentei tocá-lo, como já tinha feito antes, me movendo para a frente com os braços abertos.
Dessa fez ele se afastou, segurando as mãos pra cima num gesto de defesa. "Não me toque", ele sussurrou.
"Sam está olhando?", eu cochichei. As lágrimas estúpidas haviam escapado pelos cantos dos meus olhos. Eu as afastei com as costas da minha mão, e cruzei meus braços no peito.
"Pare de culpar Sam". As palavras sairas rápidas, como um reflexo.
As mãos dele se levantaram pra mexer no cabelo que não estava mais lá, e então cairam nos seus lados.
"Então quem é que eu devo culpar?" eu retorqui.
Ele deu um meio sorriso; era uma coisa vazia, torta.
"Você não quer ouvir isso".
"Não quero é o diabo!" eu disparei. "Eu quero saber, e eu quero saber agora".
"Você está errada", ele disparou de volta.

"Não ouse dizer que eu estou errada - não fui eu quem sofreu uma lavagem cerebral! Me diga agora de quem é a culpa, se ela não é do seu precioso Sam!"
"Você pediu por isso", ele rosnou pra mim, seus olhos brilhavam duramente. "Se você quer culpar alguém, porque você não aponta o dedo para aqueles bebedores de sangue nojentos, fedorentos que você ama tanto?"
Minha boca se abriu e minha respiração saiu com um som parecido com
whooshing. Eu fiquei congelada no lugar, esfaqueada com as palavras dele. A dor atravessou meu corpo de uma forma já conhecida, o buraco denteado se abriu me rasgando por dentro, mas em segundo lugar, houve a música de fundo dos meus pensamentos caóticos. Eu nãopodia acreditar que havia o ouvido corretamente. Não havia nenhum traço de indecisão no rosto dele. Só fúria.
Minha boca ainda estava escancarada.
"Eu te disse que você não ia querer ouvir", ele disse.
"Eu não entendo o que você quer dizer", eu cochichei.
Ele ergueu uma sobrancelha em descrença. "Eu acho que você entende exatamente o que eu quero dizer. Você não vai me fazer dizer, vai? Eu não gosto de te machucar".
"Eu não entendo o que você quer dizer", eu disse mecanicamente.
"Os Cullen", ele disse lentamente, sublinhando a palavra, estudando meu rosto enquanto ele falava isso.
"Eu ví isso - eu posso ver nos seus olhos o que acontece com você quando eu digo o nome deles".
Eu balancei minha cabeça pra frente e pra trás negando, tentando limpá-la ao mesmo tempo. Como era que ele sabia disso? E como era que isso tinha alguma coisa a ver com o culto de Sam? Essa era uma gangue de odiadores de vampiros? Qual era a necessidade de se formar uma sociedade como essa se já não existiam mais vampiros em Forks? Porque Jacob começaria a acreditar nas histórias sobre os Cullen agora, justo quando as evidencias haviam ido embora, pra nunca mais voltar?
Eu levei um segundo pra pensar na resposta correta. "Não me diga que você começou a acreditar nas histórias sem sentido de Billy agora", eu disse com uma fraca tentativa de ser divertida.
"Ele sabe mais do que eu pensava".
"Jacob, fale sério".
Ele me encarou, os olhos críticos.
"Colocando as superstições de lado", eu disse rapidamente. "Eu ainda não vejo porque você está acusando... os Cullen"- estremecimento - "por isso. Eles foram embora a mais de meio ano. Como é que você pode culpar eles pelo que Sam está fazendo agora?"
"Sam não está fazendo nada, Bella. E eu sei que eles foram embora. Mas as vezes... as coisas acontecem em cadeia, e então é tarde demais".

"O que aconteceu em cadeia? O que é tarde demais? Do que você os está culpando?"
Ele olhou de repente direto pra o meu rosto, a fúria dele estava brilhando nos olhos. "Por existir", ele assobiou.
Eu fiquei surpresa e destraída quando as palavras de aviso na voz de Edward vieram de novo, quando eu nem estava assustada.
"Quieta agora, Bella. Não force ele", Edward me precaviu no meu ouvido.
Desde que o nome de Edward havia escapado pelas paredes que eu construí cuidadosamente pra prendê-lo, eu não fui mais capaz de prendê-lo novamente. Não me machucava agora - não durante os preciosos segundos que eu podia ouvir a voz dele.
Jacob estava esfumaçando na minha frente, tremendo de raiva.
Eu não entendí porque as alucinações de Edward haviam aparecido inesperadamente na minha cabeça
Não havia adrenalina, não havia perigo.
"Dê uma chance pra ele se acalmar", a voz de Edward insistiu.
Eu balancei a minha cabeça confusa. "Você está sendo ridículo", eu disse para os dois.
"Tá", Jacob respondeu, respirando profundamente de novo. "Eu não vou discutir com você. De qualquer forma não importa, o estrago está feito".
"Que estrago?"
Ele não se mexeu enquanto eu gritava as palavras no rosto dele.
"Vamos voltar. Não há mais nada a dizer".
Eu asfixiei. "Há tudo mais a dizer! Você não me disse nada ainda!"
Ele caminhou passando por mim, voltando para a direção da casa.
"Eu esbarrei em Quil hoje", eu gritei atrás dele.
Ele parou no meio de um passo, mas não se virou.
"Você se lembra do seu amigo, Quil? Pois é, ele está morto de medo".
Jacob se virou pra me encarar. A expressão dele estava dolorida.
"Quil", foi tudo o que ele disse.
"Ele está preocupado com você também. Ele está ficando louco".
Jacob olhou por cima de mim com olhos desesperados.
Eu o aticei mais ainda. "Ele está com medo de ser o próximo".
Jacob se segurou numa árvore pra ter apoio, o rosto dele ficando de um estranho tom verde embaixo da superfície marrom avermelhada.
"Ele não será o próximo", Jacob murmurou pra sí mesmo. "Ele não pode ser. Está acabado agora. Isso não devia estar acontecendo. Porque? Porque?". O punho dele se chocou na árvore. Não era uma árvore grande, mais fina e só um pouco mais alta que Jacob. Mas eu ainda fiquei surpresa quando o tronco cedeu e caiu com o golpe dele.
Jacob olhou para o ponto afiado, quebrado que havia sofrido o choque e rapidamente ficou horrorizado.
"Eu tenho que ir". Ele se virou e foi embora tão rapidamente que eu tive que correr para acompanhar.
"Voltar pra Sam!"

"Essa é uma forma de ver as coisas", parecia que ele estava falando sério. Ele estava murmurando e olhando em frente.
Eu o segui até a caminhonete. "Espere!", eu chamei quando ele se virou na direção da casa.
Ele se virou pra me encarar de novo, e eu ví que as mãos dele estavam tremendo de novo
"Vá pra casa, Bella. Eu não posso mais andar com você".
Essa dor boba, inconsequente era incrivelmente poderosa.
As lágrimas apareceram de novo. "Você está... terminando comigo?"
As palavras eram todas erradas, mas elas eram as melhores nas quais eu conseguia pensar para frasear o que eu queria perguntar. Afinal, o que eu e Jake tínhamos era mais que um romance de escola. Era mais forte.
Ele comprimiu uma risada ácida. "Dificilmente. Se esse fosse o caso eu diria 'Vamos ser amigos'. Mas eu nunca poderia dizer isso".
"Jacob... porque? Sam não te deixa ter outros amigos? Por favor, Jake. Você prometeu. Eu preciso de você!"
O significante vazio que havia na minha vida antes - antes de Jacob trazer um pouco de razãopra dentro dela - voltou e me confrontou.
A solidão apertou minha garganta.
"Eu lamento, Bella", Jacob disse cada palavra distintamente com uma voz fria que não pertencia a ele.
Eu não acreditava que era mesmo isso que Jacob queria dizer. Parecia que havia algo mais tentando ser dito através de seus olhos raivosos, mas eu não conseguia entender a mensagem.
Talvez isso não tivesse nada a ver com Sam. Talvez isso não tivesse nada a ver com os Cullen. Talvez ele só estivessem tentando se salvar dessa situação sem esperança. Talvez eu devesse dizer que ele fizesse isso, se isso era o melhor pra ele. Eu devia fazer isso. Era o certo.
Mas eu ouvi minha voz escapando num sussurro.
"Eu lamento que eu não pude... antes... Eu queria poder mudar o que eu sinto por você, Jacob". Eu estava desesperada, tentando alcançar, esticando a verdade até que ela quase se tornou uma mentira.
"Talvez... talvez eu mudasse", eu sussurrei. "Talvez se você me desse algum tempo... só não desista de mim agora, Jake. Eu não vou suportar".
O rosto dele passou de raiva para agonia num segundo. Uma mão tremendo se aproximou de mim.
"Não. Não pense assim, Bella, por favor. Não se culpe, não pense que é sua culpa. Isso é tudo minha culpa. Eu juro, não tem nada a ver com você".
"Não é você, sou eu", eu sussurrei. "É outra"
"Eu falo sério, Bella. Eu não estou..." ele relutou, sua voz ficando ainda mais rouca enquanto ele lutava pra controlar suas emoções. Seus olhos estavam torturados. "Eu já não sou mais bom o suficiente pra ser seu amigo, ou nada mais. Eu não sou mais quem era antes. Eu não sou bom".

"O que?", eu encarei ele, confusa e apática. "O que você está dizendo? Você é muito melhor do que eu, Jake. Você é bom! Quem disse que você não é? Sam? Ele é um mentiroso, Jacob! Não deixe que ele te diga isso!" de repente eu estava gritando de novo.
O rosto de Jacob ficou duro e vazio. "Ninguém me disse nada. Eu sei o que sou".
"Você é meu amigo, é isso que você é! Jake - não!"
Ele estava dando as costas pra mim.
"Eu lamento, Bella", ele disse de novo; desse vez era um murmúrio partido. Ele se virou e quase correu para a casa.
Eu fiquei incapacitada de me mover de onde eu estava. Eu olhei para a pequena casa; ela perecia muito pequena para os quatro garotos grandes e os dois homens ainda maiores.
Não houve reação do lado de dentro. Nenhuma flutuação nas beiras da cortina, nenhum som de vozes eu de movimento. Ela parecia vazia.
A chuva começou em chuviscos, fazendo cócegas onde tocavam a minha pele. Eu não conseguia tirar os meus olhos da casa. Jacob voltaria. Ele tinha que voltar.
A chuva aumentou, o vento também. As gotas já não caiam mais de cima; elas vinham num ângulo que vinha do oeste. Eu sentia o cheiro da brisa que vinha do mar. Meu cabelo batia no meu rosto, grudando nos lugares molhados e fazendo cócegas nos meus cílios. Eu esperei.
Finalmente a porta se abrui, eu dei um passo pra frente aliviada.
Billy rodou a sua cadeira pra frente até a entrada da porta. Eu não via ninguém atrás dele.
"Charlie acabou de ligar, Bella. Eu disse pra ele que você estava voltando pra casa". Os olhos dele estavam cheios de piedade.
De alguma forma a piedade foi o fim pra mim. Eu não comentei. Eu só me virei como um robô e entrei na minha caminhonete.
Eu tinha deixado as janelas abertas e os bancos estavam escorregadios e molhados. Eu não me importei. Eu já estava ensopada.
Não tão ruim, não tão ruim! minha mente tentou me confortar.
Era verdade. Isso não era tão ruim. Esse não era o fim do mundo, não novamente. Isso era só o fim do pequeno pedaço que havia sido deixado pra trás. Só isso.
Não é tão ruim, eu concordei, e então acrescentei Mas é ruim o suficiente.
Eu achei que Jake estava curando o buraco dentro de mim - ou pelo menos juntando as partes, evitando que isso me machucasse tanto.
Eu estava errada. Ele só estava cavando seu próprio buraco, então agora eu estava esburacada como queijo suísso. Eu me perguntei porque não me espatifava em pedaços.
Charlie estava esperando por mim na porta. Enquanto eu parava o carro, ele veio me encontrar.
"Billy ligou. Ele disse que você estava brigando com Jake - ele disse que você estava brava", ele explicou enquanto abria a porta pra mim.

Então ele olhou pra mim. Uma espécie de reconhecimento horrorizado se registrou no rosto dele. Eu tentei sentir meu rosto de dentro pra fora, pra saber o que ele estava vendo. Meu rosto parecia vazio e frio, e eu me dei conta do que isso lembrava ele.
"Não foi exatamente isso que aconteceu", eu murmurei.
Charlie colocou seu braço ao meu redor e me ajudou a sair do carro. Ele não comentou as minhas roupas ensopadas.
"Então o que aconteceu?", ele perguntou quando estavamos do lado de dentro. Ele puxou a manta que ficava atrás do sofá enquanto falava e a colocou nos meus ombros. Eu me dei conta de que ainda estava tremendo.
Minha voz estava sem vida. "Sam Uley disse que eu e Jacob não podemos mais ser amigos".
Charlie me deu uma olhada estranha. "Quem te disse isso?"
"Jacob", eu disse, apesar de ter sido exatamente isso o que ele disse. Ainda era verdade.
As sobrancelhas de Charlie se juntaram. "Você realmente acha que tem alguma coisa errada com aquele garoto Uley?".
"Eu sei que tem. Porém, Jacob não quis me falar sobre isso".
Eu podia ouvir a água das minhas roupas pingando no chão e fazendo barulho na madeira. "Eu vou trocar de roupa".
Charlie estava perdido em seus pensamentos. "Ok", ele disse ausentemente.
Eu resolví tomar um banho antes porque estava com frio, mas a água quente não pareceu afetar a temperatura do meu corpo. Eu ainda estava congelando quando desistí e desliguei a água. No silêncio repentino, eu podia ouvir Charlie falando com alguém lá embaixo. Eu me cobrí com uma toalha e saí do banheiro.
A voz de Charlie estava raivosa. "Eu não vou acreditar nisso. Isso não faz o mínimo sentido".
Tudo ficou quieto aí, e eu me dei conta de que ele estava no telefone. Um minuto se passou.
"Não culpe Bella por isso!" Charlie gritou de repente.
Eu pulei. Quando ele falou de novo, sua voz estava cuidadosa e mais baixa. "Bella deixou muito claro o tempo inteiro que ela e Jacob era apenas amigos... Bem, se era isso, então porque você não disse isso antes? Não, Billy, eu acho que ela está certa nisso... Porque eu conheço a minha filha, e se ela diz que Jacob estava assustado antes -", ele parou no meio da frase, e quando recomeçou estava quase gritando de novo.
"O que você quer dizer com eu não conheço minha filha tão bem quanto penso que conheço!" Ele escutou por um breve segundo, e a resposta dele foi quase baixa demais pra que eu ouvisse. "Se você pensa que eu vou fazer ela se lembrar daquilo, é melhor você pensar de novo. Ela está apenas começando a lidar com aquilo, e em grande parte por causa de Jacob, eu acho. Se o que quer que Jacob estava fazendo com esse tal de Sam vai fazer ela voltar pra a aquela

depressão, então Jacob terá que responder por isso. Você é meu amigo, Billy, mas isso é machucar a minha família".
Houve outra pausa pra Billy responder.
"Você entendeu direito - se esses garotos colocarem um dedo fora da linha eu vou saber. Nós estarmos mantendo um olho na situação, você pode ter certeza". Ele não era mais Charlie; ele era o Chefe Swan agora.
"Tá. É. Tchau" O telefone bateu no receptor.
Eu andei na ponta dos pés rapidamente até o meu quarto. Charlie estava murmurando com raiva na cozinha.
Então Billy ia me culpar. Eu estava incentivando Jacob e ele finalmente ficou de saco cheio.
Era estranho, pois eu mesma temia isso, mas depois da última coisa que Jacob disse essa tarde, eu não acreditava mais nisso. Havia muito mais envolvido nisso do que uma paixonite não correspondida, e me surpreendia que Billy disesse que se tratava disso. Isso me fez pensar que qualquer que fosse o segredo que ele estava escondendo, era muito maior do que eu imaginava. Pelo menos Charlie estava do meu lado agora.
Eu coloquei o meu pijama e me arrastei para a cama. A cama parecia tão escura no momento que eu me deixei trapacear. O buraco - buracos agora - já estava doendo, então porque não? Eu coloquei pra fora - não a memória verdadeira que me machucaria demais, mas a memória falsa da voz de Edward na minha cabeça essa tarde - e a toquei de novo e de novo na minha cabeça, até que eu peguei no sono com lágrimas descendo calmamente pelo meu rosto vazio.
Havia um sonho novo essa noite. A chuva estava caindo e Jacob estava aindando silenciosamente ao meu lado, mas embaixo dos meus pés, o chão parecia estar cheio de gravetos de quebrando.
Mas ele não era o meu Jacob; ele era um novo, ácido e gracioso. A graciosidade do seu caminhado me lembrou de outra pessoa, e, enquanto eu observava, o rosto dele começou a mudar. A pele cor de cobre foi embora, deixando o seu rosto pálido como papel. Os olhos dele ficaram dourados, depois vermelhos, depois dourados de novo. O cabelo dele mudava com a brisa, ficando cor de bronze quando o vento o tocava. O rosto dele ficou tão lindo que fez meu coração disparar. Eu tentei me aproximar dele, mas ele deu um passo pra trás, erguendo a mão como um escudo. E então Edward desapareceu.
Eu não tinha certeza, quando me acordei na escuridão, se eu estava começando a chorar, ou se estive chorando durante o sonho e simplesmente continuava agora.
Eu olhei para o meu teto escuro.
Eu podia sentir que esse era o meio da noite - eu ainda estava meio adormecida, talvez fosse mais que a metade.
Eu fechei meus olhos cautelosamente e rezei por um sono sem sonhos.
Foi aí que eu escutei o barulho que deve ter me acordado no começo.

Alguma coisa afiada arranhou o vidro da minha janela com um barulho agudo e alto, como unhas na janela.

12. Intruso

Meus olhos se abriram com o medo, apesar de eu estar tão exausta e confusa, que eu nem tinha certeza se estava acordada ou dormindo. Alguma coisa arranhou a minha janela de novo com o mesmo barulho alto, fino.
Confusa e lerda com o sono, eu me arrastei pra fora da cama e fui para a janela, piscando no caminho com as lágrimas que permaneceram nos meus olhos.
Uma enorme sombra escura se moveu erraticamente do lado de fora da minha janela, se lançando na minha diração como se fosse se jogar pra dentro. Eu me inclinei pra trás, aterrorizada, minha garganta se preparando pra gritar.
Victória.
Ela veio pra me pegar.
Eu estava morta.
Charlie também não!
Eu engolí o grito. Eu teria que me manter quieta ao passar por isso. De alguma forma. Eu tinha que evitar que Charlie viesse investigar...
E aí uma voz familiar, rouca chamou vinda da figura escura.
"Bella", ele assobiou. "Ouch! Droga, abra a janela! OUCH!"
Eu levei dois segundos pra me livrar do horror antes de conseguir me mexer, mas depois eu corri para a janela e abri o vidro. As nuvens deixava uma luz fraca passar por entre elas, luz suficiente pra que eu pudesse identificar as formas.
"O que é que você está *fazendo?*", eu asfixiei.
Jacob estava se pendurando cuidadosamente no topo da árvore que crescia no meio do pequeno quintal na frente da casa de Charlie.
O peso dele havia feito a árvore se curvar na direção da casa e agora ele estava se balançando - as suas pernas estavam se balançando a vinte metros do chão - a menos de um metro de mim.
Os galhos finos no topo da árvore arranharam o lado da casa de novo fazendo um barulho agudo.
"Eu estou tentando manter" - ele bufou, inclinando seu peso enquanto o topo da árvore balançava com ele - "minha promessa".
Eu pisquei com os meus olhos molhados e turvos, e de repente eu tinha certeza de que estava sonhando.
"Quando foi que você prometeu se matar caindo de uma árvore na frente da casa da Charlie?"
Ele bufou, sem se diverit, balançando as pernas pra manter o equilibrio.
"Saia do caminho", ele ordenou.
"Como é?"
Ele balançou as pernas de novo, pra frente e pra trás, aumentando o ritmo. Foi aí que eu me dei conta do que ele estava tentando fazer.
"Não, Jake!"

Mas eu me desviei para o lado, porque já era tarde demais.
Com um grunhido, ele se lançou em direção a minha janela aberta. Outro grito se construiu na minha garganta enquanto eu esperava que ele caísse para a morte - ou pelo menos que ele se machucasse quando caísse. Pra meu choque, ele se balançou agilmente pra dentro do meu quarto, aterrisando nos calcanhares com um estrondo baixo. Nós dois olhamos para a porta automaticamente, segurando a respiração, esperando pra ver se o barulho havia acordado Charlie. Mais um breve momento se passou em silêncio, e depois nós ouvimos o som abafado do ronco de Charlie.
Um grande sorriso atravessou o rosto de Jacob; ele parecia extramamente agradado consigo mesmo. Aquele não era o sorriso que eu conhecia e amava - era um sorriso novo, um que era mais uma piada ácida da sua antiga sinceridade, no novo rosto que pertencia a Sam.
Isso era um pouco demais pra mim.
Eu chorei até dormir por causa desse garoto. A rejeição dura dele havia feito um novo buraco no que ainda restava do meu peito. Ele deixou um novo pesadelo pra trás dele, como uma infecção num inchaço - um insulto depois do ultraje. E agora ele estava aqui no meu quarto, sorrindo pra mim como se nada tivesse acontecido. Pior que isso, mesmo a chegada dele tendo sido estranha e barulhenta, ela me lambrou do jeito como Edward costumava se enfiar pela minha janela de noite, e essa lembrança cutucou maldosamente nas minhas feridas não curadas.
Tudo isso, acumulado ao fato de que eu estava cansada feito um cão, não me deixou com um homor muito amigável.
"Se manda!" eu assobiei, colocando tanto veneno no sussurro quanto pude.
Ele piscou, o rosto dele ficando apático com a surpresa.
"Não", ele protestou. "Eu vim pra me desculpar".
"Eu não aceito".
Eu tentei empurrá-lo de volta para a janela - afinal, se aquilo era um sonho, ele não ia se machucar. Porém, foi inútil. Eu não o moví nem um centímetro. Eu baixei as mãos rapidamente e me afastei dele.
Ele não estava usando uma camisa, apesar do vento que soprava pela janela ser frio o suficiente pra m fazer tremer, eu não me senti cinfortável colocando as minhas mãos no peito nu dele. A pele dele estava queimando de tão quente, como a sua cabeça estava da última vez que eu o toquei. Como se ele ainda estivesse com febre. Ele não parecia doente. Ele parecia enorme. Ele se inclinou pra mim, tão grande que ele bloqueou a janela, com a língua presa pela minha reação furiosa.
De repente a coisa toda era mais do que eu podia aguentar - era como se todas as noites que eu fiquei sem dormir estivessem se jogando em cima de mim juntas. Eu estava tão brutalmente cansada que eu pensei que podia cair bem alí no chão. Eu balançava instável, e lutava pra manter meus olhos abertos.

"Bella?", Jacob sussurrou ansiosamente. Ele agarrou meu cotovelo quando eu balancei de novo, e me guiou de volta para a cama. Minhas pernas desistiram quando eu alcansei a beira, e eu me deixei cair com tudo no colchão.
"Ei, você tá bem?", Jacob perguntou, a preocupação começou a crescer no rosto dele.
Eu olhei pra ele, as lágrimas ainda não haviam secado nas minhas bochechas. "Por que motivo eu estaria bem, Jacob?"
A angústia foi substituída por um pouco de acidez no rosto dele. "Certo", ele concordou, e respirou fundo. "Merda. Bem... Eu- Eu lamento muito, Bella". As desculpas foram sinceras, sem dúvida, apesar de ainda haverem algumas pontas de raiva espalhadas pelo rosto dele.
"Porque você veio aqui? Eu não quero desculpas de você, Jake".
"Eu sei", ele cochichou. "Mas eu não podia deixar as coisas do jeito que estavam essa tarde. Aquilo foi horrível. Me desculpe".
Eu balancei minha cabeça cautelosamente. "Eu não entendo nada".
"Eu sei. Eu quero explicar -" Ele parou de repente, quase como se alguma coisa tivesse cortado o ar dele. Então ele sugou o ar com força. "Mas eu não posso explicar", ele disse ainda com raiva. "Eu queria poder".
Eu deixei minha cabeça cair nos meus braços. Minha pergunta saiu abafada pelo meu braço. "Porque?"
Ele ficou quieto por um momento. Eu virei minha cabeça para o lado - cansada demais pra segurá-la pra cima - pra ver a expressão dele. Ela me surpreendeu. Os olhos dele estavam apertados, seus dentes trincados, a testa dele enrrugada com o esforço.
"Qual o problema?", eu perguntei.
Ele exalou pesadamente, e eu me dei conta de que ele estava segurando a respiração também. "Eu não posso fazer isso", ele murmurou, frustrado.
"Fazer o que?"
Ele ignorou minha pergunta. "Olha, Bella, será que você nunca teve um segredo que não podia contar pra ninguém?"
Ele olhou pra mim com olhos sábios, e os meus pensamentos pularam imediatamente para os Cullen. Eu esperava que a minha expressão não estivesse muito culpada.
"Alguma coisa que você sentia que tinha que esconder de Charlie, da sua mãe...?" ele pressionou. "Uma coisa que você não falaria nem comigo? Nem mesmo agora?"
Eu sentí meus olhos se estreitarem. Eu não respondí a pergunta dele, apesar de saber que ele consideraria isso uma confirmação.
"Será que você pode entender que talvez eu esteja na mesma... situação?" Ele estava lutando de novo, parecendo batalhar pra encontrar as palavras certas. "As vezes a lealdade fica no caminho das coisas que você quer fazer. As vezes, nem é o seu segredo".
Então, eu não podia discutir com isso. Ele estava exatamente certo - eu tinha que guardar um segredo que não era meu, e mesmo assim

era um segredo que eu me sentia inclinada a proteger. Um segredo sobre o qual, de repente, ele parecia saber tudo.
Eu ainda não via como isso se aplicava a ele, ou Sam, ou Billy. O que era isso pra eles, agora que os Cullen haviam ido embora?
"Eu não sei o que você veio fazer aqui, Jacob, se você só faz enigmas ao invés de me dar respostas".
"Me desculpe", ele sussurrou. "Isso é tão frustrante".
Nós olhamos para os rostos um do outro na escuridão por um longo momento, os dois rostos sem esperanças.
"A parte que me mata", ele disse de repente. "É que você já sabe. Eu já te contei tudo".
"Do que é que você tá falando?"
Ele sugou o ar alarmado, e então se inclinou na minha direção, o rosto dele passou de desesperançoso para brilhante de intensidade em um segundo. Ele me olhava penetrantemente nos olhos, e a voz dele estava mais rápida e mais ansiosa. Ele falou as palavras diretamente no meu rosto; o hálito dele era tão quente quanto sua pele.
"Eu acho que vejo um jeito de ajeitar as coisas - porque você já sabe disso, Bella! Eu não posso te dizer, mas se você adivinhasse! Isso não estaria me envolvendo!"
"O que você quer que eu adivinhe? Adivinhar o que?"
"O meu segredo! Você consegue - você sabe a resposta!"
Eu pisquei duas vezes, tentando limpar minha cabeça. Eu estava tão cansada. Nada do que ele dizia fazia sentido.
Ele viu minha expressão vazia, e o rosto dele ficou tenso com o esforço de novo. "Caramba, deixa eu ver se consigo te ajudar", ele disse. O que quer que fosse que ele estivesse tentando fazer, era muito difícil quando ele estava ofegando.
"Ajuda?", eu perguntei, tentando acompanhar. Minhas pálpebras queriam se fechar, mas eu forcei elas a ficarem abertas.
"É", ele disse, respirando com força. "Como pistas".
Ele pegou meu rosto entre as suas mãos enormes e quentes demais e o segurou a apenas alguns centímentros do seu. Ele me olhava nos olhos enquanto cochichava, como se estivesse me comunicando algo além das palavras que dizia.
"Se lembra do dia em que nos conhecemos - na praia em La Push?"
"É claro que lembro".
"Me fale sobre ele".
Eu respirei fundo e tentei me concentrar. "Você me perguntou sobre a minha caminhonete..."
Ele balançou a cabeça, com pressa de que eu continuasse.
"Nós falamos sobre o Rabbit..."
"Continue".
"Nós fomos andar pela beira da praia..." Minhas bochechas estavam ficando quentes embaixo das mãos dele enquanto eu me lembrava, mas ele não ia reparar, de tão quente que a pele dele era. Eu tinha

pedido pra ele andar comigo, fletando com ele inaptamente mas com sucesso, pra arrancar informações dele.
Ele estava balançando a cabeça, ansioso por mais.
Minha voz estava quase sem som. "Você me contou histórias assustadoras... lendas Quileute".
Ele fechou os olhos e os abriu de novo. "Sim".
A palavra era tensa, fervente, como se ele estivesse á beira de alguma coisa vital. Ele falou lentamente, tornando cada palavra distinta. "Você se lembra do que eu disse?"
Mesmo no escuro, ele deve ter sido capaz de ver a mudança na cor do meu rosto. Como eu poderia esquecer aquilo? Sem se dar conta do que estava fazendo, Jacob me contou exatamente o que eu queria saber naquele dia - que Edward era um vampiro.
Ele olhou pra mim com olhos que sabiam demais. "Pense bastante", ele me disse".
"Sim, eu me lembro", eu respirei.
Ele inalou com força, lutando. "Você se lembra de todas as histó-" ele não conseguiu terminar a pergunta. A boca dele se abriu como se alguma coisa houvesse agarrado a garganta dele.
"Todas as histórias?", eu perguntei.
Ele balançou a cabeça mudo.
Minha cabeça se agitou. Somente uma história me importava de verdade. Eu sabia que ele havia me contado outras, mas eu não conseguia me lembrar do prelúdio inconsequente, especialmente quando minha mente estava tão nublada de exaustão. Eu comecei a mexer a cabeça.
Jacob grunhiu e pulou da cama. Ele pressionou os punhos na testa e respirou rápido e com raiva. "Você sabe disso, você sabe disso", ele murmurou pra sí mesmo.
"Jake? Por favor, Jake, eu estou exausta. Eu não estou muito boa pra isso agora. Talvez amanhã de manhã..."
Ele deu um respiro pra se acalmar e balançou a cabeça. "Talvez as coisas voltem pra você. Eu acho que posso entender porque você só se lembra de uma história".
Ele acrescentou num tom sarcástico, ácido. Ele se sentou de volta no colchão perto de mim. "Você se importa se eu fizer uma pergunta sobre isso?", ele perguntou, ainda sarcástico. "Eu estive morrendo pra saber".
"Uma pergunta sobre o que?", eu perguntei cautelosamente.
"Sobre os vampiros da história que eu te contei".
Eu encarei ele com olhos reservados, incapaz de responder. Ele fez a pergunta do mesmo jeito.
"Você honestamente não sabia?", ele me perguntou, sua voz ficando áspera. "Fui eu quem te contou o que ele era?"
Como é que ele sabe disso? Porque ele havia resolvido acreditar, porque agora? Meus dentes se apertaram. Eu o encarei de volta, sem nenhuma intenção de responder. Ele podia ver isso.

"Está vendo o que eu disse sobre lealdade?", ele murmurou, ainda mais áspero agora. "É o mesmo pra mim, só que pior. Você não pode imaginar o quanto eu estou envolvido..."
Eu não gostei disso - não gostei do jeito como os olhos dele se fecharam como se ele estivesse sentindo dor quando falava no quanto estava envolvido. Mais que não gostar - eu ma dei conta de que odiava isso, odiava qualquer coisa que o fizesse sentir dor. Odiava ferozmente.
O rosto de Sam encheu minha mente.
Pra mim, isso tudo era essencialmente involuntário. Eu protegia o segredo dos Cullen por amor; não correspondido, mas verdadeiro. Pra Jacob, isso não parecia ser o mesmo.
"Não há nenhum jeito de você se libertar?", eu sussurrei, tocando a beira áspera na parte de trás do seu cabelo curto.
As mãos dele começaram a tremer, mas ele não abriu os olhos. "Não. Eu estou nisso pra vida inteira. Uma sentença de vida". Uma risada vazia. "Mais longa, talvez".
"Não, Jake", eu gemí. "E se nós fugíssemos? Só você e eu. E se saíssemos de casa, se deixarmos Sam pra trás?"
"Não é uma coisa da qual eu posso fugir, Bella", ele cochichou. "No entanto, eu fugiria com você, se eu pudesse". Agora os ombros dele estavam tremendo também. Ele respirou fundo. "Olha, eu tenho que ir".
"Porque?"
"Pra começar, parece que você vai desmaiar a qualquer segundo. Você precisa do seu sono - você precisa recarregar suas pistolas. Você vai descobrir tudo, você precisa".
"E porque mais?"
Ele fez uma careta. "Eu vou ter que escapar - eu não tenho permissão de ver você. Eles devem estar imaginando onde eu estou". A boca dele se contorceu. "Eu acho que devo ir e contar pra eles".
"Você não precisa contar nada pra eles", eu assobiei.
"Mesmo assim, eu vou".
A raiva passou por mim com força. "Eu odeio eles"
Jacob olhou pra mim com os olhos arregalados, surpreso. "Não, Bella. Não odeie os caras. Não é culpa de Sam e nem de nenhum dos outros. Eu já te disse antes - sou eu. Sam é na verdade... bem, incrivelmente legal. Jared e Paul são ótimos também, apesar de Paul ser meio... e Embry sempre foi meu amigo. Nada mudou aí - a única coisa que não mudou. Eu realmente me sinto muito mal pelas coisas que eu costumava pensar sobre Sam..."
"Sam é incrivelmente legal", eu olhei para ele sem acreditar, mas deixei passar.
"E então porque é que você não pode mais me ver?", eu quis saber.
"Não é seguro", ele murmurou, olhando pra baixo.
As palavras mandaram um arrepio de medo pelo meu corpo.
Ele sabia disso também? Ninguém sabia disso além de mim. Mas ele estava certo - era o meio da noite, a hora perfeita para uma caçada.

Jacob não devia estar aqui no meu quarto. Se alguém viesse atrás de mim, eu tinha que estar aqui sozinha.
"Se eu achasse que era muito... muito arriscado", ele sussurrou. "Eu não teria vindo. Mas, Bella", ele olhou pra mim de novo. "Eu te fiz uma promessa. Eu não tinha idéia de que seria t~]ao difícil cumpri-la, mas isso não significa que eu não vá tentar".
Ele viu a incompreensão no meu rosto. "Depois daquele filme estúpido", ele me lembrou. "Eu prometí que nunca te machucaria... Então eu realmente estraguei tudo essa tarde, não foi?"
"Eu sei que não era a sua intenção, Jake. Está tudo bem".
"Obrigado, Bella", ele segurou minha mão.
"Eu farei todo o possível pra estar lá por você, assim como prometí".
Ele sorriu pra mim de repente. O sorriso não era meu, nem de Sam, mas uma estranha combinação dos dois. "Ia ajudar muito se você pudesse descobrir isso sozinha, Bella. Se esforce muito pra isso".
Eu fiz uma careta fraca. "Eu vou tentar".
"Eu vou tentar te ver logo" Ele suspirou. "E eles vão tentar me convencer a não vir".
"Não escute eles".
"Eu vou tentar". Ele balançou a cabeça como se duvidasse do seu sucesso. "Venha e me diga assim que você descobrir". Alguma coisa ocorreu a ele nessa hora, alguma coisa que fez as mãos dele tremerem. "Isso se... isso se você quiser".
"Porque eu não iria querer ver você?"
O rosto dele ficou duro e ácido. Aquele rosto pertencia cem porcento á Sam. "Oh, eu posso pensar numa razão", ele disse num tom áspero. "Olha, eu realmente tenho que ir. Você pode fazer uma coisa por mim?"
Eu só acenei com a cabeça, assustada pela mudança nele.
"Pelo menos me ligue - se não quiser me ver de novo. Me deixe saber se for assim".
"Isso não vai acontecer-".
Ele ergueu uma mão, me cortando. "Só me deixe saber".
Ele se levantou e foi para a janela.
"Não seja idiota, Jake", eu reclamei. "Você vai quebrar a perna. Use a porta. Charlie não vai te pegar".
"Eu não vou me machucar", ele murmurou, mas se virou para a porta. Ele hesitou enquanto passou por mim, me olhando com uma expressão como se alguma coisa estivesse incomodando ele. Ele levantou uma mão, como se fosse uma declaração.
Eu peguei a mão dele, e de repente ele me puxou - com força demais - pra fora da cama e para o peito dele.
"Só pela dúvida", ele murmurou no meu cabelo, me apertando num abraço de urso que quase quebrou minhas costelas.
"Não consigo - respirar", eu asfixiei.
Ele me soltou imediatamente, mantendo uma mão na minha cintura pra que eu não caísse. Ele me puxou, mais gentilmente dessa vez, de volta para a cama.

"Durma um pouco, Bells. Você precisa fazer sua cabeça trabalhar. Você precisa entender. Eu não vou te perder, Bella. Não por isso".
Ele estava na porta num piscar de olhos, abrindo-a quietamente, e então desaparecendo por ela. Eu escutei pra ouvir ele pisar no primeiro degrau da escada, mas não houve nenhum som.
Eu fiquei na minha cama,com a cabeça rodando. Eu estava cansada demais, desgastada demais. Eu fechei meus olhos, tentando entender o sentido de tudo aquilo, apenas pra ser tragada pela inconsciência tão rapidamente que fiquei desorientada.
Não foi o sono em paz, sem sonhos que eu havia pedido - é claro que não. Eu estava na floresta como sempre, e eu comecei a vagar como sempre fazia.
Eu rapidamente me dei conta de que esse não era o mesmo sonho de sempre. Pra começar, eu não sentia a compulsão em continuar a minha procura; eu estava siplesmente vagando por hábito, porque isso era geralmente o que se esperava de mim aqui. Na verdade, essa não era nem a mesma floresta. O cheiro era diferente, e a luz também.
Cheirava, não como o chão molhado das matas, mas como a brisa que vinha do oceano. Eu não podia ver o céu; mas ainda assim, me pareceu que o sol estava brilhando - as folhas acima eram de um verde brilhante cor de jade.
Essa era a floresta que havia em La Push - perto da praia que havia lá, eu tinha certeza disso. Eu sabia que se encontrasse a praia, eu seria capaz de ver o sol, então eu me apressei e segui em frente, seguinte o som fraco das ondas á distância.
E então Jacob estava lá. Ele agarrou minha mão, me puxando de volta para a parte mais escura da floresta.
"Jacob, o que há de errado?", eu perguntei. O rosto dele era o rosto assustado de uma criança, e o cabelo dele estava lindo de novo, colocado pra trás num rabo de cavalo, bem acima da sua nuca.
Ele me puxava com toda a sua força, mas eu resistia; eu não queria ir para o escuro.
"Corra, Bella, você tem que correr!", ele sussurrou, aterrorizado.
A abrupta onda de deja vu foi tão forte que quase me acordou. Agora eu sabia porque reconhecia esse lugar. Era porque eu já tinha estado lá antes, em outro sonho. A um milhão de anos atrás, parte de uma vida inteiramente diferente. Esse foi o sonho que eu tive na noite depois de ter passeado com Jacob na praia, na primeira noite em que eu soube que Edward era um vampiro. Reviver aquele dia com Jacob deve ter desenterrado essas memórias.
Destacada do sonho agora, eu esperei as coisas acontecerem. Uma luz estava vindo na minha direção da praia.
Em apenas um momento, Edward sairia das árvores, a pele dele brilhando fracamente e seus olhos pretos e perigosos. Ele me chamaria e sorriria. Ele estaria tão lindo quanto um anjo, e seus dentes seriam apontados e afiados...

Mas eu estava ultrapassando a mim mesma. Alguma coisa tinha que acontecer antes.
Jacob soltou minha mão e ganiu. Tremendo e se contorcendo, ele caiu no chão á meus pés.
"Jacob!", eu gritei, mas ele havia desaparecido.
Em seu lugar, havia um enorme lobo marrom avermelhado com olhos escuros, inteligentes.
O sonho mudava de direção é claro, como um trem saindo dos trilhos.
Aquele não era o mesmo lobo com o qual eu havia sonhado na minha outra vida. Esse era o grande lobo ruivo que havia ficado a meio metro de mim na clareira, a apenas uma semana atrás.
Esse lobo era gigante, monstruoso, maior do que um urso.
O lobo olhou atentamente pra mim, tentando me dizer algo vital com seus olhos inteligantes. Os olhos pretos amarronzados, os olhos familiares de Jacob Black.
Eu acordei gritando no limite dos meus pulmões.
Eu quase esperei que Charlie viesse me checar dessa vez. Esse não era o meu grito de sempre. Eu cobri minha cabeça com o travesseiro pra tentar abafar a histeria que meus gritos estavam criando dentro de mim. Eu apertei o algodão com força no meu rosto, imaginando se de alguma forma eu não poderia abafar também a conexão que havia acabado de fazer.
Mas Charlie não entrou, e eu eventualmente fui capaz de estrangular a estranha gritaria saindo da minha garganta.
Eu me lembrava agora - todas as palavras que Jacob havia me dito naquela tarde na praia, mesmo da parte antes de ele falar sobre "os frios". Especialmente aquela primeira parte.

"Você sabe de alguma das nossas antigas histórias, sobre de onde viemos - os Quileute, eu quero dizer?" ele perguntou.
"Na verdade não", eu respondí.
"Bem, existem muitas lendas, algumas delas datam da época da dilúvio - supostamente, os anciões Quileute amarraram suas canoas no topo das árvores mais altas pra sobreviver, como Noé e a arca."
Nessa hora ele sorriu pra demonstrar o quanto acreditava pouco nessas histórias. "Outra lenda diz que nós somos descendentes dos lobos - e que os lobos ainda são nossos irmãos. É contra a lei da tribo matar eles.
"E então tem as histórias sobre os frios".
A voz dele ficou um pouco mais baixa.
"Os frios?"
"Sim. Existem histórias sobre os frios tão velhas quanto as lendas dos lobos, e algumas muito mais recentes. De acordo com a lenda, o meu próprio bisavô conheceu alguns deles. Foi ele quem criou o acordo que os mantem fora da nossa terra". Jacob rolou os olhos.
"Seu bisavô?"

"Ele era um líder tribal, como meu pai. Veja, os frios são naturalmente inimigos dos lobos - bem, não dos lobos exatamente, mas dos lobos que se transformam em homens, como nossos ancestrais.
Vocês os chamariam de lobisomens".
"Lobisomens têm inimigos?"
"Só um".
Havia alguma coisa presa na minha garganta, me sufocando. Eu tentei engolir, mas estava preso lá, sem se mexer. Eu tentei cuspir.
"Lobisomem", eu asfixiei.
Sim, essa era a palavra que estava me sufocando.
O mundo inteiro sacudiu, girando do jeito errado no seu eixo.
Que espécie de lugar era esse? Será que realmente poderia existir um mundo onde lendas ansiãs vagavam nas fronteiras das cidades pequenas, insignificantes, se deparando com monstros míticos? Sera que absolutamente todos os contos de fadas impossíveis eram de alguma forma presos na mais absoluta verdade?
Havia alguma coisa sã e normal, ou tudo era simplesmente mágica, histórias de fantasmas?
Eu agarrei minha cabeça com as minhas mãos, tentando evitar que ela explodisse.
Uma voz pequena, seca atrás da minha cabeça me perguntava qual era o grande problema. Eu já não tinha aceito a existência dos vampiros a tanto tempo atrás - e sem ficar histérica?
Exatamente, eu queria gritar para aquela voz. Será que um mito já não era suficiente pra qualquer um? Suficiente pra uma vida?
Além do mais, nunca houve sequer um momento em que eu não soubesse que Edward Cullen era algo acima e além do normal. Eu não fiquei tão surpresa de descobrir o que ele era, porque obviamente ele era alguma coisa.
Mas Jacob? Jacob, que era só Jacob, e nada além disso? Jacob, meu amigo? Jacob, o único ser humano com o qual eu fui capaz de me relacionar...
E ele nem era humano.
Eu lutei contra a urgência de gritar de novo.
O que isso dizia sobre mim?
Eu sabia a respodta pra essa. Isso dizia que havia alguma coisa profundamente errada comigo. Porque outro motivo minha vida estaria tão cheia de personagens de filmes de terror? E porque outro motivo eu me importaria tanto ao ponto de meu peito ficar cheio de buracos quando eles seguissem com os meus caminhos míticos?
Na minha cabeça, tudo rodava e mudava, se reestruturando de um jeito que as coisas que um dia significaram alguma coisa, agora significavam algo mais.
Não havia nenhum culto. Nunca houve um culto, nunca houve uma gangue. Não, era muito pior que isso. Era um bando.

Um bando de cinco lobisomens incrivelmente gigantes, multicoloridos, que havia passado bem ao meu lado na clareira de Edward...
De repente, eu estava com uma pressa frenética. Eu olhei para o relógio - era cedo demais e eu não me importava. Eu tinha que ir á La Push agora. Eu tinha que ver Jacob pra que ele me disesse que eu não havia perdido a cabeça de uma vez por todas.
Eu me vestí com as primeiras roupas que conseguí encontrar, sem me importar em ver se elas combinavam, e descí as escadas dois degraus de cada vez. Eu quase esbarrei com Charlie enquanto corria pelo corredor, á caminho da porta.
"Onde você está indo?", ele me perguntou, tão surpreso por me ver quanto eu estava por ver ele. "Você sabe que horas são?"
"É. Eu tenho que ir ver Jacob".
"Eu pensei que a coisa com Sam-"
"Isso não importa, eu tenho que ir falar com ele agora mesmo".
"É muito cedo". Ele fez uma careta quando a minha expressão não mudou. "Você quer o café da manhã?"
"Não tô com fome", as palavras voaram dos meus lábios. Ele estava bloqueando meu caminho para a saída. Eu considerei a idéia de me desviar dele e tentar sair correndo, mas eu sabia que teria que explicar isso pra ele depois. "Eu vou voltar logo, Ok?"
Charlie fez uma careta. "Direto para a casa de Jacob, certo? Sem paradas no caminho?"
"É claro que não, onde é que eu ia parar?" Minhas palavras estavam saindo todas juntas com a minha pressa.
"Eu não sei...", ele admitiu. "É só que... bem, houve outro ataque-os lobos de novo. Dessa vez foi bem perto do resort, perto das piscinas quentes - houve uma testemunha dessa vez. A vítima vítima só estava a doze metros da pista quando desapareceu. A esposa dele viu um enorme lobo cinza apenas alguns minutos depois, enquanto ela estava procurando por ele, e correu pra pedir ajuda".
Meu estômago semexeu como se eu tivesse batido num corvo numa montanha russa. "Um lobo o atacou?"
"Não havia sinal dele - só um pouco de sangue de novo". O rosto de Charlie demonstrava dor. "Os patrulheiros estão saindo armados, e levando voluntários armados. Tem um monte de caçadores que estão loucos pra se envolver - tem uma recompensa sendo paga pela carcaça de lobos. Isso significa que vão haver muitos disparos na floresta, e isso me preocupa". Ele balançou a cabeça.
"Quando as pessoas ficam muito excitadas, acidentes acontecem..."
"Eles vão atirar nos lobos?"
Minha voz caiu uns três oitavos.
"O que mais podemos fazer? O que há de errado?", ele me perguntou, seus olhos tensos examinando o meu rosto. Eu me sentí fraca; eu teve ter ficado mais branca do que o normal. "Você não vai começar a abraçar as árvores, vai?"

Eu não consegui responder. Se ele não estivesse me observando, eu teria colocado minha cabeça entre os joelhos. Eu havia esquecido sobre os mochileiros desaparecidos, e sobre as pegadas com marcas de sangue... eu não havia conectado esses fatos ás minhas realizações.
"Olha, querida, não deixe que isso te assuste. Só fique na cidade ou na estrada - sem paradas - Ok?"
"Ok", eu repetí com uma voz fraca.
"Eu tenho que ir".
Eu olhei pra ele de perto pela primeira vez, e ví que ele estava com a arma amarrada na cintura e as suas boras de caminhada nos pés.
"Você não vai atrás daqueles lobos, vai, pai?"
"Eu tenho que ajudar, Bells. As pessoas estão desaparecendo".
Minha voz gritou de novo, quase histérica agora. "Não! Não, não vá. É perigoso demais!"
"Eu tenho que fazer meu trabalho, garota. Não seja tão pessimista - eu vou ficar bem". Ele caminhou para a porta e a segurou aberta.
"Você não vai sair?"
Eu hesitei, meus estômago ainda dando cambalhotas desconfortáveis. O que eu podia dizer pra pará-lo? Eu estava tonta demais pra pensar numa solução.
"Bells?"
"Talvez estaja cedo demais pra ir á La Push", eu sussurrei.
"Eu concordo", ele disse, e saiu para a chuva, batendo a porta atrás dele.
Assim que ele estava fora de vista, eu caí no chão e coloquei minha cabeça entre os joelhos.
Será que eu devia ir atrás de Charlie? O que eu ia dizer?
E quanto a Jacob? Jacob era meu melhor amigo; eu precisava avisá-lo.
Se ele realmente fosse um - eu tremí e me forcei a pensar na palavra - lobisomem (e eu sabia que era verdade, eu podia sentir), então as pessoas estariam atirando nele! Eu precisava avisar ele e os seus amigos que as pessoas iam tentar matá-los se eles continuassem correndo por aí como lobos gigantes. Eu precisava dizê-los pra parar. Eles tinham que parar! Charlie estava lá na floresta. Será que eles se importariam com isso? Eu imaginei...
Até agora, só estranhos haviam desaparecido. Isso significava alguma coisa, ou era só uma conhecidência?
Eu precisava que Jacob, pelo menos, se importaria com isso.
De qualquer forma, eu tinha que avisá-lo.
Jacob era meu melhor amigo, mas ele era um monstro também? Um de verdade? Um mal? Será que eu devia avisá-los se ele e os seus amigos fossem... fossem assassinos! Se eles estivessem matando mochileiros inocentes a sangue frio?
Se eles realmente fossem criaturas dos filmes de terror em todos os sentidos, seria errado protegê-los.

Era inevitável que eu comparasse Jacob e seus amigos aos Cullen. Eu passei meus braços ao redor do peito, lutando com o buraco, enquanto pensava neles.
Eu não sabia nada sobre lobisomens, claramente. Eu tinha esperado alguma coisa mais próximas dos filmes - criaturas que eram meio homens e cabeludos - se é que eu havia esperado alguma coisa. Então eu não sabia o que os fazia caçar, se era a fome ou a sede ou se era simplesmente o desejo de matar. Era difícil julgar, sem saber dessas coisas.
Mas isso não podia ser pior do que o que os Cullen tinham que suportar na sua tentativa de serem bons. Eu pensei em Esme - as lágrimas apareceram quando eu pensei em seu rosto gentil, adorável- e em como, mesmo sendo maternal e amorosa como ela era, ela teve que segurar o nariz, toda envergonhada, e correr de mim quando eu estava sangrando. Não podia ser mais difícil do que isso. Eu pensei em Carlisle, nos séculos após séculos que ele havia lutado pra se ensinar a ignorar o sangue, pra que assim pudesse salvar vidas como médico. Nada poderia ser mais dificil do que isso.
Os lobisomens haviam escolhido um caminho diferente.
Agora, qual caminho eu devia escolher?

13. Assassino

Se fosse qualquer um menos Jacob, eu pensei comigo mesma, balançando a cabeça enquanto dirigia pela pista cercada de floresta á caminho de La Push.
Eu não tinha certeza que q estava fazendo a coisa certa, mas eu fiz uma compromisso comigo mesma.
Eu não podia condenar o que Jacob e os seus amigos, o seu bando, estavam fazendo. Eu entendia agora o que ele havia dito na noite passada - que eu podia nunca querer vê-lo de novo - e eu podia ligá-lo como ele sugeriu, mas isso parecia covarde. Eu devia a ele uma conversa cara a cara, pelo menos. Eu ia dizer na cara dele que não faria vista grossa para o que estava acontecendo. Eu não podia ser amiga de um assassino e não dizer nada, deixar a matança continuar... Isso me faria uma monstro também.
Mas eu também não podia *não* avisá-lo. Eu tinha que fazer o que podia para protegê-lo.
Eu parei na frente da casa dos Black com os lábios pressionados numa linha dura. Já era ruim o suficiente que meu melhor amigo era um lobisomem. Será que ele tinha que ser um monstro, também?
A casa estava escura, não haviam luzes nas janelas, mas eu não me importava de acordá-los. Meu punho bateu na porta com a energia da raiva; o som ecoava nas paredes.
"Pode entrar", eu ouví Billy chamar depois de um minuto, e uma luz se acendeu.
Eu girei a maçaneta; ela estava destrancada. Billy estava inclinado na abertura de uma porta bem do lado de fora da cozinha, um roupão de banho nos ombros, ainda não estava na sua cadeira. Quando ele viu quem era, seus olhos se arregalaram brevemente, e depois seu rosto ficou estóico.
"Bem, bom dia, Bella. O que é que você está fazendo acordada tão cedo?"
"Oi, Billy. Eu preciso falar com Jake - onde ele está?"
"Umm... eu realmente não sei", ele mentiu, a cara dura.
"Você sabe o que Charlie está fazendo essa manhã?", eu quis saber, doente com tanta enrrolação.
"Eu devia?"
"Ele e metade dos homens na cidade estão na floresta com armas, caçando lobos gigantes".
A expressão de Billy mudou, e depois ficou vazia.
"Então eu gostaria de falar com o Jake sobre isso, se você não se importa", eu continuei.
Billy apertou seus lábios finos por um longo momento. "Eu aposto que ele ainda está dormindo", ele finalmente disse, acenando com a cabeça em direção ao pequeno corredor fora da sala. "Ele tem ficado

fora até tarde esses dias. O garoto precisa de descanso - provavelmente você não devia acordar ele".
"É minha vez", eu murmurei por baixo do fôlego enquanto me mandava pelo corredor. Billy suspirou.
O pequeno armário que era o quarto de Jacob era o único quarto que havia no corredor. Eu não me importei de bater. Eu abri a porta; ela bateu na parede com um estrondo.
Jacob - ainda usando apenas as calças pretas que estava usando na noite passada - estava jogado na diagonal no beliche que tomava todo o espaço no seus quarto deixando apenas alguns centímetros sobrando nas paredes. Mesmo sendo grande, ela não era grande o suficiente; os pés dele ficavam de fora de um lado e a cabeça ficava de fora do outro. Ele estava dormindo pesado, roncando suavemente com a boca aberta.
O som da porta não fez nem ele se mexer.
O rosto dele estava em paz com o sono pesado, todas as linhas de raiva haviam se suavizado. Haviam círculos embaixo dos olhos dele que eu não havia notado antes. A despeito de seu tamanho ridículo, ele parecia muito jovem agora, e muito cansado. A piedade me chocou.
Eu dei um passou pra trás, e fechei a porta silenciosamente atrás de mim.
Billy me encarou com olhos curiosos, guardados enquanto eu caminhava lentamente de volta pra sala de frente.
"Eu acho que vou deixar ele descansar".
Billy balançou a cabeça, e então ficamos olhando um para o outro por um longo momento. Eu estava morrendo pra perguntar qual era parte dele em tudo isso.
O que ele achava que o filho dele havia se tornado? Mas eu sabia como ele defendia Sam desde o início, então eu achava que os assassinatos não incomodavam ele. Como ele justificava isso pra sí mesmo eu não tinha idéia.
Eu podia ver muitas perguntas pra mim nos seus olhos escuros, mas ele não fez nenhuma.
"Olha", eu disse, quebrando o silêncio perturbador. "Eu vou ficar na praia por um tempo. Quando ele acordar, diga que eu estou esperando por ele, Ok?"
"Claro, claro", Billy concordou.
Eu me perguntei se ele realmente diria. Bom, se ele não disesse, eu tentei, não foi?
Eu dirigi até a praia e estacionei no estacionamento vazio e sujo. Ainda estava escuro - o pré- nascer do sol de um dia nebuloso - e quando eu desliguei os faróis ficou difícil de enxergar. Eu deixei meus olhos se ajustarem antes de poder encontrar a trilha que guiava pela alta cerca de ervas. Estava frio lá, com o vento vindo das ondas pretas, e eu afundei minhas mãos no fundo dos bolsos da minha jaqueta de inverno. Pelo menos a chuva havia parado.

Eu caminhei na praia no caminho da parede marinha do norte. Eu não conseguia ver St. James e nem as outras ilhas, só a vaga forma da beira da água. Eu segui o meu caminho cuidadosamente pelas rochas, prestando atenção em alguma onda que pudesse me durrubar.
Eu encontrei o que estava procurando antes que eu me desse conta de que estava procurando. Eu materializei por entre a neblina quando estava a apenas alguns metros de distância: Uma longa árvore de salgueiro branca feito osso que estava enfiada no fundo das rochas. As raízes se entrelaçavam no mar, com centenas de pequenos tentáculos. Eu não podia ter certeza de que essa era a mesma árvore onde Jacob e eu havíamos tido a nossa primeira conversa - uma conversa que havia iniciado tantas linhas diferentes, enroladas da minha vida - mas parecia ser o mesmo lugar. Eu sentei onde havia me sentado antes, e olhei para o mar invisível.
Ver Jacob daquele jeito - inocente e vulnerável quando dormia - havia roubado toda a minha repulsa, dissolvido toda a minha raiva. Eu ainda não podia me fingir de cega para o que estava acontecendo, como Billy parecia fazer, mas eu também não podia condenar Jacob por isso. O amor não funciona desse jeito, eu decidi.
Quando você se importa com uma pessoa, você já não podia mais pensar nela usando a lógica.
Jacob era meu amigo quer ele matasse pessoas ou não. E eu não sabia o que ia fazer em relação a isso.
Quando eu imaginei ele dormindo tão em paz, eu senti uma necessidade dominante de proteger ele. Completamente ilógico. Lógico ou não, eu pensei nas imagens dele dormindo, tentando imaginar alguma resposta, alguma forma de proteger ele, enquanto o céu lentamente ia ficando cinza.
"Oi, Bella"
A voz de Jacob vinda da escuridão me fez pular. Ele estava macia, quase tímida, mas eu estava esperando alguma espécie de som nas rochas que me servisse como aviso, e então isso me assustou.
Eu podia ver a silhueta dele vindo na diração contrária á do sol - ele parecia enorme.
"Jake?"
Ele ficou a vários passos de distância, mudando seu peso de um pé para o outro ansiosamente.
"Billy me disse que você apareceu- não te levou muito tempo, não foi? Eu sabia que você ia descobrir".
"É, eu me lembro da história certa agora", eu sussurrei.
Tudo ficou quito por um longo momento, e mesmo estava escuro demais pra ver o seu rosto direito, minha pele fez cócegas com se ele estivesse vasculhando o meu rosto. Devia haver luz suficiente pra ele ler a minha expressão, porque quando ele falou de novo, sua voz estava repentinamente ácida.
"Você devia só ter ligado", ele disse duramente.
Eu balancei a cabeça. "Eu sei".

Jacob começou a andar pelas rochas. Se eu prestasse bastante atençao, eu podia ouvir o leve som dos pés dele se arrastando nas rochas por trás do som das ondas. As rochas de batiam como castanholas comigo.
"Porque você veio?", ele quis saber, sem parar a sua caminhada raivosa.
"Eu achei que um cara a cara seria melhor".
Ele bufou. "Oh, muito melhor".
"Jacob, eu tenho que te avisar -"
"Sobre os patrulheiros e os caçadores? Não se preocupe com isso. Nós já sabemos".
"Não se preocupe com isso?", eu quis saber sem acreditar. "Jake, ele estão armados! Eles estão plantando armadilhas e oferecendo recompensas e -"
"Nós podemos cuidar de nós mesmos", ele grunhiu, ainda andando. "Eles não vão pegar nada. Eles só estão dificultando as coisas - eles vão começar a desaparecer logo logo também".
"Jake!", eu gritei.
"O que? É só um fato".
Minha voz estava pálida de revolta. "Como é que você pode... se sentir assim? Você conhece essas pessoas. Charlie está lá!" Esse pensamento fez meu estômago revirar.
Ele parou abruptamente. "O que mais podemos fazer?", ele retorquiu. O sol dexou as nuvens com uma cor rosa acinzentada acima de nós. Eu podia ver a expressão dele agora; ele era de raiva, frustração, de traição.
"Você podia... bem tentar não ser um lobisomem?" eu sugerí com um sussurro.
Ele jogou as mãos para o ar. "Como se eu pudesse escolher!", ele gritou. "E como se isso ajudasse em alguma coisa, se você está preocupada com as pessoas que estão desaparecendo".
"Eu não te entendo".
Ele olhou pra mim, os olhos se apertando e a se contorcendo em um rugido. "Você sabe o que me deixa com tanta raive que me dá vontade de cuspir?"
Eu virei a cabeça da expressão hostil dele. Ele parecia estar esperando uma resposta, então eu balancei minha cabeça.
"Você é uma hipócrita, Bella - aí está você, aterrorizada de medo de mim! Como é que isso pode ser justo?" As mãos dele tremiam de raiva.
"Hipócrita? Como é que ter medo de um monstro me transforma numa hipócrita?"
"Ugh!", Ele rugiu, pressionando os punhos nas têmporas e fechando os olhos com força. "Será que dá pra você se escutar?"
"O que?"
Ele deu dois passos na minha diração, se inclinando pra mim e brilhando de fúria. "Bem, eu lamento que não posso ser o tipocerto

de monstro pra você, Bella. Eu acho que não sou tão bom quanto um bebedor de sangue, sou?"
Eu pulei pra ficar de pé e encarei de volta. "Não, você não é!", eu gritei. "Não é o que você é, seu estúpido, é o que você faz!"
"O que é que isso significa?" Ele grunhiu, todo o seu corpo tremendo de raiva.
Eu fui pega inteiramente de surpresa pela voz de aviso de Edward. "Tome cuidado, Bella", sua voz aveludada me preveniu. "Não o pressione demais. Você precisa fazê-lo se acalmar".
Nem a voz na minha cabeça estava fazendo sentido hoje.
No entanto, eu ouví ele. Eu faria qualquer coisa por aquela voz.
"Jacob", eu implorei, fazendo o tom da minha voz macio e uniforme. "É realmente necessário matar as pessoas, Jacob? Não há outro jeito? Quer dizer, se até o vampiros conseguiram encontrar uma maneira de sobreviver sem matar as pessoas, você podia tentar, não é?"
Ele se estendeu com um impulso, como se as minhas palavras tivessem mandando uam corrente eletrica pelo corpo dele. As sobrancelhas dele pularam pra cima, e ele me encarou com os olhos arregalados.
"Matar pessoas?", ele quis saber.
"Do que você pensava que estávamos falando?"
Ele já não estava mais tremendo. Ele olhou pra mim com uma descrença meio esperançosa. "Eu pensei que estávamos falando sobre o seu desgosto por lobisomens".
"Não, Jake, não. Não é que você é um... lobo. Com isso tudo bem" eu prometí, eu eu sabia enquanto falava as palavras que eu estava falando sério. Eu não me importava se ele havia se tornado um lobo grande - ele ainda era Jacob. "Se você pudesse apenas encontrar um jeito de não machucar as pessoas... é isso que me aborrece. Essas pessoas são inocentes, Jake pessoas como Charlie, e eu não posso simplesmente olhar para o outro lado enquanto você -"
"É só isso? Mesmo?", ele me interrompeu, um sorriso brotando no seu rosto. "Você só está assustada porque eu sou um assassino? Essa é a única razão?"
"E não é razão suficiente?"
Ele começou a rir.
"Jacob Black, isso é muito não engraçado".
"Claro, claro", ele concordou, ainda sorrindo.
Ele deu um longo passo e me agarrou em outro apertado abraço de urso.
"Você realmente, honestamente não se umporta que eu me transforme num cachorro gigante?", ele perguntou, a sua voz estava alegre no meu ouvido.
"Não", eu asfixiei. "Não - consigo respirar - Jake!"
Ele me soltou,mas segurou minhas duas mãos. "Eu não sou um assassino, Bella".
Eu estudei o rosto dele, e estava claro que era verdade. O alívio pulsou pelo meu corpo".

"Mesmo?", eu perguntei.
"Mesmo", ele prometeu solenemente.
Eu joguei meus braços ao redor dele. Isso me lembrou dequele primeiro dia com as motos - porém, ele estava maior, e eu me sentia mais como uma criança agora.
Como daquela outra vez, ele alisou meu cabelo.
"Me perdoe por ter te chamado de hipócrita", ele se desculpou.
"Me desculpe por ter te chamado de assassino".
Ele riu.
Nessa hora eu pensei em uma coisa, e me apartei dele pra poder ver o seu rosto. Minhas sobrabcelhas se estreitaram de ansiedade. "E quanto á Sam? E quanto aos outros?"
Ele balançou a cabeça, sorrindo como se um grande peso tivesse sido tirado dos seus ombros. "É claro que não. Você lembra do que nós nos chamamos?"
A memória estava clara - eu estive pensando naquilo nesse mesmo dia.
"Protetores?"
"Exatamente".
"Mas eu não entendo. O que está acontecendo na floresta? Os mochileiros desaparecendo, o sangue?"
O rosto dele ficou sério, preocupado na hora. "Nós estamos tentando fazer o nosso trabalho, Bella. Nós estamos tentando protegê-los, mas estamos sempre um pouco atrasados".
"Protegê-los do que? Há mesmo um urso lá também?"
"Bella, querida, nós só protegemos as pessoas de uma coisa - o nosso único inimigo. Essa é a razão pela qual existimos - porque eles existem".
Eu o encarei com uma expressão vazia até que eu entendí. Então o sangue foi drenado do meu rosto com um choro de horror sem palavras, fino que saiu pelos meus lábios.
Ele balançou a cabeça. "Eu pensei que você, entre todas as pessoas, entenderia o que está acontecendo".
"Laurent", eu cochichei. "Ele ainda está aqui".
Jacob piscou duas vezes, e deixou sua cabeça cair pro lado. "Quem é Laurent?"
Eu tentei dissolver o caos na minha cabeça pra poder responder. "Você sabe, você o viu na clareira. Você estava la´..."
As palavras saíram em um tom de imaginação enquanto as palavras começavam a fazer sentido. "Você estava lá, e você o impediu de me matar..."
"Oh, a sanguessuga de cabelo preto?", ele sorriu, um sorriso apertado e largo. "Esse era o nome dele?"
Eu tremí. "O que você estava pensando?", eu sussurrei. "Ele podia ter te matado! Jake, você não entende o quanto é perigoso -"
Outra risada me interrompeu. "Bella, um vampiro só não é problema pra um bando grande como o nosso. Foi tão fácil, quase nem foi divertido!"

"o que foi tão fácil?"
"Matar o bebedor de sangue que queria matar você. Agora, eu não conto isso como aquela coisa de assassino", ele adicionou rapidamente. "Vampiros não contam como pessoas".
Eu só consegui mexer os lábios. "Você... matou... Laurent?"
Ele balançou a cabeça. "Bem, foi um esforço de equipe", ele qualificou.
"Laurent está morto?", eu cochichei.
A expressão dele mudou. "Você não está aborrecida com isso, está? Ele ia matar você - ele havia saído pra matar, Bella, nós tinhamos certeza disso antes que ele atacasse. Você sabe disso, não é?"
"Eu sei disso. Não, eu não estou aborrecida - eu estou..." eu tive que me sentar. Eu dei um passo pra trás até que sentí o salgueiro nos meus calcanhares, e então eu sentei nele. "Laurent está morto. Ele não vai voltar por mim".
"Você não está com raiva? Ele não era um dos seus amigos ou algo assim, era?"
"Meu amigo?", eu olhei pra ele, confusa e tonta de alívio. Eu comecei a tagarelar, meus olhos ficando úmidos. "Não Jake. Eu estou... tão aliviada. Eu pensei que ele fosse me encontrar - eu estive esperando por ele todas as noites, só rezando pra que ele me encotrasse e deixasse Charlie em paz. Eu estava tão assustada, Jacob... mas como? Ele era um vampiro! Como você matou ele? Ele era tão forte, tão duro, como o mármore..."
Ele se sentou perto de mim e colocou um braço no meu ombro me confortando. "É pra isso que somos feitos, Bella. Nós somos fortes também. Eu queria que você tivesse me dito que estava com tanto medo. Você não precisava".
"Você não estava por perto", eu murmurei, perdida em pensamentos. "Oh, certo".
"Espere, Jake - contudo, eu pensei que você soubesse. Na noite passada você disse que não era seguro você estar no meu quarto. Eu pensei que você soubesse que um vampiro podia estar vindo. Não era sobre isso que você estava falando?"
Ele pareceu confuso por um minuto, e então abaixou a cabeça. "Não, não era sobre isso que eu estava falando".
"Então porque você pensava que não seria seguro estar lá?"
Ele olhou pra mim com olhos livres de culpa. "Eu não disse que não era seguro pra mim. Eu estava pensando em você".
"O que você quer dizer?"
Ele olhou pra baixo e chutou uma pedra. "Há mais de uma razão pela qual eu não devia me aproximar de você, Bella. Eu não podia te contar o nosso segredo, pra começar, mas a outra parte é que não era seguro pra você. Se eu fico bravo demais... muito aborrecido... você pode se machucar".
Eu pensei nisso cuidadosamente. "Quando você estava bravo antes... quando eu estava gritando com você... e você estava tremendo...?"

"É", o rosto dele foi ainda mais pra baixo. "Aquilo foi bem estúpido da minha parte. Eu tenho que aprender a me segurar melhor.
Eu jurei que não ia ficar bravo, não importava o que você me disesse. Mas... eu comecei a ficar aborrecido demais porque ia perder você... porque você não conseguia lidar com o que eu sou".
"O que aconteceria... se você ficasse bravo demais?", eu sussurrei.
"Eu ia me transformar num lobo" ele sussurrou de volta.
"Você não precisa de uma lua cheia".
Ele rolou os olhos. "A versão de Hollywood não é muito verdadeira".
Então ele suspirou, sério de novo. "Você não precisa ficar tão estressada, Bells. Nós vamos cuidar disso. E vamos manter os olhos especialmente em Charlie e nos outros - não vamos deixar nada acontecer com eles. Confie em mim".
Havia algo muito, muito óbvio que eu devia ter reparado na hora - mas eu estava tão destraída com a idéia de Jacob e seus amigos brigando com Laurent que eu deixei passar na hora.
Isso me ocorreu agora, quando Jacob usou o tempo presente de novo.
Nos vamos cuidar disso.
Não estava acabado.
"Laurent está morto", eu asfixiei, todo o meu corpo ficou frio feito gelo.
"Bella?", Jacob perguntou ansiosamente, tocando a minha bochecha cinzenta.
"Se Laurent morreu... a uma semana atrás... então outra pessoa está matando as pessoas agora".
Jacob acenou com a cabeça, seus dentes trincados, e ele falou por entre eles. "Haviam dois deles. Nós achamos que a parceira dele ia querer lutar com a gente - nas nossas histórias, eles geralmente ficam fora de sério quando matam os parceiros deles - mas ela só fica correndo da gente, e depois volta de novo. Se nós pudessemos descobrir o que ela está procurando, seria muito mais fácil de rastreá-la. Ela fica escapando pelas beiradas, como se estivesse testando as nossas defesas, procurando por um jeito de entrar - mas entrar onde? Onde é que ela quer ir? Sam acha que ela está tentando nos separar, pra ter uma chance melhor..."
A voz dele foi sumindo até que ficou parecendo que ele estava falando de dentro de um túnel; eu não conseguia mais individualizar as palavras. Minha testa grudava com o suor e o meu estômago girava como se eu estivesse com a doença do estômago de novo. Era exatamente como se eu estivesse doente.
Eu me virei pra longe dele rapidamente, e me inclinei no tronco da árvore. Meu corpo estava sofrendo convulsões com suspiros inúteis, meu estômago vazio se contraía com uma náusea aterrorizante, apesar de não haver nada nele pra botar pra fora.
Victoria estava aqui. Procurando por mim. Matando estranhos na floresta. A floresta onde Charlie estava procurando...
Minha cabeça revirou doentemente.

As mãos de Jacob agarraram meus ombros - me impedindo de rolar nas rochas. Eu podia sentir o hálito quente dele na minha bochecha.
"Bella! Qual é o problema?"
"Victória", eu asfixiei assim que consegui juntar ar suficiente entre os meus espasmos de náusea.
Na minha cabeça, a voz de Edward rosnou furiosa pelo nome.
Eu sentí Jacob me levantar do meu banco. Ele me jogou estranhamente no colo, colocando minha cabeça sem vida no ombro dele. Ele estava lutando pra me equilibrar, pra me impedir de escorregar, de um jeito ou de outro. Ele tirou o cabelo molhado de suor do meu rosto.
"Quem?", Jacob perguntou. "Você consegue me ouvir, Bella? Bella?"
"Ela não era parceira de Laurent", eu gemí no ombro dele. "Eles só eram velhos amigos..."
"Você precisa de água. De um médico? Me diga o que fazer" ele pediu, frenético.
"Eu não estou doente - eu estou assustada", eu expliquei num sussurro. A palavra assustada não parecia explicar direito.
Jacob deu uns tapinhas nas minhas costas. "Com medo dessa Victória?"
Eu balancei a cabeça, tremendo.
"Victória é a fêmea de cabelos vermelhos?" Eu tremí de novo e me arrepiei.
"Sim".
"Como é que você sabe que ela não era a parceira dele?"
"Laurent me disse que James era o parceiro dela", eu automaticamente flexionei a mão com a cicatriz.
Ele segurou meu rosto, segurando firmemente na sua mão grande. Ele me olhou atentamente nos olhos. "Ele te disse mais alguma coisa, Bella? Isso é importante. Você sabe o que ela quer?"
"É claro", eu cochichei. "Ela quer a mim". Os olhos dele se arregalaram, e depois se estreitaram.
"Porque?", ele quis saber.
"Edward matou James", eu sussurrei. Jacob estava me segurando tão apertado que não havia necessidade de segurar o buraco - ele me manteve inteira.
"Ela realmente ficou... fora de sério. Mas Laurent disse que ela achava que era mais justo matar a mim do que a Edward. Parceiro por parceiro. Ela não sabia - ela ainda não sabe, eu acho - que... que"
eu engolí seco. "Que as coisas não são mais assim. Pelo menos, não pra Edward".
Jacob ficou distraído com isso, o rosto dele dividido entre várias expressões. "Foi isso que aconteceu? Por isso os Cullen foram embora?"
"No fim das contas, eu não passo de uma humana. Nada especial." eu expliquei, tremendo fracamente.

Algo como um rosnado - não um rosnado de verdade, só um som humano que se aproximava disso - estrondou no peito de Jacob embaixo do meu ouvido. "Se aquele bebedor de sangue idiota é honestamente estúpido o suficiente -"
"Por favor" eu gemí. "Por favor. Não".
Jacob hesitou, e então balançou a cabeça uma vez.
"Isso é importante", ele disse de novo, seu rosto era todo negócios agora. "Isso é exatamente o que precisamos saber. Nós precisamos contar pro outros imediatamente".
Ele se levantou, me colocando de pé. Ele manteve as duas mãos na minha cintura até que tivesse certeza de que eu não ia cair.
"Eu estou bem", eu mentí.
Ele ficou segurando a minha cintura com uma das mãos. "Vamos lá". Ele me levou em direção á caminhonete.
"Pra onde estamos indo?", eu perguntei.
"Eu ainda não tenho certeza", ele admitiu. "Eu vou convocar uma reunião. Ei, espere aqui só um minuto, está bem?" ele me colocou no lado da caminhonete e soltou minha mão.
"Onde você tá indo?"
"Eu volto logo", ele prometeu. Depois ele se virou e correu pelo estacionamento, atravessou a rua, e entrou na floresta. Ele se enfiltrou entre as árvores, rápido e brilhante, como um veado.
"Jacob!", eu gritei atrás dele com a voz rouca, mas ele já tinha desaparecido.
Não era um bom momento pra ser deixada sozinha. Segundos depois que Jacob saiu de vista, eu estava hiperventilando. Eu ma arrastei pra dentro da caminhonete, e coloquei as travas pra baixo imediatamente.
Isso não fez eu me sentir melhor.
Victória já estava me caçando. Eu apenas tinha sorte que ela ainda não havia me encontrado - sorte e cinco lobisomens adolescentes.
Eu exalei ríspidamente. Não me importava o que Jacob dizia, o pensamento dele chegando em algum lugar próximo de Victória era aterrorizante. Eu não me importava com o que ele podia virar quando estava com raiva. Eu podia ver ela na minha cabeça, seu rosto selvagem, seu cabelo que parecia feito de chamas, letal, indestrutível...
Mas, de acordo com Jacob, Laurent estava morto. Isso era realmente possível?
Edward - eu me apertei automaticamente ao meu peito - havia me dito uma vez que era muito difícil matar um vampiro. Somente outro vampiro podia fazer o trabalho. Ainda assim Jake dizia que os lobisomens haviam sido feitos pra isso...
Ele disse que eles manteriam um olho especialmente em Charlie - que eu devia confiar nos lobisomens pra manter meu pai a salvo.
Como eu podia confiar nisso? Nenhum de nós estava a salvo! Jacob muito menos que todos, se ele ia tentar ficar no meio do caminho entre Victoria e Charlie... entre Victoria e eu.

Eu sentí que estava prestes a vomitar de novo.
Um ruído agudo na janela da caminhonete me fez gritar de terror - mas era só Jacob, que já estava de volta. Eu destranquei a porta com dedos tremendo, agradecidos.
"Você realmente está com medo, não está?", ele perguntou enquanto deslizava pra dentro.
Eu balancei a cabeça.
"Não fique. Nós vamos tomar conta de você - e de Charlie também. Eu prometo".
"A idéia de Victória encontrando você me assusta mais do que a idéia de ela me encontrar", eu sussurrei.
Ele riu. "Você precisa confiar em nós um pouco mais do que isso. É insultante".
Eu só balancei a cabeça. Eu já tinha visto muitos vampiros em ação.
"Onde é que você foi agora?", eu perguntei.
Ele torceu os lábios e não disse nada.
"O que? É segredo?"
Ele fez uma careta. "Na verdade não. Contudo, é meio estranho. Eu não quero te assustar".
"Eu já estou meio confusa nesse ponto, sabe". Eu tentei sorrir sem muito sucesso.
Jacob sorriu de volta facilmente. "Eu acho que você tinha que estar. Ok. Veja, quando nós somos lobos, nós podemos... ouvir um ao outro".
Minhas sobrancelhas se baixaram confusas.
"Não ouvir sons", ele continuou. "Mas nós podemos ouvir...pensamentos - uns dos outros pelo menos - não importa a distância que estamos um do outro. Ajuda muito quando estamos caçando, mas de outra forma atrapalha muito. É embaraçoso - não ter segredos desse jeito. Esquisito, né?"
"Foi isso que você quis dizer na noite passada, quando disse que teria que dizer para eles onde estava, mesmo sem querer?"
"Você é rápida".
"Obrigada".
"Você também é muito boa lidando com o estranho. Eu achei que isso ia te incomodar".
"Não é... bem, você não é primeira pessoa que eu conheço que pode fazer isso. Então isso não me parece tão estranho".
"Mesmo?... Espere - você está falando dos bebedores de sangue?"
"Eu queria que você parasse de chamá-los assim".
Ele riu. "Que seja. Os Cullen, então?"
"Só... Só Edward", eu passei o braço rapidamente ao redor do meu tórax.
Jacob pareceu surpreso - e não pareceu feliz. "Eu pensei que eram só histórias. Eu já tinha ouvido lendas sobre vampiros que podiam fazer... coisas extras, mas eu pensei que fossem só mitos".
"Será que ainda existe alguma coisa que seja só mito?",. eu o perguntei cautelosamente.

Ele bufou. "Acho que não. Ok, nós vamos encontrar Sam e os outros nos lugar onde costumávamos andar com as nossas motos".
Eu liguei a caminhonete e comecei a voltar para a estrada.
Jacob balançou a cabeça parecendo envergonhado. "Eu tentei encurtar as coisas - eu pensei não pensar em você pra que eles não soubessem o que está acontecendo. Eu estava com medo que Sam me disesse pra não trazer você".
"Isso não teria me impedido". Eu não conseguia me livrar da imagem de Sam como um cara mal. Meus dentes se tricavam toda vez que eu ouvia o nome dele.
"Bem, isso teria meimpedido". Jacob disse, sombrio agora.
"Se lembra como ou simplesmente não conseguia terminar as frases ontem? De como eu simplesmente não conseguia te contar a história toda?"
"É. Você parecia estar engasgando com alguma coisa".
Ele gargalhou sombriamente. "Bem perto. Sam me disse que eu não podia te contar. Ele é... o cabeça do bando, sabe. Ele é o Alpha. Quando ele nos diz pra fazer uma coisa, ou pra não fazer alguma coisa - quando ele fala sério, bem, nós não podemos simplesmente ignorá-lo".
"Esquisito", eu murmurei.
"Muito", ele concordou. "É uma coisa de lobos".
"Huh", foi a melhor resposta que eu conseguí dar.
"É, tem um monte de coisas assim - coisas de lobo. Eu ainda estou aprendendo. Eu não consigo imaginar como foi pra Sam, tentando lidar com isso sozinho. Já é ruim o suficiente ter que passar por isso com um bando inteiro te apoiando".
"Sam estava sozinho?"
"É", a voz de Jacob baixou. "Quando eu me transformei foi a coisa mais... horrível, a coisa mais aterrorizante pela qual eu já passei - pior que qualquer coisa que eu podia ter imaginado. Mas eu não estava sozinho - haviam as vozes lá, em minha cabeça, me dizendo o que havia acontecido e o que eu tinha que fazer. Isso me ajudou a não perder a cabeça, eu acho. Mas Sam...", ele balançou a cabeça. "Sam não teve ajuda".
Isso is precisar de alguns ajustes. Quando Jacob explicava isso assim, era difícil não sentir compaixão por Sam. Eu tive que continuar dizendo pra mim mesma que já haviam mais motivos pra odiá-lo.
"Eles vão ficar com raiva se eu estiver com você?", eu perguntei.
Ele fez uma cara. "Provavelmente".
"Talvez eu não devesse -"
"Não, está tudo bem", ele me assegurou. "Você sabe uma tonelada de coisas que podem nos ajudar. Você não é como uma outra humana ignorante. Você é como uma... eu não sei, espiá, ou uma coisa assim. Você esteve atrás das linhas inimigas".
Eu fiz uma carranca pra mim mesma. Era isso que Jacob queria de mim?

Informações de dentro pra destruir seus inimigos? Porém, eu não era uma espiã. Eu não estava colotando esse tipo de informação. De qualquer forma, as palavras dele já me faziam sentir uma traidora. Mas eu queria que ele parasse Victória, não queria?
Não.
Eu queria que Victória fosse parada, preferivelmente antes que ela me torturasse até a morte ou esbarrasse em Charlie ou matasse outro estranho. Eu só não queria que fosse Jacob a matá-la, ou pelo menos tentar. Eu não queria Jacob a menos de cem metros dela.
"Como aquela história do bebedor de sangue que lê mentes", ele continuou, incosciente do meu devaneio.
"Aquele é o tipo de coisas que precisamos saber. Realmente é um saco que aquelas histórias sejam verdadeiras. Isso torna tudo mais complicado. Ei, você acha que essa Victoria tem alguma coisa especial?"
"Eu acho que não", eu hesitei, e depois suspirei. "Ele nunca mencionou nada sobre isso".
"Ele? Oh, você quer dizer Edward - oops, desculpa. Eu esqueci. Você não gosta de dizer o nome dele. Ou de ouvir."
Eu apertei o meu centro, tentando ignorar a palpitação nas beiras do meu peito. "Não, na verdade".
"Desculpa".
"Como é que você me conhece tão bem, Jacob? As vezes parece que você consegue ler a minha mente".
"Não. Eu só presto atenção".
Nós estávamos na pequena estrada de terra onde Jacob havia me ensinado a andar de moto.
"Tão bem assim?"
"Claro, claro".
Eu encostei e desliguei o motor.
"Você ainda está bem infeliz, não é?", ele perguntou.
Eu balancei a cabeça, olhando para a floresta obscura sem ver nada.
"Você acha que um dia... que talvez... você vai superar?"
Eu inalei lentamente, e depois deixei a respiração sair. "Não".
"Porque ele não era o melhor -"
"Jacob, por favor", eu interrompí, implorando com um sussurro.
"Será que podemos não falar nisso, por favor? Eu não posso aguentar".
"Ok", ele respirou fundo. "Eu lamento ter dito alguma coisa".
"Não se sinta mal. Se as coisas fossem diferentes, seria bom finalmente poder falar sobre isso com alguém".
Ele balançou a cabeça. "É, eu passei por dificuldades escondendo o meu segredo de você por duas semanas. Deve ter sido um inferno pra você não poder falar sobre isso com ninguém".
"Um inferno", eu concordei.
Jacob sugou o ar com um som cortante. "Eles estão aqui. Vamos lá".
"Você tem certeza?", eu perguntei enquanto ele abria a sua porta.
"Talvez eu não devesse estar aqui".

"Eles vão saber lidar com isso", ele disse, e depois deu uma risada. "Quem é que tem medo de um lobo grande e mal?"
"Ha Ha", eu disse. Mas eu saí da caminhonete, ma apressando pela frente pra ficar perto de Jacob. Eu me lembrei rápido demais dos monstros gigantes da clareira.

As minhas mãos estavam tremendo como as de Jacob haviam estado antes, mas com medo ao invés de raiva.

Jake pegou minha mão e a apertou. "Aqui vamos nós".

14 - Família

Eu me encolhi ao lado de Jacob, meus olhos examinando a floresta minuciosamente à procura dos outros lobisomens. Quando eles apareceram entre as árvores, eles não eram como eu esperava. Eu tinha a imagem dos lobos gravada em minha cabeça. Estes eram só quatro garotos seminus realmente grandes.

Novamente, eles me lembraram irmãos quadrigêmeos. Algo na forma que se moveram, quase sincronizados, para chegarem até nós, a maneira que todos tinham os mesmos músculos grandes e redondos sob a mesma pele cor de cobre, o mesmo cabelo preto curto, e a maneira que suas expressões mudavam exatamente ao mesmo tempo.

Eles começaram com curiosidade e cautela. Quando me viram ali, meio escondida atrás de Jacob, os quatro se enfureceram no mesmo segundo. Sam continuava sendo o mais velho, mesmo assim Jacob estava quase o alcançando. Sam não contava como um garoto de verdade. Seu rosto parecia mais velho – não porque tinha rugas ou sinais de envelhecimento, e sim pela maturidade, a paciência de sua expressão.

- O que você fez, Jacob? – ele demandou.

Um dos outros, o qual eu não reconheci – Jared ou Paul – se pôs na frente de Sam e falou antes que Jacob pudesse se defender.

- Por que você não consegue simplesmente seguir as regras, Jacob? – ele gritou – agitando os braços no ar. – Em que diabos você está pensando? Ela é mais importante que tudo – que toda a tribo? Que as pessoas sendo mortas?

- Ela pode ajudar. – Jacob disse calmamente.

- Ajudar! – o garoto furioso gritou. Seus braços começaram a tremer. – Claro, é provável! Tenho certeza de que adoradora de sanguessugas está *doida* para nos ajudar!

- Não fale assim dela! – respondeu Jacob, irritado pela crítica do garoto.

Um calafrio percorreu os ombros e a coluna vertebral do outro garoto.

Paul! Se acalme! – Sam lhe ordenou.

Paul balançou a cabeça de um lado para o outro, não em sinal de desafio, mas como se ele estivesse tentando se concentrar.

- Caramba, Paul – um dos outros garotos murmurou, provavelmente Jared – Controle-se.

Paul virou a cabeça para Jared, seus lábios se apertando em sinal de irritação. Depois voltou seu olhar fulminante para minha direção. Jacob deu um passo à frente para se pôr na minha frente.

Aí aconteceu.

- Certo, proteja ela! – Paul rugiu em afronta. Outro arrepio, uma convulsão, percorreu seu corpo. Paul virou sua cabeça para trás, um verdadeiro rosnado surgiu dentre seus dentes.

- Paul! – Sam e Jacob gritaram ao mesmo tempo.

Paul pareceu cair para frente, movendo-se violentamente.
A meio caminho do chão, houve um barulho de rasgado, e o garoto explodiu.

Uma pele cinza escuro apareceu no garoto, transformando-se em uma forma cinco vezes maior do que seu tamanho – uma figura peluda, abaixada, pronta para pular.

O lobo enrugou o focinho amostrando os dentes, e outro rosnado saiu de seu peito colossal. Seus olhos negros e raivosos se cravaram em mim.

A meia passada, um forte arrepio passou pela coluna vertebral de Jacob, que saltou de ponta-cabeça no ar vazio.

Com outro afiado som de rasgado, Jacob explodiu também. Ele explodiu sua pele – pedacinhos pretos e brancos de roupa voaram pelo ares. Tudo ocorreu tão rápido que se eu tivesse piscado, eu teria perdido a transformação inteira. Um segundo antes, Jacob saltava de cabeça, e um segundo depois havia se transformado em um gigantesco lobo de cor marrom avermelhado - tão enorme que eu não pude entender como aquela massa havia se ajustado de alguma maneira dentro de Jacob – que se jogava contra a besta cinza.

Jacob chocou-se contra o ataque do outro Lobisomem de cabeça.
Seus furiosos rosnados ecoaram como trovões entre as árvores.
Os farrapos brancos e pretos – restos da roupa de Jacob – caíram no chão onde ele tinha desaparecido.

- Jacob! – eu gritei de novo, indo para frente.

- Fique onde está, Bella. – Sam me ordenou.

Era difícil ouvi-lo diante dos rugidos de ambos os lobos, que se mordiam e arranhavam buscando a garganta do rival com seus afiados dentes. Jacob parecia ganhar: era visivelmente maior que o outro lobo, e também parecia muito mais forte. Ele lançou seu ombro de novo e de novo no lobo cinza, jogando-o de volta para as árvores.

- Leve-a para casa da Emily – Sam gritou para os outros garotos, que estavam distraídos assistindo a briga. Jacob empurrou o lobo cinza para fora do caminho com sucesso, e eles estavam desaparecendo na floresta, mas o som de seus grunhidos ainda eram altos. Sam foi atrás deles, tirando seus sapatos no caminho. Quando se lançou entre as árvores, ele estava tremendo da cabeça aos pés.

Os grunhidos e estalos estavam ficando distantes. De repente, o som acabou e a estrada ficou muito quieta.

Um dos garotos começou a rir.

Virei-me para olhá-lo fixamente, meus olhos arregalados e congelados, eu não podia nem mesmo piscar para eles.

O garoto parecia estar rindo da minha expressão.

- Bem, isto não é algo que se vê todos os dias – ele riu silenciosamente. – Seu rosto vagamente familiar – era mais magro que os outros... Embry Call.

- Eu vejo – o outro garoto, Jared, murmurou. – Todo dia.

- Aw, Paul não perde as estribeiras todo dia. – descordou Embry, sorrindo. – Talvez dois entre três.

Jared se agachou para pegar algo branco no chão. E o segurou no alto na direção de Embry; balançava em tiras flácidas na sua mão.

- Totalmente cortado em tiras. – disse Jared – Billy disse que era último par que podia lhe comprar. Acho que Jacob terá que ir descalço a partir de agora.

- Este aqui sobreviveu – disse Embry, recolhendo um tênis branco – Jacob pode pular. – ele acrescentou com uma risada.

Jared começou a recolher vários pedaços de tecido da sujeira.

- Pegue os sapatos de Sam, não é? O resto vai pro lixo.

Embry pegou os sapatos e depois correu para as árvores onde Sam havia desaparecido. Ele voltou poucos segundos depois, com um par de calça Jeans pendurados no ombro. Jared recolheu as sobras de roupas de Jacob e Paul e fez uma bola com elas. De repente, ele pareceu se lembrar de mim.

Ele me olhou cuidadosamente, avaliando.

- Ei, você não irá desmaiar ou vomitar, ou algo assim? - Ele demandou.

- Acho que não. – eu ofeguei.

- Você não parece bem. É melhor se sentar.

- Certo. – eu murmurei. Pela segunda vez em uma manhã, ponho a cabeça nos meus joelhos.

- Jake deveria ter nos avisado. – Embry reclamou.

- Ele não devia ter metido sua namorada nisso. O que ele esperava?

- Bem, o lobo foi revelado, agora. – Embry suspirou – Vá em frente, Jake.

Levantei a cabeça e olhei para os garotos que pareciam estar levando tudo isto muito despreocupadamente.

- Vocês não estão preocupados com o que possa acontecer? – eu perguntei.

Embry piscou uma vez, surpreendido.

- Preocupados? Por quê?

- Eles podem machucar um ao outro!

Embry e Jared riram.

- Espero que Paul lhe dê uma mordida – disse Jared – Isso lhe dará uma lição.

Eu empalideci.

- Ah, certo. – discordou Embry – Você viu o Jake? Nem mesmo Sam pode entrar na fase dessa forma, em pleno salto. Ao ver que Paul

perdia o controle, quanto tempo ele levou pra atacar, meio segundo? Esse garoto tem um dom.

-Paul luta a mais tempo. Aposto dez pratas que eles deixa uma marca.

- Apostado. Jake é talentoso. Paul não pode fazer nada.

Eles apertaram as mãos, sorrindo.

Tentei me acalmar ao ver que não estavam preocupados, mas não podia tirar da cabeça as imagens brutais da luta dos lobisomens. Meu estômago estava revirado, vazio e ácido, e a preocupação havia me dado dor de cabeça.

- Vamos ver Emily. Você sabe que terá comida esperando. – Embry baixou seu olha para mim. – Se importa de dar um passeio?

- Sem problema. – eu asfixiei.

Jared ergueu uma sobrancelha.

- Acho melhor você dirigir, Embry. Parece que ela vai voltar a qualquer momento.

- Ótima idéia. Cadê as chaves? – Embry perguntou?

- Na ignição.

- Você vai aqui. – ele me disse alegremente, me levantando do chão com uma mão e me pondo na cadeira. Depois estudou o espaço disponível – Você terá que ir atrás – ele disse a Jared.

- Isso é bom. Não tenho muito estômago. Não quero estar lá quando ela soprar.

- Eu aposto que ela é mais dura que isto. Ela anda com vampiros.

- Cinco pratas? – Jared propôs.

- Feito. Sinto-me culpado por tirar seu dinheiro assim.

Embry entrou e ligou o motor enquanto Jared pulava para a parte de trás. Quando fechou sua porta, Embry me disse baixinho:

- Não vomite, certo? Só tenho uma nota de dez e se Paul conseguir cravar os dentes em Jacob...

“Tudo bem”, eu sussurrei.
Embry nos dirigiu de volta para a vila.
“Ei, como é que Jake passou por cima da proibição afinal?”
“A... o que?”
“Er, a ordem. Você sabe, pra não sair falando tudo. Como foi que ele te contou sobre isso?”
“Oh, isso”, eu disse, lembrando de Jacob se engasgando tentando me contar a verdade na noite passada. “Ele não me disse. Eu dei um chute certo”.
Embry torceu os lábios, parecendo surpreso. “Hmm. Eu acho que isso também funciona”.
“Pra onde estamos indo?”, eu perguntei.
“Para a casa de Emily. Ela é namorada de Sam... não, noiva, agora, eu acho. Eles vão nos encontrar lá depois que Sam der uma lição neles pelo que acabou de acontecer. E depois que Paul e Jake arranjarem algumas roupas, se é que Paul ainda tem alguma sobrando”.
“Emily sabe sobre...?”
“É. E ei, não encare ela. Isso irrita o Sam”.
Eu fiz uma carranca pra ele. “E porque eu encararia ela?”
Embry pareceu desconfortável. “Como você acabou de ver, andar por aí com lobisomens tem seus riscos”. Ele mudou de assunto rapidamente. “Ei, você tá legal sobre aquela coisa toda do bebedor de sangue de cabelo preto da clareira? Ela não parecia ser seu amigo, mas...” Embry levantou os ombros.
“Não, ele não era meu amigo”
“Isso é bom. Nós não queríamos começar nada, quebrar o acordo, sabe”.
“Oh, é, Jake me contou sobre o acordo uma vez, há muito tempo. Porque matar Laurent ia quebrar o acordo?”
“Laurent”, ele repetiu, bufando, como se ele achasse engraçado que um vampiro tivesse nome. “Bem, tecnicamente, nós estávamos no terrenos dos Cullen. Nós não temos permissão pra matar nenhum deles, os Cullen, pelo menos, fora da nossa terra - a não ser que eles quebrem o acordo antes. Nós não sabíamos se aquele de cabelo preto era um parente deles ou alguma coisa assim. Parecia que você o conhecia”.
“O que é que eles teriam que fazer pra quebra o acordo?”
“Morder um humano. Jake não estava muito contente com a idéia de deixar isso ir tão longe”.
“Oh. Umm, obrigada. Eu fico feliz que vocês não esperaram”.
“O prazer foi nosso”. Parecia que ele estava querendo dizer isso no sentido literal.
Embry dirigiu através da casa mais á oeste na estrada antes de fazer uma curva apertada numa estrada de terra.
“A sua caminhonete é lenta”, ele notou.
“Desculpe”.

No fim dessa rua havia uma casa pequena que um dia já havia sido cinza. Havia apenas uma janela apertada do lado de uma porta pintada de azul, mas havia uma caixa embaixo da janela que estava cheia de margaridas laranjas e amarelas, dando ao lugar todo uma aparência alegre.
Embry abriu a porta da caminhonete e inalou. "Mmm. Emily está cozinhando".
Jared pulou da carroceria da caminhonete e foi caminhando na direção da porta, mas Embry parou ele com uma mão no peito. Ele olhou pra mim significantemente, e limpou a garganta.
"Eu não estou com a minha carteira aqui", Jared disse.
"Tudo bem. Eu não vou esquecer".
Eles passaram por cima do único degrau e entraram na casa sem bater na porta. Eu segui os dois timidamente depois.
A sala da frente, como na casa de Billy, era em grande parte a cozinha. Uma mulher jovem com a pele cor de cobre e com um cabelo cor de corvo longo, liso, estava de pé no balcão perto da pia, tirando muffins grandes de uma bandeja e os colocando num prato de papel. Por um segundo, eu me perguntei se o motivo de Embry pra que eu não encarasse era porque essa garota era tão linda.
E então ela perguntou. "Vocês estão com fome?" com uma voz melódica, e ela se virou pra nos encarar de frente, um sorriso na metade do rosto.
O lado direito do rosto dela estava marcado da linha do cabelo até o queixo com três linha finas, vermelhas, numa cor vívida apesar delas já terem sarado há muito tempo. Uma das linhas havia puxado pra baixo um canto do seu olho com formato de amêndoa, e a outra havia virado o canto direita da sua boca como numa careta permanente.
Agradecida pelo aviso de Embry, eu me virei rapidamente pra olhar para os muffins na mão dela. O cheiro deles era maravilhoso - como amoras frescas.
"Oh", Emily disse, surpresa. "Quem é essa?"
Eu olhei pra cima, tentando me concentrar em olhar para a parte esquerda do rosto dela.
"Bella Swan", Jared disse pra ela, levantando os ombros. Aparentemente eu já fui o tópico de uma conversa antes. "Quem mais?"
"Deixe que Jacob arrume um jeito pra contornar isso", Emily murmurou.
Ela me encarou, e nenhuma das duas partes do seu rosto uma vez lindo era amigável. "Então, você é a garota vampira".
Eu me enrijeci. "Sim. Você é a garota lobisomem?"
Ela sorriu, e Embry e Jared também. O lado esquerdo do rosto dela se amenizou.
"Eu acho que sou". Ela se virou para Jared. "Onde está Sam?"
"Bella, er, surpreendeu Paul essa manhã".
Emily rolou seu olho bom. "Ah, Paul", ela suspirou.

“Você acha que eles vão demorar? Eu ia começar a fazer os ovos”.
“Não se preocupe”, Embry disse a ela. “Se eles se atrasarem, nós não vamos deixar nada se desperdiçar”.
Emily gargalhou, e então abriu a geladeira. “Sem dúvida”, ela concordou. “Bella, você está com fome? Vá em frente e se sirva com um muffin”.
“Obrigada”. Eu peguei um do prato e comecei a mordiscar pelas beiras. Estava delicioso, e caiu bem no meu estômago delicado.
Embry pegou o seu terceiro e enfiou inteiro na boca.
“Deixe algum pros seus irmãos”, Emily castigou ele, batendo na cabeça dele com uma colher de pau. A palavra me surpreendeu, mas parecia não ser nada para os outros.
“Porco”, Jared comentou.
Eu me inclinei no balcão e observei eles três brincando como uma família. A cozinha de Emily era um lugar amigável, brilhante com armários brancos e madeira pálida no chão. Na pequena mesa redonda, um vaso chinês azul e branco estava lotado de flores selvagens. Embry e Jared pareciam completamente á vontade aqui.
Emily estava misturando uma quantidade enorme de ovos, várias dúzias, em uma grande tigela amarela. Ela tinha levantado as mangas da sua camisa cor de lavanda, e eu podia ver que as cicatrizes se estendiam por todo o seu braço e sua mão direita. Andar por aí com lobisomens tinha seus riscos, assim como Embry havia dito.
A porta da frente se abriu, e Sam passou por ela.
“Emily”, ele disse, e tanto amor transbordava da voz dele que eu me senti envergonhada, uma intrusa, enquanto observada ele atravessar a sala com uma passada e pegar o rosto dela entre suas mãos grandes. Ele se inclinou e beijou as cicatrizes escuras na bochecha direita dela antes de beijar seus lábios.
“Ei, para com isso”, Jared reclamou. “Eu estou comendo”.
“Então cala a boca e come”, Sam sugeriu, beijando a boca arruinada de Emily de novo.
“Ugh”, Embry gemeu.
Isso era pior do que qualquer filme romântico; isso era tão real que cantava com a alegria e o amor verdadeiro. Eu abaixei meu muffin e passei meus braços ao redor do meu peito vazio. Eu olhei para as flores, tentando ignorar a paz dominante do momento, e a dor pulsante das minhas feridas.
Eu fiquei agradecida pela distração quando Jacob e Paul entraram pela porta, e depois fiquei chocada quando vi que eles estavam rindo. Enquanto eu olhava, Paul deu um murro no ombro de Jacob e Jacob retribuiu com um soco nas costelas. Eles riram de novo. Os dois pareciam ainda estar inteiros.
Jacob procurou pela sala, os olhos dele pararam quando ele me encontrou inclinada, esquisita e fora do lugar, no balcão perto do fim da cozinha.

“Ei, Bells”, ele me cumprimentou alegremente. Ele pegou dois muffins enquanto passava pela cozinha pra vim ficar do meu lado. “Desculpa por antes”, ele murmurou por baixo do fôlego. “Como é que você tá?”
“Não se preocupe, eu estou bem. Bons muffins”. Eu peguei o meu de volta e comecei a mordiscar de novo. Meu peito se sentiu melhor assim que Jacob estava ao meu lado.
“Oh, cara!”, Jared gemeu, nos interrompendo.
Eu olhei pra cima e Embry estava examinando uma linha cor de rosa que estava desaparecendo no antebraço de Paul. Embry estava sorrindo, exultante.
“Quinze dólares”, ele declarou.
“Você fez aquilo?”, eu cochichei pra Jacob, me lembrando da aposta.
“Eu mal toquei nele. Ele vai estar perfeito no por do sol”.
“No por do sol?” Eu olhei para a linha no braço de Paul. Estranho, mas ela parecia já estar lá a semanas.
“Coisa de lobo”, ele cochichou.
Eu balancei a cabeça, tentando não achar estranho.
“Você está bem?” eu perguntei pra ele por baixo do fôlego.
“Nenhum arranhão”. A expressão dele era de zombaria.
“Ei, caras”, Sam disse numa voz alta, interrompendo todas as conversas que estavam acontecendo na pequena sala.
Emily estava no fogão, mexendo a mistura de ovos numa frigideira grande, mas Sam ainda estava com uma mão tocando a parte de baixo das suas costas, um gesto inconsciente. “Jacob tem uma informação pra nós”.
Paul não parecia surpreso. Jacob já devia ter explicado isso pra ele e pra Sam. Ou... eles já haviam ouvido os seus pensamentos.
“Eu sei o que a ruiva quer” Jacob dirigiu suas palavras pra Jared e Embry.
“Era isso que eu estava tentando te contar”. Ele chutou a perna da cadeira onde Paul havia se sentado.
“E?”, Jared perguntou.
O rosto de Jacob ficou sério. “Ela está querendo vingar o seu parceiro - só que o parceiro dela não é o sanguessuga de cabelos pretos que nós matamos. Os Cullen mataram o parceiro dela no ano passado, e agora ela está atrás de Bella”.
Isso não era novidade pra mim, mas eu tremí.
Jared, Embry e Emily olharam pra mim com as bocas abertas de surpresa.
“Ela é só uma garota”, Embry protestou.
“Eu não disse que fazia sentido. Mas é por isso que a sugadora de sangue está querendo passar por nós. Ela está a caminho de Forks”.
Eles continuaram a olhar pra mim, ainda com as bocas abertas, por um longo momento. Eu abaixei a cabeça.
“Excelente”, Jared finalmente disse, um sorriso começando a puxar os cantos da sua boca pra cima. “Nós temos um isca”.
Com uma velocidade formidável, Jacob agarrou uma lata aberta em cima do balcão e a lançou na cabeça de Jared. A mão de Jared se

levantou mais rápido do que eu julgaria possível, e afastou a lata pouco antes que ela atingisse o seu rosto.
"Bella não é isca".
"Você sabe o que eu quero dizer", Jared disse sem nenhuma vergonha.
"Então nós vamos mudar os nossos padrões", Sam disse, ignorando a discussão. "Nós vamos tentar deixar alguns buracos, e ver se ela cai nessa. Nós vamos ter que nos separar, e eu não gosto disso. Mas se ela realmente estiver atrás de Bella, ela provavelmente não vai tentar tirar vantagem dos nossos números divididos".
"Quil deve estar perto de se juntar a nós", Embry murmurou. "Então nós seremos capazes de nos separar igualmente".
Todo mundo olhou pra baixo. Eu olhei para o rosto de Jacob, e ele estava sem esperança, como estava ontem á tarde, do lado de fora da casa dele.
Não importava o quanto eles parecessem estar confortáveis com os seus destinos, aqui nessa cozinha feliz, nenhum desses lobisomens queria esse mesmo destino para o amigo.
"Bem, não vamos contar com isso", Sam disse numa voz baixa, e então continuou no seu volume normal.
"Paul, Jared e Embry vão ficar no perímetro exterior, e Jacob e eu vamos ficar com o interior. Nós vamos nós juntar quando agarrarmos ela".
Eu reparei que Emily não ficou particularmente satisfeita por Sam ter ficado no grupo menor. A preocupação dela me fez olhar pra Jacob, preocupada também.
Sam viu meu olhar. "Jacob acha que seria bom você passar o máximo de tempo aqui em La Push. Ela não vai saber onde te encontrar assim tão facilmente, só na duvida".
"E quanto á Charlie?", eu quis saber.
"A maré de março ainda está aí", Jacob disse. "Eu acho que Billy e Harry vão conseguir manter Charlie aqui quando ele não estiver no trabalho".
"Espere", Sam disse, segurando uma mão pra cima. O olhar dele foi pra Emily e depois voltou pra mim. "Isso é o que Jacob acha melhor, mas você precisa decidir sozinha. Você devia pesar os riscos de ambas as situações muito seriamente. Você viu essa manhã o quanto as coisas podem ficar perigosas com facilidade por aqui, com podem sair de controle rapidamente. Se você escolher ficar conosco, eu não posso te dar garantias sobre a sua segurança".
"Eu não vou machucar ela", Jacob murmurou, olhando pra baixo.
Sam agiu como se não tivesse ouvido ele falar. "Se houvesse outro lugar onde você posse se sentir segura..."
Eu mordi meu lábio. Onde mais eu podia ir sem colocar mais ninguém em risco? Eu recuei de novo da idéia de trazer Renée pra dentro disso - colocando ela pra dentro do alvo onde eu estava... "Eu não quero levar Victoria pra nenhum outro lugar", eu sussurrei.

Sam balançou a cabeça. “Isso é verdade. É melhor deixar ela aqui, onde nós podemos acabar com isso”.
Eu vacilei. Eu não queria Jacob ou nenhum dos outros tentando acabar com Victória. Eu olhei para o rosto de Jake; ele estava relaxado, quase o mesmo do qual eu me lembrava antes dessa coisa de lobo, e extremamente despreocupado com a idéia de caçar vampiros.
“Você vai ser cuidadoso, certo?” eu perguntei, com um caroço audível na minha garganta.
Os garotos explodiram de vaias de brincadeira. Todos riram de mim - exceto Emily. Ela encontrou meus olhos, e eu de repente consegui enxergar a simetria por baixo da sua deformidade. O rosto dela ainda era lindo, e vivo com uma preocupação ainda mais penetrante do que a minha. Eu tive que desviar o olhar, antes que o amor por trás das suas preocupações fizessem o meu peito doer de novo.
“A comida tá pronta”, ela anunciou, a conversa sobre estratégias virou história. Os rapazes correram ao redor da mesa - que parecia pequena e prestes a cair por causa deles - e devoraram a panela de tamanho gigante de ovos que Emily havia colocado na frente deles em tempo recorde. Emily comeu inclinada no balcão como eu - evitando a confusão da mesa - e olhou pra eles com olhos aficionados. A expressão dela deixava bem claro que essa era a sua família.
No fim das contas, isso não era exatamente o que eu esperava de um bando de lobisomens.
Eu passei o dia em La Push, em grande parte na casa de Billy. Ele deixou mensagens no telefone de Charlie e na delegacia, e Charlie apareceu quase na hora do jantar com duas pizzas. Foi bom que ele tenha trazido duas grandes; Jacob comeu uma inteira sozinho.
Eu vi Charlie olhando pra nós dois com olhos suspeitos a noite inteira, especialmente para o Jacob muito mudado. Ele perguntou sobre o cabelo; Jacob levantou os ombros e disse que isso era mais conveniente.
Eu sabia que assim que Charlie e eu fossemos pra casa, Jacob ia se mandar - ele ia sair por aí como lobo, como ele havia feito em pequenos intervalos durante o dia inteiro.
Ele e os seus irmãos meio que mantinham uma ronda constante, procurando por algum sinal de que Victória havia voltado. Mas desde que eles a caçaram nas piscinas termais ontem á noite - caçado ela até meio caminho do Canadá, de acordo com Jacob - ela continuava desaparecida.
Eu não tinha a mínima esperança que ela fosse simplesmente desistir. Eu não tinha esse tipo de sorte.
Jacob me acompanhou até a caminhonete depois do jantar e ficou grudado na janela, esperando que Charlie fosse embora primeiro.
“Não tenha medo essa noite”, Jacob disse enquanto Charlie fingia estar tendo problemas com o cinto de segurança. “Nós vamos estar de olho lá, observando”.

“Eu não vou estar preocupada comigo mesma”, eu prometí.
“Você é boba. Caçar vampiros é divertido. É a melhor parte dessa bagunça toda”.
Eu balancei minha cabeça. “Se eu sou boba, então você está perigosamente desequilibrado”.
Ele gargalhou. “Descanse um pouco, Bella, querida. Você parece exausta”.
“Eu vou tentar”.
Charlie tocou a buzina impaciente.
“Te vejo amanhã”, Jacob disse. “Venha assim que acordar”.
“Eu vou”.
Charlie me seguiu até em casa. Eu prestei pouca atenção aos faróis no meu espelho retrovisor. Ao invés disso, eu imaginei onde Sam e Jared e Embry e Paul haviam ido, na sua caçada de hoje á noite. Eu imaginei se Jacob já havia se juntado a eles.
Quando nós chegamos em casa, eu corri para as escadas, mas Charlie estava bem atrás de mim.
“O que está acontecendo, Bella?”, ele quis saber antes que eu conseguisse escapar. “Eu pensei que Jacob fizesse parte de uma gangue e que vocês estavam brigando”.
“Fizemos as pazes”.
“E a gangue?”
“Eu não sei - quem consegue entender os garotos adolescentes? Eles são um mistério. Mas eu conheci Sam Uley e sua noiva, Emily. Pra mim eles pareceram bem legais”. Eu levantei os ombros. “Deve ter sido tudo um mal-entendido”.
O rosto dele mudou. “Eu não sabia que ele e Emily haviam tornado oficial. Isso é bom. Pobre garota”.
“Você sabe o que aconteceu com ela?”
“Espancada por um urso, no norte, durante a temporada de defeso dos salmões - um acidente horrível. Faz mais de um ano agora. Eu ouvi dizer que Sam ficou bem perturbado com a coisa toda”.
“Isso é horrível”, eu ecoei. Mais de um ano atrás. Eu aposto que isso havia acontecido quando só havia um lobisomem em La Push. Eu tremi ao pensar em como Sam deve se sentir toda vez que olha para o rosto de Emily.
Naquela noite eu fiquei acordada por muito tempo tentando pensar no dia de hoje. Eu pensei no meu jantar com Billy, Jacob e Charlie, na longa tarde na casa dos Black, esperando ansiosamente ter notícias de Jacob, na cozinha de Emily, o horror da briga de lobisomens, a conversa com Jacob na praia.
Eu pensei no que Jacob havia dito cedo nesse manhã, sobre hipocrisia.
Eu pensei nisso por um longo momento. Eu não gostava de pensar que era uma hipócrita, só que qual era a vantagem de mentir pra mim mesma?

Eu me curvei numa bola muito apertada. Não, Edward não era um assassino. Mesmo em seu passado obscuro, pelo menos ele nunca foi assassino de inocentes.
Mas e se ele tivesse sido? E se, durante o tempo que eu não o conheci, ele tivesse sido exatamente igual a qualquer outro vampiro? E se houvessem pessoas desaparecendo nas florestas, como agora? Isso teria me mantido afastada dele?

Eu balancei minha cabeça tristemente. O amor é irracional, eu lembrei pra mim mesma. Quanto mais você ama alguém, menos sentido as coisas fazer.

Eu me virei e tentei pensar em outra coisa - em pensei em Jacob e seus irmãos, correndo na escuridão. Eu peguei no somo imaginando os lobos, invisíveis na noite, me protegendo do perigo.
Quando eu sonhei, eu estava na floresta de novo, mas eu não estava vagando. Eu estava segurando a mão assustada de Emily enquanto nós encarávamos as sombras e esperávamos ansiosamente que os nossos lobisomens voltassem pra casa.

15. Pressão

Eram as férias de primavera em Forks de novo.
Quando eu acordei na segunda de manhã, eu fiquei deitada na cama por uns minutos absorvendo isso. Nas últimas férias de primavera, eu fui caçada por um vampiro também. Eu esperava que essa não fosse uma espécie de tradição se formando.
Eu já estava caindo nos padrões das coisas em La Push. Eu passei a maior parte do domingo na praia, enquanto Charlie ficava com Billy na casa dos Black. Era pra eu ter ficado com Jacob, mas Jacob tinha outras coisas pra fazer, então eu fiquei vagando sozinha, pra manter o segredo escondido de Charlie.
Quando Jacob parou pra vir me ver, ele se desculpou por mr deixar sozinha por tanto tempo. Ele me disse que a sua agenda não era sempre tão louca, mas até que Victoria fosse parada, os lobos estavam em alerta vermelho.
Quando nós andavamos pela praia agora, ele sempre segurava a minha mão.
Isso me fez meditar sobre o que Jared tinha dito, sobre Jacob estar envolvendo a sua "namorada". Eu acho que isso era exatamente o que parecia pelo lado de fora. Enquanto Jake e eu soubessemos o que era, eu não devia me incomodar com esses tipos de suposições. E talvez elas não me incomodassem, se eu não soubesse que Jacob teria adorado que as coisas fossem como aparentavam ser.
Mas as mãos dele eram boas aquecendo as minhas, e eu não protestei.
Eu trabalhei na terça á tarde - Jacob me seguiu na sua moto pra ter certeza de que eu chegaria á salvo - e Mike reparou.
"Você tá namorando aquele garoto de La Push? O do segundo ano?"
Ele escondeu, escondendo muito mal o ressentimento na sua voz.
Eu levantei os ombros. "Não no sentido técnico da palavra. Porém, eu passo a maior parte do tempo com Jacob. Ele é o meu melhor amigo".
Os olhos de Mike se apertaram maliciosamente. "Não se engane, Bella. O cara tá apaixonado por você".
"Eu sei", eu suspirei. "A vida é complicada".
"E as garotas são cruéis", Mike disse por baixo do fôlego.
Eu acho que essa era uma suposição fácil de fazer, também.
Naquela noite, Sam e Emily se juntaram a Charlie e eu para a sobremesa na casa de Billy. Emily levou um bolo que teria feito um homem menos duros que Charlie se render.
Eu podia ver, enquanto a conversa saía fluentemente apesar da casual troca de assuntos, que todas as preocupações que Charlie podia ter sobre a gangue de La Push estavam desaparecendo.
Jake e eu escapamos cedo, pra ter um pouco de privacidade. Nós fomos para a garagem dele e nos sentamos no Rabbit.

Jacob encostou a cabeça no encosto do banco, seu rosto coberto de exaustão.
"Você precisa dormir um pouco, Jake".
"Eu vou me virar".
Ele se aproximou e pegou minha mão. A pele dele estava queimando na minha.
"Isso é uma daquelas coisas de lobo?", eu perguntei. "Quer dizer, o calor".
"É. Nós ficamos um pouco mais quentes que as pessoas normais. Cerca de uns quarenta e quatro, quarenta e cinco graus. Eu nunca mais fico com frio. Eu podia ficar assim" - ele fez um gesto para o seu tórax nú - "numa tempestade de neve e isso não ia me incomodar. Os flocos iam virar chuva onde eu estivesse".
"E você sara mais rápido - isso é uma coisa de lobo também?"
"É, quer ver? É bem legal" Os olhos dele se abriram e ele abriu um sorriso. Ele se inclinou para o porta-luvas e cavou lá por um minuto. A mão dele saiu de lá de dentro com um canivete.
"Não, eu não quero ver!" eu gritei assim que me dei conta do que ele estava pretendendo fazer. "Põe isso pra lá!"
Jacob gargalhou, mas jogou a faca lá dentro onde ela pertencia. Tá bom. Contudo, é bom que a gente sare rápido. Você não pode ir ver nenhum médico quando está com uma temperatura que significa que você devia estar morto".
"Não, eu acho que não". Eu pensei nisso por um minuto.
"...E ser tão grande - é parte disso também? É por isso que você está preocupado com Quil?"
"Isso e o fato de que o avô de Quil diz que o garoto é capaz de fritar um ovo na testa", o rosto de Jacob ficou sem esperança. "Não vai demorar muito. Não há idade exata... isso só se constrói se constrói, e então de repente -"
Ele parou, e demorou um momento até que ele pudesse falar de novo.
"As vezes, se você se aborrece muito com uma coisa, isso se libera mais cedo. Mas eu não estava aborrecido com nada - eu estava feliz". Ele sorriu acidamente. "Por sua causa, em grande parte.
Por isso que não aconteceu comigo antes. Ao invés de só continuar me construindo por dentro - eu era como uma bomba relógio. Você sabe o que me disparou? Eu voltei pra casa do cinema naquela noite e Billy disse que eu parecia estranho. Isso foi tudo, mas eu simplesmente disparei. E então eu - eu explodí. Eu quase arranquei o rosto dele - meu próprio pai!" Ele levantou os ombros, e seu rosto empalideceu.
"É tão ruim assim, Jake?", eu perguntei ansiosamente, desejando que houvesse alguma forma de eu ajudá-lo. "Você está infeliz?"
"Não, eu não sou infeliz", ele me disse. "Não mais. Não agora que você sabe. Isso foi difícil, antes". Ele se inclinou até que a bochecha dele estava descansando na minha mão.

Ele ficou quieto por um momento, eu eu imaginei o que ele estava pensando. Talvez eu não quisesse saber.
"Qual é a parte mais difícil?" eu sussurrei, ainda desejando poder ajudar.
"A parte mais defícil é se sentir... fora de controle", ele disse lentamente. "Sentir que eu não posso ter certeza de mim mesmo - como se talvez você não devesse estar perto de mim, como talvez ninguém devesse. Como se eu fosse um monstro que pode machucar as pessoas. Você viu a Emily. Sam perdeu o controle do seu temperamente por um segundo... e ela estava muito perto. E agora não há nada que ele possa fazer pra concertar as coisas de novo. Eu ouço os pensamentos dele - eu sei como ele se sente...
"Quem quer ser um pesadelo, um monstro?
"Então, o jeito como vem mais fácil pra mim, o jeito que eu sou melhor nisso do que eles - isso me torna menos humano que Embry ou Sam? As vezes eu tenho medo de me perder".
"É difícil? Se encontrar novamente?"
"No começo", ele disse. "É preciso um poucvo de prática pra se transformar e voltar. Mas é mais fácil pra mim".
"Porque?", eu imaginei.
"Porque Ephraim Black era avô do meu pai, e Quil Ateara era avô da minha mãe".
"Quil?", eu perguntei confusa.
"O bisavô dele", Jacob esclareceu. "O Quil que você conhece é meu primo de segundo grau".
"E porque importa quem eram os seus avós?"
"Porque Ephraim e Quil estavam no último bando. Levi Uley era o terceiro. Isso está no meu sangue dos dois lados. Eu nunca tive uma chance. Assim como Quil não tem uma chance".
A expressão dele era vazia.
"Qual é a melhor parte?", eu perguntei, esperando animá-lo.
"A melhor parte", ele disse, sorrindo de novo de repente. "É a velocidade".
"Melhor do que as motos?"
Ele balançou a cabeça, entusiasmado. "Não tem comparação".
"Quão rápido você pode...?"
"Correr?" ele terminou minha pergunta. "Rápido o suficiente. Como é que eu posso medir isso? Nós pegamos... como era o nome dele? Laurent? Eu imagino que isso seja mais do que pra outras pessoas".
Isso significava algo pra mim. Eu não conseguia imaginar isso - os lobos correndo mais rápido que os vampiros. Quando os Cullen correm, eles ficam nada menos que invisíveis com a velocidade.
"Então, me diga uma coisa que eu não sei", ele disse. "Alguma coisa sobre vampiros. Como foi que você aguentou, ficar ao redor deles? Isso não te assustou?"
"Não", eu disse curtamente.
Meu tom deixou ele pensativo por um momento.

"Diga, porque o seu sugador de sangue matou aquele James, afinal?" ele perguntou de repente.
"James estava tentando me matar - era como um jogo pra ele. Ele perdeu. Você se lembra da primavera passada quando eu estava no hospital em Phoenix?"
Jacob prendeu a respiração. "Ele chegou assim tão perto?"
"Ele chegou muito, muito perto". Eu toquei minha cicatriz. Jacob percebeu, porque ele segurou a mão que eu havia mexido.
"O que é isso?" Ele trocou as mãos, examinando a minha direita.
"Isso é a sua cicatriz engraçada, a fria" Ele olhou mais de perto, com outros olhos, e asfixiou.
Seus olhos incharam, e o rosto dele ficou de uma cor estranha, superficial, por baixo da cor de cobre. Parecia que ele estava prestes a passar mal.
"Mas se ele te mordeu...? Você não devia ser...?" Ele engasgou.
"Edward me salvou duas vezes", eu sussurrei. "Ele sugou o veneno pra fora - você sabe, como uma cascavél", eu me contorcí com a dor que se lançou nas beiras do buraco.
Mas eu não era a única me contorcendo. Eu podia sentir o corpo de Jacob tremendo todo perto do meu. Até o carro tremeu.
"Cuidado, Jake. Calma. Acalme-se".
"É", ele arquejou. "Calma". Ele balançou a cabeça pra frente e pra trás rapidamente. Depois de um momento, apenas as suas mãos estavam tremendo.
"Você tá bem?"
"É, quase. Me fale outra coisa. Me dê outra coisa pra pensar".
"O que você quer saber?"
"Eu não sei", ele estava com os olhos fechados, se concentrando. "As coisas extras, eu acho. Agum outro dos Cullen tem... talentos extras? Como ler mentes?"
Eu hesitei por um segundo. Essa parecia o tipo de pergunta que ele faria a sua espiã, não a sua amiga. Mas qual era a necessidade de esconder o que eu sabia? Isso não importava agora, e isso ajudaria ele a se controlar.
Então eu falei rapidamente, com a imagem do rosto arruinado de Emily na minha cabeça, e o cabelo dos meus braços se levantando. Eu não tinha idéia de como o lobo ruivo caberia dentro do Rabbit - Jacob ia acabar com a garagem inteira se ele se transformasse agora.
"Jasper conseguia... meio que controlar as emoções das pessoas ao seu redor. Não de um jeito ruim, só acalmar uma pessoa, esse tipo de coisa. Isso provavelmente ajudaria muito Paul", eu adicionei, brincando fracamente. "E depois Alice pode ver coisas que vão acontecer. O futuro, sabe, mas não absolutamente. As coisas que ela vê mudam quando as pessoas mudam o caminho onde estão..."
Como quando ela me viu morrendo... e ela havia visto eu me tornando uma deles. As duas coisas não haviam acontecido. E uma delas nunca iria.

Minha cabeça começou a girar - eu não parecia conseguir tirar oxigênio suficiente do ar. Sem pulmões.
Jacob estava inteiramente sobre controle agora, muito rígido ao meu lado.
"Porque você faz isso?", ele perguntou. Ele cutucou levemente em um dos meus braços, que estava agarrado no meu peito, e depois desistiu quando viu que eu não soltaria tão facilmente. "Você faz isso quando está chateada. Porque?"
"Dói pensar neles", eu sussurrei. "É como se eu não pudesse respirar... como se eu estivesse me quebrando em pedaços..." Era bizarro o quanto eu podia contar pra Jacob agora. Nós não tínhamos mais segredos.
Ele alisou meu cabelo. "Está tudo bem, Bella, está tudo bem. Eu não vou mais falar nisso. Me desculpe".
"Eu estou bem", eu asfixiei. "Acontece o tempo todo. Não culpa sua".
"Nós somos um par bem bagunçado, não somos?", Jacob disse. "Nenhum de nós consegue se segurar da maneira certa".
"Patético", eu concordei, ainda sem fôlego.
"Pelo menos nós temos um ao outro", ele disse, claramente confortado com o pensamento.
Eu estava confortada também. "Pelo menos tem isso", eu concordei.
E quando nós estávamos juntos, eu estava bem. Mas Jacob tinha um trabalho horrível, perigoso, que ele se achava compelido a fazer, então eu estava frequentemente sozinha, presa em La Push para a minha segurança, sem nada pra afastar minha mente das preocupações.
Eu me sentia estranha, sempre ocupando o espaço de Billy. Eu estudei um pouco para um teste de Cálculo que teria na semana que vem, mas não consegui ficar presa na metemática durante muito tempo.
Quando eu não tinha nada óbvio pra fazer nas mãos, eu me sentia obrigada a conversar com Billy - a pressão das regras normais da sociedade.
Mas Billy não era muito bom pra preencher silêncios longos, e então a estranheza continuava.
Eu tentei dar uma volta na casa de Emily na quarta á tarde, pra variar um pouco. No início foi bem legal. Emily era uma pessoa alegre que nunca ficava sentada.
Eu me arrastava atrás dela enquanto ele flutuava entre sua pequena casa e o quintal, esfregando o chão impecável, cortando uma pequena erva daninha, concertando uma dobradiça quebrada, recolocando um fio de lã num novelo velho, sempre cozinhando também. Ela reclamava um pouco do apetite crescente dos garotos por causa da corrida extra, mas era fácil ver que ela não se incomodava em cuidar deles.
Não era difícil estar com ela- afinal, agora nós duas eramos garotas lobo.

Mas Sam apareceu depois que eu fiquei lá por algumas horas. Eu só fiquei lá por tempo suficiente pra me certificar de que Jacob estava bem e de que não haviam novidades, e depois eu tive que escapar. A aura de amor e contentamento que cercava os dois era difícil de tomar em doses concentradas, sem ninguém ao seu redor para diluí-la.
Isso me deixou a opção de ir vadiar na praia, passeando na escosta de pedras pra frente e pra trás, de novo e de novo.
O tempo sozinha não era bom pra mim. Graças á nova honestidade com Jacob, eu estive falando e pensando demais nos Cullen. Não importava o quanto eu tentasse me distrair - e eu tinha muito no que pensar: eu estava honestamente e desesperadamente preocupada com Jacob e com seus irmãos-lobos, eu estava aterrorizada por Charlie e pelos outros que achavam que estavam caçando animais, eu estava me aproximando mais e mais de Jacob sem ter decidido conscientemente progredir nessa direção e não sabia o que fazer sobre isso - nenhuma dessas preocupações muito reais, muito merecedoras de pensamentos, muito opressoras, conseguiam tirar a minha cabeça da dor do meu peito por muito tempo. Eventualmente, eu nem conseguia mais caminhar, porque eu não conseguia mais respirar.
Eu me sentei num pedaço de rochas semi-secas e me cuvei numa bola.
Jacob me encontrou assim, eu podia ver pela expressão dele que ele entendia.
"Eu lamento", ele disse imediatamente. Ele me puxou do chão e passou ambos os braços pelos meus ombros. Eu não havia percebido que estava com frio até essa hora.
O calor dele me fez tremer, mas pelo eu podia respirar com ele lá.
"Eu estou arruinando as suas férias de primavera", Jacob se acusou enquanto caminhávamos de volta para a praia.
"Não, não está. Eu não tinha outros planos. De qualquer jeito, eu acho que não gosto de férias de primavera".
"Amanhã eu vou tirar a manhã de folga. Os outros podem correr sem mim. Nós vamos fazer alguma coisa divertida".
A palavra pareceu fora de contexto pra minha vida agora, mal era compreensível, era bizarro. "Divertida?"
"Diversão é exatamente o que você precisa. Hmm..." ele olhou para as ondas escuras, pensando. Enquanto os olhos dele olhavam para o horizonte, ele teve um flash de inspiração.
"Já sei!", ele anunciou. "Outra promessa a cumprir".
Ele soltou a minha mão e apontou na direção da costa oeste da praia, onde estavam as rochas planas, com formato de meia lua que acabavam nos recifes de corais transparentes. Eu olhei, sem compreender.
"Eu não prometí que te levaria pra mergulhar nos penhascos?"
Eu tremi.

"É, vai estar bem frio - não tão frio quanto está hoje. Você consegue sentir o tempo mudando? A pressão? Vai estar mais quente amanhã. Você tá a fim?"
A água escura não parecia convidativa, e, por esse ângulo, os penhascos pareciam ainda mais altos que antes.
Mas já faziam dias que eu não ouvia a voz de Edward.
Isso era provavelmente parte do problema. Eu estava viciada no som das minhas alucinações. As coisas pioravam se eu passava muito tempo sem ouví-las. Pular de um penhasco certamente ia remediar essa situação.
"Claro, eu estou a fim. Diversão".
"É um encontro", ele disse, e passou o braço ao redor dos meus ombros.
"Ok - agora vamos fazer você dormir um pouco". Eu não gostava do jeito como os círculos embaixo dos olhos dele pareciam estar grudados permanentemente na pele dele.
Eu acordei cedo na manhã seguinte e carreguei uma muda de roupas comigo para a caminhonete. Eu tinha a sensação de que Charlie aprovaria os planos de hoje tanto quanto ele aprovaria as motos.
A idéia de distração quase me deixou excitada. Talvez isso fosse divertido. Um encontro com Jacob, um encontro com Edward... eu sorrí obscuramente pra mim mesma. Jake podia dizer o que quisesse sobre nós sermos um par bagunçado- mas era eu que era realmente bagunçada. Eu fazia um lobisomem parecer absolutamente normal.
Eu esperei que Jacob esperasse por mim na frente, do jeito que ele sempre fazia quando minha caminhonete barulhenta anunciava a minha chegada. Quando ele não apareceu, eu imaginei que talvez ele ainda estivesse dormindo. Eu ia esperar - deixar ele descansar o quanto pudesse. Ele precisava do sono, e isso ia dar tempo pro dia esquentar mais. No entanto, Jake estava certo sobre o tempo; ele havia mudado durante a noite.
Uma grossa camada de nuvens se apertava na atmosfera agora, deixando ela quase abafada; estava quente e aconchegante em baixo do cobertor cinza. Eu deixei meu suéter na caminhonete.
Eu batí baixinho na porta.
"Entre, Bella", Billy disse.
Ele estava na mesa da cozinha, comendo cereal frio.
"Jake tá dormindo?"
"Er, não", ele abaixou sua colher, e suas sobrancelhas se apertaram.
"O que aconteceu?" Eu quis saber. Eu podia dizer pela expressão dele que alguma coisa havia acontecido.
"Embry, Jared e Paul cruzaram numa trilha fresca essa manhã. Sam e Jake foram ajudar. Sam estava esperançoso - ela está indo na direção das montanhas. Ele acha que eles têm uma boa chance de acabar com isso".
"Oh, não, Billy", eu cochichei. "Oh, não".
Ele gargalhou, profundamente e baixo. "Você realmente gosta tanto de La Push que quer permanecer presa aqui?"

"Não faça piadas, Billy. Isso é assustador demais pra isso".
"Você está certa", ele concordou, ainda complacente. Seus olhos anciões eram impossíveis de ler. "Essa é difícil".
Eu mordí meu lábio.
"Não é tão perigoso pra eles quanto você pensa que é. Sam sabe o que está fazendo. É com você mesma que você devia se preocupar. A vampira não quer lutar com eles. Ela só está tentando despistá-los... pra chegar até você".
"Como é que Sam sabe o que está fazendo?" Eu quis saber, colocando de lado a sua preocupação por mim. "Eles só mataram um vampiro - aquilo pode ter sido sorte".
"Nós levamos muito a sério o que fazemos, Bella. Nada foi esquecido. Tudo o que eles sabem foi passado de pai pra filho por gerações".
Isso não me confortou do jeito que ele provavelmente intencionava. A memória de Victória, selvagem, parecendo uma gata, letal, estava forte demais na minha cabeça. Se ela não conseguisse passar pelos lobos, ele eventualmente iria passar por cima deles.
Billy voltou para o seu café da manhã; eu me sentei no sofé e fiquei passando os canais da Tv á toa. Isso não durou muito tempo. Eu comecei a me sentir fechada na sala pequena, claustrofóbica, chateada pelo fatop de que eu não conseguia enxergar através das cortinas da janela.
"Eu vou estar na praia", eu disse pra Billy abruptamente, e corrí para a porta.
Estar do lado de fora não me ajudou tanto quanto eu esperava. As nuvens empurravam um peso invisível que não permitia que a claustrofobia fosse embora. A floresta parecia estranhamente vazia enquanto eu caminhava na direção da praia. Eu não vía os animais - nada de pássaros, nada de esquilos. Eu também não ouvia os pássaros.
O silêncio era melancólico; não havia nem o som do vento nas árvores.
Eu sabia que isso era só um produto do tempo, mas isso ainda me deixou nervosa. A pressão pesada, quente da atmosfera era perceptível até para os meus fracos sensos humanos, e isso significava algo mais no departamento climático. Uma olhada para o céu levou minhas suspeitas embora; as nuvens estavam se agitando pregiçosamente apesar do pouco vento que havia no chão. As nuvens mais próximas era de uma cor cinza de fumaça, mas entre as aberturas, eu podia ver uma outra camada que era de uma horrível cor roxa. Os céus tinham um horrível plano pra hoje. Os animais deviam estar se escondendo.
Assim que eu cheguei na praia, eu desejei não ter vindo - eu já tinha aguentado esse lugar o suficiente.
Eu havia estado aqui quase todos os dias, vagando sozinha. Será que isso era tão diferente dos meus pesadelos? Mas onde mais eu poderia ir? Eu me abaixei para a árvore de salgueiro, e me sentei no seu fim pra poder me encostar nas raízes emaranhadas. Eu olhei para o céu

raivoso sangrando, esperando que as primeiras gotas de chuva quebrassem a quietude.
Eu tentei não pensar no perigo que Jacob e seus amigos estavam correndo. Porque nada podia acontecer com Jacob. O pensamento era insuportável. Eu já havia perdido muito - será que o destino iria levar embora os únicos trapos de paz que foram deixados pra trás?
Isso parecia injusto, fora de equilíbrio. Mas talvez eu tivesse violado alguma regra desconhecida, crusado alguma linha que havia me condenado. Talvez fosse errado estar envolvida com tantos mitos e lendas, para a minha volta para o mundo dos humanos. Talvez...
Não. Nada aconteceria com Jacob. Eu tinha que acreditar nisso ou nunca seria capaz de funcionar direito.
"Argh!", eu rosnei, e pulei pra fora do tronco. Eu não podia ficar sentada, isso era pior que ficar vagando.
Eu realmente estava contando com ouvir Edward essa manhã. Parecia que essa era a única coisa que faria esse dia suportável de viver.
O buraco estava em chamas ultimamente, como se ele estivesse se vongando pelos momentos em que a presença de Jacob o acalmava. As ectremidades queimavam.
As ondas aumentaram enquanto eu andava, começando a se chocarem com as rochas, mas ainda não havia nenhum vento. Eu me sentí esmagada pela pressão da tempestade. Tudo estava girando ao meu redor, mas eu estava perfeitamente imóvel onde estava. O ar sofreu um leve alteração elétrica - eu podia sentir a estática nos meus cabelos.
Á distância, as ondas estavam mais raivosas do que estavam na costa.
Eu podia ver elas banhando a fila de precipícios, espalhando grandes nuvens brancas que saiam do mar em direção ao céu.
Ainda não havia nenhum movimento no ar, apesar das nuvens estarem se movendo mais rapidamente agora.
Era uma vista melancólica - como se as nuvens estivessem se movendo por vontade própria. Eu tremí, apesar de saber que isso era só um truque da pressão.
Os precipícios pareciam a ponta de uma faca preta indo contra o céu lívido. Olhando pra eles, eu me lembrei do dia em que Jacob me contou sobre Sam e sua "gangue". Eu pensei nos garotos - nos lobisomens - jogando a sí mesmos no espaço vazio. As imagens das figuras caindo, rodopiando, ainda estavam vívidas na minha mmemória. Eu imaginei a liberdade infinita da queda... eu imaginei o jeito como a voz de Edward soaria na minha cabeça - furiosa, aveludada, perfeita... A queimadura no meu peito ardendo de forma agonizante.
Tinha que haver um jeito de extinguir isso. A dor estava mais intolerável a cada segundo. Eu olhei para os precipícios e para as ondas batendo.
Bem, porque não? Porque não extinguí-lo agora?

Jacob havia me prometido o mergulho nos penhascos, não havia? Só porque ele não estava disponível, será que eu devia abrir mão da distração que eu precisava tanto - e precisa ainda mais porque Jacob estava arriscando sua vida?
Se arriscando, em essencia, por mim. Se não fosse por mim, Victória não estaria matando pessoas aqui... só alguma outra pessoa, em um lugar distante. Se alguma coisa acontecesse com Jacob, seria minha culpa. Essa realização me atingiu profundamente como uma facada e eu saí correndo pela estrada na direção da casa de Billy, onde minha caminhonete estava esperando.
Eu sabia o caminho para a rua que passava mais próxima dos penhascos, mas eu tive que fazer um pequeno desvio para o caminho que me levaria á beira deles.
Enquanto eu seguia por aí, eu procurei por retornos ou encruzilhadas, sabendo que Jake havia planejado me levar para o penhasco mais baixo e não para o mais, mas o caminho acabava numa única linha fina na direção dos penhascos me deixando sem opção.
Eu não tinha tempo pra procurar outro caminho pra baixo - a tempestade estava se movendo mais rapidamente agora.
O vento finalmente havia começado a me tocar, as nuvens se aproximando ainda mais do chão. Assim que eu cheguei no fim do caminho de terra que levava ao precipício de pedra, as primeiras gotas começaram a cair e bater no meu rosto.
Não foi muito difícil me convencer de que eu não tinha tempo pra procurar outro caminho - eu queria pular do topo. Essa era a imagem que havia ficado grudada na minha cabeça. Eu queria a longa queda que faria parecer que eu estava voando.
Eu sabia que essa era a coisa mais estúpida e irresponsável que eu já havia feito. Esse pensamento me fez sorrir. A dor já estava se acalmando, como se o meu corpo soubesse que a voz de Edward estava a apenas alguns segundos de distância...
O oceano parecia muito distante, de alguma forma mais do que antes, quando eu estava passeando perto da árvore. Eu fiz uma careta quando pensei na provável temperatura da água. Mas eu não ia deixar isso me impedir.
O vento soprava mais forte agora, soprando a chuva como um redemoinho ao meu redor.
Eu pisei na beira do precipício, mantendo meus olhos no espaço vazio á minha frente. Meus pés seguiram em frente cegamente, acariciando a margem da pedra quando a encontraram. Eu respirei fundo e segurei a respiração... esperando.
"Bella"
Eu sorrí e exalei.
Sim? Eu não respondí em voz alta, com medo que o som da minha voz alta fizesse a minha linda ilusão desaparecer. Ele parecia tão real, tão próximo. Era só quando mentir era reprovável como nessa hora que eu conseguia ouvir a memória real da sua voz - a textura aveludada, a entonação musical que fazia a mais perfeita das vozes.

"Não faça isso", ele implorou.
Você queria que eu fosse humana, eu lembrei ele. Bem, me observe.
"Por favor. Por mim".
Mas de outro jeito você não vai ficar comigo.
"Por favor", era só um sussurro na chuva forte que soprava os meus cabelos e encharcava as minhas roupas - me deixando tão molhada como se eu estivesse dando o segundo mergulho do dia.
Eu rolei nos calcanhares.
"Não, Bella!", ele estava com raiva agora, e a raiva era tão adorável.
Eu sorrí e ergui meus braços pra fora, como se eu fosse mergulhar, levantando o meu rosto para a chuva.
Mas eu estava bem treinada demais por causa dos anos de piscinas públicas - pés primeiro, primeira vez. Eu me inclinei para a frente, me abaixando pra conseguir mais impulso...
E me joguei no penhasco.
Eu gritei enquanto caia no espaço como um meteoro, mas era um grito de exitação, não de medo. O vento resistiu, tentando inutilmente lutar contra a invencível gravidade, se empurrando contra mim e me girando em espirais como um foquete caindo na terra.
Sim! A palavra ecoou na minha cabeça enquanto eu entrava cortando na superfície da água. Ela estava mais fria, mais gelada do que eu temia, e mesmo assim o frio só aumentou a adrenalina.
Eu estava orgulhosa de mim mesma enquanto mergulhava mais fundo na água negra congelante. Eu não tive nenhum momento de terror - só pura adrenalina. Realmente, a queda não foi nem um pouco assustadora. Onde estava o desafio?
Foi aí que a corrente me pegou.
Eu estive tão preocupada com o tamanho dos penhascos, com o óbvio perigo da sua altura, das suas faces afiadas, que eu não havia me preocupado nem um pouco com a água negra esperando. Eu nunca sonhei que a verdadeira ameaça estivesse embaixo de mim, embaixo da maré alta.
Eu sentí que as ondas estavam brigando comigo, me jogando pra frente pra trás, como se estivessem determinadas a se juntarem pra me partir ao meio.
Eu sabia o jeito certo de evitar a maré cheia: era melhor nadar paralelamente até a praia do que lutar pra chegar na praia. Mas esse conhecimento não ajudou muito já que eu não sabia pra que lado a costa estava.
Eu nem sabia dizer pra que lado estava a superfície.
A água raivosa era preta em todas as direções; não havia nem um brilho pra me guiar. A gravidade era toda poderosa quando lutava com o ar, mas ela não era nada nas ondas - eu não conseguia me sentir sendo puxada pra baixo, ser guiada em nenhuma direção.
Eu só podia sentir o banho das correntes que me jogavam pra lá e pra cá como se eu fosse uma boneca de pano.
Eu lutei pra manter o meu ar pra dentro, pra manter os meus lábios selados na minha última reserva de oxigênio.

Não me surpreendeu que a minha ilusão de Edward estava lá. Ele me devia muito, levando em consideração que eu estava morrendo. Eu estava supresa de ver o quanto esse conhecimento era certo. Eu ia me afogar. Eu estava me afogando.
"Continue nadando!" Edward implorou urgentemente na minha cabeça.
Pra onde? Não havia nada além da escuridão. Não havia nenhum lugar pra nadar
"Pare com isso!", ele ordenou. "Não se atreva a desistir!"
A água gelada estava deixando meus braços e pernas dormentes. Eu nem sentia mais as ondas batendo. Agora era mais como uma vertigem, como um rodopio sem esperança na água.
Mas eu escutei ele. Eu forcei meus braços a continuarem avançando, minhas pernas a chutarem com mais força, apesar de estar indo para uma direção diferente a cada segundo. Isso não estava levando a nada. Qual era o ponto?
"Lute!", ele gritou. "Droga, Bella, continue lutando".
Porque?
Eu não queria mais lutar. E não era a cabeça leve, o frio, e nem os meus braços falhando quando os meus musculos desistíram de exaustão, que me deixaram contente por estar aqui onde eu estava. Eu estava quase feliz por estar tudo acabado. Essa era uma morte mais fácil do que as outras que eu enfrentei. Estranhamente tranquila.
Eu pensei brevemente nos clichés, de como você devia ver a sua vida passando na frente dos seus olhos. Eu tinha muito mais sorte. Quem queria ver um replay, afinal?
Eu via ele, e eu não tinha vontade de lutar. Era tão claro, quase mais definido do que qualquer memória. Meu subconsciente havia guardado Edward com perfeição de detalhes, guardando ele para esse momento final.
Eu podia ver seu rosto perfeito como se ele estivesse realmente lá; o tom exato da sua pele gelada, o formato dos seus lábios, a linha da sua mandíbula, o brilho nos seus furiosos olhos dourados.
Ele estava com raiva, naturalmente, por eu estar desistindo. Seus dentes estavam trincados e suas narinas estavam infladas de raiva.
"Não! Bella, não!"
Meus ouvidos estavam cheios da água gelada, mas a voz dele estava mais clara que nunca. Eu ignorei as palavras dele e tentei me concentrar no som da sua voz. Porque eu iria lutar quando estava tão feliz por estar aqui?
Mesmo com os meus pulmões queimando por mais ar e com minhas pernas congeladas pela água fria, eu estava feliz. Eu havia me esquecido do que é a verdadeira felicidade.
Felicidade. Isso fazia toda a coisa de estar morrendo ser bem suportável.
A corrente ganhou nesse momento, me jogando abruptamente contra alguma coisa dura, uma rocha invisível na escuridão. Ela bateu

solidamente no meu peito, me atingindo como uma barra de ferro, e então o ar foi roubado dos meus pulmões, escapando com uma grossa nuvem de bolhas prateadas.
A água entrou pela minha garganta, me engasgando e queimando. A barra de aço parecia estar me arrastando, me puxando pra longe de Edward, mais profundamente para a escuridão, para o fundo do oceano.
Adeus, eu te amo, foi meu último pensamento.

16. Paris

Nesse momento, minha cabeça atingiu a superfície.
Que desorientador. Eu tinha certeza que estava afundando.
A corrente não puxaria pra cima. Ela estava me jogando contra as rochas; elas batiam no centro das minhas costas asperamente, ritmadamente, expulsando a água dos meus pulmõs. Eu cuspí um imenso volume, haviam correntes de água brotando da minha boca e do meu nariz.
O sal queimava e meus pulmões ardiam e minha garganta estava cheia de água demais pra me deixar respirar, e as rochas machucavam minhas costas. De alguma forma eu fiquei parada em um só lugar, apesar das ondas ainda estarem batendo em mim. Eu não conseguia ver nada além da água em todo lugar, alcançando o meu rosto.
"Respire!", a voz, selvagem de ansiedade, ordenou, e eu sentí uma cruel facada de dor quando eu reconhecí a voz - porque ela não era de Edward.
Eu não consegui obedecer. A cascata de água que saía da minha boca ainda não havia diminuido o suficiente pra me deixar respirar. A água preta, gelada enchia meu peito, me queimando.
A rocha bateu nas minhas costas de novo, bem no meio dos meus ombros, e outra onda de água me asfixiou quando saiu dos meus pulmões.
"Respire, Bella! Vamos!", Jacob implorou.
Pontos pretos atravessaram minha visão, ficando maiores e maiores, bloqueando a luz.
A rocha me atingiu de novo.
A rocha não era fria como a água; ela era quente na minha pele. Eu me dei conta de que era a mão de Jacob, tentando bater a água pra fora dos meus pulmões. A barra de aço que havia me arrastado de dentro do mar também era... quente... Minha cabeça rodou, os pontos pretos cobriam tudo....
Então eu estava morrendo de novo? Eu não gostei disso - isso não foi tão bom quanto da última vez. Agora estava apenas escuro, não havia nada que valesse a pena olhar aqui. O som das ondas desapareceu na escuridão e se tornou um *whoosh* silencioso, uniforme que parecia estar vindo de dentro dos meus ouvidos...
"Bella?", Jacob perguntou, a voz dele ainda estava tensa, mas não tão selvagem quanto antes.
"Bells, querida, você pode me ouvir?"
Os conteúdos na minha cabeça se reviraram e rolaram de forma doentia, como se tivessem se misturado com a água...
"Por quanto tempo ela esteve insconsciente?", alguém mais perguntou.
A voz que não era de Jacob me chocou, me deixou mais focada na

consciencia.
Eu me dei conta de que estava rígida. Não havia nenhum sinal da corrente sobre mim - as ondas estavam dentro da minha cabeça.
A superfície embaixo de mim era plana e estava imóvel. Ela pareceu áspera nos meus braços nus.
"Eu não sei", Jacob informou, ainda frenético. A voz dele estava muito próxima. As mãos dele - tão quentes que tinham que ser dele - tirou o cabelo molhado do meu rosto. "Alguns minutos? Eu não demorei muito pra seguir ela até a praia".
O quieto *whoosh* dentro dos meus ouvidos não era o das ondas - era o ar se movendo pra dentro e pra fora dos meus pulmões de novo. Cada respiração queimava - os canais de passagem estavam parecendo em carne viva, como se eu os tivesse esfregado com lã de aço.
Mas eu estava respirando.
E eu estava congelando. Um milhão de pequenos pedaços de gelo, afiados, estavam passando pelo meus rosto e pelos meus braços, tornando o frio ainda pior.
"Ela está respirando. Ela vai acordar. No entanto, ela pode pegar um resfriado. Eu não gosto da cor que ela está ficando..." Eu reconhecí a voz de Sam dessa vez.
"Você acha que tudo bem mover ela?"
"Ela não machucou as costas ou alguma outra coisa quando caiu?"
"Eu não sei".
Eles hesitaram.
Eu tentei abrir os olhos. Me levou um minuto, mas eu conseguí ver as nuvens escuras, roxas, jorrando a chuva congelante em cima de mim. "Jake?", eu resmunguei.
O rosto de Jacob bloqueou o céu. "Oh!", ele asfixiou, o alíviou lavou sua expressão. Os olhos dele estavm molhados com a chuva.
"Oh, Bella! Você está bem? Você consegue me ouvir? Você está machucada em algum lugar?"
"S-só a m-minha garganta", eu gaguejei, meus lábios tremendo com o frio.
"Vamos tirar você daqui, então", Jacob disse.
Ele passou os braços por baixo de mim e me levantou sem esforço - como se estivesse pegando uma caixa vazia. O peito dele estava nu e quente; ele curvou os ombros pra evitar que a chuva caísse em mim. Minha cabeça descansou no braço dele. Eu encarei a água de novo com um olhar vazio, ela estava batendo na areia atrás dele.
"Você pegou ela?", eu ouví Sam perguntar.
"É, eu cuido dela daqui. Volte para o hospital. Eu me junto a vocês mais tarde. Obrigado, Sam".
Minha cabeça ainda estava rolando. Nenhuma das suas palavras fez sentido no começo. Sam não respondeu. Não houve nenhum som, e eu imaginei se ele já tinha ido embora.
A água lambia e marcava a areia atrás de nós enquanto Jacob me carregava de lá, como se ela estivesse zangada por eu ter escapado.

Enquanto eu olhava cautelosamente, um brilho de cor chamou a atenção dos meus olhos - um pequeno flash de fogo estava dançando na água, lá perto da baía. A imagem não fazia sentido, e eu me perguntei o quão consciente eu realmente estava.
Minha cabeça rodava com as memórias da água preta, dançante - as memórias de estar tão perdida que eu não conseguia encontrar o caminho pra cima ou pra baixo. Tão perdida... mas de alguma forma Jacob...
"Como você me encontrou?", eu raspei.
"Eu estava procurando você", ele me disse. Ele estava meio que correndo no meio da chuva, pela praia e á caminho da estrada.
"Eu segui as trilhas de pneu da sua caminhonete, e então eu te ouví gritar..." Ele tremeu. "Porque você pulou, Bella? Você não percebeu que havia um furacão se formando aqui? Você não podia ter me esperado?" A raiva encheu o tom dele quando o alívio foi desaparecendo.
"Me desculpe", eu murmurei. "Foi estúpido".
"É, foi *muito* estúpido", ele concordou, gotas de chuva escapando levremente pelo seu cabelo enquanto ele balançava a cabeça. "Olha, você se incomoda de deixar pra fazer as coisas estúpidas quando eu estiver por perto? Eu não vou ser capaz de me concentrar se eu pensar que você está pulando de penhascos na minhas costas".
"Claro", eu concordei.
"Sem problema" Eu soava como uma fumante descontrolada. Eu tentei limpar minha garganta - e então gemí; limpar a garganta foi como enfiar uma faca lá. "O que aconteceu hoje? Você... encontrou *ela?*" Foi minha vez de tremer, apesar de não estar tão frio aqui, bem perto do corpo ridiculamente quente dele.
Jacob balançou a cabeça. Ele ainda estava mais correndo do que andando enquanto ele andava na estrada a caminho da sua casa.
"Não. Ela escapou pela água - os sugadores de sangue tê vantagem lá.
Foi por isso que eu voltei pra casa correndo- Eu estava com medo que ela chegasse antes de mim nadando. Você passa tanto tempo na praia..." Ele parou de falar, um caroço na garganta.
"Sam voltou com você... todos os outros estão em casa também?" Eu esperava que eles ainda não estivessem procurando por ela.
"É. Mais ou menos".
Eu tentei ler a expressão dele, pingando por causa da chuva torrencial.
As palavras que não faziam sentido antes, de repente fizeram. "Você disse... hospital. Antes, pra Sam. Alguém está machucado? Ela lutou com vocês?" Minha voz pulou um oitavo, soando estranha com a rouquidão.
"Não, Não. Quando nós voltamos, Em estava esperando com notícias. É Harry Clearwater. Harry teve um ataque do coração essa manhã".
"Harry?", eu balancei minha cabeça, tentando absorver o que ele estava dizendo. "Oh, não! O Charlie já sabe?"

"É. Ele está lá também, com meu pai".
"Harry vai ficar bem?"
Os olhos de Jacob se apertaram de novo. "Ele não parece muito bem agora".
Abruptamente, eu me sentí doente de culpa - me sentí horrivel pelo mergulho sem cérebro do penhasco. Ninguém precisava ficar se preocupando comigo agora. Que hora estúpida pra ser irresponsável.
"O que eu posso fazer?", eu perguntei.
Nesse momento a chuva parou. Eu não me dei conta de que já estávamos na casa de Jacob até que ele passou pela porta. A tempestade batia no telhado.
"Você pode ficar *aqui*", Jacob disse enquanto me colocava no pequeno sofá. "Eu falo sério - bem aqui. Eu vou pegar roupas secas pra você".
Eu deixei meus olhos se ajustarem á escuridão da sala enquanto Jacob ia caminhando para o seu quarto.
Arestrita sala da frente parecia muito vazia sem Billy, quase desolada. Era estranhamente ominoso - provavelmente porque eu sabia onde ele estava.
Jacob estava de volta em segundos. Ele jogou um pilha de algodão cinza em cima de mim. "Isso vai ficar enorme em você, mas ainda é o melhor que arranjei. Eu, er, vou lá pra fora pra você se trocar".
"Não vá pra lugar nenhum. Eu ainda estou muito cansada pra me mexer.
Só fique comigo".
Jacob se sentou no chão ao meu lado, com as costas no sofá. Eu me perguntei quando foi a última vez que ele dormiu. Ele parecia tão exausto quanto eu me sentia.
Ele inclinou a cabeça numa almofada próxima á minha e bocejou. "Eu acho que posso descansar por um minuto..."
Os olhos dele se fecharam. Eu deixei os meus se fecharem também.
Pobre Harry. Pobre Sue. Eu sabia que Charlie ficaria ao lado deles. Harry era um dos seus melhores amigos. Apesar da negatividade com que Jake encarava as coisas, eu esperava ferventemente que Harry saísse dessa. Pra o bem de Charlie. Por Sue e Leah e Seth...
O sofá de Billy era próximo do aquecedor, e eu estava aquecida agora, apesar das minhas roupas molhadas.
Meus pulmões doiam me levando mais para a inconsciência do que me mantendo acordada.
Eu me perguntei vagamente se era errado dormir... ou eu estava me afundando com a confusão das concussões...?
Jacob começou a roncar levemente, e o som me acalmou como uma canção de ninar. Eu peguei no sono rapidamente.
Pela primeira vez em muito tempo, os meus sonhos foram só sonhos normais.
Só uma vaga passagem borrada nas minha lembranças passadas - visões que me cegavam do sol brilhante de Phoenix, o rosto da minha mãe, uma casa da árvore ainda aos pedaços, uma colcha velha, uma

sala de espelhos, uma chama em cima da água preta... eu esqueci cada uma delas quando a figura mudou.
A última figura foi a única que ficou grudada na minha cabeça. Ela era sem importância - só um cenário num palco.
Um balcão no meio da noite, uma lua pintada no céu. Eu observei a garota na sua camisola se inclinar na grande e falar consigo mesma. Sem importância... mas quando eu lutei pra voltar á consciência, Julieta apareceu na minha mente.
Jacob ainda estava adormecido; ele havia caido no chão e a respiração dele era profunda e uniforme. A casa estava mais escura agora do que estava antes, estava escuro do lado de fora da janela.
Eu estava rígida, mas aquecída e quase seca. A parte de dentro da minha garganta ardia toda vez que eu respirava.
Eu ia ter que levantar - pelo menos pra pegar uma coisa pra beber. Mas o meu corpo só queria ficar aqui deitada, pra nunca mais levantar.
Ao invés de me mover, eu pensei um pouco mais em Julieta.
Eu iamginei o que ela teria feito se Romeu tivesse abandonado ela, não porque ele foi banido, mas porque ele havia perdido o interesse. E se Rosalie tivesse feito ele se apaixonar de novo, e ele mudasse de idéia? E se, ao invés de casar com Julieta, ele tivesse desaparecido?
Eu pensei em como Julieta teria se sentido.
Ela não voltaria para a sua vida antiga, não mesmo. Ela não teria nem dado a volta por cima, disso eu tinha certeza. Mesmo se ela vivesse até estar velha e cinza, todas as vezes que ela fechasse os olhos, seria os olhos de Romeu que ela veria por trás das suas pálpebras. Ela teria aceitado isso, eventualmente.
Eu me perguntei se ela teria se casado com Paris, no final, só para agradar seus pais, pra manter a paz.
Não, provavelmente não, eu decidí. Mas também, a história não falava muito sobre Paris. Ele era só uma figura de canto - um segurador de vela, uma ameaça, uma última opção para forçá-la a casar.
E se houvesse mais pra Paris?
E se Paris fosse amigo de Julieta? O melhor amigo dela? E se ele fosse o único a quem ela pudesse confidenciar as coisas devastadoras sobre Romeu? A única pessoa que poderia realmente entendê-la e fazê-la se sentir meio humana de novo? E se ele fosse paciente e gentil? E se ele tomasse conta dela?
E se Julieta soubesse que não poderia sobreviver sem ele? E se ele realmente amasse ela, e quisesse que ela fosse feliz?
E... se ela amasse Paris? Não como Romeu. Nada assim, é claro. Mas o suficiente pra que ela quisesse que ele fosse feliz também?
A respiração lenta, profunda de Jacob era o único som na sala - como uma canção de ninar cantarolada para uma criança, como o barulho de uma cadeira de balanço, como o tique taque de um velho relógio quando você não tem nenhum outro lugar pra onde você precisa ir... era o som do conforto.

Se Romeu realmente tivesse ido embora, pra nunca mais voltar, iria realmente importar se ela tivesse aceitado ou não a proposta de Paris? Talvez ela tivesse que se virar com as sobras da sua vida que foram deixadas pra trás. Talvez isso fosse o mais próximo da felicidade que ela pudesse chegar.
Eu suspirei, e depois gemí quando o suspiro arranhou minha garganta.
Eu estava lendo essa história demais. Romeu não ia mudar de idéia. Era por isso que as pessoas ainda lembravam o nome dele, sempre entrelaçado com o dela: Romeu e Julieta. É por isso que era uma boa história. "Julieta é passada pra trás por Romeu e fica com Paris" nuca teria dado certo.
Eu fechei os meus olhos e me deixei levar de novo, deixando minha mente vagar dessa estúpida peça na qual eu não queria pensar. Ao invés disso, eu pensei na realidade - sobre pular do penhasco e o erro estúpido que isso havia sido. E não apenas o penhasco, mas também as motos e aquela coisa toda de ser irresponsável. E se alguma coisa tivesse acontecido comigo? O que teria sido de Charlie?
O ataque do coração de Charlie havia de repente colocado as coisas numa nova perspectiva pra mim. Uma perspectiva que eu não queria ver - porque se eu admitisse a verdade nisso - isso significaria que havia mudado o meu jeito. Será que eu poderia viver assim?
Talvez. Não seria fácil; de fato, seria uma vertente miserável ter que desistir das minhas alucinações.
Mas eu tinha que fazer isso. E talvez eu pudesse. Se eu tivesse Jacob. Eu não podia tomar esse decisão agora. Ia doer demais. Eu pensaria em outra coisa.
Imagens da minha tarde como dublê de filmes continuaram passando na minha cabeça enquanto eu tentava pensar em alguma coisa agradável...
a sensação do ar enquanto eu caia, a escuridão da água, a força das correntes... o rosto de Edward... eu fiquei presa aí por um longo tempo. As mãos quentes de Jacob, tentando trazer a vida de volta pra mim... a chuva torrencial que caia das nuvens roxas... o estranho fogo nas ondas...
Havia alguma coisa de familiar naquele flash de cor no topo da água. É claro que não podia realmente ser fogo -
Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de um carro andando na lama da estrada lá fora. Eu ouví o carro parar do lado de fora, e as portas começando a se abrir e se fechando.
A voz de Billy era fácil de identificar, mas ele a mantinha descaracteristicamente baixa, então ela era apenas um murmúrio grave.
A porta se abriu, e um pouco de luz entrou. Eu pisquei, momentaneamente cega. Jake começou a acordar, suspirando e pulando pra ficar de pé.
"Desculpa", Billy rosnou. "Nós acordamos vocês?"

Meus olhos lentamente se focaram no rosto dele, e então, quando eu conseguí ler a expressão dele, eles se encheram de légrimas.
"Oh, não, Billy!", eu gemí.
Ele balançou a cabeça lentamente, a expressão dele estava dura de dor. Jake correu para o seu pai e pegou uma das suas mãos. A dor fez o rosto dele ficar repentinamente infantil - parecia estranho no topo do corpo de um homem.
Sam estava bem atrás de Billy, empurrando a cadeira dele pela porta. A compostura que era normal nele, agora estava ausente do seu rosto agoniado.
"Eu lamento muito", eu sussurrei.
Billy acenou com a cabeça. "Será difícil pra todos".
"Onde está Charlie?"
"Seu pai ainda está no hospital com Sue. Têm muitos... arranjos a serem feitos".
Eu engolí seco.
"É melhor eu voltar pra lá", Sam murmurou, e saiu apressadamente pela porta.
Billy tirou sua mão da de Jacob e levou sua cadeira pela cozinha em direção ao seu quarto.
Jake ficou olhando pra ele por alguns minutos, e deposi veio se sentar no chão a meu lado de novo. Ele colocou o rosto nas mãos. Eu esfreguei o ombro dele, desejando poder pensar em alguma coisa pra dizer.
Depois de um longo momento, Jake pegou minha mão e colocou em seu rosto.
"Como você está se sentindo? Você está bem? Eu provavelmente devia ter te levado pra um médico ou alguma coisa assim", ele suspirou.
"Não se preocupe comigo", eu grasnei.
Ele virou a cabeça pra olhar pra mim. Os olhos dele estavam muito vermelhos. "Você não parece muito bem".
"Eu também não me sinto muito bem, eu acho".
"Eu vou pegar a sua caminhonete e depois te levar pra casa - provavelmente é melhor você estar em casa quando Charlie chegar".
Certo.
Eu fiquei indiferente deitada no sofá enquanto esperei por ele. Billy estava em silêncio no quarto. Eu me sentí como uma intrusa, espiando pelas rachaduras de uma tristeza que não era minha.
Jake não demorou muito. O ronco do motor da minha caminhonete quebrou o silêncio antes do que eu esperava. Ele me ajudou a levantar do sofá sem falar nada, mantendo seus braços ao redor dos meus ombros quando o ar gelado me fez tremer.
Ele foi para o lado do motorista sem pedir, e depois me puxou para o lado dele pra manter o seu braço bem apertado ao meu redor. Eu inclinei minha cabeça no peito dele.
"Como é que você vai voltar pra casa?", eu perguntei.

"Eu não vou pra casa. Nós ainda não pegamos a sugadora de sangue, lembra?"
Meu próximo arrepio não teve nada a ver com o frio.
Depois disso a viagem foi silenciosa. O ar gelado havia me despertado. Minha mente estava alerta, e estava trabalhando muito duro e muito rápido.
E se fosse? O que era a coisa certa a fazer?
Eu não conseguia imaginar minha vida sem Jacob agora - eu afastei a idéia de sequer ter que pensar nisso. De alguma forma, ele havia se tornado essecial para a minha sobreviência.
Mas deixar as coisas do jeito como estavam... isso era cruel, como Mike havia acusado?
Eu me lembrei de ter desejado que Jacob fosse meu irmão. Eu me dei conta agora que o que eu queria era ter direitos sobre ele. Eu não me sentia muito fraternal quando ele me abraçava assim. Só era bom - quente e confortável e familiar. Seguro. Jake era um porto seguro. Eu podia clamar ele. Eu tinha esse poder.
Eu teria que contar tudo a ele, eu sabia disso. Era a única forma de ser justa. Eu teria que explicar direito, pra que assim ele soubesse que eu não estava me apegando, pra que ele soubesse que ele era bom demais pra mim.
Ele já sabia que eu estava quebrada, essa parte não surpreenderia ele, mas ele teria que saber a extensão disso. Eu teria que admitir que estava louca - explicar sobre as vozes que ouvia. Ele precisar ai saber de tudo antes de tomar a decisão.
Mas, mesmo que eu reconhecesse essa necessidade, eu sabia que ele me aceitaria apesar de tudo isso. Ele não ia nem parar pra pensar. Eu teria que me comprometer com isso - comprometer tudo que havia restado de mim, cada um dos pedaços quebrados. Era aúnica forma de ser justa com ele. Eu faria isso? Eu poderia?
Seria assim tão errado fazer Jacob feliz? Mesmo que o amor que eu sentia por ele não fosse nem um eco fraco do que eu era capaz, mesmo que o meu corações estivesse distante, vagando e lamentando pelo meu Romeu fujão, seria assim tão errado?
Jacob aprou a caminhonete na frente da minha casa escura e desligou o motor, então tudo ficou repentinamente silencioso. Como em tantas outras vezes, ele parecia estar em sintonia com os meus pensamentos agora.
Ele colocou seu braço ao meu redor, me apertando contra o seu peito, me colando nele. De novo, isso foi bom. Quase como se uma pessoa inteira de noovo.
Eu pensei que ele estaria pensando em Harry, mas depois ele falou, e o seu tom pedia perdão.
"Me desculpe. Eu sei que você não se sente exatamente como eu me sinto, Bella. Eu juro que não me importo. Eu estou tão feliz por você estar bem que eu podia cantar - e isso é uma coisa que ninguém vai querer ouvir". Ele deu sua risada gutural no meu ouvido.

Minha respiração deu um pulo, secando as paredes da minha garganta.
Edward não ia querer, independente do quanto ele fosse indiferente, que eu fosse tão feliz quanto fosse possível sob essas circustâncias? Será que não havia um sentimento de amizade suficiente da parte dele pra que ele desejasse isso pra mim? Eu acho que sim. Ele não ia me negar isso: que eu desse só um pouco do amor que ele não quis para o meu amigo Jacob. Afinal, não era nem de longe o mesmo tipo de amor.
Jake pressionou a sua bochecha quente no topo da minha cabeça.
Se eu virasse o meu rosto para o lado - se eu pressionasse meus lábios no ombro nu dele... eu sabia sem duvida nenhum o que viria a seguir. Seria muito fácil. Não teriam que haver explicações essa noite.
Mas será que eu podia fazer isso? Será que eu podia trair meu coração ausente só pra salvar minha vida patética?
As borboletas encheram meu estômago enquanto eu pensava em virar minha cabeça.
E então, tão claramente quanto se eu estivesse em perigo imediato, a voz aveludade de Edward cochichou no meu ouvido.
"Seja feliz", ele me disse.
Eu congelei.
Jacob me sentiu enrrijecer e me largou automaticamente, se inclinando para a porta.
espere eu queria dizer. Só um minuto. Mas eu ainda estava grudada no lugar, escutando o eco da voz de Edward na minha cabeça.
O vento frio da tempestade envadiu a cabine da caminhonete.
"OH!", a respiração saiu de Jacob como se alguém tivesse dado um soco em seu estômago. "Mas que merda!"
Ele bateu a porta e girou as chaves na ignição ao mesmo tempo. As mãos dele estavam tremendo tanto que eu nem sei como foi que ele conseguiu.
"Qual é o problema?"
Ele acelerou o motor rápido demais; ele engasgou e falhou.
"Vampiro", ele cuspiu.
O sangue correu para a minha cabeça e eu me senti tonta. "Como é que você sabe?"
"Porque eu consigo cheirar. Droga!"
Os olhos de Jacob estavam selvagens, rastreando a rua escura. Ele mal parecia estar consciente dos tremores que balançavam todo o seu corpo. "Me transformar ou dar o fora daqui?", ele murmurou pra sí mesmo.
Ele olhou pra mim por um milésimo de segundo, olhando pros meus olhos arregalados de horror e e rosto branco, e então rastreando a rua de novo. "Certo. Te levar daqui".
O motor cortou com um ronco. Os pneus cantaram quando ele fez a volta com a caminhonete, se virando na direção da nossa única saída.

Os faróis passaram por cima das calçadas, iluminaram a frente da floresta escura, e finalmente refletiram num carro parado na calçada do outro lado da minha casa.
"Pare!", eu asfixiei.
Era um carro preto - um carro que eu conhecia. Eu podia ser uma coisa muito longe de uma apaixonada por carros, mas eu podia dizer tudo sobre aquele carro em particular.
Era uma Mercedes S55 AMG. Eu sabia quantos cavalos de força tinha e a cor do seu interior. Eu sabia qual era a sensação do seu poderoso motor ronronando sob o capô. Eu conhecia o rico cheiro dos bancos de couro e sabia o jeito como aqueles vidros extra escuros n~~ao deixavam nenhuma luz do lado de fora penetrar.
Era o carro que Carlisle.
"Pare!", eu gritei de novo, mais alto dessa vez, porque Jacob estava levando a caminhonete para o fim da rua.
"O que?!"
"Não é Victória. Pare, pare! Eu quero voltar!"
Ele pisou no freio com tanta força que eu tive que me segurar no painél.
"O que?", ele perguntou de novo, agastado. Ele me encarou com horror nos olhos.
"É o carro de Carlisle! São os Cullen. Eu sei disso".
Ele observou o meu rosto por um instante, e um violento tremor balançou o seu corpo.
"Ei, acalme-se, Jake. Está tudo bem. Nada de perigo, vê? Relaxe".
"É, calma", ele ofegou, colocando a cabeça pra baixo e fechando os olhos. Enquanto ele se concentrava em não explodir num lobo, eu olhei pela janela de trás para o carro preto.
É só o carro de Carlisle, eu disse pra mim mesma. Não espere nada mais. Talvez Esme... Pare bem aí, eu disse pra mim mesma. Só Carlisle. Isso era muito. Mais do que eu jamais esperei ter de novo.
"Há um vampiro na sua coisa", Jacob disse por entre os dentes. "E você quer voltar lá?"
Eu olhei pra ele, tirando os meus olhos sem vontade da Mercedes - eu estava terrorizada que ela fosse desaparecer se eu desviasse os olhos.
"É claro", eu disse, minha voz pasma de surpresa pela pergunta dele. É claro que eu queria voltar pra lá.
O rosto de Jacob endureceu enquanto eu olhava pra ele, se transformando na máscara ácida que eu achei que havia desaparecido pra sempre. Pouco antes que ele colocasse a máscara no lugar, eu captei o espasmo de traição de resplandeceu nos olhos dele. As mãos dele ainda estavam tremendo. Ele parecia ser dez anos mais velho que eu.
Ele respirou fundo. "Você tem certeza de que isso não é um truque?", ele perguntou numa voz lenta, pesada.
"Não é um truque. É Carlisle. Me leve de volta!"

Um tremor escapou pelos seus ombros largos, mas os olhos dele estavam compenetrados e sem emoção. "Não".
"Jake, está tudo bem -"
"Não. Volte você mesma, Bella", a voz dele foi um tapa - eu vacilei com o som quando ela bateu em mim. A mandíbula dele estava se comprimindo e se soltando.
"Olha, Bella", ele disse com a mesma voz dura. "Eu não posso voltar. Com acordo ou sem acordo, aquele lá é o inimigo".
"Não é assim -"
"Eu vou ter que contar pra Sam imediatamente. Isso muda as coisas. Nós não podemos ficar presos nos nosso território".
"Jake, isso não é uma guerra!"
Ele não ouviu. Ele engatou a caminhonete e pulou pra fora da porta, deixando ela ligada.
"Tchau, Bella", ele chamou por cima do ombro. "Eu realmente espero que você não morra". Ele correu para a escuridão, tremendo tanto que o corpo dele parecia um vulto.
O remorso me deixou colada no banco por um longo segundo. O que eu havia acabado de fazer com Jacob?
Mas o remorso não conseguiu me segurar por muito tempo.
Eu escorreguei para o outro banco e coloquei a caminhonete em marcha de novo. Minhas mãos estavam tremendo tanto quanto as mãos de Jake haviam estado, e isso tomou um minuto da minha concentração.
Depois eu virei cuidadosamente a caminhonete e a dirigí em direção á minha casa.
Tudo ficou muito escuro quando eu desliguei os faróis. Charlie saiu com tanta pressa que havia esquecido de ligar as luzes da varanda.
Eu sentí uma pontada de dúvida, olhando para a casa, afundada nas sombras. Ese isso fosse um truque?
Eu olhei de volta para o carro preto, quase invisível na noite. Não. Eu conhecia aquele carro.
Ainda assim, minhas mãos estavam tremendo mais do que antes quando eu peguei a chave em cima da porta.
Quando eu peguei na maçaneta da porta para abrí-la, ela girou facilmente embaixo da minha mão. Eu deixei a porta se abrir. O corredor estava preto.
Eu queria chamar com uma saudação, mas minha garganta estava seca demais. Eu não parecia conseguir sugar o ar.
Eu dei um passo para a frente e apalpei para acender a luz.
Estava tão preto - como a água preta... Onde estava aquele interruptor?
Assim como a água preta, com aquela chama brilhando impossivelmente em cima dela. Aquela chama não podia ser fogo, mas então o que...?
Meus dedos traçaram a parede, ainda procurando, ainda tremendo -
De repente, algo que Jacob me disse essa tarde ecoou na minha cabeça, finalmente caindo a ficha...

Ela escapou pela água, ele havia dito. Os sugadores de sangue têm a vontagem lá. Foi por isso que eu vim correndo pra casa - eu estava com medo de que ela chegasse primeiro nadando.
Minha mão congelou na sua procura, meu corpo inteiro congelou no lugar, enquanto eu me dava conta do porque eu reconhecia a estranha cor laranja na água.
O cabelo de Victória, voando selvagemente com o vento, da cor do fogo...
Ela esteve lá. Bem lá no cais comigo e Jacob. Se Sam não estivesse lá, se fôssemos só nós dois...? Eu não conseguia respirar ou me mexer.

A luz se acendeu, apesar da minha mão congelada ainda não ter encontrado o interruptor.

Os meus piscaram com a luz repentina, e viram que havia alguém lá, esperando por mim.

17. Visitante.

Desnaturalmente rígida e branca, com grandes olhos pretos fixados em mim, a minha visitante me esperava perfeitamente imóvel no centro da sala, linda além da imaginação.
Meus joelhos tremeram por um segundo, e eu quase caí. Depois eu me joguei em cima dela.
"Alice, oh, Alice!", eu chorei, enquanto me chocava com ela.
Eu havia me esquecido quanto ela era *dura*; era como correr precipitadamente pra cima de uma parede de cimento.
"Bella?", havia uma estranha mistura de alívio e confusão na voz dela.
Eu prendí meus braços ao redor dela, lutando pra inalar o máximo do cheiro da sua pele que fosse possível. Não era mais nada - nada floral ou condimentado, cítrico ou almíscar. Nenhum perfume no mundo poderia se comparar. Minha memória não fazia justiça.
Eu não reparei quando os suspiros se transformaram em algo mais - eu só percebí que os suspiros haviam se transformado em soluços quando Alice me arrastou para o sofá da sala de estar e me colocou no colo. Era como estar curvada numa pedra fria, mas uma pedra que contornava confortavelmente o formato do meu corpo. Ela esfregou as minhas costas num ritmo gentíl, esperando que eu me controlasse.
"Me... desculpe", eu tagarelei. "Eu só estou... tão feliz... de ver você!"
"Tudo bem, Bella. Está tudo bem".
"Sim", eu uivei. A, pela primeira vez, parecia estar mesmo.
Alice suspirou. "Eu havia me esquecido de como você era exuberante", ela disse, e o tom dela era de desaprovação.
Eu olhei pra ela por entre os meus olhos mareados. O pescoço de Alice estava apertado, se afastando de mim, os lábio dela estavam apertados firmemente. Os olhos dela estavam, pretos como piche.
"Oh", eu arquejei, quando me dei conta do problema. Ela estava com sede. E eu era apetitosa. Já fazia um tempo que eu não pensava nesse tipo de coisa. "Desculpa".
"É minha própria. Já faz algum tempo que eu estou sem caçar. Eu não devia me deixar ficar com tanta sede. Mas eu estava com pressa hoje". O olhar que ela direcionou pra mim foi resplandecente.
"Falando nisso, será que você poderia me explicar como é que você está viva?"
Isso me chamou a atenção e fez os soluços pararem. Eu me dei conta do que havia acontecido imediatamente, e porque Alice estava aqui. Eu engolí fazendo barulho. "Você me viu cair".
"Não", ela discordou, com os olhos se apertando. "Eu ví você pular".
Eu torcí meus lábios e tentei encontrar uma explicação pra isso que não soasse maluca.

Alice balançou a cabeça. "Eu disse pra ele que isso ia acontecer, mas ele não acreditou em mim. 'Bella prometeu'". A voz dela imitou tão perfeitamente que eu congelei chocada enquanto a dor arrasava o meu tórax." 'E não fique olhando para o futuro dela, também'", ela continuou citando ele. " 'Nós já causamos estragos o suficiente'".
"Só porque eu não procuro, isso não quer dizer que eu não vejo", ela continuou. "Eu não estava espionando você, eu juro, Bella. É só que eu já estou ligada á você... quando eu te ví pulando, eu nem pensei, eu simplesmente peguei um avião. Eu sabia que podia ser tarde demais, mas eu não podia ficar sem fazer nada. E depois eu cheguei aqui, pensando se eu podia ajudar Charlie de alguma forma, e você aparece". Ela balançou a cabeça, dessa vez com confusão. A voz dela estava tensa. "Eu ví você cair na água e eu esperei e esperei pra que você voltasse, mas você não voltou. O que aconteceu? E como você pode fazer isso com Charlie? Você parou pra pensar no que isso faria com ele? E com o meu irmão? Você não faz idéia do que Edward -"
Eu cortei ela nessa hora, assim que ela disse o nome dele. Eu deixaria ela continuar, mesmo depois que ela percebesse o mal entendido no qual ela havia se metido, só pra ouvir o tom perfeito da voz dela. Mas era hora de interromper.
"Alice, eu não estava cometendo suicídio".
Ela me olhou duvidosamente. "Você está dizendo que não pulou de um penhasco?"
"Não, mas...", eu fiz uma careta. "Foi apenas com propósitos recreatórios".
A expressão dela endureceu.
"Eu havia visto alguns dos amigos de Jake mergulhando dos penhascos", eu insistí. "Pareceu que era... divertido, e eu estava aborrecida..."
Ela esperou.
"Eu não pensei que a tempestade fosse afetar as correntes. Na verdade, eu nem pensei muito na água".
Alice não acreditou. Eu podia ver que ela ainda pensava que eu estava tentando me matar. Eu decidí mudar de direção. "Então se você me viu entrar, como é que você não viu Jacob?"
Ela deixou a cabeça cair pro lado, distraída.
Eu continuei. "É verdade que eu provavelmente teria me afogado se Jacob não tivesse pulado atrás de mim. Bem, tá legal, não tem nenhum provavelmente aí. Mas ele pulou, e ele me tirou de lá, e eu acho que ele me guiou de volta para a costa, apesar de eu estar meio por fora nessa parte. Não pode ter se passado nem um minuto de quando eu estava lá em baixo até que ele me puxou. Como é possível que você não tenha visto isso?"
Ela fez uma carranca de perplexidade. "Alguém tirou você de lá?"
"Sim. Jacob me salvou".
Eu observei curiosamente enquanto uma enigmática extensão de emoções passava pelo rosto dela. Alguma coisa estava incomodando ela - a sua visão imperfeita?

Mas eu não tinha certeza. Então ela deliberadamente se inclinou e cheirou meu ombro.
Eu congelei.
"Não seja ridícula", ela murmurou, me cheirando um pouco mais.
"O que você tá fazendo?"
Ela ignorou minha pergunta. "Quem era que estava lá fora com você agora mesmo? Pareceu que vocês estavam discutindo".
"Jacob Black. Ele é... meio que meu melhor amigo, eu acho. Pelo menos, ele era..." Eu pensei no rosto enraivecido, traído de Jacob, e me perguntei o que ele era pra mim agora.
Alice balançou a cabeça, parecendo preocupada.
"O que foi?"
"Eu não sei", ela disse. "Eu não sei o que isso significa".
"Bem, pelo menos, eu não estou morta".
Ela rolou os olhos. "Ele foi um tonto de achar que você poderia sobreviver sozinha. Eu nunca ví alguém tão propenso á idiotices que ameaçam a vida".
"Eu sobreviví", eu apontei.
Ela estava pensando em outra coisa.
"Então, se as correntes eram demais pra você, como é que esse Jacob conseguiu?"
"Jacob é... forte".
Ela ouviu a relutância na minha voz, e as sobrancelhas dela se levantaram.
Eu mordisquei o meu lábio por um segundo. Isso era um segredo, ou não? E se fosse, com quem era aminha maior aliança? Jacob ou Alice?
Era difícil demais guardar segredos, eu decidí. Jacob sabia de tudo, porque Alice também não?
"Veja, bem, ele é... meio que um lobisomem", eu adimití com pressa. "Os Quileutes se transformam em lobisomens quando têm vampiros por perto. Eles conhecem Carlisle desde muito tempo atrás. Você já estava com Carlisle naquela época?"
Alice olhou pra mim por um momento, e depois se recuperou, piscando rapidamente. "Bem, eu acho que isso explica o cheiro", ela murmurou.
"Mas será que isso explica o que eu não ví?", ela fez uma careta, a sua testa de porcelana se enrrugando.
"O cheiro?", eu repetí.
"O seu cheiro é horrível", ela disse ausentemente, ainda fazendo careta. "Um lobisomem? Você tem certeza disso?"
"Muita certeza", eu prometí, estremecendo enquanto me lembrava de Paul e Jacob brigando na estrada. "Eu acho que você não estava com Carlisle da outra vez que apareceram lobisomens aqui em Forks?"
"Não. Eu ainda não havia encontrado ele". Alice ainda estava perdida em pensamentos. De repente, seus olhos se arregalaram, e ela se virou pra mim com uma expressão chocada. "O seu melhor amigo é um lobisomem".

Eu balancei a cabeça timidamente.
"A quanto tempo isso está acontecendo?"
"Não muito tempo", eu disse, minha voz ainda soando defensiva. "Ele só se tornou um lobisomem a algumas semanas".
Ela me encarou. "Um lobisomem jovem?? Pior ainda! Edward estava certo - você é um imã de perigo. Não era pra você se manter longe de problemas?"
"Não há nada errado com lobisomens", eu rosnei, picada pelo tom crítico dela.
"Até eles perderem a cabeça", ela balançou a cabeça asperamente de um lado para o outro.
"Só você mesmo, Bella. Qualquer outra pessoa ficaria tranquila quando os vampiros deixassem a cidade. Mas você tinha que começar a se meter com os primeiros monstros que encontrasse".
Eu não queria discutir com Alice - eu ainda estava tremendo de felicidade por ela estar realmente, verdadeiramente aqui, por poder tocar sua pele de mármore e ouvir sua voz - mas ela havia entendido tudo errado.
"Não, Alice. Os vampiros não deixaram a cidade de verdade - pelo menos, não todos. Esse é o problema todo. Se não fossem pelos lobisomens, Victória já teriam me pegado a essa hora. Bom, eu acho que, se não fosse por Jake e seus amigos Laurent já teriam me pegado antes dela, então..."
"Victória?", ela chiou. "Laurent?"
Eu balancei a cabeça, um pouco alarmada pela expressão nos olhos pretos dela. Eu apontei pro meu peito. "Imã de perigo, lembra?"
Ela balançou a cabeça de novo. "Me conte tudo - comece no início".
Eu contei tudo desde o início, pulando a parte das motos e das vozes, mas contando todo o resto pra ela até a desventura de hoje.
Alice não gostou da minha explicação sobre estar enfadada e pular de penhascos, então eu me apressei pra contar sobre a estranha chama que eu havia visto na água e o que eu achava que isso significava. Os olhos dela se apertaram até ficarem como linhas nessa parte. Era estranho ver ela parecer tão... perigosa - como uma vampira. Eu engolí seco e contei o resto da história sobre Harry.
Ela ouviu a minha história sem interromper. Ocasionalmente ela balançava a cabeça, e as rugas na testa dela ficavam tão profundas que pareciam permanentes na sua pele de mármore. Ela não falou, e finalmente, eu fiquei quieta, atingida de novo pelo pesar emprestado da morte de Harry. Eu pensei em Charlie; ele devia estar voltando pra casa logo. Em que condições ele estaria?
"A nossa partida não fez bem nenhum, não foi?" Alice murmurou.
Eu rí uma vez - era um som levemente histérico. "No entanto, não havia necessitade, não é? Na é como se vocês tivessem ido embora pra me beneficiar".
Alice olhou zangada para o chão por um momento. "Bem... eu acho que agí impulssivamente hoje. Eu provavelmente não devia ter me intrometido".

Eu podia sentir o sangue sendo drenado do meu rosto. Meu estômago foi derrubado. "Alice, não vá", eu cochichei. Meus dedos prenderam o colarinho da blusa dela e eu comecei a hiperventilar. "Por favor não me deixe".
Os olhos dela se abriram mais ainda. "Tudo bem", ela disse, anunciando cada palavra com uma lenta precisão. "Eu não vou a lugar algum essa noite. Respire fundo".
Eu tentei obedecer, apesar de não saber exatamente como localizar os meus pulmões.
Ela observou meu rosto enquanto eu me concentrava em respirar. Ela esperou até que eu estivesse mais calma pra comentar.
"Você está horrível, Bella".
"Eu quase me afoguei hoje", eu lembrei ela.
"É mais profundo que isso. Você está uma bagunça".
Eu vacilei. "Olha, eu estou fazendo o que posso".
"O que você quer dizer?"
"Isso não foi muito fácil. Eu estou trabalhando nisso".
Alice fez uma carranca. "Eu disse pra ele", ela disse pra sí mesma.
"Alice", eu suspirei. "O que você achou que fosse encontrar? Quer dizer, além de mim morta? Você esperava me encontrar dando piruetas e assobiando melodias? Você me conhece melhor do que isso".
"Eu conheço. Mas eu tinha esperanças".
"Então eu acho que eu não sou a única no mercado dos idiotas".
O telefone tocou.
"Deve ser Charlie", eu disse, ficando de pé. Eu agarrei a mão de pedra de Alice e arrastei ela até a cozinha comigo. Eu não ia deixar ela sair da minha vista.
"Charlie?", eu atendí o telefone.
"Não, sou eu", Jacob disse.
"Jake!"
Alice estudou a minha expressão.
"Só tendo certeza de que você ainda está viva", Jacob disse ácidamente.
"Eu estou bem. Eu te disse que não era -"
"É. Entendí. Tchau"
Jacob desligou na minha cara.
Eu suspirei e deixei minha cabeça cair pra trás, olhando para o teto.
"Isso vai ser um problema".
Alice apertou minha mão. "Eles não estão felizes por eu estar aqui".
"Não exatamente. Mas não é da conta deles, afinal".
Alice colocou o braço ao meu redor. "Então o que faremos agora?", ela meditou. Ela pareceu falar consigo mesma por um momento.
"Coisas a fazer. Ajeitar as coisas".
"Que coisas a fazer?"
O rosto dela estava cuidadoso de repente. "Eu não tenho certeza... eu preciso ver Carlisle".
Ela iria embora tão rápido? Meus estômago revirou.

"Você poderia ficar?", eu implorei. "Por favor? Só por um pouco de tempo. Eu sentí tanto a sua falta". Minha voz se quebrou.
"Se você acha que é uma boa idéia", os olhos dela não estavam felizes.
"Eu acho. Você podia ficar aqui - Charlie ia adorar".
"Eu tenho uma casa, Bella"
Eu balancei a cabeça, desapontada mas resignada. Ela hesitou, me estudando.
"Bem, eu preciso pegar uma mala de roupas, pelo menos".
Eu joguei meus braços ao redor dela. "Alice, você é a melhor!"
"E eu acho que preciso caçar. Imediatamente." ela acrescentou numa voz tensa.
"Oops". Eu dei um passo pra trás.
"Será que você pode ficar fora de problemas por uma hora?" ela perguntou céticamente. Então, antes que eu pudesse responder, ela levantou um dedo e fechou os olhos. O rosto dela ficou suave e vazio por alguns instantes.
E então ela abriu os olhos e respondeu a sua própria pergunta. "Sim, você vai ficar bem. Essa noite, pelo menos", ela fez uma careta. Mesmo fazendo caras, ela parecia um anjo.
"Você vai voltar?" eu perguntei com uma voz pequena.
"Eu prometo - uma hora".
Eu olhei para o relógio em cima da mesa da cozinha. Ela sorriu e se inclinou rapidamente pra me dar um beijo na bochecha. Então ela foi embora.
Eu respirei fundo. Alice ia voltar. De repente eu me sentí muito melhor. Eu também tinha muitas coisas pra fazer pra me manter ocupada enquanto esperava.
Um banho era definitivamente a primeira coisa na agenda.
Eu cheirei meus ombros enquanto tirava a roupa, mas eu não conseguí sentir o cheiro de nada além da salmoura e das algas do oceano. Eu me perguntei o que Alice quis dizer quando disse que eu estava cheirando mal.
Quando eu estava limpa, eu voltei para a cozinha.
Eu não vai nenhum sinal de que Charlie havia comido recentemente, e ele provavelmente estaria com fome quando voltasse. Eu sussurrava pra mim mesma enquanto me movia pela cozinha.
Enquanto a caçarola de quinta girava no microondas, eu forrei o sofá com lençóis e coloquei um travesseiro velho. Alice não precisaria dele, mas Charlie precisaria vê-lo. Eu fui cuidadosa pra não olhar para o relógio. Não havia motivo pra começar a entrar em pânico; Alice havia prometido.
Eu me apressei pra terminar meu jantar, sem sentir o gosto dele - só sentindo a dor enquanto ele escorregava pela minha garganta arranhada.
Eu estava com mais sede; eu devo ter bebido meio galão de água até a hora que eu terminei. Todo o sal no meu sistema havia me deixado desidratada.

Eu fui tentar assistir TV enquanto esperava.
Alice já estava lá, sentada na cama improvisada. Os olhos dela eram líquidos como whisky. Ela sorriu e deu um tapinha no travesseiro. "Obrigada".
"Você chegou cedo", eu disse, estimulada.
Eu me sentei ao lado dela e inclinei minha cabeça no seu ombro. Ela colocou seus braços frios ao meu redor e suspirou.
"Bella. O que nós vamos fazer com você?"
"Eu não sei", eu admití. "Eu realmente estive tentando como pude".
"Eu acredito em você"
Eu fiquei em silêncio.
"Ele - ele...", eu respirei fundo. Era mais difícil dizer o nome dele em voz alto, mesmo sendo capaz de pensar nele agora. "Edward sabe que você está aqui?", eu não conseguí deixar de perguntar.
Era a minha dor, afinal de contas. Eu ia lidar com ela depois que Alice fosse embora, eu prometí a mim mesma, e me sentí mal com o pensamento.
"Não".
Só havia uma forma disso ser verdade. "Ele não está com Carlisle e Esme?"
"Ele entra em contato de mês em mês".
"Oh", ele ainda deve estar aproveitando as distrações dele. Eu foquei minha curiosidade num tópico mais seguro. "Você disse que voou pra cá... De onde você veio?"
"Eu estava em Denali. Visitando a família de Tânia".
"Jasper está aqui? Ele veio com você?"
Ela balançou a cabeça.
"Ele não aprovou minha interrupção. Nós prometemos..." Ela parou, e então o tom dela mudou. "E você acha que Charlie não vai se incomodar por eu estar aqui?", ela perguntou, parecendo preocupada.
"Charlie acha você maravilhosa, Alice".
Certo o suficiente, alguns segundos depois eu ouví a viatura estacionando na garagem. Eu me levantei num pulo e corrí para a porta.
Charlie se arrastava lentamente pela calçada, os olhos dele estavam no chão e os ombros dele estavam caídos. Eu caminhei para a frente pra encontrá-lo; ele não havia me visto até que eu o abracei pela cintura. Ele me abraçou de volta impetuosamente.
"Eu lamento por Harry, pai"
"Eu vou sentir muita falta dele", Charlie murmurou.
"Como está Sue?"
"Ela parece confusa, como se ela ainda não tivesse se dado conta. Sam está ficando com ela..." o volume da voz dele estava desaparecendo e reaparecendo. "Pobres daquelas crianças. Leah só é um ano mais velha que você, e Seth só tem catorze..." Ele balançou a cabeça.

Ele continuou com o braço apertado ao meu redor enquanto voltamos a andar para a porta
"Umm, pai?" eu achei que seria melhor avisá-lo. "Você nunca vai adivinhar quem está aqui".
Ele olhou pra mim com o rosto vazio. A cabeça dele virou, e ele espiou a Mercedes do outro lado da rua, a luz da varanda refletida na brilhante pintura preta.
Antes que ele pudesse reagir, Alice estava na porta.
"Oi, Charlie", ela disse numa voz subjulgada. "Eu lamento por ter vindo numa hora tão ruim".
"Alice Cullen?", ele olhou para a pequena figura na frente dele como se duvidasse do que os seus olhos estavam dizendo. "Alice, é você?"
"Sou eu", ela confirmou. "Eu estava na vizinhança".
"Carlisle está...?"
"Não, eu estou sozinha".
Tanto eu quanto Alice sabíamos que ele não estava querendo saber de Carlisle. O braço dele se apertou no meu ombro.
"Ela pode ficar aqui, não pode?", eu implorei. "Eu já pedi pra ela".
"Mas é claro", Charlie disse mecanicamente. "Nós adoraríamos recebê-la, Alice"
"Obrigada, Charlie. Eu sei que é uma hora horrível".
"Não, está tudo bem, mesmo. Eu vou estar muito ocupado fazendo o que puder pela família de Harry; vai ser bom pra Bella ter um pouco de companhia".
"Tem jantar na mesa, pai", eu disse pra ele.
"Obrigado, Bells". Ele me apertou mais uma vez antes de se arrastar para a cozinha.
Alice voltou para o sofá, e eu seguí ela. Dessa vez, foi ela que me colocou no seu ombro.
"Você parece cansada".
"É", eu concordei e levantei os ombros. "Experiências de quase morte fazem isso comigo... Então, o que Carlisle acha de você ter vindo pra cá?"
"Ele não sabe. Ele e Esme estavam numa viagem de caça. Eu terei notícia dele dentro de alguns dias, quando ele voltar".
"Mas você não vai contar pra ele... quando ele aparecer de novo?", eu perguntei. Ela sabia que eu não falava de Carlisle agora.
"Não. Ela ia arrancar minha cabeça fora", ela disse severamente.
Eu rí uma vez, e depois suspirei.
Eu não queria dormir. Eu queria ficar acordada a noite toda conversando com Alice. E pra mim não fazia sentido estar cansada, tendo cochilado no sofá de Jacob o dia inteiro. Mas me afogar realmente tinha exigido muito de mim, e meus olhos não conseguiam ficar abertos. Eu descansei minha cabeça no seu ombro de pedra, e me deixei levar por um esquecimento que eu nunca havia esperado.
Eu acordei cedo, de um sono profundo e sem sonhos, me sentindo bem descansada, mas rígida.

Eu estava no sofá, enfiada embaixo dos lençóis que havia colocado pra Alice, e eu podia ouvir ela e Charlie conversando na cozinha. Parecia que Charlie estava cozinhando o café da manhã pra ela.
"Foi muito ruim, Charlie?" Alice perguntou suavemente, e no início eu pensei que eles estivessem falando sobre os Clearwater.
Charlie suspirou. "Muito ruim".
"Me fale sobre isso. Eu quero saber exatamente o que aconteceu depois que nós fomos embora".
Houve uma pausa enquanto uma porta do armário era aberta e fechada e enquanto um botão do fogão era desligado. Eu esperei, temerosa.
"Eu nunca me sentí mais inútil", Charlie começou lentamente.
"Eu não sabia o que fazer. Naquela primeira semana - eu pensei que teria que hospitalizar ela. Ela não comia e não bebia nada, ela não se movia. Dr. Gerandy estava soltando palavras como 'catatônico', mas eu não deixei que ele visse ela. Eu estava com medo que isso assustasse ela".
"Mas ela superou isso?"
"Eu pedí pra Renée vir pegá-la pra levá-la para a Flórida. Eu só não queria ter que... se ela tivesse que ir para um hospital ou coisa assim. Eu esperava que estar com a mãe fosse ajudá-la. Mas quando começamos a fazer as malas dela, ela se acordou com uma vingança. Eu nunca ví a Bella pirar daquele jeito. Bella nunca teve acessos de raiva, mas, rapaz, ela estava furiosa. Ela jogou as roupas dela pra todo lugar e gritava que nós não podíamos forçá-la a ir embora - e depois ela finalmente começou a chorar. Eu pensei que esse fosse o fim de tudo. Eu não discutí quando ela insistiu em ficar aqui... e no início ela não parecia estar melhorando..."
Charlie parou. Era difícil estar escutando isso, sabendo quanta dor eu havia causado pra ele.
"Mas?", Alice incitou.
"Ela voltou pra escola e pro trabalho, ela comia e dormia e fazia o dever de casa. Ela respondia quando alguém a fazia uma pergunta direta. Mas ela estava... vazia. Os olhos dela estavam apagados. Havia um monte de coisas pequenas - ela não ouvia mais música. Ela não lia; ela não estaria na sala se a TV estivesse ligada, não que ela já assistisse muito antes. Eu finalmente entendí - ela estava evitando tudu que a fizesse se lembrar... dele.
"Nós mal podíamos conversar; eu estava sempre tão preocupado em dizer alguma coisa que aborrecesse ela - as menores coisas faziam ela vacilar - e ela nunca era voluntária pra nada. Ela só respondia uma coisa se eu perguntasse.
"Ela estava sozinha o tempo inteiro. Ela não retornava as ligações dos amigos, depois de um tempo, eles pararam de ligar.
"Era sempre a noite dos mortos vivos por aqui. Eu ainda ouço ela gritando no sono..."
Eu quase podia ver ele tremendo.

Eu estremecí, também, me lembrando. E então eu suspirei. Eu não havia conseguido enganá-lo, nem por um segundo.
"Eu lamento, Charlie", Alice disse, a voz mal humorada.
"Não é sua culpa", o jeito que ele disse isso deixou bem claro que ele responsabilizava outra pessoa. "Você sempre foi uma boa amiga pra ela".
"No entanto, ela parece melhor agora".
"É. Desde que ela começou a andar com Jacob Black, eu tenho reparado uma grande melhora. Ela está com cor nas bochechas quando volta pra casa, um pouco de luz nos olhos. Ela está mais feliz". Ele parou e a voz dele estava diferente quando ele voltou a falar.
"Ele é um ano mais novo que ela mais ou menos, masi eu acho que tem mais alguma coisa acontecendo, ou pelo menos está nesse caminho". Charlie disse isso num tom que era quase agressivo. Era um aviso, não pra Alice, mas pra que ela passasse. "Jake é velho para a idade dele", ele continuou, ainda parecendo defensivo. "Ele tem tomado conta do pai fisicamente do mesmo jeito que Bella cuida da mãe emocionalmente. Isso amadureceu ele. Ele é um garoto bonito também - puxou ao lado da mãe. Ele é bom pra Bella, sabe". Charlie insistiu.
"Então é bom que ela tenha ele", Alice concordou.
Charlie suspirou uma quantidade de ar, mudando rapido demais a sua opinião sobre o assumto. "Ok, talvez eu esteja apressando as coisas. Eu não sei... mesmo com Jacob, de vez em quando, eu vejo alguma coisa nos olhos dela, e eu me pergunto se por acaso eu tem noção da verdadeira dor pela ela está passando. Não é normal, Alice, e isso... isso me assusta. Não é nem um pouco normal. Não é como se alguém tivesse... deixado ela, mas como se alguém tivesse morrido". A voz dele falhou.
Isso era como se alguém tivesse morrido- como se eu tivesse morrido. Porque isso foi mais do que apenas perder o mais verdadeiro dos amores, como se isso não fosse suficiente pra matar alguém. Mas também isso era perder um futuro inteiro, uma família inteira - toda a vida que eu havia escolhido.
Charlie continuou no seu tom desesperançado. "Eu não sei se ela um dia vai superar isso - eu não sei se faz parte da natureza dela se curar de uma coisa assim. Ela sempre foi uma coisinha tão constante. Ela não esquece as coisas, muda de idéia".
"Ela é uma em um milhão", Alice concordou com a voz seca.
"E Alice..." Charlie hesitou. "Agora, você sabe a afeição que eu sinto por você, e eu posso dizer que ela está feliz em te ver, mas... eu estou um pouco preocupado com o que a sua visita vai fazer com ela".
"Eu também, Charlie, eu também. Eu não teria vindo se eu tivesse idéia. Me desculpe".
"Não se desculpe, querida. Quem sabe? Talvez seja bom pra ela".
"Eu espero que você esteja certo".

Houve uma longa pausa enquanto garfos arranhavam os pratos e Charlie mastigava. Eu me perguntei onde Alice estava escondendo a comida.
"Alice, eu preciso te perguntar uma coisa", Charlie disse estranhamente.
Alice estava calma. "Vá em frente".
"Ele não vai voltar pra visitar também, vai?", eu podia ouvir a raiva suprimida na voz de Charlie.
Alice falou num tom macio, tranquilizador. "Ele nem sabe que eu estou aqui. Da última vez que eu falei com ele, ele estava na América do Sul".
Eu enrigecí quando ouví essa nova informação, e escutei com mais vontade.
"Pelo menos, isso é alguma coisa", Charlie bufou. "Bem , eu espero que ele esteja se divertindo".
Pela primeira vez, a voz de Alice parecia estar um pouco dura. "Eu não tiraria conclusões precipitadas, Charlie". Eu sabia como os olhos dela brilhavam quando ela usava esse tom.
Uma cadeira se afastou da mesa, se arrastando com muito barulho no chão da cozinha. Eu imaginei Charlie se levantando; não havia a menor possibilidade de Alice fazer esse barulho todo.
A torneira correu, fazendo um splash no prato.
Não parecia que eles iam dizer mais alguma coisa sobre Edward, então eu decidí que era hora de levantar.
Eu me virei, saltando sobre a mola pra fazê-la ranger. Depois eu bocejei alto.
Estava tudo quieto na cozinha.
Eu me estiquei e gemí.
"Alice?", eu perguntei inocentemente; a inflamação na minha garganta ajudou muito na brincadeira.
"Eu estou na cozinha, Bella", Alice chamou, não havia nenhuma pontada da voz dela que suspeitasse que eu estive escutando escondida. Mas ela era boa em esconder coisas como essa.
Charlie teve que sair nessa hora - ele estava ajudando Sue Clearwater com os arranjos para o funeral. Teria sido um longo dia sem Alice. Ela nunca falou sobre ir embora, e eu não perguntei. Eu sabia que isso era inevitável, mas eu tirei isso da cabeça.
Ao invés disso, nós falamos sobre a sua família - todos menos um. Carlisle estava trabalhando ás noites em Ithaca e ensinando parte do tempo em Cornell. Esme estava restaurando uma casa do século dezessete, um monumento histórico, na floresta á norte da cidade. Emmett e Rosalie foram para a Europa por alguns meses para mais uma lua de mel, mas agora eles já estavam de volta. Jasper estava em Cornell também, estudando filosofia dessa vez. E Alice esteve fazendo algumas pesquisas pessoais, envolvendo informações que eu acidentalmente havia revelado pra ela na primavera passada. Ela teve sucesso em encontrar o asilo onde ela passou os últimos anos da sua vida humana. A vida da qual ela não tinha nenhuma memória.

"Meu nome era Mary Alice Brandon", ela me disse baixinho. "Eu tinha uma irmã mais nova chamada Cynthia. A filha dela - minha sobrinha - ainda vive em Biloxi".
"Você descobriu porque te colocaram... naquele lugar?" O que havia levado seus pais a esse extremo? Mesmo se a filha deles tinha visões do futuro...
Ela só balançou a cabeça, seus olhos cor de topázio pensativos. "Eu não conbsegui descobrir muito sobre eles. Eu lí todos os jornais antigos no estoque. Minha família não era mencionada com muita frequência; eles não faziam parte do círculo de notícias que faziam os jornais. O noivado dos meus pais estava lá, e o de Cynthia". O nome saiu da boca dela sem muita certeza.
"Meu nascimento foi anunciado... e a minha morte. Eu encontrei meu túmulo. Eu também vasculhei as fichas de admissão dos velhos arquivos do asilo. A data de admissão e a data na minha lápide são a mesma".
E não sabia o que dizer, e, depois de uma pequena pausa, Alice mudou para tópicos mais leves.
Os Cullen estavam reagrupados agora, com apenas uma excessão, e ele estão aproveitando as férias de Cornell em Denali com Tânia e a família dela. Eu escutei muito ansiosamente até as notícias mais triviais. Ela nunca mencionou o único no qual eu estava mais interessada, e eu fiquei agradecida por isso. Já era suficiente ouvir as histórias da família da qual um dia eu havia sonhado em fazer parte.
Charlie não voltou até depois que já estava escuro, e ele parecia estar mais cansado do que estava na noite passada. Ele ia para a reserva na primeira hora da manhã para o funeral de Harry, então ele havia voltado mais cedo. Eu fiquei no sofá com Alice de novo.
Charlie era quase um estranho quando desceu as escadas quando o sol apareceu, vestindo um terno velho que eu nunca havia visto ele usando antes. O terno estava aberto; eu acho que estava apertado demais pra fechar os botões. A gravata dele era um pouco larga demais para o estilo atual. Ele foi na porta dos pés até a porta, tentando não acordar a gente. Eu deixei ele ir, fingindo que estava dormindo, assim como Alice fazia na cadeira reclinável.
Assim que ele havia saído pela porta, Alice se sentou. Por baixo da colcha, ela estava completamente vestida.
"Então, o que vamos fazer hoje?", ela perguntou.
"Eu não sei - você vê alguma coisa interessante acontecendo?"
Ela sorriu e balançou a cabeça. "Mas ainda é cedo".
Todo o tempo que eu estive passando em La Push signigficou que eu estava neglegênciando algumas coisas dentro de casa, e eu decidí recuperar o tempo perdido.
Eu queria fazer alguma coisa, qualquer coisa que tornasse a vida mais fácil pra Charlie - talvez ele se sentisse melhor voltando para uma casa limpa, organizada. Eu comecei pelo banheiro - ele era o que mostrava mais sinais de abandono.

Enquanto eu trabalhava, Alice se encostou no batente da porta e fez perguntas de cortesia sobre os meus, bem, nossos amigos da escola e o que eles andavam fazendo desde que ela foi embora. O rosto dela continuou casual e sem emoção, mas eu sentia a desaprovação dela quando ela viu o quanto eu tinha pouco a dizer. Ou talvez eu só estivesse com a consciencia pesada depois de ter bisbilhotado a conversa dela com Charlie ontem de manhã.
Eu literalmente estava de cotovelos no chão, esfregando o chão da banheira, quando a campainha da porta tocou.
Eu olhei pra Alice imediatamente, e a expressão dela estava perplexa, quase preocupada, o que era estranho; Alice nunca era pega de surpresa.
"Espere!" eu gritei na direção geral da porta da frente, me lavantando e me apressando para a pia pra limpar meus braços.
"Bella", Alice disse com um traço de frustração na voz. "Eu tenho uma boa ideia de quem pode ser, e eu acho que é melhor eu dar uma saidinha"
"Idéia?", eu ecoei. Desde quando Alice precisava ter uma idéia sobre alguma coisa?
"Se isso for um replay do meu notório lapso de visão de ontem, então é bem possível que seja Jacob Black ou um dos seus... amigos".
Eu encarei ela, juntando as peças. "Você não consegue ver lobisomens?"
Ela fez uma careta. "Assim parece". Ela estava obviamente aborrecida por esse fato - muito aborrecida.
A campainha tocou de novo - soando duas vezes rapidamente e impacientemente.

"Você não tem que ir a lugar nenhum, Alice. Você estava aqui primeiro".

Ela sorriu o seu pequeno sorriso prateado - ele possuia uma pontada obscura. "Confie em mim - não seria uma boa idéia ter amim e Jacob Black juntos na mesma sala".

Ela beijou rapidamente a minha bochecha antes de desaparecer pela porta de Charlie - e pela sua janela sem dúvida.

A campainha tocou de novo.

18. O Funeral

Eu voei pelas escadas abaixo e abri a porta.
Era Jacob, é claro. Mesmo cega, Alice não era lenta.
Ele estava parado á uns dois metros da porta, o nariz contorcido de desgosto, mas de outras formas o seu rosto estava suave - uma máscara. Ele não me inganou; eu podia ver as mãos dele tremendo fracamente.
A hostilidade rolava nele como ondas. Ela parecia trazer de volta aquela horrivel tarde quando ele havia preferido Sam a mim, e eu senti o meu queixo se erguer defensivamente em resposta.
O Rabbit de Jacob estava parado perto da esquina com Jared atrás de uma das rodas e Embry no banco do passageiro. Eu entendí o que isso queria dizer: eles estavam com medo de deixar ele vir sozinho. Isso me deixou triste, e um pouco aborrecida. Os Cullen não eram daquele jeito.
"Oi", eu finalmente disse quando ele não falou.
Jake torceu os lábios, ainda permanecendo longe da porta. Os olhos dele estavam revistando a frente da casa.
Eu tranquei os dentes. "Ela não está aqui. Você precisa de alguma coisa?"
Ele hesitou. "Você está sozinha?"
"Sim", eu suspirei.
"Eu posso falar com você por um minuto?"
"É *claro* que você pode, Jacob. Entre".
Jacob olhou por cima do ombro para os seus amigos no carro. Eu ví Embry balançar a cabeça só um pouquinho. Por alguma razão, isso me incomodou imensamente.
Meus dentes se apertaram de novo. "*Covarde"*, eu murmurei por baixo do meu fôlego.
Os olhos de Jake voltaram pra mim, as suas sobrancelhas grossa, pretas se juntando num ângulo furioso em cima dos seus olhos fundos.
A mandíbula dele se apertou e ele marchou - não há putro jeito de descrever o jeito que ele se moveu - pela calçada e levantou os ombros pra passar por mim e entrar na casa.
Eu prendi o olhar primeiro com Jared e depois com Embry - eu não gostava do jeito como eles me olhavam; será que eles realmente achavam que eu ia deixar alguma coisa machucar Jacob? - antes de fechar a porta pra eles.
Jacob estava na sala atrás de mim, olhando para a bagnça de lençóis na sala de estar.
"Festa do pijama?", ele perguntou, seu tom sarcástico.
"É", eu respondi no mesmo tom de voz ácido. Eu não gostava quando Jacob agia dessa forma. "O que você tem com isso?"

Ele torceu o nariz de novo e cheirou alguma coisa desagradável.
"Onde está a sua 'amiga'?", eu podia ouvir o tom o tom de citação na voz dele.
"Ela foi dar uma corrida sem rumo. Olha, Jacob, o que você quer?"
Alguma coisa na sala pareceu deixar ele mais nervoso - seus longos braços estavam tremendo. Ele não respondeu a minha pergunta. Ao invés disso ele foi até a cozinha, seus olhos se mexiam por todo lugar sem descanso.
Eu segui ele. Ele andou pra cima e pra baixo pelo pequeno balcão.
"Ei", eu disse me colocando no caminho dele. Ele parou de caminhar e olhou pra mim. "Qual é o seu problema?"
"Eu não gosto de ter que estar aqui".
Essa doeu. Eu estremecí e os olhos dele se apertaram.
"Então eu lamento que você tivesse que vir", eu murmurei. "Porque você não me diz o que você precisa pra que aí você possa ir embora?"
"Eu só tenho que te perguntar algumas coisas. Não vai demorar muito.
Nós temos que voltar para o funeral".
"Ok. Então acabe logo com isso", eu provavelmente estava exagerando no antagonismo, mas eu não queria que ele visse o quanto isso estava doendo. Eu sabia que não estava sendo justa. Afinal, eu havia escolhido a sugadora de sangue a ele na noite passada.
Eu havia machucado ele primeiro.
Ele respirou fundo, e de repente seus dedos tremendo estavam parados. O rosto dele se suavisou e se transformou numa máscara de serenidade.
"Um dos Cullen está ficando aqui com você", ele declarou.
"Sim. Alice Cullen".
Ele balançou a cabeça pensativo. "Por quanto tempo ela vai ficar?"
"Até quando ela quiser ficar". A beligerância ainda estava no meu tom. "É um convite em aberto".
"Será que você acha que podia... por favor... explicar pra ela sobre aquela outra - Victória?"
Eu fiquei pálida. "Eu contei pra ela".
Ele balançou a cabeça. "Você já deve saber que nós só podemos vigiar as nossas terras com um Cullen aqui. Você só vai estar a salvo em La Push. Eu não posso mais te proteger aqui".
"Ok", eu disse com uma voz pequena.
Nessa hora ele desviou o olhar, pra fora pelas janelas. Ele não continuou.
"Isso é tudo?"
Ele continuou com os olhos no vidro enquanto respondeu. "Só mais uma coisa".
Eu esperei, mas ele não continuou. "Sim", eu finalmente incitei.
"O resto deles também vai voltar agora?", ele perguntou numa voz gelada, quieta. Isso me lembrou do jeito calmo de Sam. Jacob estava

ficando mais parecido com Sam... eu me perguntei porque isso me incomodava tanto.
Agora eu não falei. Ele olhou de volta pro meu rosto com olhos provadores.
"Bem?", ele perguntou. Ele lutou pra conciliar a tensão atrás da sua expressão serena.
"Não", eu disse finalmente. Mal humorada. "Eles não vão voltar".
A expressão dele não mudou. "Tudo bem. Isso é tudo".
Eu olhei pra ele, minha irritação cintilando. "Bem, pode correr agora. Pode ir dizer pra Sam que os monstros assustadores não vão vir pegar vocês".
"Tudo bem", ele repetiu, ainda calmo.
Isso parecia ser tudo. Jacob caminhou rapidamente saindo da cozinha.
Eu esperei pra ouvir a porta da frente, mas eu não ouví nada. Eu podia ouvir o tique taque do relógio na parede, e fiquei mais uma vez impressionada de ver o quanto ele havia ficado silincioso.
Que disastre. Como é que eu posso ter alienado ele tão completamente num espaço tão curto de tempo?
Será que ele ia me perdoar quando Alice fosse embora? E se ele não perdoasse?
Eu me joguei no balcão e coloquei o rosto nas mãos. Como é que eu tinha bagunçado tudo desse jeito? Mas o que eu podia ter feito diferente? Mesmo olhando para a situação, eu não vejo uma saida melhor, em nenhum dos caminhos da situação.
"Bella...?", Jacob perguntou com uma voz perturbada.
Eu tirei o meu rosto das mãos pra ver Jacob hesitante na porta da cozinha; ele não havia ido embora como eu pensei.
Foi só quando eu ví as gotas claras pingando nas minhas mãos que eu ví que eu percebí que estava chorando.
A expressão calma de Jacob havia desaparecido; o rosto dele estava ansioso e incerto. Ele caminhou silenciosamente de volta e ficou na minha frente, abaixando a cabeça pra que seus olhos ficassem na mesma altura dos meus.
"Eu fiz de novo, não fiz?"
"Fez o que?", eu perguntei, minha voz falhando.
"Quebrei minha promessa. Desculpe".
"Tudo bem", eu murmurei. "Fui eu quem começou dessa vez".
O rosto dele se torceu. "Eu sabia como você se sentia em relação a eles. Isso não devia ter me pego de surpresa desse jeito".
Eu podia ver a repulsa nos olhos dele. Eu queria explicar como Alice realmente era, pra defender ela do julgamento que ele fazia, mas alguma coisa me avisou que essa não era a hora.
Então eu só disse "Desculpa", de novo.
"Não vamos nos preocupar com isso, tá bom? Ela só está visitando, certo? Ela vai embora, e as coisas vão voltar ao normal."
"Será que eu não posso ser amiga dos dois ao mesmo tempo?", eu perguntei, minha voz não escondia a dor que eu sentia.

Ele balançou a cabeça lentamente. "Não, eu não acho que pode".
Ele respirei e olhei para os pés grandes dele. "Mas você vai esperar, certo? Você ainda vai ser meu amigo, mesmo que eu ame Alice também?"
Eu não olhei pra cima, com medo de ver o que ele pensaria sobre essa última parte. Ele levou um minuto pra responder, então eu provavelmente estava certa por não olhar.
"É, eu sempre vou ser seu amigo", ele disse mal humorado. "Não importa o que você ame".
"Promete?"
"Prometo".
Eu senti os braços dele ao meu redor, e eu me inclinei para o peito dele, ainda inalando. "Isso é uma droga".
"É", então ele cheirou o meu cabelo e disse, "Eca".
"O que?" eu quis saber. Eu olhei pra cima pra ver que o nariz dele estava torcido de novo. "Porque que todo mundo fica fazendo isso? Eu não cheiro mal!"
Ele sorriu um pouquinho. "Cheira sim - você cheira como eles. Eca. Muito doce - doentemente doce. E... gelada. Queima meu nariz".
"Mesmo?" Isso era estranho. Alice tinha um cheiro inacreditavelmente maravilhoso. Pra um humano, pelo menos. "Mas, porque Alice achou que eu estava cheirando mal também?"
Isso levou o sorriso dele embora. "Huh. Talvez eu também não cheire muito bem pra ela. Huh".
"Bem, vocês dois cheiram bem pra mim", eu descansei a minha cabeça nele de novo. Eu ia sentir terrivelmente a falta dele quando ele saisse pela porta. Eu era uma péssima pessoa - por um lado, eu queria que Alice ficasse pra sempre. Eu ia morrer - metaforicamente - quando ela fosse embora. Mas como era que eu podia ficar sem ver Jake por qualquer espaço de tempo? Que bagunça, eu pensei de novo.
"Eu vou sentir sua falta", Jacob cochichou, ecoando os meus pensamentos. "A cada minuto. Eu espero que ela vá embora logo".
"Isso realmente não precisa ser desse jeito, Jake".
Ele suspirou. "Sim. Tem sim. Bella. Você... ama ela. Então é melhor eu não chegar nem perto dela. Eu não tenho certeza de que sou controlado o suficiente pra lidar com isso. Sam ficaria louco se eu quebrasse o acordo, e-" a voz dele ficou sarcástica "- você provavelmente não ia gostar muito de mim se eu matasse a sua amiga".
Eu me apartei dele quando ele disse isso, mas ele me apertou mais forte, se recusando a me deixar escapar. "Não há necessidade de esconder a verdade. As coisas são do jeito que são, Bells".
"Eu não gosto do jeito que elas são".
Jacob me soltou com um braço pra que ele pudesse usar a mão pra levantar o meu queixo pra me fazer olhar pra ele. "É. Era mais fácil quando nós dois eramos humanos, não era?"
Eu suspirei.

Nós olhamos um pra o outro por um longo momento. A mão dele queimava na minha pele. No meu rosto, eu sabia que não havia nada além de uma tristeza saudosa - eu não queria ter que dizer adeus agora, não importava por quão pouco tempo fosse. No início o rosto dele refletia o meu, mas depois, quando nenhum de nós desviou o olhar, a expressão dele mudou.
Ele me soltou, usando a outra mão pra alisar a minha bochecha com a pontas dos dedos, trilhando com eles até a minha mandíbula. Eu podia sentir os dedos dele tremendo - dessa vez não era com raiva. Ele pressionou a palma na minha bochecha, pra que assim o meu rosto ficasse preso entre suas mãos que pegavam fogo.
"Bella", ele sussurrou.
Eu estava congelada.
Não! Eu ainda não havia tomado essa decisão. Eu não sabia se poderia fazer isso, e agora eu estava sem tempo pra pensar nisso. Mas eu seria uma boba se eu pensasse que rejeitá-lo não teria nenhuma consequência.
Eu encarei ele de volta. Ele não era o meu Jacob, mas ele podia ser. O rosto dele era familiar e amado. De muitas maneiras verdadeiras, eu amava ele. Ele era meu conforto, meu porto seguro.
Agora mesmo, eu podia escolher que ele pertenceria a mim.
Alice estava de volta por um momento, mas isso não mudava nada. O amor verdadeiro estava perdido pra sempre. O príncipe nunca mais ia voltar pra me beijar e me acordar do meu sono encantado. Eu não era uma princesa, afinal. Então qual era o protocolo dos contos de fadas contra outros beijos? Ele eram de uma espécie mundana que não quebravam nenhum feitiço?
Talvez isso fosse fácil - como segurar a mão dele ou sentir os braços dele ao meu redor. Talvez fosse uma sensação boa. Talvez eu não me sentisse como uma traidora. Além do mais, quem eu estava traindo, afinal? Só eu mesma.
Mantendo os olhos dele nos meus, Jacob começou a inclinar seu rosto na direção de meu. E eu estava absolutamente indecisa.
O toque estridente do telefone fez a gente pular, mas isso não quebrou a concentração dele. Ele tirou a mão dele que estava em baixo do meu queixo e alcançou pra pegar o aparelho, mas ele ainda segurava o meu rosto seguramente com uma das mãos em minha bochecha. Os olhos escuros dele não libertaram os meus. Eu estava confusa demais pra reagir, mesmo pra tomar vantagem da distração.
"Residência dos Swan", Jaco disse, sua voz rouca estava baixa e intensa.
Alguém respondeu, e Jacob se alterou num instante. Ele se enrigeceu, e a mão dele caiu do meu rosto. Os olhos dele ficaram vazios, o rosto dele ficou branco, e eu podia apostar qualquer coisa de que era Alice.
Eu me recuperei e estiquei minha mão pra pegar o telefone. Jacob me ignorou.
"Ele não está aqui", Jacob disse, e as palavras eram ameaçadoras.

Houve uma resposta muito curta, pareceu ser um pedido de mais informação, porque ele respondeu sem vontade. "Ele está no funeral".
Então Jacob desligou o telefone. "Sugador de sangue sujo", ele murmurou por baixo do fôlego. O rosto dele havia voltado para aquela máscara azeda de novo.
"Com quem foi que você acabou de falar?", eu asfixiei, furiosa.
"Na minha casa, no meu telefone?"
"Calma! Ele desligou na minha cara!"
"Ele? Quem era?!"
Ele zombou do título. "Dr. Carlisle Cullen".
"Porque você não me deixou falar com ele?!"
"Ele não perguntou por você", Jacob disse friamente. O rosto dele estava suave, sem expressão, mas mãos dele estavam tremendo.
"Ele perguntou onde Charlie estava e eu disse. Eu não quebrei nenhuma regra de etiqueta".
"Me escute aqui, Jacob Black -"
Mas ele obviamente não estava me escutando, ele olhou rapidamente por cima do ombro, como se alguém tivesse chamado o nome dele na outra sala. Os dele ficaram arregalados e o corpo dele ficou rígido, e aí ele começou a tremer. Eu escutei também, automaticamente, mas eu não ouvia nada.
"Tchau, Bells", ele soltou, e se virou na direção da porta da frente.
Eu corrí atrás dele. "O que foi?"
E aí eu esbarrei nele, quando ele se virou nos calcanhares, xingando por baixo do fôlego. Ele girou de novo, me colocando de lado. Eu me prendi e caí no chão, minhas pernas entrelaçadas com as dele.
"Droga, ow!", eu protestei enquanto ele rapidamente desentrelaçava as suas pernas das minhas.
Eu lutei pra me colocar de pé enquanto ele se apressava para a porta da frente; de repente ele congelou de novo.
Alice ficou imóvel no pé das escadas.
"Bella", ela gaguejou.
Eu me atrapalhei ficando de pé e corrí para o lado dela. Os olhos dela estavam confusos e distantes, o rosto dela estava cansado e mais branco que osso. O pequeno corpo dela tremia como se houve um redemoinho dentro dela.
"Alice, qual é o problema?", eu perguntei. Eu coloquei minhas mãos no rosto dela, tentando acalmá-la.
Os olhos dela se focaram nos meus abruptamente, arregalados de dor.
"Edward", ela sussurrou.
O meu corpo reagiu mais rápido do que a minha mente foi capaz de captar as implicações das palavras dela.
No começo eu não entendia porque a sala estava rodando ou de de onde o zumbido vazio dos meus ouvidos estava vindo.
Minha mente trabalhou, incapaz de tirar um sentido do rosto esbranquiçado de Alice e o que Edward poderia ter a ver com isso,

enquanto meu corpo já estava balançando, procurando o alívio na inconsciencia antes mesmo que ela me encontrasse.
As escadas ficaram num ângulo estranho.
A voz furiosa de Jacob de repente estava no meu ouvido, soltando uma fileira de palavras profanas. Eu sentí uma vaga desaprovação. Os novos amigos dele claramente eram uma má influência.
Eu estava no sofá sem entender como havia chegado lá, e Jacob ainda estava xingando.
Eu podia sentir que estava havendo um terremoto - o sofá estava tremendo embaixo de mim.
"O que você disse pra ela?", ele quis saber.
Alice ignorou ele. "Bella? Bella, sai dessa. Nós temos que nos apressar".
"Afaste-se", Jacob avisou.
"Acalme-se, Jacob Black", Alice ordenou. "Você não quer fazer isso tão perto dela".
"Eu não acho que vou ter nenhum problema pra encontrar meu alvo", ele respondeu, mas a voz dele parecia um pouco mais calma.
"Alice?", minha voz estava fraca. "O que aconteceu?", eu perguntei, mesmo sem querer ouvir a resposta.
"Eu não sei", ela gemeu de repente. "O que ele está pensando?!"
Eu trabalhei pra me colocar de pé apesar da tontura. Eu me dei conta de que era no braço de Jacob que eu estava me agarrando pra ter apoio. Era ele quem estava tremendo, não o sofá.
Alice estava tirando um pequeno celular prateado da bolsa quando eu a relocalizei. Os dedos dela discaram os numeros tão rapidamente que eram só um vulto.
"Rose, eu preciso falar com Carlisle agora", a voz dela chicoteava as palavras. "Tá, assim que ele estiver de volta. Não, eu vou estar num avião. Olha, você tiveram alguma notícia de Edward?"
Alice pausou agora, escutando com uma expressão que ficava mais e mais pasma a cada segundo. A boca dela se abriu em um pequeno O de tão horrorizada, e o telefone tremia na mão dela.
"Porque?", ela asfixiou. "Porque você faria isso, Rosalie?"
Qualquer que tenha sido a resposta, ela fez a mandíbula dela trincar de raiva. Os olhos dela brilharam e se estreitaram.
"Bem, no entanto, você está errada nas duas situações, Rosalie, então isso deve ser um problema, você não acha?" ela perguntou acidamente. "Sim, é isso mesmo. Ela está absolutamente bem - eu estava errada... É uma longa história... Mas você está errada nessa parte também, foi por isso que eu liguei... Sim, foi exatamente isso o que eu ví".
A voz de Alice estava muito dura e seus lábios estavam curvados em cima dos dentes. "É um pouco tarde demais pra isso, Rose. Guarde o seu remorso pra alguém que acredite nele". Alice fechou o telefone com um rápido movimento dos dedos.
Os olhos dela estavam torturados quando ela olhou pro meu rosto.

"Alice", eu soltei rapidamente. Eu não podia deixar ela falar ainda. Eu precisava de mais alguns segundos antes que ela falasse e as palavras dela destruíssem o que havia restado da minha vida.
"Alice, mas Carlisle está de volta. Ele acabou de ligar antes de..."
Ela olhou pra mim com um olhar vazio. "A quanto tempo?" ela perguntou com uma voz confusa.
"Meio minuto antes de você aparecer".
"O que foi que ele disse?" Ela realmente estava prestando atenção agora, esperando pela minha resposta.
"Eu não falei com ele", meus olhos voaram pra Jacob.
Alice virou o seu olhar penetrante pra ele. Ele tremeu, mas continuou sentado ao meu lado.
Ele sentou de um jeito estranho, quase como se fosse usar seu corpo como um escudo pra mim.
"Ele perguntou por Charlie, e eu disse que Charlie não estava aqui", Jacob murmurou resentido.
"Isso é tudo?", Alice quis saber, a voz dela era como gelo.
"Depois ele desligou na minha cara", Jacob mandou de volta. Um tremor desceu a espinha dele, me fazendo tremer junto.
"Você disse pra ele que Charlie estava no funeral", eu lembrei ele.
Alice jogou a cabeça dela de volta pra mim. "Quais foram as palavras exatas dele?"
"Ele disse 'Ele não está aqui' e Carlisle perguntou onde Charlie estava, Jacob disse 'No funeral'".
Alice gemeu e caiu e joelhos.
"Me conte Alice", eu sussurrei.
"Aquele não era Carlisle no telefone", ela disse desesperançosa.
"Você está me chamando de mentiroso?" Jacob rosnou do meu lado.
Alice ignorou ele, focando em meu rosto desnorteado.
"Era Edward", as palavras eram só um soluço sussurrado. "Ele acha que você está morta".
Minha mente começou a trabalhar de novo. Essas não eram as palavras que eu estava esperando, e o alívio clareou minha cabeça.
"Rosalie disse a ele que eu me matei, não disse?", eu perguntei, suspirando enquanto relaxava.
"Sim", Alice admitiu, seus olhos brilhavam duramente de novo.
"Em defesa dela, ela realmente pensava isso. Eles confiam demais nas minhas visões pra uma coisa que funciona tão imperfeitamente. Mas pra fazer ela rastrear ele desse jeito! Será que ele não se dava conta... ou se importa...?" A voz dela desapareceu de horror.
"E quando Edward ligou pra cá, ele pensou que Jacob estava se referindo ao meu funeral", eu me dei conta. Me machucou saber o quanto eu estive perto, a apenas alguns centímetros da voz dele. As minhas unhas cravaram no braço de Jacob, mas ele nem se mexeu.
Alice olhou pra mim estranhamente. "Você não está triste", ela sussurrou.

"Bem, esse não é um senso de timing muito bom, mas tudo vai se esclarecer. Da próxima vez que ele ligar, alguém vai dizer pra ele... o que... realmente", minha voz falhou.
O olhar dela estrangulou as palavras na minha garganta.
Porque ela estava tão apavorada? Porque o rosto dela estava se torcendo com piedade e com horror? O que foi isso que ela havia acabado de dizer á Rosalie no telefone? Alguma coisa relacionada ao que ela viu... e o remorso de Rosalie; Rosalie jamais sentiria remorso por alguma coisa que acontecesse comigo. Mas se ela machucasse a sua família, o seu irmão...
"Bella," Alice cochichou. "Edward não vai ligar de novo. Ele acreditou nela."
"Eu. Não. Entendo", minha boca formou cada palavra silenciosamente. Eu não conseguia soltar o ar pra realmente dizer as palavras e fazer ela me explicar.
"Ele vai para a Itália".
Me levou a velocidade de um pulsar do meu coração pra entender. Quando a voz de Edward voltou naminha cabeça agora, ela não era a perfeita imitação das minhas ilusões. Era só o tom fraco, vazio, das minhas memórias. Mas só as palavras já foram suficientes pra atingir o meu peito e fazê-lo se abrir de novo. Palavras de um tempo quando eu podia ter apostado tudo o que eu tinha e tudo que podia pegar emprestado no fato de que ele me amava.
Bem, eu não ia viver sem você, ele disse enquanto assistíamos Romeu e Julieta juntos, aqui nessa mesma sala. Mas eu não tinha certeza de como fazer isso... eu sabia que Emmett e Jasper jamais iriam me ajudar... então eu pensei que talvez eu pudesse ir para a Itália e fazer alguma coisa pra provocar os Volturi... Você não deve irritá-los. Não a menos que você queira morrer.
Não a menos que você queira morrer.
"NÃO!" Essa negação meio gritada foi tão alta, depois das palavras sussurradas, que fez todo mundo pular. Eu sentí o sangue correndo para o meu rosto enquanto me dava conta do que ela havia visto.
"Não! Não, não, não! Ele não pode! Ele não pode fazer isso!"
"Ele se convenceu assim que o seu amigo o convenceu que era tarde demais pra te salvar".
"Mas ele... ele foi embora! Ele não me queria mais! Que diferença isso faz agora? Ele sabia que eu ia morrer alguma hora!"
"Eu não acho que ele estava planejando viver muito mais que você", Alice disse baixinho.
"Como ele se atreve!", eu gritei. Agora eu estava de pé, e Jacob se levantou sem muita certeza pra se colocar entre Alice e eu.
"Oh, saia do caminho, Jacob!" eu acotovelei o seu corpo tremendo com uma ansiosidade desesperada. "O que nós faremos?" eu implorei pra Alice. Tinha que haver alguma coisa. "Não podemos ligar pra ele? Ligar pra Carlisle?"

Ela estava balançando a cabeça. "Essa foi a primeira coisa que eu tentei. Ele deixou o telefone numa lata de lixo no Rio - Alguém atendeu..." ela cochichou.
"Você disse antes que tínhamos que nos apressar. Apressar como? Vamos fazer isso, seja lá o que for!"
"Bella eu - eu não acho que posso te pedir pra..." Ela parou indecisa.
"Me peça!", eu comandei.
Ela colocou a mão no meu ombro, me segurando no lugar, seus dedos se flexionavam esporádicamente pra dar ênfase ás suas palavras. "Nós podemos já estar atrasadas. Eu ví ele indo para os Volturi... e pedindo pra morrer". Nós suas vacilamos, e meus olhos ficaram cegos de repente. Eu pisquei fervorosamente com as lágrimas.
"Tudo depende do que eles escolherem. Eu não posso ver isso até que eles tomem a decisão.
"Mas se eles disserem não, e eles podem fazer isso - Aro sente afeição por Carlisle, e não ia querer ofendê-lo - Edward tem um plano reserva. Eles são muito protetores de sua cidade. Se Edward fizer alguma coisa pra perturbar a paz, ele acha que isso vai fazer eles o pararem. E ele está certo. Eles vão."
Eu encarei ela com a mandíbula apertada de frustração. Eu ainda não tinha ouvido nada que explicasse porque ainda estávamos aqui.
"Então se eles concordarem em acatar o seu pedido, nós chegaremos tarde. Se eles disserem não, e ele inventar um plano que os aborreça rápido o suficiente, chegaremos tarde. Se ele começar a se deixar levar pelas suas tendências mais teatrais... podemos ter tempo."
"Vamos logo!"
"Escute, Bella! Chegando em tempo ou não, estaremos no coração da cidade dos Volturi. Eu vou ser considerada cúmplisse dele se ele conseguir o que quer. Você será uma humana que não apenas sabe demais, como também cheira bem demais. Há uma chance muito boa de eles eliminarem todos nós - apesar de no seu caso o castigo não durar mais que a hora do jantar".
"É isso que ainda tá segurando a gente aqui?", eu perguntei sem acreditar. "Eu vou sozinha se você estiver com medo". Eu mentalmente contabilizei o dinheiro que ainda havia na minha conta, e me perguntei se Alice me emprestaria o resto.
"Eu só estou com medo que você acabe morta".
Eu bufei de desgosto. "Eu quase me mato todos os dias! Me diga o que eu tenho que fazer!"
"Escreva um bilhete pra Charlie. Eu vou ligar para a compania de vôo".
"Charlie", eu asfixiei.
Não que a minha presença aqui estivesse protegendo ele, mas eu não podia deixá-lo aqui pra encarar...
"Eu não vou deixar nada acontecer com Charlie", a voz baixa de Jacob estava mal humorada e com raiva. "Dane-se o acordo".
Eu olhei pra ele e ele fez escárnio com a minha expressão assustada.

"Se apresse, Bella!", Alice interrompeu urgentemente.
Eu corrí para a cozinha, arrancando as gavetas dos armários e jogando tudo que havia dentro delas no chão enquanto eu procurava uma caneta. Uma mão macia, marrom, passou uma pra mim.
"Obrigada", eu murmurei, arrancando o bocal com os dentes. Ele silenciosamente me passou o bloco de papéis no qual eu escreví o meu bilhete. Eu arranquei a capa e a joguei por cima do meu ombro.

Pai, eu escreví. Eu estou com Alice. Edward está com problemas. Você pode me colocar de castigo quando eu voltar pra casa. Eu sei que é uma má hora. Lamento muito. Te amo demais. Bella.

"Não vá", Jacob cochichou. A raiva havia desaparecido agora que Alice estava fora de vista.
Eu não ia perder meu tempo discutindo isso com ele. "Por favor, por favor, por favor tome conta de Charlie", eu disse enquanto corria de volta para a porta da frente.
Alice estava esperando na porta com uma mala no ombro.
"Pegue a sua carteira - vamos precisar da sua identidade.*Por favor* me diga que você tem um passaporte. Eu não tenho tempo pra falsificar um agora".
Eu balancia a cabeça e corrí lá pra cima, meus joelhos fracos de gratidão por minha mãe ter tido vontade de se casar com Phil numa praia no México.
É claro, como todos os planos dela, esse não deu certo. Mas não antes que eu tivesse tempo de lidar com todos os preparativos práticos pra ela.
Eu invadí meu quarto. Eu enfiei minha carteira velha, uma camiseta limpa, e uma calças na minha mochila, e depois joguei a minha escova de dentes no topo. Eu corri lá pra baixo. A sensação de deja vu já estava me batendo nesse ponto. Pelo menos, diferente da última vez - quando eu tive que fugir de Forks pra escapar de vampiros e não pra *encontrá-los* - eu não teria que me despedir de Charlie pessoalmente.
Jacob e Alice estavam presos em alguma espécie de confrontação na frente da porta aberta, tão distantes um do outro que eu não podia presumir no início que eles estavam tendo uma conversa. Nenhum dos dois pareceu reparar na minha aparição barulhenta.
"Você pode se controlar na ocasião, mas esses sanguessugas pra quem você está a levando -", Jacob estava a acusando furiosamente.
"Sim. Você está certo. Cachorro". Alice estava rosnando também.
"Os Volturi são a verdadeira ecênssia da nossa espécie - eles são a razão pela qual os cabelos do seu braço se arrepiam quando você me cheira. Eles são a substância dos seus pesadelos, o pavor por trás dos seus instintos. Eu não estou mal informada nesse aspecto".
"E você leva ela até eles como se fosse uma garrafa de vinho para um festa!", ele gritou.
"Você acha que seria melhor se eu deixasse ela aqui sozinha, com

Victória perseguindo ela?"
"Nós podemos cuidar da ruiva".
"Então porque é que ela ainda está caçando?"
Jacob rosnou, e um estremecimento passou pelo seu tórax.
"Parem com isso!", eu gritei para os dois, com uma impaciência selvagem.
"Discutam quando nós voltarmos, vamos!"
Alice se virou para o carro, desaparecendo na sua pressa. Eu corrí atrás dela, parando automaticamente pra trancar a porta.
Jacob agarrou meu braço com a mão tremendo.
"Por favor, Bella. Eu estou implorando".
Os olhos escuros dele estavam brilhando com lágrimas. Um caroço preencheu minha garganta.
"Jake, eu *preciso*-".
"Mas você não precisa. Você realmente não precisa. Você podia ficar aqui comigo. Você podia ficar viva. Por Charlie. Por mim".
O motor da Mercedes de Carlisle ronronou; o ritmo do ronco se intensificou quando Alice acelerou impacientemente.
Eu balancei minha cabeça, lágrimas saltando dos meus olhos com uma emoção devastadora. Eu puxei meu braço, e ele não lutou comigo.
"Não morra, Bella", ele gaguejou. "Não vá. Não".
E se eu nunca mais visse ele?
O pensamento me afastou das lágrimas silenciosas, um soluço escapou do meu peito. Eu joguei meus braços ao redor do seu tórax e o abracei por um momento curto demais, enterrando o meu rosto molhado de lágrimas no peito dele. Ele colocou sua mão grande na parte de trás do meu cabelo, como que pra me segurar lá.
"Adeus, Jake". Eu tirei a mão dele do meu cabelo, e beijei a palma dele. Eu não consegui olhar para o rosto dele. "Me desculpe", eu cochichei.
Então eu me virei e corri para o carro. A porta do lado do passageiro estava aberta e me esperando. Eu joguei minha mochila por cima do encosto de cabeça e entrei, batendo a porta atrás de mim.
"Tome conta de Charlie", eu me virei pra gritar pela janela, mas Jacob não estava em nenhum lugar á vista. Enquanto Alice acelerava e - com os pneus cantando como se fossem gritos humanos - nos virava pra o lado da estrada, eu ví um pedaço de trapo perto de onde começavam as árvores.
Um pedaço de sapato.

19. Ódio

Nós chegamos pra o nosso vôo com apenas segundos pra gastar, e então a tortura começou. O avião ficou inativo no portão enquanto as comissárias de bordo - muito casualmente - andavam pra cima e pra baixo no corredor, apalpando as bolsas nos compartimentos pra ter certeza de que elas cabiam. Os pilotos se inclinavam pra fora da cabine, conversando com elas enquanto elas passavam. Amão de Alice estava dura no meu ombro, me segurando no ascento enquanto eu saltava ansiosamente pra cima e pra baixo.
"Isso é mais rápido que ir correndo", ela me lembrou em uma voz baixa.
Eu só balancei a cabeça no ritmo dos meus pulos.
Enfim o avião se separava lentamente do portão aumentando a velocidade gradualmente com uma estabilidade que me torturava ainda mais. Eu esperava sentir alguma espécie de alívio quando finalmente começamos a decolar, mas o meu frenesí de impaciência não cessou.
Alice levantou o telefone nas costas do ascento na frente dela assim que paramos de subir, dando as costas para a comissária de bordo que olhou pra ela com um olhar de desaprovação. Alguma coisa na minha expressão impedia a comissária de vir protestar.
Eu tentei não prestar atenção no que Alice estava murmurando pra Jasper; eu não queria ouvir as palavras de novo, mas alguma coisa escapou.
"Eu não posso ter certeza, e fico vendo ele fazer coisas diferentes, ele fica mudando de idéia... Uma matança pela cidade, atacando um guarda, levantando um carro por cima da cabeça na praça principal... um monte de coisas que poderiam expor eles - ele sabe que essa é a forma mais rápida de forçar uma reação..."
"Não, você não pode", a voz de Alice baixou até que já estava quase inaudível, apesar de eu estar sentada a apenas alguns centímetros dela. Contrariada, eu prestei mais atenção. "Diga a Emmett que não... Bem, vá atrás de Emmett e Rosalie e os traga de volta... Pense nisso, Jasper. Se ele vir qualquer um de nós, o que você acha que ele vai fazer?"
Ela balançou a cabeça. "Exatamente. Eu acho que Bella é a única chance - se houver uma chance... Eu farei tudo o que puder ser feito, mas prepare Carlisle; as chances não são boas".
Ela sorriu então, e havia um tom diferente na voz dela. "Eu pensei nisso... Sim, eu prometo" A voz dela se tornou implorativa. "Não me siga. Eu prometo, Jasper. De um jeito ou de outro, eu me viro... E eu te amo".
Ela desligou, e se inclinou no ascento dela com os olhos fechados. "Eu odeio mentir pra ele."

"Me diga tudo, Alice", eu implorei. "Eu não entendo. Porque você disse a Jasper pra parar Emmett, porque eles não podem vir nos ajudar?"
"Duas razões", ela cochichou, ainda com os olhos fechados. "A primeira eu disse pra ele. Nós podemos tentar parar Edward sozinhas - se Emmett colocar as mãos em cima dele, nós podemos ser capazes de pará-lo por tempo suficiente pra convencê-lo de que você está viva. Mas não dá pra enganar Edward. Se eles vir qualquer um de nós se aproximando, ele simplesmente vai agir muito mais rápido.
Ele vai jogar um carro contra uma parede ou alguma coisa assim, e os Volturi vão agarram ele.
"E tem a segunda razão é claro, a razão que eu não consegui dizer pra Jasper. Porque se eles estiverem lá e os Volturi matarem Edward, eles vão lutar com eles. Bella", ela me encarou e abriu os olhos, suplicando. "Se houvesse alguma chance de nós vencermos... se houvesse uma forma de nós quatro podermos lutar pra salvar o meu irmão, talvez isso fosse diferente. Mas nós não podemos, e, Bella, eu não posso perder Japer desse jeito".
Eu me dei conta do porque de os olhos dela estarem implorando pela minha compreensão. Ela estava protegendo Jasper, á nossas custas, e talvez as custas de Edward também. Eu entendí, e não pensei mal dela. Eu balancei a cabeça.
"Contudo, será que Edward não poderia ouvir seus pensamentos?", eu perguntei. "Ele não ia saber, assim que ouvisse seus pensamentos, que eu estou viva, que não havia necessidade pra isso?"
Não que isso fosse uma justificativa, de qualquer jeito. Eu ainda não acreditava que ele fosse capaz de reagir dessa forma. Isso não fazia nenhum sentido! Eu me lambrava com dolorosa clareza das suas palavras naquele dia no sofá, enquanto nós assistíamos Romeu e Julieta se matarem. Eu não ia viver sem você, ele havia dito, como se isso fosse uma coclusão muito óbvia. Mas as palavras que ele havia dito na floresta quando ele me deixou haviam cancelado essa coisa toda - forçadamente.
"Se ele estivesse ouvindo", ela explicou. "Mas acredite ou não, é possível mentir em pensamento. Se você tivesse morrido, eu ainda tentaria impedir ele. E eu estaria pensando 'Ela está viva, ela está viva' o máximo que eu pudesse. Ele sabe disso".
Eu tranquei os dentes com uma frustração muda.
"Se houvesse uma forma de fazer isso sem você, Bella, eu não estaria te colocando em risco dessa forma. É muito errado da minha parte".
"Não seja estúpida. Eu sou a última coisa com a qual você deve se preocupar". Eu balancei a cabeça impacientemente. "Me diga o que você quis dizer quando disse que odiava mentir pra Jasper".
Ela deu um sorriso tímido. "Eu prometí a ele que ia me mandar antes que eles me matassem também. Não é uma coisa que eu posso

garantir - não por muito tempo". Ela ergueu as sobrancelhas, como se estivesse desejando que eu levasse o perigo mais a sério.
"Quem são esses Volturi?", eu quis saber em um suspiro. "O que os torna tão mais perigosos do que Emmett, Jasper, Rosalie e você?", era difícil imaginar uma coisa mais assustadora do que isso.
Ela respirou fundo, e então abruptamente deu uma olhada obscura por cima do meu ombro. Eu me virei a tempo de ver um homem sentado na poltrona ao lado se virando como se estivesse nos escutando. Ele aparentava ser um homem de negócios, em um terno escuro e uma gravata poderosa e um laptop nos joelhos. Enquanto eu o encarava irritada, ele abriu o computador e muito notavelmente colocou fones de ouvido.
Eu me inclinei pra mais perto de Alice. Os lábios dela estavam no meu ouvido enquanto ela cochichava a história.
"Eu estava surpresa por você ter reconhecido o nome", ela disse. "Que você tenha reconhecido tão imediatamente o que ele significava - quando eu disse que ele estava indo para a Itália. Eu pensei que fosse ter que explicar. O quanto Edward te contou?"
"Ele só disse que eles era uma família antiga, poderosa - como a realeza. Que você não devia chateá-los a menos que você quisesse... morrer". Eu sussurrei. Essa última palavra foi difícil de botar pra fora.
"Você precisa entender", ela disse, com a voz lenta, mais comedida agora. "Nós Cullen somos únicos em mais maneiras do que você imagina. É... anormal tantos de nós vivendo juntos e em paz. Isso é o mesmo para a família de Tânia vivendo no norte, e Carlisle especula que a nossa abstinência facilita a nossa civilização, de forma que os nossos laços são mais de amor do que de sobrevivência ou de conveniência. Mesmo o pequeno grupo de três de James era extraordinariamente grande - e você viu como foi fácil pra Laurent abandoná-los. A nossa espécie viaja sozinha, ou em pares, como se fosse uma regra geral. A família de Carlisle até onde eu sei é a maior em existência, com uma excessão. Os Volturi.
"Haviam três deles originalmente, Aro, Caius, e Marcus".
"Eu ví eles", eu murmurei. "Numa tela na sala de estudos de Carlisle".
Alice balançou a cabeça. "Duas fêmeas se juntaram a eles com o tempo, e eles cinco formavam a família. Eu não tenho certeza, mas eu acho que é a idade deles que dá a eles a habilidade de viverem juntos e em paz. Eles todos têm mais de trezentos anos. Ou talvez sejam os dons deles que os dá tolerância extra. Como Edward e eu, Aro e Marcus são... talentosos".
Ela continuou antes que eu pudesse perguntar. "Ou talvez seja apenas o amor deles por poder que os mantêm unidos. Realeza é uma descrição apta".
"Mas se só são cinco -"
"Cinco que formam a família", ela me corrigiu. "Isso não inclui os guardas".
Eu respirei fundo. "Isso parece... sério".

"Oh, e é", ela me assegurou. "Haviam nove membros da guarda que eram permanentes, da última vez que ouvimos falar. Os outros são mais... transitórios. Isso muda. E muitos deles tem dons também - com dons formidáveis, que fazem os meus parecerem um truque de circo. Os Volturi os escolhem pelas suas habilidades, físicas ou de outra espécie".
Minha boca se abriu, e depois se fechou de novo. Eu acho que não queria muito saber quanto as nossas chances eram ruins.
Ela balançou a cabeça de novo, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. "Eles não se envolvem em muitos confrontos. Ninguém é estúpido o suficiente pra se meter com eles. Eles ficam na cidade deles, e só saem quando o dever os chama".
"O dever?", eu imaginei.
"Edward não te disse o que eles fazem?"
"Não", eu disse, sentindo o meu rosto branco como papel.
Alice olhou por cima da minha cabeça de novo, para o homem de negócios, e colocou seus lábios gelados no meus ouvido de novo.
"Há uma razão pela qual ele os chamou de realeza... as regras de governo. Através do milênio, eles assumiram a posição de forçar as nossas regras - que na verdade, traduzindo significa que eles punem os transgressores. Eles cumprem esse dever decisivamente".
Meus olhos se arregalaram com o choque. "Existem regras?" Eu perguntei numa voz que era alta demais.
"Shh!"
"Será que alguém não devia ter mencionado isso pra mim antes?" eu cochichei raivosamente. "Quer dizer, eu queria ser uma... ser uma de vocês! Será que alguém não devia ter explicado as regras pra mim?"
Alice gargalhou uma vez com a minha reação. “Não é tão complicado, Bella. Só há um caroço de restrição - e se você pensar nisso, você provavelmente vai descobrir qual é sozinha".
Eu pensei nisso. "Não. Eu não faço idéia".
Ela balançou a cabeça, desapontada. "Talvez seja óbvio demais. Nós só temos que manter a nossa existência em segredo".
"Oh", eu murmurei. Era óbvio.
"Faz sentido, e a maioria de nós não precisa ser policiada", ela continuou.
"Mas, depois de alguns séculos, ás vezes um de nós fica de saco cheio. Ou louco. Eu não sei. E aí os Volturi se intrometem antes que comprometam eles, ou o resto de nós..."
"Então Edward..."
"Está pretendendo desconsiderar isso na cidade deles - a cidade que eles têm protegido secretamente por trezentos anos, desde o tempo dos etruscos. Eles protegem tanto aquela cidade que não permitem que haja caça dentro de seus limites. Volterra é provavelmente a cidade mais segura do mundo - pelo menos de ataques de vampiros".
"Mas você disse que eles não saem. Como é que eles saem?"

"Eles não saem. Eles trazem a comida deles de fora, de bem longe as vezes. Isso dá aos guardas deles alguma coisa pra fazer quando eles não estão aniquilando aves. Ou protegendo Volterra da exposição..."
"De situações como essa, como Edward", eu terminei a frase dela.
Era incrivelmente fácil dizer o nome dele agora. Eu não tinha a certeza de qual era a diferença. Talvez fosse porque eu não estivesse planejando viver mais muito tempo sem ver ele. Ou sem vê-lo absolutamente, se fosse tarde demais. Era reconfortante saber que eu podia acabar facilmente com as coisas.
"Eu duvido que eles já tenham tido que lidar com uma situação como essa", ela murmurou, enojada. "Você não encontra muitos vampiros suicidas por aí".
O som que escapou da minha boca era muito baixo, mas Alice pareceu compreender que era um choro de dor. Ela passou o seu braço magro, forte ao redor do meus ombros.
"Nós faremos o que pudermos, Bella. Ainda não está acabado".
"Ainda não". Eu deixei ela me confortar, apesar de saber o quanto as chances eram pequenas. "E os Volturi vão nos pegar se estrarmos as coisas".
Alice enrigeceu. "Você diz isso como se fosse uma coisa boa".
Eu levantei os ombros.
"Sai dessa, Bella, se não a gente desce em Nova York e eu te levo de volta pra Forks"
"O que?"
"Você sabe o que. Se chegarmos tarde demais pra Edward, eu vou fazer o máximo que puder pra te levar de volta pra Charlie, e eu não quero ter problemas com você. Você entendeu isso?"
"Claro, Alice".
Ela se afalstou um pouquinho pra que pudesse me olhar. "Nada de problemas".
"Palavras de escoteira", eu murmurei.
Ela revirou os olhos.
"Deixe eu me concentrar, agora. Eu estou tentando ver o que ele está planejando".
Ela deixou o braço ao meu redor, mas a cabeça dela encostou no ascento e ela fechou os olhos. Ela pressionou a mão livre no lado do rosto, esfregando as pontas dos dedos nas têmporas.
Eu observei ela fascinadamente por algum tempo.
Eventualmente, ela ficou extremamente imóvel, o rosto dela parecia uma escultura de mármore. Os minutos se passaram, e se eu não soubesse melhor, eu acharia que ela havia pego no sono. Eu não me atrevi a interrompê-la pra perguntar o que estava acontecendo.
Eu desejei que houvesse uma coisa segura pra eu pensar. Eu não podia me permitir a pensar nos horrores que estavam á frente, ou, mais horroroso ainda, na chance de que pudessemos falhar - eu não podia pensar nisso se quisesse me impedir de gritar.
Eu também não podia antecipar nada. Talvez, se tivessemos muita, muita, muita sorte, nós seriamos de alguma forma capazes de salvar

Edward. Mas eu não era tão estúpida a ponto de pensar que salvar ele significava que eu ficaria com ele. Isso não era diferente, nenhum pouco mais especial do que era antes. Não havia nenhum motivo pra ele me querer agora. Ver ele e perdê-lo de novo...
Eu lutei contra a dor. Esse era o preço que eu tinha que pagar para salvar a vida dele. E eu ia pagar.
Ele passaram um filme, e o meu vizinho colocou os fones. As vezes eu olhava as figuras se movendo na pequena tela, mas eu nem podia dizer se o filme era de romance ou de terror.
Depois de uma eternidade, o avião começou a descer na direção da cidade de Nova York. Alice permaneceu no seu transe. Eu me arrepiei, me aproximando para tocá-la, só pra colocar minha mão de volta. Isso aconteceu uma dúzia de vezes antes que o avião tocasse o chão com um leve impacto.
"Alice", eu finalmente disse. "Alice, temos que ir".
Eu toquei o braço dela.
Seus olhos se abriram muito lentamente. Ela balançou a cabeça lentamente de um lado pro outro por um momento.
"Algo novo?", eu perguntei numa voz baixa, consciente do homem que estava ouvindo do meu lado.
"Não extamente", ela respirou numa voz que eu mal conseguí entender.
"Ele está chegando perto. Ele está decidindo como vai pedir".
Nós tivemos que correr pra pegar o próximo vôo, mas isso foi bom - melhor que ter que esperar.
Assim que o avião estava no ar, Alice fechou os olhos e deslizou para aquele mesmo estado de letargia de antes. Eu esperei tão pacientemente quanto pude. Quando já estava escuro de novo, eu abri a janela pra olhar pra o escuro lá fora que não era nenhum pouco melhor do que quando a janela estava fechada.
Eu estava agradecida por ter tido tanto tempo pra praticar com os controles dos meus pensamentos. Ao invés de duelar com as horríveis possibilidades de que, não importava o que Alice disesse, eu não ia sobreviver, eu me concentrei em problemas menores. Como, o que eu ia dizer pra Charlie quando eu voltasse. Isso era problemático o suficiente pra me ocupar algumas horas. E Jacob? Ele havia prometido esperar por mim, mas será que essa promessa ainda estava de pé? Será que eu ia acabar sozinha em minha casa em Forks, sem absolutamente ninguém? Talvez eu não quisesse sobreviver, independente do que acontecesse.
Parecia que só haviam se passado alguns segundos quando Alice balançou num ombro - eu não me dei conta de que havia caído no sono.
"Bella", ela assobiou, a voz dela um pouco alta demais numa cabine escura cheia de humanos adormecidos.
Eu não estava desorientada - eu não estive dormindo por tempo suficiente pra isso.
"Qual o problema?"

Os olhos de Alice brilhavam na luz fraca de uma luz acesa na fileira atrás da nossa.
"Não é errado", ela sorriu impetuosamente. "Eles estão deliberando, mas eles decidiram dizer não".
"Os Volturi?", eu eu murmurei, confusa.
"É claro, Bella, me acompanhe. Eu consigo ver o que els vão dizer".
"Me diga".
Um atendente veio na ponta dos pés pelo corredor até nós. "Posso pegar um travesseiro para as senhoritas?", ele disse com um cochicho que era uma repreensão em comparação com a nossa conversa alta.
"Não, obrigada", Alice brilhou pra ele, com um sorriso chocantemente amável. A expressão do atendente estava deslumbrada quando ele se virou e foi tropeçando de volta para o seu lugar.
"Me diga", eu respirei quase silenciosamente.
Ela sussurrou no meu ouvido. "Eles estão interessados nele - eles acham que o talento dele pode ser útil. Eles vão oferecê-lo um lugar com eles".
"O que ele vai dizer?"
"Isso eu ainda não sei dizer, mas eu aposto que vai ser mal educada" ela riu de novo. "Essas são as primeiras boas notícias - o primeiro intervalo. Eles estão intrigados; eles realmente não querem destruí-lo - 'desperdício' essa é a palavra que Aro vai usar - e isso deve ser o suficiente pra forçá-lo a ser criativo. Quanto mais tempo ele gastar me seus planos, melhor pra nós".
Isso não era o suficiente pra me deixar esperançosa, pra me fazer sentir o alívio que ela obviamente sentia. Ainda existem tantas formas de nois atrasarmos. E se eu não conseguisse entrar na cidade dos Volturi, eu não seria capaz de impedir que Alice me arrastasse de volta pra casa.
"Alice?"
"O que?"
"Eu estou confusa. Como é que você está vendo isso tão claramente? E depois outras vezes, você vê coisas tão distantes - coisas que não acontecem".
Os olhos dela se estreitaram. Eu me perguntei se ela havia adivinhado o que eu estava pensando.
"É claro porque é próximo e imediato, e eu realmente estou me concentrando. As coisas mais distantes que acontecem por sí próprias - essas são só suposições, meros talvez. Além do mais, eu enxergo a minha espécie muito mais claramente do que a sua. Edward é mais fácil porque eu estou tão ligada a ele".
"Você me vê as vezes", eu lembrei ela.
Ela balançou a cabeça. "Não tão claramente".
Eu suspirei.
"Eu realmente queria que você estivesse certa sobre mim. No começo, quando você viu coisas sobre mim, mesmo antes de termos nos conhecido..."

"O que você quer dizer?"
"Você viu eu me tornar uma de vocês", eu mal murmurei as palavras.
Ela suspirou. "Era uma possibilidade naquela época".
"Naquela época", eu repetí.
"Na verdade, Bella", ela hesitou, e depois pareceu fazer uma escolha. "Honestamente, eu acho que isso é mais que ridículo. Eu estou debatendo a idéia de eu mesma transformar você".
Eu olhei pra ela, congelada pelo choque. Instantemente, minha mente registrou as palavras dela. Eu não podia me dar ao luxo de ter esperanças caso ela mudasse de idéia.
"Eu te assustei?", ela imaginou. "Eu pensei que era isso que você queria".
"Eu quero!", eu asfixiei. "Oh, Alice, faça isso agora! Eu podia te ajudar tanto - e assim eu não ia te atrapalhar. Me morda!"
"Shh!", ela precaviu. O atendente estava olhando na nossa direção de novo. "Tente ser razoável", ela sussurrou. "Nós não temos tempo suficiente. Nós temos que chegar em Volterra até amanhã. Você ficaria se contorcendo de dor por dias". Ela fez uma cara. "E eu não acho que os outros passageiros iam reagir bem".
Eu mordí meu lábio. "Se você não fizer isso agora, você vai mudar de idéia".
"Não", ela fez uma carranca, a expressão infeliz. "Eu não acho que vou. Ele vai ficar furioso, mas o que é que ele vai poder fazer?"
Meu coração bateu mais rápido. "Absolutamente nada".
Ela sorriu baixinho, e depois suspirou. "Você tem muita fé em mim, Bella. Eu não tenho muita certeza de que posso. Eu provavelmente vou acabar te matando".
"Eu vou me arriscar".
"Você é muito bizarra, mesmo pra uma humana".
"Obrigada".
"Oh bem, isso é puramente hipotético até esse ponto, afinal. Primeiro nós temos que sobreviver a amanhã".
"Bem lembrado". Mas pelo menos eu podia ter esperança de alguma coisa se sobrevivêssemos.
Se Alice cumprisse a sua promessa - e não acabasse me matando - então Edward poderia correr atrás de suas distrações o quanto ele quisesse, e eu poderia seguir. Eu não deixaria ele se distrair. Talvez, quando eu fosse linda e forte, ele nem quisesse distrações.
"Volte a dormir", ela me encorajou. "Eu te acordo quando houver algo novo".
"Certo", eu rosnei, certa de que dormir era uma causa perdida agora.
Alice puxou as pernas pra cima do ascento, agarrando elas com os braços e encostando a testa nos joelhos. Ela se balançava pra frente e pra trás enquanto se concentrava.
Eu descansei minha cabeça no ascento, observando ela, e a próxima coisa que eu soube, ela estava fechando cortina para o leve brilho do sol lá fora.
"O que está acontecendo?" eu murmurei.

"Eles disseram não pra ele", ela disse baixinho. Eu notei que todo o seu entusiasmo havia desaparecido.
Minha voz ficou estrangulada na minha garganta com o pânico. "O que ele vai fazer?"
"Era muito caótico no início. Eu só estava pegando umas partes, ele estava mudando de plano tão rapidamente".
"Que tipo de planos?", eu pressionei.
"Houve uma hora ruim", ela sussurrou. "Ele decidiu que ia caçar".
Ela olhou pra mim, vendo a compreensão nos meus olhos.
"Na cidade", ela explicou. "Ele chegou muito perto. Ele mudou de idéia no último minuto".
"Ele não ia querer desapontar Carlisle", eu murmurei. Não no final.
"Provavelmente", ela concordou.
"Vai haver tempo suficiente?" Enquanto eu falava, houve uma mudança na pressão da cabine. Eu podia sentia o avião se preparando pra aterissar.
"Eu estou esperando que sim - se ele continuar com a última decisão, pode ser".
"O que foi?"
"Ele vai se manter simples. Ele só vai caminhar no sol".
Só caminhar no sol. Isso era tudo.
Isso seria o suficiente. A imagem de Edward na clareira - brilhando, cintilando como se a pele dele fosse feita de milhões de diamantes - estava gravada na minha memória. Nenhum humano que visse aquilo iria esquecer. Os Volturi não iam permitir isso.
Não se eles quisessem manter a cidade acima de qualquer suspeita.
Eu olhei para o leve brilho cinza que brilhava através das janelas abertas. "Chegaremos tarde demais", eu sussurrei, minha garganta se fechando de pânico.
Ela balançou a cabeça. "Messe meomento, ele está se inclinando para o melodrama. Ele quer o maior público possível, então ele vai escolher a praça principal, embaixo da torre do relógio. As paredes de lá são altas. Ele vai esperar para que o sol esteja bem centrado".
"Então temos até o meio dia?"
"Se tivermos sorte. Se ele permanecer com essa decisão".
O piloto apareceu no intercomunicador, anunciando, primeiro em Francês, depois em Inglês, a nossa aterissagem eminente. As luzes dos avisos dos cintos de segurança tocaram e piscaram.
"Qual é a distância entre Florença e Volterra?"
"Isso depende da velocidade que você dirige... Bella?"
"Sim?"
Ela me olhou especulativamente. "O quanto você se opõe a roubar um carro?"

Um Porshe amarelo brilhante nos chamou a atenção á alguns passos de onde estávamos. A palavra TURBO estava pregada em letras prateadas na parte de trás. Todo mundo além de mim na calçada cheia do aeroporto parou pra olhar.

"Corre, Bella!", Alice gritou impacientemente pela janela aberta do passageiro.
Eu corrí para a porta e me joguei pra dentro, sentindo que eu podia muito bem estar usando uma meia clça preta na cabeça.
"Nossa, Alice", eu reclamei. "Será que você poderia escolher um carro mais suspeito pra roubar?"
O interior era de couro preto, e as janelas eram de fumê escuro. Eu me sentí mais segura do lado de dentro, como se fosse noite.
Alice já estava se movendo, rápido demais, pelo engarrafamento no aeroporto - passando por espaços muito pequenos enquanto eu me procurava e apertava o meu cinto de segurança.
"A pergunta importante", ela corrigiu. "É se eu não podia ter roubado um carro mais rápido, e eu não acho que poderia. Eu tive sorte".
"Eu tenho certeza de que ele será muito confortável se houver algum obstáculo na estrada".
Ela vibrou com uma risada. "Confie em mim, Bella. Se algum colocar algum obstáculo na pista, será depois que passarmos". Ela pisou no acelerador nessa hora, como se fosse pra provar a teoria dela.
Eu provavelmente devia ter olhado pela janela pra ver as cidades de Florença e depois de Toscana passavam por nós com uma velocidade incrível. Essa era a minha primeira visita aqui, e talvez fosse a última também. Mas Alice na direção me assustava, apesar do fato de eu saber que podia confiar nela atrás do volante.
Eu eu estava muito torturada com a ansiedade pra realmente ver as colinas ou as cidades amuradas que pareciam com castelos á distância.
"Você vê algo mais?"
"Tem alguma coisa acontecendo", Alice murmurou. "Algum tipo de festival. As ruas estão cheias de pessoas e bandeiras vermelhas. Que data é hoje?"
Eu não tinha inteiramente certeza. "Dezenove, talvez?"
"Bem, isso é irônico. Hoje é dia de São Marcos".
"Que significa?"
Ela gargalhou obscuramente. "A cidade faz uma celebração todo ano. Até onde a lenda conta, um Cristão missionário, um Padre Marcus - Marcus de Voltun, na verdade - expulsou os vampiros de Volterra a quinhentos anos atrás. A história diz que ele virou mártir na Romênia, ainda tentando expulsar a corja dos vampiros. É claro que isso é tudo bobagem- ele nunca deixou a cidade. Mas é daí que vêm as superstições sobre cruzes e alho. O Padre Marcus usou eles e teve tanto sucesso. E os vampiros não incomodam Volterra, então eles devem funcionar", o sorriso dela sardônico. "Isso se tornou uma celebração para a cidade, e ganhou o reconhecimento da força policial - afinal, Volterra é uma cidade extremamente segura. É a polícia quem leva o crédito".
Eu estava me dando conta do que ela quis dizer quando disse irônico. "Eles não vão ficar muito felizes se Edward estragar a coisa toda do Dia de São Marcus, vão?"

Ela balançou a cabeça, sua expressão severa. "Não. Eles vão agir rapidamente".
Eu desviei os olhos, lutando contra os meus dentes quando eles começaram a tentar arrebentar a pele do meu lábio inferior. Sangrar não era a melhor idéia agora.
O sol estava aterrorizadamente alto, no pálido céu azul.
"Ele ainda está no plano de meio dia?", eu chequei.
"Sim. Ele deciciu esperar. E eles estão esperando por ele".
"Me diga o que eu tenho que fazer".
Ela manteve os olhos na estrada - a agulha do medidor de velocidade já estava alcansando o máximo da capacidade.
"Você não tem que fazer nada. Ele só tem que ver você antes de andar para a luz. E ele tem que ver você antes que ele me veja".
"Como é que vamos fazer isso?"
Um pequeno carro vermelho parecia estar andando pra trás quando Alice o ultrapassou.
"Eu vou te levar até o mais próximo possível, e depois você vai correr na direção que eu te apontar".
Eu balancei a cabeça.
"Tente não tropeçar", ele adicionou. "Nós não temos tempo para uma concussão hoje".
Eu gemí. Isso seria a minha cara - arruinar tudo, destruir o mundo, em um momento de trapalhadas.
O sol continuou a subir no céu enquanto Alice corria contra ele. Ele estava brilhando demais, e isso me fez entrar em pânico. Talvez no fim das contas ele não visse necessidade em esperar até o meio dia.
"Ali", Alice disse abruptamente, apontando para o castelo no topo da colina mais próxima.
Eu olhei pra ele, sentindo a primeira pontada do meu novo tipo de medo. Todos os minutos desde ontem de manhã - parecia ter se passado uma semana - quando Alice falou o nome dele no pé da escada, só houve um medo. E ainda assim, agora, enquanto eu olhava para aquelas paredes ansiãs e para as torres se equilibrando no topo das colinas, eu sentí outro, uma espécie mais egoísta de alegria passou por mim.
Eu achei que a cidade era muito bonita. Isso me deixou aterrorizada.

"Volterra", Alice disse numa voz vazia, gelada.

20. Volterra

Nós começamos a subir a entrada íngreme,e a estrada ficou congestionada. Quando nós chegamos mais alto, os carros estavam muito próximos uns dos outros então Alice não podia mais atravessar entre eles como uma insana. Nós paramos uma fila atrás de um pequeno Peugeot.
"Alice", eu gemí. O relógio na torre parecia estar correndo mais rápido.
"É o único jeito de entrar", ela tentou me acalmar. Mas a voz dela estava muito tensa pra confortar.
Os carros continuaram a andar pra frente, uma carro lentamente de cada vez. O sol brilhou com força, parecendo que já estava no centro do céu.
Os carros entraram um a um na cidade. Enquanto nos aproximávamos, eu podia ver os carros sendo estacionados de um dos lados da estrada e pessoas saindo pra fazer seu caminho a pé. Primeiro eu achei que isso fosse só impaciencia - coisa que eu podia entender facilmente. Mas depois nós entramos numa rua, e eu podia ver o estacionamento cheio, do lado de fora da cidade, as multidões de pessoas entrando pelos portões. Ninguém estava tendo permissão pra entrar de carro.
"Alice", eu sussurrei urgentemente.
"Eu sei", ela disse. O rosto dela parecia esculpido no gelo.
Não que eu estivesse olhando, e nós estavamos rastejando lentamente o suficiente pra que eu visse, mas eu podia dizer que estava ventando muito.
As pessoas se aglomerando na direção do portão agarravam seus chapéus e tiravam os cabelos da frente do rosto. Suas roupas estavam grudando em seus corpos. Eu também percebí que a cor vermelha estava em todo lugar. Camisas vermelhas, chapéus vermelhos, bandeiras vermelhas balançando como laços ao lado da ponte, balançando com o vento - enquanto eu estava observando, uma brilhante echarpe escarlate que uma mulher havia amarrado na cabeça foi levada numa rajada repentina. Ela balançou no ar em cima da mulher, se movendo como se estivesse viva.
A mulher tentou alcansar, pulando no ar, mas ela continuou subindo mais alto, uma rastro de sangue nas paredes sombrias, ansiãs.
"Bella", Alice falou rapidamente numa voz feroz, lenta.
"Eu não consigo ver aqui o que o guarda vai decidir - se isso não funcionar, você vai ter que ir sozinha. Você vai ter que correr. Continue perguntando pelo Palazzo dei Priori, e correndo na direção que eles te apontarem. Não se perca".
"Palazzo dei Priori, Palazzo dei Priori", eu repeti o nome de novo e de novo, tentando decorar.
"Ou 'a torre do relógio' se eles falarem Inglês. Eu vou dar a volta e

tentar encontrar um lugar vazio atrás da cidade onde eu posso pular os muros".
Eu balancei a cabeça. "Palazzo dei Priori".
Edward vai estar embaixo da torre do relógio, ao norte da praça. La ha uma ruela estreita na direita, e ele estará nas sombras lá. Você tem que atrair a atençaõ dele antes que ele saia para o sol".
Eu balancei a cabeça furiosamente.
Alice estava perto do fim da fila. Um homem num uniforme azul marinho estava direcionando a fluência do trânsito, afastando os carros do estacionamento vazio. Eles faziam uma curva em U e tentavam encontrar uma vaga perto da estrada. E então era a vez de Alice.
O homem uniformizado acenou preguiçosamente, sem prestar atenção. Alice acelerou, cercando ele e indo na direção do portão. Ele gritou alguma coisa pra nós, mas continuou no lugar, acenando freneticamente pra evitar que o próximo carro seguisse o mal exemplo.
O homem no portão usava um uniforme combinando. Enquanto nos aproximamos dele, as multidões de turistas passavam, enchendo as calçadas, olhando curiosamente para o Porshe chamativo, brilhante.
O guarda pisou no meio da estrada. Alice fez um ângulo com o carro antes de pará-lo completamente. O sol batia na minha janela, e ela estava numa sombra. Ela rapidamente alcançou a parte de trás do banco e tirou alguma coisa de dentro da bolsa dela.
O guarda se aproximou do carro com uma expressão irritada, e deu umas batidinhas raivosas na janela dela.
Ela abriu a janela até a metade, e eu observei ele olhar duas vezes quando viu o rosto atrás do vidro.
"Eu lamento, apenas ônibus de excursões são permitidos na cidade hoje, senhorita", Ele disse em Inglês, com um sotaque pesado. Ele parecia pedir desculpas, agora, como se desejasse ter boas notícias pra dar pra uma mulher arrebatadoramente linda.
"É uma excursão", Alice disse, dando uma sorriso sedutor. Ela colocou a mão pra fora da janela, na luz do sol. Eu congelei, até que eu percebí que ela estava usando uma luva curtida, na altura do cotovelo.
Ele pegou a mão dela, que ainda estava levantada pela batidinha na janela, e a colocou dentro do carro. Ela colocou alguma coisa na palma dele, e dobrou os dedos dele em cima disso.
O rosto dele estava confuso quando ele tirou a mão e olhou para o grosso rolo de dinheiro que ele agora segurava. A última nota era uma de mil dólares.
"Isso é uma piada?", ele murmurou.
O sorriso de Alice foi deslumbrante. "Só se você achar engraçado".
Ele olhou pra ela, com os olhos arregalados. Eu olhei nervosamente para o relógio se mexendo. Se Edward continuasse com o seu plano, nós só tínhamos mais cinco minutos.
"Eu estou com um tantinho assim de pressa", ela assobiou, ainda

sorrindo.
O guarda piscou duas vezes, e depois enfiou o dinheiro no seu casaco. Ele deu um passo pra longe da janela e acenou pra nós. Nenhuma das pessoas passando por nós pareceu perceber a grande mudança. Alice dirigiu para a cidade, e nós duas suspiramos aliviadas.
A rua era muito estreita, coberta com pedras da mesma cor enquanto as paredes de uma cor canela que estava desaparecendo escureciam a rua com o seu tom de cor.
Paredes vermelhas decoravam as paredes, a apenas uns centímetros uma da outra, balançando com o vento e assobiava pela estreita passagem.
Tudo estava lotado, e o trânsito dos pedestres atrapalhou o nosso progresso.
"Só um pouco mais á frente", Alice me encorajou; eu estava agarrando a maçaneta da porta, preparada pra me jogar na rua assim que ela falasse a palavra.
Ela dirigiu fazendo rápidos avanços e dando paradas repentinas, e as pessoas na multidão mostrvam o punho pra nós e diziam palavras raivosas que eu estava feliz por não conseguir entender.
Ela fez uma curva num pequeno espaço que não podia estar reservado para os carros; as pessoas chocadas tinham que se espremer nas entradas das casas enquanto passavamos por elas. Nós encontramos outra estrada no final. Os prédios eram mais altos aqui; eles se estendiam para a frente então nenhum sol tocava o chão - as bandeiras balançando nas paredes dos dois lados quase se encontravam. A multidão estava maior aqui do que nos outros lugares. Alice parou o carro. Eu já tinha aberto a porta antes que estivéssemos completamente parados.
Ela apontou para onde a rua se alargava no caminho de uma abertura brilhante. "Alí - nos estamos no lado sudoeste da praça. Corra diretamente até o outro lado, para a direita da torre do relógio. Eu vou encontrar um caminho dando a volta -"
A respiração dela se prendeu de repente, e quando ela falou de novo, a voz dela era um assibio. *"Eles estão em todo lugar?"*
Eu congelei no lugar, mas ela me empurrou do carro. "Esqueça eles. Você tem dois minutos. Vai, Bella, vai!", ela gritou, saindo do carro enquanto falava.
Eu não parei pra ver Alice se misturar ás sombras. Eu não parei pra fechar a porta atrás de mim. Eu empurrei uma mulher pesada pra fora do meu caminho e continuei correndo para a frente, a cabeça abaixada, prestando pouca atenção em outra coisa que não fosse o caminho de pedras embaixo dos meus pés.
Saindo da rua escura, eu fiquei cega pela claridade do sol batendo na praça principal. O vento fez barulho passando por mim, jogando meus cabelos nos meus olhos e me cegando mais ainda. Não era de se surpreender que eu não tivesse visto a parede de gente até que eu esbarrei nela.

Não haviam nenhum caminho, nenhuma fenda entre os corpos pressionados juntos. Eu empurrei eles furiosamente, luatndo com as mãos que apareceram de volta.
Eu ouví exclamações de raiva e até mesmo de dor enquanto eu batalhava pra abrir meu caminho, mas nenhuma delas em uma linguagem que eu compreendesse.
O rosto deles era um vulto de raiva e surpresa, cercados pelo vermelho sempre presente. Uma mulher loura olhou zangada pra mim, e a echarpe vermelha amarrada no pescoço dela parecia uma ferida grotesca. Uma criança, levantada no ombro de um homem pra ver por cima da multidão, sorriu pra mim, os dentes dele escondidos embaixo de uma dentadura de plástico com presas de vampiro.
A multidão passava ao meu redor, me virando na direção errada. Eu estava feliz pelo relógio ser tão visível, ou eu nunca teria sido capaz de seguir o meu curso corretamente. Os dois ponteiros do relógio estavam apontados pra cima para o sol impiedoso, e, apesar de eu me jogar violentamente contra a multidão, eu sabia que era tarde demais. Eu não estava nem no meio do caminho. Eu era uma humana estúpida e lenta, e todos nós íamos morrer por causa disso.
Eu esperava que Alice conseguisse. Eu esperava que ela me visse das sombras escuras e soubesse que eu havia falhado, assim ela podia voltar pra casa pra Jasper.
Eu escutei, por cima das exclamações de raiva, tentando ouvir o som da descoberta: os cochichos, talvez os gritos, quando Edward se mostrasse para alguém.
Mas ouve um espaço entre a multidão - eu podia ver um espaço vazio á frente. Eu empurrei urgentemente em diração a ele, sem me dar conta até que eu machuquei minhas canelas nos tijolos, de que era uma grande fonte quadrada, que ficava no centro da praça.
Eu estava preticamente chorando de alívio enquanto mergulhava minha perna por cima da parede e corria pela água que ficava na altura do joelho. Ela respingava inteira em mim no meu caminho pela fonte. Mesmo no sol, o vento era glacial, e o molhado na verdade faziam o frio doer. Mas a fonte era muito larga; ela me ajudou a passar pelo centro da praça e um pouco mais adiante em meros segundos.
Eu não parei quando alcancei a outra ponta - eu usei a parede baixa pra me impulsar, me jogando em cima da multidão.
Agora eles se moviam prontamente pra me dar passagem, evitando a água gelada que pingava das minhas roupas enquanto eu corria. Eu olhei para o relógio de novo.
Um barulho profundo, estrondoso invadiu a praça nesse momento. Ele fez as pedras tremerem embaixo dos meus pés. As crianças choravam cobrindo os ouvidos. E eu comecei a gritar enquanto corria. "Edward!", eu gritei, sabendo que era inútil. A multidão falava alto demais, e minha voz estava sem fôlego de exaustão. Mas eu não podia parar de gritar.

O relógio bateu de novo. Eu corrí por uma criança nos braços da mãe - o cabelo dele era quase branco deslumbrante luz do sol. Um círculo homens altos, todos usando blazers vermelhos, chamaram dando avisos quando eu esbarrei com eles. O relógio bateu de novo.
No outro lado dos homens de blazer, havia uma folga na multidão, um espaço entre os passantes que andavam á toa ao meu redor. Meus olhos procuravam na estreita passagam escura á direita do grande edifício quadrado embaixo da torre. Eu não conseguia ver o nível da rua - ainda haviam muitas pessoas no caminho. O relógio bateu de novo.
Agora era difícil de ver. Sem a multidão pra parar o vento, ele batia no meu rosto e fazia meus olhos arderem. Eu não tinha certeza de que essa era a razão por baixo das minhas lágrimas, ou se eu estava chorando de derrota quando o relógio bateu novamente.
Uma pequena família de quatro era a que estava mais próxima da entrada da ruela. Duas garotas usavam vestidos escarlates, com laços combinando presos atrás da cabeça. O pai não era alto. Parecia que eu podia ver alguma coisa brilhando nas sombras, bem acima do ombro dele. Eu corrí na direção deles, tentando ver através das lágrimas. O relógio bateu, e a garota menos colocou as mãos nos ouvidos.
A garota maior, que ficava na altura da cintura da mãe, agarrou a perna da mãe e olhou para a escuridão atrás deles.
Enquanto eu observava, ela cutucou o cotovelo da mãe e apontou para a escuridão atrás deles.
O relógio bateu e eu estava muito perto agora.
Eu estava perto o suficiente pra ouvir a voz aguda dela. O pai dela olhou pra mim supreso quando eu corrí na direção deles, gritando o nome de Edward de novo e de novo.
A garota mais velha deu uma risadinha e disse alguma coisa para a mãe, fazendo gestos impacientes de novo na direção das sombras.
Eu me desviei do pai - ele tirou o bebê do meu caminho - e corrí na diração da brecha luminosa atrás deles enquanto o relógio batia de novo.
"Edward, não!", mas minha voz estava perdida por causa do barulho das badaladas.
Eu podia vê-lo agora. E eu podia ver que ele não podia me ver. Realmente era ele, nada de alucinações dessa vez. E eu me dei conta de que as minhas alucinações eram mais falhas do que eu imaginava; elas nunca o fariam justiça.
Edward estava parado, imóvel como uma estátua, só a alguns passos do fim da ruela. Seus olhos estavam fechados, os círculos embaixo deles eram de um roxo escuro, os braços estavam relaxados ao lado dele, suas palmas viradas pra frente.
A expressão dele era muito tranquila, como se ele estivesse sonhando com coisas agradáveis. A pele do seu peito de mármore estava nua - havia uma fina camada de tecido branco sobre os seus

pés. A luz refletindo da calçada da praça refletia fracamente na pele dele.
Eu nunca havia visto nada mais lindo - mesmo estando correndo, sem fôlego e gritando, eu podia apreciar isso. E os últimos meses não significaram nada. E eu não me importava se ele não me queria. Eu nunca iria querer nada além dele, não importava quanto tempo eu vivesse.
O relógio bateu, e ele deu um longo passo em direção á luz.
"Não!", eu gritei. "Edward, olhe pra mim!"
Ele não estava ouvindo. Ele estava sorrindo muito levemente. Ele ergueu o pé pra dar o próximo passo que o colocaria diretamente na direção do sol.
Eu me choquei com ele com tanta violência que a força teria me jogado no chão se os braços dele não tivessem me pego e me segurado.
O impacto me deixou sem fôlego e fez minha cabeça pular pra trás. Seu olhos se abriram lentamente enquanto o relógio badalava de novo.
Ele olhou pra mim com uma surpresa silenciosa.
"Incrível", ele disse, sua voz primorosa estava maravilhada, um pouco divertida. "Carlisle estava certo".
"Edward", eu tentei asfixiar, mas minha voz não fazia som. "Você tem que voltar para as sombras. Você precisa se mover!"
Ele parecia contente. A mão dele alisava suavamente a minha bochecha. Ele não parecia reparar que eu estava tentado forçá-lo pra trás. Pelo progresso que eu estava fazendo era melhor estar empurrando uma parede. O relógio badalou de novo, mas ele não se mexeu.
Era muito estranho, até onde eu sabia nós dois estávamos em perigo mortal. Mesmo assim, naquele instante, eu me sentia bem. Completa. Eu podia sentir meu coração disparado no meu peito, o sangue pulsando quente e rápido nas minhas veias de novo. Meus pulmões estavam cheios com o doce cheiro que vinha da pele dele. Era como se nunca houvesse existido um buraco no meu peito. Ele estava perfeito - não curado, mas era como se ele nunca tivesse estado lá pra começar.
"Não dá pra acreditar no quanto foi rápido. Eu não sentí nada - eles foram muito bons", ele meditou, fechando os olhos de novo e pressionando os lábios no meu cabelo. A voz dele era como mel e veludo. "Morte, que sugou o mel da tua respiração, não teve nenhum poder contra a tua beleza", ele murmurou, e eu reconhecí a fala dita por Romeu na tumba.
O relógio deu sua última badalada "Você cheira exatamente igual", ele continuou. "Então talvez isso seja o inferno. Eu não me importo. Eu fico com ele".
"Eu não estou morta", eu interrompí. "E nem você! Por favor, Edward, nós temos que nos mover. Eles não podem estar muito longe".

Eu lutei nos braços dele, eles ergueu as sobrancelhas confuso.
"Como é isso?", ele perguntou educadamente.
"Nós não estamos mortos, ainda não! Mas nós temos que sair da luz antes que os Volturi -"
A compreensão foi penetrando o rosto dele enquanto eu falava. Antes que eu pudesse terminar de falar, ele de repente me arrastou da margem das sombras, me girando sem esforço até que as minhas costas estivessem espremidas na parede de tijolos, e as costas dele estavam viradas pra mim enquanto ele encarava a ruela. Os bralos dele se abriram, me protegendo, na minha frente.
Eu olhei por baixo dos braços dele pra ver duas figuras escuras que se destacavam na escuridão.
"Saudações, cavalheiros", a voz de Edward estava calma e prazeirosa, na superfície. "Eu não acho que estarei necessitando dos seus serviços hoje. Eu agradeceria muito, no entanto, se vocês enviassem meus agradecimentos aos seus mestres".
"Vamos levar essa conversa para um local mais apropriado?" uma voz suave sussurrou ameaçadoramente.
"Eu não acredito que isso vá ser necessário", a voz de Edward estava mais dura agora. "Eu conheço as suas instruções, Felix. Eu não quebrei nenhuma das regras".
"Feliz estava meramente tentando apontar a proximidade do sol", a outra sombra disse com um tom suavizante.
Eles dois estavam ocultos em mantos cinzentos que alcançavam o chão e balançavam com o vento. "Deixe-nos procurar um esconderijo melhor".
"Eu estarei bem atrás de vocês", Edward disse secamente. "Bella, porque você não volta para a praça e aproveita o festival?"
"Não, traga a garota", a primeira sombra disse, de alguma forma injetando um olhar malicioso ao seu sussurro.
"Eu acho que não" A falsa civilidade havia desaparecido. A voz de Edward era plana e fria. O peso dele se mudou um infinitésimo, e eu percebí que ele estava se preparando pra lutar.
"Não", eu só murmurei a palavra.
"Felix", a segunda sombra, mais razoável precaviu. "Aqui não". Ele se virou pra Edward. "Aro simplesmente gostaria de falar com você novamente, pra saber se você decidiu se juntar á nossa força afinal".
"Certamente", Edward concordou. "Mas a garota fica livre".
"Eu temo que isso não seja possível", a educada sombra disse pesarosamente. "Nós temos regras a obedecer".
"Então eu temo que serei incapaz de aceitar o convite de Aro, Demetri".
"Isso está bem", Felix ronronou. Meus olhos estavam se ajustando á figura profunda, e eu conseguia ver que Felix era muito grande, alto e tinha os ombros largos. O tamanho dele me lembrou de Emmett.
"Aro ficará decepcionado", Demetri suspirou.
"Eu tenho certeza de que ele sobreviverá ao desapontamento" Edward replicou.

Felix e Demetri se aproximaram em direção á ponta da ruela, se separando levemente pra que se aproximassem de Edward eplos dois lados. Eles tinham a intenção de forçá-lo a entrar mais na ruela, pra evitar uma cena. Nenhuma luz refletida entrou em contato com a pele deles; eles estavam a salvo dentro de suas mantas.
Edward não se moveu um centímetro. Ele estava usando seu corpo pra me proteger.
Abruptamente, a cabeça de Edward se virou, na direção da escuridão da ruela ventosa, e Demetri e Felix fizeram o mesmo, em resposta a um movimento muito súbito para os meus sentidos.
"Vamos nos comportar, sim?", uma voz alegre sugeriu. "Têm damas presentes".
Alice caminhou lentamente para o lado de Edward, sua posição casual.
Não havia nenhum sinal de tensão escondida. Ela parecia tão pequena, tão frágil. Os pequenos braços dela se movimentavam como os de uma criança.
Mesmo assim, tanto Demetri quanto Felix ficaram rígidos, suas mantas balançando lentamente quando uma rajada de vento passou pela ruela. O rosto de Felix se azedou. Aparentemente, eles não gostavam de números iguais.
"Nós não estamos sozinhos", ela lembrou eles.
Demetri olhou por cima do ombro. A alguns metros dentro da praça, a pequena família, com as garotas com os vestidos vermelhos, estavam olhando pra nós. A mãe estava falando urgentemente com o marido, os olhos dela em nós cinco. Ela desviou o olhar quando Demetri olhou pra ela. O homem caminhou alguns centímetros pra dentro da praça e cutucou o ombro de um dos homens com o blazer vermelho.
Demetri balançou a cabeça. "Por favor, Edward, sejamos razoáveis", ele disse.
"Vamos", Edward concordou. "E nós vamos embora silenciosamente agora, sem que nenhum seja o mais esperto".
Demetri suspirou de frustração. "Pelo menos vamos discutir isso mais reservadamente".
Seis homens de vermelhos se juntaram á familia agora enquanto eles nos observavam curiosamente. Eu estava muito consciente da postura protetora de Edward na minha frente - certa de que era isso que estava causando o alarme deles. Eu queria gritar pra que eles corressem.
Os dentes de Edward se chocaram audivelmente. "Não".
Felix sorriu.
"Basta".
A voz era alta, cheia de pretensão, e veio de trás de nós.
Eu olhei por baixo do outro braço de Edward, pra ver uma pequena figura andando na nossa direção. Pelo jeito que as formas se balançavam, eu podia dizer que era outro deles. Quem mais?

No começo, eu pensei que fosse um garotinho. O recém chegado era tão pequeno como Alice, com um cabelo fino, de um morrom pálido cortado curto. O corpo embaixo da manta - que era mais escura, quase preta - era magro e andrógeno. Mas o rosto era bonito demais pro ser de um garoto. O rosto de olhos grandes, lábios cheios faria um anjo de Botticelli parecer um gárgula. Mesmo por baixo das íris vermelhas.
O tamanho dela era tão insignificante se comparado á reação que ela causou que eu fiquei confusa. Felix e Demetri relaxaram imediatamente, saindo de suas posturas defensívas pra se misturas novamente ás sombras das paredes muito altas.
Edward também baixou os braços e relaxou da sua posição - mas em desistência.
"Jane", ele suspirou em reconhecimento e resignação.
Alice cruzou os braços na frente do peito, sua expressão impassiva.
"Sigam-me", Jane falou de novo, a voz infantil dela era monótona.
Ela deu as costas pra nós e se enfiou silenciosamente nas sombras.
Felix fez um gesto pra nós irmos na frente, sorrindo.
Alice seguiu a pequena Jane imediatamente. Edward passou os braços na minha cintura e me puxou pra seguirmos ela.
A ruela fazia levemente um ângulo pra baixo enquanto se estreitava.
Eu olhei pra ele com perguntas frenéticas nos meus olhos, mas ele só balançou a cabeça. Apesar de eu não conseguir ouvir os outros atrás de nós, eu tinha certeza de que eles estavam lá.
"Bem, Alice", Edwad disse conversionalmente enquanto caminhávamos.
"Eu creio que não devo ficar surpreso por te ver aqui".
"Foi meu erro", Alice respondeu no mesmo tom. "Era meu trabalho concertar as coisas".
"O que aconteceu?", a voz dele era educada, como se ele mal estivesse interessado. Eu imaginei que isso se devia aos ouvidos escutando atrás de nós.
"É uma longa história". Os olhos de Alice olharam pra mim e depois se desviaram. "Em resumo, ela pulou do precipício, mas ela não estava tentando se matar. Bella anda praticando esportes radicais ultimamente".
Eu corei e virei minha cabeça diretamente pra frente, olhando para a sombra escura que eu nem conseguia mais enxergar. Eu podia imaginar o que ele estava ouvindo nos pensamentos de Alice agora. Quase afogamentos, perseguições de vampiros, amigos lobisomens...
"Hm", Edward disse curtamente, e o tom casual da voz dele havia desaparecido.
Havia uma curva larga na ruela, ainda numa descida, então eu não havia visto o fim da rua quadrado se aproximando até que nós nos aproximamos da paredes plana, sem janelas. A pequena chamada Jane não estava em nenhum lugar que eu pudesse ver.

Alice não hesitou, nem parou de andar enquanto se aproximava da parede de tijolos. Então com uma graciosidade fácil, ela escorregou por um buraco aberto na rua.
Ele parecia com um ralo, aberto no ponto mais baixo da calçada. Eu não tinha reparado até Alice desaparecer, mas a grade estava meio levantada. O buraco era pequeno, e escuro.
Eu empaquei.
"Está tudo bem, Bella", Edward disse numa voz baixa. "Alice vai te segurar".
Eu olhei para o buraco duvidosamente. Eu imaginei que ele teria ido primeiro, se Demetri e Felix não estivessem esperando, sorrindo silenciosamente, atrás de nós.
Eu me abaixei, colocando as pernas pra dentro do buraco apertado.
"Alice?", eu sussurrei, com a voz tremendo.
"Eu estou bem aqui, Bella", ela me assegurou. Avoz dela veio de muito longe lá embaixo pra me encontrar.
Edward agarrou meus pulsos - as mãos dele pareciam pedras no inverno - ele me baixou na escuridão.
"Pronta?", ele perguntou.
"Solte ela", Alice disse.
Eu fechei meus olhos pra não ver a escuridão, apertando eles aterrorizada, segurando minha boca pra não gritar. Edward me deixou cair.
Foi silencioso e curto. O ar passou por mim só por meio segundo, e então, com um excesso de raiva quando eu exalei, os braços de Alice me agarraram.
Eu ia ficar com marcas; os braços dela eram muito duros. Ela me colocou de pé.
Estava escurecido, mas não escuro lá embaixo. Aluz que vinha do buraco providenciava um brilho fraco, se refletindo no chão molhado nos meus pés. A luz desapareceu por um segundo, e depois Edward era um leve brilho, um brilho branco ao meu lado. Ele colocou os braços ao meu redor, me segurando bem perto do lado dele, e começou a me guiar rapidamente para a frente. Eu entrelacei meus dois braços ao redor da cintura fria dele, e me atrapalhava e tropeçava no meu caminho pela superfície de pedras que não era uniforme.
O barulho estridente da grade do buraco se fechando atrás de nós soou com um som metálico.
A luz fraca das ruas se perdeu rapidamente na escuridão. O som de passos pesados ecoou no espaço preto; eles pareciam muito largos, mas eu não podia ter certeza. Não houve outro som além das batidas frenéticas do meu coração e dos meus pés nas pedras molhadas - com excessão de um, quando um suspiro impaciente soou ao meu lado.
Edward me abraçava apertado. Ela passou sua mão livre na frente do seu corpo pra segurar meu rosto também, o seu suave polegar estava traçando o cortorno dos meus lábios. De vez em quando eu

sentia o rosto dele pressionado no meu cabelo. Eu me dei conta de que essa seria a última reunião que teriamos, e me agarrei a ele com mais força.
Por enquanto, eu me sentí como se ele me quisesse, e isso era o sufuciente pra aplacar o horror do túnel subterrâneo e dos vampiros que perambulavam atrás de nós. Isso provavelmente não passava de culpa - a mesma culpa que o compeliu a vir até aqui pra morrer quando ele achou que era culpa dele que eu tivesse me matado.
Mas eu sentí os lábios dele se pressionando silenciosamente na minha testa, e eu não me importei com qual era a motivação. Pelomenos eu podia estar com ele de novo antes de morrer. Isso era melhor que uma vida longa.
Eu queria poder perguntá-lo exatamente o que ia acontecer agora. Eu queria desesperadamente saber como nós íamos morrer - como se isso fizesse diferença, como se saber fosse uma vantagem. Mas eu não podia falar, nem um cochicho, cercados do jeito que estávamos. Os outros podiam ouvir tudo - cada respiração de eu dava, as batidas do meu coração.
O caminho embaixo dos nossos pés continuou a ir pra baixo, nos levando pra mais fundo no chão, e me deixando claustrofóbica. Só a mão de Edward, alisando meu rosto, estava me impedindo de gritar bem alto.
Eu não sabia dizer de onde a luz estava vindo, mas de repente tudo ficou cinza escuro ao invés de preto. Nós estávamos num túnel baixo, arqueado. Longos rastros de uma umidade cor de ébano desciam pelas paredes cinza, como se elas estivessem sangrando tinta.
Eu estava tremendo, e pensei que fosse de medo. Não foi até meus dentes começarem a bater que eu percebí que estava com frio. Minhas roupas ainda estavam molhadas, e a temperatura embaixo da cidade era invernal. Assim como a pele de Edward.
Ele percebeu isso ao mesmo tempo que eu, e se soltou de mim, segurando apenas minha mão.
"N-n-não", eu tremí, jogando meus braços ao redor dele. Eu não me importava se eu congelasse. Quem sabia quanto tempo ainda teríamos?
As mãos geladas dele esfregaram o meu braço, tentando me manter aquecida com a fricção.
Nós nos apressamos pelo túnel, ou pareceu que nós estávamos apressados só pra mim.
Meu preogresso lento irritou alguém - eu acho que Felix - e eu ouvia ele suspirar profundamente de vez em quando.
No fim do túnel havia uma grade - as barras de ferro eram enferrujadas, mas tão grossas quanto os meus braços. Uma pequena porta feita de barras mais finas, entrelaçadas, estava aberta.
Edward se abaixou pra passar e se apressou numa sala de pedra maior, mais iluminada. As grades se fecharam com um *cling*, seguido pelo barulho da maçaneta sendo trancada. Eu estava com medo demais pra olhar atrás de mim.

Do outro lado da sala havia uma porta pesada, de madeira. Ela era muito grossa - eu podia deizer porque, ela também, estava aberta. Nós passamos pela porta, e eu olhei ao redor pela minha surpresa, relaxando automaticamente.
Ao meu lado, Edward ficou tenso, a mandíbula dele se apertou.

21. Veredito

Nós estávamos num corredor claro, pouco notável.
As paredes eram de um branco apagado, o chão era de carpete industrial cinza. Lâmpadas fluorescentes retangulares estavam espaçadas uniformemente por todo o teto. Estava mais quente aqui, e por isso eu fiquei grata.
Ese corredor parecia muito benigno depois da escuridão grotesca das paredes do esgoto.
Edward não parecia concordar com a minha opinião.
Ele olhava obscuramente para o fim do longo corredor, na direção da figura pequena, com ombros pretos lá no fim, esperando no elevador.
Ele me puxou com ele, e Alice andou no meu outro lado. Aporta pesada se fechou atrás de nós, e então houve o barulho de um ferrolho deslizando.
Jane esperou no elevador, uma mão segurando a porta aberta pra nós. A expressão dela estava apática.
Dentro do elevador, os três vampiros que pertenciam aos Volturi ficaram mais relaxados. Eles jogaram suas mantas pra trás, deixando o capuz cair sobre seus ombros. Tanto Felix quanto Demetri tinham uma pele de um leve tom oliva - parecia estranho em combinação com a sua extrema palidez.
O cabelo preto de Felix era cortado curto, mas o de Demetri tocava os seus ombros. As iris dos dois eram vermelhas nas beiras, e iam escurecendo até que ficavam completamente pretas na pupila.
Embaixo de suas capas suas roupas eram modernas, pálidas, e indescritíveis.
Eu me acovardei num canto, me apertando contra Edward. A mão dele ainda esfregava o meu braço. Ele nunca tirava os olhos de Jane.
O passeio no elevador foi curto; nós entramos numa área elegante que parecia uma recepção. As paredes eram cobertas de madeira, o chão era atapatado com uma cobertura grossa, verde. Não haviam janelas, mas sim grandes quadros, de uma luz brilhante que retratavam a região Toscana e que estavam pendurados em toda parte como se fossem uma substituição.
Sofás de couro pálido estavam arrumados em grupos aconchegantes, e as mesas brilhantes sustentavam vasos de cristal cheios de bouquês com cores vibrantes. O cheiro flores me lembraram do funeral em Forks.
No meio da sala havia um balcão alto, de mogno polido. Eu me engasguei de pasmo com a mulher que ficava atrás dele.
Ela era alta, com uma pele escura e olhos verdes. Ela teria sido muito bonita em qualquer outra companhia - mas não aqui. Porque ela era exatamente tão humana quanto eu. Eu não conseguia compreender o que uma humana estava fazendo aqui, totalmente tranquila, cercada de vampiros.

Ela sorriu educadamente nos recebendo. "Boa tarde, Jane", ela disse. Não havia surpresa no rosto dela quando ela viu a companhia de Jane.
Nem Edward, com o seu peito nu brilhando fracamente na luzes brancas, e nem mesmo eu, descabelada e comparativamente horrível.
Jane acenou com a cabeça. "Gianna". Ela continuou andando na direção de uma porta duppla que ficava na parte de atrás da sala, e nós acompanhamos.
Enquanto Félix passava pela mesa, ele piscou pra Gianna, ela deu uma risadinha.
No outro lado das portas de madeira haviam uma outra espécie de recepção. O garoto pálido com um terno cinza perolado podia ser o gêmeo de Jane. O cabelo dele era mais escuro, e os lábios dele não eram tão cheios, mas ele era igualmente adorável. Ele veio nos receber. Ele sorriu, se aproximando dela. "Jane".
"Alec", ela respondeu, abraçando o garoto. Eles beijaram um ao outro nas duas bochechas. Depois ele olhou pra nós.
"Eles te mandam buscar um e você volta com dois... e meio", ele notou, olhando pra mim. "Bom trabalho".
Ela sorriu - o som radiante de deleite como a gargalhada de um bebê.
"Bem vindo de volta, Edward", Alec o saudou. "Você parece de melhor humor".
"Marginalmente", Edward concordou com uma voz plana. Eu olhei para o rosto de Edward, e me perguntei como seria possível ele estar com um humor pior antes.
Alec gargalhou, e me examinou quando eu me colei ao lado de Edward.
"E essa é a causa de todos os seus problemas?", ele perguntou, céticamente.
Edward só sorriu, sua expressão depreciativa. Depois ele congelou.
"Dibs", Felix chamou casualmente atrás de nós.
Edward se virou, um lento rosnado se constrindo no fundo do seu peito. Felix sorriu - a mão dele estava erguida, com a palma pra cima; ele curvou o dedo duas vezes, convidando Edward a ir em frente.
Alice tocou o braço de Edward. "Paciêcia", ela avisou pra ele.
Eles trocaram um longo olhar, e eu desejei poder ouvir o que ela estava dizendo pra ele. Eu imaginei que fosse alguma coisa relacionada a não enfrentar Felix, porque Edward repirou fundo e se virou de volta pra Alec.
"Aro ficará agradado em te ver novamente", Alec disse, como se nada tivesse acontecido.
"Não vamos deixá-lo esperando", Jane sugeriu.
Edward acenou com a cabeça uma vez.
Alec e Jane, de mãos dadas, guiaram o caminho para outro grande corredor ornamentado - será que isso ia acabar?

Eles ignoraram as portas no final do corredor - portas inteiramente cobertas de ouro - parando no meio do corredor e deslizando um painél para expor uma porta normal de madeira. Não estava trancada. Alec a segurou aberta pra Jane.
Eu queria gemer quando Edward me puxou para o outro lado da porta. Era o mesmo quadrado ansião de pedras, como a ruela, e como os esgotos. Ficou escuro e frio de novo.
A antecâmare de pedra não era muito grande. Ela se abriu rapidamente pra uma sala mais clara, cavernosa, perfeitamente redonda como uma enorme torre de castelo... que provavelmente era exatamente o que ela era.
Dois andares acima, longas janelas jogavam finos retângulos de luz do sol no chão de pedra abaixo. Não haviam luzes artificiais. Os unicos móveis na sala eram enormes cadeiras de madeira, como tronos, que ficavam em espaços desiguais, esguichadas pelas paredes arredondadas. Bem no meio do círculo, em um pequeno declive, havia outro buraco. Eu me perguntei se eles usavam aquilo como saída, como o outro buraco na rua.
A sala não estava vazia. Várias pessoas estavam reunidas numa conversa que parecia relaxada. O murmúrio de vozes baixas, suaves, eram um gentil zumbido no ar.
Enquanto eu observava, um par de mulheres pálidas com vestidos de verão param num ponto de luz, e, como se fossem prismas, a pele delas mandaram reflexões de arco-íris nas paredes.
Todos os rostos notáveis se viraram na nossa direção quando o nosso grupo entrou na sala. A maioria dos imortáis estavam vestidos com calças e camisas acima de qualquer suspeita - coisas que não se destacariam nas ruas lá em baixo.
Mas o homem que falou primeiro usava um longo robe. Ele era de um preto cor de piche, e se arrastava no chão. Por um momento, eu pensei que o seu cabelo longo, muito preto, fosse o capuz da sua manta.
"Jane, minha querida, você retornou!", ele falou, evidantemente deliciado. A voz dele era só um suspiro suave.
Ela caminhou em frente, e o movimento fluia com uma graça tão surreal que eu fiquei admirando, com a boca aberta. Mesmo Alice, que sempre se movimentava como se estivesse dançando, não podia se comparar.
Eu fiquei ainda mais aturdida quando ele andou em frente e eu conseguí ver o rosto dele. Não era como os rostos sobrenaturalmente bonitos que o cercavam (já que ele não se aproximou de nós sozinho; o grupo inteiro se convergeu ao redor dele, alguns seguindo, outros andando na frente dele de maneira alerta como se fossem guarda costas) . Eu não conseguia decidir se o rosto dele era bonito ou não. Eu acho que as feições dele eram perfeitas. Mas ele era tão diferente dos vampiros ao seu redor quanto eles eram diferentes de mim. A pele dele era translucidamente branca, como pele de cebola, e parecia igualmente delicada - era um contraste chocante com o

cabelo que cercava seu rosto. Eu me sentí estranha, com uma horrível urgência de tocar a bochecha dele, pra ver se era mais macia que a de Edward ou Alice, ou se era porosa, como giz. Os olhos dele eram vermelhos, assim como os das pessoas oa seu redor, mas a cor era nebulosa, leitosa; eu me perguntei se a visão dele era afetada pela nebusosidade.
Ele deslizou pra Jane, pegou o rosto dela em suas mãos de papiro, e a beijou levemente diretamente nos lábios, e depois deu um passou pra trás.
"Sim, Mestre", Jane sorriu; a expressão fez ela parecer uma criança angelical. "Eu o trouxe de volta vivo, assim como você desejou".
"Ah, Jane", ele sorriu também. "Você é um conforto tão grande pra mim".
Ele virou seus olhos nebulosos na nossa direção, e o sorriso dele brilhou - se tornou estático.
"E Alice e Bella, também!", ele se alegrou, batendo suas mãos magras uma na outra.
"Essa é uma feliz surpresa! Maravilhosa!"
Eu fiquei incarando chocada quando ele chamou nossos nomes informalmente, como se nós fôssemos velhos amigos passando pra uma visita inesperada.
Ele se virou para o nosso acompanhante grosseiro. "Felix, seja bonzinho e diga aos meus irmãos que nós temos companhia. Eu tenho certeza de que eles não vão querer perder isso"
"Sim, Mestre", Felix balançou a cabeça e desapareceu pelo caminho por onde havíamos vindo.
"Você vê, Edward?", o estranho vampiro se virou e sorriu para Edward como se fosse um avô afetuoso dando uma bronca. "O que eu te disse? Você não está feliz que eu não te dei o que você queria ontem?"
"Sim, Aro, eu estou", ele concordou, apertando seu braço na minha cintura.
"Eu adoro um final feliz". Aro suspirou. "Eles são tão raros. Mas eu quero a história toda. Como isso aconteceu? Alice?", ele virou o olhar para Alice com olhos curiosos, mistificados. "Seu irmão parecia pensar que você era infalível, mas aparentemente houve algum erro".
"Oh, eu estou longe de ser infalível", ela deu um sorriso deslumbrante. Ela pareceu perfeitamente tranquila, exceto por suas mãos estarem curvadas em bolas em seus pequenos punhos. "Como você pôde ver hoje, eu causo problemas com a mesma frequência que os concerto".
"Você é muito modesta", Aro chiou. "Eu ví algumas de suas incríveis façanhas, e eu devo admitir que nunca observei nada como o seu talento. Maravilhoso!"
Alice deu uma olhada pra Edward. Aro não perdeu isso.
"Me desculpe, nós não fomos apropriadamente apresentados, fomos? É só que eu sinto que já te conheço, e eu tenho a tendência de me apressar. O seu irmão nos apresentou ontem, de uma forma peculiar.

Veja, eu e o seu irmão dividimos um talento, só que eu sou limitado de uma forma que ele não é", Aro balançou a cabeça; o tom dele estava invejoso.
"E também exponensialmente mais poderoso" Edward adicionou secamente. Ele olhou pra Alice enquanto ele rapidamente se explicava. "Aro precisa de contato físico pra ouvir os pensamentos, mas ele consegue ouvir muito mais do que eu. Você sabe que eu só posso ouvir o que se passa na sua cabeça no momento. Aro ouve cada pensamento que a sua mente já teve".
Alice levantou as delicadas sobrancelhas, e Edward inclinou a cabeça pra ela.
Aro não perdeu isso também.
"Mas ser capaz de ouvir á distância..." Aro suspirou, fazendo um gesto na direção dos dois, e a troca que havia acabado se passar. "Isso seria tão conveniente".
Aro olhou por cima dos ombros. Todas as outras cabeças se viraram na mesma direção, incluindo Jane, Alec e Demetri, que estavam silenciosamente ao nosso lado.
Eu fui a mais lenta pra me virar. Felix estava de volta, e atrás dele flutuaram outros dois homens com robes pretos. Os dois homens pareciam muito com Aro, um deles até tinha o mesmo cabelo preto. O outro tinha um cabelo cor de neve - o mesmo tom de cor da pele dele - que encostava nos ombros dele. Os rostos deles três tinha a mesma pele, fina como papel.
O trio da pintura de Carlisle estava completo, exatamente o mesmo de trezentos anos atrás quando o quadro foi pintado.
"Marcus, Caius, olhem!", Aro sussurrou. "Bella está viva afinal, e Alice está aqui com ela! Isso não é maravilhoso?"
Nenhum dos dois parecia escolher maravilhoso como a primeira palavra que vinha na mente deles. O homem de cabelos escuros parecia extremamente entediado, como se ele já estivesse de saco cheio do entusiasmo de Aro. O olhar do outro estava ácido por baixo do cabelo cor de neve.
A falta de interesse não mudou o divertimento de Aro.
"Vamos ouvir a história", Aro quase cantou na sua voz plumosa.
O vampiro ansião com o cabelo branco se afastou, deslizando na direção de um dos tronos de madeira. O outro parou ao lado de Aro, a alcançou sua mão, a no começo eu pensei que ele fosse segurar a mão de Aro. Mas ele só tocou a palma de Aro brevemente e depois colocou a sua mão de lado. Aro ergueu uma sobrancelha preta.
Eu me perguntei como a sua pele de papel não se rompeu com o esforço.
Edward rosnou muito baixinho, e Alice olhou pra ele, curiosa.
"Obrigado, Marcus", Aro disse. "Isso é muito interessante".
Eu me dei conta, um segundo atrasada, de que Marcus estava deixando Aro ver seus pensamentos.
Marcus não parecia interessado. Ele deslizou pra longe de Aro para se juntar a aquele que só podia ser Caius, sentado contra a parede.

Dois vampiros atendentes seguiram silenciosamente atrás dele - guarda costas, como eu havia pensado antes.
Eu podia ver que as duas mulheres com vestido de verão foram ficar ao lado de Caius da mesma maneira. A idéia de vampiros precisando de guarda costas era extremamente ridícula pra mim, mas talvez os vampiros ansiões fossem tão frágeis quanto a pele deles sugeria.
Aro estava balançando a cabeça. "Incrivel", ele disse. "Absolutamente incrivel".
A expressão de Alice estava frustrada. Edward se virou pra ela e explicou de novo numa voz rápida e baixa. "Marcus vê relacionamentos. Ele está surpreso pela intensidade do nosso".
Aro sorriu. "Tão conveniente", ele repetiu pra sí mesmo. E então ele falou pra nós. "É um pouco difícil surpreender Marcus, eu lhes asseguro".
Eu olhei para o rosto morto de Marcus, e acreditei nisso.
"É tão difícil de entender, mesmo agora", Aro meditou, olhando para o braço de Edward agarrado em mim. Pra mim era difícil acompanhar a caótica linha de pensamento de Aro. Eu lutava pra acompanhar.
"Como é que você consegue ficar assim tão perto dela?"
"Não é sem esforço", Edward respondeu calmamente.
"Mas mesmo assim - la tua cantante! Que desperdício!"
Edward gargalhou uma vez sem humor. "Eu considero isso mais como um preço".
Aro estava cético. "Um preço muito alto".
"O preço da oportunidade".
Aro sorriu. "Se eu não tivesse cheirado ela através das suas memórias, eu nunca teria acreditado que o chamado do sangue de alguém pudesse ser tão forte. Eu mesmo nunca sentí nada assim. A maioria de nós trocaria qualquer coisa por tal dom, e ainda assim você..."
"Desperdiça", Edward finalizou, a voz dele estava sarcástica agora.
Aro sorriu de novo. "Ah, como eu sinto falta de meu amigo Carlisle! Você me lembra dele - só que ele não era tão raivoso".
"Carlisle me excede em muitos outros sentidos também".
"Eu certamente nunca esperei ver Carlisle perdendo o auto-controle entre todas as coisas, mas você consegue superá-lo".
"Dificilmente". Edward parecia impaciente. Como se ele estivesse cansado das preliminares. Isso me deixou com mais medo; eu não conseguia deixar de imaginar o que ele achava que viria a seguir.
"Eu estou gratificado com o sucesso dele", Aro meditou. "As suas memórias dele são um verdadeiro presente pra mim, apesar de elas terem me deixado extenuosamente aturdido. Eu estou surpreso de como isso... me agrada, o seu sucesso com os métodos incomuns que ele escolheu. Eu esperava que ele fosse desistir, enfraquecer com o tempo. Eu ridicularizei seus planos de encontrar outros que dividissem a sua visão particular. Mesmo assim, de alguma forma, eu estou feliz por estar errado".
Edward não respondeu.

"Mas a sua resistência!", Aro suspirou. "Eu não sabia que tal força era possível. Ignorar a sí mesmo á um chamado tão urgente, não apenas uma vez mas de novo e de novo - se eu mesmo não tivesse sentido isso, eu nunca teria acreditado".
Edward olhou de volta para a admiração de Aro sem nenhuma expressão. Eu conhecia o rosto dele bem o suficiente - o tempo não havia mudado isso - pra adivinhar que tinha alguma coisa se passando por sua superfície.
Eu lutei pra manter minha respiração uniforme.
"Só de me lembrar o quanto ela é apelativa pra você...", Aro gargalhou. "Eu já fico com sede".
Edward ficou tenso.
"Não fique perturbado", Aro o assegurou. "Eu não represento perigo pra ela. Mas eu estou tão curioso, sobre uma coisa em particular". Ele me olhou brilhando de interesse. "Posso?", ele perguntou ansiosamente, levantando uma mão.
"Pergunte a ela", Edward sugeriu numa voz plana.
"É claro, que rude da minha parte!", Aro exclamou. "Bella", ele se dirigia diretamente a mim agora. "Eu estou fascinado que você é a única exceção para o impressionante talento de Edward - é muito interessante que uma coisa assim ocorra! E eu estava imaginando, já que os nossos talentos são similares de tantas formas, se você seria gentil de me deixar tentar - pra ver te você é uma exceção pra mim, também?"
Meus olhos olharam pra Edward aterrorizados. Apesar da evidente educação de Aro, eu não acreditava que realmente tivesse uma escolha. Eu estava horrorizada com o pensamento de deixar ele me tocar, e ainda assim perceveramente intrigada pela chance de sentir a sua estranha pele.
Edward acenou com a cabeça me encorajando - fosse porque ele tinha certeza de que Aro não me machucaria, ou porque não havia outra escolha, eu não sabia dizer.
Eu me virei de volta pra Aro e ergui a minha mão lentamente na minha frente. Ele estava tremendo.
Ele deslizou pra mais perto, e eu acredito que ele pretendia fazer a expressão dele ser tranquilizadora. Mas as feições de papel dele eram estranhas demais, muito alienígenas e assustadoras, pra tranquilizarem. O olhar no rosto dele era mais confiante do que as suas palavras haviam sido.
Aro se aproximou, como se fosse pra apertar minha mão, e pressionou a sua pele de aparência insubstancial na minha.
Ela era dura, mas parecia ser frágil - parecia mais xisto do que granito - e era muito mais fria do que eu esperava.
Seus olhos fumacentos sorriam para os meus, e era impossível desviar o olhar.
Eles eram hipnóticos de uma maneira estranha, desagradável.

O rosto de Aro se modificou enquanto eu observava. A confiança desapareceu, e primeiro se transformou em dúvida, depois em incredulidade antes que se acalmasse numa máscara amigável.
"Muito interessante", ele disse enquanto soltava a minha mão e voltava pra trás.
Meus olhos passaram pra Edward, e, apesar do rosto dele estar composto, eu achei que ele parecia um pouco presumido.
Aro continuou a se afastar com uma expressão pensativa. Ele ficou quieto por um momento, seus olhos passando rapidamente por nós três. Então, abruptamente, ele balançou a cabeça.
"A primeira", ele disse pra sí mesmo. "Eu me pergunto se ela é imune aos nossos outros talentos... Jane, querida?"
"Não!", Edward rosnou com a palavra. Alice agarrou o braço dele com uma mão de restrinção. Ele a sacudiu.
A pequena Jane sorriu alegremente para Aro. "Sim, Mestre?"
Edward estava realmente rosnando agora, o som rasgando e escapando de dentro dele, ele estava olhando pra Aro com olhos violentos.
A sala inteira havia ficado imóvel, todo mundo olhando pasmo de descrença, como se ele estivesse cometendo algum tipo de falha social grave. Eu ví Felix sorrir rsperançosamente e dar um passo á frente. Aro olhou pra ele uma vez, e ele congelou no lugar, o seu sorriso se transformando numa expressão mal humorada.
Depois ele falou com Jane. "Eu estava imaginando, minha querida, se Bella é imune a você".
Eu mal podia ouvir Aro por cima dos rosnados furiosos de Edward. Ele me soltou, se movendo pra ficar na minha frente.
Caius se moveu na minha direção, com suas acompanhantes, para observar.
Jane se virou na nossa direção com um sorriso angelical.
"Não!", Alice gritou quando Edward se lançou em cima da menininha.
Antes que eu pudesse reagir, antes que alguém pudesse se colocar entre eles, antes que os guarda costas de Aro pudessem ficar tensos, Edward estava no chão.
Ninguém havia tocado nele, mas ele estava no chão se contorcendo com evidente agonia, enquanto eu observava horrorizada.
Jane estava sorrindo pra ele agora, e tudo fez sentido.
O que Alice disse sobre dons formidáveis, o porque que todo mundo tratava Jane com tanto respeito, e porque Edward havia se jogado no caminho dela antes que ela pudesse chegar até mim.
"Pare!", eu implorei, minha voz ecoando no silêncio, eu pulei para a frente pra me colocar no caminho deles. Alice colocou os braços ao meu redor num aperto inquebrável e ignorou minha luta. Nenhum som escapou dos lábios de Edward enquanto ele se contorcia no chão de pedras. Eu pensei que a minha cabeça ia explodir de dor por ficar observando isso.

"Jane", Aro chamou ela numa voz tranquila. Ela olhou pra cima, ainda sorrindo de prazer, os olhos dela questionando. Assim que Jane desviou o olhar, Edward ficou imóvel.
Aro inclinou sua cabeça na minha direção.
Jane virou o seu sorriso na minha direção.
Eu nem olhei de volta pra ela. Eu observei Edward da prisão dos braços de Alice, ainda lutando sem sucesso.
"Ele está bem", Alice cochichou com uma voz dura. Enquanto ela falava, ele se sentou, e então saltou levemente para os pés. Os olhos dele encontraram os meus, e eles estavam golpeados de horror. Primeiro eu pensei que o horror era pelo que ele tinha acabado de sofrer. Mas ele olhou rapidamente pra Jane, e de volta pra mim - e o rosto dele relaxou de alívio.
Eu olhei pra Jane também, e ela não estava mais sorrindo. Ela estava me encarando, a sua mandíbula apertada com a intensidade da sua concentração. Eu me encolhí, esperando pela dor.
Nada aconteceu.
Edward estava ao meu lado de novo. Ele tocou o braço de Alice, e ela me rendeu pra ele.
Aro começou a rir. "Ha, ha, ha", ele gargalhou. "Isso é maravilhoso!". Jane bufou de frustração, se inclinando pra frente como se ela estivesse pronta pra atacar.
"Não fique chateada, querida", Aro disse num tom reconfortante, colocando uma mão branca como talco no ombro dela. "Ela confunde todos nós".
O lábio superior de Jane se curvou por cima de todos os seus dentes enquanto ela continuava a me encarar.
"Ha, ha, ha", Aro gargalhou de novo. "Você é muito corajoso, Edward, por ter suportado em silêncio. Eu pedí pra Jane fazer isso comigo uma vez - só por curiosidade". Ele balançou a cabeça com admiração.
Edward encarou, enojado.
"Então o que fazemos com vocês?", Aro suspirou.
Edward e Alice enrigeceram. Essa era a parte pela qual eles estavam esperando. Eu comecei a tremer.
"Eu não acho que exista alguma chance de você ter mudado de idéia?", Aro perguntou a Edward esperançosamente. "O seu talento seria uma grande adição para a nossa pequena companhia".
Edward hesitou. Do canto do meu olho, eu ví Felix e Jane fazendo careta.
Edward pareceu pesar cada palavra antes de falar. "Eu... prefiro... não".
"Alice?", Aro perguntou, ainda esperançoso. "Será que você poderia estar interessada em se juntar a nós?"
"Não, obrigada", Alice disse.
"E você, bella?", Aro ergueu as sobrancelhas.

Edward assobiou, baixinho no meu ouvido. Eu olhei pra Aro como uma página em branco. Ele estava fazendo piada? Ou será que ele realmente estava me perguntando se eu queria ficar para o jantar?
Foi o Caiuo de cabelo branco quem quebrou o silêncio.
"O que?", ele quis saber de Aro; a voz dele, apesar de não ser mais que um sussurro, era plana.
"Caius, você certamente vê o potencial", Aro o repreendeu afetivamente. "Eu não vejo um talento tão promissor desde que encontramos Jane e Alec. Você pode imaginar as possibilidades se ela se transformar em uma de nós?"
Caius desviou o olhar com uma expressão cáustica. Os olhos de Jane brilharam de indignação pela comparação.
Edward fumaçou ao meu lado. Eu podia ouvir o estrondo no peito dele, se transformando em um rosnado. Eu não podia deixar que o seu temperamento acabasse o machucando.
"Não, obrigada", eu falei numa voz que não passava de um sussurro, minha voz quebrando de medo.
Aro suspirou. "Isso é uma pena. Tanto desperdício".
Edward assobiou. "Se juntar ou morrer, não é isso? Eu já suspeitava quando nós fomos trazidos a essa sala. Tanto por suas leis".
O tom de voz dele me surpreendeu. Ele parecia irado, mas havia alguma coisa deliberada na sua fala - como se ele houvesse escolhido as palavras com grande cuidado.
"É claro que não", Aro piscou, abismado. "Nós já estávamos reunidos aqui, Edward, esperando pelo retorno de Heidi. Não por você".
"Aro", Caius assobiou. "A lei clama por eles".
Edward olhou pra Caius. "Como é isso?", ele quis saber. Ele já devia saber o que Caius estava pensando, mas ele parecia determinado a fazê-lo falar em voz alta.
Caius apontou um dedo esquelético pra mim. "Ela sabe demais. Você expôs os nossos segredos". A voz dele era fina como papel, assim como a pele dele.
"Tem alguns humanos nessa sua piadinha aqui, também", Edward lembrou ele, eu pensei na recepcionista bonita lá embaixo.
O rosto de Caius se transformou em outra expressão. Era pra ele estar sorrindo.
"Sim", ele concordou. "Mas quando eles já não forem mais úteis para nós, eles vão servir pra nos sustentar. Esse não é o seu plano pra essa aí. Se ela trair o nosso segredo, você estaria preparado pra destruí-la? Eu acho que não", ele fez escárnio.
"Eu não iria -", eu comecei, ainda cochichando. Caius me silenciou com um olhar gelado.
"Você também não tem a intenção de torná-la uma de nós", Caius continuou. "Portanto, ela é uma vulnerabilidade. Apesar disso ser verdade, por isso, só a vida dela deve ser penalizada. Vocês podem ir embora se quiserem".
Edward mostrou os dentes.

"Foi isso que eu pensei", Caius disse, agradado com alguma coisa.
Felix se inclinou para a frente, ansioso.
"A não ser..." Aro interrompeu. Ele não parecia contente com o rumo que a conversa havia tomado. "A não ser que você tenha a intenção de dá-la a imortalidade".
Edward torceu os lábios, hesitando por um momento antes de responder. "E se eu tiver?"
Aro sorriu, feliz de novo. "Ora, então você pode ir pra casa e dar as minhas lembranças ao meu amigo Carlisle". A expressão dele se tornou mais hesitante. "Mas eu temo que você tenha que ser sincero".
Aro ergueu a mão na frente dele.
Caius, que havia começado e fazer caretas furiosas, relaxou.
Os lábios de Edward se pressionaram até se tornarem uma linha estreita. Ele me olhou nos olhos, e eu olhei de volta.
"Seja sincero", eu sussurrei. "Por favor".
Ele realmente achava essa uma idéia tão abominável? Será que ele preferiria morrer a me mudar? Eu me sentia como se tivesse sido chutada no estômago.
Edward olhou para a minha expressão torturada.
E então Alice se separou de nós, e foi na direção de Aro. Nós nos viramos pra olhá-la.
A mão dela estava erguida como a dele.
Ela não disse nada, e Aro mandou seus ansiosos guardas embora com um gesto quando eles se aproximaram pra bloquear a aproximação dela. Aro se encontrou com ela no meio do caminho, e pegou a mão dela com um brilho ansioso, aquisitivo, nos olhos.
Ele inclinou sua cabeça na direção de suas mãos juntas, seus olhos se fechando enquanto ele se concentrava. Alice estava imóvel, o rosto dela vazio. Eu ouví os dentes de Edward se fechando.
Ninguém se mexeu. Aro parecia estar congelado em cima da mão de Alice. Os segundos se passaram e eu fiquei mais e mais estressada, me perguntando quanto tempo se passaria antes que houvesse se passado tempo demais. Antes que isso significasse que havia alguma coisa errada - mais do que já havia.
Outro momento de agonia se passou, e então a voz de Aro quebrou o silêncio.
"Ha, ha, ha", ele riu, a cabeça dele ainda inclinada para a frente. Ele olhou pra cima lentamente, seus olhos estavam brilhando de excitação. "Isso foi fascinante!"
Alice sorriu secamente. "Eu fico feliz que você tenha gostado".
"Ver as coisas que você viu - especialmente aquelas que ainda não aconteceram!", ele balaçou a cabeça maravilhado.
"Mas que irão", ela o lembrou, com a voz calma.
"Sim, sim, isso já está bem determinado. Certamente não há nenhum problema".
Caius pareceu um pouco desapontado - um sentimento que ele parecia compartilhar com Felix e Jane.

"Aro", Caius reclamou.
"Querido Caius", Aro sorriu. "Não tema. Pense nas possibilidades! Eles não se juntam a nós hoje, mas nós podemos sempre esperar pelo futuro. Imagine a alegria que a pequena Alice traria para a nossa casa... Além do mais, eu estou tão terrívelmente curioso pra ver como Bella se sai!"
Aro pareceu convencido. Ele não se dava conta de como as visões de Alice podiam ser subjetivas. Será que ele não via que ela podia estar convencida a me transformar hoje, e mudar de idéia amanhã? Um milhão de pequenas decisões, dela e de tantos outros também - as de Edward - podiam alterar o caminho dela, e com isso, alterar o futuro.
E será que realmente fazia diferença o que Alice queria, será que faria tanta diferença se eu me tornasse uma vampira, já que a idéia era tão repulsiva para Edward? Se a morte era, pra ele, uma alternativa melhor do que me ter por perto pra sempre, uma chatice imortal?
Aterrorizada como eu estava, eu sentí vontade de me afundar na depressão, de me afogar nela..
"Então estamos livres pra ir agora?" Edward perguntou com uma voz unifome.
"Sim, sim", Aro disse, absolutamente agradado. "Mas por favor, visitem de novo. Isso foi absolutamente fascinante".
"E nós também visitaremos vocês", Caius prometeu, os olhos dele ficaram meio fechados de repente como se fossem pálpebras pesadas de um lagarto. "Pra ter certeza de que você fará o que promete. Se eu fosse você, eu não demoraria muito. Nós não damos segunda chance".
A mandíbula de Edward se apertou forte, mas ele acenou com a cabeça uma vez.
Caius sorriu e deslizou para onde Marcus continuava sentado, sem se mexer e desinteressado.
Felix gemeu.
"Ah, Felix", Aro sorriu, divertido. "Heidi estará aqui a qualquer momento. Paciência".
"Hmm". A voz de Edward tinha um som diferente. "Nesse caso, é melhor irmos logo do que deixar pra depois".
"Sim", Aro concordou. "Essa é uma boa idéia. Acidentes podem acontecer. Por favor esperem aqui até anoitecer, se vocês não se importarem".
"É claro", Edward concordou, enquanto eu me contorcia com a idéia de esperar até o dia terminar pra poder escapar.
"E aqui", Aro adicionou, fazendo um gesto pra Felix com um dedo. Felix se aproximou imediatamente, e Aro tirou a manta cinza que o enorme vampiro usava, tirando-a de seus ombros. Ele passou ela pra Edward. "Pegue isso. Você parece um pouco suspeito".
Edward colocou a longa manta, deixando o capuz abaixado.
Aro suspirou. "Combina com você".

Edward gargalhou, mas parou de repente, olhando por cima do ombro. "Obrigado, Aro. Nós esperaremos lá embaixo".
"Adeus, jovens amigos", Aro disse, com os olhos brilhantes enquanto olhava na mesma direção.
"Vamos", Edward disse, urgente agora.
Demetri fez um gesto para que o seguíssemos, e depois nós guiou pelo caminho de onde viemos, a única saída pelo que parecia.
Edward me puxou rapidamente ao lado dele. Alice estava perto pelo meu outro lado, o rosto dela estava duro.
"Não fomos rápidos o suficiente", ela murmurou.
Eu olhei pra ela, assustada, mas ela só pareceu pesarosa. Foi aí que eu ouví vozes tagarelando - vozes altas, ásperas - vindas da antecâmara.
"Isso não é normal", a voz grossa de um homem estrondou.
"É tão medieval", um esguicho desagradável, uma voz feminina se fez ouvir no fundo.
Uma grande multidão estava passando pela porta, enchendo a câmara menor. Demetri fez um gesto para que dessemos espaço. Nós nos pressionamos na parede fria pra deixá-los passar.
Um casal na frente, Americanos pelo jeito deles, olharam ao redor com olhos avaliadores.
"Bem vindos, visitantes! Bem vindos á Volterra!", eu podia ouvia a voz de Aro cantar de dentro da grande sala redonda.
O resto deles, talvez quarenta ou mais, entraram depois do casal. Alguns estudavam panfletos como turistas. Alguns deles até tiravam fotos. Outros pareciam confusos, como se a história que os guiou até alí já não fizesse sentido.
Eu notei em uma mulher pequena, escura, em particular. Ela tinha um rosário ao redor do pescoço, e ela segurava a cruz com força em uma das mãos. Ela caminhava mais devagar do que os outros, tocando alguém de vez em quando pra fazer perguntas em uma língua desconhecida. Ninguém parecia entendê-la, e a voz dela começou a parecer mais cheia de pânico.
Edward puxou meu rosto para o peito dele, mas já era tarde demais. Eu já tinha entendido.
Assim que a menor brecha apareceu, Edward me puxou rapidamente para a porta. Eu podia sentir a expressão horrorizada no meu rosto, e as lágrimas começando a se aglomerar nos meus olhos.
O corredor ornamentado com ouro estava quieto, vazio exceto por uma linda mulher, parecida com uma estátua. Ela olhou curiosamente pra mim, em particular.
"Bem vinda ao lar, Heidi" Demetri a saudou atrás de nós.
Heidi sorriu ausentemente. Ela me lembrava de Rosalie, apesar delas duas não se parecerem em nada - era só que a beleza dela, também, era excepcional, inesquecível. Eu não parecia ser capaz de desviar a vista.
Ela estava vestida para enfatizar a sua beleza. Suas penas incrivelmente longas, escurecidas com meias, estavam expostas pela

mais curta das mini-saias. O top dela tinha mangas longas e colarinho alto, mas era extremamente justo, e feito de vinil vermelho. Seu longo cabelo cor de mogno era lustroso, e os olhos dela eram de um estranho tom violeta - a cor devia ser resultado de lentes de contato azuis com os olhos vermelhos.
"Demetri", ela respondeu com uma voz sedosa, seus olhos passando rapidamente entre o meu rosto e a manta cinza de Edward.
"Boa pesca", Demetri a cumprimentou, e eu finalmente compreendi a roupa chamativa que ela usava... ela não era só a pescadora, mas era também a isca.

"Obrigada", ela mostrou um sorriso formidável. "Você não vem?"
"Em um minuto. Guarde alguns pra mim".
Heidi balançou a cabeça e passou pela porta com uma última olhada curiosa pra mim.

Edward começou a andar num ritmo que me fez correr pra acompanhar.
Nós ainda não haviamos conseguido alcançar a porta ornamentada no fim do corredor quando a gritaria começou.

22. Vôo

Demetri nos deixou na alegre recepção opulenta, onde a mulhaer chamada Gianna ainda estava no seu posto atrás do balcão polido. Uma música brilhante, inofensiva saía dos auto falantes.
"Não deixem até que esteja escuro", ele nos advertiu.
Edward balançou a cabeça, e Demetri se apressou pra ir embora. Gianna não pareceu nem um pouco surpresa com a mudança, apesar dela ter olhado para a manta emprestada de Edward com astuta especulação.
"Você está bem?", Edward perguntou por baixo do fôlego, baixo demais para a mulher humana ouvir. A voz dele estava dura - se veludo puder ser duro - com ansiedade. Ainda estressado pela nossa situação, eu imaginei.
"É melhor você sentar ela antes que ela caia", Alice disse. "Ela está caíndo aos pedaços".
Foi só aí que eu me dei conta de que estava tremendo, tremendo muito, meu corpo inteiro estava vibrando até que os meus dentes começaram a bater e a sala começou a balançar e parecer um borrão na frente dos meus olhos. Por um louco segundo, eu me perguntei se era assim que Jacob se sentia quando estava prestes a explodir em um vampiro.
Eu ouví um som que não fazia sentido, um estranho contraponto, rasgante, diferente da música que outrora estava tão alegre. Distraida pelos tremores, eu não sabia dizaer de onde ele estava vindo.
"Shh, Bella, shh", Edward disse enquanto me colocava no sofá mais distante da curiosa humana no balcão.
"Eu acho que ela está ficando histérica. Talvez você devesse dar um tapa nela", Alice sugeriu.
Edward deu uma olhada frenética pra ela.
Foi aí que eu entendí. Oh. O barulho era eu. O som rasgante estava vindo do meu peito. Era isso que estava me fazendo tremer.
"Está tudo bem, você está a salvo, está tudo bem", ele cantava de novo e de novo.
Ele me colocou no colo e passou a manta grossa por cima de mim, me protegendo da sua pele fria.
Eu sabia que era estupidez reagir assim. Quem sabia quanto tempo eu ainda teria nessa situação? Ele estava a salvo, e eu estava a salvo, e ele podia me deixar assim que nós estivessemos livre.
Ter os meus olhos tão cheios de lágrimas que eu não podia nem enxergar o rosto dele era um desperdício - uma insanidade.
Mas, atrás dos meus olhos, minhas lágrimas não conseguiam lavar a imagem, eu ainda podia ver o rosto cheio de pânico da pequena mulher com o rosário.
"Todas aquelas pessoas", eu solucei.

"Eu sei", ele cochichou.
"É tão horrível".
"Sim, é sim. Eu queria que você não tivesse que ter visto aquilo".
Eu descansei minha cabeça no seu peito gelado, usando a manta grossa pra limpar meus olhos. Eu respirei fundo algumas vezes, pra me acalmar.
"Há alguma coisa que eu possa pegar pra vocês?", uma voz perguntou educadamente. Era Gianna se inclinando por cima do ombro de Edward que era de preocupação e ainda profissional e destacado ao mesmo tempo. Ela não parecia estar incomodada com o fato de que estava a poucos centímetros de um vampiro hostíl. Ou ela era completamente inconsciente, ou muito boa em seu trabalho.
"Não", Edward respondeu friamente.
Ela balançou a cabeça, sorriu pra mim, e depois desapareceu.
Eu esperei até que ela saísse da área de escuta. "Ela sabe o que está acontecendo por aqui?" Eu quis saber, minha voz esta baixa e rouca. Eu estava me controlando, minha respiração saindo uniformemente.
"Sim. Ela sabe de tudo", Edward me disse.
"Ela sabe que eles vão matá-la um dia?"
"Ela sabe que é uma possibilidade", ele disse.
Isso me surpreendeu.
O rosto de Edward era difícil de ler. "Ela está esperando que eles decidam ficar com ela".
Eu sentí o sangue fugir do meu rosto. "Ela quer ser um deles?"
Ele acenou com a cabeça uma vez, seus olhos afiados no meu rosto, observando minha reação.
Eu levantei os ombros. "Como é que ela pode querer isso?" Eu sussurrei, mais pra mim mesma do que realmente procurando por uma resposta. "Como é que ela pode ver aquelas pessoas enchendo aquela sala odiosa e querer ser parte disso?"
Edward não respondeu. A expressão dele se torceu em resposta a alguma coisa que eu havia dito.
Eu olhei para o seu rosto perfeito demais, tentando entender a mudança, e de repente me caiu a ficha de que eu estava realmente aqui, nos braços de Edward, mesmo que por pouco tempo, e nós não estávamos - nesse exato momento - prestes a sermos mortos.
"Oh, Edward", eu chorei, e já estava soluçando de novo. Era uma reação estúpida. As lágrimas eram grossas demais pra que eu pudesse ver o rosto dele de novo, e isso era imperdoável. Eu só tinha até o pôr do sol com certeza. Como um conto de fadas de novo, com fim da linha onde a magia acabava.
"Qual é o problema?", ele perguntou, ainda ansioso, esfregando as minhas costas com palmadinhas gentís.
Eu passei meus braços ao redor do pescoço dele - qual era a pior coisa que ele podia fazer? Só me afastar - e me abracei mais perto dele. "É realmente doentio da minha parte estar feliz agora?" Eu perguntei. Minha voz se quebrou duas vezes.

Ele não me afastou. Ele me agarrou apertado no seu peito duro e gelado, tão apertado que era difícil respirar, mesmo com os meus pulmões seguramente intactos.
"Eu sei o que você quer dizer", ele sussurrou. "Mas nós temos muitas razões pra estarmos felizes. Pra começar, estamos vivos".
"Sim", eu concordei. "Essa é uma boa".
"E juntos", ele respirou. O hálito dele era tão doce que fez minha cabeça girar.
Eu só balancei a cabeça, certa de que ele não considerava essa consideração como eu.
"E, com alguma sorte, ainda estaremos vivos amanhã".
"Espero que sim", eu disse com dificuldade.
"As chances são muito boas", Alice me assegurou. Ela esteve tão quieta, que eu quase me esquecí da presença dela. "Eu vou ver Jasper em menos de vinte e quatro horas", ela adicionou com um tom satisfeito.
Alice sortuda. Ela podia confiar em seu futuro.
Eu não conseguí manter meus olhos longe dos olhos de Edward por muito tempo. Eu olhei pra ele, querendo mais do que tudo que o futuro nunca acontecesse. Que esse momento durasse pra sempre, ou, se não pudesse, que eu parasse de existir quando esse momento não existisse.
Edward olhou de volta pra mim, seus olhos escuros estavam suaves, e foi fácil fingir que ele se sentia do mesmo jeito. Então foi isso que eu fiz. Eu fingí, pra tornar o momento mais doce.
As pontas dos dedos dele traçaram os círculos embaixo dos meus olhos. "Você parece tão cansada".
"Você parece com sede", eu cochichei de volta, estudando as manchas roxas embaixo das suas íris pretas.
Ele levantou os ombros. "Não é nada".
"Você tem certeza? Eu posso ir me sentar com Alice", eu oferecí, sem vontade; eu preferia que ele me matasse agora do que me mover um centímetro de onde eu estava.
"Não seja ridícula". Ele suspirou; seu hálito doce acariciou meu rosto. "Eu nunca tive mais controle dessa parte da minha natureza do que agora".
Eu tinha um milhão de perguntas pra ele. Uma delas fez cócegas nos meus lábios agora, mas eu segurei a minha língua. Eu não queria arruinar o momento, mesmo imperfeito como era, aqui nessa sala que me deixava doente, embaixo dos olhos de uma aprendiz de monstro.
Aqui nos braços dele, era tão fácil fantasiar que ele me queria. Eu não queria pensar nas motivações dele agora - se ele estava agindo assim pra me manter calma enquanto ainda estavamos correndo perigo, ou se ele só se sentia culpado por estarmos onde estávamos e aliviado qua não era responsável pela minha morte. Talvez o tempo separados fosse o suficiente pra que eu não o aborecesse no

momento. Mas isso não importava. Eu estava muito mais feliz fingindo.
Eu fiquei quieta nos braços dele, re-memorizando o seu rosto, fingindo...
Ele olhava para o meu rosto como se estivesse fazendo o mesmo, enquanto ele e Alice discutiam como voltar pra casa. As vozes deles eram tão rápidas e baixas que eu sabia que Gianna não conseguia entender. Eu mesma perdí a metade. No entanto, parecia que haviam mais roubos envolvidos. Eu me perguntei se o Porshe amarelo chamativo já havia voltado para o seu dono.
"Que conversa foi aquelas sobre cantores?", Alice perguntou uma hora.
"La tua cantante", Edward disse. A voz dele fez as palavras parecerem música.
"Sim, isso", Alice disse, e eu me concentrei por um momento. Eu havia me perguntado sobre isso também, naquela hora.
Eu sentí Edward levantar os ombros os meu redor. "Eles têm um nome pra as pessoas que cheiram como a Bella cheira pra mim. Eles a chamam de minha cantora - porque o sangue dela canta pra mim".
Alice sorriu.
Eu estava cansada o suficiente pra dormir, mas eu lutei contra a inconsciência. Eu não ia perder nem um segundo do tempo que tinha com ele. De vez em quando, enquanto ele falava com Alice, ele se inclinava de repente e me beijava - seus lábios gelados e macios passavam no meus cabelo, na minha testa, a ponta do meu nariz.
E cada vez era como se um choque eletrico estivesse passando no meu coração há muito adormecido. Os sons das batidas dele pareciam encher a sala inteira.
Era o paraíso - bem no meio do inferno.
Eu perdí completamente a noção do tempo. Então quando os braços de Edward se apertaram ao meu redor, e ele e Alice olharam para o fim da sala com olhos cautelosos, eu entrei em pânico. Eu me apertei no peito de Edward enquanto Alec - seus olhos de uma cor rubi vívida agora, mas ainda impecável com o seu terno cinza claro apesar da refeição da tarde - passou pela porta dupla.
Eram boas notícias.
"Vocês estão livres pra ir agora", Alec nos disse, o tom dele era tão cálido que se poderia pensar que eramos todos amigos de longa data. "Nós os pedimos que não se demorem na cidade".
Edward não inventou nenhuma resposta educada; a voz dele era fria como gelo. "Isso não será um problema".
Alec sorriu, balançou a cabeça, e desapareceu novamente.
"Sigam o corredor direito ao redor da esquina para chegarem no primeiro pavimento de elevadores", Gianna nos disse enquanto Edward me ajudava a ficar de pé. "O sanguão é dois andares abaixo, e é a saída para a rua. Adeus, agora", ela adicionou prazerozamente.
Eu me perguntei se a competência dela seria o suficiente pra salvá-la.
Alice deu uma olhada obscura pra ela.

Eu estava aliviada por haver outra saída; eu não tinha certeza de que podia aguentar outro passeio pelos subterrâneos.
Nós deixamos pelo saguão luxuoso. Eu fui a única que olhou de volta para o castelo medieval que abrigava aquela faxada elaborada de lugar de negócios de onde eu não conseguia ver a torre, motivo pelo qual eu fiquei agradecida.
A festa ainda estava com força total nas ruas. As luzes das ruas ainda estavam se acendendo enquanto nós andavamos rapidamente pelas apertadas ruas lotadas.
O céu lá em cima estava de uma cor cinza sombria que estava desaparecendo, mas os prédios na rua ficavam tão próximos um do outro que pareciam estar mais escuro.
A festa também estava mais escura. A longa e esvoaçante manta e Edward não se destacava muito do que devia ser mais uma noite normal em Volterra. Haviam outras mantas de cetin preto agora, e os dentes de plástico com as presas que eu ví na criança de preaça essa tarde pareciam ser muito populares com os adultos.
"Ridículo", Edward murmurou uma vez.
Eu não reparei quando Alice desapareceu do meu lado. Eu olhei pra ela pra fazer uma pergunta, e ela tinha sumido.
"Onde está Alice?", eu perguntei em pânico.
"Ela foi recuperar as suas bolsas de onde ela as escondeu hoje de manhã"
Eu havia esquecido que tinha acesso a uma escova de dentes. Isso abrilhantou o meu humor consideravelmente.
"Ela está roubando um carro também, não está?", eu adivinhei.
Ele abriu um sorriso. "Não até estarmos do lado de fora".
Pareceu demorar muito tempo até chegarmos na entrada. Edward podia ver que eu estava exausta; ele colocou seu braço ao redor da minha cintura e carregou a maior parte do meu peso enquanto caminhávamos.
Eu tremí quando ele me puxou pelo arco de pedras pretas. O enorme portão antigo acima era como a porta de uma gaiola, ameaçando cair sobre nós, nos trancar do lado de dentro.
Ele me guiou em direção a um carro escuro, esperando numa piscina de sombras á direita do portão que estava com o motor ligado.
Para a minha surpresa, ele escorregou no banco de trás comigo, ao invés de insistir em dirigir.
Alice estava apologética. "Me desculpem". Ela fez um gesto vago em direção do painél. "Não havia muita escolha".
"Está tudo bem, Alice". Ele sorriu. "Eles não podiam ser todos carros de emergência Turbos".
Ela suspirou. "Eu posso ter que adquirir um daqueles legalmente. Foi fabuloso".
"Eu vou te dar um no natal", Edward prometeu.
Alice se virou brilhando pra ele, e isso me preocupou, já que ela já estava descendo a curvinha da colina á toda velocidade ao mesmo tempo.

"Amarelo", ela disse pra ele.
Edward me manteve apertada nos braços dele. Dentro da manta cinza, eu estava aquecida e confortável. Mais que confortável.
"Você pode dormir agora, Bella", ele murmurou. "já acabou".
Eu sabia que ele estava se referindo ao perigo, ao pesadelo na cidade antiga, mas eu ainda tive que engolir seco antes de poder responder.
"Eu não quero dormir. Eu não estou cansada". Só a segunda parte era mentira. Eu não ia fechar meus olhos. O carro só estava fracamente iluminado pelos controles no painél, mas isso era o suficiente pra eu poder ver o rosto dele.
Ele pressionou seus lábios no côncavo embaixo da minha orelha.
"Tente", ele encorajou.
Eu balancei minha cabeça.
Ele suspirou. "Você ainda é só uma teimosa".
Eu era teimosa; eu lutei com as minha pálpebras pesadas, e ganhei.
A estrada escura foi a parte mais difícil; as luzes claras do aeroporto de Florença facilitaram as coisas, enquanto eu tive a chance de escovar os meus dentes e de trocar de roupa e colocar uma limpa; Alice havia trazido roupas pra Edward também, e ele deixou a manta escura em uma pilha de lixo em um corredor.
A viagem até Roma foi tão curta que a fadiga nem teve uma chance de tomar conta de mim. Eu sabia que a viagem de Roma para Atlanta seria um problema inteiramente diferente, então eu pedí á comissária de bordo que me trouxesse uma Coca.
"Bella", Edward disse desaprovando. Ele sabia que tinha baixa tolerância á cafeina.
Alice estava atrás de nós. Eu podia ouvir ela murmurando com Jasper no telefone.
"Eu não quero dormir", eu lembrei ele. Eu dei a ele uma desculpa na qual ele acreditou porque era verdade.
"Se eu fechar meus olhos agora, eu vou ver coisas que não quero ver. Eu vou ter pesadelos".
Ele não discutiu comigo depois disso.
Seria uma boa hora pra conversar, pra pegar as respostas que eu precisava - precisava mas não realmente queria; eu já estava me desesperando com o pensamento do que teria que ouvir. Nós tínhamos um bom tempo pra não sermos interrompídos, e ele não escaparia de mim num avião - bem, pelo menos, não facilmente. Ninguém nos ouviria exceto Alice; estava tarde e a maioria dos passageiros estava apagando as luzes e pedindo por travesseiros em vozes murmuradas. Conversar me manteria longe da exaustão.
Mas, perseveramente, eu mordí minha língua pra conter o meu dilúvio de perguntas. O meu bom senso provavelmente era provindo da exaustão, mas eu esperei que adiando a conversa, eu podia ter direito a passar mais algumas horas com ele mais tarde - fazer isso durar por mais uma noite, ao estilo Scheherazade.
Então eu continuei bebendo o meu refrigerante, e resistindo á minha vontade de piscar. Edward parecia perfeitamente contente em me

segurar em seus braços, os dedos dele traçando o meu rosto de novo e de novo. Eu toquei o seu rosto também.
Eu não conseguia evitar, apesar de eu estar com medo de que isso pudesse me machucar depois, quando eu estivesse sozinha de novo. Ele continuou a beijar o meu cabelo, minha testa, meus pulsos... mas nunca meus lábios, e isso era bom. Afinal, de quantas outras formas um coração podia ser maltratado e ainda esperar continuar batendo? Eu havia vivido muitas coisas que podiam ter acabado comigo nesses últimos dias, mas isso não me fez sentir mais forte. Ao invés disso, eu me sentia horrivelmente frágil, como se um palavra pudesse me fazer em pedaços.
Edward não falou. Talvez ele estivesse esperando que eu fosse dormir. Talvez ele não tivesse nada pra dizer.
Eu ganhei a briga contra as minhas pálpebras pesadas. Eu estava acordada quando chegamos no Aeroporto em Atlanta, e eu tinha até começado a ver o sol nascendo entre as nuvens em Seattle antes de Edward fechar a janela. Eu estava orgulhosa de mim mesma. Eu não havia perdido nenhum minuto.
Nem Alice nem Edward ficaram surpresos com a recepção que estava nos esperando por nós no aeroporto Sea-Tac, mas eu fui pega de surpresa. Jasper foi o primeiro que eu ví, mas ele não me viu. Seus olhos foram só pra Alice. Ela foi rapidamente para o lado dele; eles não se abraçaram como os outros casais se encontrando lá. Eles só olharam para o rosto um do outro, e mesmo assim, de alguma forma, o momento era tão particular que eu ainda sentí a necessidade de desviar o olhar.
Carlisle e Esme esperavam num canto quieto longe da fila dos detectores de metal, na sempre de uma grossa pilastra.
Esme veio em minha direção, me abraçando impetuosamente, mas ainda estranhamente, porque Edward também estava com os braços ao meu redor.
"Muito obrigada", ela disse no meu ouvido.
Então ela jogou os braços ao redor de Edward, e ela parecia que estaria chorando se isso fosse possível.
"Você nunca vai me fazer passar por isso de novo", ela quase rosnou.
Edward sorriu, arrependido. "Desculpa, mãe".
"Obrigado, Bella", Carlisle disse. "Nós ficamos te devendo".
"Dificilmente", eu murmurei. A falta de sono da noite era de repente dominante. Minha cabeça parecia estar desconectada do meu corpo.
"Ela está morta em cima dos pés", Esme repreendeu Edward. "Vamos levá-la pra casa".
Sem ter muita certeza de que ir pra casa era o que eu queria nesse momento, eu tropecei, meio cega, pelo aeroporto, com Edward me arrastando de um lado e Esme do outro. Eu não sabia se Alice e Jasper estavam atrás de nós, e eu estava exausta demais pra olhar. Eu acho que já estava adormecida, apesar de ainda estar caminhando, quando nós chegamos no carro.

A surpresa de ver Emmett e Rosalie se encostando no sedan preto embaixo das luzes fracas da garagem me acordou um pouco. Edward enrigeceu.
"Não", Esme sussurrou. "Ela se sente péssima".
"Ela devia", Edward disse, sem fazer nenhuma tentativa de manter a voz baixa.
"Não é culpa dela", eu disse, minhas palavras saíram grogues com a exaustão.
"Deixe ela se desculpar", Esme implorou. "Nós vamos com Alice e Jasper".
Edward encarou a vampira loira absolutamente adorável esperando por nós.
"Por favor, Edward", eu disse. Eu não queria andar com Rosalie mais do que ele parecia querer, mas eu já havia causado discordia suficiente na família dele.
Ele suspirou, e me guiou em direção ao carro.
Emmett e Rosalie foram para o banco da frente sem falar nada, enquanto Edward me colocava no de trás de novo. Eu sabia que não seria mais capaz de lutar contra as minhas pálpebras, e eu inclinei minha cabeça no peito dele desistindo, deixando elas se fecharem. Eu sentí o carro sendo ligado.
"Edward", Rosalie começou.
"Eu sei", o tom brusco de Edward não era generoso.
"Bella?", Rosalie perguntou suavemente.
Minhas pálpebras de abriram com o choque. Era a primeira vez que ela falava diretamente comigo.
"Sim, Rosalie?", eu perguntei, hesitante.
"Eu lamento muito mesmo, Bella. Eu me sinto horrível com cada parte disso, e muito agradecida que você tenha sido corajosa o suficiente pra ir salvar o meu irmão depois do que eu fiz. Por favor me diga que vai me perdoar".
As palavras soaram estranhas, abafadas por causa da vergonha dela, mas elas pareceram sinceras.
"É claro, Rosalie", eu murmurei, me agarrando a qualquer chance de fazer ela me odiar um pouco menos. "Não é culpa sua de jeito nenhum. Fui eu quem pulou da droga do precipício. É claro que eu te perdôo".
As palavras saíram como se eu estivesse de boca cheia.
"Isso não conta até que ela esteja consciente, Rose", Emmett gargalhou.
"Eu estou consciente", eu disse; só que isso só soou como um suspiro pré fabricado.
"Deixem ela dormir", Edward insistiu, mas a voz dele estava um pouco mais cálida.
Tudo ficou quieto nesse hora, exceto pelo barulho gentil do motor. Eu devo ter caído no sono, porque só pareceram ter se passado segundos quando a porta se abriu e Edward estava me carregando do

carro. Meus olhos não se abriam. Primeiro eu pensei que ainda estávamos no aeroporto.
E depois eu ouví Charlie.
"Bella", ele gritou de uma certa distância.
"Charlie", eu murmurei tentando sair da letargia.
"Shh", Edward sussurrou. "Está tudo bem; você está em casa e a salvo. Só durma".
"Eu não posso acreditar que você tem a cara de pau de aparecer aqui", Charlie gritou pra Edward, a voz dele muito mais próxima agora.
"Para com isso, pai", eu gemi. Ele não me ouviu.
"Qual é o problema com ela?", Charlie quis saber.
"Ela só está muito cansada, Charlie", Edward assegurou baixinho. "Por favor deixe ela descansar".
"Não me diga o que fazer!", Charlie gritou. "Dê ela pra mim. Tire suas mãos dela!"
Edward tentou me passar pra Charlie, mas eu me agarrei a ele com os dedos trincados, tenazes. Eu podia sentir meu pai puxando meu braço.
"Sai dessa, pai", eu disse com mais volume. Eu conseguí abrir as minha pálpebras o suficiente pra olhar pra Charlie nos os olhos turvos. "Fique bravo comigo".
Nós estávamos na frente da minha casa. A porta da frente estava aberta. A nuvem que pairava em cima das nossas cabeças estava grossa demais pra eu poder adivinhar que horas eram.
"Você pode apostar que eu vou ficar", Charlie prometeu. "Vá pra dentro".
"Tá. Me ponha no chão", eu suspirei.
Edward me colocou de pé. Eu podia ver que estava de pé, mas não conseguia sentir as minhas pernas. Eu andei em frente mesmo assim, até que a calçada começou a se aproximar do meu rosto. Os braços de Edward me agarraram antes que eu atingisse o concreto.
"Só me deixe levá-la até lá em cima", Edward disse. "Depois eu vou embora".
"Não", eu chorei entrando em pânico. Eu ainda não tinha conseguido as minhas respostas.
Ele tinha que ficar pelo menos mais um pouco, não tinha?

"Eu não vou estar longe", Edward prometeu, sussurrando no meu ouvido pra que Charlie não tivesse a esperança de ouvir.

Eu não ouví Charlie responder, mas Edward me levou até em casa. Meus olhos abertos só aguentaram até quando ele chegou na escada. A última coisa que eu sentí foram os dedos frios de Edward soltando meus dedos da camisa dele.

23. Verdade

Eu tinha a sensação de que tinha estado dormindo por muito tempo - meu corpo estava rígido, como se eu também não tivesse me mexido nenhuma vez. Minha mente estava confusa e lenta; sonhos estranhos e coloridos - sonhos e pesadelos - rodavam vertiginosamente dentro da minha cabeça. Eles eram tão vívidos. O horrível e o celestial, tudo misturado numa combinação bizarra. Haviam uma impaciência aguda e medo,, tudo parte de um frustrante sonho onde você não consegue se mexer rápido o suficiente... E haviam muitos monstros, criaturas de olhos vermelhos que eram mais horríveis do que a sua gentíl civilidade demonstrava. O sonho ainda estava forte - eu até podia me lembrar dos nomes. Mas a parte mais forte, mais clara do sonho não era a parte de terror. Era o anjo que estava *mais* claro.
Foi difícil deixá-lo ir e acordar. Esse sonho não queria ser jogado na vala dos meus sonhos que eu costumava esquecer. Eu lutei contra isso enquanto a minha mente ficava mais alerta, me focando na realidade. Eu não conseguia me lembrar de qual era o dia da semana, mas eu tinha certeza de que Jacob ou a escola ou o trabalho ou alguma outra coisa estava esperando por mim. Eu inalei profundamente, me perguntando como encararia outro dia.
Alguma coisa fria tocou a minha testa com a mais leve das pressões. Eu apertei os meus olhos mais ainda. Eu ainda estava sonhando, parecia, e ele parecia ser anormalmente real. Eu estava perto de acordar... a qualquer segundo agora, e ele iria embora.
Mas eu me dei conta de que era real demais, real demais pra ser bom pra mim. Os braços de pedra que eu imaginei passando ao meu redor eram substanciais demais. Se eu deixasse isso ir mais longe, eu ia me arrepender mais tarde. Com um suspiro resignado, eu abrí as minhas pálpebras pra dispersar a ilusão.
"Oh!", eu asfixiei, e joguei meus pulsos em cima dos meus olhos. Bem, claramente, eu tinha ido longe demais; deve ter sido um erro ter deixado a minha imaginação ir tão longe.
Ok, então "deixar" era a palavra errada.
Eu havia forçado ela a sair de controle - eu havia praticamente perseguido as minhas alucinações - e agora minha mente estava sem controle.
Eu levei menos de um segundo pra me dar conta de que, já eu realmente estava louca agora, eu podia muito bem aproveitar as minhas ilusões enquanto elas eram agradáveis.
Eu abrí meus olhos de novo - e Edward ainda estava lá, seu rosto perfeito estava a apenas alguns centímetros dos meus.
"Eu assustei você?" Sua voz baixa estava ansiosa. Isso era muito bom, sendo uma ilusão. O rosto, a voz, o cheiro, tudo - era muito melhor do que me afogar. Alinda invenção da minha imaginação observou minhas expressões mudarem, alarmado. As íris dele

estavam pretas como piche, com manchas que pareciam sombras embaixo dos olhos. Isso me surpreendeu; as minhas ilusões de Edward costumavam estar mais bem alimentadas.
Eu pisquei duas vezes, desesperadamente tentando me lembrar da última coisa que eu tinha certeza que era real. Alice era parte do meu sonho, e eu me perguntei se ela realmente havia voltado, ou se isso era só sonambulismo. Eu pensei que ela havia voltado no dia em, que eu quase me afoguei...
"Oh, droga", eu esganicei. Minha garganta estava grossa pelo sono. "Qual é o problema, Bella?"
Eu fiz uma carranca pra ele infeliz. O rosto dele estava ainda mais ansioso que antes.
"Eu tô morta, não tô?", eu gemí. "Eu me afoguei. Droga, droga, droga! Isso vai matar o Charlie"
Edward fez uma carranca também. "Você não está morta".
"Então porque é que eu não tô acordando?" Eu desafiei, erguendo minhas sobrancelhas.
"Você está acordada, Bella".
Eu balancei minha cabeça. "Claro, claro. É isso que você quer que eu pense. E daí vai ser pior quando eu me acordar. Se eu me acordar, o que eu não vou, porque eu estou morta. Isso é horrível. Pobre Charlie. E Renée e Jake..." eu não conseguí falar de horror pelo que eu tinha feito.
"Eu consigo entender que você esteja me confundindo com um pesadelo", o meio sorriso dele era severo. "Mas eu não consigo imaginar o que você possa ter feito pra ir para o inferno. Você cometeu muitos assassinatos enquanto eu estava longe?"
Eu fiz uma careta. "Obviamente não. Se eu estivesse no inferno você não estaria comigo".
Ele suspirou.
Minha cabeça estava ficando mais clara. Meus olhos se distanciaram do rosto dele - sem vontade - por um segundo, para a janela escura, aberta, e depois de volta pra ele. Eu comecei a me lembrar dos detalhes... eu sentí um calor fraco, estranho na pele das minhas bochechas enquanto eu lentamente me dava conta de que Edward realmente, verdadeiramente estava aqui comigo, e eu estava perdendo tempo sendo uma idiota.
"Aquilo tudo realmente aconteceu, então?" Era quase impossível pensar no meu sonhos como sendo verdade. Eu não censeguia fazer a minha cabeça grudar nesse conceito.
"Isso depende", o sorriso de Edward ainda estava duro. "Se você está se referindo a nós quase sendo massacrados na Itália, então, sim".
"Que estranho", eu meditei. "Eu realmente fui á Itália. Você sabia que o mais longe que eu já fui foi á Albuquerque?"
Ele revirou os olhos. "Talvez você devesse voltar a dormir. Você não está sendo coerente".
"Eu não estou mais cansada". Tudo estava vindo claramente agora. "Que horas são? Por quanto tempo eu estive dormindo?"

"É pouco mais de uma da manhã. Então, por umas catorze horas".
Eu me espreguicei enquanto ele falava. Eu estava tão rígida.
"Charlie?", eu perguntei.
Edward fez uma carranca. "Dormindo. Você provavelmente devia saber que eu estou quebrando as regras agora. Bem, não tecnicamente, já que ele disse pra nunca mais passar pela sua porta de novo, e eu vim pela janela... Mas, ainda assim, a intenção era clara".
"Charlie te baniu da casa?" Eu perguntei, com descrença que estava rapidamente se transformando em fúria.
Seus olhos estavam tristes. "Você esperava outra coisa?"
Meus olhos estavam raivosos. Eu ia ter umas palavrinhas com o meu pai - talvez essa fosse uma boa hora pra lembrá-lo de que eu já tinha idade legal pra morar sozinha. Isso não importava muito, é claro, exceto no princípio. Logo em breve não haveriam motivos para proibições. Eu levei minha mente para pensamentos não tão dolorosos.
"Qual é a história?", eu perguntei, genuinamente curiosa, mas também tentando desesperadamente manter a conversa casual, pra me manter firmemente sob controle, pra que assim eu não o assustasse com o pedido frenético, que estava se construíndo dentro de mim.
"O que você quer dizer?"
"O que eu vou dizer pra Charlie? Qual é a minha desculpa pra ter desaparecido por... afinal, por quanto tempo eu estive fora?", eu tentei contar as horas na minha cabeça.
"Só três dias", os olhos dele se apertaram, mas ele sorriu mais naturalmente dessa vez. "Na verdade, eu estava esperando que você tivesse uma boa explicação. Eu não tenho nada".
Eu gemí. "Fabuloso".
"Bem, talvez Alice invente alguma coisa", ele ofereceu, tentando me confortar.
E eu estava confortada. Quem se importava com o que eu teria que lidar depois?Cada segundo que ele estava aqui - tão perto, seu rosto sem falhas brilhando com a luz fraca do meu relógio digital - era precioso e não podia ser desperdiçado.
"Então", eu comecei, escolhendo a pergunta menos importante - apesar de que ainda era vitalmente interessante - pra começar. Eu estava seguramente entregue em casa, e ele podia decidir ir embora a qualquer momento. Eu tinha que manter ele falando. Além do mais, esse paraíso temporário não era inteiramente completo sem o som da voz dele. "O que você esteve fazendo, até antes desses três dias?"
O rosto dele se tornou hesitante por um instante. "Nada terrivelmente excitante".
"É claro que não", eu murmurei.
"Porque você está fazendo essa cara?"

"Bem...", eu torcí os lábios, considerando. "Se você fosse, afinal, só um sonho, esse é exatamente o tipo de coisa que você diria. Minha imaginação deve estar bagunçada".
Ele suspirou. "Se eu te contar, você finalmente vai acreditar que não está tendo um pesadelo?"
"Pesadelo!", eu repetí com escárnio. Ele esperou pela minha resposta.
"Talvez", eu disse depois de um segundo de pensamento. "Se você me contar".
"Eu estava... caçando".
"Isso é o melhor que você pode fazer?", eu critiquei. "Isso definitivamente não prova que eu estou acordada".
Ele hesitou, e depois falou lentamente, escolhendo as palavras com cuidado. "Eu não estava caçando comida... Na verdade eu estava testando a minha sorte em... perseguir. Mas eu não sou muito bom nisso".
"O que é que você estava perseguindo?", eu perguntei, intrigada.
"Nada de consequencia". As palavras dele não combinavam com a sua expressão; ele parecia aborrecido, desconfortável.
"Eu não entendo".
Ele hesitou; seu rosto, brilhando com uma estranha luz verde do relógio, estava dividido.
"Eu -", ele respirou fundo. "Eu te devo desculpas. Não, é claro que eu te devo muito, muito mais do que isso. Mas você precisa saber," - as palavras começaram a fluir rapidamente, do jeito que eu lembrava que ele falava as vezes quando ficava agitado, e eu tive que realmente me concentrar pra entender todas elas - "que eu não fazia idéia. Eu não tinha idéia da confusão que estava deixando pra trás. Eu pensei que fosse seguro pra você aqui. Tão seguro. Eu não tinha idéia de que Victória" - os lábios dele se curvaram quando ele disse o nome - "ia voltar. Eu vou admitir, quando eu ví ela daquela última vez, eu estava prestando muito mais atenção aos pensamentos de James. Mas eu não ví que ela seria capaz de responder dessa forma. Que ela tinha um laço tão forte com ele. Eu acho que agora me dou conta do porque - ela tinha tanta confiança nele, que o pensamento dele falhar nunca ocorreu a ela. Era a grande confiança que nublava os sentimentos dela por ele - isso evitou que eu visse a profundidade deles, o vínculo que havia alí."
"Não que isso seja uma desculpa para o que eu te deixei enfrentar. Quando eu ouví o que você disse a Alice - e o que ela mesma viu - quando eu me dei conta de que você teve que colocar a sua vida na mão daqueles lobisomens, imaturos, voláteis, a única coisa que podia ser pior do que a própria Victória -" ele estremeceu e parou o dilúvio de palavras por um curto segundo. "Por favor saiba que eu não tinha nenhuma idéia de tudo isso. Eu me sinto doente, com toda a minha essencia, mesmo agora, quando eu posso ver e sentir você segura nos meus braços. Eu sou a desculpa mais miserável por -"
"Pare", eu interrompí ele. Ele olhou pra mim com olhos agoniados, e eu tentei encontrar as palavras certas - as palavras que iam livrá-lo

daquela olbrigação imaginada que o causava tanta dor. As palavras eram muito difíceis de dizer. Eu não sabia se podia dizê-las sem me quebrar. Eu não queria ser uma fonte de culpa e angústia para a vida dele. Ele devia ser feliz, não importava o que isso me custasse.
Eu realmente estava esperando colocar essa parte da conversa pra mais tarde. Isso ia fazer as coisas acabarem muito mais rápido. Baseada em todos os meus meses de prática por tentar ser normal com Charlie, eu mantive o meu rosto suave.
"Edward", eu disse. O nome dele queimou um pouco a minha garganta quando saiu.
Eu podia sentir um fantasma do buraco, esperando pra se abrir de novo assim que ele desaparecesse. Eu não via muito bem como era que eu ia suportar dessa vez.
"Isso tem que parar agora. Você não pode pensar nas coisas desse jeito. Você não pode deixar ... essa culpa... mandar na sua vida. Você não pode se responsabilizar pelas coisas que acontecem comigo. Nada disso é culpa sua, isso é só parte do que a vida é pra mim. Então, se eu tropeçar na frente de um ônibus ou o que quer que aconteça na próxima vez, você tem que se dar conta de que não é o seu trabalho levar a culpa. Você não pode simplesmente sair correndo para a Itália porque se sente mal por não ter me salvado. Mesmo se eu tivesse pulado daquele precipício pra morrer, isso teria sido a minha escolha, e não sua culpa. Eu sei que é... a sua natureza segurar a culpa por tudo, mas você realmente não pode deixar as coisas chegarem a esses extremos! Isso é muito irresponsável - pense em Esme e Carlisle e -"
Eu já estava quase perdendo o controle. Eu parei pra respirar fundo, esperando me acalmar. Eu tinha que deixá-lo livre. Eu tinha que ter certeza de que isso nunca mais aconteceria de novo.
"Isabella Marie Swan", ele sussurrou, com a expressão mais estranha cruzando o rosto dele. Ele quase parecia com raiva. "Você acredita que eu pedí que os Volturi me matassem porque eu me sentia culpado?"
Eu podia sentir a incompreensão no meu rosto. "Não foi isso?"
"Se eu me sentia culpado? Intensamente. Mais do que você pode compreender".
"Então... o que é que você tá dizendo? Eu não entendo".
"Bella, eu fui até os Volturi porque eu achava que você estivesse morta", ele disse, com a voz macia, com os olhos penetrantes. "Mesmo se eu não tivesse nenhuma responsabilidade pela sua morte" - ele tremeu quando disse a última palavra - "mesmo se não fosse minha culpa, eu teria ido para a Itália. Obviamente, eu devia ter sido mais cuidadoso - eu devia ter falado diretamente com Alice, ao invés de aceitar uma informação de segunda mão de Rosalie. Mas, realmente, o que é que eu podia pensar quando o garoto disse que Charlie estava no funeral? Quais eram as chances?"

"As chances", ele murmurou depois, distraído. A voz dele estava tão baixa que eu não tinha certeza de que havia ouvido direito. "As chances estão sempre contra nós.
Erro após erro. Eu nunca vou criticar Romeu de novo".
"Mas eu ainda não entendo", eu disse. "É disso que eu tô falando. E daí?"
"Perdão?"
"E daí se eu estivesse morta?"
Ele me encarou duvidosamente por um longo momento depois de responder. "Você não se lembra de nada do que eu te disse antes?"
"Eu me lembro de tudo que você me disse" Incluindo as palavras que anularam todo o resto.
Ele passou os pontas dos dedos gelados no meu lábio inferior. "Bela, você parece ter compreendido mal". Ele fechou os olhos, balançando a cabeça pra frente e pra trás com um meio sorriso no seu lindo rosto. Não era um sorriso feliz. "Eu pensei que já havia explicado isso claramente antes. Bella, eu não posso existir num mundo onde você não exista".
"Eu estou..." minha cabeça nadou enquanto eu procurava pela palavra apropriada.
"Confusa". Essa funcionava. Eu não conseguia entender o sentido do que ele estava falando.
Ele me olhou dentro dos olhos com um olhar sincero, intenso. "Eu sou um bom mentiroso, Bella, eu tenho que ser".
Eu congelei, meus músculos se travaram com o impacto. Afina linha no meu peito de abriu; a dor me tirou o fôlego.
Ele balançou meu ombro, tentando relaxar a minha postura rigida.
"Me deixe terminar!
Eu sou um bom mentiroso, mas ainda assim, pra você acreditar em mim tão rapidamente", ele gemeu. "Aquilo foi... um tormento".
Eu esperei, ainda congelada.
"Quando nós estávamos na floresta, quando eu estava te dizendo adeus -"
Eu não me permití lembrar. Eu lutei pra permanecer apenas no presente momento.
"Você não ia desistir", ele sussurrou. "Eu podia ver isso. Eu não queria fazer isso - eu sentí que me mataria fazer isso - mas eu sabia que se eu não te convencesse de que não te amava mais, você ia levar muti mais tempo pra retomar a sua vida. Eu esperava que, se você achasse que eu havia seguido em frente, você faria o mesmo".
"Um despedida limpa", eu sussurrei por lábios que não se mexiam.
"Exatamente. Mas eu nunca imaginei que fosse tão fácil fazer isso! Eu pensei que fosse ser quase impossível - que você ia saber que era mentira e eu teria que passar horas tendo que te convencer e plantar a semente da dúvida na sua cabeça. Eu mentí, e eu lamento - lamento porque te machuquei, lamento porque foi um esforço inútil. Lamento por não ter podido te proteger do que eu sou. Eu mentí pra te salvar, e não funcionou. Eu lamento.

"Mas como é que você pôde acreditar em mim? Depois dos milhares de vezes que eu disse que te amava, como é que você pôde deixar uma palavra acabar com a sua fé em mim?"
Eu não respondí. Eu estava chocada demais pra formular uma resposta racional.
"Eu podia ver nos seus olhos, que você honestamente acreditou que eu não te queria mais. O conceito mais absurdo, mais ridículo - como se houvesse alguma forma de eu existir sem precisar de você!"
Eu ainda estava congelada. As palavras dele eram incompreensíveis, porque elas eram impossíveis.
Ele chacoalhou meu ombros de novo, não forte, mas o suficiente pra fazer meus dentes baterem.
"Bella", ele suspirou. "Sério, o que é que você estava pensando!"
E então eu comecei a chorar. As lágrimas subiram e então começaram a descer miseravelmente pelas minha bochechas.
"Eu sabia", eu solucei. "Eu sabia que estava sonhando".
"Você é impossível", ele disse, e deu uma risada - uma risada dura, frustrada. "Como é que eu posso colocar isso de forma que você acredite em mim? Você não está dormindo, e você não está morta. Eu estou aqui, e eu te amo. Eu *sempre* amei você, e eu *sempre*. Eu estava pensando em você, vendo o seu rosto em minha mente, durante cada segundo em que estive longe. Quando eu te disse que não te queria, aquele foi o tipo mais negro de blasfêmia".
Eu balancei a minha cabeça enquanto as lágrimas continuavam escapando do canto dos meus olhos.
"Você não acredita em mim, acredita?", ele sussurrou, o seu rosto mais pálido que o pálido normal - eu podia ver isso mesmo na luz fraca. "Porque você consegue acreditar numa mentira, mas não na verdade?"
"Nunca fez sentido você me amar", eu expliquei, minha voz escapando duas vezes.
"Eu sempre soube isso".
Os olhos dele se estreitaram, a mandíbula se apertou.
"Eu vou provar que você está acordada", ele prometeu.
Ele pegou o meu rosto seguramente entre suas mãos de ferro, ignorando minha luta quando eu tentei desviar o meu rosto.
"Por favor não", eu sussurrei.
Ele parou, seus lábios estavam a meio centímetro dos meus.
"Porque não?", ele quis saber. O hálito dele bateu no meu rosto, fazendo minha cabeça girar.
"Quando eu acordar" - ele abriu a boca pra protestar, então eu revisei - "Ok, esqueça essa - quando você se for de novo, já vai ser duro suficiente sem isso também".
Ele se afastou um centímetro, pra olhar pro meu rosto.
"Ontem, quando eu te tocava, você estava tão... hesitante, cuidadosa, e ainda assim era a mesma. Isso é porque eu estou muito atrasado? Porque eu te machuquei demais? Porque você *realmente* seguiu com a sua vida, como eu planejava que você fizesse? Isso

seria... muito justo. Eu não vou contestar a sua decisão. Então não tente desperdiçar seus sentimentos, por favor - só me diga se você ainda pode me amar ou não, depois de tudo que eu te fiz. Pode?", ele sussurrou.
"Que tipo de pergunta idiota é essa?"
"Só me responda. Por favor".
Eu olhei pra ele com o rosto obscuro por um momento. "O jeito como eu me sinto por você nunca vai mudar. É claro que eu te amo - e não há nada que você possa fazer pra mudar isso!"
"Isso era tudo que eu precisava ouvir".
A boca dele já estava na minha, e eu não consegui lutar com ele. Não porque ele era milhares de vezes mais forte que eu, mas porque a minha coragem se fez em poeira quando os nossos lábios se encontraram. Esse beijo não era tão cuidadoso quanto eu me lembrava, isso pra mim estava ótimo. Eu ia me acabar depois, mas também eu ia pegar em troca tudo o que eu pudesse.
Então eu o beijei de volta, meu coração batendo feito um louco, num ritmo desconjuntado enquanto a minha respiração ficava descontrolada e eu movia os meus dedos cuidadosamente pelo rosto dele. Eu podia sentir o corpo de mármore dele em cada linha do meu, e eu estava tão feliz por ele não ter me escutado - não havia dor no mundo que justificasse perder isso. As mãos dele memorizavam o meu rosto, do mesmo jeito que as minhas mãos faziam com o rosto dele, e, nos breves segundos que os nossos lábios ficaram livres, ele sussurrou meu nome. Eu estava começando a ficar tonta, ele se afastou, só pra colocar a orelha dele no meu coração.
Eu fiquei lá, fascinada, esperando a minha asfixia para e se aquietar.
"Aliás", ele disse num tom casual. "Eu não vou te deixar".
Eu não disse nada e ele pareceu ouvir o ceticismo da minha voz.
Ele levantou a cabeça pra prender seus olhos aos meus. "Eu não vou a lugar nenhum. Não sem você", ele adicionou mais seriamente.
"Eu só te deixei em primeiro lugar porque eu queria que você tivesse a chance em uma vida humana normal, feliz. Eu podia ver o que estava fazendo com você - mantendo você constantemente na cara do perigo, tirando você do mundo ao qual você pertencia, arriscando você a cada minuto que você passava comigo. Então eu tinha que tentar. Eu tinha que fazer alguma coisa, e pareceu que ir embora era o único jeito. Se eu não pensasse que você estava melhor sozinha, eu nunca teria me obrigado a ir embora. Eu sou egoísta demais. Só você poderia ser mais importante do que o que eu queria... ou precisava. O que eu quero e preciso é estar com você, e eu sei que jamais serei forte o suficiente pra ir embora de novo. Eu tenho muitas desculpas pra ficar - graças aos céus por isso! Parece que você não consegue ficar segura, não importa quantos quilômetros eu ponha entre nós".
"Não me prometa nada", eu sussurrei. Se eu me deixasse ter esperanças demais, e isso desse em nada... isso me mataria. O trabalho que todos aqueles vampiros sem piedade não conseguiram fazer, elevar minhas esperanças ia terminar.

A raiva soltou um brilho metálico dos olhos dele. "Você acha que eu estou mentindo pra você agora?"
"Não - não mentindo". Eu balancei minha cabeça, tentando pensar nas coisas coerentemente. Examinar a hipótese de que ele me amava, enquanto continuva objetiva, clínica, pra que assim eu não caísse na armadilha de esperar nada. "Você fala sério... agora. Mas e quanto a amanhã, quando você pensar em todas as razões pelas quais foi embora em primeiro lugar? Ou no mês que vem, quando Jasper der a louca pra cima de mim?"
Ele enrijeceu.
Eu pensei de novo nos piores dis da minha vida quando ele me deixou, e tentei vê-los pela perspectiva que ele me dava agora. Dessa perspectiva, imaginando que ele nunca havia deixado de me amar, que ele havia me deixado por mim, seus silêncios penetrantes e frios ganharam um significado diferente.
"Não é como se esse não tivesse sido o seu motivo pra ir embora da primeira vez, não é?", eu adivinhei. "Você vai acabar fazendo aquilo que você acha certo".
"Eu não sou tão forte quanto você acredita que eu sou", ele disse. "Certo e errado já deixaram de significar tanto pra mim; eu já ia voltar do mesmo jeito. Antes de Rosalie ter me dado as notícias, eu já estava cansado de viver a vida semana depois de semana, ou um dia de cada vez. Eu estava lutando pra ver as horas passarem. Era só uma questão de tempo - e não muito tempo - antes de eu aparecer na sua janela e implorasse que você me aceitasse de volta. Eu ficarei feliz de implorar agora, se você quiser isso".
Eu fiz uma careta. "Fale sério, por favor".
"Oh, eu estou", ele insistiu, me encarando agora. "Será que dá por favor pra você tentar ouvir o que eu estou dizendo? Será que você pode me deixar tentar explicar o quanto você significa pra mim?"
Ele esperou, examinando o meu rosto enquanto falava pra ter certeza de que eu estava escutando.
"Antes de você, Bella, minha vida era uma noite sem lua. Muito escura, mas haviam estrelas - pontos de luz e razão... E aí você apareceu no meu céu como um meteoro.
De repente, tudo estava pegando fogo; havia brilho, havia beleza. Quando você não estava lá, quando o meteoro caiu no horizonte, tudo ficou escuro. Nada havia mudado, mas os meus olhos haviam ficado cegos com a luz. Eu não conseguia mais ver as estrelas. E não havia mais razão pra nada".
Eu queria acreditar nele. Mas essa era a minha vida sem ele que ele estava descrevendo, não o contrário.
“Seu olhos irão se ajustar.” Eu resmunguei.
“Esse é o problema – eles não podem”
“E a suas distrações?”
Ele riu sem um traço de humor “Só mais uma parte da mentira, amor. Não tinha nenhuma distração vinda da... da agonia . Meu coração não bate a quase noventa anos, mas isso era diferente. Era

como se meu coração tivesse ido – como se eu fosse um buraco. Como se eu tivesse deixado tudo que havia dentro de mim aqui com você."
"Isso é engraçado." Eu murmurei.
Ele arqueou uma perfeita sobrancelha "Engraçado?"
"Eu quis dizer estranho – eu pensei que isso fosse só eu. Muitos pedaços de mim ficaram perdidos, também. Eu não estive capaz de respirar realmente por tanto tempo." Eu enchi meus pulmões, luxuriando na sensação. "E meu coração. Isso estava definitivamente perdido."
Ele fechou seus olhos e pousou sua orelha sobre meu coração de novo. Eu deixei minha face pressionar seus cabelos, sentindo a textura disso na minha pele, sentindo o delicioso aroma dele.
"Perseguir não foi uma distração então?" Eu perguntei, curiosa, e também necessitando de me distrair. Eu estava em muito perigo pela esperança. Eu não seria capaz de me parar por muito tempo. Meu coração palpitou, cantando em meu peito.
"Não" Ele suspirou. "Isso nunca foi uma distração. Isso foi uma obrigação."
"O que isso quer dizer?"
"Isso que dizer que, mesmo pensando que eu não esperava nenhum perigo de Victoria, eu não ia deixar ela ir embora com... Bem, como eu disse, eu era horrível fazendo isso. Eu tracei o caminho dela tão longe quanto o Texas, mas então eu segui uma falsa pista no Brasil – e ela realmente veio aqui." Ele resmungou. "Eu não estava nem no mesmo continente! E todo esse tempo, pior do que meus piores medos –"
"Você estava caçando Victoria?" Eu meio que gritei assim que eu consegui encontra minha voz, ultrapassando oito oitavos.
Os roncos distantes de Charlie gaguejaram, e então voltaram a um ritmo regular novamente.
"Não bem," Edward respondeu, estudando minha indignação com um olhar confuso. "Mas eu vou fazer melhor dessa vez. Ela não vai ter bom ar entrando e saindo por muito tempo."
"Isso está.... fora de questão" Eu balancei a cabeça para esquecer. Insanidade. Mesmo que ele tivesse Emmett ou Jasper ajudando ele. Mesmo se ele tivesse Emmett e Jasper ajudando ele. Isso era pior do que minhas outras idéias: Jacob Black estando à pouco espaço da figura viciante e felina de Victoria. Eu não podia suporta imaginar Edward lá, mesmo pensando que ele era muito mais durável que meu melhor amigo meio-humano.
"É muito tarde para ela. Eu devo ter deixado o outro tempo passar, mas não dessa vez, não depois – "
Eu interrompi ele novamente, tentando soar calma. "Você não tinha acabado de prometer que você não ia partir?" Eu perguntei, arrancando as palavras assim que eu disse elas, não as deixando se plantarem em meu coração. "Isso não é extamente compatível com uma extensiva perseguição, é isso?"

Ele amarrou a cara. Um rosnado começou a se formar baixinho em seu peito.
"Eu vou manter minha promessa, Bella. Mas Victoria – o rosnado começou a ficar mais carregado – vai morrer. Logo."
"Não vamos ser precipitados." Eu disse, tentando esconder meu pânico. "Talvez ela não vá voltar. A matilha de Jack provavelmente assustou ela. Realmente não há razões para ir procurar ela. Além do mais, eu tenho problemas maiores que Victoria"
Os olhos de Edward se estreitaram, mas ele confirmou com a cabeça. "É verdade. Os lobisomens são um problema."
Eu bufei. "Eu não estava falando de Jacob. Meus problemas são bem maiores do que um punhado de lobisomens adolescentes colocando eles mesmos em problemas."
Edward olhou como se ele estivesse prestes a dizer alguma coisa, e então pensou melhor sobre isso.
"Sério?" Ele perguntou. "Então qual seria seu maior problema? Que iria fazer o retorno de Victoria a você parecer um inconseqüente assunto em comparação?"
"Que tal sobre o segundo maior?" Eu sugeri.
"Tudo bem" Ele concordou, desconfiado.
Eu pausei. Eu não estava certa de que conseguiria dizer o nome.
"Tem outros que estão vindo procurar por mim. Eu lembrei ele em um baixo sussurro.
Ele suspirou, mas a resposta não foi tão forte quanto eu havia imaginado depois da resposta à Victoria.
"Os Volturi são só o segundomaior problema?"
"Você não parece tão chateado com isso." Eu notei.
"Bem, nós tempos um bom tempo para pensar sobre isso. Tempo significa algo muito diferente pra eles do que significa pra você, ou até para mim. Eles contam anos do jeito que contas dias. Eu não estaria supresso se você tiver 30 quando cruzazr as mentes deles novamente."
O horror passou através de mim.
Trinta.
Então sua promessa significou nada, no final. Se eu iria ficar com trinta um dia, então ele não poderia estar planejando em ficar muito tempo. A enorme dor desse conhecimento me vez perceber que eu já havia começado a juntar esperanças, se me deixar fazer 5 x 0.
"Você não precisa ter medo." Ele disse, preocupado assim que viu as lagrimas rolarem dos cantos de meus olhos novamente. "Eu não vou deixar eles te machucarem."
"Enquanto você estiver aqui" Não que eu me importasse com o que iria acontecer à mim depois que ele me deixasse.
Ele pegou minha face entre suas duas mão de pedra, segunrando isso firmemente, enquanto seus olhos escuros olhavam dentro dos meus com a força gravitacional de um buraco negro. "Eu nunca vou deixar você novamente."

“Mas você disse trinta”Eu sussurrei. As lagrimas fluíam além do possível. “O que? Você vai ficar mas me deixar ficar toda velha de qualquer maneira? Certo.”
Seus olhos amaciaram, enquanto sua boca ficou dura. “Isso é exatamente o que eu vou fazer. Qual escolha tenho eu? Eu não posso ficar sem você, mas eu não vou destruir sua alma.”
“Isso é realmente...” Eu tentei manter minha voz, mas essa pergunta era muito difícil. Eu lembrei de sua face quando Aro quase começou a considerar me transformar em imortal. O olhar doente lá. Era essa fixação em me manter humana com minha alma, ou era incerteza de que ele não me agüentaria por tanto tempo?
“Sim?” Ele perguntou, esperando por minha resposta.
Eu perguntei em um diferente tom. Quase de forma – mas não quieta – dura.
“E quando eu começar a ficar tão velha e as pessoas começaram a achar que sou sua mãe? Sua avó?” Minha voz estava pálida com repulsa. Eu podia ver a face de vovó novamente, no sonho do espelho.
Sua face inteira estava suava agora. Ele secou as lagrimas das minhas bochechas com seus lábios. “Isso não significa nada pra mim.” Ele respirou contra minha pele. “Você sempre será a coisa mais linda em meu mundo. É claro –“ Ele hesitou. Recuando ligeiramente. “Se você me superar – se você quiser algo mais – eu irei entender isso, Bella. Eu prometo, eu não vou ficar no seu caminho se você quiser me deixar.”
Seus olhos eram ônix liquido e ultra sinceros. Ele falou como se tivesse posto fins a esse estúpido plano.
“Você percebe que eu vou eventualmente morrer, certo?” Eu reivindiquei.
Ele pensou sobre essa parte, também. “Eu irei te seguir assim que puder.”
“Isso é seriamente...” Eu procurei pela palavra certa. “Doente”
“Bella, é o único jeito certo deixado – “
“Vamos só voltar por um instante.” Eu disse, sentindo a raivar fazer isso muito mais claro, decisiva. “Você se lembra dos Volturi, certo? Eu não posso permancer humana para sempre. Mesmo que eles não pensem em mim até eu ter trinta” Eu sibilei a palavra “Você realmente acha que eles vão esquecer?”
“Não” ele respondeu devagar, balançando a cabeça. “Eles não vão esquecer, mas...”
“Mas?”
Ele sorriu, enquanto eu olhava para ele desconfiada. Talvez eu não fosse a única louca.
“Eu tenho alguns planos.”
“E esses planos,” Eu disse, minha voz ficando mais acida com cada palavra. “Esses planos giram todos em torno de mim permanecendo humana.”

Minha atitude endureceu sua expressão. “Naturalmente” Seu tom era brusco, sua divina face arrogante.
Nós nos encaremos por um longo minuto.
Então eu respirei fundo, balançando meus ombros, eu puxei seus braços para longe assim podendo me sentar.
“Você quer que eu vá embora?” Ele perguntou, e meu coração palpitou mostrando que essa idéia feria ele, mesmo ele tentando não mostrar isso.
“Não” Eu disse “Eu estou indo embora.”
Ele me olhou suspeito assim que eu pulei pra fora da cama e tateei pelo quarto escuro, a procura de meus sapatos.
“Eu devo perguntar aonde você está indo?” ele perguntou.
“Eu estou indo pra sua casa.” Eu contei a ele, ainda me sentindo cega.
Ele se sentou e veio para o meu lado. “Aqui estão seus sapatos. Qual é seu plano para chegar lá?”
“Minha caminhonete.”
“Isso iria provavelmente acordar Charlie” ele ofereceu como um elemento de dissuasão.
Eu suspirei. “Eu sei. Mas honestamente, eu vou ficar de castigo por semanas por isso. Em quão mais problemas eu posso entrar?”
“Nenhum. Ele vai me culpar, não te.”
“Se você tem uma idéia melhor, sou toda ouvidos.”
“Fique aqui” Ele sugeriu, mas sua expressão não era esperançosa.
“Sem chances. Mas você vá na frente e faça você mesmo em casa.”
Eu o encorajei, supressa com qual naturalidade minha brincadeira havia zoado, e andei em direção a porta.
Ele estava lá antes de mim, bloqueando minha passagem.
Eu amarrei a cara, e me virei para a janela. Não era tão longe do chão, e havia uma grande porção de grama embaixo.
“Okay” ele suspirou. “Eu te darei uma carona”
Eu dei os ombros “De qualquer jeito. Mas você provavelmente deveria estar lá, também.”
“E porque isso?”
“Porque você é extraordinariamente opinante, e eu estou certa que você quer uma mudança para refrescar seus pontos de vista.”
“Meu ponto de vista em qual assunto?” Ele perguntou através dos dentes.
“Isso não é mais sobre você. Você não é o centro do universo, você sabe.” Meu próprio universo pessoal era, é claro, outra história. “Se você for trazer os Volturi atrás de nós por causa de algo estúpido como me deixar human, então sua família deveria ter voz ativa”
“Ter voz ativa em que?” Ele perguntou, cada palavra distinta.
“Minha mortalidade. Eu estou colocando isso em votação.”

24. Votação

Ele não estava satisfeito, isso era fácil de ler no rosto dele. Mas, sem mais discussões, ele me pegou nos braços e saltou levemente pela minha janela, aterrisando sem um sacudida sequer, como um gato. *Era* um pouco mais baixo do que eu imaginei que era.
"Tudo bem então", ele disse, sua voz transbordando desaprovação. "Sobe aí".
Ele me ajudou a subir em suas costas, e começou a correr.
Depois de todo esse tempo, já parecia rotina. Fácil. Evidentemente, isso era uma daquelas coisas que nunca se esquece, como andar de bicicleta.
Estava muito quieto e escuro enquanto ele corria pela floresta, sua respiração lenta e uniforme - escuro suficiente pra que as árvores passando por nós voando quase eram invisíveis, e só a rajada de vento no meu rosto realmente indicava a nossa velocidade. O vento estava úmido; ele não queimava meus olhos do jeito que o vento na grande praça fazia, e isso era reconfortante. E por ser noite, também, depois da terrivel claridade. Assim como na grossa colcha na qual eu brincava de me esconder quando era criança, o escuro era familiar e protetor.
Eu me lembrei que correr pela floresta costumava me assustar, que eu costumava ter que fechar meus olhos. Agora isso parecia uma reação boba pra mim. Eu mantive os meus olhos abertos, meu queixo descansando no ombro dele, minha bochecha no pescoço dele. A velocidade era divertida. Cem vezes melhor que a moto.
Eu virei meu rosto na direção dele e pressionei meus lábios na pedra fria que era o pescoço dele.
"Obrigado", ele disse, enquanto as vagas, sombras negras das árvores passavam por nós. "Isso significa que você decidiu que está acordada?"
Eu sorri. O som era fácil, natural, sem esforço. Parecia *certo*. "Na verdade não. De qualquer forma, é mais que isso, eu não estou tentando acordar. Hoje não".
"Eu vou ganhar a sua confiança de volta de alguma forma", ele murmurou, mais pra sí mesmo. "Nem que seja a última coisa que eu faça".
"Eu confio em *você*", eu assegurei ele. "É em mim que eu não confio".
"Explique isso, por favor"
Ele diminuiu até estar caminhando - eu só sabia a diferença porque o vento parou - e eu imaginei que não estávamos longe da casa. De fato, eu achei que estava ouvindo o som do rio correndo em algum lugar próximo na escuridão.

"Bem" - eu lutei pra encontrar a melhor forma de colocar isso em palavras. "Eu não confio em mim mesma pra ser... suficiente. Pra merecer você. Não há nada em mim que possa segurar você".
Ele parou e se inclinou pra trás pra me tirar de suas costas. Suas mãos gentís não me soltaram; depois que ele me colocou no chão de novo, ele me agarrou apertado em seus braços, me segurando no peito.
"Seu laço é permanente e inquebrável", ele sussurrou. "Nunca duvide disso".
Mas como eu podia não duvidar?
"Você nunca me disse...", ele murmurou.
"O que?"
"Qual é o seu maior problema".
"Eu vou te dar uma dica". Eu suspirei, e me inclinei pra tocar a ponta do nariz dele com o meu dedo indicador.
Ele balançou a cabeça. "Eu sou pior que os Volturi", ele disse severamente. "Eu acho que merecí isso".
Eu rolei meus olhos. "Apior coisa que os Volturi podem fazer é me matar".
Ele esperou com os olhos tensos.
"Você pode me deixar", eu expliquei. "Os Volturi, Victoria... eles não são nada comparados a isso".
Mesmo na escuridão, eu pude ver a angústia contorcer o rosto dele - isso me lembrou a expressão dele embaixo do olhar torturante de Jane; eu me sentí doente, e me arrependí de ter falado a verdade.
"Não", eu sussurrei, tocando o rosto dele. "Não fique triste".
Ele puxou um dos cantos da boca pra cima meio sem vontade, mas a expressão não tocou os olhos dele. "Se houve pelo menos uma forma de te fazer ver que eu não posso viver sem você", ele cochichou. "Tempo, eu acho, é a única forma de te convencer".
Eu gostei da idéia de tempo. "Tudo bem", eu concordei.
O rosto dele ainda estava atormentado. Eu comecei a tentar distrair ele com coisas sem importância.
"Então - já que você vai ficar. Será que posso ter as minhas coisas de volta?"
Eu perguntei, fazendo o meu tom sair o mais leve que eu pude.
Minha tentativa funcionou, até certo ponto: ele riu. Mas os seus olhos retiveram a infelicidade. "As suas coisas nunca foram embora", ele disse. "Eu sabia que era errado, já que eu prometí te deixar em paz sem lembranças. Foi uma coisa estúpida e infantil, mas eu queria ter alguma coisa minha com você. O CD, as fotos, as passagens - elas estão todas embaixo do seu piso".
"Mesmo?".
Ele balançou a cabeça, parecendo um pouco mais alegre com o meu óbvio prazer po esse fato trivial. Isso não foi suficiente pra curar completamente a dor no rosto dele.
"Eu acho", eu disse lentamente, "Eu não tenho certeza, mas eu imagino... eu acho que sabia disso o tempo inteiro".

"O que você sabia?"
Eu só queria tirar a agonia dos olhos dele, mas enquanto eu falava as palavras, elas pareceram mais verdadeiras do que eu esperava.
"Alguma parte de mim, meu subconsciente talvez, nunca deixou de acreditar que você se importava com o fato de que eu vivia ou morria. Provavelmente era por isso que eu estava ouvindo as vozes".
Houve um profundo silêncio por um momento.
"Vozes?", ele perguntou planamente.
"Bem, só uma voz. A sua. É uma longa história". O olhar cauteloso nos olhos dele me fez desejar não ter tocado no assunto. Será que ele ia pensar que eu estava louca, como todo mundo? Será que todo mundo estava certo em relação a isso? Mas finalmente aquela expressão - aquela que fazia parecer que ele estava se queimando - desapareceu.
"Eu tenho tempo", a voz dele estava desnaturalmente uniforme.
"É bem patético".
Ele esperou.
Eu não tinha certeza de como explicar. "Você se lembra do que Alice te disse sobre esportes radicais?"
Ele falou as palavras sem reflexões ou ênfase. "Você pulou de um penhasco pra se divertir".
"Er, certo. E antes disso com a moto -"
"Moto?", ele perguntou. Eu conhecia a voz dele o suficiente pra saber que havia alguma coisa brotando por baixo da calma.
"Eu acho que não disse a Alice sobre essa parte".
"Não".
"Bem, sobre isso... Veja, eu descobrí que... quando eu estava fazendo alguma coisa perigosa ou estúpida... eu conseguia me lembrar de você mais claramente", eu confessei, me sentindo completamente maluca. "Eu conseguia me lembrar do som da sua voz quando estava com raiva. Eu podia ouví-la, como se você estivesse bem ao meu lado. Na maior parte do tempo eu tentava não pensar em você, mas isso não me machucava tanto - era como se você estivesse me protegendo de novo. Como se você não quisesse que eu me machucasse.
"E, bem, eu me pergunto se a razão pela qual eu podia te ouvir tão claramente era porque, por baixo disso tudo, eu sempre soube que havia não havia parado de me amar".
De novo, enquanto eu falava, as palavras trouxeram com elas um senso de convicção. Ou de certeza. Algum espaço profundo dentro de mim reconheceu a verdade.
As palavras dele saíram meio estranguladas. "Você... estava... arriscando a sua vida... pra ouvir -"
"Shh", eu interrompí ele. "Espere um segundo. Eu acho que estou tendo uma epifânia aqui".
Eu pensei naquela primeira noite em Port Angeles quando eu tive a minha primeira ilusão. Eu havia inventado duas opções. Eu não havia visto uma terceira opção.

Mas e se...
E se você acreditasse sinceramente que uma coisa é verdade, mas estivesse mortalmente errado? E se você estivesse tão teimosamente certo de que tinha razão, que você nem podia considerar a verdade? Será que a verdade seria silenciada, eu ela se faria enxergar?
Opção três: Edward me amava. O laço que havia entre nós não era uma coisa que podia ser quebrado pela ausência, distância, ou tempo. E não importava o quanto ele pudesse ser mais especial ou lindo ou brilhante ou perfeito que eu, ele estava tão irreversívelmente alterado quando eu. Assim como eu sempre pertenceria a ele, ele também seria sempre meu.
Era isso que eu estava tentando dizer pra mim mesma?
"Oh!"
"Bella?"
"Oh. Tudo bem. Eu entendo".
"Sua epifânia?", ele perguntou, sua voz desigual e tensa.
"Você me ama", eu disse maravilhada.
O senso de convicção e impermeabilidade passou por mim novamente.
Apesar dos olhos dele ainda estarem ansiosos, ele deu o sorriso torto que eu mais amava. "Sinceramente, eu amo".
Meu coração inflou como se fosse explodir entre as minhas costelas. Ele encheu meu peito e bloqueou minha garganta até que eu não pudesse falar.
Ele realmente me queria do jeito como eu queria ele - pra sempre. Era só medo pela minha alma, pelas coisas humanas que ele não queria tirar de mim, que o tornavam tão desesperado pra me manter mortal. Comparado ao medo de que ele não me quisesse, essa barreira - minha alma - parecia quase insignificante.
Ele pegou o meu rosto apertado entre as suas mãos geladas e me beijou até que eu estivesse tão tonta que a floresta estava girando. Então ele encostou a sua testa na minha, e eu não era a única respirando com mais força que o normal.
"Você foi melhor nisso que eu, sabe?", ele me disse.
"Melhor em que?"
"Sobreviver. Você, pelo menos, fez um esforço. Você se acordava de manhã, tentava ser normal pra Charlie, seguia um padrão para a sua vida. Quando eu não estava ativamente perseguindo, eu era... complemante inútil. Eu não conseguia ficar perto da minha família - eu não conseguia ficar perto de ninguém. Eu tenho vergonha de admitir que eu mais ou menos me curvei em uma bola e deixei a infelicidade me levar embora". Ele sorriu, envergonhado. "Isso foi muito mais patético do que ouvir vozes. E, é claro, você sabe disso, também".
Eu estava profundamente aliviada por ele parecer entender - confortada de que isso fazia sentido pra ele. De qualquer forma, ele não estava olhando pra mim como se eu fosse uma louca. Ele estava olhando pra mim como... se me amasse.

"Eu só ouví uma voz", eu corrigi ele.
Ele riu e então me puxou bem apertado para o seu lado direito e começou a me guiar para a frente.
"Eu só estou brincando com isso", ele fez um gesto largo na escuridão enquanto nós caminhávamos. Havia alguma coisa pálida e imensa lá - a casa, eu me dei conta.
"Não importa nem um pouco o que eles disserem".
"Agora isso afeta eles também".
Ele levantou os ombros indiferentemente.
Ele me guiou pela porta da frente aberta pra dentro da casa escura e ligou as luzes.
A sala era exatamente como eu me lembrava - o piano e os sofás brancos e a escada pálida, gigante. Nada de poeira, nada de lençóis brancos.
Edward chamou os nomes com o mesmo volume que usaria numa conversa normal.
"Carlisle? Esme? Rosalie? Emmett? Jasper? Alice?", eles ouviriam.
Carlisle estava em pé ao meu lado de repente, como se ele tivesse estado lá o tempo inteiro. "Bem vinda de volta, Bella", ele sorriu. "O que podemos fazer por você essa manhã? Eu imagino, pela hora, que essa não é uma visita puramente social".
Eu balancei a cabeça. "Eu gostaria de falar com todos de uma só vez, se estiver tudo bem. Sobre uma coisa importante".
Eu não consegui evitar olhar para o rosto de Edward enquanto falava. A expressão dele estava crítica. Quando eu olhei de volta pra Carlisle, ele estava olhando pra Edward também.
"É claro", Carlisle disse. "Porque não falamos na outra sala?"
Carlisle guiou o caminho pela sala de estar clara, e pela curva para a sala de jantar, ligando as luzes enquanto passava. As paredes eram brancas, o teto era alto, como na sala de estar. No centro da sala, embaixo do candelabro baixo, havia uma grande masa polida, oval cercada por oito cadeiras. Carlisle segurou uma cadeira pra mim na ponta.
Eu nunca havia visto os Cullen usando a sala de jantar antes - era só um adereço. Eles não comiam na casa.
Assim que eu me virei pra sentar na cadeira, eu ví que não estávamos mais sozinhos. Esme havia seguido Edward e o resto da familia enchia a sala atrás dela.
Carlisle se sentou á minha direita, e Edward á minha esquerda. Todos os outros se sentaram silenciosamente. Alice estava sorrindo pra mim, já a par de tudo. Emmett e Jasper pareciam curiosos, e Rosalie sorria pra mim tentadoramente. Meu sorriso de resposta foi tão tímido quanto o dela. Ia levar um tempo pra me acostumar com isso.
Carlisle acenou a cabeça na minha direção. "O palco é seu".
Eu engolí seco. Os olhares deles me deixaram nervosa. Edward pegou a minha mão por debaixo da mesa. Eu olhei pra ele, mas ele estava olhando para os outros, seu rosto estava feroz de repente.

"Bem", eu pausei. "Eu espero que Alice já tenha lhes contado tudo o que aconteceu em Volterra?"
"Tudo", Alice me assegurou.
Eu joguei um olhar significativo pra ela. "E na ida".
"Isso também", ela balançou a cabeça.
"Bom", eu suspirei aliviada. "Então estamos todos na mesma página".
Eles esperaram pacientemente enquanto eu tentava ordenar meus pensamentos.
"Então, eu tenho um problema", eu comecei. "Alice prometeu aos Volturi que eu me tornaria uma de vocês. Eles vão mandar alguém pra checar, e eu tenho certeza de que isso é uma coisa ruim - uma coisa pra ser evitada.
"E então, agora, isso envolve vocês todos. Eu lamento por isso". Eu olhei pra cada um dos seus rostos lindos, deixando o mais lindo por último. Aboca de Edward estava virada pra baixo em uma careta.
"Mas se vocês não me quiserem, então eu não vou me forçar pra vocês, esteja Alice querendo ou não".
Esme abriu sua boca pra falar, mas eu ergui um dedo pra pará-la.
"Por favor, me deixe terminar. Todos vocês sabem o que eu quero. E eu tenho certeza de que também sabem o que Edward quer. Eu acho que a única maneira justa de decidir é por uma votação. Se vocês decidirem que não me querem, então... eu acho que vou para a Itália sozinha. Eu não posso deixar que eles venham até aqui" Minha testa se enrugou enquanto eu considerei isso.
Houve o fraco estrondo de um rosnado no peito de Edward. Eu o ignorei.
"Levando isso em conta, então, que eu não vou colocá-los em perigo de nenhuma das formas, eu quero que vocês votem sim ou não no caso de eu me tornar uma vampira".
Eu dei um meio sorriso na última palavra, e fiz um gesto na direção de Carlisle pra que ele começasse.
"Só um minuto", Edward interrompeu.
Eu o encarei com os olhos apertados.
"Eu tenho algo a adicionar antes de votarmos".
Eu suspirei.
"Sobre o perigo ao qual Bella está se referindo", ele continuou. "Eu não acho que precisamos ser exageradamente ansiosos".
A expressão dele ficou mais animada. Ele colocou a mão livre em cima da mesa brilhante e se inclinou para a frente.
"Vejam", ele explicou, olhando ao redor da mesa enquanto falava, "havia mais de uma razão pra eu não ter apertado a mão de Aro lá no final. Há uma coisa na qual eles não pensaram, e eu não queria precavê-los disso". Ele sorriu.
"Que era?", Alice estimulou. Eu tinha certeza de que a minha expressão era tão cética como a dela.
"Os Volturi são super confiantes, e com uma boa razão. Quando eles decidem encontrar alguém, isso não é realmente um problema. Lembra de Demetri?", Ele olhou pra mim agora.

Eu levantei os ombros. Ele considerou isso um sim.
"Ele encontra pessoas - esse é o seu talento, por isso eles o mantêm. "Agora, durante todo o tempo em que eu estive com cada um deles, eu estava vasculhando no cérebro deles por qualquer coisa que pudesse nos salvar, eu estava pegando toda a informação que fosse possível. Então eu ví como o talento de Demetri funciona. Ele é um perseguidor - um perseguidor mil vezes mais talentoso que James era. A habilidade dele é levemente relacionada á minha, ou o que Aro faz.
Ele capta... o gosto? Eu não sei como descrever isso... o tenor... da mente de alguém, e depois ele a segue. Isso funciona a distâncias imensas.
"Mas depois do pequeno experimento de Aro, bem...", Edward levantou os ombros.
"Você acha que ele não será capaz de me encontrar", eu disse planamente.
Ele estava presumido. "Eu tenho certeza disso. Ele se baseia completamente nesse sentido. Quando ele não funcionar com você, eles estarão todos cegos".
"E como isso resolve alguma coisa?"
"Obviamente, Alice será capaz de dizer quando eles estiverem planejando uma visita, e eu vou te esconder", ele disse profundamente agradado. "Será como procurar uma agulha num palheiro".
Ele e Emmett trocaram um olhar e um sorriso.
Isso não fazia nenhum sentido. "Mas eles podem encontrar você", eu o lembrei.
"E eu posso cuidar de mim mesmo".
Emmett riu e se inclinou por cima da mesa na direção do irmão, estendendo o pulso.
"Excelente plano, meu irmão", ele disse com entusiasmo.
Edward esticou o braço pra bater o pulso de Emmett no seu.
"Não", Rosalie assobiou.
"Absolutamente não", eu concordei.
"Legal", a voz de Jasper estava apreciativa.
"Idiotas", Alice murmurou.
Esme encarou Edward.
Eu fiquei ereta na minha cadeira, me focando. Essa era a minha reunião.
"Tudo bem, então. Edward ofereceu uma alternativa pra vocês considerarem", eu disse friamente. "Vamos votar".
Eu olhei na direção de Edward dessa vez; seria melhor tirar a opinião dele do caminho. "Você quer que eu me junte á sua família?"
Os olhos dele estavam duros e pretos como asfalto. "Não dessa maneira. Você fica humana".
Eu balancei a cabeça uma vez, mantendo o meu rosto profissional, e depois continuei.
"Alice?"

"Sim".
"Jasper?"
"Sim", ele disse, com a voz grave. Eu fiquei um pouco surpresa - eu não tinha nem um pouco de certeza do seu voto - mas eu suprimi minha reação e segui adiante.
"Rosalie?"
Ela hesitou, mordendo o seu lábio inferior cheio, perfeito. "Não".
Eu mantive meu rosto vazio e virei minha cabeça um pouco pra continuar, mas ela levantou as duas mãos, com as palmas pra frente.
"Deixe-me explicar", ele implorou. "Eu não estou querendo dizer que tenho aversões a ter você como irmã. É só que... essa não é a vida que eu teria escolhido pra mim. Eu queria que houvesse alguém pra ter votado não pra mim".
Eu balancei a cabeça lentamente, e depois me virei pra Emmett.
"Que inferno, sim!", ele abriu um sorriso largo. "A gente pode arrumar um outro jeito de arrumar briga com esse Demetri".
Eu ainda estava fazendo uma careta por isso quando me virei pra Esme.
"Sim, é claro, Bella. Eu já penso em você como parte da minha família".
"Obrigada, Esme", eu sussurrei enquanto me virava direção de Carlisle.
Eu fiquei nervosa de repente, desejando ter pedido pelo voto dele antes. Eu tinha certeza de que esse era o voto que importava mais, o voto que contava mais que a maioria.
Carlisle não estava olhando pra mim.
"Edward", ele disse.
"Não", Edward rosnou. A mandíbula dele estava muito apertada, seus lábios curvados na frente dos seus dentes.
"É o único jeito disso fazer sentido", Carlisle insistiu. "Você escolheu não vier sem ela, e isso não me deixa outra escolha".
Edward soltou a minha mão, saindo da mesa com presa. Ele marchou pra fora da sala, rosnando por baixo do fôlego.
"Eu acho que você sabe o meu voto". Carlisle suspirou.
Eu ainda estava olhando pra Edward. "Obrigada", eu murmurei.
Um barulho alto de alguma coisa se quebrando ecoou da outra sala.
Eu enrijeci e falei rapidamente. "Isso era tudo o que eu precisava. Obrigada. Me me quererem. Eu me sinto exatamente da mesma forma por todos vocês também". Minha voz estava embargada de emoção no final.
Esme estava do meu lado num flash, os seus braços frios ao meu redor.
"Querida Bella", ela respirou.
Eu a abracei de volta. Pelo canto do meu olho, eu notei Rosalie olhando pra baixo para a mesa, e eu me dei conta de que as minhas palavras podiam ser interpretadas de duas formas.
"Bem, Alice", eu disse quando Esme me soltou. "Onde você quer fazer isso?"

Alice me encarou, seus olhos estavam arregalados de terror.
"Não! Não! NÃO!" Edward rugiu, entrando na sala de novo. Ele estava na minha cara antes que eu pudesse piscar, se inclinando sobre mim, sua expressão contorcida com raiva. "Você está louca?" ele gritou. "Você perdeu completamente a cabeça?"
Eu me afastei, com as mãos nos ouvidos.
"Umm, Bella", Alice se intrometeu com uma voz ansiosa. "Eu não acho que estou pronta pra isso. Eu vou precisar me preparar..."
"Você prometeu", eu a lembrei, olhando por baixo do braço de Edward.
"Eu sei, mas... Sério, Bella! Eu não faço idéia de como não matar você".
"Você pode fazer isso", eu encorajei. "Eu confio em você".
Edward rosnou furioso.
Alice balançou a cabeça rapidamente, parecendo em pânico.
"Carlisle?", eu me virei pra olhar pra ele.
Edward agarrou meu rosto com a mão, me forçando a olhar pra ele. A outra mão dele estava levantada, com a palma levantada pra Carlisle.
Carlisle ignorou isso. "Eu posso fazer isso", ele respondeu minha pergunta. Eu desejei poder ver a expressão dele. "Você não correr nenhum risco de que eu perca o controle".
"Parece bom". Eu esperava que ele tivesse entendido; era difícil falar claramente enquanto Edward segurava a minha mandíbula.
"Espere", Edward disse por entre os dentes. "Não precisa ser agora".
"Não há razão pra não ser agora", eu disse, as palavras saindo em desordem.
"Eu estou pensando em algumas".
"É claro que está", eu disse acidamente. "Agora me solte".
Ele libertou meu braço e cruzou os braços no peito. "Em cerca de duas horas, Charlie vai estar aqui procurando por você. Eu não duvidaria que ele chamasse a polícia".
"Os três deles", eu fiz uma carranca.
Essa sempre era a parte mais difícil. Charlie, Renée. E agora Jacob também. As pessoas que eu perderia as pessoas que eu ia machucar. Eu queria que houvesse uma forma de eu ser a única a sofrer, mas eu sabia que isso seria impossível.
Ao mesmo tempo, eu estava os magoando mais permanecendo humana. Colocando Charlie em perigo constante com a minha aproximação. Colocando Jake em mais perigo ainda por trazer os inimigos dele ás terras que ele deve proteger. E Renée - eu nunca podia me arriscar a visitar a minha mãe por medo de trazer problemas mortais comigo!
Eu era um imã de perigo; eu já tinha aceitado isso sobre mim mesma.
Aceitando isso, eu sabia que teria de ser capaz de cuidar de mim mesma e proteger as pessoas que eu amava, mesmo que isso

significasse que eu não poderia estar com eles. Eu precisava ser forte.
"No interesse de permanecer acima de qualquer suspeita"Edward disse, ainda através dos dentes trincados, mas olhando pra Carlisle agora.
"Eu sugiro que ponhamos um fim a essa conversa, pelo menos até que Bella termine o segundo grau, e saia da casa de Charlie"
"Esse é um pedido razoável, Bella", Carlisle apontou.
Eu pensei na reação de Charlie quando acordasse essa manhã, se - depois do que ele teve que agüentar depois da perda de Harry, e depois eu tivesse que fazê-lo passar pelo meu desaparecimento inexplicável - ele encontrasse minha cama vazia.
Charlie merecia mais que isso. Era só um pouco mais de tempo; a formatura não estava tão longe...
Eu torci meus lábios. "Eu vou considerar isso".
Edward relaxou. A mandíbula dele se desprendeu.
"Eu provavelmente devia te levar pra casa", ele disse, mais calmo agora, mas claramente com pressa de me tirar daqui. "Só no caso de Charlie acordar mais cedo".
Eu olhei pra Carlisle. "Depois da formatura?"
"Você tem minha palavra".
Eu respirei fundo, sorri, e me virei de volta pra Edward. "Tudo bem. Você pode me levar pra casa".
Edward se apressou pra me tirar da casa antes que Carlisle pudesse me prometer mais alguma coisa. Ele me levou pelos fundos, pra que assim eu não pudesse ver o que ele havia quebrado na sala de estar.
A viagem pra casa foi quieta. Eu estava me sentindo triunfante, e um pouco presumida. Rígida de medo, também, é claro, mas eu tentei não pensar nessa parte. Não me fazia nenhum bem pensar na dor - a física ou a emocional - então eu não pensaria. Não até que eu tivesse que pensar.
Quando nós chegamos à minha casa, Edward não parou. Ele correu parede acima e entrou pela minha janela em meio segundo. Então ele tirou meus braços do seu pescoço e me colocou na cama.
Eu pensei que fazia uma bela idéia do que ela estava pensando, mas a sua expressão me surpreendeu. Ao invés de furiosa, a expressão dele estava calculista. Ele andou silenciosamente pra frente e pra trás pelo meu quarto escuro enquanto eu o observava com crescente suspeita.
"O que quer que seja que você estiver planejando, não vai funcionar", eu disse pra ele.
"Shh. Eu estou pensando".
"Ugh", eu gemi, me jogando na cama e colocando a colcha por cima da minha cabeça.
Não houve nenhum som, mas de repente ele estava lá. Ele tirou a coberta de cima pra poder me ver. Ele estava deitado ao meu lado. A mão dele se aproximou pra alisar a minha bochecha.

"Se você não se importar, eu preferiria que você não escondesse o seu rosto. Eu já vivi sem ele pelo máximo de tempo que eu consigo agüentar. Agora... diga-me uma coisa".
"O que?", eu perguntei sem vontade.
"Se você pudesse pedir por qualquer coisa nesse mundo, qualquer coisa, o que seria?"
Eu sentí o ceticísmo nos meus olhos. "Você"
Ele balançou a cabeça impaciente. "Alguma coisa que você ainda não tenha".
Eu não tinha certeza de onde ele estava planejando me levar, então eu pensei cuidadosamente antes de responder. Eu pensei em uma coisa que não só era verdade, como também provavelmente impossível.
"Eu ia querer... Que Carlisle não tivesse que fazer isso. Eu iria querer que você me transformasse".
Eu observei a reação dele cautelosamente, esperando mais da fúria que eu havia visto na casa dele. Eu fiquei surpresa que a expressão dele não mudou. Ele ainda estava calculista, pensativo.
"O que você estaria a fim de trocar por isso?"
Eu não conseguia acreditar em meus ouvidos. Eu olhei para o seu rosto composto e soltei a resposta antes que pudesse pensar nela.
"Qualquer coisa".
Ele sorriu fracamente, e depois torceu os lábios. "Cinco anos?"
Meu rosto se contorceu em uma expressão que era uma mistura de pesar e horror.
"Você disse qualquer coisa", ele me lembrou.
"Sim, mas... você vai usar o tempo pra encontrar uma maneira de se livrar disso. Eu tenho que bater enquanto o ferro está quente. Além do mais, é perigoso demais que eu permaneça humana - pra mim, pelo menos. Então, qualquer coisa menos isso".
Ele fez uma carranca. "Três anos?"
"Não!"
"Será que isso vale alguma coisa pra você?"
Eu pensei no quanto eu queria isso. Melhor manter uma testa de ferro, eu decidi, e não deixar ele saber o quanto eu queria isso. Isso ia me dar mais tempo pra ter influencia. "Seis meses?"
Ele rolou os olhos. "Não é bom o suficiente".
"Um ano, então", eu disse. "Esse é o meu limite".
"Pelo menos me dê dois".
"De jeito nenhum. De dezenove eu passo. Mas eu não vou chegar nem perto dos vinte. Se você vai ficar na adolescência pra sempre, então eu também vou".
Ele pensou por um minuto. "Tudo bem. Esqueça os limites de tempo. Se você quer que eu faça isso - então você só vai ter que aceitar uma condição".
"Condição?", minha voz ficou vazia. "Que condição?"
Seus olhos estavam cuidadosos - ele falou lentamente. "Case comigo primeiro".

Eu olhei pra ele, esperando... "Tudo bem. Qual é o truque?"
Ele suspirou. "Você está ferindo o meu ego, Bella. Eu acabei de te pedir em casamento, e você acha que eu estou fazendo piada".
"Edward, por favor fale sério".
"Eu estou sendo cem por cento sério". Ele me encarou sem uma ponta de humor no rosto.
"Oh, vamos", eu disse, uma ponta de histeria na minha voz. "Eu só tenho dezoito".
"Bem, eu já tenho quase cento e dez. Está na hora de me ajeitar".
Eu desviei o olhar, para a janela escura, tentando controlar o meu pânico antes que ele me denunciasse.
"Olha, casamento não está exatamente no topo da minha lista de prioridades, sabe?
Isso foi meio que o beijo da morte pra Renée e Charlie".
"Interessante escolha de palavras".
"Você sabe do que eu estou falando".
Ele inalou profundamente. "Por favor não me diga que você tem medo de compromisso", a voz dele estava descrente, e eu entendi do que ele estava falando.
"Não é exatamente isso", eu cerquei. "Eu... estou com medo de Renée. Ela realmente tem umas opiniões interessantes sobre se casar antes dos trinta".
"Porque ela preferiria que você se tornasse um dos eternos condenados do que te ver se casar". Ele sorriu obscuramente.
"Você acha que está fazendo piada".
"Bella, se você considerar o nível de comprometimento entre uma união matrimonial e a barganha de trocar a sua alma por uma eternidade como vampira..." ele balançou a cabeça.
"Se você não é corajosa o suficiente pra se casar comigo, então -"
"Bem", eu interrompi. "E se eu fizesse isso? E se eu te disse pra me levar pra Las Vegas agora? E seria uma vampira em três dias?"
Ele sorriu, seus dentes estavam brilhando na escuridão. "Claro", ele disse, pagando pra ver. "Eu vou pegar o meu carro".
"Droga", eu murmurei. "Eu te dou dezoito meses".
"Sem acordo", ele sorriu. "Eu gosto dessa condição".
"Tudo bem. Eu peço pra Carlisle fazer isso quando eu me formar".
"Se é realmente isso que você quer", ele levantou os ombros, e o seu sorriso ficou absolutamente angelical.
"Você é impossível", eu rosnei. "Um monstro".
Ele gargalhou. "É por isso que você não vai se casar comigo?"
Ele se inclinou na minha direção; seus olhos escuros como a noite se derreteram e queimaram e danificaram a minha concentração. "Por favor? Bella?", ele respirou.
Eu me esqueci de como respirar por um momento. Quando eu me recuperei, eu balancei a minha cabeça rapidamente, tentando limpar a minha cabeça subitamente nublada.
"Será que isso teria funcionado melhor se eu tivesse tempo de arrumar um anel?"

"Não! Nada de anéis!", eu quase gritei.
"Agora você conseguiu", ele cochichou.
"Oops".
"Charlie está se levantando; é melhor eu ir embora", Edward disse com resignação.
Meu coração parou de bater.
Ele estudou a minha expressão por um segundo. "Seria infantil da minha parte me esconder no seu armário, então?"
"Não", eu sussurrei ansiosamente. "Fique. Por favor".
Edward sorriu e desapareceu.
Eu me sentei na escuridão enquanto esperava Charlie vie me checar. Edward sabia exatamente o que ele estava fazendo, e eu era capaz de apostar que toda a surpresa fazia parte da trama. É claro, eu ainda tinha a opção de Carlisle, mas agora que eu sabia que havia uma chance do próprio Edward me mudar, eu queria muito isso. Ele era um trapaceiro.
Minha porta se abriu.
"Bom dia, pai".
"Oh, oi, Bella" Ele parecia envergonhado por ter sido pego no flagra. "Eu não sabia que você estava acordada".
"É. Eu só estava esperando você se levantar pra ir tomar um banho", eu comecei a me levantar.
"Espera", Charlie disse, ligando a luz. Eu pisquei por causa da claridade repentina, e cuidadosamente mantive os meus olhos longe do armário. "Vamos conversar por uns minutos primeiro".
Eu não consegui controlar a minha careta. Eu havia esquecido de pedir uma boa desculpa á Alice.
"Você está com problemas".
"É, eu sei".
"Eu estava a ponto de enlouquecer nesses três dias. Eu volto pra casa do funeral de Harry, e você está desaparecida. Jacob me disse que você havia fugido com Alice Cullen, e que ele pensava que vocês estavam com problemas. Você não me deixou um número, e não me ligou. Eu não sabia quando - ou se - você ia voltar. Você tem alguma idéia de como... como..." Ele não conseguiu terminar a frase. Ele sugou o ar profundamente e continuou. "Será que você pode me dar uma boa razão pra eu não te mandar pra Jacksonville nesse segundo?"
Meus olhos se estreitaram. Então iam ser ameaças, não é? Um jogo que dois podem jogar. Eu me sentei, colocando a colcha ao meu redor. "Porque eu não vou".
"Agora só um minuto, jovenzinha - "
"Olha, pai, eu aceito completamente a responsabilidade pelas minhas ações, e você pode me castigar por quanto tempo você quiser. Eu também farei todas as tarefas e vou lavar as roupas e os pratos até que você pense que eu aprendi a lição. E eu acho que você está no seu direito se você quiser me botar pra fora também - mas isso não vai me fazer ir para a Flórida".

O rosto dele ficou vermelho brilhante. Ele respirou fundo algumas vezes antes de responder.
"Você gostaria de explicar onde esteve ?"
Oh, droga. "Houve uma... emergência".
As sobrancelhas dele se ergueram de expectativa pela minha brilhante explicação.
Eu enchi as minhas bochechas de ar e depois coloquei o ar pra fora fazendo barulho.
"Eu não sei o que te dizer, pai. Foi em grande parte um grande mal entendido. Ele disse, ela disse. Saiu do controle".
Ele esperou com uma expressão desconfiada.
"Veja, Alice contou a Rosalie que eu havia pulado do penhasco...", eu estava lutando freneticamente pra fazer isso funcionar, pra fazer isso ficar o mais perto da verdade possível para que assim a minha habilidade com mentiras não minasse a desculpa, mas antes que eu pudesse continuar a expressão de Charlie me lembrou de que eu não havia contado a ele sobre o penhasco.
Super oops. Como se eu já não estivesse frita.
"Eu acho que não te contei sobre isso", eu botei pra fora. "Não foi nada. Só me divertindo, nadando com Jake. De qualquer forma, Rosalie contou pra Edward e ele ficou chateado. Ela meio que acidentalmente fez parecer que eu estava tentando me matar ou alguma coisa assim. Ele não atendia ao telefone, então Alice me arrastou pra... , Los Angeles, pra explicar pessoalmente", eu levantei os ombros, esperando desesperadamente que ele não ficasse distraído o sufíciente com o meu errinho ao ponto de perder a explicação brilhante que eu havia dado.
O rosto de Charlie estava congelado. "Você estava tentando se matar, Bella?"
"Não, é claro que não. Só me divertindo com Jake. Mergulho dos penhascos. Os garotos de La Push faz isso o tempo inteiro. Como eu disse, não foi nada".
O rosto de Charlie se esquentou - de congelado á quente de fúria.
"Qual é a de Edward Cullen, afinal?", ele latiu. "Todo esse tempo, ele te deixou na mão sem uma palavra -"
Eu interrompí ele. "Outro mal entendido".
Ele ficou vermelho de novo. "Ele está de volta então?"
"Eu não tenho certeza de qual é o plano. Eu acho que eles todos voltaram".
Ele balançou a cabeça, a veia da testa dele estava pulsando. "Eu quero que você fique longe dele, Bella. Eu não confio nele. Ele é ruim pra você. E não vou deixar ele fazer aquilo com você de novo".
"Tudo bem", eu disse curtamente.
Charlie se balançou nos calcanhares. "Oh". Ele andou por um segundo, exalando alto com a surpresa. "Eu pensei que você fosse ser difícil".
"Eu vou", eu o encarei diretamente nos olhos. "Eu quis dizer 'Tudo bem, eu me mudo'".

Seus olhos se arregalaram; o rosto dele ficou ruivo. Minha resolução ficou balançada enquanto eu comecei a me preocupar com a saúde dele. Ele não era mais jovem que Harry...
"Pai, eu não quero me mudar", eu disse em um tom mais suave. "Eu amo você. Eu sei que você está preocupado, mas você vai precisar confiar em mim nisso. Você vai ter que facilitar pra Edward se quiser que eu fique. Você quer que eu viva aqui ou não?"
"Isso não é justo, Bella. Você sabe que eu quero que você fique".
"Então seja legal com Edward, porque ele vai estar onde eu estiver", eu disse com confiança. A confiança da minha epifânia ainda era forte.
"Não embaixo do meu teto", Charlie trovejou.
Eu dei um suspiro profundo. "Olha, eu não vou dar mais nenhum ultimato essa noite - ou eu acho que é manhã. Só pense nisso por alguns dias, tá legal? Mas tenha em mente que eu e Edward somos uma espécie de pacote".
"Bella -"
"Pense nisso", eu insisti. "E enquanto você está fazendo isso, será que você pode me dar um pouco de privacidade? Eu realmente preciso de um banho."
O rosto de Charlie mudou para um estranho tom de roxo, mas ele saiu, batendo a porta atrás dele. Eu ouvi ele pisando furiosamente nos degraus da escada.
Eu joguei minha colcha de lado, e Edward estava lá, sentado na cadeira de balanço como se estivesse sentado lá durante a conversa inteira.
"Eu lamento por isso", eu sussurrei.
"Como se eu não merecesse coisa muito pior", ele murmurou. "Não comece nada com Charlie por minha causa, por favor".
"Não se preocupe com isso" eu respirei enquanto juntava as minhas coisas do banheiro e pegava uma muda de roupas limpas. "Eu vou fazer exatamente o que for necessário, e nada, além disso. Ou será que você está querendo me dizer que eu não teria um lugar pra ir?" eu arregalei os olhos com falso alarme.
"Você se mudaria pra uma casa cheia de vampiros?"
"Esse provavelmente é o lugar mais seguro pra alguém como eu. Além do mais..." eu sorrí. "Se Charlie me expulsar, então não há necessidade de esperar até a formatura, não é?"
A mandíbula dele se apertou. "Tão ansiosa pela condenação eterna", ele murmurou.
"Você sabe que não acredita realmente nisso".
"Oh, não acredito?", ele fumaçou.
"Não. Não acredita".
Ele me encarou e começou a falar, mas eu cortei ele.
"Se você realmente acreditasse que perdeu sua alma, então quando eu te encontrei em Volterra, você teria se dado conta imediatamente do que estava acontecendo, ao invés de pensar que estávamos mortos juntos. Mas você não soube - você disse ' Incrível. Carlisle

estava certo.'", eu lembrei ele, triunfante. "Existe esperança em você, afinal".
Pela primeira vez, Edward ficou sem fala.
"Então vamos os dois ter esperança, certo?", eu sugeri. "Não que isso importe. Se você ficar, eu não preciso do paraíso".
Ele se levantou lentamente, e veio colocar as suas mãos nos dois lados do meu rosto enquanto olhava nos meus olhos. "Pra sempre", ele prometeu, ainda vacilante.
"Isso é tudo o que eu estou pedindo", eu disse, e me estiquei nos meus dedos do pé pra poder pressionar os meus lábios nos dele.

Epílogo - Acordo

Quase tudo estava de volta ao normal - ao bom, normal pré-zumbi - em menos tempo do que eu teria julgado possível. O hospital recebeu Carlisle de volta com braços ansiosos, sem nem se preocupar em escinder sua felicidade por Esme ter desgostado tanto da vida em Los Angeles. Graças ao teste de Cálculo que eu perdi enquanto estive no estrangeiro, Alice e Edward estavam em melhores condições de se formarem do que eu estava no momento. De repente, a faculdade era uma prioridade (a faculdade ainda era o plano B, na chance mínima de que a proposta de Edward superasse a proposta de pós formatura de Carlisle). Muitos prazos haviam passado por mim, mas Edward tinha uma nova pilha de pedidos de aceitação pra eu preencher todos os dias. Ele já havia freqüentado Harvard, então ele não se incomodava que, graças á minha procrastinação, nós dois acabaríamos na Faculdade Comunitária de Península no ano que vem. Charlie não estava feliz comigo, e nem falando com Edward. Mas pelo menos Edward tinha permissão - nos meus horários que foram designados para as visitas - pra entrar na casa de novo. Só que eu não tinha permissão pra *sair* dela.

Escola e o trabalho eram as únicas exceções, e o amarelo fatigante, chato das paredes das minhas salas de aula, haviam ficado estranhamente convidativos pra mim ultimamente. Isso tinha muito a ver com a pessoa que se se sentava à mesa ao lado da minha. Edward havia reassumido o seu mesmo horário do início do ano passado, o que o colocou na maioria das minhas aulas de novo. O meu comportamento foi tão ruim no outono passado, depois que os Cullen supostamente se mudaram pra Los Angeles, que a cadeira ao meu lado nunca foi reocupada. Mesmo Mike, que estava sempre ansioso pra tirar alguma vantagem, manteve uma distância segura. Com Edward de volta ao seu lugar, era quase como se os últimos oito meses tivessem sido um pesadelo perturbador.

Quase, mas não exatamente. Eu estava presa em casa, pra começar. E pra terminar, no outono passado,eu ainda não tinha virado a melhor amiga de Jacob Black.

Então, é claro, eu não tinha sentido a falta dele.

Eu não estava em liberdade pra ir até La Push, e Jacob não estava vindop até mim. Ele nem atendia as minhas ligações.

Eu fazia essa ligações na maioria das vezes á noite, depois que Edward havia sido botado pra fora - exatamente ás nove, por um Charlie severo e alegre - e antes que Edward entrasse pela minha janela depois que Charlie estivesse dormindo. Eu escolhi essa hora para fazer as minhas ligações infrutíferas porque eu havia notado que Edward fazia uma certa cara toda vez que eu mencionava o nome de Jacob. Meio desaprovador e cauteloso... talvez até com raiva. Eu me perguntei se ele sentia o mesmo preconceito recíproco pelos

lobisomens, apesar dele não ser tão vocal quanto Jacob havia sido sobre os "sugadores de sangue".
Então, eu não mencionava muito Jacob.
Com Edward perto de mim, era difícil pensar em coisas infelizes - mesmo no meu ex melhor amigo, que provavelmente estava muito infeliz agora, por minha causa.
Quando eu pensava em Jake, eu sempre me sentia culpada por não pensar mais nele.
O conto de fadas estava de volta. O príncipe havia retornado, o feitiço ruim foi quebrado. Eu não tinha certeza do que fazer com o personagem que sobrou, sem ser resolvido. Onde estava o feliz pra sempre dele?
As semanas se passaram, e Jacob ainda não atendia os meus telefonemas. Isso começou a se transformar numa preocupação constante. Como uma torneira pingando na minha cabeça que eu não podia desligar ou ignorar. Drip, drip, drip. Jacob, Jacob, Jacob.
Então, apesar de eu não mencionar Jacob muito, as vezes, a minha ansiedade e a minha frustração transbordavam.
"Isso é muito rude!", eu soltei num Sábado á tarde quando Edward foi me buscar no trabalho. Ficar brava com as coisas era mais fácil que me sentir culpada. "Absolutamente insultante!"
Eu variava o meu padrão, na esperança de ter respostas diferentes. Dessa vez eu liguei pra Jacob do trabalho, só pra ser atendida por um inútil Billy. De novo.
"Billy disse que ele não queria falar comigo", eu fumacei, olhando a chuva cair pela janela do passageiro.
"Que ele estava lá, e que não ia caminhar três passos pra pegar o telefone! Geralmente Billy simplesmente disse que ele está ocupado ou dormindo ou alguma coisa assim. Quer dizer, não é como se eu não soubesse que ele está mentindo pra mim, mas pelo menos era uma forma educada de lidar com isso. Eu acho que agora Billy me odeia também. Isso não é justo!"
"Não é você, Bella", Edward disse baixinho. "Ninguém odeia você".
"Dá pra sentir", eu murmurei, cruzando meus braços no peito. Isso não era mais que um gesto de teimosia. Agora não havia mais buraco - eu mal podia me lembra de como era me sentir vazia.
"Jacob sabe que estamos de volta, e eu tenho certeza de que ele já foi informado de que eu estou com você", Edward disse. "Ele não vai chegar perto de mim. A inimizade tem raízes muito profundas".
"Isso é estúpido. Ele sabe que você não é... como os outros vampiros".
"Ainda existem boas razões pra manter uma distância segura".
Eu olhei cegamente pelo pára-brisa, vendo apenas o rosto de Jacob, com aquela mácara azeda que eu odiava.
"Bella, nós somos o que nós somos", Edward disse baixo. "Eu posso me controlar, mas eu duvido que ele possa. Ele é muito jovem. Isso teria grandes probabilidades de se transformar numa briga, e eu não sei se conseguiria para antes de m -" ele parou, e então continuou

rapidamente. "Antes de machucá-lo. Você ficaria infeliz. Eu não quero que isso aconteça".
Eu me lembrei o que Jacob havia dito na cozinha, ouvindo as palavras numa perfeita lembrança da voz rouca dele. Eu não tenho certeza de que sou controlado o suficiente pra lidar com isso... Você provavelmente não ia gostar muito de mim se eu matasse a sua amiga. Mas ele foi capaz de lidar com isso, daquela vez...
"Edward Cullen", eu sussurrei. "Você estava prestes a dizer 'matar ele? Estava?"
Ele desviou o olhar de mim, olhando para a chuva.
Na nossa frente, o sinal vermelho que eu não havia reparado ficou verde de novo ele ele seguiu em frente de novo, dirigindo muito lentamente. Não era o seu normal de dirigir.
"Eu tenteria... muito... não fazer isso", Edward disse finalmente.
Eu o encarei com a minha boca aberta, mas ele continuava olhando diretamente para a frente. Nós estávamos parados no sinal de pare da esquina.
Abruptamente, eu me lembrei do que aconteceu com Paris quando Romeu voltou. Os scipts eram bem simples: Eles lutam, Paris cai
Mas isso era ridículo. Impossível.
"Bem", eu disse, e respirei fundo, balançando a minha cabeça para dissipar as palavras da minha cabeça. "Nada assim vai acontecer nunca, então não há razão para se preocupar com isso. E você sabe que Charlie está olhando para o relógio nesse instante. É melhor você me levar pra casa antes que eu me meta em mais problemas por estar atrasada".
Eu virei o meu rosto pra ele, pra sorrir meio sem vontade.
Toda vez que eu olhava para o rosto dele, aquele rosto impossivelmente perfeito, meu coração batia muito forte e saudável, muito lá no meu peito. Dessa vez, o batimento passou do seu próprio ritmo alucinado. Eu reconhecia aquela expressão no seu rosto de estátua.
"Você já se meteu em mais problemas, Bella", ele sussurrou por lábios que não se moviam.
Eu escorreguei mais pra perto, agarrando o braço dele enquanto seguia o seu olhar pra ver o que ele estava vendo. Eu não sei o que eu estava esperando - talvez Victória de pé no meio da rua, com o seu cabelo vermelho voando ao vento, ou uma fila de mantas pretas... ou um bando de lobisomens raivosos. Mas eu não estava vendo absolutamente nada.
"O que? O que é?"
Ele respirou fundo. "Charlie..."
"Meu pai?", eu arranhei.
Ele olhou pra mim nessa hora, e a expressão estava calma o suficiente pra acalmar um pouco do meu pânico.
"Charlie provavelmente não vai matar você, mas ele está pensando nisso", ele me disse.

Ele começou a dirigir em frente de novo, rua abaixo, mas ele passou da casa e estacionou perto de onde as árvores começavam.
"O que foi que eu fiz?", eu asfixiei.
Edward olhou de volta para a casa de Charlie. Eu segui o seu olhar, e reparei pela primeira vez no que estava estacionado na garagem ao lado da viatura. Cintilante, vermelha brilhante, impossível de não ver. Minha moto, ostentando a sí mesma na garagem.
Edward disse que Charlie estava pronto pra me matar, então ele devia saber que - que ela era minha. Só havia uma pessoa que podia estar por trás dessa traição.
"Não!", eu asfixiei. "Porque? Porque Jacob faria isso comigo?", a dor dessa traição me lavou por dentro. Eu havia confiado em Jacob implicitamente - confiei a ele os mínimos segredos que eu tinha. Era pra ele ser o meu porto seguro - a pessoa com a qual eu sempre podia contar. É claro que as coisas estavam acertadas no momento, mas eu não achava que nenhuma das linhas desse fundamentos haviam sido mudadas. Eu não achava que isso fosse mutável!
O que eu tinha feito pra merecer isso? Charlie ia ficar muito bravo - e pior que isso, ele ia ficar machucado e preocupado. Será que ele já não tinha coisas suficientes com as quais lidar? Eu nunca havia imaginado que Jake podia ser tão mesquinho e tão simplesmente mau. As lágrimas saltaram, astutas, nos meus olhos, mas elas não eram lágrimas de tristeza. Eu havia sido traída. Eu estava repentinamente com tanta raiva que minha cabeça latejava como se fosse explodir.
"Ele ainda está aqui?", eu assobiei.
"Sim. Ele está esperando por nós". Edward me disse, acenando com a cabeça em direção á fina passagem que dividia a floresta escura em duas.
Eu pulei pra fora do carro, me lançando na direção das árvores com as mãos já curvadas nos punhos preparadas para o primeiro soco. Porque Edward tinha que ser tão mais rápido que eu?
Ele me agarrou pela cintura antes que eu chegasse na passagem.
"Me deixe ir! Eu vou assassinar ele! Traidor!", eu gritei esse epiteto na direção das árvores.
"Charlie vai escutar você", Edward me avisou. "E assim que ele te colocar pra dentro, ele pode até colocar tijolos nas portas".
Eu olhei de volta para a casa instintivamente, e parecia que a moto vermelha chamativa era tudo o que eu podia ver. Eu estava enxergando vermelho. Minha cabeça latejou de novo.
"Só me dê um round com Jacob, e depois eu me viro com Charlie", eu lutei futilmente pra me libertar.
"Jacob Black quer ver a mim. É por isso que ele ainda está aqui".
Isso me congelou - mandou a luta pra fora de mim. Minhas mãos ficaram flácidas.
Eles lutam; Paris cai.
Eu estava furiosa, mas não tão furiosa.
"Conversar?", eu perguntei.

"Mais ou menos".
"Quanto mais?", minha voz tremeu.
Edward alisou meu cabelo pra tirá-lo do meu rosto. "Não se preocupe, ele não está aqui pra brigar comigo. Ele está agindo como... porta voz do bando".
"Oh".
Edward olhou para a casa de novo, então apertou o braço na minha cintura e me puxou em direção á floresta. "Nós temos que nos apressar. Charlie está ficando impaciente".
Nós não tivemos que ir muito longe; Jacob estava nos esperando só um pouco acima de onde a trilha começava. Ele estava encostado num tronco de árvore cheia de musgos enquanto esperava, seu rosto estava duro e amargo, exatamente do jeito que eu sabia que estaria. Ele olhou pra mim, e depois pra Edward. A boca de Jacob se transformou num sorriso sem humor de desprezo, e ele se afastou da árvore. Ele ficou de pé sobre os pés descalsos, se inclinando levemente para frente, suas mãos tremendo estavam cravadas nos punhos. Ele parecia ainda maior do que da última vez que eu o havia visto. De alguma forma, impossivelmente, ele ainda estava crescendo. Ele ia parecer uma torre ao lado de Edward, se eles ficassem lado a lado.
Mas Edward parou assim que nós o vimos deixando um grande espaço entre nós e Jacob. Edward virou seu corpo, se movendo de forma que eu fiquei atrás dele.
Eu me inclinei ao redor dele pra encarar Jacob - pra acusá-lo com os meus olhos.
Eu pensei que ver a expressão ressentída, cínica dele, só me deixaria com ainda mais raiva.
Ao invés disso, ela me lembrou da última vez que eu havia visto ele, com lágrimas nos olhos. Minha fúria enfraqueceu, falhou, quando eu olhei pra Jacob. Já fazia tanto tempo desde que eu havia o visto - eu odiava que essa reunião tivesse que ser assim.
"Bella", Jacob disse como uma saudação, acenando com a cabeça uma vez mas sem desviar os olhos de Edward.
"Porque?", eu sussurrei, tentando esconder o som so caroço na minha garganta. "Como é que você pode fazer isso comigo, Jacob?"
O desprezo sumiu, mas o rosto dele continuou duro e rígido. "Foi para o melhor".
"O que deveria significar? Você quer que Charlie me estrangule? Ou você queria que ele tivesse um ataque cardíaco, como Harry? Não importa o quanto você esteja bravo comigo, como é que você pôde fazer isso com ele?"
Jacob estremeceu, as sobrancelhas juntas, mas ele não respondeu.
"Ele não queria machucar ninguém - ele só queria que você ficasse de castigo, pra que você não tivesse permissão de passar o tempo comigo", Edward disse, explicando os pensamentos que Jacob não diria.

Os olhos de Jacob brilhavam de ódio quando ele encarou Edward de novo.
"Aw, Jake!", eu gemí. "Eu já estou de castigo! Porque você acha que eu ainda não tinha ido á La Push pra chutar o seu traseiro por não atender minhas ligações?"
Os olhos de Jacob voltaram pra mim, confusos pela primeira vez. "Foi por isso?" ele perguntou, e depois travou a mandíbula, como se ele estivesse arrependido por ter dito alguma coisa.
"Ele pensou que era eu que não estava deixando, e não Charlie", Edward explicou de novo.
"Pare com isso", Jacob disparou.
Edward não respondeu.
Jacob levantou os ombros uma vez, e depois travou os dentes com tanta força quanto os punhos. "Bella não estava exagerando sobre as suas... habilidades", ele disse através dos dentes.
"Então você já deve saber porque eu estou aqui".
"Sim", Edward concordou com uma voz suave. "Mas antes de você começar, eu preciso dizer uma coisa".
Jacob esperou, travando e destravando as mãos enquanto continuava tentando controlar os arrepios que desciam pelos seus braços.
"Obrigado", Edward disse, e a voz dele palpitava de sinceridade. "Eu nunca vou ser capaz de te dizer o quanto estou agradecido. Eu estou te devendo para o resto da minha... existência".
Jacob olhou pra ele branco, seus tremores pararam com a surpresa. Ele trocou um rápido olhar comigo, mas o meu rosto estava igualmente mistificado.
"Por manter Bella viva", Edward esclareceu a voz dele áspera e fervente. "Quando eu... não o fiz".
"Edward -", eu comecei a dizer, mas ele levantou uma mão, seus olhos estavam em Jacob.
A compreensão lavou o rosto de Jacob antes que a máscara voltasse para o lugar.
"Eu não fiz isso para o seu benefício".
"Eu sei. Mas isso não apaga a gratidão que eu sinto. Eu achei que você devia saber. Se houver qualquer coisa no meu poder que eu possa fazer por você..."
Jacob ergueu uma sobrancelha preta.
Edward balançou a cabeça. "Isso não é do meu poder".
"Do de quem, então?", Jacob rosnou.
Edward olhou pra mim. "Dela. Eu aprendo rápido, Jacob Black, e eu não cometo o mesmo erro duas vezes. Eu vou ficar aqui até que ela ordene que eu vá embora".
Eu fiquei momentaneamente imersa no seu olhar dourado. Não foi difícil compreender o que eu havia perdido da conversa. A única coisa que Jacob podia querer de Edward era a sua ausência.
"Nunca", eu sussurrei ainda presa no olhar de Edward.
Jacob fez um som de quem estava amordaçado.

Eu me libertei sem vontade do olhar de Edward pra fazer uma carranca pra Jacob. "Havia algo mais que você queria Jacob? Você queria me meter em problemas - missão cumprida. Charlie deve me mandar para a Escola Militar. Mas isso não vai me afastar de Edward. Não há nada que possa fazer isso. O que mais você quer?"
Jacob manteve os olhos em Edward.
"Eu só preciso lembrar os seus amigos sugadores de sangue de alguns pontos importantes do acordo com o qual eles concordaram. Essa conversa sobre o acordo é a única coisa me impedindo de rasgar a garganta dele nesse minuto".
"Nós não esquecemos", Edward disse ao mesmo tempo em que eu perguntava, "Que pontos importantes?"
Jacon ainda encarava Edward, mas ele me respondeu. "O acordo é bastante específico. Se algum deles morder um humano, a trégua está acabada. Morder, não matar", ele enfatizou. Finalmente, ele olhou pra mim. Seus olhos estavam frios.
Só me levou um segundo pra compreender a distinção, e isso deixou o meu rosto tão frio quanto o dele.
"Isso não é da sua conta".
"Não é é o -" foi tudo o que ele conseguiu falar.
Eu não esperava que as minhas palavras precipitadas trouxessem uma resposta tão forte. Apesar do aviso que tinha vindo pra dar, ele não devia saber. Ele deve ter pensado que o aviso era só uma precaução. Ele não havia se dado conta - ou não queria acreditar - que eu já havia feito a minha escolha. Que eu realmente já tinha a intenção de me tornar um membro da família Cullen.
Minha resposta fez Jacob chegar a quase ter convulsões. Ele pressionou os pulsos com força nas têmporas, fechando os olhos bem apertados e se curvando sobre sí mesmo enquanto tentava controlar os espasmos. O rosto dele ficou de um verde doentio por baixo da pele ruiva.
"Jake? Você tá bem?", eu perguntei ansiosamente.
Eu dei meio passo na direção dele, e então Edward me agarrou e me puxou de novo pra trás do seu próprio corpo. "Cuidado! Ele não está sob controle", ele me avisou.
Mas Jacob já era algo de sí mesmo novamente; só os braços dele estavam tremendo agora. Ele olhou pra Edward com puro ódio. "Ugh. Eu nunca machucaria ela".
Nem Edward e nem eu perdemos a inflexão, ou a acusação que isso significava. Um assobio baixo escapou pelos lábios de Edward. Jacob curvou os punhos reflexivamente.
"BELLA!", o rugido de Charlie ecoou vindo da direção da casa.
"ENTRE EM CASA NESSE INSTANTE!"
Todos nós congelamos, escutando o silêncio que se seguiu.
Eu fui a primeira a falar; minha voz tremia. "Droga".
A expressão furiosa de Jacob falhou. "Eu sinto muito por isso", ele murmurou. "Eu tinha que fazer o que podia - eu tinha que tentar".

"Obrigada" O tremor da minha voz arruinou o sarcasmo. Eu olhei para a trilha, meio que esperando que Charlie aparecesse marchando pelas avencas molhadas como um touro enraivecido. Eu seria a bandeira vermelha na cena.
"Só mais uma coisa", Edward disse pra mim, e depois olhou pra Jacob. "Nós não encontramos nenhuma pista de Victória do nosso lado da linha - e vocês?"
Ele já sabia da resposta assim que Jacob pensou nela, mas Jacob falou a resposta, do mesmo jeito. "A última vez foi quando Bella estava... fora. Nós deixamos ela pensar que estava escapando - nós estavamos apertando o cerco, nos preparando pra emboscá-la -"
Desceu gelo pela minha espinha.
"Mas depois ela desapareceu como um morcego do inferno. Pelo que podemos dizer, ela sentiu o cheiro da sua pequena fêmea e fugiu. Ela não se aproximou da nossa terra desde então".
Edward balançou a cabeça. "Quando ela voltar, ela não é mais problema de vocês. Nós -"
"Ela matou no nosso território", Jacob assobiou. "Ela é nossa!"
"Não -", eu comecei a protestar contra as duas declarações.
"BELLA! EU VEJO O CARRO DELE E EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ AÍ! SE VOCÊ NÃO ENTRAR EM CASA EM UM MINUTO...!" Charlie não se incomodou em terminar a sua ameaça.
"Vamos", Edward disse.
Eu olhei de volta para Jacob, dividida. Será que eu o veria novamente?
"Desculpa", ele sussurrou tão baixo que eu tive que ler os lábios dele pra entender.
"Adeus, Bells".
"Você prometeu", eu o lembrei desesperadamente. "Ainda amigos, certo?"
Jacob balançou a cabeça lentamente, e o caroço na minha garganta praticamente me estrangulou.
"Você sabe o quanto eu dei duro pra manter essa promessa, mas... Eu não consigo ver como poderei continuar tentando. Não agora..."
Ele lutou pra manter sua máscara dura no lugar, mas ela vacilou, e depois desapareceu. "Sinto sua falta", ele falou com os lábios. Uma das mãos dele avançou em minha direção, seus longos dedos esticados, como se ele desejasse que eles fossem longos o suficiente pra cruzar a distância entre nós.
"Eu também", eu botei pra fora. Minha mão se inclinou na direção dele no espaço largo.
Como se estivessemos conectados, o eco da dor dele se contorceu dentro de mim. A dor dele, a minha dor.
"Jake...", eu dei um passo na direção dele. Eu queria passar os meus braços na cintura dele e apagar a expressão de miséria do rosto dele. Edward me puxou de novo, seus braços restringiam ao invés de defender.

"Está tudo bem", eu prometí pra ele, olhando pra ver seu rosto com confiança em meus olhos. Ele entenderia.
Seus olhos eram ilegíveis, o rosto dele estava sem expressão. Frio.
"Não, não está".
"Solte ela", Jacob rosnou, furioso de novo. "É o que ela quer!", ele deu dois longos passos á frente. Um brilho de antecipação brilhou nos olhos dele. O peito dele parecia inchar enquanto se tremia.
Edward me puxou pra trás dele, se virando pra enfrentar Jacob.
"Não! Edward -!"
"ISABELLA SWAN!"
"Vamos! Charlie está com raiva!", minha voz estava cheia de pânico, mas agora não era por causa de Charlie. "Rápido!"
Eu puxei ele e ele relaxou um pouco. Ele me empurrou pra trás lentamente, sempre mantendo os olhos em Jacon enquanto nos afastávamos.
Jacob nos encarou com um olhar negro de escárnio em seu rosto ácido. A antecipação havia fugido do seu rosto, e então, pouco antes da floresta estar entre nós, o rosto dele de repente se contorceu de dor.
Eu sabia que esse olhar breve para o rosto dele ia me perseguir até que eu visse ele sorrir de novo.
E bem alí eu jurei que o veria sorrir de novo, e em breve. Eu ia dar um jeito de manter o meu amigo.
Edward manteve seu braço apertado na minha cintura, me segurando perto. Essa foi a única coisa que segurou as lágrimas dentro dos meus olhos.

Eu tinha sérios problemas.

Meu melhor amigo me contava com os seus inimigos.
Victória ainda estava á solta, colocando todos a quem eu amava em perigo.
Se eu não me tornasse uma vampira em breve, os Volturi me matariam.
E agora, parecia que se eu fizesse isso, os lobisomens Quileute fariam eles mesmos o trabalho - além de tentar matar a minha futura família. Eu não achava que ele realmente tivessem alguma chance, mas será que o meu melhor amigo podia ser morto na tentativa?
Problemas muito sérios. Então porque eles pareciam tão insignificantes quando nós saímos das árvores eu eu ví a expressão no rosto roxo de Charlie?

Edward me apertou gentilmente. "Eu estou aqui".

Eu respirei profundamente.

Isso era verdade. Edward estava aqui, com os seus braços ao meu redor.

Eu podia enfrentar qualquer coisa contanto que isso fosse verdade.

Eu enquadrei meus ombros e caminhei em frente para encontrar com meu fado, com o meu destino solidamente ao meu lado.